UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

CASA MICHEL DE WORMS IRMÃOS:
as joias, as joalherias e o comércio de luxo na cidade de São Paulo no período de 1880-1940

CASA MICHEL DE WORMS IRMÃOS:
jewelry, jewelry stores and luxury commerce in the city of São Paulo from 1880-1940.

Volume I

Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa

para a obtenção do grau de Doutor em Estudos do Património

Por

Sónia Maria de Oliveira Gonçalves Skoda

ESCOLA DAS ARTES

Outubro 2022



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

CASA MICHEL DE WORMS IRMÃOS:
as joias, as joalherias e o comércio de luxo na cidade de São Paulo no período de 1880-1940

CASA MICHEL DE WORMS IRMÃOS:
jewelry, jewelry stores and luxury commerce in the city of São Paulo, from 1880-1940

Volume I

Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa

para a obtenção do grau de Doutor em Estudos do Património

Por Sónia Maria de Oliveira Gonçalves Skoda

Sob orientação do Prof. Dr. Gonçalo de Vasconcelos e Sousa

ESCOLA DAS ARTES

Outubro 2022

Dedico este trabalho ao meu esposo Sandro, filhos e noras, filha e genro. E aos meus pais, Angelina *(in memoriam*) e Waldemar.

RESUMO

Nesta tese, procurou-se examinar a presença das joalherias e joalheiros, o uso das joias e o papel que elas tiveram para a sociedade na cidade de São Paulo entre 1880 e 1940, período em que a cafeicultura enriqueceu a elite e trouxe desenvolvimento para a capital paulista. Nesse contexto, ocorreram profundas transformações no comércio, na indústria, no urbanismo, nas sociabilidades e na moda, acompanhadas do crescimento populacional. Também surgiu uma classe social mais exigente, propiciando um comércio mais especializado. O luxo passou a ser um importante segmento de negócios no qual a marca, o *design* e a beleza passaram a se impor na sociedade brasileira, que acatava a influência da França – ícone da elegância. As joalherias se especializaram, importando e comercializando joias, relógios, objetos de arte, decoração e utilitários, itens importantes adquiridos para presentear em casamentos, integrando as *corbeilles de mariage*, em festas de Natal, Ano-Novo, entre outras ocasiões especiais.

Foi no Triângulo Central, e principalmente na Rua 15 de Novembro, onde parte das joalherias se estabeleceram. Entre estas se destacou a Casa Michel de Worms Irmãos, joalheiros de origem francesa cujos antepassados já haviam trabalhado neste ramo de negócios e possuíam conhecimento do ofício. Com filial no Rio de Janeiro, Santos, Buenos Aires e Montevideo, a joalheria tinha casa de compras em Paris, de onde fazia suas importações. Os estabelecimentos comercializavam joias de metais nobres e gema; relógios de marcas suíças, alemãs e outras; objetos de arte, decoração e utilitários de afamados fornecedores estrangeiros. Entre 1880 e 1940, esses produtos seguiram as tendências artísticas europeias dos estilos Neoclássico, *Belle Époque, Art Nouveau* e *Art Déco*. No *Catálogo Geral da Casa Michel* de 1913, pode-se observar a tendência estética e a diversidade de produtos comercializados, assim como no Catálogo de 1937. Os irmãos Worms, bem como outros proprietários de joalherias elencadas neste trabalho, procuravam participar de eventos sociais, esportivos e culturais da sociedade paulista, ganhando, assim, a confiança e o prestígio de uma elite que procurava se afirmar.

Palavras-chave: joalherias; joias; objetos de arte; luxo; Casa Michel.

ABSTRACT

In this thesis, we sought to examine the presence of jewelry stores and jewelers, the use of jewelry and the role they had for society in the city of São Paulo between 1880 and 1940, a period in which the coffee industry enriched the elite and brought development to the capital of São Paulo. In this context, profound transformations occurred in commerce, industry, urban planning, sociability, and fashion, accompanied by population growth. A more demanding social class also emerged, leading to a more specialized trade. Luxury became an important business segment in which the brand, the design and the beauty started to impose itself in the Brazilian society, which followed the influence of France - icon of elegance. The jewelry stores became specialized, importing and selling jewelry, watches, art objects, decoration and utilitarian items, important items acquired as gifts at weddings, as part of the “corbeilles de marriage”, at Christmas and New Year's Eve parties, among other special occasions.

It was in the Central Triangle, and mainly at Rua 15 de Novembro, where part of the jewelry stores had been established. Among them was Casa Michel de Worms Irmãos, French origin jewelers whose ancestors had already worked in this business and had knowledge of the trade. With branches in Rio de Janeiro, Santos, Buenos Aires, and Montevideo, the jewelry store had a buying house in Paris, from where it made its imports. The establishments commercialized jewelry made of noble metals and gemstones; Swiss, German, and other watches brands; objects of art, decoration, and utilitarian items from renowned foreign suppliers. Between 1880 and 1940, these products followed the European artistic trends of the Neoclassical, Belle Époque, Art Nouveau and Art Deco styles. In the 1913 General Catalogue of the Casa Michel, one can observe the aesthetic tendency and the diversity of commercialized products, as well as in the 1937 Catalogue. The Worms brothers, as well as other jewelry store owners listed in this work, sought to participate in social, sporting, and cultural events of São Paulo society, thus gaining the trust and prestige of an elite that sought to affirm itself.

Keywords: jewelry stores; jewelry; art objects; luxury; Casa Michel.

AGRADECIMENTOS

Registro, aqui, os meus agradecimentos a todos os que de alguma forma contribuíram para que este trabalho acadêmico se tornasse realidade.

Primeiramente a Deus, que me deu fortaleza, determinação e paciência para enfrentar este desafio, me fazendo vencer as dificuldades que foram aparecendo. À minha família, que me apoiou e incentivou quando a dúvida chegou, desafiando-me a persistir.

Minha gratidão ao meu orientador, Prof. Dr. Gonçalo de Vasconcelos e Sousa, por acreditar na minha capacidade, fazer intervenções e questionamentos quando necessário e demonstrou paciência e generosidade, bem como acuidade na leitura dos textos e sugestões, indicando o melhor percurso para que a tese fosse tomando corpo até se tornar realidade. Quero agradecer também a todos os professores da Escola das Artes, da Universidade Católica Portuguesa – Porto, que ministraram aulas e palestras durante o curso Estudos do Património.

Agradeço à banca examinadora pela participação e interesse pela minha pesquisa.

Agradeço aos museus, institutos e bibliotecas. Nomeadamente, ao Museu Paulista da Universidade de São Paulo, que autorizou a utilização das imagens para os estritos termos da presente tese, à biblioteca e aos setores de Iconografia e Objetos, que forneceram material importantes para estudo; ao Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP); Biblioteca Flávio de Carvalho do Arquivo Histórico de São Paulo (AHSP); bibliotecas da Universidade de São Paulo (ECA, Poli, IEB, MAE, Mindlin); Biblioteca da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP); Biblioteca Mário de Andrade – setor de Obras Raras, setor de Periódicos e setor de Artes; Biblioteca do Centro Cultural São Paulo; Museu Republicano Convenção de Itu, da Universidade de São Paulo; bibliotecas da UNICAMP (IFCH, IA) e do Centro de Memória (CMU); Biblioteca do Museu de Arte de São Paulo (MASP); Instituto Brasileiro de Gemas e Metais preciosos (IBGM); Biblioteca da Universidade Católica Portuguesa Unidade Porto; Biblioteca Nacional Digital Brasil.

Agradeço aos descendentes e herdeiros de Alphonse Worms, um dos proprietários da Casa Michel, por seus depoimentos e documentos, em especial a Marie Anne Worms, neta de Alphonse Worms (filha de George Worms). À sobrinha-neta Denise Worms Kahn,

filha de Léon Worms (sobrinho de Alphonse), pelas contribuições feitas, fornecendo documentos, catálogos, imagens da joalheria, dos familiares e funcionários; além do apoio e disponibilidade em responder às perguntas que iam surgindo no desenrolar da pesquisa. Agradeço a filha de Alphonse Worms, Colette Worms Herzog, e a seu filho Alain Herzog, que, tendo estudado a genealogia da família Worms, se prontificou a fornecer dados para minha pesquisa.

Agradeço a Julieta de Castro, neta do fundador da Casa Castro, e a Antônio Teixeira de Castro, que gentilmente forneceram material para esta tese.

Agradeço à Joalheria Milton Sayeg, pela colaboração que deu a esta pesquisa, e a outros descendentes de proprietários de joalherias, que mesmo não podendo contribuir com fotos, objetos ou documentos, foram simpáticos em me atender e explicar o porquê de não os possuir.

Agradeço ao Museu do Relógio Prof. Dimas de Melo Pimenta, na pessoa de seu museólogo André Luiz Moura de Oliveira, por sua atenção e disponibilidade em me atender e contribuir para minha pesquisa.

Agradeço à Coleção Ivani e Jorge Yunes, na pessoa de Francis Melvin Lee (acervo e pesquisa), que forneceu informações a respeito dessa coleção e abriu as portas para que eu pudesse visitá-la.

Agradeço à Maria Isabel Branco Ribeiro, Maria Thereza da Silva Prado Godoy e Danilo Lôbo Guerra, pela disponibilidade em relatar uma parte da história de suas famílias e liberar as imagens apresentadas nesta pesquisa. Agradeço àqueles que contribuíram de alguma forma e não quiseram ser identificados.

Se porventura esqueci de alguém, saiba que também foi importante para a realização desta pesquisa.

SUMÁRIO

RESUMO 11
ABSTRACT 12
AGRADECIMENTOS 13
SIGLAS 17
INTRODUÇÃO 18
CAPÍTULO I: A METRÓPOLE E A SOCIEDADE PAULISTANA: 1880-1940 33
1.1. A cidade de São Paulo 33
1.1.1. Fatores que contribuíram para o desenvolvimento da cidade de São Paulo 36
1.1.2. A riqueza paulistana e sua concentração no centro histórico 44
1.1.3. Industrialização, agroexportação e comércio 53
1.2. A sociedade paulistana 61
1.2.1. Famílias tradicionais 67
1.2.2. Os imigrantes e suas contribuições 74
1.3. A elite 86
1.3.1. A vida social da elite paulistana 877
1.3.2. Costumes e práticas culturais 95
1.3.3. Os palacetes como forma de relacionamento social 101
CAPÍTULO II: O COMÉRCIO DE LUXO EM SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX 117
2.1. A expansão da atividade comercial nas capitais – Rio de Janeiro e São Paulo 121
2.1.1. Importação de mercadorias 134
2.2. Mercadorias de luxo para uso pessoal 142
2.2.1. O percurso histórico das joias 143
2.3. Mercadorias de luxo para decoração e presentes 174
2.4. As *Corbeilles de Mariage* 187
2.4.1. Tipologia dos presentes de casamento 194
CAPÍTULO III: JOALHERIAS EM SÃO PAULO E CAPITAIS BRASILEIRAS 201
3.1. Casas de joias na Rua Direita 207

3.2. Casas de joias na Rua São Bento 222
3.3. Casas de joias na Rua 15 de Novembro 231
3.4. Casas de joias localizadas em outros logradouros de São Paulo 277
3.5 Casas de joias localizadas em outros Estados Brasileiros 283
CAPÍTULO IV: A CASA MICHEL DE WORMS IRMÃOS 310
4.1. Os antepassados da família Worms e sua ligação com a joalheria 310
4.2. História da Casa Michel 318
4.2.1. Fundação da Casa Michel. 322
4.2.2. Apogeu da Casa Michel com os Worms Irmãos 334
4.2.3. Ruptura da sociedade e declínio da Casa Michel 361
CAPÍTULO V: PRODUTOS DE LUXO DA CASA MICHEL 371
5.1. As secções de produtos comercializados na Casa Michel e os seus catálogos 372
5.1.1. Secções de joias e relógios 376
5.1.2. Secção de ótica 380
5.1.3. Secções de artigos especiais para presente 381
5.2. As joias comercializadas na Casa Michel 392
5.2.1. Trajetória estética das joias da Casa Michel 400
5.2.2. Tipologias 409
5.2.3. Materiais utilizados 418
CONSIDERAÇÕES FINAIS 423
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 429
GLOSSÁRIO 467
ÍNDICE DE IMAGENS DO VOLUME I 477
ÍNDICE DE TABELAS 486

SIGLAS

AHMWL – Arquivo Histórico Municipal Washington Luiz

AJESP – Associação dos Joalheiros do Estado de São Paulo

APESP – Arquivo Público do Estado de São Paulo

BMA – Biblioteca Mário de Andrade

CMSP – Câmara Municipal de São Paulo

CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo

CONPRESP – Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo

ENBA – Escola Nacional de Belas-Artes (Rio de Janeiro)

GIA – *Gemological Institute of America*

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBGM – Instituto Brasileiro de Gemas e Metais Preciosos

IHGSP – Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

MASP – Museu de Arte de São Paulo

MNBA – Museu Nacional de Belas-Artes (Rio de Janeiro)

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SINDIJOIAS – Sindicato da Indústria de Joalheria, Bijuteria e Lapidação de Gemas do Estado de São Paulo.[1] Sindicato da Indústria de Joalheria, Ourivesaria, Bijuteria e Lapidação de Gemas do Estado de São Paulo

[1] Foi fundado a partir da criação do Sindicato Patronal das Oficinas de Ourives e Afins de São Paulo, em 1935.

INTRODUÇÃO

O interesse pelas artes começou na minha juventude, após uma viagem em família pela Europa onde me deslumbrei pelos aspectos culturais do Velho Mundo. Já, o gosto pela pesquisa em joalheria nasceu devido ao fato de minha família ter possuído uma fábrica de joias por mais de quarenta anos. Meus avós paternos, portugueses imigrantes, desembarcaram no porto de Santos em 16 de janeiro de 1927, sendo minha avó a primeira passageira a desembarcar do navio e se encaminhar para a maternidade dessa cidade, pois meu pai iria nascer nesse dia. Após dezesseis anos, meu pai já com habilidades no ofício da joalheria, começou a produzir algumas peças sob encomenda para algumas lojas de joias, com o tempo esse ofício se transformou em uma pequena indústria familiar, tornando-se depois uma sociedade anônima, além de possuir duas lojas em pontos de destaque da cidade, também continuou produzindo peças para outras joalherias, tando na cidade de São Paulo, como do interior e de outros estados brasileiros. Esteve em atividade até meados de 1985, quando então foi vendida para outra indústria de joias.

Tais aspectos foram determinantes para me definir pelo curso superior em Belas-Artes. Bacharelei-me em Desenho Industrial pela Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado, com um trabalho de conclusão de curso sobre a evolução da joia, iniciando assim seus estudos na área de joalheria. Anos mais tarde, retornei à pesquisa acadêmica, vindo a cursar um Mestrado na Interunidades Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo – USP, onde defendi uma dissertação cujo tema versava sobre a evolução da arte da joalheria e a tendência da joia contemporânea brasileira, analisando a vertente histórica da arte da joalheria.

Empenhada em me aprofundar nos estudos das artes em geral e da história da joalheria, frequentei cursos e palestras nessas áreas. Ao assistir a um curso sobre artes decorativas e joalheria no Museu de Arte Sacra de São Paulo, conheci o Prof. Dr. Gonçalo de Vasconcelos e Sousa, foi quando tive conhecimento do curso de Doutoramento em Estudos do Patrimônio. Este investigador tornou-se meu orientador, passando a me nortear na definição do assunto que seria desenvolvido na tese, com o tema *Casa Michel de Worms*

Irmãos: as joias, as joalherias e o comércio de luxo na cidade de São Paulo no período de 1880-1940.

Algumas questões foram direcionando esta investigação, para entender a dinâmica da cidade de São Paulo, no período em questão, pois o panorama nacional demonstrava um grande crescimento das urbes brasileiras. Buscou-se analisar o que possibilitou o grande desenvolvimento do comércio de joias e relógios, o que propiciou o aumento de joalherias e relojoarias, com uma concentração nas ruas principais do centro urbano. Averiguar a crescente importação de bens de consumo, entre estes, os artigos de luxo; a riqueza advinda da exportação do café e o estímulo à industrialização, que tornaram São Paulo a pioneira neste setor. Procurou-se apreender o contexto histórico e social para compreender como a sociedade se relacionava e se articulava em relação a cultura, lazer, atividades sociais, os ambientes que frequentavam; pois ao participarem destas sociabilidades os indivíduos faziam o uso de joias e trajes para o uso pessoal, ou ainda, artigos de luxo, como pratarias, bronzes, cristais, além de outras peças de artes decorativas, buscando nestes itens seus sentidos e finalidades para demonstrar suas intenções.

Para os objetivos gerais, foi importante observar o que caracterizava o comércio nas joalherias e relojoarias, visto que nesse período estas casas comerciais, além de joias e relógios, trabalhavam com artigos tanto de uso pessoal, como decorativos e de luxo. Procurar identificar o tipo de cliente para o qual estes estabelecimentos estavam direcionados. Buscou-se entender também como se processou a dinâmica dessas casas comerciais mediante as transformações urbanisticas que estavam ocorrendo na urbe, e como estes estabelecimentos acompanharam esse desenvolvimento. Relacionar as ruas em que havia uma maior concentração destas lojas na geografia paulistana, traçar o percurso histórico das casas de joias que mais se destacaram nesse período.

Observar se a moda influenciou na criação de peças de joalheria específicas para determinados trajes, e se havia distinção entre o uso de joias diurnas e noturnas, ou ainda se existia alguma relação no uso dos adornos e o ambiente ou eventos em que os adereços seriam usados. Procurar identificar as tipologias das joias comercializadas, quais materiais eram utilizados, as técnicas empregadas e os tipos de estojos. Foi importante, ainda, analisar em que circunstâncias as joias eram usadas, quais os significados dados a elas, quais objetos

de arte considerados de luxo eram comercializados pelas joalherias e com que finalidade eram adquiridos. Buscar entender o que eram as *Corbeilles de Mariage*, quem as ofertava e as recebia, em que ocasião; quais locais eram adquiridas as peças que as compunham. Tais aspectos determinaram o estudo do contexto dos estamentos sociais que usufruíam desse comércio de luxo, joias e objetos de arte e decoração. Isto é, o estudo dos costumes dessa sociedade e suas práticas culturais e sociais; da relação entre suas residências e respectivas funções sociais; e da memória histórica relacionada com as histórias da vida paulistana no final do século XIX e primeira metade do século XX.

Para o objetivo específico decidiu-se investigar a Casa Michel, dos Irmãos Worms, pelo fato desta casa ter sido uma das mais conhecidas na *Belle Époque* brasileira, sendo equiparada às maiores joalherias da Europa. Destacou-se não só no comércio de peças de joalheria e relojoaria, mas também pela comercialização de objetos artísticos, finos e de luxo tanto decorativos e de arte, quanto utilitários. Avaliar a dimensão material de que se revestiu todo esse comércio. A procura por herdeiros se fez necessária para entrevistá-los e, procurar fazer a genealogia dessa família; se aprofundar na história dos proprietários e seus descendentes, e no percurso comercial da casa. Investigar a existência de catálogos para conhecer melhor as peças comercializadas, as suas tipologias, os materiais usados e as técnicas empregadas, entre outros documentos, que pudessem evidenciar o período em que esta casa esteve em atividade.

Nessa época, devido aos manuais de boas maneiras vindos da Europa, a elegância e a etiqueta passaram a fazer parte da vida social dos paulistas. Presenciou-se o florescer do comércio especializado, das grandes casas de joias e magazines, progresso advindo dos rendimentos procedentes, primeiramente, da cafeicultura e da exportação do café e, posteriormente, das indústrias que estavam se instalando no Estado de São Paulo. Este período foi acompanhado pelas reformas urbanas, arquitetônicas, sociais, culturais, econômicas e políticas que fervilhavam na cidade. Ao pesquisar a trajetória dessa conceituada joalheria, notou-se que pouco ou nada havia sido publicado no Brasil, portanto outra justificativa para esta investigação é o ineditismo do assunto no ambiente acadêmico – ao menos até o momento.

Em termos de metodologia, o ponto de partida deste estudo foi o levantamento do que já se havia escrito sobre o tema em artigos, livros, monografias, dissertações e teses. Também foram examinadas diversas fontes primárias importantes para a pesquisa, como os almanaques, periódicos, jornais e revistas ilustradas da época, a fim de saber mais sobre as joalherias que estiveram ativas no período delimitado, a moda, o lazer e as atividades sociais que a sociedade aristocrática frequentava, bem como analisar o que e de que maneira divulgavam os anúncios veiculados nos periódicos.

Em seguida, foram entrevistados descendentes de antigos proprietários de joalherias, como os da Casa Michel, Casa Castro, Casa Masetti e Casa Netter, além de herdeiros de pessoas que tiveram certo destaque em seu tempo e possuíam coleções particulares, deixando para filhos, netos e outros descendentes seus acervos, como os de Olívia Guedes Penteado. Alguns contribuíram com informações importantes, fornecendo material, fotos de joias e seus estojos, objetos de arte e de luxo, ou ainda documentos impressos para ilustrar o percurso histórico de joalherias. Viu-se a necessidade de visitar lojas e feiras de antiguidades; museus, como o Museu Paulista da USP e o Museu do Relógio Prof. Dimas de Melo Pimenta; coleções, como a Coleção de Ivana e Jorge Yunes, a da Casa-Museu de Ema Klabin e a da Casa-Museu de Jorge Americano; a Joalheria de Milton Sayeg; além de antigas fazendas paulistas de café que preservam suas características aristocráticas do período áureo de sua produção, guardando na memória suas histórias e conservando peças de arte, decoração e mobiliário nos interiores de casas-sedes.

Através de *e-mails*, foram feitos contatos com coleções do Museu Carlos Costa Pinto, do Acervo Casa da Hera, da Fundação Casa Rui Barbosa e do Museu Republicano. Visitaram-se também exposições, como *O Universo de Tarsila*, no Shopping Higienópolis, em São Paulo, onde estavam expostas releituras de joias utilizada pela pintora, roupas da época, mobiliário, telas, entre outros itens que lhe pertenceram. Outras visitas a acervos de objetos e iconografias se fizeram necessárias, como ao do Museu da Cidade de São Paulo, ao do Arquivo do Estado de São Paulo, ao da Biblioteca Nacional Brasiliana Fotográfica, ao de fotógrafos como Militão Augusto de Azevedo (1837-1905), Guilherme Gaesnsly (1843-1928), Vincenzo Pastore (1865-1918), entre outros.

Sobre o estado da arte pode-se mencionar, quanto ao desenvolvimento da cidade de São Paulo, alguns cronistas que abordavam questões relacionadas à capital paulista (1880-1940), como o jornalista e historiador Ernani Silva Bruno, que, após se mudar para São Paulo em 1925, bacharelou-se pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo em 1937. De 1938 a 1962, Silva Bruno atuou em uma série de periódicos, entre eles o *Ação* – que tinha um perfil combativo, ligava-se ao Movimento Integralista e foi fechado por ocasião do Estado Novo –, escrevendo sobre literatura e os muitos acontecimentos históricos que vivenciou. Sua produção literária e jornalística reúne fotografias, textos, fichas bibliográficas e livros, acumulados em função de suas atividades profissionais. Em seus livros (1954, 1967, 1981) retratou a cidade no período de mudanças urbanísticas e de costumes da sociedade no início da República, mostrando o fato de São Paulo acompanhar, em seu desenvolvimento arquitetônico, a tendência europeia dos edifícios, realçando o luxo das habitações e do comércio no centro histórico.

Através do detalhamento das trajetórias e atividades de personalidades da época que foram socialmente influentes, o livro *O Estado de São Paulo* – uma publicação de 1918 editada pela Société de Publicité Sud-Américaine e Monte Domecq & Cie – baliza o desenvolvimento nas áreas da economia, da agricultura, do comércio, da indústria e da imigração por meio de textos, tabelas, mapas e imagens. Ao relatar sobre as casas de joias da cidade, apresenta apenas duas delas, a Casa Mappin & Webb e a Casa Michel de Worms Irmãos. Desta última, ressalta o "soberbo palacete de 5 andares" que havia sido erguido onde antes se localizava a antiga casa a qual abrigava a joalheria que ficaria conhecida como "grande estabelecimento de joias Casa Michel".

Amadeu Amaral em seu livro *A capital paulista*: *comemorando o centenário da Independência* (1920), retrata a cidade de forma concisa em seus vários aspectos, nomeadamente a evolução histórica, a organização política, o serviço policial, os museus, os teatros, os parques, a educação, a indústria, entre outros tantos que compunham o complexo artístico, cultural, econômico, administrativo, esportivo e religioso de uma São Paulo em expansão. A única casa de joias comentada na obra foi a Casa Michel de Worms Irmãos. O texto começa com a expressão "a maior joalheria de São Paulo", compara o estabelecimento

às grandes casas de Paris, com suas belas peças de joalheria, relojoaria e obras de arte, e enfatiza que ela era frequentada pela elite paulista.

Outros autores retratam a cidade de São Paulo nesse período, como Benedito Lima de Toledo, Eudes Campos, Aroldo de Azevedo, Caio Prado Júnior e Tito Lívio Ferreira. Carlos Eugênio Marcondes de Moura, em seu livro *Vida cotidiana em São Paulo no século XIX: memórias, depoimentos, evocações* (1998), retrata a vida cotidiana da cidade com lembranças e depoimentos de autores e personalidades que viveram nessa época.

Dedicando-se ao estudo das tipologias e usos da habitação paulistana durante o império do café, em seu livro *Higienópolis: grandeza de um bairro paulistano* (2011), Maria Cecília Naclério Homem evoca o momento da evolução urbana em que a riqueza da bem-sucedida cafeicultura propiciou o progresso material de São Paulo e a ocupação de bairros considerados mais apropriados para morar. Nesse contexto, a autora descreve os palacetes de Higienópolis, suas decorações e seus usos, como aquele que pertenceu à Veridiana da Silva Prado, um dos primeiros da região, construído entre 1883 e 1884; além da Vila Penteado, de 1902, que ficava em frente ao palacete de Veridiana, e hoje abriga um setor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

No livro *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920* (2008), de Vânia Carneiro de Carvalho, o estudo sobre a organização do espaço e do sistema doméstico relaciona os objetos e mobílias frequentes nas dependências das residências e seus usos pelos moradores. Na trilogia de Maria Alice Setúbal, *Terra paulista* (2004), o primeiro volume, aborda o momento da fundação de São Paulo, passando pelos processos de colonização, imigrações, culturas do açúcar e do café. O segundo volume, trata da vida da população do interior do estado e do seu enriquecimento, discute a organização familiar, os conflitos e integração das famílias imigrantes, o papel da mulher na sociedade. O terceiro volume versa sobre a literatura, as artes plásticas, o artesanato, a música e as celebrações populares paulistas. Quanto ao retrato e à anatomia dos ambientes domésticos, Marize Malta, em seu livro *O olhar decorativo: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro* (2011), apresenta o lugar que a decoração vai assumindo na sociedade na virada do século, atribuindo significados aos ambientes domésticos e direcionando a organização do lar.

A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914 (2006), de Heloisa Barbuy, trata da *cultura material*, mais associada ao universo dos objetos (ou coisas) que povoavam o cotidiano dos indivíduos, isto é, da circulação desses objetos na vida urbana, rural e doméstica. A autora investiga uma série de ramos do comércio de São Paulo – joalherias, vestuários, livrarias, hotéis, restaurantes, entre outros –, fazendo uma imersão na vida social de um período de grandes mudanças no centro da cidade. O livro trata da história paulistana de forma sólida e bem fundamentada teoricamente, alcançando uma visão dinâmica da expansão material, social, urbana e cultural.

A fim de entender como o comércio do fim do século XIX conferiu à sociedade paulista o impulso necessário para rapidamente se transformar em metrópole, o livro de Marisa Midori Deaecto (2002) mostra a expansão da atividade comercial de São Paulo e seus pontos de contato com a vida cultural na Primeira República (1889-1930). A autora analisa as possíveis conexões entre o desenvolvimento agroexportador, baseado na cafeicultura, o primeiro surto industrial do período e a cultura de consumo entre as classes abastadas. Nesse contexto, o comércio de importação era controlado por políticas tarifárias contraditórias, mas que beneficiavam os comerciantes. Outros aspectos importantes são a questão cambial, que em 1891 foi valorizada, e a taxação equivalente em ouro sobre o produto importado, que fizeram com que a indústria e o comércio paulistas obtivessem saldos positivos na economia nacional depois da Primeira Guerra Mundial.

Em três volumes de *A arte do comércio* (1988, 1989, 1991), Jacob Klintowitz descreve como, a partir do último quartel do século XIX, começa a existir uma preocupação em relação ao visual urbano da cidade. Para isso, discute a presença do comércio, o surgimento de hábitos e comportamentos, a preocupação com a moda, o aumento da população, a implementação das indústrias e as estratégias tão eficazmente utilizadas na época para promover o consumo e a noção de modernidade que vinha do estrangeiro.

A trajetória dos ourives do ouro e da prata no estado de São Paulo é retratada em obra de Maria Helena Brancante (1999). O livro traça um percurso histórico que passa pelas Casas de Fundição e da Moeda de São Paulo, pelos praticantes do ofício, suas produções e peças litúrgicas. Também apresenta uma relação de profissionais do ramo provenientes de cidades

do interior do estado e destaca Luiz Suplicy, ourives francês, como um dos mais antigos da cidade de São Paulo.

A história da joia brasileira que Renato Wagner aborda em *Joia contemporânea brasileira* (1980) apresenta 35 artistas joalheiros brasileiros e estrangeiros que, através da arte da joalheria, desenvolveram peças únicas – algumas delas, com leituras conceituais. Com tais trabalhos, esses artistas começaram a se apresentar em exposições nacionais e internacionais a partir do final da década de 1940.

A gemóloga Mariana Magtaz, em seu livro *Joalheria brasileira: do descobrimento ao século XX* (2008), discute o ciclo do ouro e do diamante, assim como o momento histórico-cultural entre Brasil e Portugal no período da colonização, passando pela história da joalheria brasileira nos séculos XVIII, XIX e XX. Por fim, a obra apresenta imagens de joias de designers brasileiros premiados em concursos internacionais recentes.

A *designer* de joias Glória Corbetta (2007) comenta a trajetória da joia desde a pré-história, passando pelos grandes joalheiros europeus e brasileiros (após a década de 1940), de maneira concisa e objetiva. O livro esclarece as noções de *joia de arte*, *joia de moda* e *joia de autor*, bem como os termos contemporâneos utilizados a partir da década de 1960. Além de ilustrar o livro com fotografias de suas criações na joalheria, a autora apresenta conselhos práticos para o uso das joias.

Como resultado da dissertação de mestrado da *designer* Eliana Gola, surgiu o livro *A joia: história e design* (2008), que além de acercar-se da história desses objetos desde o seu surgimento até a contemporaneidade, apresenta sua criação artística na joalheria, com desenhos, projetos, processos de produção das peças e fotografias.

A análise da história de alguns joalheiros brasileiros, com ênfase no período de 1950 até início do século XXI, está presente em *Joalheria no Brasil, história mercado e ofício* (2017), de Cláudia Dayé. Nesse volume, Carlos Cornejo delineia a história das gemas e metais preciosos e Engracia Costa debate sobre o *design* de joias e a moda.

Alguns autores embasam teoricamente a questão do luxo, como Jean Castarède (2005), que acercar-se do tema nos aspectos cultural, econômico, histórico e comercial, analisando os diferentes componentes da gestão dos negócios de luxo e das novas tendências de consumo. Cláudio Diniz (2012) apresenta uma radiografia sobre os principais segmentos

de luxo no Brasil – seja nas casas, pessoais ou experienciais – em relação ao mercado mundial. No livro *Moda, luxo e economia*, de José Carlos Durand, o capítulo *Moda no Brasil* relata como foi a influência francesa a partir do século XIX. James Laver, em seu livro *A roupa e a moda: uma história concisa,* apresenta as características dos trajes e acessórios, as transformações que estes sofreram e os valores atribuídos à moda em cada período da história. Quanto aos artigos de luxo, os desejos de consumo, o simbolismo e as funções desses objetos, Danielle Allérès (2006) exibe e analisa a natureza e a hierarquia das necessidades e desejos que são encaminhadas para as indústrias que lidam com setores da moda, beleza, perfumes, alta joalheria, marroquinaria, decoração, cristaleria, porcelana, entre outras.

Suzane Strehlau (2008) procurou simplificar o emaranhado de teorias e práticas sobre diversos conceitos do novo luxo e as falsificações de marcas, luxo verdadeiro ou tradicional e submarcas. Gilles Lipovetsky e Elyette ROUX, no livro *O luxo eterno: da idade do sagrado ao tempo das marcas* (2005), afirmam que o luxo busca a eternidade, mesmo numa época em que o importante é o presente. Mais pessoas da sociedade passam a adquirir objetos de luxo e de marcas afamadas, levando a indústria a crescer com o supérfluo. Thorstein Veblen, em seu livro *A Teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições,* refere-se à emulação pecuniária como a disposição dos indivíduos em competir através da exibição de símbolos de riquesa e de *status*, assumindo a forma de bens e serviços de luxo e adotando um estilo de vida luxuoso, em vez de atividades produtivas ou uteis.

No desenrolar deste estudo, constatou-se a necessidade de dividí-lo em dois volumes, devido ao número de páginas que estava atingindo. O volume I trata da dissertação do tema da tese, que agrega os diversos aspectos que pareceram oportunos de abordar no tema *Casa Michel de Worms Irmãos: as joias, as joalherias e o comércio de luxo na cidade de São Paulo no período de 1880-1940*. É composto de introdução; cinco capítulos; considerações finais; fontes e referências bibliográficas; glossário e; índice das imagens e de tabelas. O volume II, dos anexos, procura completar o primeiro com imagens – retiradas de periódicos, principalmente anúncios e reportagens –; fotografias – da própria autora e de terceiros –; tabelas; catálogos; e o índice dos anexos.

No capítulo I, *A metrópole e a sociedade paulistana: 1880-1940*, procurou-se expor o contexto histórico que permitiu, em poucos anos, a transformação da pacata cidade em uma grande metrópole, para maior compreensão das proporções de enriquecimento de uma camada da população e os novos hábitos para o consumo e o aparato. São destacadas mudanças importantes na conformação do centro urbano de São Paulo, assim como alguns fatores, dinamizados pelo comércio de luxo, que contribuíram para o crescimento vertiginoso da cidade. Discutiu-se a transformação dos hábitos da tradicional família de cafeicultores e de antigos moradores da urbe, que procuravam se adaptar às mudanças sociais e culturais sucedidas pela influência europeia. O progresso – resultado da industrialização, da exportação do café, do comércio de luxo e da chegada dos imigrantes – produziu resultados positivos não só na economia, mas também nas formas de se relacionar e morar. A incorporação dos novos costumes permitiu que a sociedade buscasse a elegância e a etiqueta, passando a se afirmar socialmente. Nesse capítulo, considerou-se ainda o estilo de vida privado dessa elite, em seus palacetes, na sua nova maneira de consumir os produtos de primeira necessidade e os supérfluos. É nesse contexto histórico específico da sociedade paulistana que a população de classe média e alta passará a fazer um uso maior de joias.

O capítulo II, *O comércio de objetos de luxo em São Paulo e no Rio de Janeiro entre os séculos XIX e XX*, procurou discutir o que era considerado objeto de luxo, como se deu essa nova forma de consumo numa sociedade que intensificou ainda mais a sua socialização e quais foram os valores que levaram à aquisição de tais objetos. Buscou-se mostrar como se desenvolveu a trajetória do comércio e sua expansão, a instalação de escolas direcionadas para o comércio, os sindicatos e as associações comerciais. O novo comércio de produtos finos – fossem as joias e relógios, ou ainda peças de decoração para adornar as mansões e palacetes da elite – se dava em joalherias, que importavam diretamente dos fabricantes através de filiais no estrangeiro. Observou-se que houve um aumento da veiculação de anúncios em periódicos, com a apresentação dos produtos em destaque, chamando a atenção para as promoções ou para algum evento de que a loja estaria participando. Por fim, elencaram-se os objetos de decoração e de uso pessoal que fizeram parte desse comércio de luxo e que estavam presentes nas *Corbeilles de Mariage*. Estas cestas de casamento foram importantes neste período, ficando expostas para a apreciação dos convidados nas festas de

casamento realizadas nos palacetes das elites paulistanas. Estas cestas eram adquiridas em joalherias localizadas no Triângulo, onde a maioria das casas de luxo estavam instaladas. Possuir estes produtos mais sofisticado era uma forma de se diferenciar e se posicionar perante a coletividade.

No capítulo III, *Joalherias em São Paulo e capitais brasileiras*, foi necessário um estudo das joalherias que, no final do século XIX e na primeira metade de Novecentos, estiveram ativas juntamente com a Casa Michel, o que demonstrou o potencial e o crescimento do setor para o consumo de joias. Detalhou-se a trajetória de algumas casas que mais se destacaram, procurando conhecer melhor os produtos comercializados e estabelecendo uma comparação com as joalherias do Rio de Janeiro. Muitos joalheiros com tradição no ramo, antes de se instalarem em São Paulo, já possuíam suas lojas na capital da corte, ou mesmo em outras cidades do interior de São Paulo. Enquanto alguns conseguiram transmitir a dedicação a essa atividade a seus filhos e netos, que mantêm até os dias atuais suas joalherias, outros não tiveram a mesma sorte, tendo que fechar seus estabelecimentos por motivo de falecimento ou por terem sido vítimas de assaltos. Joalherias com matriz no Rio de Janeiro abriram filiais na capital paulista pelo fato de a cidade ter se tornado próspera e atrair um contingente populacional grande. Estas casas comerciais, além de joias e relógios, passaram a vender pratarias, cristais, bronzes, porcelanas entre outros artigos; e, em sua maioria, eram vendidos para fazer parte de *corbeilles de mariage* ou presentear em ocasiões especiais como Natal, Ano-Novo, Reis, Páscoa, entre outras datas importantes. Estas joalherias participavam de forma ativa junto a sociedade paulistana, patrocinando eventos ou contribuindo benemeritamente para instituições beneficentes.

No capítulo IV, *A Casa Michel de Worms Irmãos*, procurou-se traçar a trajetória dessa conceituada casa de joias, ordenando seu processo histórico com o que ocorria com a cidade de São Paulo. Sabe-se que sua história começou com a vinda dos antepassados da família Worms da França para o Brasil e sua ligação com a joalheria. Por isso, estudou-se a genealogia da família Worms, relacionando os familiares que precederam aos então proprietários da casa, visto que seus antecedentes teriam trabalhado nesse mesmo ramo de atividade. Tal percurso teve início na fundação da Casa Michel na cidade de Poços de Caldas, por Isaac Isidore Michel, a sua transferência para a capital paulista, a sociedade com Armand

Worms e, posteriormente, a entrada dos outros irmãos Worms, Alphonse e Justin. Analisou-se como a joalheria se tornou uma das mais conhecidas casas do Brasil e a mais conceituada junto à elite, através da introdução de uma estética cosmopolita, com a exibição dos produtos nas vitrinas (externas e internas), as exposições especiais dentro das lojas e da publicidade, aspectos que faziam parte de sua estratégia comercial. Discutiram-se ainda as formas de interação com a sociedade, relacionando alguns eventos importantes ocorridos na cidade paulistana e no Brasil, como premiações e honras recebidas, participações em Exposições Universais e Nacionais, além da inauguração de filiais.

No capítulo V, *Produtos de luxo da Casa Michel*, foram analisados dois catálogos ilustrados raros publicados pela Casa Michel, com uma defasagem entre eles de 24 anos. A partir de tais documentos, procurou-se observar se as correntes estéticas e artísticas vigentes no período estavam presentes nos materiais e nas técnicas empregadas nas joias e outros artigos. Referenciaram-se as joias desses dois catálogos, suas diversas tipologias e usos, seus materiais – metais nobres e gemas –, o acabamento das peças, bem como seus preços. Também se discutiu a respeito do público para o qual os objetos estavam direcionados, visto que as joias seriam usadas por homens, mulheres, jovens e crianças. Listaram-se as joias, os relógios, artigos referentes à ótica, além dos objetos de decoração considerados artigos de luxo, peças que apresentavam seus requintes em diversos materiais como cristais, porcelanas, prata, marfim, bronze, entre outros. Por fim, procurou-se entender por que as joalherias passaram a vender tantos objetos de arte, decoração e de luxo – assunto que ainda não fora explorado academicamente.

Esta pesquisa buscou ir além do que já havia sido escrito sobre as joalherias – muitos dos estudos encontrados se limitavam a tratá-las somente como lugares de venda de joias e relógios. Portanto, espera-se que este trabalho venha a complementar um conhecimento sobre esses estabelecimentos que, no período de 1880 a 1940, abrigavam um comércio intenso de obras de arte, de objetos de decoração, utilitários e de luxo, e forneça informações para uma melhor compreensão dos motivos de tal mercado ter se consolidado no estado de São Paulo.

Houve certa dificuldade em obter material que testemunhasse essa época, principalmente porque boa parte dos descendentes de famílias que possuíam joalherias não

continuou no mesmo ramo de atividade, bem como não guardou os documentos e peças que eram comercializadas nessas casas. Alguns descendentes alegaram que a loja da família havia sido vendida por seus avós, por isso não chegaram a acessar tais documentos ou não tiveram interesse em preservá-los. Algumas joias herdadas eram reformadas, modernizadas pelos herdeiros ou ainda devido seu alto valor foram vendidas em antiquários e joalherias, que as compraram para aproveitar o material nobre das peças, perdendo assim sua potencialidade como testemunho estético-histórico. Outro problema mais recente foi a pandemia, que fechou as instituições e as bibliotecas, impedindo a continuidade da pesquisa nesses locais.

O termo "patrimônio" traz consigo a ideia de algo a ser deixado ou transmitido às gerações futuras; está associado às noções de sagrado, de herança, de memória do indivíduo, de bens de família. Normalmente se escolhe o que se quer guardar, o que é mais importante, o que é belo e estético. Faz-se necessário, então, resgatar esse passado, parte importante na história dos costumes da sociedade. Existe um espólio em acervos, museus e coleções particulares que precisam de enquadramento histórico e de investigação que os contextualizem. Com este trabalho, buscou-se reunir um conjunto de informações que permitissem a localização e enquadramento de tais objetos. Estes são fruto de uma determinada sociedade, que promovia a ostentação do luxo, do poder e da riqueza, mas, hoje, muitos deles só são identificados porque há um estojo com a inscrição do fabricante, ou da casa que o comercializava. Logo, precisam ser enquadrados em um determinado repertório de como apareceram no Brasil.

Dois museus da capital paulista com coleções preservadas, com peças de joalheria do século XIX e XX são o Museu de Arte Sacra de São Paulo, com a Coleção de Arte Sacra da Cúria Metropolitana de São Paulo, e o Museu Paulista, com Coleções arqueológicas, etnográficas, artísticas e históricas do Museu Paulista da Universidade de São Paulo (conhecido também como Museu do Ipiranga). Esses dois museus guardam peças de joalheria e de artes decorativas que fizeram parte da história da riqueza e dos hábitos refinados adquiridos pela elite brasileira. Um patrimônio cultural conservado para as próximas gerações, que fascinam pela sua amplitude e importância histórica.

Alguns colecionadores particulares procuram preservar a memória de determinadas épocas, adquirindo objetos de arte, de decoração e peças de joalheria em leilões, formando, então, um patrimônio pessoal de valor. Como pode-se ver na Coleção de Ivani e Jorge Yunes e nas casas-museus de Ema Klabin e Jorge Americano. Possuir uma coleção de joias, atualmente, requer um certo anonimato, foi o que aconteceu com alguns que não quiseram ser identificados.

Recuperar a histórica memória da cidade de São Paulo é um trabalho que muitos cronistas, viajantes, fotógrafos, memorialistas e pesquisadores têm realizado ao longo dos últimos séculos. Os seus testemunhos, registros, imagens e teses retratam uma cidade que apresentava abrangência, diversidade e inteligência que a levaram a acompanhar a influência cultural recebida de outras sociedades que se instalaram no Brasil.

A influência cultural estrangeira que atravessou São Paulo contribuiu para o seu desenvolvimento e para as grandes transformações de ordem econômica, política e cultural que fizeram com que, no final do século XIX e início do XX, a cidade se tornasse o polo centralizador para muitos indivíduos – e essa vivência urbana deixou legados que marcaram a história da cidade.[2] Muitos desses legados foram se perdendo ao longo do tempo. Com o advento da República, a preocupação por parte das autoridades em adequar as cidades brasileiras aos padrões europeus fez com que a cidade de São Paulo passasse por grandes remodelações, varrendo grande parte das referências culturais existentes e perdendo um valioso patrimônio cultural.

No início do século XX, São Paulo passou por um período complexo: grandes transformações nos domínios do comércio, da comunicação, das sociabilidades, da moda, da indústria, das mudanças urbanísticas formaram um caminho penoso em direção à modernidade. Nesse contexto, surgiram muitas joalherias que, em sua maioria se instalaram em ruas centrais e de grande movimento. Uma loja de joias, em especial, se tornou importante para São Paulo, a Casa Michel de Worms Irmãos, que funcionou de 1887 a 1960; período que acompanha a *Belle Époque* (1898-1914) e se estende até a Segunda Guerra Mundial. A Casa Michel sob o comando de Alphonse Worms, um imigrante judeu de origem

[2] BRUNO, Ernani Silva – *Memória da cidade de São Paulo: depoimentos de moradores e visitantes (1553-1958)*. São Paulo: Publicação do Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura do Município de São Paulo. 1981, pp. 7.

francesa, já atuava na área de joalheria na França e no Rio de Janeiro. Ao se estabelecer com loja em São Paulo construiu um prédio de cinco andares, na esquina de uma rua famosa da cidade, se destacando dos demais por sua torre abobadada, com um relógio vizível por todos que quisessem acertar os ponteiros de seus cronômetros de bolso. Este também atraia a atenção dos transeuntes pelo fato de sua loja instalada no térreo, possuir onze vitrinas em toda a extensão do edifício.

Muitas joalherias surgiram nesse período, aumentando assim o consumo de joias e de artigos de luxo comercializadas por elas. Procurou-se entender como e onde eram usadas essas peças, conhecer como vivia a sociedade nesse período, quais eram as atividades sociais e culturais, arrolar o momento histórico pelo qual a sociedade paulista estava seguindo. Analisar os usos e os costumes, principalmente nos inícios do século XX, observando que a elite estava se adaptando aos novos padrões de progresso e de civilidade exportados do estrangeiro.

Nos séculos XIX e XX, as joias destinadas ao adorno pessoal possuíam um amplo repertório de realizações, mas poucas peças foram conservadas intactas. Sobretudo as de alto valor intrínseco, especialmente por suas gemas, tiveram os metais preciosos usados em suas montagens derretidos e reaproveitados. Muitos exemplares se perderam pela necessidade de seus proprietários se adequarem à moda da época: pela facilidade com que as peças podiam ser transformadas em outras,[3] com frequência eles resolviam reformar suas joias.

[3] GIL, Santiago Alcolea (*et al.*) – As profundas renovações da indumentária e do adorno pessoal nos séculos XIX e XX. *In História geral da arte: artes decorativas*. Vol. III. Madrid: Edições Del Prado, 1996, pp. 58.

CAPÍTULO I: A METRÓPOLE E A SOCIEDADE PAULISTANA: 1880-1940

> O movimento que empolgou São Paulo a partir de 1870 e lançou as bases do poderoso Estado industrial e agrícola de hoje foi uma avalanche: derrubou matas, abriu fazendas, estendeu estradas de ferro, libertou escravos, atraiu imigrantes, fundou cidades, bancos, escolas; criou indústrias, instalou usinas de energia, importou máquinas, construiu teatros, controlou o câmbio, influiu nos rumos do Império e da República, lançou viadutos, canalizou rios, abriu bairros e em 30 anos colocou a Capital da Província, que era a oitava cidade do Brasil, em segundo lugar. Cem anos depois, era a terceira do mundo.[4]

1.1. A cidade de São Paulo

Tudo começou no pequeno burgo denominado São Paulo, onde ocorreu a fundação do Colégio dos Jesuítas, em 25 de janeiro de 1554. O pequeno arraial localizava-se em alta e escarpada colina a 750 metros de altitude, com uma extensão de mais de 30 metros quadrados no Planalto de Piratininga, erguida entre os Rios Anhangabaú e Tamanduateí.[5] Essa elevação abrigou o primitivo povoado em seus três primeiros séculos de existência. A vila de São Paulo foi se expandindo e se transformando, atingiu o *status* de cidade e tornou-se a capital do estado. No primeiro quartel do século XX, já era considerada uma grande metrópole.[6] A partir do Largo da Sé, ponto central da cidade, ruas se irradiavam formando um Triângulo – são estas a Rua 15 de Novembro, a Rua São Bento e a Rua Direita.[7]

---

[4] ÂNGELO, Ivan – 1880-1913: Movido a café. *In* PICCAZIO, Cláudia (org.) – *São Paulo 110 anos de industrialização: 1880-1990*. São Paulo: Editora Três. 1992, pp. 1.

[5] Seguindo o costume português, os padres jesuítas procuraram um lugar alto e escarpado, para ter um melhor controle sobre a região e maior proteção aos ataques dos indígenas. "A preocupação com a defesa preside sempre a escolha do sítio. A escolha de um sítio elevado dominando um estuário, bem como os dificultosos caminhos de terra foram uma característica das cidades portuguesas, levada a todo o seu mundo colonial". TOLEDO, Benedito Lima de – Do século XVI ao início do século XIX: Maneirismo, Barroco e Rococó. *In* ZANINI, Walter (org.) – *História geral da arte no Brasil*. Vol. 1. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles. 1983, pp. 103.

[6] TOLEDO, Benedito Lima de – *São Paulo: três cidades em um século*. 3ª ed. São Paulo: COSAC & NAIF / Livraria Duas Cidades, 2004, pp. 9 e 13.

[7] PESTANA, Paulo R. – A Cidade de São Paulo. *In* AMARAL, Amadeu – *A capital paulista*: *comemorando o centenário da Independência*. São Paulo: Sociedade Editora Independência. 1920, pp. 2.

No início do século XIX, a província de São Paulo, manso e pacato povoado, albergava uma economia mediana, como toda a região circundante. Apesar da literatura dessa época relatar a pobreza da região, estudos recentes de pesquisadores seguem em direção oposta, procurando demonstrar que a urbe paulistana viveu uma ação consistente de estruturação em sua atividade econômica, cultural e social, e um processo silencioso de acumulação de riqueza da população.[8]

A velocidade com que São Paulo cresceu foi admirável, no espaço de uma geração o ambiente havia se transformado, ficou para trás *a mud city*,[9] como a denominou um viajante inglês.[10] Feita literalmente de barro, suas casas possuíam paredes de taipa de pilão, com telhas paulistas (côncavas), as ruas sem calçamento eram de terra batida. Em substituição à taipa de pilão, novos materiais de construção passaram a ser utilizados, como o tijolo e o cal. No final do século XIX e começo do XX, a arquitetura eclética passou a predominar em São Paulo.[11]

A urbe ficou conhecida também como cidade dos tropeiros. Até 1872, tinha pouca representatividade econômica e política, e dentro da conjuntura nacional ocupava o 10º lugar em relação às cidades brasileiras. Estava abaixo do Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Belém, Niterói, Cuiabá, Porto Alegre, Fortaleza e São Luiz.[12]

Os processos de remodelação da cidade ajudaram a torná-la mais acessível à população nos diversos governos que se sucederam – como o alinhamento e a ampliação de ruas, a criação de praças, chafarizes, calçamentos, além de outras edificações. Entre euforias e depressões, São Paulo crescia numa velocidade espantosa em relação às outras capitais

[8] ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros – *Os caminhos da riqueza dos paulistanos na primeira metade do oitocentos*. São Paulo: Hucitec: FAPESP, 2006, pp. 15.
[9] Cidade de barro.
[10] TOLEDO, Benedito Lima de – *São Paulo: três cidades em um século*. 3ª ed. São Paulo: COSAC & NAIF / Livraria Duas Cidades, 2004, pp. 10, 14-15.
[11] SANTOS, Regina Helena Vieira – *Rua São Bento: um fragmento da cidade de São Paulo que registra as transformações e persistências na paisagem urbana.* São Paulo: [s. l.], 2008. Dissertação (Mestrado – História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, pp. 100.
[12] BORGES, Urquiza Maria – *Negociantes na cidade de São Paulo (1875-1880).* São Paulo [s.n.], 1979. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, pp. 26.

mundiais. A chegada do caminho de ferro[13] facilitou o transporte da produção cafeeira até o porto de Santos, a fim de ser exportada. Surgiram as primeiras fábricas e, à sua volta, as vilas operárias habitadas pelos trabalhadores.[14]

Além das transformações urbanas, esse período registrou a transferência de famílias de fazendeiros e industriais de outras cidades do interior para a capital. Posteriormente povos estrangeiros também se instalaram em São Paulo e em outras cidades brasileiras, fato que contribuiu para a implantação de joalherias, ourivesarias e o desenvolvimento dos seus ofícios, pois traziam o conhecimento científico e tecnológico de seus países de origem.

Foi um período de grande consumo de artigos importados, como materiais para a construção civil, que passaram a chegar à cidade com maior rapidez e eficiência através dos vapores no porto de Santos e, a partir daí, pela estrada de ferro até São Paulo.[15] Para as famílias que podiam viajar com certa frequência, esses produtos eram adquiridos durante suas viagens à Europa, pois, devido ao câmbio, eles seriam mais onerosos no Brasil. O cosmopolitismo reinante isolava determinadas camadas da sociedade paulistana, que conviviam em espaços e circuitos exclusivos como se estivessem numa cidade dentro de outra e procuravam evitar a proximidade física com aqueles que não possuíam a mesma classe social.[16]

A expansão da cidade se deu descendo as encostas da colina pela parte Leste em direção ao Rio de Janeiro, capital da República. Paralelamente à linha férrea, nessa região apareceram os bairros operários e industriais do Pari, Brás, Tatuapé, Mooca, Belenzinho, entre outros.[17] Em direção ao Norte e margeando o Rio Tietê, surgiram os bairros da Luz,

---

[13] A Estrada de Ferro Santos-Jundiaí foi inaugurada em 1867 com o nome de São Paulo Railway, tendo sido a primeira do Estado de São Paulo. Até a década de 1930, foi responsável pelo transporte do café, de outros gêneros agrícolas e de passageiros. No século XIX, contribuiu para o desenvolvimento de bairros paulistanos, como Luz e Lapa. MEMORIAL da Resistência de São Paulo – *Estrada de Ferro Santos-Jundiaí*. Disponível em: http://memorialdaresistenciasp.org.br/lugares/estrada-de-ferro-santos-jundiai/. Acesso em: 16/09/2021.
[14] DANON, Diana Dorothéa; TOLEDO, Benedito Lima de – *São Paulo, Belle Époque*. São Paulo: Editora Nacional; EDUSP, 1974, pp. 2.
[15] CARVALHO, Vânia Carneiro de – *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920*. São Paulo: [s. l.], 2001. Tese (Doutorado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, pp. 15.
[16] SCHPUN, Mônica Raissa – Regionalistas e cosmopolitas: as amigas Olivia Guedes Penteado e Carlota Pereira de Queiroz. *In* MATTAR, Denise (org.) – *No tempo dos modernistas: D. Olivia Penteado, a senhora das artes.* São Paulo: FAAP-Fundação Armando Alvares Penteado, 2002, pp. 47-49.
[17] PETRONE, Pasquale – São Paulo no século XX. *In* AZEVEDO, Aroldo de (org.) – *A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana.* Volume II. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958, pp. 104.

Bom Retiro, Barra Funda e Água Branca. Para Oeste, mais à frente do vale do Anhangabaú e transversal ao viaduto, desenvolveu-se a parte mais moderna e aristocrática da cidade, com palacetes e chácaras floridas. Eram os bairros de Santa Cecília, Santa Efigênia, Campos Elíseos, Higienópolis e Consolação, destinados às elites e comerciantes burgueses. Para o Sul, em localização menos povoada, estendiam-se os bairros da Liberdade, Vila Mariana, Cambuci e Ipiranga.[18]

A Planta Geral da Capital do Estado de São Paulo, de 1897 (Anexo I, fig. 1), organizada por Gomes Cardim, intendente de obras, mostra como a cidade já havia se expandido em todas as direções a partir de seu centro histórico. Entre 1899 e 1911, período em que o Conselheiro Antônio da Silva Prado foi prefeito da capital,[19] a cidade de São Paulo passou por uma grande remodelação. Na virada do século XIX para o XX, na chamada *Belle Époque* paulistana, a matriz cultural portuguesa do período colonial havia sido substituída pela francesa. A essa altura a cidade já possuía água encanada, energia a gás e elétrica, linhas telefônicas nas residências e sistema de transportes que poriam fim aos bondes de tração animal. O desenvolvimento do comércio, da indústria e da agricultura influiu na expansão das importações e exportações de mercadorias.

A cidade se tornava atraente para se viver, adquirindo os hábitos e costumes europeus. A sociedade de maior poder aquisitivo passou a procurar os bairros mais aristocráticos para morar, a frequentar cafés, teatros, parques, cidades termais, entre outros, conforme veremos nos próximos subcapítulos.

1.1.1. Fatores que contribuíram para o desenvolvimento da cidade de São Paulo

> A emancipação política, a Faculdade de Direito, a mudança de mentalidade, a lavoura cafeeira, a estrada de ferro, a imigração e o desenvolvimento comercial e urbanístico integraram-se e possibilitaram o crescimento da cidade. Com sua fisionomia mais atrativa, transformou-se em residência definitiva ou temporária de fazendeiros do interior.[20]

[18] PESTANA, Paulo R. – A cidade de São Paulo". *In* AMARAL, Amadeu – *A capital paulista*: *comemorando o centenário da Independência*. São Paulo: Sociedade Editora Independência. 1920, pp. 2.
[19] CAMPOS, Eudes – *Arquivo histórico de São Paulo: história pública da cidade*. São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011, pp. 184.
[20] BORGES, Urquiza Maria – *Negociantes na cidade de São Paulo (1875-1880).* São Paulo [s.n.], 1979. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, pp. 26.

A Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra na segunda metade do século XVII rompeu com o modo artesanal de produção de bens materiais, surgindo a certeza no progresso contínuo e ilimitado das tecnologias, que introduziram a produção em larga escala e a mecanização dos processos produtivos. Tais acontecimentos marcaram as sociedades e suas economias, inclusive a brasileira, cujas grandes transformações se concentraram em fins do século XIX até meados do século XX.

A integração mundial se deu pelo dinamismo da economia internacional e o intenso fluxo de mudanças, atingindo todos os níveis da experiência humana. As pessoas se envolveram rápida e completamente num processo de alteração de hábitos cotidianos, convicções, modos de percepção e reflexos instintivos que afetou não só as hierarquias sociais, mas também suas noções de tempo e espaço. Mudaram as formas de perceber os objetos que as rodeavam, as reações aos estímulos luminosos, o jeito de organizar as afeições e de experimentar a proximidade ou o alheamento de outros seres humanos.

A Segunda Revolução Industrial, intitulada de Revolução Científico-Tecnológica, em torno de 1870, resultou no desenvolvimento de vários processos produtivos a partir das descobertas científicas, permitindo novas potencialidades energéticas, como a eletricidade e os derivados de petróleo, originando-se novos campos de exploração industrial.[21] Desencadeou-se nos anos subsequentes muitas invenções como,

> [...] os veículos automotores, os transatlânticos, os aviões, o telégrafo, o telefone, a iluminação elétrica e a ampla gama de utensílios eletrodomésticos, a fotografia, o cinema, a radiodifusão, a televisão, os arranha-céus e seus elevadores, as escadas rolantes e os sistemas metroviários, os parques de diversões elétricas, as rodas-gigantes, as montanhas-russas, a seringa hipodérmica, a anestesia, a penicilina, o estetoscópio, o medidor de pressão arterial, os processos de pasteurização e esterilização, os adubos artificiais, os vasos sanitários com descarga automática e papel higiênico, a escova de dente e o dentifrício, o sabão em pó, os refrigerantes gasosos, o fogão a gás, o aquecedor elétrico, o refrigerador e os sorvetes, as comidas enlatadas, as cervejas engarrafadas, a Coca-Cola, a aspirina, o Sonrisal e [...] a caixa registradora.[22]

[21] SEVCENKO, Nicolau – Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. *In* NOVAIS, Fernando A. (coord.); SEVCENKO, Nicolau (org.) – *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 7-9.
[22] IDEM, *Ibidem*. 1998, pp. 9-10.

O consumo de novos produtos se adequou aos novos hábitos, advindos da época do reinado de Luís XIV e do prestígio da Corte francesa, que passou a influenciar tanto a elaboração de objetos como o exercício de retração da espontaneidade e a ritualização das atitudes na vida cotidiana. Quando a Corte percebeu a ligação entre o luxo e o controle social, entre o vestuário e o poder, transformou o consumo em uma questão de lei, e será nessa sociedade parisiense que se dará o advento do consumo de massa.[23] A moda começou, então, a viabilizar o distanciamento formal e visível das diferentes classes sociais, mostrando-se um elemento fundamental na reiteração da hierarquia social.[24] A partir do século XIX, os objetos e a moda cada vez mais passam a sinalizar um determinado estilo de vida: substitui-se o estritamente necessário pelo consumo do desejado. A imagem pessoal diante do coletivo assume uma grande importância, é por meio dela que se distinguem os indivíduos dessa sociedade industrial nascente.[25]

As exposições nacionais, internacionais ou universais ajudaram a divulgar as inovações artísticas e tecnológicas que estavam sendo criadas, atraindo cada vez mais indivíduos para apreciar o fenômeno das exibições públicas da arte, do saber técnico e científico, das criações industriais que apregoavam a criatividade humana.[26] Toda essa explosão de conhecimentos chegou à sociedade brasileira, que passou a assimilá-la, induzindo a cidade a um processo de desenvolvimento que elevou a capital paulista ao rol dos grandes centros urbanos contemporâneos, florescendo urbanística, social, cultural e economicamente. A modernidade e a euforia da *Belle Époque* atingiram São Paulo em todos os níveis.

---

[23] MICHETTI, Miqueli – Capítulos da modernidade: moda e consumo na Paris do século XIX. *In Revista Proa*, nº 01, vol. 01, pp. 231. Disponível em: http://www.ifch.unicamp.br/proa. Acesso em: 24/10/2019.
[24] DALLARI, Heloisa – *Design e exposição: das vitrines para as novas telas*. São Paulo: [s.n.], 2008. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2008, pp. 24.
[25] IDEM, *Ibidem*. 2008, pp. 40.
[26] GUERREIRO, António – *Exposições universais: Paris 1900*. Lisboa: Expo 98: Seleprinter, Sociedade Gráfica, Lta., 1995, pp. 7. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=14&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjikIXYxLvUAhXCj5AKHZeYA_4QFghoMA0&url=http%3A%2F%2Fcvc.instituto-camoes.pt%2Fconhecer%2Fbiblioteca-digital-camoes%2Farquitectura-1%2F1557-1557%2Ffile.html&usg=AFQjCNE6xb1WTST9Zc_1B7vLwd4a7WiF0g&sig2=K07bZG7vjyUYegaGIG3kCw. Acesso em: 08/06/2017.

A instalação da Academia de Direito[27] se tornou um dos fatos mais importantes da primeira metade do século XIX. A capital passou a ser visitada e procurada por jovens de todos os recantos do país, procedente das elites emergentes. Nessa academia se formaram muitos bacharéis, advogados, magistrados, burocratas e homens públicos. Tal fato tirou a cidade da apatia colonial, criando condições para transformar suas tradições. Os jovens profissionais se tornaram agentes de civilidade para uma população que nesse período se encontrava isolada no planalto. Trazendo bom humor e novos costumes, os estudantes animavam os bailes e os encontros da sociedade local.[28]

Algumas figuras brasileiras talentosas cursaram essa Academia, como Castro Alves (1847-1871 poeta), Rui Barbosa (1849-1923, jurista, político, diplomata, escritor, filólogo, tradutor e orador) e Joaquim Nabuco (1849-1910, diplomata, orador, poeta e memorialista). Entre os escritores românticos, passaram pela mesma instituição José de Alencar (1829-1877) e Bernardo Guimarães (1825-1884), que retrataram a sociedade paulista na segunda metade do século XIX, respectivamente nos romances *Til* (1871) e *Rosaura, a enjeitada* (1883), além de outros dois escritores, Júlio Ribeiro (1845-1890), que escreveu *A carne* (1888), e Horácio de Carvalho (1857-1933), que escreveu *O cromo: estudo de temperamentos* (1888). Estes dois livros naturalistas retratam o enriquecimento social e o aumento da importância política da província no quadro histórico do Segundo Império brasileiro.[29]

Na segunda metade do século XIX, um dos acontecimentos mais importantes foi a chegada do caminho de ferro em 1868, unindo o porto de Santos à capital paulista. Apesar de ter sido inaugurado nessa data, os benefícios do empreendimento começaram a ser sentidos em 1872, quando os trilhos atingiram as novas áreas cafeeiras da Província – que se havia deslocado do vale do Paraíba para a região de Campinas. A partir de então, a rede

[27] Academia de Direito – criada em 11 de agosto de 1827, iniciou suas atividades, em março de 1828, no Convento de São Francisco, desocupado por exigência do Governo Imperial. MATOS, Odilon Nogueira de – São Paulo no século XIX. *In* AZEVEDO, Aroldo de (org.) – *A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana*. Volume II. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958, pp. 63.
[28] PORTO, Antônio Rodrigues – *História da cidade de São Paulo: através de suas ruas*. São Paulo: Carthag, 1996, pp. 173. MATOS, Odilon Nogueira de – São Paulo no século XIX. *In* AZEVEDO, Aroldo de (org.) – *A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana*. Volume II. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958, pp. 65-66.
[29] NASCIMENTO, José Leonardo do – *São Paulo no século XIX*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: POIESIS, 2011, pp. 35-61.

ferroviária se expandiu, acompanhando o avanço do café e recebendo o incentivo dos grandes fazendeiros.[30]

O novo meio de transporte foi de fundamental importância para o deslocamento de mercadorias e de pessoas. Os corredores e as plataformas das estações ficavam superlotados, gerando dinamismo e alvoroço entre os passageiros, que procuravam acompanhar a tradição europeia no trajar. Pode-se observar no Anexo I, figura 2, essas vestimentas: os homens de ternos nos tons de azul e grafite, com bengalas, e as senhoras com bolsas e longos casacos, todos usando chapéus, uma prática quase obrigatória segundo a moda europeia da época.[31]

São Paulo e outros municípios paulistas perderam seu caráter provinciano com a Abolição da Escravatura (1888), processo que gerou mudanças nos serviços em geral e desorientou os fazendeiros conservadores. O governo imperial, ao instituir essa lei, procurou atenuar os prejuízos da classe conservadora, outorgando títulos nobiliárquicos, facilidades e benefícios, como notas de crédito em bancos, o que ocasionou por parte de investidores grandes iniciativas ligadas ao urbanismo da cidade, designadamente a criação de novos loteamentos e bairros.

A endemia de *febre amarela* que assolou o país, em 1889, chegou atringindo muitas pessoas nas cidades de Santos, Campinas e, numa escala menor, de Jundiaí, Limeira, Rio Claro, entre outras, levando famílias inteiras, comerciantes, industriais, fazendeiros e ricos joalheiros, além de hábeis artífices e operários, a se transferirem para a capital paulistana, uma vez que esta ainda não tinha sido atingida. O afluxo de pessoas decorrente dessa evasão foi grande, o que ocasionou problemas de hospedagem. Tornou-se necessária a construção de novas residências para suprir o contingente de pessoas que estavam chegando. Velhas e modestas moradias deram lugar a outras mais suntuosas, como mansões e palacetes, e em locais afastados do centro foram criados bairros elegantes. Com a implantação do Regime Republicano, São Paulo passou a ser Estado da Federação Brasileira, assumindo então as

[30] MATOS, Odilon Nogueira de – São Paulo no século XIX. *In* AZEVEDO, Aroldo de – *A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana*. Vol. III. Aspectos da metrópole paulista. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958, pp. 67.
[31] MONBEIG, Pierre – *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Editora Hucitec; Editora Polis. 1984, pp. 22-23.

rendas públicas; serviços e empreendimentos mais abrangentes começaram a surgir; a municipalidade passou a melhorar a colonial área urbana da cidade.[32]

Com as vantagens propiciadas pelo dinheiro do café e da indústria nascente, o novo Estado de São Paulo passou a negociar diretamente com o exterior.[33] Entre 1889 e 1895, houve um aumento da receita pública em torno de 44 mil contos de réis. O chamado *jogo da bolsa* estava em seu auge em São Paulo e no Rio de Janeiro, quando ocorreu um cataclismo econômico e financeiro em Buenos Aires que ocasionou a falência de muitos portenhos, além de estrangeiros que lá viviam. Nesse período, a esta cidade seguia padrões europeus, devido sua colonização espanhola, possuindo lojas que comercializavam artigos importados que, com a crise, ficaram encalhados nos estoques. Ocorreu, então, que sagazes profissionais se deslocaram para o Rio de Janeiro e São Paulo, a fim de vender essas finas mercadorias importadas. Tal fato impulsionou o surgimento de um hábito – o consumo do luxo – com o qual a população ainda não estava acostumada.

Chegaram também certas profissões até esse momento desconhecidas, como a de manicure e cabelereiro, que passaram a alourar os cabelos das paulistas, à moda francesa. Também se estabeleceram em São Paulo alfaiates, costureiros, confeiteiros, pasteleiros, garçons e cozinheiros. Desses dois últimos profissionais, Antoine Daniel Souquières e Landucci tornaram-se proprietários do então famoso *Grand Hôtel de la Rôtisserie Sportsmann,*[34] eles traziam referências da culinária francesa para seus cardápios. O hotel era local de encontros, festas, recepções e banquetes da elite. Em seu segundo endereço, à Rua São Bento, havia no térreo lojas destinadas ao consumo dessa classe, como a *Mappin & Webb*, que vendia joias, pratarias e cristais – posteriormente, a loja foi transferida para a Rua 15 de Novembro. Em seu terceiro e último endereço, em 1918, o Hotel se instalou num

[32] SOUZA, Everardo Vallim Pereira de – Reminiscências acadêmicas: 1887-1891. *In* MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.) – *Vida cotidiana em São Paulo no século XIX: memórias, depoimentos, evocações*. São Paulo: Ateliê/IMESP/Editora Unesp/Secretaria de Estado da Cultura, 1998, pp. 217-218.
[33] PIRES, Mário Jorge – *Sobrados e barões da velha São Paulo.* Barueri, SP: Manole, 2006, pp. 25.
[34] SOUZA, Everardo Vallim Pereira de – Reminiscências acadêmicas 1887-1891. *In* MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.) – *Vida cotidiana em São Paulo no século XIX: memórias, depoimentos, evocações*. São Paulo: Ateliê/IMESP/Editora Unesp/Secretaria de Estado da Cultura, 1998, pp. 218-219.

edifício recém-construído pelo Conde Prates, na esquina da Rua Líbero Badaró com o Viaduto do Chá.[35]

Os cabelereiros traziam novidades para suas clientes, como o francês P. Teyssier, que possuía um salão na Rua da Imperatriz,[36] onde além de cuidar do cabelo de suas freguesas, trabalhava com artigos de toalete, de moda – como as legítimas luvas Jouvin, populares na época – e de perfumaria para senhoras das mais afamadas casas de Paris.[37] A perfumaria tomou um grande impulso na virada para o século XX. Eduardo Madeira, da Casa Husson, localizada à Rua São Bento, contratou um gerente/cabelereiro vindo diretamente da capital francesa. Este trouxe várias novidades à época, utilizando técnicas feitas com aparelhos elétricos, únicos em todo o Brasil, e variados tipos de tratamento para os cabelos, além de possuir uma barbearia e cabelereiro direcionados aos homens.

Logo no espaço de aproximadamente dez anos, 1889-1900, houve um aumento da população. Este repentino desenvolvimento também foi determinado pela entrada dos imigrantes europeus, em especial, os italianos. E, a partir do início do século, outro componente foi a grande natalidade, conforme os dados demográficos de 1900 a 1919[38] (Tabela I, neste volume – infra).

TABELA I. Crescimento populacional de 1900 a 1919

	1900	**TAXA**	**1910**	**TAXA**	**1919**	**TAXA**
POPULAÇÃO	239.820 Habitantes	--	375.324 Habitantes	--	526.437 Habitantes	--
NUPCIALIDADE	1.284 Casamentos	5,35%	2.353 Casamentos	6,26%	3.877 Casamentos	7,36%
NATALIDADE	8. 684 Nascimentos	36,20%	12.287 Nascimentos	32,73%	16.916 Nascimentos	32,13%
MORTALIDADE	4.537 Óbitos	18,91%	6.246 Óbitos	16,64%	9.997 Óbitos	18,96%

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados de PESTANA, Paulo Rangel – A cidade de São Paulo. *In:* AMARAL, Amadeu – *A capital paulista*: *comemorando o centenário da Independência*. São Paulo: Sociedade Editora Independência, 1920, pp. 5.

[35] BARBUY, Heloisa – *A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914.* São Paulo: EDUSP, 2006, pp. 107-110.
[36] Rua da Imperatriz; posteriormente, se tornou a Rua 15 de Novembro.
[37] MARQUES, J. R. de Azevedo (org.) – *Almanak administrativo, mercantil e industrial da provincia de São Paulo: para o anno de 1857*. 1º Anno. São Paulo: Typographia Imparcial, 1856, pp. 145.
[38] PESTANA, Paulo Rangel – A cidade de São Paulo. *In* AMARAL, Amadeu – *A capital paulista*: *comemorando o centenário da Independência*. São Paulo: Sociedade Editora Independência. 1920, pp. 4-5.

A diversidade de objetos de luxo que começaram a aparecer na cidade foi grande, em desacordo com o que havia até então. Carruagens surpreendentes, com seus cavalos de raça, e puros-sangues próprios para corridas e equitação passaram a fazer parte da cena urbana. A Casa de Rodovalho Júnior, Horta & Cia, fundada em 1889, consagrou essa necessidade, pois trabalhavam com aluguel de carruagens de luxo que possuíam rodas de borracha e iluminação, destinadas especialmente a noivos, batizados, entre outros eventos.[39]

Os estabelecimentos comerciais passaram a se especializar na venda de artigos da moda, como trajes luxuosamente confeccionados em seda para damas e sóbrios ternos para cavalheiros, que com eles desfilavam na nova vida social; ou em acessórios, peças de joalheria e objetos de decoração, como jarrões japoneses, tapetes persas, móveis europeus, cristais da Bohemia e de Veneza, além de toda sorte de caros ornamentos destinados às residências da elite paulistana.[40] Tanto os objetos de decoração quanto as peças de joalheria passaram a ser consumidos com muita avidez, demonstrando que a sociedade aspirava a uma identidade social e a um poder capazes de elevar seu *status* perante os relacionamentos com seus pares – esse assunto será mais profundamente tratado no próximo capítulo.

As novas formas de consumo marcaram as duas primeiras décadas de 1900, instigadas pela onda publicitária que então começava a se tornar mais aguerrida e pela criação das modernas revistas ilustradas que serviram também para a divulgação cultural. Após a Primeira Guerra Mundial ocorreu a retomada do crescimento econômico, refletido pela expansão acelerada da cidade de São Paulo.[41]

A crise mundial de 1929, advinda da quebra da Bolsa de Nova York, provocou a queda do preço do café no mercado internacional. A política sofreu o golpe fatal entre as décadas de 1920 e 1930, com a deposição do último presidente paulista e a ascensão de Getúlio Vargas. Em 1932, com São Paulo perdendo a Revolução Constitucionalista, houve resultados dramáticos, muitos mortos, intranquilidade econômica, interferência federal na

---

[39] REVISTA *A vida moderna*. São Paulo, (30/09/1911), s/nº.
[40] SOUZA, Everardo Vallim Pereira de – Reminiscências acadêmicas: 1887/1891. *In* MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.) – *Vida cotidiana em São Paulo no século XIX: memórias, depoimentos, evocações*. São Paulo: Ateliê/IMESP/Editora Unesp/Secretaria de Estado da Cultura, 1998, pp. 218.
[41] MUSA, João Luiz; (*et al*) – *São Paulo, anos 20: andar, vagar, perder-se*. São Paulo: Melhoramentos de São Paulo Livrarias, 2003, pp. 10.

direção do estado e dos municípios, além de exílio de lideranças. O governo de Vargas promoveu repressão e doutrinação entre 1930-1940, seguindo os regimes repressivos que se multiplicavam na Europa.[42] Esse período histórico, muito conturbado, foi responsável pelos dramáticos acontecimentos e mudanças irreparáveis na vida do povo brasileiro, suas consequências ainda podem ser sentidas atualmente.[43]

Com a Segunda Guerra Mundial, enfraqueceram-se os laços comerciais tradicionais, devido à interrupção do aprovisionamento de matérias-primas e outros artigos fundamentais até então não fabricados no Brasil. São Paulo tornou-se, nesse momento, um grande produtor industrial e rural, substituindo o café pelo algodão. Com sua estrutura funcional, industrial, agrária e cultural, a cidade procurou ser suficientemente forte para resistir aos impactos do futuro.[44]

1.1.2. A riqueza paulistana e sua concentração no centro histórico

Desde sua formação, foi na região central onde se concentrou a população paulistana. A partir de 1828, o local passou a receber grande número de habitantes. Primeiro, foram os estudantes de Direito, que se instalaram próximo à Academia; em seguida, vieram os fazendeiros para a capital, a fim de melhor cuidar de seus negócios financeiros. Essa elite assumiria o comando econômico, político e cultural do estado de São Paulo por pelo menos quarenta anos.[45]

Alguns dos novos moradores da região central instalaram-se em sobrados, com suas moradias nos pavimentos superiores, que de certa forma eram consideradas residências aristocráticas na época, e seus comércios, lojas, quitandas, oficinas de ourives etc. nos pavimentos inferiores. Pode-se dizer que esse tipo de habitação permaneceu até início do

[42] SEVCENKO, Nicolau – Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. *In* NOVAIS, Fernando A. (coord.); SEVCENKO, Nicolau (org.) – *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 37. KLINTOWITZ, Jacob – *A arte do comércio II, São Paulo 1930-1954*. São Paulo: SENAC, 1989, pp. 8.
[43] SZAJMAN, Abram – Dilatando os limites da cidade. *In* KLINTOWITZ, Jacob – *A arte do comércio II, São Paulo 1930-1954*. São Paulo: SENAC, 1989, pp. 7.
[44] KLINTOWITZ, Jacob – *A arte do comércio II, São Paulo 1930-1954*. São Paulo: SENAC, 1989, pp. 8.
[45] HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira, 1867-1918*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, pp. 13.

século XX.[46] Algumas dessas casa foram tombadas pelo Patrimônio Histórico Municipal, como foi o caso da Casa da Boia (Anexo I, fig. 3), que conserva até hoje as mesmas características e se encontra no mesmo endereço, Rua Florêncio de Abreu n.º 123. Fundada em 1898 pelo imigrante sírio Rizkallah Jorge Tahan, foi a primeira empresa a fabricar produtos de cobre e metais não ferrosos em São Paulo – recebeu o Selo Patrimônio Cultural da Cidade de São Paulo em 2016.[47]

A região ficou conhecida como Triângulo, porque era composta por ruas que formavam a figura geométrica internamente, com a Rua 15 de Novembro, a Rua Direita e a Rua São Bento, e externamente, com a Igreja Nossa Senhora do Carmo, a Igreja de São Francisco e o Mosteiro de São Bento (Anexo I, fig. 4), que ocupavam os três vértices do triângulo. Abertas no século XVI, as três ruas faziam parte dos arruamentos mais antigos da cidade e se destacaram pelo comércio especializado e de luxo. Em finais do século XIX e início do século XX, lá se concentrava a vida intelectual e elegante da cidade, com os cafés, hotéis e restaurantes, além das calçadas às quais a sociedade se dirigia para passear e admirar as vitrinas das lojas de moda e joalherias.[48]

Ao longo dos anos as ruas que compõem o Triângulo foram adquirindo várias denominações: a Rua 15 de Novembro, primeiramente, foi Rua Manoel Paes Linhares, nome de um conhecido bandeirante do século XVII que ali residiu. A partir de 1715, passou a se chamar Rua do Rosário, permanecendo assim até 26 de janeiro de 1846, quando, devido à visita da família imperial brasileira à cidade, a Câmara Municipal homenageou a Imperatriz Teresa Cristina, alterando o nome para Rua da Imperatriz. Após a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889, seu nome foi definitivamente mudado para Rua 15 de Novembro. Entre finais do século XIX e início do XX, esta foi retificada, adquirindo um aspecto mais retilíneo.[49]

---

[46] PORTO, Antônio Rodrigues – *História da cidade de São Paulo: através de suas ruas*. São Paulo: Carthago. 1996, pp. 61-62. SCARANO, Julita. Um roteiro paulistano. *In* SERÁPHICO, Luiz (coord.) – *O livro de São Paulo*. São Paulo: RHODIA. 1979, pp. 152.
[47] O acervo Casa da Boia. Disponível em: https://casadaboia.com.br/nossa-loja/. Acesso em: 02/12/2018.
[48] DICIONÁRIO DE RUAS – *História das ruas da cidade de São Paulo*. Prefeitura de São Paulo. Disponível em: https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/. Acesso em: 07/07/2017.
[49] Logradouro oficializado através do Ato nº 972 de 24 de agosto de 1916. DICIONÁRIO DE RUAS – *História das ruas da cidade de São Paulo*. Prefeitura de São Paulo. Disponível em: https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/. Acesso em: 07/07/2017.

Eis o registro das impressões de Junius[50] sobre a então Rua Imperatriz, quando visitou São Paulo, em 1882, confirmando que naquela época havia um intenso e diversificado comércio:

> O feliz mortal que tiver a bolsa cheia para satisfazer seus gostos não precisará, saindo desta rua, procurar em outras os meios para isso; o homem ou senhora que quiser vestir-se, pentear-se, perfumar-se, adornar-se de custosas joias, aqui mesmo encontrará tudo quanto necessário for para que se apresente à moda de Paris: há fazendas, costureiras, cabelereiros, alfaiates, sapatarias, joalheiros e tudo se anuncia ter vindo de Paris.[51]

Foi na *Belle Époque* brasileira que o Triângulo entrou em sua fase mais gloriosa. Era o local do entretenimento, onde aconteciam os encontros sociais nos cafés e restaurantes. Lá desfilavam as modas estrangeiras, era o local do barulho e da pressa. Enfim, onde acontecia a socialização. A Rua 15 de Novembro era considerada a mais importante da cidade, possuía intenso comércio de luxo e magníficos edifícios. Lá se localizavam as redações dos jornais – *Correio Paulistano*,[52] *Diário Popular*, *O Estado de São Paulo* e *A Plateia* –, o Clube Internacional, a São Paulo *Railway Company*, o Restaurante Progredior, a importante Livraria Garraux e o prédio administrativo do *Jockey Club*, que segundo a crônica da época possuía salas para jogos lícitos.[53]

Em 1887, esse logradouro apresentava um número considerável de lojas de joias e de relógios, além de negociantes de ouro, prata e gemas. Entre eles: Henrique Fox; Luiz Bamberg; Casa da *Alliança*, de Caem Levy; Casa Etienne Collet; Casa Hypólito Suplicy; *La Pendule Suisse*, de Maurice Grumbach (fig. 1); Pedro Chiquet; Pendula de Confiança, de Raphael & Meclis; Silberberg, Mühlrad & Poznansk; Zanetti & Moreira; entre outras. Com a entrada do novo século, a tendência foi aumentar o número de joalherias, como a Casa

[50] Junius, pseudônimo de Firmo de Albuquerque Diniz (1828-?). Natural do Rio de Janeiro, estudou na Academia de Direito de São Paulo de 1848 a 1852 e retornou à sua cidade natal depois de formado.
[51] JUNIUS – Já ninguém sai à janela para ver o carro que passa. *In* BRUNO, Ernani Silva – *Memória da cidade de São Paulo: depoimentos de moradores e visitantes (1553-1958)*. São Paulo: Publicação do Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura do Município de São Paulo, 1981, pp. 90.
[52] O *Correio Paulistano*, primeiro diário paulista, lançado em 26 de junho de 1854, encerrou suas atividades em meados do segundo semestre de 1963. Seu fundador foi Joaquim Roberto de Azevedo Marques, proprietário da Tipografia Imparcial. JORNAL *O Correio Paulistano* – primeiro diário paulista. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/memoria/pginterna.php?jornal=cp. Acesso em: 16/02/2017. JORNAL *O Correio Paulistano*. Disponível em: http://www.ieb.usp.br/guia-ieb/detalhe/105. Acesso em: 08/10/2017.
[53] SCARANO, Julita – Um roteiro paulistano. *In* SERÁPHICO, Luiz (coord.) – *O livro de São Paulo*. São Paulo: RHODIA. 1979, pp. 153.

Michel de Worms Irmãos; Mappin & Webb; Casa Henrique; Joalheria Casa Castro; Casa Jacques Netter; Casa Bento Loeb; Casa de Maio; entre outras.[54]



Figura 1. **Maurice Grumbach & Co**. Localizada na Rua 15 de Novembro, nº 46, com a Rua 3 de Dezembro. À direita, no n.º 31/32, prédio onde funcionou o Banco *Brasiliannische fur Deutschland*. Ao lado da joalheria Casa Maurice Grumbach havia a Casa Netter (joalheria), a Livraria Garraux e a Galeria Cristal. [Foto: Aurélio Becherini (entre 1910-1912). Acervos Artísticos e Culturais da Prefeitura de São Paulo – Secretaria Municipal de Cultura. Acervo Fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo].

Comparada à Rua do Ouvidor, a mais alegre e festiva do Rio de Janeiro, a Rua 15 de Novembro (fig. 2) possuía intensa circulação de paulistanos e estrangeiros, esses transeuntes se reunião às portas das lojas, formavam-se diversos grupos de indivíduos, que discutiam os mais variados assuntos. Sendo o principal centro financeiro da cidade, juntamente com a Rua Boa Vista, a Rua 15 de Novembro possuía agências e sedes dos maiores Bancos – *London and Brasilian Bank*, Banco União de São Paulo, *London and River Plate Bank*, Banco Alemão*,* entre outros. Essa característica perdurou até a década de 1970, quando então os bancos foram transferidos para a Avenida Paulista.[55] Na Rua 15 de Novembro também

[54] SECKLER, Jorge – *Almanach da província de São Paulo administrativo, industrial e commercial para 1887*. 1887, pp. 220-221 e 229. SECKLER, Jorge (org.) – *Almanach do estado de São Paulo para 1890*. Sétimo Anno. São Paulo: Jorge Seckler & Comp. 1890, pp. 185 e 197.
[55] PINTO, Alfredo Moreira – *A cidade de São Paulo em 1900: impressões de viagem*. 2ª. Ed. São Paulo: Governo do Estado, 1979, pp. 225-226. DICIONÁRIO DE RUAS – *História das ruas da cidade de São Paulo*. Prefeitura de São Paulo. Disponível em: https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/. Acesso em: 07/07/2017.

transitava bondes que se dirigiam às principais ruas e avenidas da cidade, nomeadamente a Avenida Paulista, a Rua das Palmeiras, a Rua da Consolação e a Avenida Higienópolis.[56]



Figura 2. **Rua 15 de Novembro**. Essa rua passa a ter grande importância para a cidade, abrigando intenso comércio de artigos de luxo e locais de entretenimento. Com destaque para a Casa Michel, com sua cúpula sobressaindo por cima das outras construções. [Cartão Postal. Acervo Denise Worms Kahn].

A Rua Direita passou por várias denominações, primeiramente foi Rua que vai para Santo Antônio, depois Rua Direita de Santo Antônio, Rua Marechal Floriano Peixoto[57] e, por fim, retornou à Rua Direita.[58] Desde o século XVIII, essa artéria foi um local de concentração de moradores e negociantes que ali moravam em casas de taipa de pilão. Eram ricos comerciantes de São Paulo que geralmente vendiam tecidos para vestuário, as

[56] PINTO, Alfredo Moreira – *A cidade de São Paulo em 1900: impressões de viagem*. 2ª. Ed. São Paulo: Governo do Estado, 1979, pp. 226.
[57] A Câmara Municipal mudou seu nome através da Resolução nº 82, em 12/03/1897.
[58] Mudança ocorrida no dia 28/08/1899 pela Lei nº 416. E depois foi finalmente oficializado seu nome pelo ATO nº 972, de 24/08/1916. DICIONÁRIO DE RUAS – *História das ruas da cidade de São Paulo*. Prefeitura de São Paulo. Disponível em: https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/. Acesso em: 07/07/2017.

chamadas "fazendas secas".[59] No século XIX, moraram nessa rua personagens ilustres como o Barão do Tietê, José Manuel da Silva (Santo Amaro, SP, 1793 – São Paulo, 1877), e o Barão da Silva Gameiro, Aires Coelho da Silva Gameiro (Santarém, Portugal, 1808 – São Paulo, Brasil, 1876). Havia joalherias e relojoaria, como as de Domingos da Silva Moreira, Jacob Levy, Manoel Borges de Carvalho e D. Calderaro, entre outras que foram surgindo posteriormente.[60]

Essa rua passou a ser muito valorizada no século XX, com os novos negócios da Metrópole do Café, sediando-se nela escritórios de porte, como I.R.F.M. & Cia. – Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo e Cia., Cia Docas de Santos, da família Guinle; casas de comércio da categoria da Casa Alemã e Mappin Stores; grandes drogarias, entre outros negócios. Anos mais tarde, com o advento do Centro Novo – local onde o comércio de luxo iria se localizar, nas redondezas da Rua Barão de Itapetininga –, a Rua Direita iria aos poucos perder sua importância.[61]

O Edifício Guinle (Anexo I, fig. 5 e 6), inaugurado em 1913 para ser a sede da Guinle & Cia, existe até hoje, na Rua Direita, n.º 49. Construído e projetado em estilo *Art Nouveau* pelo arquiteto catalão Hypólito Gustavo Pujol Júnior (1880-1952) e por Augusto de Toledo (1879-1941), foi um marco para a época, pois era o único com sete andares, altura de 36 metros, além de ter sido o primeiro a usar concreto armado e vigas com uma extensão de 12 metros.[62]

A atividade dos Guinle se iniciou em 1870, com armazéns de produtos importados, *Aux Tuileries*, constituídos pelo patriarca, Eduardo Palassin Guinle (1846-1912, filho de imigrantes franceses), em parceria com seu sócio, Candido Gaffrée (1844-1919), na Rua do

---

[59] BRAGHITTONI, Nelson Leopoldo – *Diálogo rua/cidade: o caso da Rua Direita em São Paulo (1765-1977*). São Paulo: [s.n.], 2015. Tese (Doutorado. Área de Concentração História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, 2015, pp. 7.

[60] SECKLER, Jorge - *Almanach da província de São Paulo administrativo, industrial e commercial para 1887*. Fundado e Organisado por Jorge Seckler. Quinto Anno. São Paulo: Jorge Seckler & Comp., 1887, pp. 220-221 e 229.

[61] BRAGHITTONI, Nelson Leopoldo – *Diálogo rua/cidade: o caso da Rua Direita em São Paulo (1765-1977*). São Paulo: [s.n.], 2015. Tese (Doutorado – História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, pp. 16-17.

[62] CAMPOS, Eudes – *Arquivo histórico de São Paulo: história pública da cidade*. São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011, pp. 220-221. SÃO PAULO CITY – *Edifício Guinle, o primeiro prédio de São Paulo*. Disponível em: https://spcity.com.br/o-primeiro-predio-de-sao-paulo/. Acesso em: 22/04/2019.

Ouvidor, no centro do Rio de Janeiro. Os negócios foram se diversificando através da construção de estradas e ferrovias, do setor imobiliário e, principalmente em 1888, quando conseguiram a concessão, por 92 anos, da reforma e administração do porto de Santos, no Estado de São Paulo. Este veio a se transformar no escoadouro de toda a produção de café do país, chegando a render 24 bilhões de dólares por ano, em valores de hoje. A lendária fortuna da família Guinle como empreendedores pioneiros no século XX, quando o Brasil dava seus primeiros passos rumo à industrialização, dura até hoje. Eduardo Palassin Guinle, Guilhermina e seus sete filhos deixaram suas assinaturas no mundo empresarial, nas artes, nos palcos, no *jet set* internacional, na política, na exploração de petróleo e até mesmo na popularização do futebol como preferência nacional – conheceram tanto a glória quanto o início de um inevitável processo de decadência. A história de ascensão e queda desse império se entrelaça com acontecimentos importantes do Rio de Janeiro dos séculos XIX e XX, um exemplo é a construção do Hotel Copacabana Palace, pelo arquiteto francês Joseph Gire, para receber hóspedes distintos como os Reis dos Belgas que viriam ao Rio de Janeiro para a Exposição Internacional de 1922. No entanto, o hotel não ficou pronto a tempo.[63] Os Reis dos Belgas foram homenageados de forma expressiva quando estiveram no Brasil, e em São Paulo a Casa Michel, através de seu proprietário Alphonse Worms mandou cunhar medalhas com a esfinge do rei dos Belgas, e distribuiu para seus clientes. Em contrapartida, o rei ortorgou à joalheria a honra de serem fornecedores oficiais dos reis dos belgas, como veremos com detalhes no capítulo IV.

A primeira denominação da Rua São Bento foi Rua Martim Afonso Tibiriçá. Com a inauguração do Convento de São Francisco em 17 de setembro de 1647, essa rua passou a ser a Rua que vai para São Francisco, recebendo posteriormente outras denominações como Rua de São Bento para São Francisco, Rua Direita de São Bento e Rua Coronel Moreira César. Porém, esta última não agradou à população, o que trouxe de volta o nome Rua São Bento.[64] Nela se instalaram a Botica Veado d'Ouro, fundada em 1858 por Gustav Schaumann; o *Mappin Stores* (Anexo I, fig. 7), um dos pontos comerciais mais frequentados; e o Grande Hotel, projetado pelo arquiteto alemão Von Puttkamer e inaugurado em 1878.

[63] BULCÃO, Clovis – *Os Guinle: a história de uma dinastia*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.
[64] A Câmara Municipal mudou seu nome através da Resolução nº 82, em 12/03/1897. Rua São Bento – o nome foi definitivamente oficializado pela Lei nº 416, de 28 de agosto de 1899.

Considerado o melhor hotel da cidade, recebeu hóspedes como o Príncipe Henrique da Prússia, irmão do Imperador Guilherme II, em 1885, e a atriz Sarah Bernhardt, em 27 de junho de 1886, quando se apresentou no Teatro São José.[65]

No cruzamento das Ruas São Bento e Direita, ficava o chamado Quatro Cantos,[66] que com a abertura da Praça do Patriarca na década de 1920 foi demolido. Nesse local havia o Hotel de França e o Café Acadêmico. O Café Brandão, ponto de reunião de pessoas influentes, foi demolido; no local se ergueu o Edifício Martinelli, onde na parte térrea funcionou o Cine Rosário nos seus dias de glória.[67]

Na Primeira República (1899-1930), Antônio da Silva Prado[68] (1840-1929), neto do Barão de Iguape da tradicional família da aristocracia paulista, durante seu mandato de 12 anos (1899-1911) como prefeito de São Paulo, revitalizou o centro histórico com demolições e remodelações, bem como trouxe para a capital uma novidade que representava a modernidade da época: o bonde elétrico. Autoridades foram convidadas para a primeira viagem do bonde elétrico, entre elas estavam senadores, deputados, vereadores e representantes da *Light*, empresa responsável pelo serviço. A primeira linha, Barra Funda, foi inaugurada em 7 de maio de 1900 e ligava o Largo de São Bento (Centro) ao fim da Rua Barão de Limeira (Zona Oeste), onde Antônio da Silva Prado morava. Desde 1872, os bondes eram puxados por burros.

O então prefeito tornou a Avenida Tiradentes uma vitrine de sua gestão, com muitas árvores e palacetes, mandou fazer um jardim no terreno em frente ao Museu do Ipiranga, assim como reformou a Praça da República e o Jardim da Luz – aonde ia com a esposa, Maria Catarina, e filhos assistir aos concertos da banda da Força Pública, a antecessora da Polícia Militar, que costumava se apresentar no coreto do parque. O seu grande legado foi a

---

[65] PILAGALLO, Oscar; DIWAN, Pietra – *São Paulo: de vila à metrópole.* São Paulo: Folha de São Paulo, 2012, pp. 41

[66] Era chamado de Quatro Cantos por haver quatro esquinas que formavam um cruzamento perfeito de ângulos retos, difíceis de serem encontrados nessa época.

[67] PORTO, Antônio Rodrigues – *História da cidade de São Paulo: através de suas ruas*. São Paulo: Carthago. 1996, pp. 168-169.

[68] Antônio da Silva Prado formou-se em Direito no Largo São Francisco, em 1861, passou dois anos na Europa para conhecer modelos de empresas e instituições que pudessem ser implantadas no Brasil. Foi vereador pela Câmara Municipal de São Paulo, em 1877; deputado provincial (estadual), deputado geral (federal), senador, ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, ministro dos Negócios Estrangeiros (Relações Exteriores), e conselheiro (membro do Conselho do Império). Manteve-se monarquista até o fim do regime, quando foi proclamada a República em 15 de novembro de 1889.

construção do Teatro Municipal: a obra se iniciou em sua gestão, mas foi inaugurada oito meses depois que ele deixou o cargo, em 12 de setembro de 1911. Seu fascínio por bondes, trens e carros fez com que fosse um dos fundadores do Automóvel Clube de São Paulo. Também mandou derrubar a velha Igreja do Rosário para criar a Praça Antônio Prado. Após seus quatro mandatos consecutivos, em três deles eleito pelos vereadores e em um pelo povo, Antônio Prado se recusou a participar de mais uma eleição, deixando a Prefeitura em 15 de janeiro de 1911.[69]

Entre 1912 e 1926, outros quatro prefeitos – Raimundo da Silva Duprat (1863-1926), Washington Luís (1869-1957), Álvaro Gomes da Rocha Azevedo (1864-1942) e Firmiano de Morais Pinto (1861-1938) – continuaram com as remodelações e demolições de quarteirões – o antigo Quatro Cantos deixaria então de existir para surgir a Praça do Patriarca. O Viaduto do Chá, localizado no Vale do Anhangabaú (Anexo I, fig. 8 e 9), alinhado à Rua Direita, trouxe desenvolvimento para o outro lado do Anhangabaú, que no futuro ficaria conhecido como o Centro Novo, local em que se instalou o comércio de luxo. Até 1910, o vale era o local das plantações de chá e agrião. Em 1927, com o imponente urbanismo que fez parte da remodelação do Anhangabaú concebido pelo urbanista francês Joseph Bouvard, tornou-se um dos endereços mais elegantes da cidade, com parques, os prédios gêmeos do Conde Prates – conhecidos como Palacetes Prates, foram construídos na década de 1910 e projetados pelo agrônomo baiano Samuel das Neves –, onde estava localizada a CMSP, a Prefeitura e o Automóvel Club de São Paulo. O Viaduto do Chá, entre 1936-1938, teve sua estrutura substituída por concreto armado no estilo *Art Déco*, de autoria do engenheiro carioca Elisiário da Cunha Bahiana.[70] A verticalização chegou e dois edifícios se tornaram símbolos de São Paulo: o Edifício Martinelli (1929) e o edifício sede do Banco do Estado de São Paulo (1947), que seguiu a arquitetura do *Empire State Building* de Nova York.[71]

---

[69] GRACIA, Rodrigo – *São Paulo nos trilhos – Antônio Prado*. N.º 24 (mar./jun./2017). Disponível em: <http://www.saopaulo.sp.leg.br/apartes-anteriores/revista-apartes/numero-24-mar-jun2017/no-24-perf-antonio-prado/> Acesso em: 29/05/2019.

[70] CAMPOS, Eudes – *Arquivo histórico de São Paulo: história pública da cidade*. São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011, pp. 109.

[71] GRACIA, Rodrigo – *São Paulo nos trilhos: Antônio Prado*. N. 24 (Mar/Jun/2017). Disponível em: http://www.saopaulo.sp.leg.br/apartes-anteriores/revista-apartes/numero-24-mar-jun2017/no-24-perf-antonio-

1.1.3. Industrialização, agroexportação e comércio

A vinda da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, propiciou que o príncipe regente, Dom João, anulasse o Alvará Régio de 1785, que vetava indústrias no Brasil. Com a Revolução Industrial e a chegada de estrangeiros, foram instaladas indústrias na capital paulista. Em 1811, foi inaugurada a primeira fábrica de tecidos de algodão por iniciativa de Antônio Quartim, em São Paulo. Em 1836, a primeira refinaria de açúcar movida a vapor começou a funcionar em Santos; em 1850, foi construída a primeira fábrica a vapor de tecidos de algodão, em Sorocaba.[72] Apesar de algumas indústrias começarem a se instalar em São Paulo, o Brasil permaneceu agrícola até meados da década de 1830, pois ainda não haviam se estabelecido as manufaturas, e Saint-Hilaire havia previsto que, quando fosse o momento propício para isso, seria em São Paulo que tal empreendimento se iniciaria.[73]

Ao longo da segunda metade do século XIX, surgiram muitas fábricas, algumas tiveram um desenvolvimento considerável, como as de produção de vinhos e as tecelagens de algodão e lã. As indústrias manufatureiras transformaram São Paulo em um dinâmico centro fabril. Diretores de indústrias eram então enviados a países europeus, para estudar o que havia de melhor na fabricação de determinados produtos. Maquinários específicos vinham da Europa, como máquinas para preparar as lâminas, máquinas para aplainar, máquinas a vapor, entre tantas outras. A riqueza mineral nacional contribuiu para o desenvolvimento de grande parte dessas indústrias.[74]

---

prado/. Acesso em: 29/05/2019. TOLEDO, Roberto Pompeu de – *A capital da solidão: uma história de São Paulo das origens a 1900*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, pp. 490-492.

[72] GODOY, Joaquim Floriano de – *A Província de São Paulo: trabalho estatístico, histórico e noticioso*. 2ª ed. fac-similada, introdução e notas de Brasil Bandecchi. São Paulo: Governo do Estado, 1978, pp. 156-157. Resultado do trabalho estatístico, histórico e noticioso destinado à Exposição Industrial de Philadelphia (Estados Unidos), em 1875, oferecido a S. M. Imperial o Sr. D. Pedro II pelo senador do Império Dr. Joaquim Floriano de Godoy.

[73] SAINT-HILAIRE, Auguste François Cesar Provençal – *Viagem à província de São Paulo e resumos das viagens ao Brasil, província cisplatina e missões do Paraguai.* 2ª ed. Biblioteca Histórica Brasileira. Tradução de Rubens Borba de Moraes. São Paulo: Martins, 1940, pp. 181.

[74] GODOY, Joaquim Floriano de – *A Província de São Paulo: trabalho estatístico, histórico e noticioso*. 2ª ed. fac-similada, introdução e notas de Brasil Bandecchi. São Paulo: Governo do Estado, 1978, pp. 24 e 123-124.

Nesse período, a então Província de São Paulo se abastecia de vários produtos manufaturados importados e funcionava como um núcleo de distribuição para o interior.[75] Após a Proclamação da República, em 1889, instalou-se no Brasil um regime reformador e positivista que procurou fortalecer a economia de exportação; surgiram novas oportunidades de investimento que alteraram a economia, modificando as formas de riqueza da sociedade.[76] O grande empresário paulista passou então a realizar uma síntese de funções comerciais, financeiras, industriais e agrárias, estando, portanto, na qualidade de acionista, diretor, expoente de relações familiares, presente em todos os empreendimentos.[77]

Nenhum obstáculo de vulto se opôs ao crescimento das indústrias paulistanas, que foram a mola-mestra do desenvolvimento econômico tornando a cidade um dos grandes centros urbanos contemporâneos.[78] A partir desse desenvolvimento industrial, São Paulo passou a se distinguir como a cidade mais importante do país. Dos milhares de operários, de ambos os sexos, que trabalhavam na indústria, apenas 10% deles eram brasileiros. No início do século, astutos representantes do comércio do Rio de Janeiro viajavam para todas as localidades, vendendo seus produtos sem pagar impostos ao Estado, competindo com os produtos da nascente indústria paulista e, de certa forma, trazendo-lhes prejuízo. Viu-se a necessidade de se cobrar licenças e, assim, deixar-se de prejudicar também o comércio local, importador e intermediário. Pequenas fábricas clandestinas passaram a fazer concorrência com as indústrias: sem registros e livres de impostos, se preocupavam apenas com a aparência do produto, descuidando da qualidade e vendendo abaixo do preço a consumidores menos preocupados com a excelência dos artigos comercializados.[79]

Em 1933, a indústria paulistana possuía 61% do capital total e a mesma proporção em número de operários. A proximidade com o porto de Santos foi fundamental para o

[75] PAULA, Eurípedes Simões de – A segunda fundação de São Paulo: da pequena cidade à grande metrópole de hoje. *In Revista de História da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 8, n. 17, p. 167-179, mar. 1954. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/36096/38817. Acesso em: 02/04/2017, pp. 176-177.
[76] MELLO, Zélia Maria Cardoso de – *Metamorfose da riqueza, São Paulo, 1845-1895*. São Paulo: Hucitec, 1985, pp. 149.
[77] CANABRAVA, Alice – Apresentação. *In* MELLO, Zélia Maria Cardoso de – *Metamorfose da riqueza, São Paulo, 1845-1895*. São Paulo: Hucitec, 1985, pp. 16-17.
[78] PRADO JÚNIOR, Caio – *A cidade de São Paulo: geografia e história*. 13ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983, pp. 59-61.
[79] BANDEIRA JÚNIOR, Antônio Francisco – *A indústria no estado de São Paulo em 1901*. São Paulo: Typographia do Diário Official, 1901, pp. X-XIII.

escoamento das mercadorias e a chegada da matéria-prima importada. A energia necessária para impulsionar a indústria vinha do curso do Rio Tietê, cujas muitas cachoeiras forneciam força hidráulica em abundância.[80] No município de Santana do Parnaíba, junto ao rio Tietê, a *São Paulo Tramway Light & Power Cº. Ltd* – originária do Canadá – possuía uma usina hidroelétrica que proporcionava 12.000 cavalos de força.

Alguns fatores contribuíram para o fortalecimento da indústria, são estes: a Primeira Guerra Mundial (1914-1918); a crise econômica decorrente do *crack* de 1929; a Segunda Guerra Mundial (1939-1945); a facilidade de obtenção de energia elétrica; a existência de um mercado consumidor interno; o afluxo de capitais tanto estrangeiros como nacionais; a facilidade de mão de obra operária, a princípio oriunda da massa imigrada, mais tarde resultante da crise cafeeira de 1929-1930 e do incessante êxodo das áreas rurais; a existência de um mercado fornecedor de matérias-primas dentro do próprio estado ou fora dele; e a importante rede de transportes.

Em 1918 a região possuía pouco menos de dois mil estabelecimentos fabris; em 1932, cerca de 2.100; já em 1947, o número foi elevado a 12 mil. Na década de 1950, havia aproximadamente 20 mil estabelecimentos fabris, onde trabalhavam cerca de 440 mil operários, produzindo mais da metade da produção industrial de todo o país. Quando a crise econômica dos anos 1930 e a Segunda Guerra Mundial bloquearam as importações de bens de consumo, o Brasil viu crescer sua indústria têxtil e de confecções.[81] Para que esse rápido desenvolvimento acontecesse, foram de fundamental importância o espírito empreendedor e a imigração italiana.[82]

A agricultura e a pecuária já estavam presentes na Província no início do século XIX. Produziam-se chá, farinha de mandioca, aguardente e algodão; criavam-se gado – cavalar, muar, lanígero, bovino – e porcos. Com a remodelação e ampliação da cidade, as chácaras

[80] PRADO JÚNIOR, Caio – *A cidade de São Paulo: geografia e história*. 13ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983, pp. 36-37.
[81] PETRONE, Pasquale – São Paulo no século XX. *In* AZEVEDO, Aroldo de – *A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana.* Volume III. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958, pp. 101-103.
[82] BANDEIRA JÚNIOR, Antônio Francisco – *A indústria no estado de São Paulo em 1901*. São Paulo: Typographia do Diário Official, 1901, p. X.

produtoras de chá tornaram-se parte da região central.[83] Um ramo explorado foi o vinho, pois nos arredores da capital existia grande variedade de videiras cultivadas; a cachaça, o açúcar e o fumo foram produzidos em larga escala para o consumo da Província, mas com pequena exportação. Grande parte da cultura do café e algodão passou a ser exportada.[84]

A cultura do café chegou a São Paulo em meados do século XIX, destronando o açúcar, o ouro, os diamantes e o algodão, que em vários momentos haviam ocupado um lugar de destaque na economia. Inicialmente empregou-se mão de obra escravizada. Sua expansão se perpetuou até o terceiro decênio do século XX, quando se encerrou a fase brilhante da história econômica e social paulistana. A contribuição que o desenvolvimento dessa cultura proporcionou foi decisiva para a formação principalmente da sociedade empresarial no século XIX. O algodão foi cultivado em áreas que não serviam para a plantação de café, a maior parte da mão de obra empregada era livre, o que atraía a imigração. Esta exigia menor investimento e o resultado era liquidável no espaço de um ano. Havia falta de ensino profissional agrícola, portanto os instrumentos agrários e industriais foram aperfeiçoados com o tempo.[85]

O ciclo áureo do café foi o construtor da riqueza nacional. A cultura e a exportação do café foram de extrema importância para o estado de São Paulo, impulsionando o parque industrial. Logo, sem a lavoura paulista não haveria a indústria paulista: a primeira permitiu o surgimento e desenvolvimento da segunda.[86]

O complexo cafeeiro, além de integrar o espaço paulista, impulsionou a urbanização do interior, pois o número de municípios passou de 81 para 245 entre 1870 e 1929. Esse

---

[83] BORGES, Urquiza Maria – *Negociantes na cidade de São Paulo (1875-1880).* São Paulo [s.n.], 1979. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, pp. 15.

[84] GODOY, Joaquim Floriano de – *A província de São Paulo: trabalho estatístico, histórico e noticioso*. 2ª ed. fac-similada/ introdução e notas de Brasil Bandecchi. São Paulo: Governo do Estado, 1978, pp. 125-130. SAINT-HILAIRE, Auguste François Cesar Provençal – *Viagem à província de São Paulo e resumos das viagens ao Brasil, província cisplatina e missões do Paraguai.* 2ª Ed. Biblioteca histórica brasileira. Tradução de Rubens Borba de Moraes. São Paulo: Martins, 1940, pp. 202.

[85] FERREIRA, Tito Lívio – *História de São Paulo*. Vol. 2. São Paulo: Gráfica Biblos, 1969, pp. 215. PRADO JÚNIOR, Caio – *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1945, pp. 177-178. SCANTIMBURGO, João de – *Os paulistas: evolução social, política, econômica do povo paulista*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1983, pp. 152. GODOY, Joaquim Floriano de – *A província de São Paulo: trabalho estatístico, histórico e noticioso*. 2ª ed. fac-similada, introdução e notas de Brasil Bandecchi. São Paulo: Governo do Estado, 1978, pp. 125-130.

[86] FERREIRA, Tito Lívio – *História de São Paulo*. Vol. 2. São Paulo: Gráfica Biblos, 1969, pp. 273.

complexo necessitou de uma infraestrutura de armazenagem; transportes ferroviários e marítimos; comunicação; comércio de importação e exportação do café, atendendo as necessidades da capital e de cidades que estavam surgindo; serviços de bancos, companhias exportadoras e seguradoras. Também dinamizou a utilização da força de trabalho imigrante, propiciando o desenvolvimento para além dos cafezais com uma grande produção de alimentos e matérias-primas, produtos industriais e agroindustriais.[87] Podemos observar que, no quinquênio de 1881-1882 a 1885-1886, a exportação de produtos da província de São Paulo, como café, algodão, fumo, açúcar, toucinho, arroz e couro, já eram bem expressivos.[88] (Anexo I, fig. 10). Toda essa prosperidade da cafeicultura foi abalada pela crise de 1929 e sua subsequente depressão, o que contribuiu para a diversificação agrícola através das culturas do algodão, do amendoim e do milho. A carência de divisas forçou a substituição de mercadorias industrializadas estrangeiras por similares nacionais.[89]

O comércio passou a ser uma atividade dominante entre os paulistas assim que as expedições ao interior em busca de ouro terminaram. No final de século XVIII, importavam-se da capital do Império artigos de armarinho, chapéus e tecidos finos; do porto de Santos vinham vinagre, vinho, óleo, sal; do Rio Grande do Sul provinha o gado; e de Itu, o açúcar. Os cidadãos mais ricos eram os homens de negócios e os comerciantes, que concentravam 34,75% da riqueza.[90] Antes da chegada da família real portuguesa ao Brasil, o comércio era feito exclusivamente com a Corte Portuguesa, e este consistia em fornecer ouro e mercadorias, pois havia a proibição da entrada de viajantes estrangeiros no continente brasileiro. Com a vinda da família real portuguesa em 1808, o Brasil torna-se Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, e com a Abertura dos Portos às Nações Amigas ocorreu um desenvolvimento da economia e um aumento nas relações comerciais. Assim, as embarcações passaram a descer à costa brasileira. Atracavam nos portos de cidades em que o comércio era próspero, como as províncias de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Nesse

[87] CANO, Wilson – *Raízes da concentração industrial em São Paulo.* São Paulo: Difel. 1977, pp. 17-120.
[88] SECKLER, Jorge (org.) – *Almanach da província de São Paulo administrativo, commercial e industrial para 1888*. 6.º ANNO. São Paulo Editores/Proprietários Jorge Seckler & COMP. 1888.
[89] LUCA, Tania Regina de – *São Paulo no século XX: segunda metade*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: POIESES, 2011, pp. 6.
[90] BORGES, Urquiza Maria – *Negociantes na cidade de São Paulo (1875-1880).* São Paulo [s.n.], 1979. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, pp. 5, 10 e 12.

período o porto de Santos era ainda insignificante. Com a inauguração da São Paulo *Railway* e a construção do caminho para o mar, o progresso chegou para os paulistas.[91]

No início do século XIX, em São Paulo, o comércio se concentrava no Triângulo Central. Pequenas quitandas de produtos alimentícios como legumes e mercadorias de consumo imediato localizavam-se na Rua da Quitanda – que futuramente em sua esquina com a Rua 15 de Novembro se localizará a Casa Michel de Worms Irmãos –, e, na Rua das Casinhas, encontravam-se produtos indispensáveis como farinha, toucinho, arroz, milho e carne seca.[92] Nesse período, as casas comerciais eram quase todas de portugueses; os bares e cafés serviam de ponto de encontro, principalmente dos homens, onde havia certa concorrência entre a cachaça brasileira e os bons vinhos servidos pelos portugueses.[93]

O comércio de importação de produtos vindos do continente europeu tomou impulso a partir de 1860, principalmente porque a navegação à vela foi substituída pelo vapor, reduzindo o tempo de travessia do Atlântico.

No ano de 1865, a exportação de metais preciosos, ouro e prata ocorria mensalmente pelo porto do Rio de Janeiro. Os valores comercializados mudavam a cada mês, a variação do ouro estava entre 78:471$000 e 2.665:960$200 réis, e a da prata entre 930$000 e 15:286$000 réis.

Em 1871 havia a exportação de ouro, prata, cobre e papel. O ouro ia para a Grã-Bretanha, França, Portugal e possessões, Itália, Bélgica, Espanha, Peru, Estados Unidos, Hamburgo (Alemanha), Rio da Prata e províncias do Império. Já a prata ia para Grã-Bretanha, França, Portugal e possessões, Rio da Prata e províncias do Império. As importações de diferentes produtos eram direcionadas para diversos setores da indústria, do comércio, da saúde, entre outros. Vinham dos portos de Amsterdam, Antuérpia, Baltimore, Barcelona, Boston, Cabo da Boa Esperança, Cádiz, Canadá, Copenhague, Gênova, Glasgow,

---

[91] MORAIS, Rubens Borba de – Introdução. *In* SAINT-HILAIRE, Auguste de – *Viagem à província de São Paulo e resumos das viagens ao Brasil, província cisplatina e missões do Paraguai.* 2ª Ed. Biblioteca Histórica Brasileira. Tradução de Rubens Borba de Moraes. São Paulo: Martins, 1940, pp. 5-6, 9-10.
[92] SAINT-HILAIRE, Auguste François Cesar Provençal – *Viagem à província de São Paulo e resumos das viagens ao Brasil, província cisplatina e missões do Paraguai.* 2ª Ed. Biblioteca Histórica Brasileira. Tradução de Rubens Borba de Moraes. São Paulo: Martins, 1940, pp. 181.
[93] BORGES, Urquiza Maria – *Negociantes na cidade de São Paulo (1875-1880).* São Paulo [s.n.], 1979. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, pp. 15.

Hamburgo, Havre, Ilha dos Açores, Londres, Málaga, Marselha, Nova York, Trieste, Valparaiso, entre outros.[94] (Anexo I, fig. 11)

No mês de junho de 1879, em apenas um dia, foram instalados na capital paulista os seguintes estabelecimentos: uma fábrica a vapor de chapéus de Carlos Messemberg & Comp., na Rua Direita; a relojoaria e ourivesaria de Francisco Guilherme dos Santos, na Rua São Bento; e a casa de modas *Au rendez-vous parisien*, de Josephine Santos, na Rua São Bento.[95] O comércio encontrava-se em pleno desenvolvimento, importava-se de tudo: "[...] pinho de Riga, mármore de Carrara, chapa galvanizada de Flandres, vidro colorido da Bélgica, telhas de ardósia e de cerâmica de Marselha, ferragens inglesas, [...] luminárias com cristal da Bohemia, cimento em barricas da Noruega [...]".[96]

O desenvolvimento da economia originou mão de obra assalariada, os trabalhadores transformaram parte de sua renda em artigos de consumo, o que favoreceu o mercado interno. Também a chegada em massa dos imigrantes, que foram absorvidos pela agricultura, pela indústria e pelo comércio,[97] aqueceu o mercado de trabalho. A atividade comercial crescia ano a ano. Em 1918 a cidade paulistana já se posicionara como a segunda praça comercial do país, possuindo 8.088 casas comerciais, com capital em torno de Rs. 120:000$000 (cento e vinte contos de réis); e no final desse ano, os 14 estabelecimentos bancários computavam depósitos totais na importância de Rs. 488:456$000.[98]

As importações e exportações de mercadorias, realizadas através do porto de Santos, chegavam às localidades mais afastadas através da rede de estradas de ferro como a Santos-Jundiaí, que se tornou vital para o deslocamento dos produtos entre a capital e o interior do estado. Devido à importância de seu porto, instalaram-se na cidade de Santos sedes consulares de diversos países como Áustria, Dinamarca, Holanda, Suécia, Noruega, Bélgica,

---

[94] LAEMMERT, Eduardo von – *Almanak administrativo, mercantil e industrial da Corte e da capital da província do Rio de Janeiro* para o ano de 1872. 29.º Anno. Rio de Janeiro: Editor E. & H. Laemmert, 1872.
[95] JORNAL *A Província de São Paulo*. (22/06/1879), pp. 3.
[96] DANON, Diana Dorothéa; TOLEDO, Benedito Lima de – *São Paulo: Belle Époque*. São Paulo: Editora Nacional; EDUSP, 1974, pp. 5.
[97] PEREIRA, Luiz Carlos Soares; PIRES, Luana de Piva – São Paulo: o nascimento de uma metrópole. *In Revista Historiador*. N. 1 - Ano 1. – (dezembro/2008), pp. 21-32. Disponível em: http://www.historialivre.com/revistahistoriador/um/luiscarlos.pdf. Acesso em: 21/10/2016, pp. 26-27.
[98] PESTANA, Paulo R. – A cidade de São Paulo. *In* AMARAL, Amadeu – *A capital paulista*: *comemorando o centenário da Independência*. São Paulo: Sociedade Editora Independência. 1920, pp. 7.

França, Itália, Portugal, Alemanha, República Argentina, Estados Unidos, Peru, Repúblicas do Uruguai e Chile.[99]

O comércio de luxo ao gosto francês no vestir, no comer e no falar influenciaram a sociedade, principalmente as famílias mais abastadas, que passaram a seguir os novos costumes; o francês passou a ser a segunda língua da elite. As casas de comércio frequentadas por essa classe estavam repletas de produtos importados da França, estes se tornaram símbolo de qualidade, luxo e sofisticação.[100] Tais casas localizavam-se nas principais ruas do Triângulo Central da capital paulistana.

Uma contribuição para as casas de comércio foi a forma de se comercializar advinda das grandes lojas de departamentos estrangeiras, onde os produtos ficavam expostos em vitrinas setorizadas. A venda era feita a preços fixos, facilitando a aquisição para todos os gostos e bolsos. Essa maneira de expor os produtos nas vitrinas que tanto seduziam os clientes teve seu início nas exposições universais.[101] Com o comércio em franca ascensão, foram criadas referências visuais que se apropriavam de acontecimentos, ideias e comportamentos vindos do exterior. A criação das vitrinas e de uma comunicação diferenciada nos anúncios, dinamizou a difusão dos produtos e serviços.[102]

A partir de 1875 começaram a surgir reclames com ilustrações que tinham uma função central; os textos eram compostos por uma variedade de tipos gráficos e montados de forma manual nas tipografias. Na década de 1880, alguns comerciantes chegavam a estampar páginas inteiras com seus anúncios, começando a se preocupar em fixar sua marca na mente do consumidor através de logotipos acompanhados do respectivo endereço do estabelecimento. Desenhos, litogravuras e xilogravuras também passaram a ocupar um lugar cada vez maior nos anúncios de jornais. Com a importação de maquinário e novas técnicas

---

[99] GODOY, Joaquim Floriano de – *A província de São Paulo: trabalho estatístico, histórico e noticioso*. 2ª ed. fac-similada, introdução e notas de Brasil Bandecchi. São Paulo: Governo do Estado, 1978, pp. 152.
[100] BIVAR, Vanessa dos Santos Bodstein – Nas fronteiras da imigração: os franceses e suas vivências em São Paulo. *In Revista Navegar*, vol. 1, nº 1, (julho/2015), pp.150-176. Disponível em: http://docplayer.com.br/16125975-Nas-fronteiras-da-imigracao-os-franceses-e-suas-vivencias-em-sao-paulo.html. Acesso em: 02/12/2016, pp. 153-156.
[101] BARBUY, Heloisa – *A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914.* São Paulo: EDUSP, 2006, pp. 71. OLIVEIRA, Milena Fernandes de – *Consumo e cultura material, São Paulo "Belle Époque" (1890-1915).* Campinas: [s.n.], 2009, pp. 274. Tese (Doutoramento em Desenvolvimento Econômico), Instituto de Economia Universidade de Campinas.
[102] KLINTOWITZ, Jacob – *A arte do comércio I, São Paulo 1900 – 1930*. São Paulo: SENAC, 1988, pp. 14-16.

de impressão, periódicos passaram a ser ilustrados; revigorando a imprensa, os anúncios ganharam cores.[103] Os anúncios e os *afiches* apoderaram-se das ideias e das formas fluidas e dinâmicas da *Art Nouveau*, provocando uma revolução da estética, esse tipo de publicidade se tornou verdadeira aliada do comércio para atrair a clientela.[104]

1.2. A sociedade paulistana

A expansão econômica contribuiu de forma decisiva para a formação e edificação da sociedade empresarial. O país passou por três grandes aristocracias, a primeira foi a dos senhores de engenho, depois a dos grandes mineradores e, por fim, a dos fazendeiros de café, que se tornaram a elite social brasileira. Os fazendeiros desempenharam um papel importante para São Paulo, conquistando o cenário político brasileiro até chegar à sua liderança efetiva.[105] Nesse período os fazendeiros mais abastados viviam em suas fazendas, que possuíam mobília austríaca e imponentes escarradeiras de louça, de Sèvres e Limoges, douradas a fogo, traços característicos de uma época da civilização paulista.[106]

O café enriqueceu a todos que o exploraram, principalmente os latifundiários, grandes fazendeiros e os patriarcas. Estes últimos constituíram a base da tradicional sociedade cafeeira e o motor do desenvolvimento nacional. Seus filhos bacharéis foram os que, com novas ideias, acabaram agitando essa sociedade, do abolicionismo à República, destruindo os fundamentos aristocráticos que amparavam sua natureza patriarcal. Essa sociedade cafeeira adaptou-se aos novos tempos e, ultrapassando as adversidades, chegou até o ano de 1930. Com a liberdade dos mercados e os preços protegidos no Brasil, a cafeicultura conseguiu se sustentar por mais vinte anos e, devido ao aumento da procura,

---

[103] CATÁLOGO *100 anos de propaganda*. São Paulo: Abril Cultural. 1980, pp. 5, 7 e 15.
[104] CHAMPIGNEULLE, Bernard – *A Art Nouveau*. São Paulo: Verbo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976, pp. 11-12 e 255-270.
[105] PRADO JÚNIOR, Caio – *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1945, pp. 177-178. SCANTIMBURGO, João de – *Os paulistas: evolução social, política, econômica do povo paulista*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1983, pp. 156.
[106] MORAIS, Rubens Borba de – Introdução. *In* SAINT-HILAIRE, Auguste François Cesar Provençal – *Viagem à província de São Paulo e resumos das viagens ao Brasil, província cisplatina e missões do Paraguai.* 2ª Ed. Biblioteca Histórica Brasileira. Tradução de Rubens Borba de Moraes. São Paulo: Martins, 1940, pp. 16.

provocou uma superprodução. O enriquecimento do povo paulista se deu graças ao desempenho da sociedade cafeeira, seguida pela classe industrial.[107]

Algumas antigas fazendas de café ou engenhos brasileiros até os dias atuais mantêm preservadas suas instalações com objetos e mobílias da época, como mobiliário austríaco, francês e brasileiro; cristais; lustres; porcelanas; papéis de parede; estátuas de bronze; pinturas *trompe l'oeil* ou ainda objetos pessoais como bengalas; cartolas; entre outros. Recebem visitantes para hospedagem, visitação tipo *Day Use* ou eventos; algumas delas viraram casa-museu ou fazenda-museu. Com a mão de obra escravizada, essas fazendas atingiram seu apogeu no século XIX, em virtude da grande riqueza trazida pelo café e pelos engenhos de cana-de-açúcar.



Figura 3. **Fazenda Montevideo**, em Araras. Seu casarão é um patrimônio tombado pelo CONDEPHAAT. Pertenceu a José de Lacerda Guimarães. [Fazenda Montevideo. Disponível em: https://www.fazendasantigas.com. Acesso em: 20/09/2021]

Há uma infinidade desses patrimônios catalogada. Muitos deles serviram de cenário para novelas, minisséries e produções televisivas. Os mais distintos receberam visitas ilustres, como Dom Pedro II, Conde D'Eu, entre outros membros da família real e personalidades importantes da história brasileira. Várias fazendas se destacaram em sua época, como a Fazenda Ibicaba, localizada em Cordeirópolis; a Fazenda Loanda, em Bananal; a Fazenda Santa Gertrudes, que foi a mais importante propriedade cafeeira do

[107] SCANTIMBURGO, João de – *Os paulistas: evolução social, política, econômica do povo paulista*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1983, pp. 155-156.

município de Rio Claro; entre tantas outras. Algumas delas têm seu casarão tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo – CONDEPHAAT, como o caso da Fazenda Montevideo, em Araras (fig. 3). Foi fundada em 1848 por José de Lacerda Guimarães (2º Barão de Arary), que se casou com sua sobrinha Maria Dalmácia de Lacerda Guimarães, filha de seu irmão Bento de Lacerda Guimarães (Barão de Araras).[108]

Na metade do século XIX, a elite paulistana era composta pelos fazendeiros que produziam açúcar ou plantavam café; por comerciantes – de muares, de tecidos, de ferragens ou armazéns de molhados –; fabricantes de vela e charutos; além de outros profissionais que se ocupavam da advocacia, de cargos públicos, escrivão ou delegado, sendo todos estes considerados mais abastados do que o restante da população.[109] Uma classe numerosa de comerciantes que negociavam de tudo chegou a fazer fortunas. Existiam também os alfaiates, sapateiros, marceneiros e os ourives que, no início desse século, produziam peças de ouro e prata confeccionadas principalmente em filigrana; e pela escassez de médicos, os boticários os substituíam.[110]

Na década de 1880, o Oeste paulista exportava mais da metade da produção brasileira, e os fazendeiros mais capitalizados transferiram-se para a cidade de São Paulo, como Antônio Pais de Barros, grande fazendeiro em Rio Claro e 1º Barão de Piracicaba. Ele foi morar nas imediações da Estação Ferroviária da Luz, pois facilitava sua locomoção em suas viagens tanto para suas fazendas no interior quanto para o porto de Santos. Era na capital que as autoridades provinciais, sediadas ali, tomavam as decisões políticas para o futuro da economia cafeeira paulista.[111]

Outras famílias fixaram residência na capital, entre estas podemos citar Campos Penteado, Almeida Prado, Arruda Botelho, Toledo Piza, Cunha Bueno, Teixeira de

[108] FAZENDAS ANTIGAS. Disponível em: https://www.fazendasantigas.com. Acesso em: 20/09/2021.
[109] PIRES, Mário Jorge – *Sobrados e barões da velha São Paulo.* Barueri, SP: Manole, 2006, pp. 30.
[110] MAWE, John – *Viagens ao interior do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Zélio Valverde, 1944, pp. 74-75, 77-80, 84-85, 90-93. BEYER, Gustavo – Ligeiras notas de viagem do Rio de Janeiro à capitania de São Paulo em 1813. *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, XII. 1908, pp. 286-296.
[111] CAMPOS, Eudes – Nos caminhos da Luz, antigos palacetes da elite paulistana. *In Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.13. n.1. pp. 11-57. jan.-jun. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142005000100002. Acesso em: 30/03/2018.

Camargo, Souza Queiroz, Chaves, Soares de Camargo, Martins Bonilha, Leme do Prado, Araújo Cintra, Ribeiro de Barros, Ferreira de Camargo, Jordão e Silva Prado. As famílias paulistas tradicionais, ao expandirem seus cafezais pelo interior, ajudaram a fundar novas cidades, levando como lema "se mais terra houvera lá chegara".[112] Com a Abolição da Escravatura, a propriedade passou a ter valor monetário e a mudar de mão com maior rapidez.[113]

Entre 1880 e 1910, o Brasil se tornou o maior produtor mundial de café, e os fazendeiros, seus parentes e contraparentes tornaram-se donos, sócios ou representantes de exportadoras, de importadoras ou de distribuidoras, com uma caderneta de clientes de cerca de 6 mil comerciantes por todo o país. Levavam o dinheiro para seus próprios bancos e financiavam a indústria cujos produtos distribuíam para os 6 mil comerciantes.[114]

Com um golpe de Estado em 15 de novembro de 1889, o levante político-militar acabou com o Império, instalando-se a República Federativa Presidencialista. São Paulo virou um Eldorado, pois "legitimou-se a figura do homem cujo objetivo é enriquecer". Além de ter seu patrimônio e dirigir a parte comercial do seu trabalho de longe, os fazendeiros foram também financistas, importadores, especuladores, além de se introduzir em atividades imobiliárias e bancárias, logo possuíam várias atividades ao mesmo tempo. Como exemplo, o fazendeiro Antônio Prado, que entre 1884 e 1887 exerceu a função de Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, foi também Senador, comerciante e importador através da firma Prado, Chaves & Cia. A partir de 1887, constituiu a indústria Vidraria Santa Marina e foi promotor de imigração. Entre 1889 e 1910, foi banqueiro e industrial do Curtume Água Branca e do frigorífico de Barretos.

A Proclamação da República tinha como intuito aquecer a industrialização e instigar a atividade econômica do país, mas aconteceu o maior surto inflacionário do Brasil. Abateu-se então uma crise nos anos de 1890 e 1891, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo.

---

[112] SCANTIMBURGO, João de – *Os paulistas: evolução social, política, econômica do povo paulista*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. 1983, pp. 154-155.
[113] ÂNGELO, Ivan – 1880-1913: Movido a café. *In* PICCAZIO, Cláudia (Org.) – *São Paulo 110 anos de industrialização: 1880-1990*. São Paulo: Editora Três. 1992, pp. 9.
[114] IDEM, *Ibidem*. 1992, pp. 15-16.

Essa turbulência econômica ficou conhecida como Encilhamento,[115] e muitos tiveram seu patrimônio financeiro arruinado.

A amenidade do clima, a proximidade com a costa litorânea e as facilidades de comunicação foram fatores fundamentais para que os imigrantes europeus se adaptassem na cidade de São Paulo. Eram homens de classes mais elevadas; magistrados que estudaram na Europa, se casaram em São Paulo, formaram família e procuraram transmitir a seus filhos certa distinção e finura de trato.[116]

Ao chegarem no Brasil, alguns imigrantes deixaram de ser empregados e tornaram-se patrões; outros da pequena burguesia, que possuíam algum conhecimento técnico, introduziram-se no comércio; aqueles que conheciam os processos industriais se iniciaram na indústria; além daqueles que chegaram a ser contratados para trabalhar nas fazendas ou trouxeram suas economias para começar a vida. O primeiro imigrante a tornar-se milionário foi Giovani Briccola: chegou como engenheiro da Companhia Paulista, mas tornou-se rico ao trabalhar como agente do Banco de Nápoles. Outros que enriqueceram foram o Ramenzoni, com fábrica de chapéus; o Scarpa, com fábrica de tecidos (este começou como operário); e Francisco Matarazzo, que chegou a formar um império industrial em São Paulo, as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo.[117]

O Conde Francisco Matarazzo nasceu em Castellabate, na Itália, em 1854. Seus progenitores foram Dr. Costabile Matarazzo e Mariângela Jovane. Ela teve a ventura de acompanhar toda a triunfal carreira do seu filho e faleceu em São Paulo. Após a morte prematura de seu pai na Itália, Francisco abandonou os estudos para cuidar do destino da família, como filho mais velho. Aos 27 anos resolveu tentar a sorte no Brasil, que se encontrava na metade do Segundo Império. Ele encontrou vastas oportunidades que

---

[115] Encilhamento – expressão extraída do vocabulário utilizado em hipódromos e que designava o clima de confusão, desordem e febril jogatina que reinava nos locais das corridas onde os jóqueis encilhavam seus cavalos. REVISTA do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *História – encilhamento: crise financeira e República*. 2011. Ano 8. Edição 65 – (05/05/2011). Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2490:catid=28&Itemid=23. Acesso em: 19/07/2020.

[116] SAINT-HILAIRE, Auguste François Cesar Provençal – *Viagem à província de São Paulo e resumos das viagens ao Brasil, província cisplatina e missões do Paraguai.* 2ª Ed. Biblioteca Histórica Brasileira. Tradução de Rubens Borba de Moraes. São Paulo: Martins, 1940, pp. 188.

[117] ÂNGELO, Ivan – 1880-1913: Movido a café. *In* PICCAZIO, Cláudia (Org.) – *São Paulo 110 anos de industrialização: 1880-1990*. São Paulo: Editora Três. 1992, pp. 10-11.

poderiam ser desenvolvidas, prevendo um próspero futuro industrial. Em 1882, Francesco (como era conhecido) abriu sua primeira casa comercial em Sorocaba. Anos depois implantou a primeira fábrica de banha em lata do país. Em 1890, criou a sociedade Matarazzo & Irmãos, com três de seus irmãos, Giuseppe, Luigi e Andrea, que já se encontravam estabelecidos no Brasil. São Paulo despontava como polo industrial quando ele passou a operar em um armazém, na Rua 25 de Março, para a distribuição da banha. A sociedade foi desfeita seis meses depois. Uma reforma financeira implantada por Rui Barbosa, então Ministro da Fazenda, trouxe consequências econômicas.[118]

> O Decreto n.º 164, de 17 de janeiro de 1890, outorgou plena liberdade às sociedades anônimas, o que propiciou a multiplicação de empresas de todo tipo, ainda que pelo aproveitamento de estabelecimentos industriais que já funcionavam artesanalmente. Foi uma fase de euforia econômica desenfreada a que caracterizou o biênio 1890-1891, levando até à formação de companhias sem nenhuma viabilidade econômica[119].

O Conde Francesco Matarazzo se casou com a Condessa Filomena Sansevieri Matarazzo, com quem teve 13 filhos, sendo esse clã (fig. 4) um dos principais moradores da Avenida Paulista. Alguns desses filhos residiram nessa casa e nas proximidades dela.



Figura 4. **O Clã Matarazzo.** No jardim do palacete da Avenida Paulista, da esquerda seguindo sentido anti-horário: Cláudia, Olga, Lili, a Condessa Filomena Sansevieri, Eduardo, Chiquinho, o Conde Francesco Matarazzo, Mimi, Lydia, Andrea, Ermelino, Peppino, Theresina, Mariangela e Attílio. [LIMA, Jorge da Cunha (*et. al*.) – *Matarazzo 100 anos IRFM*. São Paulo: CL-A Comunicações S/C Ltda, 1982, pp. 25].

[118] LIMA, Jorge da Cunha (*et. al*.) – *Matarazzo 100 anos – IRFM*. São Paulo: CL-A Comunicações S/C Ltda, 1982, pp. 23-25.
[119] IDEM, *Ibidem*. 1982, p. 25.

Em 15 de março de 1891, foi constituída uma sociedade anônima, Companhia Matarazzo S.A., com mais de 43 acionistas, sendo que sua participação não ultrapassava 10% das ações. Com a venda das fábricas de Sorocaba e de Porto Alegre para a nova Companhia, Francesco e seu irmão Andrea abriram nova firma com o nome de F. Matarazzo e Cia Ltda, em São Paulo. Foi quando ambos foram morar em palacetes na Avenida Paulista. Sobre essa família e sua indústria trataremos no subcapítulo 1.2.2 *Os imigrantes e sua contribuição*.

1.2.1. Famílias tradicionais

A mobilidade foi um dos traços principais da formação do território paulista, sobretudo com a multiplicação das fazendas de café.[120] A família exerceu influência na formação da estrutura social, econômica e política do estado. Por motivo de viuvez ou ausência dos maridos em virtude de trabalho externo, as mulheres se fizeram às vezes de chefes de família, se tornando parte importante da sociedade na formação brasileira.

Famílias, para se manter no poder econômico e político, criaram estratégias, expandiram fronteiras, manipularam casamentos e formas de herança, bem como procuraram obter título de nobreza. Nos estudos sobre a família paulista, o casamento aparece como instituição fundamental para a manutenção e transmissão de fortunas desde a época da colônia. As mulheres se casavam entre os 19 e 20 anos, enquanto os homens, para acumular bens, casavam-se mais tarde, entre os 30 e 32 anos. A conveniência de interesses era uma preocupação nesses casamentos, procuravam-se pares de mesmo nível social, fosse entre os familiares ou indivíduos de outras localidades, fosse entre fazendeiros ou grandes comerciantes. Expandiram-se as fronteiras geográficas e grandes fortunas se formaram, além do prestígio e *status* que as famílias adquiriram. Com o casamento, a manutenção e transmissão de riquezas estavam garantidas através dos dotes ou heranças em terras.[121]

---

[120] SETUBAL, Maria Alice – Famílias paulistas, famílias plurais. *In* SETUBAL, Maria Alice (coord.) – *Modos de vida dos paulistas: identidades, famílias e espaços domésticos.* São Paulo: CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004, pp. 52.
[121] IDEM, *Ibidem*. 2004, pp. 54-56.

Quanto aos dotes da menina casadoura, mais de 90% das famílias paulistas davam dotes para todas as suas filhas no século XVII. Com o passar do tempo esse costume sofreu um declínio, e em meados do século XX o quadro mudara completamente, as filhas não eram mais favorecidas em detrimento dos filhos. Ao casarem-se, as esposas eram sustentadas pelos seus maridos, ao invés de prover, como acontecera no século XVII.[122] Os dotes paulistas para as moças eram formados tanto pelos meios de produção – terras para a agricultura, ferramentas, maquinário, gado e mulas – como pelos bens de consumo – casas, mulheres escravizadas, enxoval e joias, que elas recebiam em seus casamentos.

> [...] Estudos têm demonstrado que a expansão das fronteiras geográficas e políticas, de modo a ampliar as terras pertencentes aos membros de uma mesma família e, simultaneamente, estender seu poderio político e social a essas localidades, constituiu um fenômeno comum no desbravamento do território paulista. Isso ocorreu especialmente no Oeste, a partir do século XIX, com a lavoura de café.[123]

Observou-se tal fato no controle sobre o espaço urbano na cidade de Jaú, onde membros da família Almeida Prado, fazendeiros originários de Itu, ocuparam cargos elevados na administração municipal, proporcionando ampla esfera de influência e poder para toda a família. Os fazendeiros de café passaram a obter títulos de nobreza, adquirindo reconhecimento como grupo social de prestígio capaz de figurar entre os poderosos do Império. Além dos títulos de barões (do café), possuíam o de viscondes, condes e marqueses, antecipando o triunfo político dos paulistas que se consolidaria com a República.[124]

Inúmeros membros da sociedade paulista foram condecorados com títulos nobiliárquicos criados pelo imperador Dom Pedro II do Brasil, alguns destes ilustres titulares somaram vários títulos. Eram dados como recompensa por serviços prestados à pátria, não eram hereditários e não podiam ser comercializados, como ocorreu em alguns países da Europa. O título mais elevado no Brasil era o de Duque, vindo logo abaixo de Príncipe. Seguindo a sequência decrescente, teremos Marquês, Conde, Visconde e Barão.

---

[122] NAZZARI. Muriel – Os dotes paulistas: composição e transformações. *In Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 9, nº 17, pp. 87-100, set. 88/fev. 89, pp. 88-89.
[123] SETUBAL, Maria Alice – Famílias paulistas, famílias plurais. *In* SETUBAL, Maria Alice (coord.) – *Modos de vida dos paulistas: identidades, famílias e espaços domésticos.* São Paulo: CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2004, pp. 55.
[124] IDEM, *Ibidem*. 2004, pp. 55-56 e 62.

No século XIX, os portadores dos títulos de nobreza tornaram suas casas mais sólidas e luxuosas, aumentando o número de móveis e objetos decorativos em seu interior, além de bens de uso pessoal – joias de ouro e prata. Algumas joias eram usadas tanto por mulheres quanto por homens, eram broches, botões decorados com pedras preciosas, fivelas para sapatos, brincos e anéis, todos em ouro.

Os membros condecorados, proprietários de grandes latifúndios, chegaram a mudar suas residências para a província paulistana, e formavam verdadeiros clãs, que incluíam a esposa, filhos, padrinhos, afilhados, parentes, amigos, entre outros. João de Ataliba Nogueira (1834-1921), o Barão de Ataliba Nogueira, formou-se advogado pela Faculdade de Direito São Francisco, cultivou café na Fazenda Santa Úrsula em Jaguariúna, foi membro do Partido Liberal de Campinas e presidente da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Pai de Guiomar Ataliba Nogueira, que se casou com Luís Xavier de Andrade; Guiomar, foi avó de Iolanda Penteado, esposa de Francisco Antônio Paulo Matarazzo Sobrinho, industrial e mecenas.[125]

José Guedes de Souza (1830-1897), Barão de Pirapitinguy (1887), (fig. 5) era natural de Mogi Mirim. Casou-se com Carolina Leopoldina de Almeida Lima, com quem teve três filhos homens e quatro mulheres, entre elas Olivia Guedes Penteado, que se tornou uma mulher conhecida na alta sociedade paulista da época. No final deste capítulo nos trataremos mais na sua vida. O Barão era neto do Capitão Francisco Barreto Leme do Prado, natural de Taubaté e fundador da cidade de Campinas. Seus avós maternos eram Antônio Alvares de Almeida Lima, fazendeiro em Limeira, e Maria Emília de Toledo – eles eram primos-irmãos. A Fazenda da Barra, no município de Mogi-Mirim, cultivava café e criava cavalos ingleses importados pelo Barão. Ele deu a seus filhos uma educação austera, com professores particulares, e vida cultural intensa, levando a família a teatros para assistir peças líricas e concertos.[126]

---

[125] SCANTIMBURGO, João de – *Os paulistas: evolução social, política, econômica do povo paulista*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1983, pp. 157-166. NOSSO SÉCULO – *Memória fotográfica do Brasil no século 20.* Vol. I, 1900-1910. São Paulo: Abril Cultural. 1980, pp. 95-96. GENI, My Heritage – *João de Ataliba Nogueira.* Disponível em: https://www.geni.com/people/Jo%C3%A3o-de-Ataliba-Nogueira-bar%C3%A3o-de-Ataliba-Nogueira/6000000019139529619. Acesso em: 12/04/2019.

[126] DANTAS, Arruda – *Dona Olivia: Olívia Guedes Penteado*. São Paulo: Sociedade Impressora Pannartz, 1975, pp. 7-9.



Figura 5. **Família Guedes de Souza** – a Baronesa e Barão de Pirapitinguy, com seus filhos e a mais velha, Olívia Guedes Penteado, em pé à direita da foto. [Campinas em Foco – *Olívia Guedes Penteado*, mulher de fibra. Disponível em: https://campinasnostalgica.wordpress.com/2014/06/27/mulher-de-fibra. Acesso em: 24/03/2018]

Durante o século XIX, o Império criou aproximadamente 1.300 titulares. Destes, cerca de 165 estavam ligados à produção cafeeira de São Paulo.[127] Segundo o *Almanaque da província de São Paulo*, em 1887, havia 2 condes; 1 condessa viúva; 2 viscondes com grandeza; 1 barão com grandeza; 1 baronesa viúva com grandeza; 5 viscondes; 4 viscondessas viúvas; 29 barões; e 3 baronesas viúvas.[128] O número de titulares reduziu drasticamente a partir de 1890, devido à idade avançada dos proprietários e à mudança de regime, ainda que o Império tenha concedido títulos em profusão nos seus últimos anos.[129] Algumas dessas mulheres usavam os títulos dos maridos já falecidos, como as Baronesas de Arary, de Dourados, de Limeira e de Piracicaba.[130]

Na última década do século XIX e nas primeiras do século XX, surgiram outros tipos de titulares cujos títulos foram obtidos através do Vaticano.

> Essa nobreza, conhecida normalmente sob as designações de *nobreza papal, nobreza do Vaticano* ou *nobreza pontífica*, consistiu-se de magnatas que, pela realização de obras filantrópicas, doações à Igreja ou custeio de obras pioneiras, receberam do papa os títulos de nobreza, normalmente os de Barão ou Conde.[131]

[127] PIRES, Mário Jorge – *Sobrados e barões da velha São Paulo.* Barueri, SP: Manole, 2006, pp. 38.
[128] SECKLER, Jorge (Org.) - *Almanach da província de São Paulo administrativo, industrial e commercial para 1887*. Quinto Anno. São Paulo: Editores-proprietários Jorge Seckler & Comp., 1886, pp. 47-49.
[129] PIRES, Mário Jorge – *Sobrados e barões da velha São Paulo.* Barueri, SP: Manole, 2006, pp. 42.
[130] Lista dos Assinantes n. 23, (maio/1903) – Companhia Telefônica do Estado de São Paulo. São Paulo, Duprat & C., 1903. IDEM, *Ibidem*, 2006, pp. 43.
[131] IDEM, *Ibidem*, 2006, pp. 48.

Esses novos nobres titulados se distinguiram não só pela produção cafeeira, mas por atividades comerciais e industriais. Como exemplo, o Conde Álvares Penteado – Antônio Álvares Leite Penteado –, neto de fazendeiros de café, que formou a Fazenda Palmeiras aos 22 anos de idade, chegou a possuir 750 mil pés de café, além de fundar a fábrica Santana de Tecidos de Juta e, posteriormente a Companhia Paulista de Aniagem.[132] O Conde de Lara, Antônio de Toledo Lara, empresário imobiliário que chegou a possuir a maior parte dos prédios do centro da cidade de São Paulo.[133] O Conde Prates, Eduardo da Silva Prates, comerciante abastado que teve seu nome ligado à diretoria de distintas empresas, como a Companhia Paulista de Estradas de Ferro e a Companhia Central de Armazéns Gerais, e do Banco de São Paulo, além de se dedicar ao cultivo do café em sua fazenda em Rio Claro.[134]

Desde o final do século XIX, as mulheres da elite paulista tinham à sua disposição serviçais para os trabalhos domésticos e dessa forma foram adquirindo outros papeis no grupo familiar. Elas asseguravam a formação, harmonização e perpetuação dos valores familiares, compartilhavam do *status* dos maridos e organizavam as atividades da casa, tendo sido fundamentais para a continuidade dos clãs familiares. A esposa do Conde do Pinhal, Ana Carolina de Arruda Botelho, além dos cuidados com os 12 filhos e supervisão dos afazeres domésticos, fazia a gerência dos 300 empregados da fazenda, o que implicava a confecção de roupas, alimentação e cuidados com a saúde, além da elaboração de remédios com ervas medicinais.[135] Outros papéis assumidos por algumas figuras femininas na ausência dos maridos estavam ligados às lideranças sociais, pois eram mulheres de negócios e líderes políticas locais.

No início do século XX, o surto de urbanização e modernização da capital atraiu a elite paulista e os fazendeiros, que se instalou em mansões e palacetes dos novos bairros

---

[132] PRADO, Maria Cecília Naclério Homem – Uma família paulista. *In* PRADO, Maria Cecília Naclério Homem – *Vila Penteado*. São Paulo: Secretaria de Ciência, Cultura e Tecnologia do Estado de São Paulo/Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 1976, pp. 59.
[133] AZEVEDO, Jose Clóvis Vicente de – A nobreza pontífica. *In Revista do Instituto Genealógico Brasileiro*. São Paulo, nº 2, maio/1980, pp. 136. PIRES, Mário Jorge – *Sobrados e barões da velha São Paulo.* Barueri, SP: Manole, 2006, pp. 48.
[134] PIRES, Mário Jorge – *Sobrados e barões da velha São Paulo.* Barueri, SP: Manole, 2006, pp. 49.
[135] SETUBAL, Maria Alice – Famílias paulistas, famílias plurais. *In* SETUBAL, Maria Alice (coord.) – *Modos de vida dos paulistas: identidades, famílias e espaços domésticos.* São Paulo: CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004, pp. 76 e 79-81.

criados nos moldes europeus. Nesse processo, a mulher que administrava a fazenda foi desaparecendo, e redefine-se o papel feminino com novas atividades no interior do espaço doméstico, preservando no imaginário a importância do amor familiar e do cuidado com o marido e com os filhos.

Havia certa preocupação em educar a mulher para o seu papel de guardiã do lar e da família por parte dos meios médicos, educativos e da imprensa. Na formulação de uma série de propostas, a medicina, por exemplo, sugeria que as mulheres se ocupassem ao máximo dos afazeres domésticos para combater o ócio. A mulher, esposa e mãe de família burguesa, considerada a base moral da sociedade, precisaria seguir normas castas com o marido, precaver-se da castidade das filhas, constituir uma prole saudável e cuidar do seu comportamento.[136]

Algumas mulheres estiveram à frente de seu tempo, como Veridiana Valéria da Silva Prado (1825-1910), Maria Angélica de Souza Queiroz Aguiar de Barros (1842-1929), Olivia Guedes Penteado (1872-1934) e Yolanda Penteado (1903-1983), incentivaram e apoiaram movimentos artísticos e culturais da época.[137]

No transcorrer do século XIX, consagrou-se a produção da literatura voltada para as boas maneiras, que possuía uma estrutura original, com leitura rápida, objetiva e de fácil consulta.[138] Eram encontradas nas livrarias brasileiras e conhecidas como Manuais de Civilidade e Etiqueta, além de outras publicações que seguiam os mesmos princípios, como *Código do bom tom*[139] ou *Regras da civilidade e de bem viver no século XIX*. Utilizados por uma sociedade ávida por aparentar refinamento e se distinguir do restante da população, esses manuais propunham um comportamento modelo para ser utilizado nas relações entre os indivíduos. Muitos deles foram reproduções e adaptações dos escritos estrangeiros que

[136] D'INCAO, Maria Ângela – Mulher e família burguesa. *In* PRIORE, Mary Del (org.) – *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000, pp. 230.
[137] SETUBAL, Maria Alice – Famílias paulistas, famílias plurais. *In:* SETUBAL, Maria Alice (coord.) – *Modos de vida dos paulistas: identidades, famílias e espaços domésticos.* São Paulo: CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004, pp. 82.
[138] SANTOS, Márcia Regina dos – *Educar para (com)viver: formação em manuais de etiqueta à luz do tempo presente*. *In Cadernos do tempo presente*, São Cristóvão SE, v. 8, n. 4, (jul./dez./2017), pp. 67-78. Disponível em: http://www.seer.ufs.br/index.php/tempo. Acesso em: 08/10/2018.
[139] Este Manual foi escrito pelo Cônego português José Inácio Roquette e publicado em 1845.

aqui chegaram vindos principalmente de Portugal e da França.[140] No início do século XX, ampliou-se sua difusão pelo país.[141]

Os manuais apresentavam objetivos, regras e conceitos a serem seguidos nos espaços públicos ou privados, educando gestos e conduta pessoal em festas de casamentos, batizados, jantares, ou em casa, com os cuidados pessoais. Nesse contexto, a mulher foi subjugada às regras de boas maneiras, pois havia significados distintos entre os papeis femininos e masculinos. Destacam-se o *Livro das donas e donzelas*[142] e o *Livro das noivas*,[143] publicados por Júlia Lopes de Almeida, jornalista carioca e forte defensora dos direitos da mulher, características que para a época ecoavam um pouco fora de tom, uma vez que era raro uma mulher alcançar sucesso com seus escritos.

Através desses livros de crônicas e textos educativos, procurava-se instruir as jovens, casadoiras e recém-casadas, nas artes de cuidar do marido e da vida no lar. Havia conselhos médicos para a saúde dos nubentes, receitas culinárias, etiquetas à mesa, tabelas de pesos e medidas, literatura, além de outras informações de grande utilidade e interesse. "[...] As mulheres passaram a refinar seus modos, a aprender como se portar em público, dominar as artes domésticas e do bem receber; enfim, tornaram-se distintas e apresentáveis com o objetivo de transmitir a boa imagem da família".[144]

Nesse início do século XX, dava-se ênfase ao tratamento cerimonioso dos homens para com as mulheres, eles têm

> "[...] de ceder o passo a uma senhora; ocupar-se de sua vizinha à mesa; não ficar sentado quando uma senhora está de pé; aliviá-la do peso ou do incomodo de pacotes, ou pequenos embrulhos, se a acompanha a compras; abrir a porta da carruagem, do caminho de ferro ou do automóvel, subindo ou descendo primeiro, para ajudá-la a subir ou descer."[145]

[140] ROCHA, Rita de Cássia Luiz da – *Manuais de civilidade e educação: a conduta da juventude feminina de Sophie Christ*. São Paulo: [s.n.], 2018, pp. 48-50. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba/UNIMEP.
[141] CAMPOS, Daniela Queiroz – Garotas no país do bom tom: a civilidade entre manuais e revistas. *In História: Questões & Debates*, Curitiba, volume 66, n.1, pp. 169-195, (jan./jun. 2018), pp. 177.
[142] ALMEIDA, Julia Lopes de – *Livro das donas e donzelas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia. 1906.
[143] IDEM – *O Livro das noivas*. São Paulo: Castorino Mendes Editor, 1929.
[144] FIGUEIREDO, Jéssica Patrícia – *Etiqueta e hospitalidade: do "bom-tom" às "boas maneiras"*. São Paulo: [s.n.], 2007, pp. 36. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade), Universidade Anhembi Morumbi, SP.
[145] COSTA, Emília de Sousa – *Na sociedade e na família*. Lisboa: Livraria Clássica Editora. 1943, pp. 6.

A vinda das famílias tradicionais do interior paulista para a capital ocasionou mudanças comportamentais na sociedade em ascensão que, sem perder os costumes familiares, procurou se adaptar às novas etapas da vida social. Assim, elas incorporavam novas atitudes e tarefas – os títulos procurados pelos homens agora, por exemplo, eram o de doutor em suas atividades universitárias específicas. Havia algumas regras tradicionais para tirar fotos em família, normalmente o patriarca ficava no centro, sentado, rodeado pela esposa, filhos, genros, noras e netos (Anexo I, fig. 12). Em uma fotografia menos tradicional, o patriarca aparece sentado, ladeado pela esposa e filhos e a babá segurando a criança mais nova do casal (Anexo I, fig. 13).

1.2.2. Os imigrantes e suas contribuições

No período de 1500 a 1808, além dos portugueses e africanos, os estrangeiros que entraram no Brasil o fizeram à revelia dos descobridores, como os franceses no século XVI e os holandeses no século XVII. A partir do primeiro quartel do século XIX, estabeleceu-se a política de atrair novos contingentes populacionais. Os primeiros imigrantes a chegarem às terras brasileiras foram os alemães, pelo fato de ser o alemão a língua materna da Princesa Leopoldina (1797-1826), esposa de Dom Pedro I (1798-1834).[146] A vinda do imigrante europeu contribuiu para o desenvolvimento nacional, pois, após a abolição, substituíram a mão de obra escravizada nas lavouras. Embora o governo paulista buscasse direcionar o imigrante para a estrutura agrária, grande parte deles buscou centros urbanos como São Paulo e cidades emergentes do interior.

No início do século XIX, as primeiras experiências de colonização estavam voltadas para o assentamento de alemães nos estados do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. A partir de 1850, após alguns intervalos, retomou-se a imigração com maior ímpeto, devido à abolição do tráfico de escravizados e da Lei de Terras.[147]

---

[146] PILAGALLO, Oscar; DIWAN, Pietra – *Imigrantes: esperança em terra nova.* São Paulo: Folha de São Paulo, 2012, pp. 7.

[147] A Lei de Terras, sancionada por D. Pedro II, ficou conhecida como lei nº 601 de 18/09/1850. Essa lei determinou parâmetros e normas sobre a posse, manutenção, uso e comercialização de terras no período do Segundo Reinado.

> [...] Desde o reinado de D. Pedro I a imigração se fez presente, dirigindo-se, preferencialmente, para as Regiões Sudeste e Sul do País, onde, a partir de 1824, fundou-se a colônia alemã de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. No final desta década, sempre por iniciativa do governo imperial, também foram estabelecidos colonos alemães em São Pedro de Alcântara e Mafra (SC) e em Rio Negro (PR), no ano de 1829.[148]

Os primeiros colonos estrangeiros foram introduzidos em São Paulo e liberados pela portaria de 8/11/1827, assinada pelo então Ministro do Império, Visconde de São Leopoldo. O pioneirismo na substituição do braço escravizado pelo braço livre e o início do estabelecimento de colônias estrangeiras na província couberam ao Senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, natural de Trás-os-Montes, Portugal. Em 1828, chegaram à província 926 alemães trazidos pelo Governo Geral. Estes se fixaram em Santo Amaro e Itapecerica, e 336 deles formaram um núcleo de colonização agrícola sob a direção do Dr. Justiniano de Mello Franco. Tempos depois, dispersou-se esta colônia, e aqueles que continuaram na lavoura adquiriram riqueza. Para sua fazenda em Piracicaba, o Senador Vergueiro contratou cerca de oitenta colonos portugueses em 1840; para sua Fazenda Ibicaba, localizada hoje no município de Limeira,[149] mais 423 imigrantes da Alemanha, em julho de 1847.

A Fazenda Ibicaba foi fundada em 1817; trinta anos depois, antes da abolição, recebeu os alemães para substituir a mão de obra escravizada. A empresa Vergueiro e Comp. recrutava os imigrantes e financiava a viagem; estes tinham que quitar sua dívida trabalhando por pelo menos quatro anos. Cada família recebia um determinado número de pés de café para cultivar, colher e beneficiar, além de roças para o plantio de mantimentos, sendo que o produto da venda tanto do café quanto dos mantimentos era repartido entre o colono e o fazendeiro. Esses contratos ficaram conhecidos como Sistema de Parceria. Cerca de mil pessoas, entre portugueses, suíços e alemães, viviam em Ibicaba, que era quase independente, havendo até circulação interna de moeda própria. Esse modelo de colonização obteve sucesso por uma década, servindo de exemplo para todo o país. Pela sua importância e o reconhecimento político do Senador Vergueiro, a Fazenda Ibicaba chegou a recebeu personalidades ilustres, entre elas Dom Pedro II, a Princesa Isabel e o Conde D'Eu, além de

---

[148] GREGORY, Valdir – Imigração alemã: formação de uma comunidade teuto-brasileira. *In* BRASIL: *500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007, pp. 143.

[149] GODOY, Joaquim Floriano de – *A província de São Paulo: trabalho estatístico, histórico e noticioso*. 2ª ed. fac-similada, introdução e notas de Brasil Bandecchi. São Paulo: Governo do Estado, 1978, pp. 131-132. FERREIRA, Tito Lívio – *História de São Paulo*. Vol. 2. São Paulo: Gráfica Biblos, 1969, pp. 203.

ter servido de estação militar durante a Guerra do Paraguai. Um dos primeiros motores a vapor de São Paulo foi importado pela Ibicaba.[150]

Esse sistema de contratação de imigrantes baseava-se no mesmo modelo utilizado pelos Estados Unidos na imigração de ingleses no período colonial. Após algumas mudanças ocorridas em 1870, decidiu-se que o governo pagaria a viagem sem necessidade de reembolso, o fazendeiro assumiria os gastos do imigrante durante o primeiro ano de trabalho, liberando terras para cultivo dos bens para sua subsistência, também sem reembolso.[151]

Os colonos eram recrutados na Europa mediante contratos classificados em quatro ordens: remuneração do trabalho; pagamento a preço fixo de alqueire do café colhido; salário fixo quanto à cultura do café; e locação de serviços. Com o movimento colonizador, surgiram alguns aspectos animadores para a sociedade: as famílias brasileiras passam a trabalhar na agricultura, sujeitando-se às colônias; aumento das pequenas propriedades; aperfeiçoamento dos processos de produção do café e algodão, que acrescentavam grande valor ao produto final; novas indústrias; melhorias na educação pública, com o conhecimento de várias línguas e costumes estrangeiros; aumento da riqueza pública, com o desenvolvimento da exportação; estabelecimento de uma comunicação maior entre Europa e Brasil, o que abriu portas para a imigração.[152]

No meio desses imigrantes estavam trabalhadores especializados, artesãos, mestres industriais, artistas, professores e cientistas, pessoas competentes que trouxeram diferentes técnicas, além de um conhecimento necessário para a ampliação dessas atividades. A imigração estrangeira forneceu um contingente humano grande, contribuindo para o notável crescimento demográfico.[153]

Com a Convenção de Itu em 18 de abril de 1873, condensaram-se as aspirações do Partido Republicano, se constituindo em São Paulo um controlado programa de ação: a

---

[150] FAZENDA Ibicaba – História. Disponível em: https://www.fazendaibicaba.com.br/r.php?l=historia. Acesso em: 15/04/2021.
[151] CASTELLANI, José – *São Paulo na década de trinta*. São Paulo: Editora Policor Ltda, 1977, pp. 105-106.
[152] GODOY, Joaquim Floriano de – *A província de São Paulo: trabalho estatístico, histórico e noticioso*. 2ª ed. fac-similada, introdução e notas de Brasil Bandecchi. São Paulo: Governo do Estado, 1978, pp. 132-133.
[153] SOUZA, Everardo Vallim Pereira de – Reminiscências acadêmicas 1887-1891. *In* MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.) – *Vida cotidiana em São Paulo no século XIX: memórias, depoimentos, evocações*. São Paulo: Ateliê/IMESP/Editora Unesp/Secretaria de Estado da Cultura, 1998, pp. 219. PRADO JÚNIOR, Caio – *A cidade de São Paulo: geografia e história*. São Paulo: Brasiliense, 1983, pp. 59-60.

Abolição (13/05/1888) e a Proclamação da República (15/11/1889). A iniciativa particular em prol do trabalho livre cresceu. Martinho Prado Júnior fundou a Sociedade de Imigração, composta por ilustres cafeicultores paulistas: Conde de Parnaíba, Marquês de Itu, Marquês de Três Rios, Visconde do Pinhal, Barão de Tatuí, Barão de Piracicaba, entre outros.[154]

Antes da extinção da escravidão, Queiroz Teles (Visconde de Parnaíba) e o Conselheiro Antônio Prado haviam organizado a importação de colonos alemães, italianos, suíços, espanhóis, austríacos, húngaros, checos, poloneses e russos.[155] Com a vinda dos imigrantes a lavoura paulista se preparou para a abolição, substituindo os escravizados por trabalhadores livres.[156] A cidade de São Paulo oferecia aos imigrantes condições peculiaríssimas de geografia e clima: calor, umidade do trópico, geologia não muito acidentada, altitude média e a fecunda terra roxa – terra *rossa*, como diziam os italianos.[157]

O aumento do fluxo de imigrantes no Brasil foi bem-visto pelas autoridades brasileiras. Os administradores dessa sociedade oitocentista aprovaram leis para conceder cidadania ao europeu que a solicitasse. As leis sancionadas entre 1890 e 1892 impediam a entrada de africanos, e as de 1907 proibiam a vinda de inválidos e idosos. No início do século XX, a chegada de imigrantes em massa foi vista com certa desconfiança, pois se suspeitava de ações políticas, anarquistas e comunistas, ou que delinquentes e criminosos fossem enviados pelos governantes europeus a fim de se livrar deles. A partir de 1920, cresce o número dos que veem na imigração uma ameaça, o que levou à tentativa de suspendê-la temporariamente na década de 1930.[158]

Os recursos filantrópicos para os imigrantes e necessitados eram feitos através de associações beneficentes estrangeiras, hospitais e casas de caridade, que recebiam e tratavam todos os indivíduos de forma gratuita, independentemente de sua nacionalidade ou origem.[159] A Câmara Britânica de Comércio e Indústria no Brasil (*The British Chamber of*

---

[154] FERREIRA, Tito Lívio – *História de São Paulo*. Vol. 2. São Paulo: Gráfica Biblos, 1969, pp. 216.
[155] SCANTIMBURGO, João de – *Os paulistas: evolução social, política, econômica do povo paulista*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1983, pp. 152.
[156] CASTELLANI, José – *São Paulo na década de trinta*. São Paulo: Editora Policor Ltda, 1977, pp. 106.
[157] SCANTIMBURGO, João de – *Os paulistas: evolução social, política, econômica do povo paulista*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1983, pp. 153.
[158] VENÂNCIO, Renato Pinto – Presença portuguesa: de colonizadores a imigrantes. *In BRASIL*: *500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007, pp. 75.
[159] GODOY, Joaquim Floriano de – *A província de São Paulo: trabalho estatístico, histórico e noticioso*. 2ª ed. fac-similada/ introdução e notas de Brasil Bandecchi. São Paulo: Governo do Estado, 1978, pp. 145.

Commerce and Industry in Brazil), associação sem fins lucrativos cujos objetivos básicos eram ajudar a desenvolver o comércio entre a Grã-Bretanha e o Brasil, oferecia informações, cursos, sugestões e outras atividades, além de proporcionar estrutura apropriada para a promoção de contatos e oportunidades entre os representantes de empresas brasileiras e britânicas.[160]

A presença de imigrantes estrangeiros e seus descendentes se fez sentir no comércio, na indústria e nos serviços. Os estabelecimentos comerciais e industriais de propriedade dos estrangeiros recebiam o nome e sobrenome de seus proprietários, em sua maioria eram franceses, ingleses, alemães e italianos. Tal fato se verificou nas joalherias, hotéis, lojas de artigos de luxo, de moda, cafés, serrarias e maquinarias. Esses estrangeiros apareceram nas mais diferentes atividades do comércio, da indústria, em funções técnicas especializadas, nas artes e no ensino, contribuindo para construir o futuro do país que escolheram para viver, além de prosperarem em seus empreendimentos.[161]

Os imigrantes ao chegarem faziam o mesmo itinerário. Após o desembarque no porto de Santos, eram levados ao Centro de Imigração em São Paulo, se hospedavam na Hospedaria dos Imigrantes,[162] no Brás, e posteriormente eram encaminhados para o Oeste paulista, onde se concentravam as grandes fazendas de café.

A preservação de elementos culturais se estendeu por diversas gerações, em torno da escola, da igreja, de associações, na difusão da língua, no apego às tradições e na imprensa, persistindo até os dias atuais. Vieram da Alemanha professores contratados pelos colonizadores com o objetivo de ensinar a ler, a escrever, a contar e a transmitir valores culturais de modo a manter costumes e tradições. Também surgiram as sociedades recreativas e esportivas – clubes de caça e tiro, salões de baile, jogos de bola – cujas

[160] MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.) – *Brasi – Grã-Bretanha: uma relação de cinco séculos*. São Paulo: Museu a Céu Aberto, 2010, pp. 34.
[161] GREGORY, Valdir – Imigração alemã: formação de uma comunidade teuto-brasileira*. In BRASIL: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007, pp. 150. BORGES, Urquiza Maria – *Negociantes na cidade de São Paulo (1875-1880).* São Paulo [s.n.], 1979, pp. 127. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. PILAGALLO, Oscar; DIWAN, Pietra – *Imigrantes: esperança em terra nova.* São Paulo: Folha de São Paulo, 2012, pp. 9.
[162] A Hospedaria dos Imigrantes começou a funcionar a partir da década de 1880 e recebeu mais de dois milhões de estrangeiros; hoje abriga o Memorial do Imigrante.

atividades de lazer eram ao mesmo tempo um lugar de preservação de costumes e hábitos dos imigrantes que foram sendo assimilados pelos brasileiros.[163]

A imigração lusitana teve por base quatro etapas específicas: a de imigração restrita (1500-1700), com a vinda de 500 a 5 mil portugueses por ano; a de imigração de transição (1701-1850), com 600 mil portugueses vindos para o Brasil; a imigração de massa (1851-1960), com cerca de 1.521.553 portugueses; e a imigração de declínio (1961-1991), em que se reiniciou progressiva diminuição dos fluxos migratórios internacionais para o Brasil. As descobertas de ouro em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso foram favoráveis à vinda de imigrantes de Portugal. A partir de 1850, mulheres e crianças passaram a representar um número cada vez maior nos grupos que cruzaram o Atlântico.[164]

O imigrante português não se apegou à agricultura, preferiu se dedicar ao comércio de secos e molhados, dominando o setor de padarias, confeitarias, empórios, bares e estabelecimentos atacadistas do ramo. Com o passar do tempo essa tendência se manteve, fazendo com que o setor de atividade mercantil se transformasse em monopólio dos portugueses. Uma das benfeitorias criada por esses estrangeiros na área da saúde foi a criação da Sociedade Portuguesa de Beneficência, por iniciativa do português Miguel Gonçalves dos Reis, em reunião ocorrida na casa de Ayres Coelho da Silva Gameiro,[165] em 2 de outubro de 1859, com membros da colônia portuguesa domiciliados na capital paulista.

Pouco se sabe a respeito dos espanhóis que vieram para São Paulo após suas passagens pelas hospedarias de imigração, com exceção daqueles previamente contratados, como os trabalhadores procedentes de Vigo, que em 1905 desembarcaram no porto de Santos para prestar serviço na construção da Estrada de Ferro Araraquara. Lavradores espanhóis chegaram para substituir os italianos no plantio do café, mas sua permanência nas fazendas foi breve: transferiram-se para a capital e juntaram-se ao trabalhador urbano. No início do século XX, a cidade de Santos ganhou o apelido de Barcelona Brasileira por abrigar

[163] GREGORY, Valdir – Imigração alemã: formação de uma comunidade teuto-brasileira. *In BRASIL*: *500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE. 2007, pp. 154.
[164] VENÂNCIO, Renato Pinto – Presença portuguesa: de colonizadores a imigrantes". *In BRASIL*: *500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007, pp. 64-65 e 70-72.
[165] Ayres Coelho da Silva Gameiro depois se tornou Barão da Silva Gameiro; sua residência se localizava na Rua Direita, n. 45.

numerosa colônia espanhola e ser o centro de agitação e organização operárias dominado pelos imigrantes ibéricos. [166]

Por afinidade linguística e cultural, os espanhóis poderiam preferir a Argentina, mas um grande número deles, por volta de meio milhão, acabou se estabelecendo no Brasil. Eles vinham da Galícia e Andaluzia, consideradas regiões pobres da Espanha.[167] Alguns espanhóis se dedicaram a atividades do comércio de retalho e ao ramo de cafés, charutarias, casas de pasto, botequins, pensões e pequena hotelaria; outros se dispersaram pela indústria da construção civil, setor de transportes e serviços portuários. Esses estrangeiros também criaram caixas de socorro mútuo para auxílio médico, financeiro e jurídico aos mais necessitados. Algumas dessas entidades beneficentes deram origem às primeiras organizações de trabalhadores. Os descendentes dos imigrantes espanhóis atuaram em variados setores de serviços e comércio por atacado, à semelhança do empresariado de origem portuguesa.[168]

Entre 1870 e 1920 houve uma grande imigração vinda da Itália; 42% do total, aproximadamente 1,4 milhão, eram italianos; e 30% destes constituíam-se de vênetos, seguidos dos habitantes da Campânia, Calábria e Lombardia. O povo italiano teve uma aceitação muito rápida na sociedade brasileira, correspondendo a uma espécie de "tipo ideal" por serem latinos e pela proximidade da língua, religião e costumes, pois não havia riscos de se formarem núcleos étnicos que ameaçassem a integridade do território brasileiro e sua segurança. Havia uma política de branqueamento da população que esperava, assim, tornar o povo "mais civilizado".[169]

A imigração italiana contribuiu de forma profunda para a cultura brasileira. Grande parte desses imigrantes foi levada às fazendas paulistas de café para substituir o braço escravizado, outra se dirigiu aos núcleos de colonização oficiais, localizados no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo, e uma terceira parte desses imigrantes, que

---

[166] GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal; VAINFAS, Ronaldo – *Sonhos galegos: os espanhóis no Brasil*. *In BRASIL: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007, pp. 114.
[167] PILAGALLO, Oscar; DIWAN, Pietra – *Imigrantes: esperança em terra nova.* São Paulo: Folha de São Paulo, 2012, pp. 8.
[168] GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal; VAINFAS, Ronaldo – *Sonhos galegos: os espanhóis no Brasil*. *In BRASIL: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007, pp. 116 e 120.
[169] GOMES, Ângela de Castro – *Imigrantes italianos*: entre a *italianità e a brasilidade*. *In BRASIL: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007, pp. 161,164.

foi crescendo com o passar do tempo, localizou-se nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.[170] Operários na indústria paulista nascente, chegaram a representar, em 1901, 90% dos 50.000 trabalhadores de fábricas. Também no setor de serviços serviam como mascates, artesãos e pequenos comerciantes; motorneiros de bonde e motoristas de táxi; vendedores de frutas e verduras, tanto como ambulantes como em mercados; garçons em restaurantes, bares e cafés; engraxates, vendedores de bilhetes de loteria e jornaleiros.

Um exemplo de imigrante italiano que enriqueceu foi o Conde Francesco Matarazzo, vindo de uma família de classe média, chegou ao Brasil em 1881, sendo um dos poucos italianos que fez fortuna no Brasil nessa mudança de século. Munido de alguns recursos e tendo a ideia de estabelecer uma fábrica de banha, viu seu negócio prosperar e se diversificar. Vinculou sua imagem aos esportes ao doar um terreno para a construção do estádio Palestra Itália, que em 1942 – e por causa da Segunda Guerra Mundial – se tornou Sociedade Esportiva Palmeiras. O Conde Francesco Matarazzo é considerado um mito, pois com ele se iniciou o processo de industrialização paulista. Para os italianos, o poder da Igreja Católica na sociedade brasileira foi fundamental. Vários hábitos alimentares e costumes italianos se perpetuaram pela tradição familiar e da comunidade italiana, como exemplo o *fettuccine*, a tarantela, a "*Fiat*, que simboliza, em sua diversidade e complementariedade entre tradição e progresso, o que é ser italiano no Brasil".[171]

O Brasil foi o destino de muitos judeus e cristãos-novos, originários de Portugal, Espanha, Marrocos, Inglaterra, França, Turquia, Alemanha, Áustria, Polônia, Rússia, Romênia, Holanda, Hungria, Egito, entre outros países.

> [...] Nas primeiras décadas do século XIX, comerciantes judeus inglês e francês mudaram-se para o Rio de Janeiro. O mais conhecido deles, o francês Bernard Wallerstein, dono de uma casa de moda feminina que também vendia calçados, charutos, joias e vinhos, era o maior fornecedor da Casa Imperial, figurando nas memórias de Joaquim Manuel de Macedo como o "Carlos Magno da Rua do Ouvidor". Mais para o fim do século, a este grupo vieram se juntar judeus da região da Alsácia-Lorena, à época disputada em guerras entre França e Alemanha.[172]

[170] GOMES, Ângela de Castro – *Imigrantes italianos*: entre a *italianità e a brasilidade*. *In BRASIL: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE. 2007, pp. 166-167.
[171] IDEM, *Ibidem*, 2007, pp. 171 e 174-177.
[172] GRINBERG, Keila – *Nova língua interior: os judeus no Brasil*. *In BRASIL: 500 anos de povoamento.* Rio de Janeiro: IBGE, 2007, pp. 125-130.

Depois da Primeira Guerra Mundial, o maior contingente de imigrantes judeus se instalou nas cidades de Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro. Após 1925, cerca de dois terços dos imigrantes judeus chegavam com passagens pré-pagas por seus parentes já estabelecidos no país. Esses imigrantes ainda não adaptados à "sociabilidade brasileira [...] recriaram no Brasil a intensa vida cultural e política de que desfrutavam anteriormente, fundando jornais, bibliotecas, escolas, sinagogas, associações femininas, de ajuda mútua e de apoio a recém-chegados".[173]

Na década de 1930, quando estavam sendo formadas as universidades brasileiras, estas empregaram cientistas e intelectuais pela importância que os judeus davam à educação e ao ensino superior, como foi o caso dos químicos Heinrich Rheinboldt e Fritz Feigl, do físico Hans Stammreich, do biólogo Ernst Marcus e dos intelectuais Jacó Guinsburg e Anatol Rosenfeld. Os judeus brasileiros passaram a conviver com todas as esferas da vida brasileira, pois já se haviam familiarizado com os costumes desta sociedade, principalmente na área cultural, como os artistas Lasar Segall e Franz Kracjberg e o escritor Moacyr Scliar. Mesmo abordando a temática judaica, eles procuravam trazê-la para temas de interesse geral do grande público.[174] Muitos destes judeus se dedicaram ao ramo de joalheria, como foi o caso da família Worms, imigrantes franceses e donos da Casa Michel.

Em pequeno grupo vieram os suíços, apenas 265 famílias, totalizando em torno de 1.500 pessoas, sendo a maioria da cidade de *Freiburg*. Essas famílias chegaram por volta de 1818 e se instalaram na região serrana do Rio de Janeiro, onde o clima é parecido com o de seu país de origem. Aí se estabeleceu a cidade de Nova Friburgo, tornando-se a primeira colônia oficial não lusitana no Brasil.[175]

Os japoneses foram os últimos a entrar no país. O navio *Kasato Marui,* que trouxe a bordo a primeira leva de imigrantes, 781 pessoas, aportou em Santos em 18 de junho de 1908. Viagens subsequentes transportaram mais de 10 mil japoneses até a eclosão da Primeira Guerra, que interrompeu a fase inicial da grande imigração para o Brasil.

[173] GRINBERG, Keila – *Nova língua interior: os judeus no Brasil*. *In BRASIL: 500 anos de povoamento.* Rio de Janeiro: IBGE, 2007, pp. 134.
[174] IDEM, *Ibidem*. 2007, pp. 139.
[175] PILAGALLO, Oscar; DIWAN, Pietra – *Imigrantes: esperança em terra nova.* São Paulo: Folha de São Paulo, 2012, pp. 7.

Desconhecendo a língua e os costumes locais, os japoneses tiveram maiores dificuldades de adaptação. A presença japonesa se fez sentir principalmente no Bairro da Liberdade, onde a atmosfera oriental pode ser percebida nas lojas, com seu comércio repleto de artigos orientais, na decoração e iluminação das ruas e nos restaurantes com as comidas típicas.[176]

Os imigrantes árabes, ao chegarem ao Brasil, instalaram-se em cidades da Região Norte – Manaus, São Luís e Belém – e na Região Sudeste – São Paulo e Rio de Janeiro.

> [...] os sírios e os libaneses, cuja imigração, desde fins do século XIX, foi menos expressiva, emprestariam algo de sua cultura ao comércio popular da Rua Vinte e Cinco de Março, em São Paulo. [...] A maioria trabalhou como mascate[177] nas casas comerciais libanesas espalhadas pelo país até consolidarem uma rede de comércio nas principais capitais em meados do século XX.[178]

Esses mascates percorriam as fazendas e vilarejos; quando se tratava de artigos de luxo para as famílias mais ricas, faziam-se passar por franceses, para melhor impressionar a clientela. No início do século XX chegaram sírios e libaneses com experiência no comércio de tecido, roupa e armarinho. Os que não conheciam o ramo eram iniciados por parentes e amigos, de modo que quase todos começavam com a mala nas costas por São Paulo, pelo interior e outros estados. Com o tempo e os primeiros lucros, começaram a trocar a mascateação por uma loja na Rua 25 de Março, que geralmente tinha nos fundos uma oficina onde se faziam camisas e outras peças. Os judeus foram chegando e montando outra frente comercial e industrial a alguns quarteirões de distância, no bairro do Bom Retiro; já os italianos se dedicavam mais à alfaiataria.[179]

Em 1816, começaram a vir para o Brasil os primeiros imigrantes franceses. Esse processo teve características distintas daqueles provenientes de outras nações, pois não se deu em massa, mas de forma individual e espontânea. O aliciamento de trabalhadores franceses para a lavoura cafeeira foi mínimo. Acredita-se que as levas de imigração se deram pelas crises políticas e econômicas de 1815, 1848 e 1870. Muitos se deslocaram para a capital, onde encontraram maiores chances de ascensão econômica, vindo a desempenhar diferentes ofícios, como padeiros, modistas, ourives, joalheiros, alfaiates, costureiros,

---

[176] PILAGALLO, Oscar; DIWAN, Pietra – *Imigrantes: esperança em terra nova.* São Paulo: Folha de São Paulo. 2012, pp. 8-9.
[177] Mascate – ver glossário.
[178] IDEM, *Ibidem*. 2012, pp. 9 e 45.
[179] DURAND, José Carlos – *Moda, luxo e economia*. São Paulo: Babel Cultural, 1988, pp. 65-66.

empreendedores dos ramos de hotéis e restaurantes, engenheiros, além de outras profissões com menos glamour de acordo com a tradição atribuída aos franceses. Poucos imigrantes da França encontravam-se nas camadas mais baixas da sociedade. Nos países latinos, por outro lado, eles eram prestigiados por sua cultura e valorizados em suas atividades.[180]

Uma das mais antigas casas francesas no Brasil foi a Livraria Genoud, de Pierre Genoud. Membro da Câmara do Comércio Francês, amante de sua profissão, procurou dar a seus compatriotas e brasileiros a possibilidade de obter todas as obras literárias e técnicas publicadas da cultura francesa, em nosso país e assim, deixá-los informados do que acontecia na França.[181]

A influência francesa já estava presente desde a colonização, mesmo que de maneira esparsa e indireta, por intermédio de Portugal, com as incursões ao Brasil de cientistas, viajantes e missionários que deixaram obras com impressões acerca do país. No campo das ideias, o alcance cultural foi acessível e perdurou ao longo dos séculos através de livros ou, ainda, de membros da elite que optavam por estudar na França. Essa aculturação se fez sentir, mais intensamente, a partir do século XIX, quando passou a delinear de forma paulatina a vida cotidiana a partir da crescente presença de franceses que cruzavam o Atlântico para se estabelecerem no Brasil.[182]

Alguns franceses vieram ao Brasil durante a primeira metade do século XIX, as cidades eleitas foram Rio de Janeiro, Salvador e Recife, que acabaram por receber engenheiros, artesãos, artistas e comerciantes atraídos pela riqueza e pelas oportunidades que essas localidades exalavam. A partir da década de 1850, São Paulo tornou-se palco de transição e de transformações de naturezas diversas, apresentando diferentes opções econômicas, urbanas e sociais; assim se tornou atrativa aos franceses.[183]

---

[180] BIVAR, Vanessa dos Santos Bodstein – Nas fronteiras da imigração: os franceses e suas vivências em São Paulo. *In* Revista *Navegar*, vol. 1, nº 1, (julho 2015), pp. 153-156. Disponível em: http://docplayer.com.br/16125975-Nas-fronteiras-da-imigracao-os-franceses-e-suas-vivencias-em-sao-paulo.html. Acesso em: 02/12/2016.

[181] BULLETIN *Mensuel – Chambre de la Commerce Française em São Paulo*. Edição de Julho de 1940, N. 118, pp. 1901.

[182] BIVAR, Vanessa dos Santos Bodstein – Nas fronteiras da imigração: os franceses e suas vivências em São Paulo. *In* Revista *Navegar*, vol. 1, nº 1, (julho 2015), pp. 150-176. Disponível em: http://docplayer.com.br/16125975-Nas-fronteiras-da-imigracao-os-franceses-e-suas-vivencias-em-sao-paulo.html. Acesso em: 02/12/2016.

[183] SILVA, Maria Beatriz Nizza da – Fazer a América: franceses no Brasil (1815-1822). Separata de: *Revista de Ciências Históricas*, Universidade Portucalense Infante D. Henrique. Porto, Vol. 10, 1995, pp. 299-316.

Em 21 de novembro de 1843, assinou-se a convenção em que se estabelecia uma linha de paquetes a vapor entre a França e o Brasil e se destinava ao serviço regular de correspondência e transporte de passageiros. Também o comércio foi feito principalmente pelos portos do Havre, de Marselha e de Bordéus. Em 17 de junho de 1857, promulgou-se a lei fundamental de navegação transatlântica a vapor, e a primeira a ser inaugurada foi a linha de Bordéus com destino ao Brasil. A *Compagnie des Services Maritimes des Messagéries Impériales* adquiriu a concessão dessa linha de transporte, e o governo francês pediu ao brasileiro que essa companhia gozasse dos mesmos privilégios concedidos à companhia britânica *The Royal Mail Steam Packet Company*, como isenção de impostos de ancoragem, o que provocou o decreto de nº 2650, de 27 de setembro de 1860. O Brasil nesse período importava da França os vinhos, as sedas e outros tecidos, perfumarias, leques e conservas; e exportava para a lá o algodão, o açúcar, as madeiras de tinta, o tabaco e o café.[184]

Em 1881 a colônia francesa tinha duas Sociedades, a *Francesa de Socorro Mútuo*, para franceses ou filhos de franceses, e a 14 de Julho, fundada pelos magnatas Cohen, Levy, B. Portier, Bourgarde e Riviére. Os jornais da colônia eram *Le Messager* e *L'Eclaireur*.[185]

É possível observar a influência francesa na ocasião em que uma comissão composta por acadêmicos se dirigiu ao hotel em que a atriz francesa Sarah Bernhardt estava hospedada, para uma turnê em São Paulo, a fim de convidá-la a comparecer à sessão magna comemorativa do dia 14 de Julho, que se realizaria no salão de honra da faculdade. Ela se sentiu lisonjeada em comparecer a essa festividade que homenageava uma data importante para a França. Nesse evento os acadêmicos, querendo demostrar seus sentimentos de admiração pela celebre artista, ofereceram um mimo de alto valor da joalheria Casa Birle e fizeram um discurso em francês.[186]

---

[184] LACERDA, Carolina Camargo de; ABRAHÃO, Ricardo Salini; BASTOS, Thais Aranão – Relações entre Brasil e França, no período de 1822-1889. *In Relações internacionais no mundo atual*, v. 1, n. 1 (2000), pp. 124. Disponível em: http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RIMA/article/view/223/196. Acesso em: 02/12/2016.

[185] BORGES, Urquiza Maria. *Negociantes na cidade de São Paulo (1875-1880).* 1979. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1979, pp. 127.

[186] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (14/07/1891), pp. 1.

Quando Paul Doumer,[187] político francês, esteve na cidade de São Paulo, cumpriu uma série de formalidades, sendo recepcionado pela colônia francesa, pelo cônsul e vice-cônsul da França. Hospedou-se no palacete Prates, no dia de sua chegada visitou o Museu do Ipiranga, o Hospital do Isolamento, que na época era considerado modelo no gênero, e fez passeios pela cidade. No dia seguinte participou de uma conferência no salão nobre da Faculdade de Direito, participou de um *garden-party* no Clube Regatas de São Paulo, onde se encontrava seleta parte da sociedade paulista. À noite participou do banquete na *Rotisserie Sportsman* oferecido pela colônia francesa, decorado com flores, folhas e iluminação que realçava as baixelas de prata e os cristais do ambiente. Estavam presentes o presidente do Estado, o secretário da Fazenda Albuquerque Lins, entre outros secretários, e a comitiva do político francês. Na chegada deles, a orquestra tocou o Hino Nacional e, em seguida, a Marselhesa. Vários comerciantes imigrantes franceses, alguns deles judeus, estavam presentes, como os joalheiros: Fernando Netter e George Netter (Casa Netter), Felix Loeb e Max Loeb (Casa Bento Loeb), Paul Levy (Casa Levy), Justin Worms (Casa Michel), Raphael Weil (Casa Hanau), Fernand Aron (Casa Grumbach), Felix Avril, Ferdinando Levy, entre outros.

Em 1910, o estadista e escritor francês George Clemenceau, após sua visita a São Paulo, escreveu em suas *Notes de Voyage dans l'Amérique du Sud* as impressões sobre a cidade: "ela é tão curiosamente francesa em alguns de seus aspectos e costumes que durante uma semana inteira não tive a sensação de estar no estrangeiro".[188]

1.3. A elite

A sociedade no século XIX, procurava-se apresentar de forma adequada nos eventos sociais; os senhores da aristocracia e oficiais vestiam-se a rigor, possuíam boa reputação, fosse pelos seus dotes ou nobreza de caráter. As mulheres elegantes vestiam-se de branco

[187] Joseph Athanase Gaston Paul Doumer (1857-1932), professor, jornalista e político francês, exerceu várias funções, foi governador-geral da Indochina francesa (1897/1902), presidente da câmara dos deputados (1902/1905), Ministro das Finanças (1925/1926), 14º Presidente da França (1931/1932) e Co-Príncipe de Andorra (1931/1932), quando em 1932 foi assassinado.
[188] ÂNGELO, Ivan – *85 Anos de cultura: história da sociedade de cultura artística*. São Paulo: Studio Nobel. 1998, pp. 16.

para os bailes e outras festas públicas; adornavam-se com colares de ouro e ornamentos nos cabelos; gostavam de se divertir e conversar; eram abstêmias à mesa. Nas grandes procissões religiosas, dias de festa para a cidade, as senhoras vestiam-se de gala para aparecer às sacadas; o dia terminava com chá e jogos de cartas ou danças. Nas idas à igreja usavam seda preta com xale guarnecido de renda larga e, durante as estações mais frias, usavam lã ou casimira, com enfeites em veludo, renda dourada, fustão ou pelúcia, além de chapéus redondos.[189] Podemos observar em fotos realizadas pela revista *Silhueta* o traje das senhoras na década de 1920. Usavam vestidos, chapéus *cloche*, bolsa e joias – anéis, broches, colares, relógios e flores. (Anexo I, fig. 14 e 15)

No final do século XIX, em São Paulo, ocorreu o

> [...] aparecimento de uma burguesia organizada em frações de origens diferentes e conflitantes entre si: uma fração composta dos altos representantes da oligarquia cafeeira fortemente atrelada à tradição; uma segunda fração ascendente, constituída principalmente de imigrantes enriquecidos pelo comércio e outras atividades [...].[190]

Nesse mesmo contexto, novos moradores surgiram na capital:

> Entre os moradores novos da cidade contaram-se numerosos fazendeiros abastados, que puderam, com a colaboração de arquitetos e empreiteiros italianos e de outras nacionalidades – muitos radicados em São Paulo com as primeiras levas de imigrantes – edificar palacetes, vilinos e chalés, cujas linhas estabeleceram vivo contraste com as da velha casa acaçapada de tradição portuguesa.[191]

Algumas mulheres se tornaram célebres pela influência que exerceram na sociedade de sua época. Episódios da história brasileira registram o engajamento delas na Guerra dos Emboabas e na Revolução Constitucionalista de 1932, como foi o caso de Olívia Guedes Penteado, que veremos no final deste capítulo.

1.3.1. A vida social da elite paulistana

[189] MAWE, John – *Viagens ao interior do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Zélio Valverde, 1944, pp. 74-75, 77-80, 84-85, 90-93.
[190] OLIVEIRA, Milena Fernandes de – *Consumo e cultura material, São Paulo "Belle Époque" (1890-1915).* Campinas: [s.n.], 2009, pp. 273. Tese (Doutoramento em Desenvolvimento Econômico) Instituto de Economia, Universidade de Campinas.
[191] BRUNO, Ernani Silva – *História e tradições da cidade de São Paulo: (15541954).* Prefácio: Gilberto Freyre. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1984, pp. 918.

Até meados do século XIX, o paulistano não era muito dado à diversão, sendo considerado pacato, fechado e antissocial pelas pessoas dos estados vizinhos. Possuía um afã pelo trabalho, uma constância singular no esforço, persistência pelo seu bem-estar e pelo progresso de São Paulo, manifestado em todos os ramos de atividade a que se entregava. As diversões eram incentivadas pelos governos municipais,

> [...] que verificaram, com certeza, a infalibilidade do "*panem et circenses*", já porque as diversões fazem parte necessaria dos grandes centros de agglomeração humana, o certo é que em nossa capital, relativamente jovem ainda, à vista dos seus extraordinários recursos de progresso, é avultado o número de theatros, cinemas, "*cabarets*", jardins, parques, passeios e "*bars*", etc., por onde toda uma multidão de homens de negocios, industriaes, commerciantes, escriptores, arrastam a sua canseira de esgotados joviaes.[192]

Os europeus inseriram vários hábitos na sociedade paulistana, entre eles as diversões urbanas, características das grandes cidades; o cinematógrafo e o teatro fizeram surgir uma vida noturna mais intensa. Esse último, onde se apresentavam grandes companhias nacionais e internacionais, eram frequentados pelos apreciadores de óperas e operetas francesas. Com a chegada do cinema, esses estabelecimentos se tornaram a partir de então ponto de encontro da sociedade paulistana. A vida social da alta sociedade era assunto das crônicas dos jornais, que noticiavam os saraus literários, culturais ou artísticos onde se desenvolviam os talentos musicais.[193]

Os hotéis, além de possuírem as funções principais de hospedagem e refeições, passaram a ser um local em que a vida social acontecia, sediando comemorações, banquetes e recepções de formaturas e de casamentos. O Grande Hotel, localizado na esquina da Rua São Bento com o Beco da Lapa, dividia o seu andar térreo com uma joalheria e um banco. Os cafés e confeitarias no centro da cidade serviram de ponto de encontro e diversão para estudantes que gostavam de tagarelar sentados às mesas; ou ainda jovens que após darem seus giros pelas ruas do Triângulo iam encerrar sua noite tomando chope.[194]

---

[192] BARBOSA, Agenor – Onde São Paulo se diverte. *In* AMARAL, Amadeu. *A capital paulista*: *comemorando o centenário da Independência*. São Paulo: Edição Sociedade Editora Independência, 1920, pp. 55.
[193] REZENDE, Marcia Mascarenhas de [*et. al*.] – *Theatro Municipal de São Paulo: 100 anos: palco e plateia da sociedade paulistana*. São Paulo: Dado Macedo Produções Artísticas, 2011, pp. 32.
[194] BARBUY, Heloisa – *A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914.* São Paulo: EDUSP, 2006, pp. 96 e 99.

O *Grand Hôtel de La Rôtisserie Sportsman*, propriedade de Antoine Daniel Souquières e seu sócio Landucci – ambos evadidos da Argentina no período da crise econômica que assolou o país –, seguia os padrões hoteleiros dos hotéis paulistanos de luxo inaugurados no final do século XIX. Apesar de sofrer ampliação e mudanças de endereço, procurou atender seus clientes sempre seguindo os mesmos padrões. Em suas festas e banquetes adotava objetos de aparato personalizados, procurando utilizar materiais modernos e importados da França, como as baixelas com monograma do hotel. A apresentação de orquestras nas suas dependências passou a ser constante, fazendo parte das novas formas de sociabilidade.[195] Anunciava em periódicos e almanaques, em francês; os bailes e concertos realizados em seu salão tinham entrada independente do hotel (Anexo I, fig. 16).

Em setembro de 1903, ocorreu um banquete oferecido pela atriz Hariclée Darclée aos representantes de todos os jornais de São Paulo, em um salão reservado da *Rôtisserie Sportsman*. Após o banquete se dirigiram para outro salão particular, onde recitaram poesias em homenagem à artista.[196]

Em 1911, durante a administração de Barão de Duprat, foi adquirido o terreno onde se ergueu o espaço Trianon (Anexo I, fig. 17), com restaurante, salões de festas, terraços e pérgula com estátuas em cada extremidade. Projetado por Ramos de Azevedo, foi inaugurado em 1916, durante a administração de Washington Luís. Em frente, ficava um parque em que o arquiteto e paisagista francês Paul Villon executou o paisagismo. A princípio levou o seu nome, Parque Villon, posteriormente se tornou Parque Tenente Siqueira Campos e hoje é conhecido como Parque Trianon. Esse era o lugar preferido da aristocracia paulistana para seus passeios durante as primeiras décadas do século XX. O espaço Trianon sediava os eventos da sociedade, como festas de casamento, batizados, *soirées*, confraternizações, jantares, reuniões, saraus, chás beneficentes, entre outros.

Em 8 de novembro de 1917, ocorreu uma festa francesa no Trianon, promovida pela Colônia Francesa de São Paulo, com um concurso dos melhores elementos da sociedade paulistana, em benefício das associações de caridade *L'Union des families françaises et*

[195] BARBUY, Heloisa – *A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914.* São Paulo: EDUSP. 2006, pp. 107-109.
[196] JORNAL *O Commercio de São Paulo*. (12/09/1903), pp. 2.

alliées e *L'oeuvre des pupilles de la nation*. O evento teve patrocínio das senhoras André Matarazzo, Armand Worms – este proprietário da Casa Michel –, entre outras esposas de empresários e comerciantes da cidade, além de generosos donativos em dinheiro, que receberam de vários estabelecimentos como a joalheria Casa Bento Loeb, *Banque Française pour le Brésil*, entre outros.[197]

Havia muita cordialidade entre os paulistanos das classes mais abastadas, bem-educados, cumprimentavam-se mesmo não se conhecendo. Os indivíduos das classes subalternas nunca deixavam de tirar o chapéu para as pessoas de posição social mais elevada. Já as paulistanas eram avaliadas como as mais formosas mulheres do Brasil e, quando participavam de eventos sociais, apresentavam um tom de conversa jovial e natural, acalorado por piadas engraçadas.[198]

> A mulher adquiriu a habilidade de receber, de conduzir os jantares e os chás, de exercer a filantropia e, principalmente, refletir o poder do marido perante terceiros. [...] Esteve a serviço da sociedade que estabeleceu com um marido financeiramente poderoso. [...] Foi divulgadora da moda e grande consumidora. [...] A moda [...] esteve ao seu serviço enquanto tivesse que agradar e conquistar um marido. Uma vez casada, a esposa transformou-se em aliada do mesmo, passando a ser representante da sua força pecuniária.[199]

Havia uma intensa vida familiar, os filhos, netos e amigos mais próximos frequentavam o palacete a qualquer hora; alguns filhos casados residiam com sua prole sob o mesmo teto dos pais. Na ausência do marido, a mulher se aproximara mais da esfera pública, liderando salões científicos, artísticos ou literários, como ocorreu com Olívia Guedes Penteado conforme veremos no subcapítulo 1.3.3.[200]

A cidade de São Paulo possuía jardins públicos e parques para o lazer e a sociabilidade de seus habitantes. Entre os jardins públicos pode-se destacar o Jardim da Luz, que ocupava grande extensão na zona central e era muito arborizado. Criado em 1800 por determinação real para ser um viveiro de plantas, foi a primeira área verde introduzida e

---

[197] JORNAL *do Commercio*. São Paulo, (06/11/1917), pp. 7.
[198] SAINT-HILAIRE, Auguste François Cesar Provençal – *Viagem à província de São Paulo e resumos das viagens ao Brasil, província cisplatina e missões do Paraguai.* (2ª Ed. Biblioteca histórica brasileira). Tradução de Rubens Borba de Moraes. São Paulo: Martins, 1940, pp. 186-187. FERREIRA, Tito Lívio – *História de São Paulo*. Vol. 2. São Paulo: Gráfica Biblos, 1969, pp. 237.
[199] HOMEM, Maria Cecília Naclério – *O palacete paulistano; o processo civilizador e a morada da elite do café (1867-1914-1918)*. São Paulo: [s.n.], 1992. Tese (Doutorado), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1992, pp. 215.
[200] IDEM, *Ibidem*. 1992, p. 215.

mantida pelos poderes públicos na cidade. Em 1825, transformou-se no primeiro jardim e passeio público, tornando-se por mais de um século o principal centro de lazer do paulistano.[201]

O plano arquitetônico do Jardim da Luz seguia o modelo dos parques europeus:

> [...] sobrepõe os estilos barroco e *paysager*[202], formando um conjunto eclético, com gramados, canteiros de flores, árvores centenárias em meio a um complexo de águas com cinco lagos, uma cascata, uma ilha, uma gruta, um aquário, duas corredeiras, uma fonte e dois chafarizes. São concepções inspiradas nos jardins europeus. O grande lago em forma de cruz-de-malta é o elemento mais antigo, remonta ao período colonial e foi a partir dele que o Jardim se organizou. Pertence ao Jardim da Luz um dos mais belos coretos do país, construído em 1902, com material importado da França. O parquinho de brinquedos reflete uma moda que surgiu na década de 1940 nos Estados Unidos.[203]

Era frequentado pela alta sociedade paulistana, que passeava pelas alamedas margeadas por aleias, com calçadas e bancos para o descanso e contemplação das espécies nativas e exóticas provenientes de vários continentes. Aí aconteciam várias atrações culturais: apresentações de bandas no coreto, como a banda da Força Pública, que tocava todas as quintas feiras e domingos;[204] eventos beneficentes na casa de chá; bailes; feiras; espetáculos de circo; festas de carnaval; encontros na choperia Bavária; as primeiras exibições de inventos científicos na cidade, como a luz elétrica ou o voo de balonistas; manifestações políticas, com as *kermesses*[205] pró-abolição e o banquete para os soldados que regressavam à terra natal depois de lutarem na Guerra do Paraguai. Os imigrantes que chegaram a São Paulo deixaram no jardim suas marcas; os portugueses plantaram um cedro-do-Buçaco (cipreste) e os italianos instalaram um majestoso busto do herói Giuseppe Garibald.[206]

---

[201] DIAS, Carlos; OHTAKE, Ricardo – *Jardim da Luz: um museu a céu aberto.* São Paulo: Editora SENAC São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2011, pp. 14.
[202] *Paysager* – ver glossário.
[203] IDEM, *Ibidem*. 2011, pp. 14.
[204] BARBOSA, Agenor – Onde São Paulo se diverte. *In* AMARAL, Amadeu. *A capital paulista*: *comemorando o centenário da Independência*. São Paulo: Edição Sociedade Editora Independência, 1920, pp. 61.
[205] Segundo a historiadora Maria Celestina T. M. Torres, a primeira *Kermesse* realizada em São Paulo foi organizada pela comunidade francesa da cidade, por iniciativa de Alberto Thiebauf, guarda-livros da Livraria Garraux, no Jardim da Luz, em 1882. TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes – O Jardim da Luz. REVISTA *do Arquivo Municipal*, vol. 174, São Paulo, (junho/setembro de 1968), pp. 115.
[206] DIAS, Carlos; OHTAKE, Ricardo – *Jardim da Luz: um museu a céu aberto.* São Paulo: Editora SENAC São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2011, pp. 15.

Após passar por grande reforma, o Jardim da Luz continuou sendo o local de encontro da elite e era amplamente divulgado em cartão-postal. Na década de 20 de 1900, sofreu a concorrência de diversos parques e do lazer de massas. Reorganizado nos moldes dos primeiros grandes parques urbanos que se abriam nas metrópoles europeias, o Parque da Luz transformou-se em símbolo do desenvolvimento de São Paulo em fins do século XIX, ao lado da imponente edificação onde, em 1905, foi inaugurada a Pinacoteca do Estado, primeiro museu de arte da cidade. Apesar da decadência pela qual passou a região da Luz, dez anos depois, acompanhando a crise do café, era ainda considerado um local diferente, possuindo um museu a céu aberto. No final do século XX, passou a ser reconhecido oficialmente como parte do patrimônio histórico, botânico e arquitetônico da cidade. Hoje o Jardim da Luz está interligado à Pinacoteca do Estado; abriga em seu jardim esculturas de artistas nacionais e internacionais que integram o Jardim das Esculturas.[207] Em 1954, ocorreu a inauguração do Parque do Ibirapuera, o maior até então, com modernas atrações, se tornando o novo referencial da capital paulistana. Ao longo do século, a expansão urbana trouxe à área o inevitável processo de degradação de todos os espaços centrais das grandes metrópoles, comprometendo tanto o velho parque quanto o próprio museu.

Outros três grandes jardins foram frequentados pela sociedade paulistana no início do século XX, para eventos de sociabilidade: a Praça da República, com jardins e bustos de Álvares de Azevedo, Fagundes Varella e Cesário Motta; o Anhangabaú, localizado no centro da cidade; e o Jardim do Monumento do Ipiranga. Podem-se destacar também o Parque da Cantareira, com grande floresta nativa; o Parque do Jabaquara, com extensa área de mata, local onde ocorriam os *pic-nics*, com bar e salão para bailes; e o Parque Antárctica, com vasta mata nativa, bares e restaurante, contendo um campo de *foot-ball,* além de outras diversões e jogos.[208]

As práticas desportivas, mais frequentes, passaram a ser difundidas e exercitadas em campeonatos, com a fundação de clubes. Em 1880, alguns clubes da cidade já ofereciam

[207] DIAS, Carlos; OHTAKE, Ricardo – *Jardim da Luz: um museu a céu aberto.* São Paulo: Editora SENAC São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2011, pp. 15 e 17.
[208] BARBOSA, Agenor – Onde São Paulo se diverte. *In* AMARAL, Amadeu. *A capital paulista*: *comemorando o centenário da Independência*. São Paulo: Edição Sociedade Editora Independência, 1920, pp. 58 e 61.

aulas de dança com professores especializados e jogos de bilhar.[209] Entre os jogos existentes na época, havia os trazidos por profissionais, como bacará, caminho de ferro, roleta e outros. Foram criados luxuosos clubes onde os novos ricos se deleitavam em deslumbre. Outro jogo do gênero atlético era a pelota basca, que esteve em evidência e formou grande número de ágeis pelotares. Este esporte nasceu em épocas distantes.[210]

No Prado da Mooca aconteciam as temporadas hípicas, com os Grandes Prêmios do Turfe promovidos pela sociedade *Jockey Club*, frequentado pela elite paulistana, que ostentava ricas e elegantes *toilettes.*[211] Esportes como o tênis (Anexo I, fig. 18) passaram a ser praticados também por mulheres da elite, havia uma produção especial para o traje tanto das jogadoras quanto das pessoas que iam assistir a esses jogos. As corridas de patinadores, realizadas num local conhecido como *Rink*, atraíam famílias e amantes do esporte. A programação do evento divulgava ricos prêmios destinados aos vencedores. Consistiam em finos objetos de ourivesaria, que haviam ficado expostos na Joalheria Suplicy, que, nessa época, estava instalada na Rua da Boa Vista.[212]

No final do século XIX e início do XX, a bicicleta era um símbolo de progresso e luxo e, o ciclismo era considerado um entretenimento custoso, mesmo assim o número de bicicletas teve um aumento considerável. Esse meio de transporte sobre duas rodas possibilitava passeios prazerosos e mobilidade rara para a época, tanto para os homens e mulheres quanto para as crianças e jovens. Surgiram os clubes de ciclismo, que estimulavam as competições e outras atividades relacionadas.[213] Uma casa que incentivava essa prática era a Casa Jacques Netter, como veremos no capítulo III.

O Club Atlético Paulistano tinha o costume de realizar em seu velódromo um *five o'clock tea,* que era frequentado por famílias de associados e seus convidados. Consistia em

---

[209] JORNAL *A província de São Paulo*. (13/08/1880), pp. 2.
[210] SOUZA, Everardo Vallim Pereira de – Reminiscências acadêmicas 1887-1891. *In* MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.) – *Vida cotidiana em São Paulo no século XIX: memórias, depoimentos, evocações*. São Paulo: Ateliê/Imesp/Editora Unesp/Secretaria de Estado da Cultura, 1998, pp. 219.
[211] REVISTA *O Gigolô*. (04/06/1921), pp. 4.
[212] JORNAL *A província de São Paulo*. (13/06/1880), pp. 2.
[213] LIMA, Natália Dias de Casado – A Belle Époque: transformações urbanas, moda e influências no Rio de Janeiro. *In Encontro 2018 – História & Democracia precisamos falar sobre isso*. 3 a 6 de setembro de 2018. Guarulhos – SP. UNIFESP/Campos Guarulhos. 2018, pp. 4. Disponível em: https://www.encontro2018.sp.anpuh.org/resources/anais/8/1530193939_ARQUIVO_artigo.pdf. Acesso em: 27/07/2019.

um evento que reunia a elite paulistana em torno de jogos, como o *crocket*,[214] a peteca e o *lawn-tenis*,[215] além de um baile campestre, que era o ápice da festa. Normalmente essas reuniões eram acompanhadas por uma Banda da Força Policial, que apresentavam um variado repertório.[216]

O Automóvel Club era o local onde se reuniam as personalidades mais notáveis da sociedade paulista, da aristocracia, da política, do comércio e da indústria. Surgiu em 1908, após a reunião de um grupo de amigos da elite inspirado pelos clubes europeus. Seu estatuto foi elaborado por Antônio da Silva Prado, Álvares Penteado e Antônio Prado Júnior. Tinha como objetivo aprimorar o automobilismo e aperfeiçoar as condições das estradas de rodagem do país. Estava instalado em prédio com frente para a Rua Libero Badaró e dominava o Parque Anhangabaú. Havia algumas exigências para se tornar sócio, os admitidos precisavam ser proprietários de telefone, carro, lancha e automóvel, bens que poucos tinham na época.[217]

Uma nova sede do Automóvel Club foi inaugurada em 27 de fevereiro de 1915, no Edifício do Conde Prates. Todo o mobiliário, os tapetes, as cortinas e as tapeçarias foram importados diretamente da Casa Mapple & Co., de Londres. Contava com *hall* de entrada, salões, bar inglês, vestiário, sala com centro telefônico, câmaras de serviço, secretaria e barbearia montada pelas oficinas do Liceu de Artes e Ofícios. Possuía também salas de *bridge*, *poker, écarté, baccarat*, bilhar, xadrez e jogos diversos, além da de leitura, gabinete de escrita e um grande salão de conversa. Obras de pintores renomados que haviam participado de salões de arte europeus decoravam suas paredes.[218]

A primeira corrida automobilística da América do Sul ocorreu em 26 de julho de 1908. A partida se deu no Parque Antártica, na Zona Oeste da cidade, rumo a Itapecerica da

---

[214] *Croquet* – ver glossário.
[215] *Lawn-tenis* – O tênis de gramado, segundo historiadores, teve início no norte da França no século XII. O esporte se metamorfoseou até chegar à versão moderna, mas o crédito pela construção da primeira quadra de tênis *indoor* fechada é de Louis X. *In A Complete Guide to Lawn Tennis.* Disponível em: https://www.yogems.com/yopedia/a-complete-guide-to-lawn-tennis/. Acesso em: 14/01/2021.
[216] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (19/11/1909), pp. 6.
[217] MONTE DOMECQ' & Cie. – Société de Publicité Sud-Américaine – *O Estado de São Paulo.* Barcelona: Estabelecimento Graphico Thomas, 1918, pp.104. SACONI, Rose – Há 100 anos Automóvel Clube inaugurava sede. Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,ha-100-anos-automovel-clube-inaugurava-sede,10808,0.htm. Acesso em: 28/04/2019. JORNAL *O Estado de São Paulo*. São Paulo, (24/07/1908), pp. 1.
[218] JORNAL *O Estado de São Paulo* – "O Automóvel Club de São Paulo". (02/03/1915), pp. 4.

Serra, localizada na Grande São Paulo, percorrendo um trajeto de 75 quilômetros. No dia seguinte, realizou-se um banquete presidido pelo arquiteto Ramos de Azevedo, oferecido pela diretoria do Automóvel Club de São Paulo aos membros do Automóvel Club do Brasil, com a participação da elite.[219]

1.3.2. Costumes e práticas culturais

A expansão comercial e a concentração dos recursos financeiros gerados pelo café e preservados pela industrialização romperam com as tradições e hábitos rurais, para abraçar as aspirações cosmopolitas, absorvendo os novos valores europeus.

> Graças à iluminação, a zona central passou a oferecer melhores condições de sociabilidade elegante. Não apenas teatros populares, acanhados e baratos despontavam pela cidade, mas também empreendimento vultosos, muitas vezes bancados por membros das tradicionais famílias[220].

A riqueza gerada pelo café trouxe aos fazendeiros a possibilidade de conhecer os valores universais da Europa, fonte da influência cultural que reordenou a concepção de tempo e adoção de símbolos e de sociabilidade. Após o término da colheita do café e a apuração dos seus lucros, os grandes fazendeiros passaram a viajar anualmente para a França, Suíça, Alemanha, Inglaterra e Portugal, onde frequentavam teatros, museus e salas de concertos.

Muitos desses fazendeiros possuíam casa em Paris, revezando sua estadia entre a capital francesa e seus palacetes em São Paulo. Devido ao grande interesse pela cultura, ricos donos de fazendas convidaram o Maestro Luigi Chiaffarelli (1856-1923) para ensinar música em São Paulo. Guiomar Novaes (1894-1979), uma de suas ilustres alunas de piano, se tronou conhecida internacionalmente com apenas 13 anos, ao se apresentar em Paris, tendo sido elogiada por Claude Debussy.[221] Havia a prática da dança de salão por jovens e seus

---

[219] [219] JORNAL *O Estado de São Paulo* – "Automobilismo Circuito de Itapecerica. A Grande Corrida". (28/07/1908), pp. 4.
[220] REZENDE, Marcia Mascarenhas de (*et. al.) – Theatro Municipal de São Paulo: 100 anos: palco e plateia da sociedade paulistana*. São Paulo: Dado Macedo Produções Artísticas, 2011, pp. 21.
[221] MARTINS, José de Souza – *São Paulo no século XX: primeira metade*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: POIESIS, 2011, pp. 3 e 9.

familiares. Uma conceituada professora dessa época foi a Madame Poças Leitão, ela realizava saraus que normalmente aconteciam nos salões do Trianon, para seus alunos.[222]

O teatro foi o local de encontro da alta sociedade. Projetado para acelerar a emancipação e projeção da cidade no cenário nacional e internacional, tornou-se o centro onde ocorriam as principais atividades artísticas, sociais (casais se conheceram, constituíram-se sociedades, as moças debutavam, aconteciam formaturas de estudantes), culturais (quebraram-se paradigmas) e políticas (alianças) da metrópole.[223]

No decurso do século XIX e nas três primeiras décadas do século XX, São Paulo desfrutou, todos os anos, das melhores companhias europeias que se apresentaram na cidade, depois de passarem pela capital do Rio de Janeiro, em provável turnê pela América do Sul.[224] Essas foram oportunidades para assistir a teatros de prosa e musicado, que compreendiam os gêneros ópera lírica, dramática e cômica, a opereta, a zarzuela, o teatro de revista e a comédia musical. Ao contrário do que aconteceu em outros países, o gênero opereta desapareceu completamente dos costumes artísticos dos brasileiros.[225]

Com a catástrofe econômico-financeira ocorrida em Buenos Aires, as excelentes companhias teatrais que se apresentariam na Argentina passaram a se apresentar na próspera São Paulo, pois seus empresários resolveram mudar a rota. Nesse período, o paulistano começou a apreciar os magníficos elencos de artistas e teve a possibilidade de assistir ao gênero da ópera, por exemplo, em *Cavalaria Rusticana*, de Pietro Mascagni, regida pelo próprio autor. (Anexo I, fig. 19) Em 1892, essa Companhia Italiana de Óperas Cômicas e Operetas, dirigida por G. Gargano, se apresentou no Teatro São José, em São Paulo.[226] As figuras principais das óperas se tornariam estrelas mundiais de primeira grandeza, como a soprano italiana Luisa Tetrazzini (1871-1941). Como havia abundância de recursos financeiros, ocorreu que os belos elencos artísticos, aos poucos, iam se desfalcando, devido

[222] JORNAL *do Commercio*. São Paulo, (10 e 11/04/1926), pp. 6.
[223] MACEDO, Carlos Eduardo Martins – Apresentação. *In* REZENDE, Marcia Mascarenhas de; MACEDO, Carlos Eduardo Martins (org) (*et. al.) – Theatro Municipal de São Paulo: 100 anos: palco e plateia da sociedade paulistana*. São Paulo: Dado Macedo Produções Artísticas, 2011, p. s/n.
[224] BONONI, José Gustavo – A ribalta paulistana no início do século XX: indícios imagéticos de uma ruptura gradativa. *In Mneme - Revista de Humanidades*, Periódicos UFRN - Rio Grande do Norte, v. 13, n. 31, (17/10/2012). Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/1826. Acesso em: 21/12/2019.
[225] OLIVEIRA, José da Veiga – A história dos teatros paulistanos. *In* JORNAL *O Estado de São Paulo*. Suplemento Cultural. (29/07/1979), pp. 9-10.
[226] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (17/02/1892), pp. 3.

aos amáveis coronéis, que retiravam do palco as mais simpáticas coristas, transformando-as em elegantes damas.[227]

Desde o século XIX, a cidade de São Paulo teve um lugar específico para a dramaturgia e óperas. O primeiro deles foi o teatro público conhecido como Teatro Ópera, instalado no Pátio do Colégio em 1763 e demolido em 1870. Em 4 de setembro de 1874, inaugurou-se ainda em obras o Teatro S. José, que pertenceu à família Antônio da Silva Prado, com a encenação do drama *Túnica de Nessus*, composta por Sizenando Nabuco. Após reforma inspirada nas grandes construções europeias, foi finalmente reinaugurado em março de 1876. Grande e suntuoso para a época, o teatro foi motivo de alegria para a cidade, com vasta plateia e duas ordens de camarotes que sempre se enchiam com os jovens da elite. Nele estrearam afamadas Companhias da Corte.[228] Recebeu atrizes famosas como Eugênia Câmara, de origem portuguesa, e seu grande amor, o poeta Castro Alves. Também passaram por esta casa as divas Sarah Bernhardt e Eleonora Duse, além de personalidades do teatro e da música, como Itália Fausta, Constant Coquelin, Tita Ruffo, Giovanni Zenatello, Pietro Mascagni, entre outras.[229]

> Às vezes era pequeno o teatro para acomodação do sensível número de apreciadores. Nas noites de grandes espetáculos, deslumbrante mostrava-se o ambiente da vasta sala, cuja completa lotação pertencia ao escol das sociedades paulistana, santista, campineira e jundiaiense, portanto de fora vinham para aqui famílias abastadas assistirem à artística temporada. O luxo e o bom gosto ali se irmanavam, proporcionando conjunto de alta distinção; das preciosas gemas, diamantinos brilhantes prevaleciam em custosos colares e vistosos diademas.[230]

---

[227] MARTINS, José de Souza – *São Paulo no século XX: primeira metade*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: POIESIS. 2011, pp. 9. SOUZA, Everardo Vallim Pereira de – Reminiscências acadêmicas 1887-1891. *In* MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.) – *Vida cotidiana em São Paulo no século XIX: memórias, depoimentos, evocações*. São Paulo: Ateliê/IMESP/Editora UNESP/Secretaria de Estado da Cultura, 1998, pp. 219.

[228] LOUREIRO, Edison – *O começo e o fim do Teatro São José*. Disponível em: https://saopaulopassado.wordpress.com/2015/08/08/o-comeco-e-o-fim-do-teatro-sao-jose/. Acesso em: 14/08/2017. SOUZA, Everardo Vallim Pereira de – Reminiscências acadêmicas 1887-1891. *In* MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.) – *Vida cotidiana em São Paulo no Século XIX: memórias, depoimentos, evocações*. São Paulo: Ateliê/IMESP/Editora UNESP/Secretaria de Estado da Cultura, 1998, pp. 206-207.

[229] OLIVEIRA, José da Veiga – A história dos teatros paulistanos. *In* JORNAL *O Estado de São Paulo*. Suplemento Cultural. (29/07/1979), pp. 9-10. REZENDE, Marcia Mascarenhas de (*et. al.) – Theatro Municipal de São Paulo: 100 anos: palco e plateia da sociedade paulistana*. São Paulo: Dado Macedo Produções Artísticas, 2011, pp. 25.

[230] SOUZA, Everardo Vallim Pereira de – Reminiscências acadêmicas 1887-1891. *In* MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.) – *Vida Cotidiana em São Paulo no Século XIX: memórias, depoimentos, evocações.* São Paulo: Ateliê/IMESP/Editora UNESP/Secretaria de Estado da Cultura, 1998, pp. 209.

Essas foi a principal casa de espetáculos durante 24 anos, até 15 de fevereiro de 1898, quando pegou fogo. Órfã de um teatro, a prefeitura logo tratou de providenciar outro. A cidade crescia rapidamente e os paulistanos queriam uma casa de espetáculos no mesmo estilo das que já se viam ao redor do mundo, com capacidade para receber principalmente óperas.[231] Um novo Teatro São José foi inaugurado em dezembro de 1909, agora ao lado do Viaduto do Chá. Projeto do arquiteto Carlos Eckman, as instalações do imponente prédio possuíam capacidade para 3.000 espectadores. Na inauguração, após a execução do Hino Nacional, apresentou-se a famosa ópera *Guarany*, de Carlos Gomes.[232]

O Teatro São José serviu também de local para uma Exposição Oriental. Eram objetos de arte vindos da Terra Santa feitos em madeira de oliveira, bálsamo, ébano e nogueira; além de perfumaria de Constantinopla, almíscar em pó e natural, além de extrato de rosas. Quanto aos artigos de joalheria havia joias esculpidas em madeira, marfim, âmbar, níquel, entre outros. Em um dos salões encontravam-se vistas da Terra Santa, Palestina, Síria, Egito, Constantinopla e dos principais palácios do Sultão da Turquia, além de imagens da vida de Jesus Cristo e as 14 estações da Via Sacra. Para visitá-la o público teria que pagar quinhentos réis de entrada, que segundo N. Kaure e M. Ali, organizadores do evento, seria para evitar a afluência demasiadamente numerosa. A todos os visitantes era oferecido um delicado mimo.[233] Em seguida, surgiram o Teatro do Palácio do Governo, Teatro Batuíra, os Teatros São José, Provisório, Polytheama,[234] Santana, Colombo, São José (II) e Municipal.

O Teatro Sant'Anna, de propriedade do Conde Sílvio Álvares Penteado e de Armando Álvares Penteado, era frequentado pela elite paulistana. Lá se apresentavam as operetas, *zarzuelas* (óperas cômicas espanholas), espetáculos dramáticos ou de revista; localizava-se na Rua Boa Vista. Construído nos moldes dos teatros modernos europeus, tinha dois pavimentos, com *foyer* e vestíbulo de entrada, bilheteria, charutaria, *toilettes*, dependências para *buffets*, além de *avant-scéne*, camarotes, plateia, balcão, corredores –

[231] ACERVO Estadão – O Teatro Municipal de São Paulo. Disponível em: http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,como-era-sao-paulo-sem-o-teatro-municipal,9044,0.htm. Acesso em: 20/04/2020. JORNAL *O Estado de S. Paulo*. (12/9/1911), pp. 3
[232] OLIVEIRA, Abrahão de – *A triste destruição de um monumento: o Teatro São José*. (15/01/2015). Disponível em: http://www.saopauloinfoco.com.br/teatro-sao-jose/. Acesso em: 14/08/2017.
[233] JORNAL *A Província de São Paulo*. (23/12/1884), pp. 3.
[234] Polytheama – Ver glossário.

estes com os tetos de estuque, ornados de pinturas a fresco –; os peitoris dos balcões e os camarotes também de estuque tinham a forma de cestas. Considerado o melhor até a inauguração do Municipal, foi construído para concorrer com o Polytheama, concebido em 1892 para funcionar como sala de audições; este foi consumido pelo fogo em 1914. O Teatro Sant'Anna foi demolido em 1912 para dar lugar ao viaduto homônimo. Outros teatros fizeram apresentações concorridas, como o Teatro Cassino Antártica, o Teatro Apolo e o Conservatório Dramático e Musical, com um salão para concertos que, desde 1906, era usado para saraus e audições de mestres e alunos, além de cerimônias como as da fundação da Academia Paulista de Letras, em 1909, e da Sociedade de Cultura Artística, em 1912.[235]

A ideia da construção de um Teatro Municipal para representar o Município de São Paulo surgiu de um grupo de indivíduos em 1895. Foi durante a gestão do prefeito Antônio da Silva Prado (1899 a 1911) que o projeto finalmente saiu do papel. Sua elaboração passou por várias interrupções e recomeços, a construção e realização ficaram a cargo do escritório de Ramos de Azevedo, que levou oito anos de edificação contínua, até sua inauguração, em 12 de setembro de 1911. Apresentava todas as exigências de luxo, elegância, acústica e segurança; com café, charutaria e restaurante de primeira ordem. Com um estilo eclético, o teatro foi considerado arrojado para a época, recebeu influência da Ópera de Paris (1861-1875), de Charles Garnier (1825-1898).[236]

Esse teatro trouxe uma fisionomia aristocraticamente europeia à cidade.[237] Na sua inauguração a ópera *Hamlet*, de Ambroise Thomas, se apresentou. O local possuía em seu interior muitas obras de arte, bustos, bronzes, medalhões, paredes decoradas, cristais, colunas neoclássicas, vitrais, mosaicos e mármores. As estações líricas realizadas no Teatro Municipal reuniam a alta sociedade, que se apresentava com distinção e riqueza de *toilettes*,

---

[235] PINTO, Alfredo Moreira – *A cidade de São Paulo em 1900: impressões de viagem*. 2ª. Ed. São Paulo: Governo do Estado, 1979, pp. 170-171. REZENDE, Marcia Mascarenhas de (*et. al.) – Theatro Municipal de São Paulo: 100 anos: palco e plateia da sociedade paulistana*. São Paulo: Dado Macedo Produções Artísticas, 2011, pp. 21.

[236] REZENDE, Marcia Mascarenhas de (*et. al.) – Theatro Municipal de São Paulo: 100 anos: palco e plateia da sociedade paulistana*. São Paulo: Dado Macedo Produções Artísticas, 2011, pp. 16-27. CAMPOS, Eudes – *Arquivo histórico de São Paulo: história pública da cidade*. São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011, pp. 266-267.

[237] TOLEDO, Roberto Pompeu de – *A capital da solidão: uma história de São Paulo das origens a 1900*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, pp. 493.

ostentando joias em eventos noturnos dedicados à cultura e à sociabilidade.[238] Nesse teatro ocorreram recitais de poemas, operetas e concertos musicais dirigidos pelo Maestro Chiafarelli e Agostinho Cantu, que formaram a primeira Orquestra Municipal de São Paulo.[239]

A elite paulistana passou a frequentar teatros, saraus, concertos e outros eventos culturais e de recreação. Além de serem locais de cultura e diversão, eram um fator crucial para se firmar como pessoa bem-sucedida. Nesses eventos os indivíduos se expunham, se mostravam com suas joias, seus trajes da última moda e acessórios importados. Dessa forma as pessoas recebiam certa notoriedade, pois eram constantemente notícias nos jornais e revistas da época, valorizando os próprios eventos com tais presenças. Também o visitante que chegava do interior encontrava, de dia ou à noite, entretenimentos diversos em que podia gozar de horas agradáveis.

O primeiro cinematógrafo chegou a São Paulo em 1896, trazido pelo fotógrafo francês Georges Renouleau, morador da cidade. Apesar de não ter cinematógrafos fixos, pois dependiam de pontos a serem arrendados, suas projeções faziam muito sucesso. Foi através da empresa Richebourg, do espanhol Francisco Serrador, que o cinema chegou à cidade. Detentora de um extenso acervo de filmes, exibia uma grande variedade destes, que a sociedade jamais vira. Foi em 1907, com a inauguração do *Bijou-Theatre*, na Avenida São João, que o cinema ocupou um espaço físico permanente.[240] Outros cinematógrafos surgiram com grande sucesso, como o *Radium-Cinema*, que se localizava na Rua São Bento, com vastos salões, sala de espera e terraço/bar, direcionado à elite paulistana. Inaugurado em 7 de fevereiro de 1909, apresentava a fita *Rifle Bill,* composta de cinco séries que foram exibidas em dias sucessivos.[241]

---

[238] MONTE DOMECQ' & Cie. – Société de Publicité Sud-Américaine – *O Estado de São Paulo.* Barcelona: Estabelecimento Graphico Thomas, 1918, pp. 104.
[239] BONONI, José Gustavo – A ribalta paulistana no início do século XX: indícios imagéticos de uma ruptura gradativa. *In Mneme – Revista de Humanidades*, Periódicos UFRN - Rio Grande do Norte, v. 13, n. 31, (17/10/2012). Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/1826. Acesso em: 21/12/2019.
[240]SACONI, Rose - *Como era São Paulo sem cinema*. Disponível em: http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,como-era-sao-paulo-sem-cinema,8991,0.htm. Acesso em: 28/07/2018.
[241] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (08/02/1909), pp. 4.

1.3.3. Os palacetes como forma de relacionamento social

Com o aperfeiçoamento de invenções nascidas na Revolução Industrial, a casa paulista passou a receber equipamentos diversificados destinados a aumentar cada vez mais o conforto de todos. Eram os fogões de ferro, as geladeiras, as luminárias a gás, as instalações sanitárias de porcelana inglesa com decorações esmaltadas, acompanhadas de ladrilhos ornamentados, seguindo o repertório *Art Nouveau*.[242] Os palacetes passaram a ser profusamente ornamentados com mobiliários, papeis de parede, vitrais, porcelanas, cristais, entre outros, eram produtos importados que vinham nos navios que retornavam do estrangeiro, quando então haviam levado a sacaria de café.

Os palacetes[243] deveriam ter conforto e apresentar os princípios científicos ligados às questões de higiene das edificações, ventilação, espaços amplos e claros, com a luz do sol entrando nas casas e os cômodos com janelas para o exterior. Tinham que apresentar os vínculos estéticos, o ecletismo que passou a significar bom gosto e modernidade, vigente na Europa civilizada e erudita daquela época. Eram as novas construções ecléticas que exigiam materiais e mão de obra especializada vindos de fora. Os palacetes ficavam afastados das divisas do lote, dentro do jardim, com suas faces livres, distinguidos por telhados recortados por águas-furtadas e coroados por grimpas metálicas, ostentando iniciais ou datas de construção.[244]

As publicações técnicas difundiam a adoção do estilo chique de morar, era o "morar à francesa", que versava nos planos arquitetônicos importados da nova Paris de Haussmann. Os álbuns publicados pelo arquiteto César Daly foram fonte de inspiração para arquitetos locais como Ramos de Azevedo e traziam o que havia de moderno no repertório das moradias finas. Neles havia um programa de atividades domésticas dividido em três grupos: estar ou lazer; repouso (banho, sono); e áreas de serviço. A partir de então os palacetes

[242] LEMOS, Carlos A. C. – *Casa paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 1999, pp. 251-252.
[243] Palacete – ver glossário.
[244] IDEM, *Ibidem*, 1999, pp. 252-253.

passaram a ter o vestíbulo de distribuição, o *hall* – uma área neutra que exercia a transição entre o público (ou social) e o privado.[245]

As residências se organizavam de forma que os cômodos, além de lhes serem destinados fins utilitários, adquiriam significados, como a diferenciação dos espaços privados – restritos aos moradores –, dos espaços públicos – dedicados ao convívio social com os visitantes. A decoração completava e caracterizava a personalidade de seus moradores, tornando os ambientes mais atrativos ao olhar, com objetos de várias procedências, ingleses, franceses, holandeses, alemães entre outros.[246]

A mobília e a decoração se multiplicaram, tornando os ambientes mais atrativos, assumindo papel principal no ambiente familiar, principalmente nos palacetes e mansões aristocráticas. Esses ambientes interiores foram moldando as identidades individuais e coletivas. Suas formas caprichadas e bem decoradas serviam para serem apreciadas e se destacar; tornaram-se importantes no processo civilizador. Esses objetos faziam parte da cultura visual dentro das casas.[247]

> A maneira de organizar o espaço disponível que se revela pelo jogo das exclusões e preferências, pela ordem e desordem, pelo visível e invisível, pela harmonia e discordância, e a distribuição das diferentes funções diárias (refeição, toalete, recepção, conversação, estudo, lazer e repouso) compõem um relato de vida e um teatro de operações no qual se entrecruzam objetos, pessoas, palavras e ideias.[248]

Esses palacetes pertencentes à elite paulistana – fazendeiros cafeicultores, industriais, comissários, banqueiros, investidores da construção civil, comerciantes e empresários – simbolizaram de forma explícita a riqueza e o poder econômico de seus proprietários. Eram luxuosos, possuíam ambientes bem decorados, com seus pés-direitos altos que traziam certa suntuosidade. Até a década de 1870, o tamanho dos grandes sobrados era o que representava o *status* social da elite, convivendo com o comércio local, pois nesse período não existia distinção entre as zonas comercial e residencial. A partir dessa década

---

[245] LEMOS, Carlos A. C. – *Casa paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 1999, pp. 253.
[246] MALTA, Marize – *O olhar decorativo: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011, pp.13-15 e 20.
[247] IDEM, *Ibidem*, 2011, pp. 15-18.
[248] SCHAPOCHNIK, Nelson – Cartões-postais, álbuns de família e ícones de intimidade. *In* SEVCENKO, Nicolau (org.) – *História da vida privada no Brasil 3: República da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 494

tornou-se nítida a disposição em adotar ruas de menor movimento para se morar, que gradualmente passaram a ser mais uma forma de expressar o *status* da elite.[249]

Em outubro de 1819, quando Saint-Hilaire visitou São Paulo, já havia casas com sala de visitas para o convívio social:

> Vi moradias dos principais habitantes de São Paulo tão lindas por dentro como por fora. As visitas são recebidas em um salão muito limpo e mobiliado com gôsto. As paredes são pintadas com côres muito frescas; mas nas casas antigas vêem-se desenhos e grandes arabescos; nas mais modernas as paredes têm uma só côr e são guarnecidas com barras e rodapés imitando os nossos papéis pintados. Como não existem lareiras, colocam-se sobre mesas os objetos de ornato, como sejam – castiçais, redomas, relógios etc.[250]

O gosto pelo luxo europeu ainda não havia chegado à capital; a preocupação maior era pelo asseio e pela comodidade na disposição da casa.[251] No período que vai de finais do século XIX até as primeiras décadas do século XX, na passagem da economia mercantil-escravista à economia exportadora-capitalista, o modo de vida e as formas de morar começaram a sofrer as mudanças que desaguariam no palacete, a residência mais luxuosa de São Paulo. A cidade expandiu-se para locais mais distantes, antigas chácaras deram lugar às ruas e avenidas; novos bairros elegantes surgiram inspirados no urbanismo francês, e para onde fazendeiros e políticos abastados se mudaram, deixando suas antigas residências no centro antigo para o comércio.[252]

> Os velhos sobrados onde residiam os grandes comerciantes e fazendeiros de café até 1880-1890 deterioraram-se ou foram transformados em casas comerciais, ou cederam lugar a novas construções. [...] A elite paulistana ocuparia gradativamente a zona Oeste da cidade, numa trajetória que incluiu Higienópolis, o que viria a ser exatamente o primeiro degrau de sua ascensão rumo à avenida Paulista.[253]

Primeiramente, uma parte da burguesia que havia saído do centro antigo deslocou-se em direção ao Norte, instalando-se nas vizinhanças da Estação da Luz. Em pouco tempo, essa proximidade mostrou-se inconveniente, devido à mistura de funções, classes sociais e

---

[249] PIRES, Mário Jorge – *Sobrados e barões da velha São Paulo*. Barueri, SP: Manole, 2006, pp. 55-56 e 60.
[250] SAINT-HILAIRE, Auguste François Cesar Provençal – *Viagem à província de São Paulo e resumos das viagens ao Brasil, província cisplatina e missões do Paraguai.* (2ª Ed. Biblioteca histórica brasileira). Tradução de Rubens Borba de Moraes. São Paulo: Martins, 1940, pp. 174-175.
[251] MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von; SPIX, Johann Baptist von – *Viagem pelo Brasil.* Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, pp. 200, 204, 208-210, 212-213.
[252] HOMEM, Maria Cecília Naclério – *O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira: 1867-1918*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, pp. 13. CAVALCANTI, Pedro; DELION, Luciano – *São Paulo: a juventude do Centro*. São Paulo: Grifo Projetos Históricos e Editoriais, 2004, pp. 34-36.
[253] HOMEM, Maria Cecília Naclério – *Higienópolis: grandeza de um bairro paulistano*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011, pp. 35-36.

atividades que a região concentrou. Posteriormente, os bairros Campos Elíseos e Barra Funda passaram a receber a elite paulistana, eram mansões requintadas com forte influência da arquitetura europeia moderna. O bairro Campos Elíseos é a antiga chácara Mauá, que pertencera ao Visconde de Mauá e foi vendida em 1872 aos alemães Frederico Glette e Victor Nothmann, que lotearam a propriedade entre 1882 e 1890, abrindo caminho dos bairros aristocráticos. Na sequência de ocupação em 1890, surgiu o bairro de Higienópolis, antigas terras do Barão de Rodovalho, adquirido em sociedade pelos alemães Martinho Burchard e Victor Nothmann, para abrir um novo loteamento,[254] sendo esta uma área alta e arejada, considerada saudável; esse bairro tornou-se o mais elegante da cidade. Em local com iguais condições ambientais, foi posteriormente formado outro loteamento, o da Avenida Paulista e imediações, por iniciativa do empresário uruguaio Joaquim Eugênio de Lima e os sócios José Borges de Figueiredo e João Augusto Garcia, que adquiriram os lotes existentes ao longo da estrada do Caaguaçu a fim de criar um empreendimento imobiliário de alto padrão para as famílias enriquecidas com o comércio do café e pela indústria paulista.[255]

Na primeira década do século XX surgiram as primeiras propostas de planejamento e ordenação do território urbano. Com a urbanização da cidade, surgiram novas técnicas de construção que acompanharam as construções europeias.

> A mudança nas técnicas construtivas ocorre simultaneamente à vinda de artesões, mestres de obras, engenheiros e arquitetos estrangeiros ou brasileiros formados nas universidades europeias ou norte-americanas, e conta com as facilidades de importação, em larga escala, dos mais diversos materiais de construção, [...] elementos decorativos [...], entre outros artefatos.[256]

Nesse período apareceram os bairros-jardins, com uma nova proposta calcada em moldes ingleses. A empresa de empreendimentos imobiliários *City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited*, mais conhecida como Companhia City, impôs um novo padrão de qualidade urbanístico, como foi o caso do primeiro

---

[254] HOMEM, Maria Cecília Naclério – *Higienópolis: grandeza de um bairro paulistano*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011, p. 36. CAVALCANTI, Pedro; DELION, Luciano – *São Paulo: a juventude do Centro*. São Paulo: Grifo Projetos Históricos e Editoriais, 2004, pp. 34-36.
[255] D'ALESSIO, Vito; [*et. al*.] – *Avenida Paulista: a síntese da metrópole.* São Paulo: Dialeto Latin American Documentary, 2002, pp. 18.
[256] SOUKEF JR, Antônio – A Companhia City e a urbanização de São Paulo. *In* MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.) – *Brasil - Grã-Bretanha: uma relação de cinco séculos*. São Paulo: Museu a Céu Aberto, 2010, pp. 209.

loteamento deles, o Jardim América, voltado a uma clientela de alto padrão. Os arquitetos britânicos Barry Parker e Raymond Unwin propuseram um novo desenho para o loteamento, com as áreas destinadas às práticas esportivas e jardins semipúblicos. Além da implantação do loteamento, a Cia City projetou nove casas para o bairro, a fim de estabelecer o padrão desejado para o local. Como referência arquitetônica, utilizaram os palacetes existentes na Avenida Paulista e no Bairro de Higienópolis em estilos ecléticos e neocoloniais. Foi implantado no bairro o Clube Atlético Paulistano em 1917, e a construção de um templo católico, Igreja Nossa Senhora do Brasil, inaugurada em 1945.[257]

Após esse empreendimento, a Cia City criou o Jardim Europa, nos mesmos moldes do Jardim América, onde as casas eram rodeadas de jardins e ruas arborizadas, obtendo semelhante êxito comercial. Seguiram-se outros loteamentos: Jardim Paulistano, Cidade Jardim, Jardim Guedala e Morumbi; além de City Lapa (1921), Pacaembu (1925), Alto de Pinheiros (1925) e Butantã (1935). O loteamento do Pacaembu obteve sucesso de vendas imediato, a estratégia consistiu em publicar anúncios em jornais e revistas para estimular as visitas à casa protótipo, a primeira modernista idealizada pelo arquiteto Gregori Warchavchik. Esta se tornou atração cultural, sendo visitada por centenas de pessoas. Nesse bairro, a Companhia City doou à prefeitura de São Paulo, em 1938, uma grande área para a construção de um campo de futebol, o Estádio Municipal de São Paulo ou Estádio do Pacaembu, inaugurado em 1940, com projeto do escritório de Ramos de Azevedo, arquiteto onipresente na São Paulo da primeira metade do século XX.[258]

Nos palacetes que surgiram nesses novos bairros, o relacionamento familiar e social era intenso. As novas casas da elite eram locais onde se fechavam negócios, decidindo importantes rumos econômicos e políticos, e serões artísticos e mundanos. A decoração complementava a arquitetura e normalmente vinha do exterior, eram tapetes Gobelins,

[257] HOMEM, Maria Cecília Naclério – *O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira: 1867-1918*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, pp. 13. SOUKEF JR, Antônio – A Companhia City e a urbanização de São Paulo. *In* MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.) – *Brasil - Grã-Bretanha: uma relação de cinco séculos*. São Paulo: Museu a Céu Aberto, 2010, pp. 210-217.
[258] SOUKEF JR, Antônio – A Companhia City e a urbanização de São Paulo. *In* MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.) – *Brasil-Grã-Bretanha: uma relação de cinco séculos*. São Paulo: Museu a Céu Aberto, 2010, pp. 220 e 225-226.

porcelana de Meissen e de Sèvres, relicários de ouro do Porto e esculturas *Art Nouveau* ou neorrococós.[259]



Figura 6. **Chácara do Carvalho.** Esta foto serviu de cartão de Boas Festas à família do Conselheiro Antônio da Silva Prado (1840-1929) em 1904[260]. [Foto Guilherme Gaensly. ACERVO Iconográfico da USP][261]

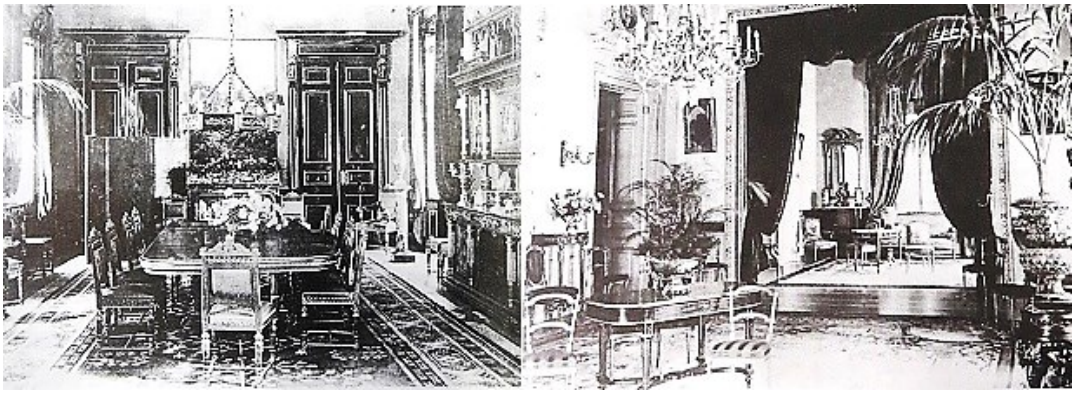


Figura 7. **Salões da Chácara Carvalho –** preparados para hospedar os reis dos belgas, Alberto I e Elizabeth, em 1920. [Arquivo de Guilherme Rubião. HOMEM, Maria Cecília Naclério – *O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira: 1867-1918*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, pp. 126-127]

A Chácara do Carvalho (fig. 6 e 7), residência do Conselheiro Antônio da Silva Prado, sua esposa e oito filhos, de 1893 a 1929, se notabilizou como um dos palacetes mais

[259] ABRIL CULTURAL – *Nosso século*. Vol. I – 1900/1910. São Paulo: Abril Cultural, 1980, pp. 172-173.
[260] HOMEM, Maria Cecília Naclério – *O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira: 1867-1918*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, pp. 121. Atualmente nessa chácara está instalado o Colégio Boni Concili.
[261] Acervo Iconográfico da USP – Os Prado, Vol. I. Disponível em: http://www.usp.br/pioneiros/zp/index.php?album=volume1%2F01prado&image=021+Chacara+do+Carvalho+de+Antonio+Prado.jpg. Acesso em: 02/03/2020.

importantes da cidade. A chácara recebeu, em 1920, os Reis dos Belgas, Alberto I e Elisabeth, mas para isso o conselheiro retirou-se dela com sua família, a fim de que houvesse uma reforma sob os cuidados do arquiteto Cristiano Stockler das Neves. A residência recebeu pintura nas paredes e reforçou-se o mobiliário com encomenda ou empréstimos feitos à fábrica de móveis *Oppido & Irmão*, em que Federico Oppido desenhou peças especialmente para o evento. Essa visita, preparada com antecedência, mobilizou muitas pessoas, e muitos eventos foram organizados para homenagear o casal real (como será relatado no Capítulo IV, subcapítulo 4.2.2).

A mudança para os novos bairros representava um desejo de renovação, queriam residências no estilo da moda, cercada de jardins, o que lhes garantia tranquilidade e privacidade. Os espaços internos dessas mansões tinham funções específicas. No piso superior o quarto do casal era o mais espaçoso e mais bem localizado, voltado para os jardins da face norte. A mulher desenvolvia algumas habilidades, como cultivar flores e plantas raras em estufa localizada no jardim. Cultivava-se o hábito semanal de, em dias certos, a senhora receber damas e cavalheiros da alta sociedade em uma sala de visitas para o chá das cinco horas. Seguia-se um ritual: conversavam, ouviam música, piano, canto e declamação, em seguida se dirigiam para a sala de jantar onde seria servido o chá. Quanto mais elegante a família, mais se usavam as salas de visitas, normalmente utilizadas em grandes ocasiões, como casamentos, batizados e velórios.[262]

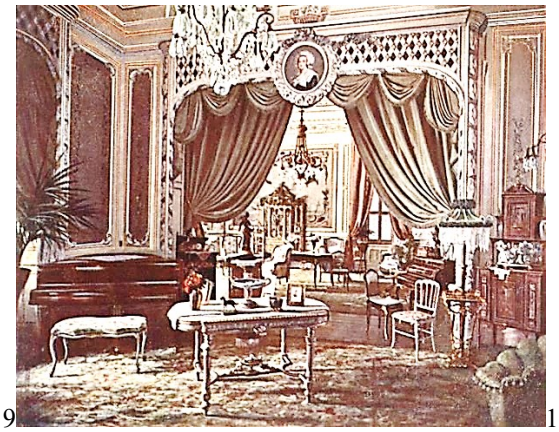
A Vila Penteado (fig. 8), de 1902, localizada no bairro de Higienópolis, do fazendeiro, comerciante e industrial Conde Álvares Penteado, tinha o estilo *Art Nouveau*, consagrado na Exposição de Paris de 1900; o arquiteto Carlos Ekman acompanhou a obra. Foram importados tapetes, estátuas, vitrais e mármores, que decoravam os salões do palacete (fig. 9 e 10); e no jardim havia quadras de tênis e espaço para a realização de grandes recepções e banquetes ao som de orquestras e serviços à francesa. Quando personalidades importantes visitavam oficialmente a cidade de São Paulo era comum se hospedarem na Vila

[262] HOMEM, Maria Cecília Naclério – *O palacete paulistano; o processo civilizador e a morada da elite do café (1867-1914-18).* São Paulo: [s.n.], 1992. Tese (Doutorado), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, pp. 213-214.

Penteado, como foi o caso do ex-presidente argentino, general Júlio Roca, com família e comitiva.[263]



Figura 8. **Vila Penteado do Conde Álvares Penteado** (1852-1912). Projetada por Carlos Ekman (1866-1940), seguia o estilo Secessão Vienense. Possuía *bow windows,* que estava em moda vindo da arquitetura anglo-saxônica[264]. [REVISTA *Brazil Magazine*. São Paulo, (julho/1907), p.9]

9 

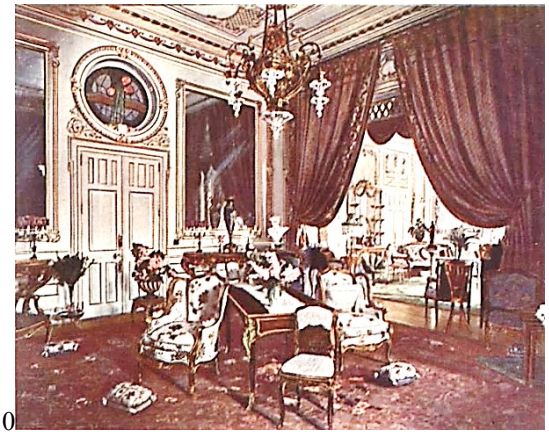


Figura 9. **Salão Maria Antonieta.** [REVISTA *Brazil Magazine*. São Paulo, (jul./1907), pp. 11]

Figura 10. **Salão Louis XV.** [REVISTA *Brazil Magazine*. São Paulo, (jul./1907), pp. 13]

[263]ABRIL CULTURAL – *Nosso século*. Vol. I – 1900/1910. São Paulo: Abril Cultural, 1980, pp. 172-173.
[264] CAMPOS, Eudes – *Arquivo histórico de São Paulo: história pública da cidade*. São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011, pp. 194.

As salas de visitas da Vila Penteado recebiam nomes específicos, como Salão Maria Antonieta ou Salão Louis XV, com decoração e mobília em profusão que remetiam a esse período da história.

Na sala de jantar aconteciam os banquetes de cerimônia, exigindo-se sempre novos menus, geralmente servidos à francesa por dois copeiros e uma auxiliar, e muita formalidade. Os pratos seguiam certa ordem: *hors d'oeuvres*, massa, ave, carne, queijos, doces e frutas, além de bons vinhos europeus. Após a refeição, na sala de visitas se ouvia música, acompanhada de café e licor. Os homens ficavam entre o bilhar, o *fumoir* e o gabinete. Este último é o equivalente masculino à sala da senhora e "corresponde ao *cabinet* da planta francesa", localizando-se à direita no *hall* de entrada dos palacetes. Era nesse local que o dono da casa lia seu jornal pela manhã, guardava livros de escrita, possuía sua biblioteca particular e onde recebia para conversas reservadas os parentes, amigos e políticos. Em alguns palacetes apareceram também a sala das armas.

Nos palacetes se cultivava a cortesia, a formalidade, a moda, a ciência, a música, as artes plásticas, a política e se promoviam espetáculos circenses. Antigas cocheiras adaptadas também serviram de local para os encontros de vanguarda, como o Salão de Olívia Guedes Penteado.

Os cuidados das crianças estavam entregues às governantas estrangeiras, que ensinavam hábitos de higiene e etiqueta e davam aulas de música e de línguas estrangeiras em sala própria para os estudos. As meninas aprendiam a cozinhar e a diversão ocorria nos jardins e nos porões do palacete. Os passeios aos jardins públicos eram eventuais e somente pela manhã, quando estavam mais vazios.[265]

Os trabalhadores domésticos eram tratados com cordialidade, mas com certa reserva, havia uma hierarquia entre eles: os copeiros, os *valets de chambre* e os motoristas, estes últimos possuíam uniforme especial, fardas com muitos botões dourados e até brasonados (fig. 11). Já as trabalhadoras domésticas vestiam uniformes pretos, aventais e toucas brancas, as pajens usavam uniformes brancos. Para as governantas estava liberado o traje social,

[265] HOMEM, Maria Cecília Naclério – *O palacete paulistano; o processo civilizador e a morada da elite do café (1867-1914-18)*. São Paulo: [s.n.], 1992. Tese (Doutorado), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. 1992, pp. 214-217.

escuro e discreto. Estas possuíam mais intimidade com a família e dormiam próximo às crianças. Também participavam de recepções e sentavam-se à mesa na sala de jantar.[266]



Figura 11. **Vila Penteado. Família com o motorista a caráter** – com seus botões dourados. [REVISTA *Brazil Magazine*. São Paulo, (julho/1907, p. 4)]

Os *valets* e as *femmes de chambre* tinham a função de atender os patrões a qualquer hora do dia; seus aposentos localizavam-se no sótão. Cuidavam das roupas e auxiliavam os patrões a se vestir, também serviam o café da manhã no quarto. Havia o primeiro copeiro, que fazia às vezes do mordomo, além de dois auxiliares, mas o comando da casa cabia à senhora. Normalmente os cozinheiros eram negros, geralmente iam a hotéis para aprender novos cardápios. Para cocheiros, preferiam os suíços e os ingleses, por serem os melhores na especialidade. Já os jardineiros eram portugueses, italianos e alemães.

Ao longo dos anos, muitos palacetes dos bairros aristocráticos foram sendo demolidos, e no lugar levantaram edifícios comerciais e residenciais. A Avenida Paulista é um exemplo de local onde poucas residências sobraram para contar a história. Uma dessas construções foi a da Baronesa de Arary, segunda esposa de José Lacerda Guimarães (2.º Barão de Arary), com quem teve cinco filhos. Possuíam a Fazenda Montevideo e, na capital,

[266] HOMEM, Maria Cecília Naclério – *O palacete paulistano; o processo civilizador e a morada da elite do café (1867-1914-18)*. São Paulo: [s.n.], 1992. Tese (Doutorado), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. 1992, pp. 217-218.

foram proprietários da casa de número 1.745, na Avenida Paulista, esquina com a Rua Peixoto Gomide, e vizinhos do Parque Tenente Siqueira Campos, depois Trianon, que ficava do outro lado da rua. O palacete em estilo neocolonial foi projetado pelo arquiteto francês Victor Dubugras, um dos precursores da arquitetura moderna na América. Era uma construção com diversos níveis recortados que formavam vários ambientes e foi finalizado em 1916. Após a morte da Baronesa de Arary, em 11 de julho de 1952, a família vendeu o imóvel para uma construtora que ali ergueu um prédio de apartamentos residenciais que levou o nome de Baronesa de Arary.[267]

A) Olívia Guedes Penteado apreciadora das artes e de joias

Descendente de família tradicional, Olívia Guedes Penteado[268] era a filha mais velha dos Barões de Pirapitinguy. Passou a infância em Mogi-Mirim, na Fazenda da Barra, onde seu pai era produtor de café e criava e importava cavalos ingleses. Foi uma criança tímida e reservada, ela estudou em casa com professores particulares. Frequentou canto lírico e teatros da época, sempre na severa companhia paterna.[269] Aos 16 anos se casou com seu primo Ignácio Penteado,[270] que acabara de regressar da Inglaterra, onde estudou Economia e Comércio. Ignácio e seu irmão, o Conde Álvares Penteado,[271] também estudante de Comércio, possuíam tendência progressista e incentivaram os cursos técnicos em São Paulo. Após as núpcias o casal foi morar em Santos, na Ponta da Praia, durante cinco anos, onde Ignácio possuía uma Casa Comissária de Café, *Penteado & Drumond*. Foi um período em que ele estimulou a evolução espiritual e social da mulher, com leituras e aperfeiçoamento

[267] COTRIM, Luciana – *Série Avenida Paulista: a vida e o palacete da Baronesa de Arary*. *In*: SP Antigo & Moderno – São Paulo City. Publicado em 12/11/2017. Disponível em: https://spcity.com.br/serie-avenida-paulista-vida-e-o-palacete-da-baronesa-de-arary/. Acesso em: 02/05/2018.
[268] Olívia Guedes Penteado nasceu em Campinas a 12/03/1872 e faleceu em São Paulo a 09/06/1934. Seus pais, os Barões de Pirapitinguy, José Guedes de Souza (1830-1897, bisneto do fundador da cidade de Campinas, Francisco Barreto Leme do Prado) e Carolina Leopoldina de Almeida Lima, deram-lhe uma educação esmerada.
[269] DANTAS, Arruda – *Dona Olívia: Olívia Guedes Penteado*. São Paulo: Sociedade Impressora Pannartz, 1975, 1975, pp. 7-9.
[270] Ignácio Penteado era filho de Maria Hygina (1832-1902), irmã de Carolina Leopoldina mãe de Olívia. Ele era do ramo dos Penteados de Campinas, oito anos mais velho que ela.
[271] Conde Álvares Penteado, fundador da Escola de Comércio de São Paulo, que depois se tornou Escola de Comércio Álvares Penteado.

cultural. Manteve em sua residência um regime de rigorosa etiqueta, se vestindo com esmero para o jantar, a mesa posta como se esperasse visita de cerimônia e serviço feito à francesa, em que o copeiro se apresentava com *libré*.[272]

Com a febre amarela assolando a cidade de Santos, o casal retornou a São Paulo, vindo a se instalar na Rua Timbiras enquanto era construída sua futura residência à Rua Conselheiro Nébias, esquina com a atual Avenida Duque de Caxias, no bairro elegante dos Campos Elíseos.[273] Esse palacete projetado em estilo eclético pelo arquiteto Ramos de Azevedo possuía requinte e *raffinement* característico de seus proprietários (fig. 12). Em 1895, viajaram à Europa para comprar os objetos de decoração da nova residência, viagem que durou oito meses entre Paris e Londres. A inauguração da residência aconteceu em 17 de agosto de 1898, com um baile para a alta sociedade paulistana, evento que foi alvo da alentada crônica no jornal *O Commercio de São Paulo*.[274]



Figura 12. **Palacete de Olívia Guedes e Ignácio Penteado.** Vista lateral da casa na Rua Conselheiro Nébias, projetada por Ramos de Azevedo. Local onde ocorriam os famosos saraus de Olívia. [TELLES JR., Goffredo da Silva – Dona Olívia Guedes Penteado, 1918-1934. *In* MATTAR, Denise (org.) – *No tempo dos modernistas; D. Olívia Penteado a Senhora das Artes.* São Paulo: FAAP-Fundação Armando Alvares Penteado, 2002, pp. 249]

[272] DANTAS, Arruda – *Dona Olívia: Olívia Guedes Penteado*. São Paulo: Sociedade Impressora Pannartz, 1975, pp. 9-10. TELLES JR., Goffredo da Silva – Dona Olívia Guedes Penteado, 1918-1934. *In* MATTAR, Denise (org.) – *No tempo dos modernistas; D. Olivia Penteado a Senhora das Artes.* São Paulo: FAAP-Fundação Armando Alvares Penteado, 2002, pp. 257.

[273] A casa foi demolida em 1943 para construir o Hotel Comodoro. Em seu saguão, há uma placa de mármore próxima à escada interna com os seguintes dizeres: "Neste local estava edificada a casa de Dona Olívia Guedes Penteado ilustre incentivadora das Artes, cuja vida foi uma lição permanente de filantropia e patriotismo". DANTAS, Arruda – *Dona Olívia: Olívia Guedes Penteado*. São Paulo: Sociedade Impressora Pannartz, 1975, pp. 16.

[274] IDEM, *Ibidem*, 1975, pp. 10-11. Essa notícia marca a estreia da *Secção Chronica da Quinzena*, atribuída a Afonso Arinos. ARINOS, Afonso – Chronica da Quinzena – *Palcos e salões*. *In* JORNAL O *Commercio* de São Paulo, (31/08/1898), pp. 2.



Figura 13. **Sala de visitas do apartamento em Paris de Olívia Guedes Penteado** – decoração requintada, com sua harpa que a acompanhou quando retornou ao seu palacete em São Paulo. [AMARAL, Aracy – Dona Olívia na Cena Modernista. *In* MATTAR, Denise (org.) – *No tempo dos modernistas; D. Olívia Penteado a senhora das artes.* São Paulo: FAAP-Fundação Armando Alvares Penteado, 2002, pp. 108]

O casal teve duas filhas, Carolina[275] e Maria.[276] Esperava-se que esta continuasse com a obra social e cultural de sua mãe. Anualmente o casal Penteado viajava para a Europa, ficava em seu apartamento parisiense, onde promovia saraus semanais, recebia muitos literatos, intelectuais, políticos e pessoas do meio artístico, nos mesmos moldes daqueles cenáculos[277] gloriosos do século XVII. A sala onde recepcionava seus convidados possuía o requinte a que o casal estava acostumado, com objetos de arte e decoração de luxo, como lustres de cristal, porcelanas e a harpa que o acompanhou quando retornou ao Brasil (fig. 13). Em 1902, numa dessas viagens, a família foi em busca de tratamento para Ignácio Penteado, que havia adoecido gravemente; ao melhorar, se estabeleceu em Paris, na Avenida Hoche, por cerca de cinco anos. A partir de 1905, retomaram os saraus com intelectuais e

[275] Carolina se casou com Dr. Gofredo da Silva Telles, que foi da Academia Paulista de Letras e prefeito de São Paulo durante a Revolução Constitucionalista de 1932.
[276] Maria se casou com Clovis Martins de Camargo, advogado.
[277] Os famosos salões literários franceses, começaram no palácio Rambouillet no princípio do século XVII. A Marquesa Catarina de Rambouillet, "fugindo à vida corrupta da corte de Henrique IV, soube tornar sua casa o centro das maiores expressões do espírito francês". Durante esse século numerosos salões se destacaram pela frequência de intelectuais, artistas e literatos parisienses. TORRES, Lygia Lemos – *Damas paulistas. Ex Libris* José Mindlin. [s.l] [s.n] [19--?], pp. 190.

artistas tanto estrangeiros quanto brasileiros, como Olavo Bilac, sempre às terças feiras, das 17:00 às 20:00 horas. Esse salão se tornou famoso e conhecido como os *mardis* de *Mme*. Penteado".[278]

Olívia já estava morando em São Paulo quando ocorreu o falecimento de seu marido, com apenas 49 anos. A partir de fevereiro de 1914, ela continuou com os salões literários em seu palacete, acompanhada por sua filha Maria, frequentado por intelectuais e pela elite paulistana e carioca.[279] Nos anos 1920 se encantou com o Modernismo e, passou a incentivar as vanguardas artísticas. Recebia em seus saraus de Paris, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, Paulo Prado e Mário de Andrade. Compreendendo melhor esse movimento, começou a frequentar artistas como Picasso, Brancusi, Léger, Lhote, Cocteau, entre outros. Em companhia de sua amiga Tarsila, frequentou cursos e ateliês. No Salão de Outono de Paris de 1923, adquiriu a escultura de Brecheret *A descida da Cruz*, que se encontra no túmulo do casal Guedes Penteado no Cemitério da Consolação, em São Paulo.[280]

Ao retornar ao Brasil em 1924, reformou uma velha construção (antiga cocheira) de seu jardim, onde acolheu as obras dos artistas modernos, como Lèger, Picasso, Marie Laurencin, Lhote, Brancusi, Brecheret, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Di Cavalcante, entre outros. As reuniões sociais continuaram a acontecer com o chá nas terças-feiras, sempre visitadas por romancistas, poetas, músicos, artistas plásticos e de teatro, intelectuais nacionais e internacionais e presidentes. Nessa época Olívia ciceroneou o escritor franco-suíço Blaise Cendrars, em viagem pelo Brasil. Os modernistas também passavam temporadas na Fazenda Santo Antônio, entre eles Villa-Lobos, que se tornou frequentador assíduo da casa. Em 1931, a pedido do Governo do Estado, Olívia Penteado recepcionou em

---

[278] DANTAS, Arruda – *Dona Olívia: Olívia Guedes Penteado*. São Paulo: Sociedade Impressora Pannartz, 1975, p. 18. TORRES, Lygia Lemos – *Damas Paulistas. Ex Libris* José Mindlin. [s.l] [s.n] [19--?], pp. 190. TELLES JR., Goffredo da Silva – Dona Olívia Guedes Penteado, 1918-1934. *In:* MATTAR, Denise (org.) – *No tempo dos modernistas; D. Olívia Penteado a Senhora das Artes.* São Paulo: FAAP-Fundação Armando Alvares Penteado, 2002, pp. 258

[279] IDEM, *Ibidem*, 2002, pp. 259. DANTAS, Arruda – *Dona Olívia: Olívia Guedes Penteado*. São Paulo: Sociedade Impressora Pannartz, 1975, pp. 19.

[280] IDEM, *Ibidem*, 1975, p. 23. O Cemitério da Consolação, é o mais antigo e o mais importante de cidade de São Paulo, considerado um museu a céu aberto com túmulos monumentais, obras de arte, esculturas em mármore, granito e bronze assinados por artistas de renome. Fundado em 15 de agosto de 1858, se tornou o primeiro cemitério público da capital. Vídeo PAULINAS WebTV – O *cemitério da Consolação em São Paulo*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UJnjfHTukKM. Acesso em: 20/09/2019.

seu palacete o Príncipe de Gales e seu irmão, o Duque de Kent, mantendo a mais rigorosa etiqueta.

Ela lutou pelo voto feminino e ajudou a eleger a primeira mulher para uma constituinte. Na década de 1930, período da Revolução Constitucionalista em São Paulo, era proibido falar de política em seus saraus. Durante o período de lutas assumiu o cargo de Diretora do Departamento de Assistência à População Civil. Doou joias valiosas para a campanha Ouro para o Brasil, destinada a reforçar os fundos necessários à manutenção das frentes de combate. Preocupada com as condições das viúvas e dos órfãos dos voluntários, trabalhou intensamente durante a Revolução de 1932. Olívia veio a falecer em 9 de junho de 1934, vítima de uma apendicite fatal. O Governo do Estado quis homenageá-la com honras de Chefe de Estado, cobriu seu caixão com as bandeiras do Brasil e de São Paulo e providenciou um carro de bombeiros para levar no alto o esquife e as flores.[281]



Figura 14. **Pormenor do Retrato de Olívia Guedes Penteado** - 1911. Olívia era uma apreciadora de joias, e em especial de colares de pérolas, que os possuía em vários tamanhos. [Autor: Henri Gervex (1852-1929) Óleo sobre tela. Pinacoteca do Estado de São Paulo. Doação de Beatriz Ferreira da Silva Telles, em 2014. MATTAR, Denise (org.) – *No tempo dos Modernistas; D. Olívia Penteado a Senhora das Artes.* São Paulo: FAAP-Fundação Armando Alvares Penteado, 2002, p. 295]

[281] TELLES JR., Goffredo da Silva – Dona Olívia Guedes Penteado, 1918-1934. *In* MATTAR, Denise (org.) – *No tempo dos modernistas; D. Olivia Penteado a Senhora das Artes.* São Paulo: FAAP-Fundação Armando Alvares Penteado, 2002, pp. 260-276.



Figura 15. **Olívia Guedes Penteado com seus colares de pérolas** em dois momentos. (1) Usando um *collier de chien* de pérolas. (2) Colar junto ao pescoço e longo. [TELLES JR., Goffredo da Silva – Dona Olívia Guedes Penteado, 1918-1934. *In* MATTAR, Denise (org.) – *No tempo dos modernistas; D. Olívia Penteado a Senhora das Artes.* São Paulo: FAAP-Fundação Armando Alvares Penteado, 2002, pp. 261 e 273]

Olívia Guedes Penteado foi uma pessoa centralizadora e incentivadora das atividades culturais. Ela era considerada um símbolo do refinamento para a sociedade paulistana. Ficou conhecida internacionalmente pela importância de seus salões e por sua coleção de obras de arte; era amante de joias e em especial de colares de pérolas, que possuía em diferentes tamanhos e modelos (fig. 14 e 15 supra).

Os herdeiros de Olivia ainda conservam algumas joias, adereços e peças de arte que pertenceram a ela, como poderemos ver na coleção particular de Maria Thereza da Silva Prado Godoy, bisneta de Olívia Guedes Penteado por parte de mãe. Tais itens podem ser vistos neste volume I: no subcapítulo 2.2. Mercadorias de luxo para uso pessoal, figuras 46, 47 e 54, e no subcapítulo 2.3. Mercadorias de luxo para decoração e presentes, figura 61.

CAPÍTULO II: O COMÉRCIO DE LUXO EM SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX

> O surgimento do comércio de luxo[282] decorre da necessidade de uma classe social distinta. Isso é fácil de ser visualizado se lembrarmos dos reis que pertenciam ao topo da pirâmide social, com um poder ilimitado para governar o seu Estado. Para se distinguirem, usavam produtos que davam maior imponência, através do seu símbolo, brilho, peso e unicidade – como coroas, brasões, anéis e ornamentos –, atendendo a uma espécie de "requisito" para demonstrar a sua superioridade diante dos seus súditos, já que as peças eram exclusivas dos reis e rainhas. Esses produtos, evidentemente, não eram usados fora do contexto da cultura dessa classe; eles tinham um significado, até mesmo para que os demais identificassem aquela superioridade, como no caso da vestimenta, que era composta por tecido especialíssimo, de uma cor rara, difícil de ser obtida.[283]

Um dos elementos responsáveis pelo desenvolvimento das grandes cidades foi o comércio, principalmente o de luxo, incrementando a economia e trazendo inovações que impactaram o modo de vida dos seus habitantes. Tradicionalmente, o consumo de produtos de determinadas marcas mais custosas era para poucos, uma exclusividade que se materializava em luxo. Posteriormente esse aspecto foi ganhando caráter subjetivo, algo que gerasse uma carga emocional oriunda de uma necessidade com significado pessoal.[284] A palavra "marca" vem de *brand,* de origem anglo-saxônica, que por sua vez vem de *brandon*, instrumento utilizado para marcar o gado a ferro quente. A marca agrega atributos, poder, sentimentos, personalidade e pagamos por isso.[285]

A partir da segunda metade do século XIX, o universo do comércio de luxo estava ligado a um nome, a uma individualidade excepcional, a uma casa comercial, com o nome do criador ou da *Maison*. Esta não era constituída somente pela riqueza do material, mas pela aura que o nome das grandes casas trazia, além do prestígio da grife e da magia da

[282] Luxo – ver glossário.
[283] DINIZ, Cláudio – *O mercado de luxo no Brasil: tendências e oportunidades*. São Paulo: Seoman. 2012, pp. 15.
[284] IDEM, *Ibidem*. 2012, pp. 17.
[285] VALESE, Adriana – Marcas: luxo ou necessidade? *In*: CASTILHO, Kathia; VILLAÇA, Nizia (orgs) – *O novo luxo*. São Paulo: Editora Anhembi-Morumbi, 2008, pp. 33

marca,[286] que representavam os valores imateriais do luxo. Na alta joalheria, os grandes mestres joalheiros deixaram suas marcas e passaram a ser admirados por suas criações, com tendência a maior valorização das peças, o que aumentava sua notoriedade.[287]

Com um alcance geográfico/populacional e ampla variedade de produtos e serviços, o comércio gerou, ao longo do tempo, emprego e aumento de receita, contribuindo para a qualidade de vida da sociedade. Os indivíduos passaram a buscar novas experiências, como frequentar restaurantes, teatros e cinemas, praticar esportes, fazer turismo, comprar produtos de luxo e obras de arte. Os consumidores utilizavam os bens e serviços para comunicar algo sobre si mesmos, reafirmando suas identidades, expressando sentimentos e emoções, definindo sua posição social e estilo de vida, declarando seu pertencimento a um determinado grupo.[288]

Nas últimas décadas do século XIX e início do XX, São Paulo socializou-se, e a burguesia oitocentista orientava-se para o conforto e a comodidade não deixando de lado a sofisticação e o luxo. Sendo esta medida de riqueza de uma classe social, ninguém apostaria na confecção e venda de peças desse tipo se não houvesse quem as consumisse. O que se percebeu foi que o comércio destes produtos os tornou mais acessíveis a uma classe burguesa que estava em ascensão, passando a adquirir mais objetos de arte, cristais, pratarias, mobiliário inglês entre outros artigos de aparato.[289]

A parte dinâmica e visível da estrutura econômica era o comércio. A maneira de comercializar as mercadorias se especializou para acompanhar a demanda. A partir do século XX, foi no Triângulo Central que se concentrou a vida política, social e econômica, difundindo a modernidade pela qual estavam passando as sociedades ocidentais. O Brasil, uma jovem nação, não possuía a tradição histórica de que a Europa desfrutava e cultivava,

---

[286] LIPOVETSKY, Gilles – Luxos modernos, luxos pós-modernos. *In* LIPOVETSKY, Gilles; ROUX, Elyette – *O luxo eterno: da idade do sagrado ao tempo das marcas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, pp. 43.
[287] VAN CLEEF ET ARPELS – « *Il est des signatures auxquelles on tient* ». *In* HUYGHE, René – *L'Amour de L'Art: parures et bijoux.* Revista Mensal, Nº 26 e 27 – Ano 27. Paris: *Éditions* Paul Dupont, 1947, pp. 385.
[288] LIMEIRA, Tania Vidigal – Comércio: arte, paixão e legado. *In* WORCMAN, Karen; OLIVEIRA, Cláudia Leonor (org.) – *Comércio em São Paulo: imagens e histórias da cidade*. São Paulo: Edições SESC SP, 2012, pp. 108-109.
[289] CASTARÈDE, Jean – O luxo eterno. *In* CASTARÈDE, Jean – *O luxo: os segredos dos produtos mais desejados do mundo*. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2005, pp. 32. Cláudio Diniz – *O mercado de luxo no Brasil: tendências e oportunidades*. São Paulo: Seoman. 2012, pp. 16.

assim os brasileiros se espelhavam no estilo de vida do Velho Continente, principalmente da sociedade francesa, com seu refinamento característico.

As transformações pelas quais passava a Europa, procurando novos valores e formas de viver o mundo à sua volta, estavam atreladas não só às necessidades básicas, mas também às suas aspirações.[290] Os desejos/aspirações variam, são volúveis e infinitos, conduzem à busca do prazer, atividade elaborada que envolve sentimentos, emoções sutis e comportamentos complexos. Será, então, através dos bens e serviços que as pessoas se distinguirão na vida em sociedade.[291]

Esta economia formada por um conjunto de produtos e serviços mais elaborados, procurava satisfazer às necessidades e aos desejos dos cidadãos, incidindo no setor de joias, acessórios, moda, cosméticos, perfumaria, artes plásticas, objetos decorativos, mobiliários, mobilidade (automóveis, barcos e outros), imóveis, alimentos, bebidas, hospitalidade, serviços pessoais e estilo de vida. Os automóveis, por exemplo, impulsionaram o comércio no início de século XX e, até a década de 1920, tornou-se um elemento ligado à elevação da burguesia. Por serem mais custosos, estes objetos de luxo foram consumidos por pessoas com rendas elevadas, gerando uma identificação dessa camada da sociedade.[292]

> O luxo é o sonho, o que embeleza o cenário da vida, [...]. Sem luxo "público", as cidades carecem de arte, [...]: não é ele que nos faz ver as mais magníficas realizações humanas, as que, resistindo ao tempo, não cessam de nos maravilhar? Quanto ao luxo privado, não é promessa de volúpia, refinamento dos prazeres e das formas, convite às mais belas viagens? Luxo, memória e volúpia: é preciso ser uma alma bem sombria para fazer cruzada contra o que é amor à beleza e sua expressão, leveza, momento de felicidade.[293]

Além da posse de um bem de luxo, do poder que porventura este pudesse trazer ao seu possuidor e pelo seu valor material, havia também o amor à perfeição. Podemos elencar

---

[290] EWALD, Ariane – Apresentação. *In* CASTARÈDE, Jean – *O luxo: os segredos dos produtos mais desejados do mundo*. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2005, pp. 9-12.
[291] PENTEADO, José Roberto Whitaker – Todo poder aos desejos. *In* ALLÉRÈS, Danielle – *Luxo...: estratégias, marketing*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp. 12. PASSARELLI, Silvio – *O universo de luxo – marketing e estratégia para o mercado de bens e serviços de luxo.* Barueri, SP: Manole, 2010, pp. 28.
[292] PASSARELLI, Silvio – *O universo de luxo – marketing e estratégia para o mercado de bens e serviços de luxo.* Barueri, SP: Manole. 2010, pp. 27-28. DEAECTO, Marisa Midori – *Comércio e vida urbana na cidade de São Paulo (1889-1930)*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002, pp. 57. CAMPOS, Eudes – *Arquivo histórico de São Paulo: história pública da cidade*. São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011, pp. 193.
[293] LIPOVETSKY, Gilles – Luxo eterno, luxo emocional. *In* LIPOVETSKY, Gilles; ROUX, Elyette – *O luxo eterno: da idade do sagrado ao tempo das marcas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, pp. 19.

três itens que valorizam o objeto de luxo – satisfazer a um enfoque personalizado; ser tecnicamente perfeito; e esteticamente belo.

> O luxo pode então ser considerado uma das belas-artes – eis por que o objeto luxuoso não é esteticamente neutro. Ele possui traços, forma, configuração. Transmite códigos de beleza que podem surpreender, chocar. [...] o homem se vê interpelado por uma obra que depende não apenas de técnica, mas também de uma dimensão quase espiritual – a da estética. O objeto de luxo, qualquer que seja, tem vocação para ser belo, mesmo que não chegue a cumpri-la; [...].[294]

Ligado à beleza, o luxo tem que estar relacionado com os cinco sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato. Os objetos de luxo se revelam ao nosso olhar, sejam na decoração cotidiana – móveis, pratarias, quadros, objetos de arte –; nos trajes e joias; nas atrações turísticas, jardins, residências, hotéis, arquitetura, natureza, ambientes; objetos de deslocamentos, bagagem, meios de locomoção. Por meio da audição conseguimos captar os sons em uma ópera, um concerto, o ouvido nos revela a música e a brandura dos sons e das palavras. Através do olfato sentimos as fragrâncias e os perfumes, nesse campo misterioso dos domínios do luxo. O requinte do paladar se comprova nos pratos bem elaborados de uma gastronomia nacional e internacional. No tato percebemos as qualidades do material, que abrange a maioria das virtudes do luxo. Numerosos estudos psicológicos destacaram a importância dos sentidos para a compra de determinados produtos, levando as empresas a elaborar sua divulgação nesse sentido. Temos como exemplo o lançamento do isqueiro Cartier, em que se procurou ressaltar o prazer tátil do objeto sem perder as outras características do luxo, sendo tecnicamente perfeito e esteticamente belo.[295]

O desenvolvimento da mecanização irá permitir o aparecimento de peças similares às de luxo, com preços menores, direcionado à classe média. De um lado estavam os artigos originais, únicos, e do outro as imitações, os similares, colocados à disposição de uma ampla clientela. Essa foi a primeira forma de vende destes similares ao luxo que os grandes magazines adotaram, visando estimular o consumo da classe média a partir de novas metodologias comerciais, com preços atrativos, saldos, vendas especiais, diversidade de artigos – que criavam certa magia, alimentando o desejo irresistível de obtê-los –, atrelados

[294] CASTARÈDE, Jean – O luxo eterno. *In* CASTARÈDE, Jean – *O luxo: os segredos dos produtos mais desejados do mundo*. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2005, pp. 36-38.
[295] IDEM, *Ibidem*. 2005, pp. 41-44.

a uma publicidade consistente. Essas estratégias levavam o cliente a consumir objetos não estritamente necessários, mas que lhes traziam certa posição social, conforto e beleza.[296]

2.1. A expansão da atividade comercial nas capitais – Rio de Janeiro e São Paulo

A Revolução Francesa (1789-1799) desencadeou um período social único. Extinguiram-se os padrões estéticos e artísticos europeus, criados nas academias, nas corporações e no mecenato aristocrático; ocorreu o aparecimento da burguesia e do industrialismo, originou-se um novo estilo de vida. O progresso contínuo e ilimitado das tecnologias após a Revolução Industrial (século XVIII) e a Revolução Científico-Tecnológica (em torno de 1870) marcou as sociedades e suas economias, inclusive a brasileira, cujas grandes transformações se concentraram em fins do século XIX até meados do século XX, período em que a Europa, em plena *Belle Époque,* estava passando por um momento de paz e desenvolvimento tecnológico.

O início da *Belle Époque* brasileira pode ser estimado com a Proclamação da República, em 1889, quando se iniciou um período de reformas urbanas em várias cidades, seguindo o exemplo do Barão de Haussmann – Georges-Eugène Haussmann, prefeito do antigo departamento do Sena, que governou de 1853 a 1870 –, com realinhamento de ruas, criação de avenidas, parques, entre outros, com o objetivo de embelezar e higienizar as cidades. Estas tornaram-se mais atrativas para morar e montar seus estabelecimentos, ocorrendo um aumento de lojas comerciais a partir de então.[297]

O enriquecimento das elites paulistas na segunda metade do século XIX, devido ao desenvolvimento da economia cafeeira, desencadeou um processo de internalização das funções econômicas, ocorrendo um progresso material nas cidades ligadas à circulação dos

[296] LIPOVETSKY, Gilles – Luxos modernos, luxos pós-modernos. *In* LIPOVETSKY, Gilles; ROUX, Elyette – *O luxo eterno: da idade do sagrado ao tempo das marcas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, pp. 44-46.

[297] LIMA, Natália Dias de Casado – A Belle Époque: transformações urbanas, moda e influências no Rio de Janeiro. *In Revista História & Democracia – precisamos falar sobre isso*. 3 a 6 de setembro de 2018. Guarulhos – SP. UNIFESP / Campus Guarulhos. 2018, pp. 2-3. Disponível em http://www.periodicos.ufes.br. Acesso em: 04/08/2020.

produtos, permitindo o desenvolvimento endógeno da economia. A transformação da cidade de comunidade em metrópole teve um grande impulso com a atividade dinâmica do comércio, pois os indivíduos passaram a ter um poder de compra maior devido o crescente acúmulo de capital. O Triângulo Central adotou a aparência das grandes cidades mundiais; a sociedade difundiu o luxo e a necessidade de consumo, muitas vezes desnecessário. O progresso das casas comerciais estava atrelado às firmas importadoras e exportadoras pelo fato de artigos estrangeiros serem os mais procurados. A partir da segunda metade desse século, as relações comerciais se ampliam por todo o globo.

O comportamento da sociedade contemporânea passou a ser orientado pelo capitalismo, resultando na universalização do mercado. A economia paulistana estava vinculada ao capitalismo internacional, mas após a Primeira Guerra Mundial o comércio dinamizou o processo de expansão dos mercados e a inovação de técnicas e tecnologias dos setores produtivos, pondo em evidência os grupos empresariais da época.[298]

Consolidou-se a expansão dos mercados como uma atividade universal, definindo-se as atribuições do comerciante e lhe conferindo um caráter profissional. Reafirmou-se a necessidade do desenvolvimento das forças produtivas da classe no campo socioeconômico. Os negociantes achavam-se predispostos a uma maior especialização e profissionalização em suas tarefas, fortalecidos na base por uma infraestrutura que os representantes do comércio encontraram no meio urbano. Uma série de códigos e leis passou a balizar e a regulamentar a ação das empresas de comércio. Devido à sua complexidade organizacional e por ser uma atividade que envolvia a dinâmica do sistema capitalista, surgiu uma série de recursos, como as letras de câmbio, créditos, notas promissórias, seguros, sociedades anônimas, entre outros. Houve uma convergência de capital no domínio do comércio atacadista, com a expansão de grandes empresas através de suas filiais nos grandes centros de consumo; muitas se associaram a grupos financeiros e companhias de navegação. Já o comércio varejista dominou empresas de pequeno e médio porte, estas pequenas unidades se multiplicaram nas grandes cidades, atendendo diferentes classes sociais. Essa circulação de mercadorias potencializou a mobilidade social.[299]

---

[298] DEAECTO, Marisa Midori – *Comércio e vida urbana na cidade de São Paulo (1889-1930).* São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002, pp. 10, 17-18, 22-23, 33-34.
[299] IDEM, *Ibidem*, 2002, pp. 92-94.

O comércio elegante se estabeleceu e se tornou uma das atividades que crescia a um rítimo acelerado. Dentre oito categorias profissionais recenseadas nas três datas referidas (*infra*), o comércio se encontra na quarta posição, tendo sido superado pela agricultura, a indústria e o transporte, mas superando numericamente a atividade pública, a administração, as profissões liberais e os que vivem dos serviços domésticos. Em 1872, havia na pauliceia 102.133 casas comerciais; em 1900, eram 322.858; e em 1922, esses estabelecimentos chegavam a 407.548.[300]

O dinamismo da economia internacional e o intenso fluxo de mudanças ocasionaram uma integração mundial. Uma nova imagem de poder, riqueza, luxo e modernidade se materializava com o crescente progresso tecnológico, a consolidação da indústria, as novas invenções e o aparecimento das máquinas. A paisagem urbana foi redesenhada, os avanços da ciência desvendaram os mistérios da natureza, a sociedade elaborou para si um sistema de representação coletiva, composta de ideias-imagens que constituíam um esquema de referência para a vida e a compreensão do mundo. Esse imaginário social deu legalidade à ordem vigente, orientando comportamentos e valores.[301]

Os indivíduos passaram a alterar seus hábitos cotidianos, suas convicções e seus modos de perceber os objetos que os rodeavam, o jeito de organizar suas afeições, de experimentar a proximidade ou o alheamento das pessoas. O grande consumo de joias, adereços e objetos de arte e de decoração pela elite sinalizava um apurado estilo de vida, que cada vez mais se tornava símbolo de elegância e *status*, em que o estritamente necessário foi substituído pelo desejado. A imagem pessoal, diante do coletivo, assumiu grande importância e será por meio dela que se distinguirão os indivíduos nessa nascente sociedade industrial.[302]

O culto à imagem, com uma produção iconográfica diferenciada e procedimentos técnicos diversificados, estava voltado para a educação visual da sociedade, sendo oferecido

---

[300] DEAECTO, Marisa Midori – *Comércio e vida urbana na cidade de São Paulo (1889-1930).* São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002, p. 95.
[301] PESAVENTO, Sandra Jatahy – *Exposições Universais: espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997, pp.13.
[302] SEVCENKO, Nicolau – Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. *In* Novais, Fernando A. (coord.); Sevcenko, Nicolau (org.) – *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp.7-9.

pelos álbuns pitorescos, daguerreotipias, fotografias e, posteriormente, pelas estereotipias, pelos cartões postais e pelo cinematógrafo. Ao longo do século XIX se procurou desenvolver atos que, apesar de parecerem visivelmente comuns, como olhar, comparar, julgar, foram objeto de extenso e intensivo processo de educação dos sentidos.[303]

> Dentre os diversos modos de olhar, comparar e julgar, as Exposições Universais talvez tenham sido dos mais eficientes. Estas grandes feiras representaram um dos mais importantes espaços educativos da cultura do século XIX, ensinando as novas massas urbanas a observar cidades, povos, culturas e também a hierarquizá-los a partir de uma visão única e evolucionista de desenvolvimento e história.[304]

Os antepassados das exposições foram os mercados[305] e as feiras, que fizeram parte da evolução do comércio e da civilização desde o momento em que os homens perceberam a vantagem de se reunir para trocar mercadorias. No final século XVIII, surgiu a ideia de organizar manifestações semelhantes às feiras, onde objetos seriam exibidos sem serem comercializados, ao que chamaram exposições. Estas se proliferaram com a Revolução Industrial – quando surgiram as exposições industriais.[306]

As Exposições Universais apresentavam as produções da indústria, tornando-se referência e local onde se lançavam as tendências; eram verdadeiras vitrinas para um mundo que estava se modernizando.[307] Tinham como missão informatizar, explicar, inventariar e sintetizar.

> Partilhando da preocupação enciclopédica vinda do século das luzes, de tudo catalogar, classificando segundo critérios científicos, as exposições receberiam ainda os influxos de uma proposta comtiana, nascida no século XIX e que identificava a difusão dos saberes, como um dever positivista. Catálogo do conhecimento humano acumulado, síntese de todas as regiões e épocas, as exposições funcionavam para seus visitantes como uma "janela para o mundo". [...] Nelas se exibiam as mais complexas máquinas, os mais recentes inventos,

---

[303] PEREIRA, Margareth da Silva – A Exposição Nacional de 1908 ou O Brasil visto por dentro. *In* PEREIRA, Margareth da S. (org.) – *1908, um Brasil em exposição*. Rio de Janeiro: Casa Doze, 2011, pp. 10.
[304] IDEM, *Ibidem*, 2011, pp. 10.
[305] O mercado – do latim *mercatum,* local de reunião –, surgiu ao redor do palácio ou do templo. Na Idade Média, com as peregrinações e as Cruzadas, ocorreu um tipo de mercado ambulante, que deram impulso ao comércio. Foi quando surgiu a classe dos mercadores. COSTA, Elizabeth Goldfarb – *Anel, cordão, perfume barato: uma literatura do espaço do comércio ambulante na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nova Stella: Editora da Universidade de São Paulo, 1989, pp. 29-30.
[306] DANTAS, André Dias – *Os pavilhões brasileiros nas exposições internacionais*. 2010. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, pp. 20.
[307] GOMES, Ana Carolina (*et. al.*) – *Exposições universais: sociedade no século XIX*. Disponível em: http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/Exposicoes_Universais_Sociedade_no_seculo_XIX_0.pdf. Acesso em: 12/01/2015.

> classificados cuidadosamente e organizados segundo preocupação didática e enciclopédica.[308]

As civilizações consolidavam seu poder econômico e procuravam transmitir "valores e ideias, como a solidariedade entre as nações e a harmonia entre as classes, com crença no progresso ilimitado e a confiança nas potencialidades do homem no controle da natureza, a fé nas virtudes da razão e no caráter positivo das máquinas".[309]

> Olhar o mundo e, em seguida, classificá-lo fez com que a arquitetura e a imagem das cidades fossem vistas como um "retrato" das civilizações e dos povos. O clímax dessa leitura das culturas através de objetos e edifícios se fixa na segunda metade do século XIX. Através da linguagem estilística adotada em cada contexto e país [...] ou do desenvolvimento tecnológico exibido, julgava-se o seu nível de civilidade, cosmopolitismo e progresso.[310]

O século XIX foi considerado o século das conquistas, quando o progresso era medido pelos novos recursos que a ciência e a técnica colocaram a serviços dos indivíduos. Dessa forma vários países procuravam participar das Exposições Universais, inclusive o Brasil, pois estas funcionavam como termômetros, demostrando o grau de civilização e progresso dos respectivos governos e impulsionando o desenvolvimento dos produtos manufaturados, que passaram a ser consumidos com maior avidez.

Organizaram-se dezenas de exposições internacionais em distintas cidades europeias e americanas. O Brasil foi o único país latino-americano a sediar uma Exposição Universal, a de 1922, que foi comemorativa pelo Centenário da Independência do Brasil.[311] A princípio essa exposição seria realizada na cidade de São Paulo, com o apoio do Governo Federal de Rodrigues Alves, para exibir a reconstrução da urbi. Mas a capital federal, Rio de Janeiro, que também havia sido remodelada, acabou se tornando o palco do evento.[312]

---

[308] PESAVENTO, Sandra Jatahy – *Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997, pp. 45.
[309] DANTAS, André Dias – *Os pavilhões brasileiros nas exposições internacionais*. 2010. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, pp. 21.
[310] PEREIRA, Margareth da Silva (org.) – *1908, um Brasil em exposição*. Rio de Janeiro: Casa Doze, 2011, pp. 14.
[311] SANTOS, Paulo César dos – *Um olhar sobre as exposições universais.* XXVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento histórico e diálogo social. Natal, RN – 22 a 26/07/2013, pp. 9. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1362520918_ARQUIVO_CesarANPUH1.pdf. Acesso em: 14/11/2017.
[312] BARBUY, Heloisa – *A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914.* São Paulo: EDUSP, 2006, pp. 73.

Assim que recebeu o primeiro convite para participar de uma Exposição Universal, o Brasil resolveu se preparar, organizando Exposições Nacionais com o objetivo de fazer um inventário de sua indústria e riquezas naturais que serviria de base para o que deveria ser mostrado ao mundo. Em 1889, com o advento da República, esses eventos quase chegaram a desaparecer do calendário. Foram retomados em 11 de agosto de 1908, com a inauguração da Exposição Nacional – Agrícola, Industrial, Pastoril e de Artes Liberais – na Praia Vermelha, região da Urca no Rio de Janeiro, em comemoração ao Centenário da Abertura dos Portos às Nações Amigas – decretada em 28 de janeiro de 1808 pelo príncipe regente de Portugal, Dom João de Bragança, futuro Dom João VI (1767-1926).[313] Cada Estado da Federação organizou pavilhões ou estandes que exibiam seus avanços culturais, industriais e econômicos, apresentados também em álbuns, fotografias e catálogos. Foi um desafio ambicioso com o objetivo de fazer um inventário do desenvolvimento do país e mostrar aos brasileiros sua produção.

O Pavilhão de São Paulo (fig. 16) era o maior e mais luxuoso: tinha 1.500 m² de área construída, foi projetado por Ramos de Azevedo e Ricardo Severo e executado pelo arquiteto Domiziano Rossi. O *Jornal do Comércio* promoveu junto ao público o Concurso de Pavilhões, que premiou o de São Paulo. Possuía uma base octogonal com duas entradas principais; escadarias e pisos em mármore; gradil forjado em ferro; vestíbulos abobadados, com doze cúpulas; arcos emoldurados por festões de louros; candelabros monumentais e frontões de leões na entrada para o salão que ocupava todo o centro do edifício coberto por uma cúpula de 35 metros de altura, encimada por um holofote que iluminava os vidros opalinos da construção; além de outros detalhes que mostravam o grau de adiantamento das artes aplicadas à indústria paulista. Apresentava salas destinadas às festas, conferências, recepção às autoridades e exposições de produtos. Pela diversidade e amplitude dos artigos paulistas, foram utilizadas alas em dois andares do Palácio dos Estados, com estandes e

[313] PEREIRA, Margareth da Silva (org.) – *1908, um Brasil em exposição*. Rio de Janeiro: Casa Doze, 2011, pp. 7. COSTA, Carla – *A Exposição Nacional de 1908 na Coleção Família Passos*. Disponível em: http://brasilianafotografica.bn.br/?p=11621&fbclid=IwAR0spUx7LgookhVGuziJCRrdotM8UTQItrVu189z3cikpuHNTtxy7cr-Wxs. Acesso em: 22/11/2019.

quiosques que exibiram a produção agrícola, tecidos, maquinário, couro, cerâmica e desenhos arquitetônicos.[314]



Figura 16. **Pavilhão de São Paulo na Exposição Nacional de 1908** – à direita. À esquerda Pavilhão de Minas Gerais.[315] [Foto: Augusto Malta (1864-1957). Coleção Família Passos. Acervo Museu da República]

As Exposições Universais exibiam uma expressiva coleção de produtos de vários países, que representavam seu estilo de vida, o que dava ao visitante a sensação de dar uma volta ao mundo, conhecendo as culturas desses lugares durante a visita. Com esses eventos, o comércio exterior adquiriu um grande impulso, e os objetos cada vez mais sinalizavam um determinado estilo de vida, substituindo-se o estritamente necessário pelo consumo do desejado. O Brasil passou a importar um número grande de mercadorias destinadas ao uso pessoal e decorativo. A imagem pessoal diante do coletivo assume uma grande importância.

[314] REVISTA *Brasil Magazine*. São Paulo (julho/1908), pp. 8-9. COSTA, Carla – A Exposição Nacional de 1908 na Coleção Família Passos. *In* Série *O Rio de Janeiro desaparecido II*. Disponível em: http://brasilianafotografica.bn.br/?p=11621&fbclid=IwAR0spUx7LgookhVGuziJCRrdotM8UTQItrVu189z3cikpuHNTtxy7cr-Wxs. Acesso em: 22/11/2019.

[315] COSTA, Carla – A Exposição Nacional de 1908 na Coleção Família Passos. *In* Série *O Rio de Janeiro desaparecido II*. Disponível em: http://brasilianafotografica.bn.br/?p=11621&fbclid=IwAR0spUx7LgookhVGuziJCRrdotM8UTQItrVu189z3cikpuHNTtxy7cr-Wxs. Acesso em: 22/11/2019.

É por meio dela que se distinguem os indivíduos dessa sociedade industrial. Com essa revolução tecnológica aparecem novas formas de comercializar, surgem os grandes magazines, os catálogos; intensificam-se os anúncios, tornando o mercado mais competitivo.[316]

Após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), criou-se a Convenção Internacional e o *Bureau International des Expositions,* para estabelecer os estatutos de direitos e obrigações de organizadores e participantes. Além da periodicidade e frequência desses eventos, a convenção ressaltava também que, diferentemente de uma feira, a exposição era acima de tudo uma obra de informação e educação. Surgiram novas correntes estéticas, a comunicação atingiu uma escala internacional e as exposições se transformaram em empreendimentos gigantescos. Nesse período, a concorrência entre França e Inglaterra era muito forte, os ingleses consideravam os franceses uma nação aristocrática que priorizava sua indústria para as classes mais abastadas. Por sua vez, os franceses diziam não ter rivais em gosto e refinamento à sua altura.[317]

Na segunda metade do século XIX, países europeus como Inglaterra, França, Alemanha, e os Estados Unidos, conduziram mudanças entre a ciência e a sociedade, valorizando o sistema de ensino com o intuito de profissionalizar e especializar os cientistas. Novos cursos foram criados nas universidades e introduzidas matérias como Física e Química nas escolas.[318]

Em São Paulo, a Sociedade Propagadora da Instrução Popular instituiu o Liceu de Artes e Ofícios[319] em 1882, introduzindo cursos profissionalizantes e gratuitos no currículo: carpintaria, marcenaria, tapeçaria, serralheria, serralheria artística (Anexo I, fig. 20), escultura, fundição artística de bronzes, galvanoplastia, modelagem para decorações

[316] OLIVEIRA, Milena Fernandes de – *Consumo e cultura material, São Paulo "Belle Époque" (1890-1915).* Campinas: [s.n.], 2009. Tese (Doutorado) em Desenvolvimento Econômico apresentada ao Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, pp. 2.
[317] DANTAS, André Dias – *Os pavilhões brasileiros nas exposições internacionais*. 2010, pp. 41 e 54. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.
[318] GOMES, Ana Carolina; (*et. al*) – *Exposições Universais: sociedade no século XIX*. Disponível em: http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/Exposicoes_Universais__Sociedade_no_seculo_XIX_0.pdf. Acesso em: 12/01/2015.
[319] O prédio construído para o Liceu de Artes e Ofícios atualmente é a sede da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Foi idealizado pelo escritório técnico do engenheiro e arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo, que na época era diretor dessa instituição.

arquitetônicas, instalações sanitárias e encadernações. Essa inovação vinda dos EUA e da Europa visava à formação técnica e moral, seguindo os ideais positivistas da época, dignificando o homem através do trabalho.[320]

As artes decorativas, criadas para que não fossem apenas utilitárias, tinham que realizar sua finalidade estética, vinculadas aos espaços interiores, às aplicações arquitetônicas ou a um conjunto ornamental de objetos de arte, tinham como escopo tornar mais expressivo o local em que se encontravam.

Os imigrantes estrangeiros contribuíram também com a criação de escolas nos moldes de seus países de origem. Com a Proclamação da República, foram criados cursos com o objetivo de preparar indivíduos para exercerem cargos na indústria ou no comércio.

Associações ligadas ao comércio foram fundadas no Estado de São Paulo, entre elas a Associação Comercial de Santos[321] (1870); a Associação Comercial e Agrícola de São Paulo (1884); a Junta Comercial de São Paulo[322] (1890); e a Associação Comercial de São Paulo[323] (1894). A Associação Comercial de São Paulo era uma das mais importantes do Brasil e tinha como sócios os maiores comerciantes, industriais e banqueiros do estado. Influenciava as decisões do Governo em assuntos relacionados ao comércio e à indústria. Mantinha um serviço de informações comerciais sobre idoneidades de firmas, agia em favor dos interesses de seus associados, em concordatas e falências, combatia a fraude e procurava moralizar os costumes comerciais. Publicava mensalmente informações úteis na *Revista do Commercio e Indústria*.

Em 24 de junho de 1935, foi fundado o Sindicato Patronal das Oficinas de Ourives e Afins de São Paulo, vindo a se tornar o Sindicato da Indústria de Joalheria, Bijuteria e Lapidação de Gemas do Estado de São Paulo – SINDIJOIAS. Além de representar os interesses dos empresários desses segmentos, tinha por finalidade incentivar ações que

---

[320] MORAES, Júlio Lucchesi – A modernidade acadêmica: os primeiros tempos do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. *In 19&20*, Rio de Janeiro, v. V, n. 4, out./dez. 2010. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/ea_liceusp.htm. Acesso em: 10/03/2016. REVISTA *O Natal Illustrado.* São Paulo (25/12/1913).

[321] A Associação Comercial de Santos era composta exclusivamente pelos grandes comerciantes de café. RIBEIRO, Clovis – O commercio. *In* MONTE DOMECQ' & Cie. – Société de Publicité Sud-Américaine – *O Estado de São Paulo.* Barcelona: Estabelecimento Graphico Thomas, 1918, pp. 147.

[322] A Junta Comercial, repartição pública incumbida de proceder ao registro de firmas, marcas industriais e contratos de constituição e dissolução de sociedades mercantis. IDEM, *Ibidem*, 1918, pp. 138-147.

[323] IDEM, *Ibidem*, 1918, pp. 147.

proporcionassem o aprimoramento tecnológico dos processos de confecção de joias, gemas e afins. Pelo seu estatuto se pode observar que seus objetivos cresceram: atualmente, promove eventos culturais, técnicos e promocionais; celebra convenções coletivas de trabalho; mantém escolas e cursos profissionalizantes; além de intermediar entre empresa e candidatos, entre outras atribuições.[324]

O Sindicato dos Comerciantes de Joias e Objetos de Ourives de São Paulo remonta ao ano de 1938, sob a liderança de Eugênio Oinegue Fúlfaro, e sua Carta Sindical data de 1941. Vários joalheiros assinaram a lista de contribuições para a instalação da sede desse sindicato, como Casa Bento Loeb, Justin Worms, Jacques Netter, Alphonse Worms, entre outros. (Anexo I, fig. 21) A primeira sede foi adquirida em 1946, localizada na Rua Coronel Xavier de Toledo, a tradicional Casa do Comerciante.[325] Mais tarde se tornaria Sindicato dos Lojistas do Comércio de São Paulo, nome que permaneceu até 2021, alterado então para Sindicato do Comércio Varejista e Lojista do Comércio de São Paulo.



Figura 17. **Homenagem a Justin Worms** (à direita) pelo presidente do Sindicato dos lojistas do Comércio de São Paulo, João Baptista Monteiro (à esquerda). Justin foi o primeiro presidente do primeiro sindicato de joias de São Paulo. [Fonte Acervo Denise Kahn]

[324] SINDIJOIAS – Disponível em: http://www.sindijoias.com.br/. Acesso em: 28/09/2016.
[325] História do Sindicato dos Lojistas do Comércio de São Paulo. Disponível em: http://sindilojas-sp.org.br/historia/. Acesso em: 28/09/2019.

Em 14 de julho de 1961, em um jantar de confraternização nos salões da Associação Comercial de São Paulo, o então presidente, João Baptista Monteiro, fez uma homenagem ao primeiro presidente eleito do Sindicato de Joias, Justin Worms (fig. 17). Justin iniciou sua atividade comercial em 1905, quando se associou aos seus irmãos na tradicional Casa Michel, *Worms Irmãos & Cia*, sendo que anos depois de se desvincular da sociedade fundou sua própria loja de joias, em 1935, a Joalheria Worms S/A, na Rua Direita. Na época da homenagem, ele ainda atuava como diretor-presidente.[326]

Vários presidentes dessa entidade deixaram sua marca permanente, com uma vida de dedicação aos princípios sindicais, validados pela defesa daqueles que sempre exerceram o comércio. Entre estes podem ser citados Luciano Vasconcellos de Carvalho, João di Pietro, João Batista Monteiro, Maurício Lange, Pedro Fischetti, Horácio Contier Lomelino, Tufic Farah Nassif, Carlos Alfredo Roderbourg e Murad Salomão Saad.[327]

Com o objetivo de organizar o ensino comercial, surgiram no início do século XX escolas de alto nível, advindas da Associação Comercial de São Paulo. Em 20 de abril de 1902, o Presidente Rodrigues Alves oficializou a Escola Prática de Comércio de São Paulo, que foi reconhecida pelo decreto federal nº 1.339, de 9 de janeiro de 1905, como Escola de Comércio de São Paulo. Podemos destacar alguns nomes que fizeram parte da sociedade dessa escola sob a influência da escola italiana: Conde Antônio Álvares Leite Penteado, senador Antônio de Lacerda Franco, Dr. João Pedro da Veiga Filho e os professores Horácio Berlinck, Francisco D'Auria, Frederico Hermann Júnior, entre outros.

Em março de 1907, o Conde Antônio Álvares Leite Penteado, filantropo e industrial paulista, doou mil contos de réis ao Governo do Estado de São Paulo, para a construção do imponente edifício destinado a abrigar uma completa organização científica de ensino superior de Comércio Moderno. Esta se localizava em frente ao velho Convento de São Francisco, onde funcionava a Academia de Direito. Para que perdurasse *ad aeternum* o valor dessa ação, o estabelecimento de ensino foi chamado de Escola de Comércio Álvares Penteado (Anexo I, fig. 22). Seguindo os moldes da *L'Ecole des Hautes Etudes Commerciales*, de Paris, e dos *Institutos de Commercio de Hamburgo e Manchester*, possuía

[326] Folheto da Confraternização em Homenagem aos Lojistas de São Paulo. Acervo de Denise Worms Kahn.
[327] História do Sindicato dos Lojistas do Comércio de São Paulo. Disponível em: http://sindilojas-sp.org.br/historia/. Acesso em: 28/09/2019.

biblioteca completa na sua especialidade e cursos especiais para essa modalidade.[328] Na inauguração, ocorrida em 12 de dezembro de 1908, Antônio Álvares Leite Penteado foi eleito presidente honorário; Horácio Berlinck, 1º secretário; pela escola, senador Lacerda Franco foi eleito diretor; e Dr. Veiga Filho foi vice-diretor.[329]

Posteriormente, em 22 de janeiro de 1942, foi criado o SENAI,[330] uma instituição com o objetivo de formar profissionais para a indústria nacional. Em 1949, o SENAI do Rio de Janeiro criou o Curso Intensivo de Artes Aplicadas, com duração de um ano. Entre as técnicas desenvolvidas estavam os trabalhos em metal, joalheria e cerâmica.[331] Em 1952, o SENAI possuía seis escolas na cidade de São Paulo. José Claudino da Nóbrega[332] refere-se a essas instituições como locais em que foram introduzidos cursos de ourivesaria:

> Apurei que o SENAI introduziu um curso de ourivesaria em prata e formava cinzeladores. (...) Alves Pinto, em 1920, desligava-se do Liceu de Artes e Ofícios, onde lecionava ourivesaria em prata (...). Homem de muito valor para nós, porque patrioticamente contribuiu para reabilitar o fabrico das obras em prata de lei, uma vez que o SENAI e o Liceu aboliram seus cursos.[333]

Tanto o Liceu de Artes e Ofícios como o SENAI ainda hoje estão ativos na área de prestação de serviços técnicos e tecnológicos para atender a demanda dos diferentes setores industriais. A Escola de Comércio Álvares Penteado mais tarde passou a se chamar Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado – FECAP.

As cidades então remodeladas, com seus novos espaços, ruas alargadas, trens, rádio, revistas e lojas com vitrinas, se tornaram verdadeiras exposições de arte. Marcas, rótulos e publicidades em todos os meios de comunicação da época levaram a sociedade a valorizar a criatividade na difusão da atividade cotidiana, e será na rua que se encontrará toda essa informação, com um acervo de signos e símbolos para o cidadão.[334]

---

[328] BOTELHO, Martinho (dir.) – *A Escola do Commercio Alvares Penteado*. REVISTA *Brazil Magazine*. São Paulo, (julho/1907), pp. 1-15.
[329] ROMANOWSKI, Luiz Roberto; PINTO, Neuza Bertoni – Os cursos de ciências contábeis no Brasil nas primeiras décadas do século XX. *In* EDUCERE – *XII Congresso Nacional de Educação*. V Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente – SIPD – Cátedra UNESCO. PUCPR 26 a 29/10/2015, pp. 5699-5713. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18078_8320.pdf. Acesso em: 11/09/2017, pp. 5701-5707.
[330] SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.
[331] SENAI – Curso de Artes Aplicadas. *In* JORNAL *O Estado de São Paulo*. (03/08/1949), pp. 8.
[332] GALERIA Nobrega Disponível em: http://www.galerianobrega.com.br/. Acesso em: 06/06/2017. NÓBREGA, José Claudino da – *Memórias de um viajante antiquário*. São Paulo: Raízes, 1984, pp. 158.
[333] IDEM, *Ibidem*, 1984, pp. 158.
[334] KLINTOWITZ, Jacob. *Arte do comércio, São Paulo 1900 – 1930*. São Paulo: SENAC, 1988, pp. 11-12.

Ao comércio coube a pesquisa de hábitos, identificação de tendências, necessidades, tradições que seriam preservadas e se necessário modificadas. A identificação do repertório do público resultou em dados que viabilizaram a produção de objetos, a importação de produtos, o comércio de compra e venda de terrenos, a natureza linguística das mensagens, o plano urbanístico da cidade. Conhecendo a fundo o consumidor, a cidade age e reage às suas necessidades e preferências, criando embalagens e tratando visualmente os anúncios, o que contribui de certa forma para o crescimento da cidade. A publicidade vai se tornando um negócio, comunica-se com os consumidores, estimula o desenvolvimento do comércio e da indústria, bem como provoca o aprimoramento dos meios e das técnicas de comunicação.[335]

A partir de fins do século XIX e na primeira década do século XX, os anúncios dos estabelecimentos comerciais procuravam colocar a estampa da fachada de seus negócios como destaque, fosse em forma de desenho ou registro fotográfico. Assim, asseguravam que o edifício representado frontalmente fosse o "depositário de investimentos reais e simbólicos".[336] A Casa Michel seguia esse lema, pois na maioria de seus anúncios a fachada do estabelecimento casa está presente (Anexo I, figura 23), procurando reafirmar o fato de a loja ser a maior no ramo de negócio de joias no Brasil.

Posteriormente, o retrato do empresário passa a ser um tipo de registro mais comum, em que o empreendedor é apresentado em sua mesa do escritório, falando ao telefone, "situação em que modelo, local, vestimentas, etc. sinalizam claramente as ambições e *lócus* almejados pelo retratado".[337] Presentemente, "a foto do empreendimento vai se mesclar aos retratos, instantâneos de eventos e memória pessoal. À imagem da fachada, seguida pelo seu complemento, a vista interna do empreendimento em sua amplitude, soma-se um olhar que, vendo menos, exibe mais".[338]

---

[335] KLINTOWITZ, Jacob. *Arte do comércio, São Paulo 1900 – 1930*. São Paulo: SENAC,, 1988, pp. 17-24 e 100.
[336] MENDES, Ricardo – O comércio e sua iconografia: um olhar sobre a coleção de imagens. *In* OLIVEIRA, Cláudia Leonor; WORCMAN, Karen (org.) – *Memórias do comércio paulista: guia do acervo*. Museu da Pessoa. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2012, pp. 82.
[337] IDEM, *ibidem*. 2012, pp. 83.
[338] IDEM, *ibidem*. 2012, pp. 83.

2.1.1. Importação de mercadorias

Antes do surgimento das lojas especializadas em joias, relógios e artigos finos importados, eram os comerciantes de fazendas, donos de armarinhos e negociantes ambulantes que comercializavam tais produtos. Esses mercadores estavam associados aos judeus, turcos e outros imigrantes estrangeiros; eram tipicamente nômades e sem pátria, não dependiam de suas origens. Era o arquétipo de um comerciante arguto e conhecedor de vários idiomas que lhes permitia prosperar e acumular bens, "fazer a sorte" nas cidades e ser donos do seu próprio destino.[339] O perfil de negociante que vendia de tudo, como José Gomes Segurado, estabelecido no Largo do Carmo, comercializava uma variedade grande de artigos: "obras de brilhantes – caixas d'oiro, de prata, e de prata doirada – chocolate em folhas de 8 lbs. – vidros de balsamo filantrópico – calçados de todas as qualidades – e diversas quinquilharias; tudo vindo proximamente de Lisboa".[340] Na primeira metade do século XIX, a maioria desses artigos vinha de Portugal.

O francês Alphonse Worms,[341] negociante ambulante, trazia do Rio de Janeiro joias e relógios e os oferecia através de anúncios em jornal, indicando que poderiam encontrá-lo no hotel no qual se hospedaria. Muitos desses vendedores iam pessoalmente à Europa comprar suas mercadorias, outros iam até a capital federal, Rio de Janeiro, adquiri-las.[342]

Na metade do século XIX, os negociantes ambulantes tinham que pagar uma licença para comercializar suas mercadorias. No período Imperial, o procurador da Câmara Municipal de São Paulo, Pedro Cesário dos Santos, anunciava através do jornal que a partir do dia 1 de janeiro de 1859 as licenças com duração de seis meses seriam de 100$000 réis, para negócio ambulante de joias; e de 50$000 réis, para negócio ambulante de ouro, prata, metais que os imitam e obras galvanizadas.[343]

---

[339] COSTA, Elizabeth Goldfarb – A cidade e o comércio ambulante. *In* COSTA, Elizabeth Goldfarb – *Anel, cordão, perfume barato: uma literatura do espaço do comércio ambulante na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nova Stella: Editora da Universidade de São Paulo, 1989, pp. 30-32.
[340] JORNAL *O Farol Paulistano*. (1830/Edição 00326), pp. 3.
[341] Este Alphonse Worms, no Capítulo IV, será nomeado como Alphonse Worms (1), para se diferenciar do outro Alphonse Worms, que foi proprietário da Casa Michel. Este não se encontrava no Brasil na época daquele.
[342] JORNAL *Correio Paulistano*. (06/11/1854), pp. 4.
[343] *Ibidem*. (22/12/1858), pp. 3.

A Câmara Municipal da capital paulista declarava, na secção financeira do jornal *A Província de São Paulo*, o que havia sido sancionado e publicado por parte do governo quanto ao recolhimento de impostos sobre os produtos importados pelas joalherias, como joias, objetos de arte, entre outros itens, referente ao orçamento municipal para o ano financeiro de 1879 e 1880. Cobrava-se o valor de Rs. 300$000 para as casas de empréstimos sobre penhores. O imposto de Rs. 200$000 era cobrado às joalherias de primeira ordem em que se vendiam ouro, prata ou pedras preciosas; as de segunda ordem pagavam cem mil réis; e as de terceira cinquenta mil réis. O imposto para loja com mascates de ouro, joias, prata e pedras preciosas pelas ruas era de Rs. 200$000.[344] No ano de 1920, essa cobrança de impostos era um problema para as joalherias tanto do Rio de Janeiro quanto de São Paulo. As casas Bento Loeb, Jacques Netter, Aron Ramos, Henrique Rottemburg e Worms Irmãos enviaram um telegrama para a Liga do Comércio, pedindo sua intervenção relativamente à maneira de ser feita a cobrança do novo imposto sobre as mercadorias desse ramo de negócios, criado pela lei da receita, tentando assim amenizar a cobrança.[345]

O joalheiro Luiz Suplicy, com loja de ourives em São Paulo, tendo notícias de que alguns mascates se apresentaram em seu nome no interior da Província para vender joias ou pedir pousada, avisou aos seus amigos e fregueses que nunca teve senão dois mascates, que já não os tinha há muito tempo e não os queria ter. Declarava que esses poderiam ser considerados impostores e que se serviam do nome dele para tal fim.[346]

Nos centros urbanos começaram a ocorrer transformações que conduziram lojistas e ambulantes à especialização "ao mesmo tempo que se acentuavam as hierarquias entre os comerciantes de longa distância e aqueles do comércio interno, e entre os atacadistas e os retalhistas".[347] A especialização das casas comerciais em São Paulo recebeu grande impulso a partir da segunda metade do século XIX, com a construção das ferrovias e o crescimento do mercado consumidor da capital e da província.[348]

---

[344] JORNAL *A Província de São Paulo*. (15/06/1879), pp. 1.
[345] JORNAL O Estado de São Paulo. (16/01/1920), pp. 4.
[346] JORNAL *Correio Paulistano*. (30/12/1858), pp. 4.
[347] ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros – *Lojas e armazéns das casas de morada paulistas*. Revista de História 160 (1º semestre/2009), pp. 285-322. Disponível em: http://www.redalyc.org/pdf/2850/285022054018.pdf. Acesso em: 23/02/2015.
[348] BARBUY, Heloisa – *A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914.* São Paulo: EDUSP, 2006, pp. 91.

No final do período Imperial, em 1886, o comercio de importação atingiu o triplo das mercadorias comercializadas dez anos antes, ocasionando dificuldades quanto à logística destas ao chegarem ao porto de Santos. Os armazéns para a guarda dos produtos eram insuficientes, ocasionando o depósito destes no pátio, ao rigor do tempo, o que não seria problema, caso fossem logo despachados para seus proprietários. Mas, tal fato não acontecia devido à insuficiência do pessoal encarregado da conferência e pela demora na descarga na ponte da alfândega, a qual muitas vezes era interrompida pela chegada dos vapores, que gozavam do privilégio da preferência do desembarque. Muitas mercadorias acabavam ficando expostas até serem novamente encaminhadas, ocorrendo avarias, causando prejuízos pela demora e sobrecarga do fretamento com estadias.[349]

Com a expansão do comércio marítimo brasileiro, que abrangia uma ligação com diversos países da Europa e com os Estado Unidos, surgiram na cidade de Santos casas importadoras de origem francesa, alemã, inglesa e portuguesa.[350] A partir da Independência do Brasil, várias nações negociaram vantagens aduaneiras para seus produtos. Foram firmados tratados com França, Inglaterra, Áustria, Prússia, Dinamarca, Estados Unidos e Países Baixos; havia uma desigualdade, pois fora adotado um regime aduaneiro diferente para cada país. Com o tempo, houve um agravamento quanto aos direitos de importação, asfixiando a economia nacional e elevando as taxas aduaneiras. Também uma tributação pesada caiu sobre a produção nacional, sob a forma de impostos de consumo.[351]

O governo federal equilibrava as suas finanças acalmando a importação vinculada às indústrias. Os estados confundiam o comércio exportador, cobrando altas taxas sobre a produção exportada, onerando assim o preço dos produtos nacionais, que se viam desfavorecidos perante a concorrência internacional, enquanto as Câmaras Municipais taxavam as firmas comerciais, industriais e as propriedades agrícolas, arrecadando taxas igualmente pesadas. Neste particular, a situação de São Paulo era a mesma dos demais estados. A renda do imposto de exportação foi o esteio das finanças estaduais, contribuindo

[349] JORNAL *Diário Popular.* São Paulo, (29/03/1886), p. 3.
[350] PEDRO, Carina Marcondes Ferreira – *Casas importadoras de Santos e seus agentes: comércio e cultura material (1870-1900).* São Paulo: [s.n.], 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
[351] RIBEIRO, Clovis – "O commercio". *In* MONTE DOMECQ' & Cie. – *Société de Publicité Sud-Américaine O Estado de São Paulo.* Barcelona: Estabelecimento Graphico Thomas, 1918, pp. 138-147.)

com mais da metade da receita arrecadada. Além de todos esses tributos sobre a produção, existiam ainda impostos sobre o capital e os dividendos das sociedades anônimas, sobre os juros das debentures, sobre os estabelecimentos comerciais, industriais e bancários, além de outros, cobrados pela União e pelo estado; pelas municipalidades, eram cobrados o tributo de indústrias, profissões e de publicidade.[352]

A universalização que estava incidindo no mundo ocorreu também na economia, e o comércio internacional se adaptou às condições impostas pelo desenvolvimento técnico e tecnológico das forças produtivas; o capitalismo orientava o comportamento da sociedade. A entrada de capitais estrangeiros nos setores urbanos expandiu o comercio nacional, e São Paulo dispunha de um grande mercado consumidor tanto de bens de capital como de bens de consumo. Apesar da importação de bens de consumo duráveis e não duráveis se manter em escala progressiva e aumentar substancialmente a movimentação nos portos do Rio de Janeiro e de Santos, a economia brasileira não ficou limitada à exportação agrícola e à importação desses bens, pois a indústria nacional se desenvolvia rapidamente até os anos de 1930 com o término da primeira fase republicana.[353]

Em 1896, o encarregado da missão comercial francesa, Wienner, se impressionou com a receptividade do comércio paulista frente às mercadorias francesas que eram direcionadas para o público mais seleto da sociedade. Franceses vindos da Alsácia-Lorena instalaram-se em São Paulo, eram *chefs de Maison*: entre eles, H. Lévy, negociante de tecidos; Jules Martin, idealizador do Viaduto do Chá (1889-1892); Jacques Hoenel, atacadista de artigos de armarinho; Bourdelot, de artigos de Paris; e Gaston Picard, grande importador francês. Charles Hü – Conselheiro do Comércio Exterior da França e editor do periódico *Revue France-Brésil* – foi importador e distribuidor de secos e molhados finos; também dirigiu na França uma importadora de café.

Na primeira década do século XX, São Paulo estava passando por um período difícil em relação ao crédito bancário, pela carência de um banco central de remissão e redesconto, a fim de que os demais bancos pudessem buscar numerário nos casos de necessidade. Em

[352] RIBEIRO, Clovis – "O commercio". *In* MONTE DOMECQ' & Cie. – *Société de Publicité Sud-Américaine O Estado de São Paulo.* Barcelona: Estabelecimento Graphico Thomas, 1918, pp. 139.
[353] DEAECTO, Marisa Midori. *Comércio e vida urbana na cidade de São Paulo (1889-1930).* São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002, pp. 36-37.

relação ao crédito tudo ainda está por fazer. O aparelho bancário não tinha eficiência nem elasticidade. O crédito era escasso e difícil e as taxas de descontos eram onerosas. A falta de organização do crédito contribuiu para entorpecer a energia econômica, não só do Estado de São Paulo, mas de todo o Brasil, pois essas condições desfavoráveis se verificaram com maior ou menor intensidade na nação.[354]

Em 1890, a exportação do estado de São Paulo quase quadruplicou e a importação tornou-se sete vezes maior. A importação em 1890 era de Rs. 32.636:752$000 ou 2.186.237 libras esterlinas; em 1917, de Rs. 217.919:255$000 ou 12.117.495 libras esterlinas. A exportação em 1890 era de Rs. 143.244:098$000 ou 13.429.972 libras esterlinas; em 1917, de Rs. 422.334:512$000 ou 22.181.225 libras esterlinas.[355] O que se deduz é que o comércio teve um crescimento vertiginoso até 1917, como podemos ver nas TABELAS I e II no ANEXO II – TABELAS.

Apesar de não ter sido tão intenso quanto o comércio internacional, o de cabotagem interestadual feito entre portos nacionais foi importante e se desenvolveu rapidamente. Entre 1905 e 1916, a importação por cabotagem triplicou e a exportação sextuplicou. Em 1905, a importação foi de Rs. 29.517:581$000 e a exportação de Rs. 9.430:085$000; em 1916 a importação chegou a Rs. 99.871:445$000 e a exportação a Rs. 66.870:375$000. Alguns dos estados que participaram desse comércio de cabotagem foram Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Maranhão, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Sergipe.[356]

O estado de São Paulo importava outros produtos do exterior destinados à alimentação, como trigo em grão (Argentina e Canadá); farinha de trigo (Argentina, Estados Unidos e Uruguai); vinhos finos (Portugal e Espanha); *Vermouths* e *Bitters* (Itália e França); frutas de mesa (Espanha, Argentina e Chile); queijos (Itália e Argentina); azeite de oliveira (Itália e Portugal). O aço e ferro em manufaturas vinham dos Estados Unidos e Grã-Bretanha: eram agulhas; alfinetes; arame farpado para cercas e outros usos; chapas galvanizadas e obras de cutelaria; eixo de rodas para estradas de ferro e para carros;

[354] RIBEIRO, Clovis – O commercio. In: MONTE DOMECQ' & Cie. – *Société de Publicité Sud-Américaine. O Estado de São Paulo.* Barcelona: Estabelecimento Graphico Thomas, 1918, pp. 146.
[355] IDEM, *ibidem*. 1918, pp. 139.
[356] IDEM, *ibidem*, 1918, pp. 141.

máquinas e utensílios para a lavoura e a indústria; cobre e suas ligas. As peles e couros preparados e curtidos procediam dos Estados Unidos, Argentina, Grã-Bretanha e França. O papel e suas aplicações vinham da Noruega e dos Estados Unidos. Os materiais têxteis brutos ou manufaturados, como os tecidos finos e a seda, eram procedentes da Itália, Grã-Bretanha e França; a juta, da Índia; o cânhamo, da Itália; lã, linho e algodão, da Grã-Bretanha.[357]

São Paulo exportava 90% do total comercializado da produção de café. Em 1918, houve uma queda de 10% nessas remessas para o exterior e um aumento de outras mercadorias para exportação, como carnes congeladas para a Itália, Grã-Bretanha, Estados Unidos e França. Também o couro foi enviado para os Estados Unidos e Itália, bananas para a República Argentina, feijão para França e Estados Unidos, além dos cereais, arroz e banha. O café foi exportado para os Estados Unidos, Alemanha, França, Holanda, Áustria, Hungria, Bélgica, Grã-Bretanha, Itália, Argentina, Suécia e Espanha.[358]

Era pelos transportes marítimos, os vapores, que os artigos importados chegavam ao porto de Santos ou do Rio de Janeiro, onde seus proprietários deveriam retirá-los na alfândega.[359] O vapor inglês *Trent* de Southampton (Reino Unido), por exemplo, foi um dos vários que aportaram nesses dois portos, trazendo todos os tipos de mercadorias: eram caixas com relógios, caixas de ferramentas de relojoeiro, caixas de joias, entre tantas outras comercializadas nesses estabelecimentos.[360]

Em 1915, na cidade do Rio de Janeiro, a joalheria *La Royale* recebeu caixas com artigos importados, vindos pelos vapores estrangeiros. O percurso do porto até a joalheria havia sido feito em carroças puxadas por cavalos e entregues na calçada do estabelecimento. Tal episódio parou os transeuntes que por ali passavam (fig. 18 e 19). Essa mesma joalheria, em 1925, já estava com uma filial em São Paulo, na Rua Barão de Itapetininga, e em 1935 se encontrava na Rua da Quitanda.

---

[357] RIBEIRO, Clovis – O commercio. In: MONTE DOMECQ' & Cie. – *Société de Publicité Sud-Américaine. O Estado de São Paulo.* Barcelona: Estabelecimento Graphico Thomas, 1918, pp. 142-143.
[358] IDEM, *ibidem*, 1918, pp. 144.
[359] JORNAL *A Província de São Paulo*. (19/10/1888), pp. 2.
[360] *Ibidem*. (23/07/1887), pp. 3.



Figura 18. **Joalheria *La Royale***. [REVISTA *Fon-Fon – O comércio em flagrante*. Rio de Janeiro, (09/01/1915)].



Figura 19. **Joalheria *La Royale*.** Mercadorias sendo descarregada na frente da loja. Esta imagem demostra como não havia preocupação quanto à segurança das mercadorias, o transporte era feito em carroças puxadas por cavalos sem nenhuma proteção.[361] [REVISTA *Fon-Fon – O comércio em flagrante*. Rio de Janeiro, (09/01/1915)]

Imigrantes franceses do comércio paulista criaram a *Chambre de Commerce Française* de São Paulo, em 1938. Era composta por membros doadores – Casa Francesa L. Grumbach Ltda e a Casa Michel; por membros ativos – Casa Bento Loeb, Casa Netter, Levy, Kahn & Cia., De Menou Etienne e Metzger Edmond – e pelo membro aderente residente no

[361] REVISTA *Fon-Fon* – Secção "O Commercio em Flagrante". Ano IX - Nº 2. Rio de Janeiro, 09/01/1915, pp. s/nº.

Brasil – Justin Worms.[362] Comparando com o *Chambre Sindicale de la Couture Parisiense*, veremos que o membro aderente era o que dava um super *status* para a alta costura, o que provavelmente também poderia ser considerado para a joalheria paulista, que nesse caso era Justin Worms.

Suas reuniões mensais ocorriam em sua Sede Social à Rua Quintino Bocaiuva, normalmente era composta pelo Vice-Consul responsável pelo Consulado da França em São Paulo e Santos, Monsieur Marius Martin, e pelos membros do Conselho da Câmara do Comércio Frances, Henry Albaux, Jules Ottmann, Alphonse Worms, Jacques Boud'hors, Roger Gaillard, Lucien Kahn, Jacques Pilon e Léon Worms. Alphonse Worms, sócio da Casa Michel, era delegado da Câmara em Paris, e em uma de suas visitas a São Paulo fez uma apresentação das atividades comerciais franco-brasileiras; ele resume as entrevistas que teve em Paris com várias personalidades brasileiras e francesas. Suas conclusões eram muito otimistas:[363]

> [...] os assuntos entre os dois grandes países amigos tendem a se desenvolver a cada dia, em ambas as direções e, atualmente, nenhuma dificuldade séria pode realmente ser vista como capaz de paralisar as boas disposições que encontramos em toda parte, na França e no Brasil.[364]

Pode-se observar que apesar da II Guerra Mundial, houve no Brasil uma crescente exportação de gemas. Em maio de 1939, este tinha apenas quatro compradores: Bélgica, Alemanha, América do Norte e Inglaterra. No ano seguinte, a Bélgica deu lugar a outros cinco países: Itália, Japão, França, Chile e China. A Alemanha, adquiriu em junho de 1940, do Brasil, quase 100% a mais em relação ao ano anterior, e a América do Norte quase triplicou suas compras. No topo da lista de exportadores estava o Estado de Minas Gerais, que, no ano de 1939, exportou Rs. 40.000:000$000 (quarenta mil contos de réis), duas vezes o valor de 1935. Além disso, foi nessa progressão que pode ser vista em todos os minerais de Minas Gerais onde a produção de ouro também registrou um aumento de Rs. 122.000:000$000.[365]

---

[362] BULLETIN *Mensuel – Chambre de la Commerce Française* em São Paulo. (Edições jan./set./1938).
[363] *Ibidem*. (Edição ago./1938), pp. 1259.
[364] [...] *les affaires entre les deux grands pays amis tendent chaque jour à se développer, dans les deux sens, et, présentement, aucune difficulté sérieuse ne peut être vraiment envisagée comme susceptible de pouvoir paralyser les bonnes dispositions que l'on rencontre partout, en France comme au Brésil*. (Tradução livre do francês pela autora) *Ibidem*. (Edição ago./1938), pp. 1259.
[365] *Ibidem.* (Edição de Julho de 1940, Nº118), pp. 1901.

2.2. Mercadorias de luxo para uso pessoal

> TODA CRIAÇÃO FORA DO COMUM [...], extraordinária, sinônimo de beleza, de estética, de refinamento, produto mágico, com as marcas da sedução, objeto lúdico, evocativo de sonho, de prazer, promessa de felicidade, é qualificada como prestigiosa, "de alta classe", inacessível produto de luxo. Os mais belos, mais acabados tesouros de imaginação e invenção, compostos dos materiais mais preciosos, mais raros, capazes de ganhar as formas mais originais ou de adquirir as linhas mais insólitas, se tornam referências universais, eternas, inspirando numerosos poetas e escritores.[366]

Havia um interesse genérico pela aparência e embelezamento das pessoas e dos ambientes em que viviam. Havia um deslumbramento pelas informações escritas e visuais sobre esse universo e seus criadores, suas histórias, seus estabelecimentos e suas criações.

> A aquisição de objetos, expressão das necessidades e desejos dos indivíduos, é fortemente estimulada nas sociedades de consumo desenvolvidas, em que todo esquema do consumo se desenvolve, se faz mais complexo e se refina. Esse hiperconsumo é incitado por mercados incessantemente criativos e de extrema competitividade, antigos por um sistema publicitário cada vez mais elaborado.[367]

A partir da segunda metade do século XIX, a moda passou a ser periodicamente reinventada, acompanhou a sociedade de massa que estava se constituindo nas grandes cidades, que por sua vez adquiriam novo sentido para o desenvolvimento da produção, estimulada pelo mundo social e comportamental. A moda servirá como componente irradiador de poder, *status* e comunicação.[368]

A moda passa por várias fases, compostas por períodos diferenciados. No primeiro se desenvolve uma tendência existente; em seguida, no período de saturação, essa tendência é totalmente explorada; por fim, no de reação ou desvio, os estilos então vigentes vão em direção a algo talvez ainda não definido. Esses são também os três períodos pelos quais as joias passam. Estas vão se adaptando as tendências da moda e dos trajes, quando um decote

---

[366] ALLÉRÈS, Danielle – *Luxo...: estratégias, marketing*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp. 19.
[367] IDEM, *Ibidem*. 2006, pp. 55.
[368] ANDRZEJEWSKI, Luciana – *A moda como história. In Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, nº 53, (abr./2012), pp. 3. Disponível em: http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao53/materia06/texto06.pdf. Acesso em: 09/01/2017.

está mais avançado se coloca um longo colar, quando não há decote se usa um broche. Se o tecido do vestido for de seda brilhante, as joias pesadas já não farão mais sentido.[369]

2.2.1. O percurso histórico das joias

Desde o homem das cavernas, os adornos pessoais, os perfumes e a maquiagem estiveram presentes na história dos costumes, fazendo parte do ritual cotidiano da vida e caminhando ao lado da moda e da arte. A exigência pela beleza e pela estética nasceu da preocupação com a aparência do corpo e permanece nos dias atuais.[370] A arte da joalheria ao longo dos séculos, foi se aperfeiçoando, criando e inovando técnicas e descobrindo novas matérias-primas. Nos séculos XIX e XX, as joias destinadas ao adorno pessoal possuíam um amplo repertório de realizações, mas poucas se conservaram intactas; principalmente as de alto valor intrínseco, mais pelas suas gemas do que pelos metais preciosos usados em sua montagem. A causa da perda de tantos exemplares da joalheria se deu pelo fato de que aqueles que as possuíam, desejando se adequar à moda da época, resolveram reformá-las, principalmente pela facilidade com que podiam ser transformadas em outros modelos.[371]

A joia constitui um elemento valioso como documento histórico e patrimônio de uma sociedade, refletindo o contexto social de uma determinada época, fornecendo elementos valiosos sobre tradições e costumes nacionais e locais, além de envolver muitos recursos financeiros. Através das joias a humanidade reafirmou o seu poderio como símbolo de autoridade, riqueza (caso das joias exclusivas e com materiais nobres) e poder (a exemplo dos anéis eclesiásticos, fig. 20); as utilizou como símbolo de amor, noivado e amizade, assim como um meio de distinção social, de pertencimento a uma guilda, de lealdade política, religiosa e a grupos (caso dos anéis de confrarias), ou ainda para comemorar eventos políticos, esportivos e culturais. A joia esteve envolvida em batalhas, guerras, assassinatos,

[369] SELWYN, A. *El Arte de la Joyería: guia del joyero detallista para el conocimiento de las joyas de sus materiales e de su comercio*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S.A., 1949, pp. 378-379.
[370] BARDI, Pietro Maria – Prefácio. *In* CARBONCINI, Anna – *Perfume e maquilagem numa exposição*. São Paulo: MASP, 1978, pp. 5.
[371] GIL, Santiago Alcolea – As profundas renovações da indumentária e do adorno pessoal. *In* GIL, Santiago Alcolea – *História geral da arte. Artes decorativas*. *As artes decorativas aplicadas à indumentária e ao ornamento pessoal*. Volume III. Madrid: Edições Del Prado, 1996, pp. 58.

brigas de família e assaltos (fig. 21); mas, ainda assim, continua sendo objeto de desejo, símbolo de união e reconciliação.[372]

20 


21

Figura 20. **Anel Episcopal**[373] tipo Chevalier clássico, em ouro e ametista lapidada no formato oval, facetadas, cravação inglesa, trabalhos laterais em baixo-relevo com monograma criado pelo imperador Constantino para simbolizar o Cristianismo. Século XX, dimensões 3 x 2,5 cm. [Acervo Museu de Arte Sacra de São Paulo. Exposição *Arte Sacra na Ourivesaria* - 2015. Foto: Sonia Skoda]

Figura 21. **O ladrão profissional Gino Meneghetti** (1878-1976) posa diante da vitrina de uma joalheria em 1952, em São Paulo. Imigrante, condenado na Itália, chegou ao Brasil em 1913. Foi uma verdadeira ameaça aos comerciantes paulistanos, pois atuou como ladrão até a velhice, sendo preso e condenado muitas vezes. Foto feita logo após receber a liberdade. [Foto: Henri Ballot (1921-1997). Acervo Instituto Moreira Salles][374]

Os objetos destinados ao culto religioso produzidos em ouro e pedras preciosas tornaram-se mais frequentes a partir do século XVIII. Terços, medalhas, cruzes peitorais e anéis episcopais, entre outros, testemunharam a arte dos ourives e se transformaram em símbolos de distinção, hierarquia e poder do clero. Joias também foram usadas para adornar as imagens de santos nas festas religiosas. Encontra-se sob a guarda do Museu de Arte Sacra de São Paulo um patrimônio de grande valor religioso, de beleza e raridade, arte antiga com

[372] FEILDEN, Mary – "Jewellery, §5: 1831-1900". *In* GROVE'S Dictionaries Inc. – *The Dictionary of art*. Vol. 17. London: Macmillan Publishers Limited, 1996, pp. 518.
[373] O anel episcopal é uma das insígnias mais importantes entregue no rito de ordenação dos Bispos, sendo obrigatório o seu uso. Esse anel exprime o mistério nupcial de Cristo com a Igreja, vinculando o Bispo à sucessão apostólica e ao poder sacramental para transmitir bênçãos e ordens sacras. Após o período feudal os anéis episcopais passaram a ser confeccionados em ouro com uma ametista. BENUTTI, Maria Antônia; MÜLLER, Bruno – *A joalheria no acervo do Museu de Arte Sacra de São Paulo*. Disponível em: http://www.academia.edu/4837107/A_joalheria_no_acervo_do_Museu_de_Arte_Sacra_de_S%C3%A3o_Paulo. Acesso em: 19/03/2015.
[374] PILAGALLO, Oscar; DIWAN, Pietra – *Comércio: do mascate ao mercado*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2012, pp. 36.

joias e objetos sacros. Trata-se da coleção de Arte Sacra da Cúria Metropolitana de São Paulo. Através dessas peças apresentadas na exposição de *Arte Sacra na Ourivesaria*, com curadoria de Jorge Brandão e Maria Inês Lopes Coutinho, em 2015, nos deparamos com as práticas litúrgicas que no transcorrer dos séculos tiveram lugar no território paulista. Algumas das peças que estavam presentes nessa exposição podem ser vistas no Anexo I, fig. 24-28.

Nessa exposição foram apresentados anéis, colares, cruzes, além de resplendores, ostensórios, castiçais, cálices, relíquias, âmbulas, entre outros objetos sacros, outrora usados nas celebrações religiosas e que eternizam valores e fundamentos cristãos. Objetos que carregam em si atribuições sagradas, revelando-nos todo o simbolismo no cotidiano da vida cristã nas suas celebrações de batismo, casamentos, mortes, datas especiais, coroações e ocasiões de alta significação simbólica e devocional. Eram produtos do trabalho de ourives portugueses e brasileiros, habilidosos artífices na arte dos metais nobres, no preparo de suas ligas, no manejo das limas, buris, cinzéis, polimento, cravações e gravações executadas para perpetuar um momento nobre. Tais artesãos produziram peças sacras que nos permitem recompor as tradições litúrgicas e entrar no universo paulista colonial de profunda fé cristã, um território que não possuía o esplendor das minas de ouro, mas o contemplamos nas joias em ouro, prata e pedras preciosas, com seus detalhes minuciosos.

O ouro, que deslocou povos em sua busca, continua sendo o mais nobre dos metais e o mais utilizado na confecção de adereços, além da prata, da platina e de outros metais nobres. Alguns períodos da história se caracterizaram pela superabundância do uso dos adornos, fosse nas vestes reais – bordadas em fios de ouro, pérolas e pedras preciosas, decoradas com botões, broches e *châtelaine* – ou diretamente sobre o corpo – colares, brincos, anéis, pulseiras ou braceletes. Objetos decorativos ou de uso litúrgico foram igualmente decorados com materiais nobres e preciosos. Criaram-se e aperfeiçoaram-se diversas técnicas de joalheria, como a filigrana, granulação, incrustação, esmaltação, soldagem, entre tantas outras, que deram ao artista-artesão-joalheiro um *status* que passou a diferenciá-lo.[375]

[375] SKODA, Sônia Maria de Oliveira Gonçalves – *Evolução da arte da joalheria e a tendência da joia contemporânea brasileira*. São Paulo: [s.n.], 2012. Dissertação (Mestre em Estética e História da Arte). Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo.

Alguns joalheiros proeminentes fizeram registro de seus tempos, como Germain Bapst (1853-1921). De família de joalheiros franceses, escreveu sobre as joias da coroa em 1889, *Histoire des joyaux de La Couronne de France*,[376] e Henri Vever (1854- 1942), ilustre *designer* do *Art Nouveau*, escreveu *La bijouterie française au XIXe siècle (1800-1900)*.[377] Revistas de moda ajudaram a inspirar os joalheiros na criação de seus desenhos, eram elas: *Ladies' Magazine* e *London Illustrated News*, na Inglaterra; na França apareceram *L'Observateur des Modes*, *Art et Décoration*, *Journal des Dames* e *La Sylphide*; na Bélgica, *L'Art Moderne*; na Alemanha e na Áustria, *Die Elegante Mode*, *L'Iris* e *Leipzig Allgemeine Modenzeitung*.[378]

Em fins do século XIX, pequenos broches eram usados em profusão por todo o corpete e acessórios nos cabelos. Em 1910, os vestidos com as linhas menos constritivas de Paul Poiret e Fortuny foram finalizados por arranjos assimétricos com dois broches de diamantes ligados por finos cordões ou um único broche grande, que também podia ser usado em uma faixa ou turbante. Enfeites de cabeça com joias – tiaras, *aigrettes* e *bandeau* mais leves – conservaram-se como parte essencial da corte e da elite europeia e americana. As tiaras, em sua grande maioria, eram projetadas para se transformar em colares, ou ainda algumas de suas partes podiam ser separadas e usadas como broches, em ocasiões menos formais. Os brincos raramente usados eram solitários ou tendiam a formar pequenos cachos.[379]

Com a moda menos constritiva nesse período, apareceram os colares mais longos, como o *lavallière*, que consistia em dois colares de diamantes sobrepostos cada um com um pingente delgado no final. Longos cordões de pérolas ou contas de âmbar eram muito usados. Sua técnica envolvia a introdução de pequena conta na concha de ostra, onde seria revestida em nácar como acontece na natureza. Os longos colares de pérolas tornaram-se muito mais

[376] BAPST, Germain – *Histoire des joyaux de la couronne de France d'après des documents inédits*. Paris: Librairie Hachette et Cie, 1889. Disponível em: https://archive.org/details/histoiredesjoyau00bapsuoft/page/n8. Acesso em: 23/04/2016.
[377] VEVER, Henri – *La bijouterie française au XIXe siècle (1800-1900).* Paris: H. Fleury / M. Eugène Le Senne, 1906-1908. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k63791089. Acesso em: 18/05/2016.
[378] HUGHES, Graham – *The Art of Jewelry: a survey of craft and creation*. London: Studio Vista Publishers, 1972, pp. 99-100.
[379] PHILLIPS, Clare – *Jewelry: from antiquity to the present*. London: Thames and Hudson Ltd, 1997, pp. 156.

acessíveis desde então. Largas gargantilhas se ajustavam ao pescoço, como uma *collier de chien* (fig. 22. 1), e estavam presentes na virada do século. O colar *résille* (fig. 22. 2) permanecia abaixo do pescoço para cobrir o decote com um delicado traçado de diamantes. A curvatura profunda podia ser feita de placas separadas, presas a uma fita preta, de metal discretamente articulado, ou placa ornamental central ladeada por vários fios de pérolas.[380]



Figura 22. Colares – (1) **Colares de Sra. Jay Gould**,[381] esposa do milionário americano, na moda *corset*, e joias brancas formais, por volta de 1900. Ela usa uma tiara de pérolas e diamantes, ornamentos no *corsage* com diamantes e pérolas, um colar *collier de chien* e cordões de pérolas naturais. (2) **Colar *résille* de Cartier**. Feito com diamantes para a Rainha Alexandra em 1904, revive o estilo de Luís XVI. [PHILLIPS, Clare – *Jewelry: from antiquity to the present*. London: Thames and Hudson Ltd, 1997, pp. 157]

Para acentuar o movimento e a leveza das peças de joalheria, foram desenvolvidas novas técnicas de montagem por joalheiros como Oscar Massin (1829-1895). Ele foi aprendiz de Liège, trabalhou em Paris na firma Rouvenat, em 1854, com 26 anos. Em 1856 visitou Londres por dezoito meses; em 1863, recusou ofertas da Tiffany's de Nova York e fundou sua empresa de joias. Procurou melhorar o trabalho de metal, introduziu a montagem ilusória e adotou os efeitos *pampille* e *tremblant* em joias (fig. 23). Após seu sucesso na Exposição Universal de 1867, ele fundou a *Professional Designers School* em Paris. Decidiu

[380] PHILLIPS, Clare – *Jewelry: from antiquity to the present*. London: Thames and Hudson Ltd, 1997, pp. 156.
[381] Jay Gould ou Jason Gould foi um banqueiro, empresário e corretor estadunidense.

parar suas atividades para criar joias em 1892. É visto como um dos mentores da joia do século XIX, devido à sua criatividade e inovações técnicas. Lucien Falize (1839-1897) e seu pai Alexis Falize (1811-1898, que fundou sua oficina em 1838) pesquisaram outros materiais, especialmente o esmalte japonês aplicado a placas ovais ou retangulares. Entre 1880 e 1892, Lucien se juntou a Bapst. Lucien seguiria o estilo *Art Nouveau* com grande sucesso, e seus filhos André, Jean e Pierre o sucederam nos negócios, mudaram o nome para *Falize Frères* em 1897. A casa fechou em 1936.[382]



Figura 23. **Ornamento de cabelo atribuído a Oscar Massin**, c. 1850. *Cornflower* com diamantes montados em prata e ouro. A técnica *en pempille* se refere às pedras em cascata, combinada com as molas do cenário *en tremblant*, melhora a sensação de delicadeza e refinamento que os vitorianos expressavam através de sua linguagem floral. [ALVR – *Diamond flower jewelry in eternal bloom*. Disponível em: https://alvr.com/4557/diamond-flower-jewelry-in-eternal-bloom/. Acesso em: 10/07/2018]

A Tiffany & Young foi fundada em 1837, em Nova York, a princípio vendia somente mercadorias estrangeiras. Seu primeiro catálogo, de 1845, anunciava, dentre outros bens, enfeites de cabelo, peças em ouro e imitação de correntes de ouro procedentes de Londres, Paris e Roma. Em 1848, começou a produzir suas próprias joias de ouro, comprava grandes quantidades de diamantes em Paris. Sua importância cresceu rapidamente; na década de 1870 tinha pontos de venda em Paris, Londres e Genebra, e participava de grandes exposições internacionais. Na Exposição de Paris de 1900, recebeu uma medalha de ouro

[382] WORLD Luxury Jewellers – *Designers de joias do passado*. Disponível em: http://www.worldluxuryjewellers.net/former-masters.php. Acesso em: 13/02/2018.

por um broche de íris feito com safiras de Montana. Nos esmaltes também produziu trabalhos de alta qualidade, incluindo cópias naturalistas de orquídeas raras que também foram mostradas em 1900.[383]

Feitas em sua grande maioria para as mulheres, as joias estavam associadas à moda do vestuário. As roupas sóbrias e escuras usadas pelos homens deixavam pouco espaço para joias, com exceção de correntes de relógio, anéis, alfinetes e botões de punho. As revistas ilustradas nutriam seus leitores com informações sobre os ornamentos e vestidos usados em ocasiões sociais, pois havia uma clara distinção entre o vestir formal e o informal. O luto era escrupulosamente observado. Os periódicos publicavam informações sobre presentes de casamento, e dependendo do parentesco ou amizade com os nubentes, estes eram presenteados com joias[384] (maiores detalhes sobre os presentes de casamento se verá no subcapítulo *Corbeille de Mariage*).

Em 1904, as últimas novidades eram as finíssimas *cadêas* chamadas *Princesse*, os *santoirs*, os *pendentifs* e os medalhões em forma de coração, suspensos em colares de pérolas e diamantes com lapidação brilhante ou pedras encastoadas em simples aros de ouro formando broches. Outras peças possuíam artísticos esmaltes e pedrarias, como as ametistas, rubis, esmeraldas e turquesas que também estavam na moda.[385]

Na primeira metade do século XIX, as joias usadas pela corte deveriam ter nobreza e brilho. Acomodadas em caixas, os conjuntos – tiaras, pulseiras gêmeas, broches, brincos e colares – formavam um todo majestoso, destacando a dignidade do usuário. Possuíam vários tipos de gemas além dos diamantes, eram topázios, ametistas, águas-marinhas, corais cravejados em prata dourada ou outro metal. Eram buquês de violetas com gotas trêmulas de orvalho, mãos unidas, correntes de hera, gaivotas e conchas. As joias que expressavam o amor passaram a ter também a forma de coração ou de cadeado com uma chave, e procuravam dizer "você tem a chave do meu coração". Os diamantes foram usados na

[383] PHILLIPS, Clare – *Jewelry: from antiquity to the present*. London: Thames and Hudson Ltd, 1997, pp. 152 e 158.
[384] FEILDEN, Mary – "Jewellery, §5: 1831-1900". *In* GROVE'S Dictionaries Inc. – *The Dictionary of art*. Vol. 17. London: Macmillan Publishers Limited, 1996, pp. 526.
[385] JORNAL *A Capital* – Modas. Niterói, (15/01/1904), pp. 2.

confecção da maioria das peças, em tamanhos variados ou em composição com outras pedras preciosas, tinham a característica da segunda metade de oitocentos e início de novecentos.[386]

Em Clerkenwell (Londres), Birmingham na Inglaterra e Hanau na Alemanha, os estilos foram adaptados para produção em massa de joias e semijoias disponíveis para as mulheres. A produção da joalharia britânica tornou-se muito industrializada na metade do século XIX, os ornamentos feitos com desenhos escoceses tradicionais, com *cairngorms* (topázio-da-Escócia) e pérolas locais. De Berlim e da Silésia vieram as joias de ferro, que eram usadas com trajes de luto. A Suíça ficou famosa pela joalheria esmaltada (fig. 24), eram pulseiras com pinturas de camponesas em trajes regionais. Centros como Erbach im Odenwald, na Alemanha, e Thun e Brienz, na Suíça, produziram broches esculpidos em marfim com cenas de caça que evocavam visitas às florestas dos Alpes. Na Itália, as especialidades regionais incluíam joias esculpidas em coral de Nápoles e Gênova; incrustações *inlay* de Florença e micromosaico e camafeus de Roma. Lemonnier e Fossin, mestres de firmas parisienses, faziam com que cada ornamento em forma de flor fosse o mais naturalista possível, montando-as *en tremblant* e pintando as folhas com esmalte verde-claro que terminava em trilhas de diamantes conhecidos como pampilles.[387]

Na virada de século, as joias estavam divididas em três vertentes principais. Na primeira, havia quantidades generosas de joias com diamantes, que continuaram a ser usadas especialmente nas cortes da Europa, com linhas mais leves, inspiradas na moda Luís XVI e Primeiro Império. Na segunda vertente, os *designs* mais livres do *Art Nouveau* estavam sendo explorados, usando gemas coloridas e esmaltes. Na terceira, os *designers* do movimento *Arts and Crafts* produziram trabalhos caracterizados pelo uso de gemas e esmaltes com um visual feito à mão.[388]

---

[386] PHILLIPS, Clare – *Jewels & Jewellery*. Londres: V&A Publishing, 2008, pp. 67.
[387] FEILDEN, Mary – Jewellery, §5: 1831-1900". *In* GROVE'S Dictionaries Inc. – *The Dictionary of art*. Vol. 17. London: Macmillan Publishers Limited, 1996, pp. 526-528.
[388] PHILLIPS, Clare – *Jewelry: from antiquity to the present*. London: Thames and Hudson Ltd, 1997, pp. 155.



Figura 24. **Esmalte suíço antigo *demi-parure***. Século XIX. Broche e brincos com desenho floral em ouro e esmalte. Comprimento brincos: 1 3/4 polegadas (4,445 cm); largura do broche: 1 1/2 polegadas (3,81 cm). [*Antique Swiss Enamel Demi-parure*. Disponível em: https://alvr.com/6456/antique-swiss-enamel-demi-parure/?. Acesso em: 10/07/2018]

25 

26 

Figura 25. **Broche em forma de pavão** (frente e verso) – com a cauda em forma de losango, em prata, ouro, pérolas barrocas e diamantes lapidação brilhante; o olho da ave é granada, a crista da cabeça de diamantes lapidação brilhante. Altura 13,5 cm, largura 6 cm. Projetado por Charles Robert Ashbee e executado pela *Guild of Handicraft*, c. 1900, Londres. [*Museum* nº. M.31-2005. © Victoria & Albert Museum, Londres. Disponível em: https://collections.vam.ac.uk/item/O107784/broochashbee-charles-robert/. Acesso em: 22/01/18].

Figura 26. **Colar desenhado por Charles Robert Ashbee**, feito pela *Guild of Handicraft Ltd*., 1901 – Essa joia com pendentif de pavão foi feita em ouro e prata cravejados de pérolas, diamantes e uma granada, com três pérolas pendentes. Dimensões do pingente, altura: 11 cm, largura: 7 cm, profundidade: 1 cm. [Museum nº. M.231965. © Victoria and Albert Museum, Londres. Disponível em: http://collections.vam.ac.uk/item/O78493/necklace-ashbee-charles-robert/. Acesso em: 22/01/18].

O desenvolvimento industrial contribuiu para as mudanças ocorridas no século XX, gerando novas técnicas aplicadas à indústria. Vislumbrava-se um porvir de

desenvolvimentos científicos sem quaisquer precedentes, um ápice evolutivo de conquistas para a humanidade.[389] Tal fato contribuiu para que houvesse uma maior produção de joias, tornando-as mais acessíveis.

Os discípulos de William Morris e do *Arts and Crafts Movement* preferiam trabalhos desenhados individualmente e artesanais, que emanavam de guildas de inspiração medieval, como a *Guild of Handicraft* fundada, em 1888, por Charles Robert Ashbee (1863-1942) (fig. 25 e 26), onde foram produzidas obras notáveis de arte decorativa, joias, objetos de prata e móveis. O pavão foi um dos motivos favoritos de Ashbee, ele projetou cerca de uma dúzia de joias de pavão nos anos de 1900. A escolha dessa ave se deu principalmente porque era um pássaro ousado, orgulhoso, que se destacava contra um mundo monótono e hostil. Ele contribuiu para valorizar o *design* presente na joalheria, não no valor monetário dos materiais utilizados. Ashbee admirava a Renascença do século XV, e em 1898, publicou uma tradução dos dois tratados de Benvenuto Cellini (1500- 1571) sobre ourivesaria e escultura.[390] Ao mesmo tempo, outros projetos inovadores para a joalheria combinavam elementos naturalistas como flora, fauna e insetos.[391]

Na história da joalheria europeia, nada pode ser comparado ao período *Art Nouveau*, que investiu no desenvolvimento do artesanato e desfez a dicotomia entre artes puras e aplicadas. As joias deixaram de ser apenas um tributo à vaidade, exibição de riqueza, mero investimento ou simplesmente a execução de um belo objeto. A *Art Nouveau* trouxe energia e vitalidade para a joalheria. Seus temas iconográficos eram inovadores, inspirados no mundo natural, não uma mera imitação das formas exteriores, mas cristalizados em seus processos de criação e desenvolvimento, com certa tensão e exuberância caracterizadas pelas linhas curvas, retorcidas, tortuosas e vibrantes, que se tornaram a marca registrada do estilo.[392]

---

[389] DALLARI, Heloisa – *Design e exposição: das vitrines para as novas telas*. São Paulo: [s.n.], 2008. Tese de Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo, apresentada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.
[390] COLEÇÃO Victoria & Albert Museum. Disponível em: http://collections.vam.ac.uk/item/O107784/brooch-ashbee-charles-robert/. Acesso em: 22/01/18.
[391] FEILDEN, Mary – "Jewellery, §5: 1831-1900". In: GROVE'S Dictionaries Inc. – *The Dictionary of art*. 17º Vol. London: Macmillan Publishers Limited, 1996, pp. 528.
[392] REVISTA 18 Karati, Gold & Fashion – *L'arte in fiore - Una rivoluzione artistica chiamat Art Nouveau*. (out./nov./2010), pp. 75.

As joias não mais se pareciam com joias, reproduziam a natureza. Era uma flor com um bando de libélulas e besouros, um redemoinho de folhas de outono, trepadeiras e folhas infinitas, "rostos encharcados de sonhos" [393], baixo-relevo suave e irregular. O esmalte transparente e o vidro iridescente substituíram as gemas em montagens de ouro fosco, para descobrir emaranhados de algas, íris melancólicas, perfis de mulheres ruivas de cabelos compridos acariciados pelo vento.[394] Foi na joalheria que o *Art Nouveau* se destacou de forma mais elegante. Pouco a pouco o esmalte foi sendo abandonado em favor de pedras, como ônix, ágata e malaquita, materiais sem valor especial que podem ser lapidados de maneiras diferentes e cuja cor dá efeitos finos infinitamente preferíveis aos de esmaltes inferiores.[395]



Figura 27. **Ornamento de mão em estilo *Art Nouveau*** projetado para Sarah Bernhardt (amante de joias) para ser usado no papel de Cleópatra. Desenhado por Alphonse Mucha (1860-1939) e executado por Georges Fouquet, c. 1906. A cauda da cobra em esmalte champlevé[396] envolve o pulso; a cabeça de opala esculpida, esmalte e ouro, com olhos de rubi, repousa nas costas da mão; correntes delicadas que saem desta cabeça se juntam à outra cabeça da cobra no indicador. [Coleção M. Périnet, Paris][397]

O *Art Nouveau* dependia do gênio individual e não podia ser produzido em massa. Grandes talentos da joalheria nasceram nesse ambiente criativo – Georges Fouquet (1858-

[393] HUGHES, Graham – *The Art of Jewelry: a survey of craft and creation*. London: Studio Vista Publishers, 1972, pp. 104.
[394] VILMORIN, Louise de – "Le Bijou Sentimental". *In* HUYGHE, René – *L'Amour de L'Art: parures et bijoux*. Revista Mensal, Nº 26 e 27 – Ano 27. Paris: Éditions Paul Dupont, 1947, pp. 372-373.
[395] HUGHES, Graham – *The Art of Jewelry: a survey of craft and creation*. London: Studio Vista Publishers, 1972, pp. 107.
[396] Esmalte em que ocos feitos em uma superfície de metal são preenchidos com esmalte colorido.
[397] BILLETER, Erika – Why does man adorn himself? *In* HEINIGER, Ernest Albrecht (et. al.) – *The Great book of Jewels*. Lausanne: Edita, 1974, pp. 85. MOUTINHO, Stella Rodrigo Octavio; (et. al.) – *Dicionário das artes decorativas e decoração de interiores*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Tele Centro Sul Projetos Culturais, 1999, pp. 277.

1929) (fig. 27), Henri Vever (1854-1942), Eugène Feuillâtre (1870-1916), Lucien Gaillard (1861-1942) (fig. 28), Lucien Gautrait (1865-1937) (fig. 29), e acima desses a genialidade de René-Jules Lalique (1860-1945), com uma técnica refinada e um estilismo marcado pela interpretação de um mundo irreal, levando esta arte aos extremos da fantasia, que elevou o *design* de joias a um padrão raramente alcançado antes.[398] Como joalheiro, René Lalique havia tentado afastar as mulheres da moda da tirania tradicional do diamante e aceitar configurações requintadamente feitas, incorporando materiais relativamente baratos como esmalte, vidro, chifre e marfim.[399]

28 

29 

Figura 28. **Pente *Fleur e feuille de Aubépine* de Lucien Gaillard** [400]. 1902-1904, chifre esculpido, ouro, madrepérola e diamantes. Gaillard se destacou no uso do chifre. H. 14.7; L. 9,3. [Museu Orsay, Paris, França©. Foto Musée d'Orsay / rmn][401]

Figura 29. **Corrente de ouro com pingente *Art Nouveau* de Lucien Gautriat** em forma de pavão, feito em ouro, esmalte, diamantes lapidação brilhante e pedra da lua. A joalharia *Art Nouveau* estava principalmente relacionada com ideias simbólicas e decorativas. Os principais temas eram flores, borboletas, serpentes, insetos e mulheres. Paris, c. 1900. Largura. 6 cm. [BILLETER, Erika – Why does man adorn himself?. *In* HEINIGER, Ernest Albrecht (et al) – *The Great book of Jewels*. Lausanne: Edita, 1974, pp. 85]

Destacaram-se também Philippe Wolfers (1858-1929) (fig. 30) e Henry Van der Velde (1863-1957), na Bélgica; C. R. Ashbee (1863-1942), líder e fundador do movimento

[398] REVISTA 18 Karati - Gold & Fashion – *L'arte in fiore – Una rivoluzione artistica chiamat Art Nouveau*. (out./nov./2010), pp. 75.
[399] ARWAS, Victor – *Art deco*. London: Academy Editions, 1980, pp. 121.
[400] Este pente ilustra o gosto pronunciado do artista por determinadas espécies de plantas. Aplicou as lições da arte japonesa em seus estudos. O chifre era branqueado até a cor do mel pálido e entalhado em vários ornamentos, mas principalmente pentes elaborados decorados com flores, sementes de plátano e borboletas. PHILLIPS, Clare – *Jewelry: from antiquity to the present*. London: Thames and Hudson Ltd, 1997, pp. 162.
[401] Museu D'Orsay. Disponível em: https://www.musee-orsay.fr/en/collections/imdex-of-works/notice.html?no_cache=1&nnumid=99025. Acesso em: 20/02/2019.

Arts and Crafts (1904-1914), na Inglaterra; e Lluís Masriera i Rosés (1872-1958), em Barcelona.

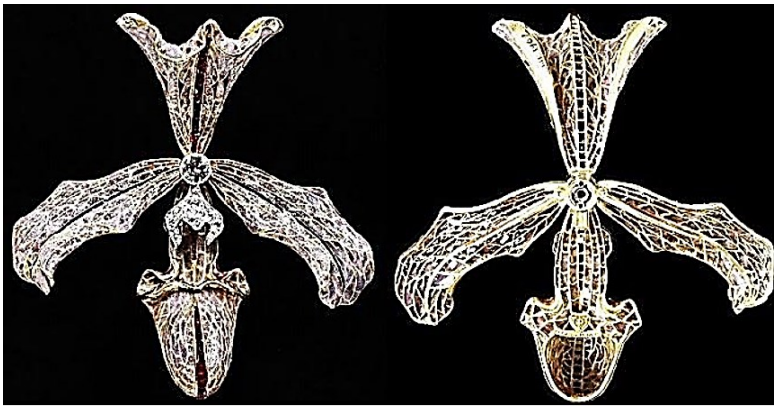


Figura 30. **Ornamento de cabelo de Philippe Wolfers** (frente e verso), 1905-1907, Bélgica. Joia no formato de orquídea, com suas quatro pétalas lilás curvadas que emanam de um diamante central em ouro, esmalte *plique-à-jour*, diamantes e rubis. Altura: 7,6 cm, Largura: 7,6 cm. Philippe Wolfers foi um dos grandes joalheiros da Arte Nova que trabalharam em Bruxelas. Como seu contemporâneo parisiense René Lalique, foi muito influenciado pelo mundo natural. A orquídea exótica apareceu no trabalho de ambos, simbolizava o movimento *Art Nouveau* e seu fascínio pela natureza. [Museu nº. M.11-1962. © Victoria & Albert Museum, Londres][402]

Com uma grande capacidade de criação, René-Jules Lalique se evidenciou em seu tempo. Ele nasceu em Aÿ-en-Champagne, na região de Marne, na França. Por possuir aptidão artística, sua mãe o incentivou a confeccionar joias; após o falecimento de seu pai, tornou-se aprendiz do artesão e joalheiro parisiense Louis Aucoc (1850-1932) de 1876 a 1878, em sua empresa situada na Rue de La Paix. Foi nessa época que ele aprendeu técnicas de fabricação de joias enquanto frequentava aulas na *École des Arts Décoratifs* em Paris. Ele então partiu para a Inglaterra, onde continuou seus estudos por mais dois anos. Na década de 1890 abriu sua própria oficina em Paris, tornando-se um dos joalheiros mais admirados da época. Lalique procurou combinar pedras preciosas, como o diamante, com esmalte, chifre, marfim, opalas, coral, cristal de rocha e pérolas barrocas de formato irregular em configurações de inspiração orgânica, acentuadas por curvas assimétricas e floreios elaborados. Seu desejo de criar algo que nunca havia sido visto antes lhe valeu o

[402] VAM *collections – Ornamento de cabelo, de Philippe Wolfers* – Disponível em: http://collections.vam.ac.uk/item/O88347/hair-ornament-wolfers-philippe/. Acesso em: 22/01/18.

reconhecimento de inventor da joalheria moderna. Ele revolucionou os estilos de joias do período, tornando-se um favorito entre as elites.[403]

Calouste Gulbenkian, um dos seus primeiros patronos, começou a formar sua coleção com 145 peças de Lalique em 1895, que se encontram disponíveis na Fundação Gulbenkian em Lisboa. O reconhecimento internacional chegou para Lalique ao receber o *Grand Prix* na Exposição Universal de Paris de 1900,[404] quando mostrou sua grande habilidade e sensibilidade para o uso da cor, no colar (fig. 31 e 32) criado para sua segunda esposa, Augustine-Alice Ledru, com nove opalas australianas de 16 quilates, alternadas com nove plaquetas, cada uma contendo uma escultura em ouro *Art Nouveau* em *plique-a-jour* em segundo plano. Cisnes de esmalte preto estão sobrepostos em cada lado da figura, ametistas siberianas na base da figura e, fixadas na corrente, gotas de opala. Certos elementos decorativos são utilizados funcionalmente, como as mechas de cabelo em esmalte preto que fixam as plaquetas com as opalas.[405]

Em 1905, Lalique inaugurou uma loja na Place Vendôme, n.º 24, onde expunha não apenas suas joias, mas também os objetos de vidro trabalhados em sua oficina na propriedade em Clairefontaine. O perfumista François Coty ficou impressionado com os desenhos de René Lalique e pediu a ele que colocasse seu talento para trabalhar na indústria de perfumes. Seu trabalho em conjunto revolucionou essa indústria e possibilitou pela primeira vez oferecer perfumes em garrafas atraentes a preços acessíveis (fig. 33). A partir daí Lalique trabalhou cada vez mais em projetos para o setor de perfumes, dedicando-se finalmente a técnicas mais industriais de produção de vidro, tendo uma produção seriada. Em 1913, era proprietário de uma fábrica de vidros em Combs-la-Ville, perto de Paris. Participou de várias Exposições Internacionais, mostrando essa sua nova arte.[406]

---

[403] LALIQUE – Disponível em: https://www.lalique.com/en/world-of-lalique/lalique-timeline. Acesso em: 16/06/2019. THE MET – René-Jules Lalique. *In Arte – Colar*, ca.1897-99. Disponível em: https://www.metmuseum.org/art/collection/search/483898. Acesso em: 03/04/2918.

[404] NEU, Renée S. – Modern Jewelry. *In* HEINIGER, Jean (org.) – *The Great Book of Jewels*. Switzerland, Lausanne: Edita S.A., 1974, pp. 243. PHILLIPS, Clare – *Jewelry: from antiquity to the present*. London: Thames and Hudson Ltd, 1997, pp. 160

[405] BILLETER, Erika – Why does man adorn himself?. *In* HEINIGER, Ernest Albrecht (et. al.) – *The Great book of Jewels*. Lausanne: Edita, 1974, pp. 86.

[406] LALIQUE – Disponível em: https://www.lalique.com/en/world-of-lalique/lalique-timeline. Acesso em: 16/06/2019. FERREIRA, Maria Teresa Gomes; FALCÃO, José Antônio – *Lalique joias*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.



Figura 31. **Colar de Lalique** – As repetições do motivo principal, nove nus femininos cujos cabelos ondulados estilizados rodam a cabeça e cujos braços alongados se curvam para se tornarem uma fronteira envolvendo cisnes de esmalte e ouro e uma ametista oval cabochão – são separados por pingentes de opalas montadas em gavinhas douradas girando, c. 1897-1899. [Acervo Metropolitan Museum. Coleção René Lalique][407]



Figura 32. **Pormenor do colar de Lalique**. Diâmetro total do colar: 24,1 cm; 9 pendentes grandes: 7 x 5,7 cm; 9 pingentes pequenos: 3,5 x 3,2 cm. [Acervo Metropolitan Museum. Coleção René Lalique][408]

[407] THE MET – René-Jules Lalique. *In Arte – Colar*, ca.1897-99. Disponível em: https://www.metmuseum.org/art/collection/search/483898. Acesso em: 03/04/2018.
[408] *Ibidem*, ca.1897-99. Disponível em: https://www.metmuseum.org/art/collection/search/483898. Acesso em: 03/04/2018.



Figura 33. **Perfumeiros. (**1) **Coleção Lalique.** [LALIQUE – Disponível em: https://www.lalique.com/en/world-of-lalique/lalique-timeline. Acesso em:16/06/2019] (2) **Perfumeiro com tampa – flor de maçã,** garrafa de vidro branco com acabamento acetinado e relevo polido, 60 mm. [PERCY, Christopher Vane – *Lalique Verrier: Guide du Collectionneur*. Lausanne (Suisse): La Société Edita S.A. / Denoël. 1977, pp. 90]

Vinculados à sociedade francesa, os relógios pessoais também estão ligados ao luxo, como elemento sociocultural e econômico. Originalmente muito caros, os relógios pessoais eram característicos de uma classe mais abastada; um dos primeiros a usá-los foi Francisco I. Os príncipes e a nobreza definiram o mercado da relojoaria francesa. Em Paris, em Blois e em Lyon surgiram oficinas que se tornaram verdadeiros polos do ofício, tornando a relojoaria francesa muito desenvolvida apesar de sofrer a concorrência de centros relojoeiros como Genebra e Londres. Com o avanço da industrialização, os relógios pessoais se tornaram imprescindíveis no dia a dia. A cidade de Besançon (na fronteira com a Suíça) se especializou nessa área, entrando em declínio a partir de 1900, quando então a relojoaria inglesa e suíça tivera grande destaque nesse campo.[409]

Pelas qualidades de inventor e homem de bom gosto, Louis Cartier foi denominado o "rei dos joalheiros" e o "joalheiro dos reis" pelo rei Eduardo VII da Inglaterra. Seus relógios de bolso eram tão clássicos quanto originais. Cartier inventou o relógio de pulso para atender às exigências de comodidade a Santos Dumont, pois este se queixava de dificuldade para pilotar suas aeronaves enquanto via as horas no bolso do colete.[410]

[409] CASTARÈDE, Jean – O luxo eterno. *In* CASTARÈDE, Jean – *O luxo: os segredos dos produtos mais desejados do mundo*. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2005, pp. 64-68 e 71.
[410] IDEM, *ibidem*. 2005, pp. 67.



Figura 34. **Conjunto de joias masculinas de Boucheron**. Abotoaduras, *buttons* e *clasps*, com 315 safiras azuis, 44 diamantes de lapidação quadrada e platina, c.1925. Abotoaduras com 12 mm de diâmetro. [HANCOCKS London – *Boucheron*. Disponível em: https://www.hancocks-london.com/boucheron-124005.html. Acesso em 18/06/2018]



Figura 35. **Broche de gaivota** (c.1926, platina, quartzo e diamantes) **e Clipe de andorinha** (c.1927, platina, rubi e diamantes) **de Van Cleef & Arpels**. A diferença entre os dois é que os **broches** têm apenas um pino, enquanto os **clipes** têm dois. Em meados da década de 1920, os pássaros (beija-flor, pássaros do paraíso) e insetos (libélulas, abelhas) eram típicos do período; foram feitos em platina e diamantes. E foram muito usados presos em chapéus da moda, nos ombros, cintos ou lenços. [Van Cleef & Arpels. Disponível em: https://www.vancleefarpels.com/kr/en/la-maison/spirit-of-creation/inspiration/art-of-clip.html?55click=Highlight. Acesso em: 28/02/2019]

As Exposições Universais contribuíram também para manter o ritmo criador de joalheiros, representados por *Maison*, dentre os quais é possível mencionar nomes de prestígio como o de Frédéric Boucheron (1830-1902)[411] (fig. 34), Alfred Van Cleef (1872-

[411] A Maison Boucheron foi criada em 1893, estabelecendo-se na Place Vendôme, 26, em Paris.

1938) & Salomon Arpels (1890-1942) (fig. 35 e 36) e Cartier[412] (fig. 37), que ainda hoje conservam em suas obras recordações daquela época. Eles abriram caminho para a liberdade na criação de joias.[413]



Figura 36. **Colar Van Cleef & Arpels** – Por suas joias modernas a firma deu fama a Paris. Colar em artística combinação de cinco broches desmontáveis, prendedor de cabelo e par de brincos de pressão, de platina e diamantes em lapidação brilhantes. [REVISTA *Sombra*. (jun./1943)]



Figura 37. **Pulseira de esmeraldas colombianas e diamantes *Art Déco* de Cartier**, c. 1930. Formada por três fileiras com 51 contas graduadas de esmeralda colombiana, com motivos articulados estilo chafariz em platina e diamantes de lapidação brilhante e baguette, com fecho de caixa e língua. Comprimento 18,2 cm. [HANCOCKS London – *Cartier*. Disponível em: https://www.hancocks-london.com/cartier-123342.html. Acesso em: 18/06/2018]

[412] A Maison Cartier foi criada em Paris em 1847, por Louis-François Cartier.
[413] GIL, Santiago Alcolea – As artes decorativas aplicadas à indumentária e ao ornamento pessoal. *In História Geral da Arte. Artes Decorativas*. Vol. III. Madrid: Edições Del Prado, 1996, pp. 59.

Por toda a Europa e entre os ricos americanos, a moda das joias com diamantes se assemelhava, apesar das figuras botânicas permanecerem mais constantes em Paris. A partir de 1910, uma abordagem cada vez mais linear emergiu expressa em arranjos contidos de pedras.[414] Rápidas mudanças nas tendências artísticas da joalheria aconteceram nas décadas seguintes. As novas produções foram marcadas por elementos geométricos decorrentes do cubismo, da influência de elementos clássicos da arte greco-romana e dos modelos egípcios antigos, inspirados nas joias com cores vivas – do ouro, cornalina e lápis-lazúli – de Tutancâmon, cujo túmulo havia sido descoberto em 1922. A *Art Déco*, mais racionalista, foi confirmada na Exposição Internacional de 1925 realizada em Paris – *L'Exposition Internationale des Arts Décoratifs et Industriels Modernes* –, a qual deve seu nome.

As artes decorativas estavam relacionadas aos objetos de natureza utilitária ou decorativa – talheres, móveis, pratos e afins –, em oposição às chamadas belas-artes – pintura, escultura e arquitetura. Os artistas deste período rejeitaram as formas curvas, assimétricas e líricas do *Art Nouveau*, pois as consideravam excessivamente ornamentais. Para criar um estilo válido para o século XX, voltaram-se para simetria, bordas endurecidas, linhas retas e ângulos agudos em vez de curvas. A ornamentação tomou muitas formas, como rosas ou folhas, que tinham sido estilizadas e geometrizadas. A perda do naturalismo foi uma nova abordagem da representação, para torná-la mais moderna.[415]

A alta joalheria francesa se estabeleceu principalmente na Place Vendôme – Boucheron, Joseph Chaumet (fig. 38), Mauboussin (fig. 39) e Van Cleef – e na Rue de la Paix – Lacloche (fig. 40) e François Mellerio (fundada em 1613, instalaram-se nela em 1815). Elas desenvolveram inegável qualidade na valorização e na cultura da pedra preciosa. A alta joalheria francesa focou mais na produção do que na comercialização. Ao longo do tempo, outras casas assumiram posição importante, com destaque para as americanas Tiffany e Harry Winston, assim como a italiana Bulgari e a inglesa Graaf.[416]

---

[414] PHILLIPS, Clare – *Jewelry: from antiquity to the present*. London: Thames and Hudson Ltd, 1997, pp. 156.
[415] GRIMES, Mary K.; GERSELL, Georgiann – *The Impact of Art Deco: 1923-1940*. Catalogue and Exhibition April 20 through May 23, 1976. Indianapolis, Indiana: The Indianapolis Museum of Art, 1976, pp. 4-5.
[416] CASTARÈDE, Jean – O luxo eterno. In: CASTARÈDE, Jean – *O luxo: os segredos dos produtos mais desejados do mundo*. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2005, pp. 74.



Figura 38. **Anel *Art Déco* de Chaumet**, c. 1935, concebido com três cúpulas, a central com 20 rubis (3 cts) em lapidação quadrada no estilo *serti mystérieux* ou invisível, as outras duas fixadas em canaletas com 18 diamantes (1,4 cts) lapidação *baguetes*; nas quatro laterais estão os pavês com 34 diamantes (0,9 cts) em lapidação brilhante. A superfície do anel em platina diminui a espessura em direção às extremidades. Chaumet recebeu medalha de ouro na Exposição Universal de Paris em 1900. Ele tinha predileção por pérolas e pedras preciosas. [HANCOCKS London – *Chaumet.* Disponível em: https://www.hancocks-london.com/vintage-antique/chaumet-122486.html. Acesso em: 18/06/2018]



39



40

Figura 39. **Anel de Mauboussin** – anel de ouro, c. 1930 [. ARWAS, Victor – *Art deco*. London: Academy Editions, 1980, pp. 21. Coleção do autor]

Figura 40. **Pulseira de Jacques Lacloche** - c. 1940, em ouro amarelo e branco de 18 quilates, diamantes e safira, c. 1940. Concebida com uma dupla fileira de ligações em forma de tubo texturizado, com motivo central em espiral triplo, acentuado com alternância de safiras e 16 diamantes de lapidação brilhante, além de fecho de pressão oculto. Originário de Paris, com 19,5 cm de comprimento e o motivo central com 2,5 cm de largura.[417] [HANCOCKS London – *Jacques Lacloche*. Disponível em: https://www.hancocks-london.com/jacques-lacloche-122428.html. Acesso em: 18/06/2018]

[417] Jacques Lacloche, o filho mais novo de quatro irmãos, estava por trás da renomada empresa francesa Lacloche Frères. Administrou a filial londrina de 1920 até 1929, quando ocorreu o *crash* nos EUA, que o fez retornar à França. Em 1936, abriu uma pequena filial no Hotel Carlton em Cannes, retornando depois a Paris, onde se estabeleceu na Place Vendome nº 8; lá permaneceu até 1960. Teve como cliente o príncipe Rainier, para quem criou um broche de safira e diamante que seria dado de presente de casamento a Grace Kelly.



Figura 41. **Broche *Art Déco* de Raymond Templier**. Paris, c. 1930. Broche de ouro branco retangular, com extremidades arredondadas, uma barra de diamantes de lapidação brilhante no centro e uma linha diagonal de três pedras de coral rodeada por duas secções curvas de esmalte preto. Altura: 6,4 cm, Largura: 2,3 cm, Profundidade: 1,2 cm. [COLEÇÃO Victoria & Albert Museum – *Brooch Raymond Templier*. Disponível em: https://wwwcollections.vam.ac.uk/item/O153427/brooch-templier-raymond/. Acesso em: 20/01/2018]

Seguindo o estilo dominante em 1920, o joalheiro francês Raymond Templier (1891-1968) (fig. 41) fez parte de um pequeno grupo de inovadores *designers* de *Art Déco*, produzindo um trabalho em um estilo minimalista e geométrico que visava o cubismo e as imagens da produção industrial. Em 1930, ele comentou no *Goldsmiths Journal*: "Ao andar pelas ruas vejo ideias de joias por toda parte, as rodas, os carros, as máquinas de hoje".[418] Essas fontes de inspiração resultaram em uma nova linguagem visual em joalheria e em uma estética na qual formas fortes e simples substituíam detalhes complexos.

Filho e neto de joalheiros, Jean Fouquet (1899-1994) desenhou joias inovadoras para a firma de seu pai (fig. 42 e 43), entre 1925 e 1930, quando se tornou vítima da depressão. Elas possuíam um *design* audacioso, mas simples, e formas geométricas definidas, aprimoradas por texturas e materiais escolhidos. Fouquet fazia combinações contrastantes com cores luminosas. Recebeu um prêmio na Exposição de Artes Decorativas e Industriais

[418] Tradução livre da autora: *As I walk in the streets I see ideas for jewellery everywhere, the wheels, the cars, the machinery of today.* Coleção Victoria & Albert Museum. Disponível em: https://www.collections.vam.ac.uk/item/O152948/bracelet-fouquet-jean/. Acesso em: 20/01/2018.

em 1925. Ele declarou: “As joias devem ser compostas de formas legíveis à distância, a miniatura é detestável”. [419]


42


43

Figura 42. **Pulseira *Art Déco* de Jean Fouquet** projetada em 1929, Paris. Ouro, malaquita e laca preta. Altura 2,5 cm; largura 19 cm; profundidade 0,8 cm. [Coleção Victoria & Albert Museum. Disponível em: https://www.collections.vam.ac.uk/item/O152948/bracelet-fouquet-jean/. Acesso em: 20/01/2018]

Figura 43. **Anéis *Art Déco* de Jean Fouquet**. Acima: anel de diamante, platina e ônix. Centro: anel de diamante, esmeralda e lápis-lazúli. Abaixo: anel de platina com baguetes de diamantes e lápis-lazúli [Private Collection, Londres. ARWAS, Victor – Art deco. London: Academy Editions, 1980, pp. 20]

O estilo *Art Déco*, caracterizado pelas formas lineares e pela influência cubista, foi requerido para atender a excentricidade de cadeias de lojas. Luxuosos interiores realçavam a verticalidade, e o uso de materiais requintados sensibilizava os clientes e consumidores. Com a nova linguagem, as lojas adquiriram notoriedade, uma vez que era entendida pelos clientes como modernidade.[420]

Erguido em São Paulo durante o Império, o Museu Paulista foi inaugurado em 1893, durante a República, e ficou popularmente conhecido como Museu do Ipiranga. Foi construído às margens do Ipiranga, para celebrar a Independência do Brasil, pelo engenheiro e arquiteto Tommaso Gaudenzio Bezzi (1844-1915). Seu acervo inicial foi composto pela tela *Independência ou morte* (1888), de Pedro Américo (1843-1905), depois passou a reunir coleções de História Natural da América do Sul e atualmente está voltado à história do Brasil e à história de São Paulo, por ocasião das comemorações do centenário da Independência. O

[419] Tradução livre da autora: *Jewels must be composed of forms legible from a distance, the miniature is detestable.* COLEÇÃO Victoria & Albert Museum. Disponível em: https://www.collections.vam.ac.uk/item/O152948/bracelet-fouquet-jean/. Acesso em: 20/01/2018.
[420] MOTTA, Flávio L. – Art Nouveau, modernismo, ecletismo e industrialismo. *In* Walter Zanini (org). *História geral da arte no Brasil*. 1983, pp. 473. TOLEDO, Benedito Lima de – Apresentação. In: GALLAS, Alfredo O. G.; GALLAS, Fernanda Disperati – *Art Déco: Europa, Estados Unidos, Brasil*. São Paulo: Ed. do Autor, 2013, pp. 4.

Museu Paulista possui hoje mais de 125 mil itens, entre iconografia, mobiliário, objetos e documentação textual do século XVII até meados do século XX. Seu acervo tem sido ampliado continuamente, principalmente no que se refere a São Paulo do período de 1850 a 1950.[421]

Alguns objetos pertencentes ao acervo do Museu Paulista possuem características do *Art Nouveau*, como uma pulseira de ouro com a inscrição "Dyonísia 9/10/929" (fig. 44) – a data comprova que na década de 1920 o *Art Nouveau* ainda estava presente no estilo das peças das joias – e um broche de ouro, diamantes e pérola, com uma figura feminina (fig. 45). Outras peças do acervo do Museu Paulista podem ser vistas no Anexo I, fig. 29-57.



Figura 44. **Pulseira de ouro** ligeiramente ovalada. Relevos em motivo de ramagens, com inscrições "Dyonísia 9-10-1929". [Herança Vacante de Ignácio Venzenzo Farina. Acervo do Museu Paulista USP. Fotos: Hélio Nobre/José Rosael].

Algumas coleções particulares preservam peças de joalheria e outros objetos de valor material, histórico e sentimental, como podemos ver na coleção particular de Maria Thereza da Silva Prado Godoy, bisneta de Olívia Guedes Penteado por parte de mãe, de quem herdou algumas joias, peças decorativas, acessórios e bolsas. Maria Thereza também herdou da avó paterna algumas peças (fig. 46 e 47 e, no Anexo I, fig. 58-68). A peça da figura 46 é uma insígnia da Ordem de Cristo, com estojo da época, primeira metade do século XIX.

[421] SILVA, Adriana de Oliveira; WALDMAN, Thaís Chang. 2016. Museu Paulista. *In Enciclopédia de antropologia.* São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: https://ea.fflch.usp.br/sites/ea.fflch.usp.br/files/inline-files/Museu%20Paulista.pdf. Acesso em: 21/06/2018.



Figura 45. **Broche de ouro** com sete diamantes, tendo ao centro figura feminina (busto) segurando uma pérola cultivada, estilo *Art Nouveau*. [Herança Vacante de Clara Disch Lojek. Acervo do Museu Paulista USP. Fotos: Hélio Nobre/José Rosael].



Figura 46. **Broche que pertenceu a Princesa Isabel**. Olívia Guedes Penteado recebeu de presente da princesa quando esta foi embora do Brasil. É uma insígnia da Ordem de Cristo, da primeira metade do século XIX. Material: platina, rubis e diamantes, tem a forma da Cruz de Cristo encimado por uma Coroa Imperial. O estojo da época se encontra um pouco danificado, mas podemos ver que era recoberto de couro em tons vermelhos. [Coleção Maria Thereza da Silva Prado Godoy]

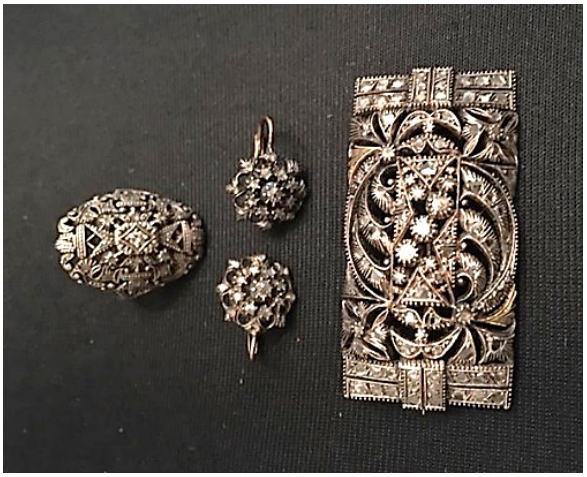


Figura 47. **Conjunto de anel, par de brincos e broche de Joalheria Mappin & Webb**. Ouro, platina e diamantes. Pertenceu a Olívia Guedes Penteado [Coleção Maria Thereza Silva Prado Godoy]

Outra coleção de joias pertence a Danilo Lôbo Guerra, cujo tataravô, antigo fazendeiro de borracha da região Norte, ao adquirir fortuna, começou a colecionar joias e objetos de arte. As peças encontram-se em banco, mas poderemos ver duas delas no Anexo I, figuras 69-70. Outras coleções particulares mostram a diversidade de material, técnicas e estilo do período em questão (Anexo I, fig. 71-101).

Paris, além de concentrar um grande número de joalherias e joalheiros, se tornou também um grande centro produtor de fragrâncias de luxo. O palácio de Versalhes, durante a corte de Luiz XIV, era conhecido como a corte dos perfumes; a etiqueta da Corte prescrevia um perfume diferente por dia. Após a Revolução Francesa, o uso dos cosméticos e dos aromas voltou com a Imperatriz Josefina.[422]

Na década de 1920, os perfumes estavam no seu auge; alguns dos principais fabricantes foram Arly, Atikinson, Babani, Bichara, Caron, Coty, Delettrez, D'Orsay, Gabilla, Gerlan, Houbigant, Legrand, Lubin, Roger & Gallet, Vivaudou e Yardeley's.[423] Nesse mesmo período foi criado o perfume mais famoso e vendido de todos os tempos, em um vidro transparente com linhas simples, o Chanel número 5. Esteve presente no pavilhão dos perfumes da exposição mundial sediado em Paris em 1925, a mostra criada para estimular a economia francesa e que acabou por mudar a história da arte e do *design* mundial.[424] Sonho de consumo de qualquer mulher desde a década de 1940, ainda hoje é um dos mais procurados.

No século XIX o perfume era vendido separado de sua embalagem de vidro ou cristal. Como podemos observar pela figura 48, em que o estojo possui também um funil para encher as embalagens.

No curso da história vimos que o homem sempre se enfeitou mais do que a mulher, mas a partir da segunda metade do século XIX, ele não mais se imporá pela aparência, e sim por aquilo que produz na sociedade capitalista, reflexo da Revolução Industrial.

---

[422] CARBONCINI, Anna – *Perfume e maquilagem numa exposição*. São Paulo: MASP, 1978, pp. 49.
[423] REVISTA A Vida Moderna. São Paulo, (30/12/1924).
[424] GALLAS, Alfredo O. G.; GALLAS, Fernanda Disperati (2013) – *Art Déco: Europa, Estados Unidos, Brasil*. São Paulo: Ed. do Autor, pp. 23

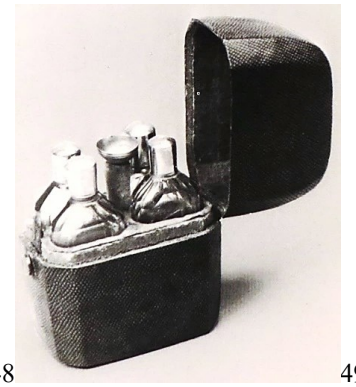
48   49

Figura 48. **Estojo para quatro perfumes e funil, manufatura francesa**, final do século XIX. [CARBONCINI, Anna – *Perfume e maquilagem numa exposição*. São Paulo: MASP, 1978, pp. 90]

Figura 49. **Porta-perfumes, cristal e prata, Inglaterra**, c. 1890. [IDEM, *Ibidem*, 1978, pp .92]

50   51

Figura 50. **Gallé, queimador e atomizador**, França, c. 1900. [CARBONCINI, Anna – *Perfume e maquilagem numa exposição*. São Paulo: MASP. 1978, pp.100]

Figura 51. **Queimadores de perfumes**. França, c. 1925, cerâmica. [CARBONCINI, Anna – *Perfume e maquilagem numa exposição*. São Paulo: MASP, 1978, pp.100]

O brasileiro passou a ter em sua aparência certo ar de maturidade, característica dos europeus. Tendo formado uma família, ele passará a usar trajes com cortes esmerados mais sóbrios e austeros nas cores preta, azul marinho, marrom e cinza chumbo. Também começou a se utilizar de elementos mais naturais, como a barba e o bigode, que eram sinônimo de prestígio político e econômico. Entraram na moda a sobrecasaca, a cartola e a gravata para

mostrar o seu poder.[425] A cartola, que surgiu em 1810, era símbolo de *status*, queria dizer que o homem era um industrial. Seu traje impecável e bem talhado, característicos da alfaiataria inglesa, era acompanhado pelo uso do relógio de bolso com correntes ou chatelaines, bengala e sapatos de bico fino. A partir de então, para mostrar que tinha dinheiro, passou a enfeitar sua esposa e filhas (fig. 52). Para os saraus, jantares e óperas era comum os trajes femininos terem decotes, indicados para serem usados à noite, o que propiciou o uso de colares.



Figura 52**. Senhoras e jovens da elite paulistana**. Utilizando joias no corpo, cabelos e nos trajes, além de acessórios e a mulher também passou a se enfeitar mais com flores. [REVISTA *Brazil Magazine.* (jun./1908)]

A moda para criança apareceu somente no final do século XIX; até então elas se vestiam como adultos, os meninos de terninho e as meninas com vestidos imitando o de sua mãe. Surgem as roupas para prática de esportes; uma das primeiras foi a de equitação, em que a mulher se sentava de lado. Quanto ao banho de mar, não se entrava na água, somente para tratamento terapêutico. Também não se tomava sol, era somente caminhada. Apenas no final dos anos 1920 que a mulher passou a tomar sol e bronzear a pele. Proposto por Chanel, o hábito era sinônimo de *status*. Nesse momento, os decotes, especialmente nas costas, se pronunciaram para mostrar o bronzeado. As jovens cortavam o cabelo como sinônimo de

[425] NERY, Marie Louise – *A evolução da indumentária: subsídios para criação de figurino*. Rio de Janeiro: Sebac Nacional, 2004, pp. 194. LURIE, Alison – *A linguagem das roupas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, pp. 79.

emancipação, usavam um chapéu chamado *cloche* (sino) e pintavam a boca em forma de coração, o que ficou conhecido como melindrosa.

A década de 1920 ficou famosa como os anos loucos, que chegaram a São Paulo trazendo as danças de salão, abrasando os costumes das maiores capitais do país. Os vestidos subiram até a altura do joelho, para que a mulher pudesse dançar o *charleston*, jogando a perna para frente e para trás, ou o *foxtrote*, o *jazz* e depois o *swing*; os sapatos ganharam alcinha no peito do pé para não saírem. Essas mudanças de ritmos concorreram para a modificação na moda. A roupa passou a ser mais solta e isso se estendeu ao penteado e até ao chapéu. As pessoas passaram a ter aulas de dança para se apresentarem nesses eventos com graça e *donaire*.[426]

As mudanças passaram a acontecer com maior velocidade, as jovens e as senhoras passaram a assumir novos papéis e criar novos hábitos; as necessidades de consumo foram surgindo. Peças de guarda-roupas como vestidos de cintura baixa, chapéus, luvas, sapatos, bordados com canutilhos, rendas importadas, além de outros itens de luxo e elegância, eram partes importantes do vestuário da mulher que buscava se afirmar no mundo social.

Depois de uma interrupção provocada pela Segunda Guerra Mundial, houve um retorno às atividades em relação à moda dos trajes que apresentavam muita discrição, e os grandes costureiros ditavam o que deveria ser usado nos eventos sociais noturnos: os longos discretos em tecidos como o cetim, o crepe da China, a *mousseline*, *chiffon*, usados em plissados, franzidos, com bordados de lantejoulas prateadas, por exemplo. Assim com os joalheiros, não estavam preocupados com o problema da economia, mas com o bom gosto e o bom senso, que determinavam as nuances do uso das peças, procuravam combinar tecidos, cores e joias modernas.

Nos periódicos dedicados à moda feminina, os cronistas davam conselhos sobre beleza, perfumes, trajes, joias e acessórios (Anexo I, fig. 102-104) que poderiam ser usados em festas, recepções, casamentos ou ainda em passeios esportivos e ocasiões mais descontraídas. Muitas vezes havia fotos sugerindo o modelo do traje e dos complementos como "bolsa, anéis e braceletes de forma a haver uma harmonia perfeita nas cores e nos

[426] JORNAL *Correio Paulistano* – Página Feminina. (25/10/1936), pp. 10.

adornos"[427] (Anexo I, fig. 105). Além disso a leitora lhes enviava uma foto do traje e pedia sugestões dos complementos, ao que eles respondiam. Os cronistas também enviavam receitas para as donas de casa e sugestões de organização, higiene nos lares, economia doméstica, exercícios físicos e de como decorar algum ambiente da casa ou uma mesa de um jantar especial.

Os estojos de joias são peças que, apesar de terem um valor agregado pequeno, guardam tesouros valiosos em peças de joalheria isoladas ou que compõem um conjunto. Podendo representar obras de arte, os primeiros estudos dos estojos[428] de peças de joalherias revelaram a importância que estes tiveram nos três últimos séculos. Constituindo a antecâmara das joias, os estojos procuram dar um primeiro impacto a quem o recebe, envolvendo de mistério e magia o seu conteúdo.



Figura 53. **Estojo Lacloche Frères com broche de platina e diamantes** de Adelina Silva Prado (avó paterna de Maria Thereza). Estojo de couro com frisos dourados e inscrição Lacloche Frères, internamente de veludo creme e cetim. [Coleção Maria Thereza Silva Prado Godoy]

[427] JORNAL *Correio Paulistano*. (25/11/1934), pp. 6.
[428] SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – As antecâmaras das joias: estojos em Portugal: 1750-1920. *In* SALAZAR SIMARRO, Nuria (*et. al.*) – *El Jardín de las Hespérides: estudios sobre la plata en Iberoamérica. Siglos XVI al XIX*. México: INAH, Coordinación Nacional de Monumentos Históricos; León: Instituto de Humanismo y Tradición Clásica, 2020, pp. 517-534.

Na cidade do Rio de Janeiro, em 1891, já estavam estabelecidas cinco fábricas de caixinhas para joias e outros objetos, além de caixas para chapéus. Um desses fabricantes era Antônio de Castro Leite.[429]

A elite brasileira, durante suas viagens ao exterior, adquiria joias, como podemos ver nas figuras 53 e 54, que exibem peças que se encontram em acervos particulares ainda com os estojos originais – o Museu Paulista concentra algumas joias em seus estojos (fig. 55 e 56). A Casa Michel também tinha seus estojos personalizados, como podemos ver nas figuras 57 e 58. Embalagens de papelão também foram utilizadas (Anexo I, fig. 106.1 e 106.2).



Figura 54**. Estojo e Broche Cartier** 1920. Pertenceu a Olívia Guedes Penteado – de ouro amarelo, platina, ônix e diamante. Estojo de couro com gravados a ouro e fecho de metal com dupla abertura. Interior das tampas em cetim branco com impressão dourada do nome e endereço da *Maison*. Base de veludo bege de apoio do broche. [Coleção Maria Thereza Silva Prado Godoy]

[429] LAEMMERT, Eduardo von – *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro para 1891.* 48º Anno. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brazil, 1891, pp. 674.



Figura 55**. Par de abotoaduras** – de prata, ornamentado com o padrão risca-de-giz. Estojo azul com frisos dourados e internamente bege. Comercializada pela Casa Paulo Levy na Rua 15 de novembro, no final do século XIX. Funcionava em um sobrado de taipa que foi adaptado às novas funções, revestindo-se todo o interior com vitrines, espelhos e iluminação. Em 1902, o antigo prédio foi demolido e construiu-se um novo sobrado, com porta ao centro e vitrines nas laterais. [Pertenceram a Bernardino de Campo. Acervo do Museu Paulista USP. Fotos: Hélio Nobre/José Rosael].



Figura 56**. Estojo e par de brincos** de ouro, prata, diamantes e pérolas cultivadas. Estojo de couro cor-de-vinho, forrado de tecido internamente, abrindo-se como um oratório. No estojo inscrição E. Amadori Gioielliere – Piacenza. [Herança vacante de Helena de Andrade Justo, Digo de Ignacio Venzenzo Farina. Acervo Museu Paulista USP]



Figura 57. **Estojo e Broche** [Acervo Mariana Rudge]



Figura 58. **Estojo para broche** – tecido azul externamente, de veludo e cetim internamente com a inscrição Worms Irmãos – Casa Michel São Paulo, Rua 15 de Novembro, pp. 25-27. Paris – Rue Lafayette, 10. [Acervo Mariana Rudge]

2.3. Mercadorias de luxo para decoração e presentes

Os objetos de luxo fizeram parte das decorações das casas-sedes de fazendas de café e de palacetes da elite paulistana. A *Belle Époque* foi rica em variedade de peças e materiais.

Alguns desses objetos de luxo podem ser encontrados em coleções particulares, em casas-museus e outras instituições, como destacaremos a seguir.

Ao longo de cinco décadas o casal Ivani e Jorge Yunes se dedicou ao colecionismo, reunindo uma vasta e prestigiada coleção de obras de arte e livros na Coleção Ivani e Jorge Yunes – CIJY. Eles inspiraram iniciativas para a preservação, pesquisa e divulgação, um interesse transmitido aos filhos e netos. Desde 2017 a filha do casal, Beatriz Yunes Guarita, lidera essa coleção que abrange 22 séculos de arte. Todas as informações sobre a coleção foram fornecidas por Francis Melvin Lee, que nos acompanhou na visita ao acervo.



Figura 59. **Palacete da CIJY na Avenida Europa** – local da coleção. [Acervo CIJY]

A coleção se encontra em um palacete na Avenida Europa (fig. 59), na capital paulistana. A residência pertenceu a Horácio Lafer, diplomata, político e empresário, que a encomendou ao arquiteto Jacques Pilon a obra iniciada em 1935 e concluída em 1937. No fim da década 60 de 1900, o empresário de mídia Adolpho Bloch comprou o imóvel que ficou conhecido como Casa de Manchete. Nos fundos da casa ficavam os escritórios da Editora Bloch e em seus salões principais ocorriam recepções e eventos.

O casal Yunes adquiriu a mansão na década de 1990, propondo ampliações e reformas, bem como retomando sua função residencial. Ao mesmo tempo os espaços foram adequados com a criação de uma ala que liga as duas construções originais e onde atualmente fica parte da coleção das obras de arte. Nos jardins – que conservam o projeto paisagístico de 1975, do arquiteto Roberto Burle Marx – estão presentes esculturas brasileiras e europeias dos séculos XIX e XX, de artistas como Bruno Giorgi, Leopoldo e Silva, Alfredo Ceschiatti

e Galileo Emendabili. De autoria deste último, encontram-se em frente à fachada da casa alegorias de arte: arquitetura, engenharia, pintura e escultura.

O casal iniciou a coleção nos anos 1960, quando adquiriu um nu feminino pintado pelo francês Alphonse-Étienne Dinet. A partir daí não pararam mais, reuniram obras de arte e publicações obtidas principalmente através de leilões nacionais e internacionais. A CIJY possui dois acervos principais. O "bibliográfico" localizado na Biblioteca de Obras Raras e na Biblioteca de Arte, com cerca de seis mil livros raros de referência destinados ao uso de pesquisadores, além de uma hemeroteca que conta com dois mil e quinhentos títulos de revistas e jornais publicados entre 1840 e 1980. E o acervo "artístico", que abrange o período entre o século III A.C. e os anos 1970, perpassando cinco continentes e compreendendo várias tipologias. Fazem parte da coleção desenhos, esculturas, gravuras, ícones, instrumentos musicais, joias, marfins, mobiliário, peças sacras, pinturas, porcelanas, prataria, vidraria e cristais, além da arte asiática e africana, etnografia, cartografia, medalhística e objetos *Art Nouveau* e *Art Déco*.

Um conjunto de ícones do século XV ao XX, em sua maioria eslava, foi trazido ao Brasil por famílias de imigrantes após a Revolução de 1917, tendo também peças gregas, venezianas, árabes e etíopes. Muitas das obras estão dispostas na coleção tal como nas igrejas ortodoxas, formando a chamada "iconostase", que em conjunto com a oração do fiel para o santo forma um acesso entre a dimensão material e espiritual.

Fazem parte da coleção exemplares de instrumentos musicais ocidentais, orientais e africanos. Dentre os primeiros, salientam-se um piano e duas harpas Érard da virada do século XIX para o XX. Dentre os de cordas pinçadas, sobressai o núcleo formado por cítaras, bandolins, um banjo e um violão da década de 1920, e entre os instrumentos de arco, um violino pintado com marinhas de autoria de Arthur Timótheo da Costa (1911). Dentre os orientais, dois *sanshins* (guitarras de Okinawa), um *gayageum* coreano (da família dos *kotos*) e um *dan bui* vietnamita. Entre os instrumentos africanos, *lamelofones* e diferentes tipos de instrumentos de percussão.

Na coleção de joias há peças em prata e crisoberilos da primeira metade do século XIX. A CIJY possui significativa coleção de marfim, incluindo peças asiáticas, africanas e europeias de caráter sacro e profano. São oratórios, santos, crucifixos, cachimbos, *tankards*

(europeus, executados em prata ou marfim), exemplares de arte decorativa, bengalas, bastões, estojos e outros objetos. Os *tankards* são recipientes alusivos à celebração e fartura, utilizados para o consumo de bebidas fermentadas sempre elaboradas em prata e marfim.

Distribuídos pela residência, os móveis da coleção são utilizados tanto na rotina da casa quanto nos espaços expositores de obras e conjuntos. Feitos em sua maioria na Europa, as peças datam do século XVII ao XX. Do século XVI há tocheiros e *cassoni* (arcas florentinas) do Renascimento italiano.

A coleção de pintura é composta por telas europeias produzidas antes do início do século XX. Entre elas, o maior número é de obras francesas, italianas, holandesas e flamengas; um menor número é formado por pintores espanhóis, portugueses, húngaros e russos.

Os objetos de prata, como os paliteiros (Anexo I, fig. 107. 1), são brasileiros e europeus dos séculos XIX e XX. As obras em vidro e cristal têm exemplares produzidos pelo francês Émile Gallé, criador da técnica *cameoglass*, originária dos camafeus – forma luxuosa de arte em vidro produzida por gravação e escultura com camadas de cores diferentes fundidas para produzir desenhos. Com o uso de ácido e maçarico, Gallé criava decoração floral, vegetal e personagens em vasos raros, luminárias e caixas de pó de arroz.

O acervo asiático abrange dois milênios de produção artística da China, Japão, Índia, Oriente Médio, Sudeste Asiático, Himalaia e Ásia Central. Há peças desde figuras tumulares de terracota das dinastias Han (sécs. III a.C. a III d.C.) e Tang (sécs. VII a X), em que se distinguem seus cavalos, soldados e serviçais. Há recipientes chineses em cerâmica vitrificada e com esmalte *celadon*, que remetem à dinastia Song (sécs. XII e XIII), ilustrando a evolução técnica que levaria ao surgimento da porcelana. Destacam-se ainda estatuária budista, ao lado de temáticas taoístas, confucionistas, hindus e de outras religiões, além de xilogravuras japonesas do final do período Edo (sécs. XVII a XIX), pinturas tradicionais chinesas, paisagens e caligrafia. Estão presentes utilitários, objetos decorativos, têxteis e instrumentos musicais.

A coleção africana é composta por obras tradicionais provenientes de vários pontos do continente. Embora haja peças produzidas na África Central – República Democrática do Congo, Angola e Camarões –, a maioria é originária da África Ocidental, principalmente da

Costa do Marfim, Nigéria, Mali e Gana. São máscaras, esculturas em madeira e bronze, joalheria, mobília e instrumentos musicais.

Um destaque é a coleção de criselefantinas[430] – esculturas com camadas feitas de marfim e vestes de madeira ornamentadas com ouro batido, em técnica utilizada desde a Grécia arcaica –; essa coleção possui peças das primeiras décadas do século XX, de Demétre Chiparus (fig. 60), Roland Paris (Anexo I, fig. 109), Claire Colinet e outros.



Figura 60. **Escultura de Demétre Chiparus** (romeno, 1886-1947). *Les amis de toujours*. [Foto: Sonia Skoda. Acervo da Coleção Ivani e Jorge Yunes]

As criselefantinas representavam personagens mitológicos, estereótipos orientais ou figuras femininas retratadas de forma simbólica, a meio caminho entre o mundo real e o da fantasia. São desse período artistas como Théodore Rivière (1857-1912), Ernest Barrias (1841-1905) e Jean-Léon Gérome (1824-1904), que aproveitaram as possibilidades desse material, criando esculturas criselefantinas que foram aclamadas pela crítica. As criações *Art Déco* desse material refletem a maturidade técnica, uma vez que as oficinas e o maquinário foram sendo aprimorados gradativamente. As criselefantinas francesas são caracterizadas por sua pose hierática; são figuras solenes. O bronze é trabalhado com técnicas de joalheria com acabamentos de texturas e relevos, o que revela a feitura à mão das peças e as vincula ao artesanato. Um bom exemplo disso são as peças de Demétre Chiparus e Claire J. R.

[430] *Criselefantina* – ver glossário.

Colinet (Anexo I, fig. 110). Já as peças alemãs e austríacas receberam o processo industrial, com acabamentos mais simples do bronze, em poucos detalhes, destaque seus esmaltes e *design* moderno, como nas obras de Ferdinand Preiss, Roland Paris (Anexo I, fig. 111), Otto Hoffman e Joseph Lorenz.[431]

Também fazem parte da CIJY obras provenientes de outras coleções, como a de Pietro Maria Bardi, Ciccillo Matarazzo, Yolanda Penteado, Cesário Galli Neto, Adolpho Bloch e Mário Chamie. Além de itens que passaram por galerias como Studio d'Arte Palma e Mirante das Artes, ambas de Bardi. Há, ainda, peças relacionadas ao Brasil Império: pinturas, ourivesarias, leques, desenho, gravura, porcelana, armaria, medalhística, mobiliário e arte decorativa. O expressivo conjunto de pinturas acadêmicas brasileiras tem produções de mestres destacados no Rio de Janeiro, São Paulo e do Rio Grande do Sul. No núcleo de Arte Moderna no Brasil há nomes ligados ao primeiro modernismo, às agremiações como a Família Artística Paulista e ao Grupo Santa Helena. Quanto à arte sacra, a família possui em sua capela objetos como cálices, navetas, âmbulas, além do *Livro das horas* francês do século XV. Entre outras obras estão a arte barroca brasileira, fragmentos rococós, objetos de culto, alfaias, frontais de altares e sacrários, além de lampadários e presépio napolitano setecentista. As pinturas sacras andinas completam o ambiente com altares, arcazes, trono e oratórios.

Podem-se ver algumas peças que fizeram parte dos produtos comercializados nas grandes joalherias brasileiras e compuseram as *corbeilles de mariage* como presentes de casamento ou de outros momentos especiais (Anexo I, fig. 107-134).

No Museu Paulista pode-se observar peças em seus estojos originais com inscrições, do nome e endereço da casa que as confeccionou, que pertenceram a coleções particulares, conforme os conjuntos de toalete no Anexo I, fig. 131-133, os estojos com canetas no formato de penas, de ouro e diamantes (Anexo I, fig. 134), ou ainda o estojo com um conjunto de caneta, sinete, abridor de cartas e cigarreiras de prata, muito comum nesse período (Anexo I, fig. 135 e 136). Os seguintes itens não podiam faltar nos pertences de uma senhora da elite: caixa de joias (Anexo I, fig. 137) e binóculos de teatro (Anexo I, fig. 138).

[431] MUSEU CASA LIS – *Art Nouveau* e *Art Déco – Criselefantinas*. Disponível em: http://www.museocasalis.org/nuevaweb/en/coleccion/criselefantinas-bronces. Acesso em: 25/01/2022.



Figura 61. **Vaso de cristal Lalique**. Pertenceu a Olívia Guedes Penteado, faz parte da série Periquitos. [Acervo Maria Thereza da Silva Prado Godoy]

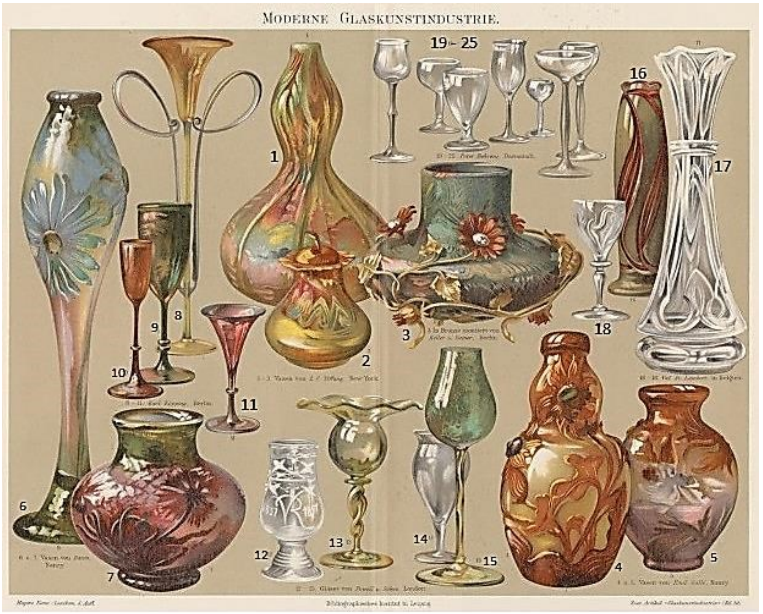


Figura 62. **Arte em vidro da indústria moderna** – *Bibliographisches Institut in Leipzig* – 25 peças de vidro de arte de Tiffany, Daum, Köpping, Behrens, Gallé, Val St. Lambert, Powell & Son e Keller & Reiner, publicadas entre 1893-1901. Podem-se ver (1-3) vasos por L.C. Tiffany (Nova Iorque), sendo que o 3 foi montado em bronze por Keller & Reiner (Berlim); (4-5) vasos por Emile Gallé (Nancy); (6-7) vasos por Daum (Nancy); (8-11) por Karl Köpping (Berlin); (12-15) copos de Powell & Son (Londres); (16-18) Val St. Lambert (Bélgica); (19-25) Peter Behrens (Darmstadt). [Corning Museum of Glass. Disponível em: https://www.cmog.org/article/lalique-and-contemporaries. Acesso em: 12/08/2018]

Maria Thereza da Silva Prado Godoy possui em seu acervo um vaso Lalique que fazia parte da série Periquitos (fig. 61). Ele pertenceu a sua bisavó, Olívia Guedes Penteado. Outros fabricantes de cristais (fig. 62), como Baccarat, Bohemia, Goupy, Daum, St. Louis, St. Lambert, Richard, Gallé, Argy-Rousseau, Portieux, produziam cristais finos e lapidados que, nesse período, eram comercializados em grandes e bem montadas joalherias.

Pode-se observar em algumas fazendas antigas preservadas, coleções de peças de arte, decoração e mobiliário. Estas contam a história de uma época com riqueza e requinte com que viviam as famílias de fazendeiros. Mesmo tendo se transferido para a capital, conservavam suas fazendas produzindo e as tornavam local de lazer para a família. Era o caso da Fazenda Pinhal, em São Carlos do Pinhal (Anexo I, fig. 139-141), da Fazenda Nossa Senhora da Conceição, em Jundiaí (Anexo I, fig. 142), e da Fazenda Vale Verde, em Itupeva (Anexo I, fig. 143-144).

A arte da prataria floresceu no Brasil apesar da ausência de minas de prata. Esta procedia da América Espanhola (México e Peru) e chegava sob a forma de moedas, barras ou pinhas. A ourivesaria em prata no Brasil não criou estilo próprio, pois recebeu influência de artífices portugueses, alemães, ingleses e principalmente franceses, a partir do século XIX, que foram acompanhando a renovação dos estilos artísticos. Tanto as joias quanto as peças utilitárias se inspiraram na fauna e na flora brasileira, como exemplo um paliteiro com um galo sobre parreira.[432] Rebenques com figuras de animais, esporas, estribos e arreios de prata foram muito utilizados no século XIX e início do XX, até a chegada do automóvel, e eram vendidos em joalherias. Estas, até início dos anos 1890, além das joias e relógios vendiam peças de prata para presentes. No estado de São Paulo houve várias famílias que se dedicaram ao ofício da prata, produzindo pratarias eclesiásticas ou eruditas como lampadários, cálices, âmbulas, navetas, turíbulos, castiçais e salvas, além de peças utilitárias como bandejas, copos, candelabros, facas, pratos e pencas de balangandã. Muitas dessas peças foram confeccionadas por Cláudio de Azevedo Ribeiro, um dos que mais produziu no século XIX na província paulista.[433]

---

[432] PAIVA, Orlando Marques de (ed.) – *O Museu Paulista da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Banco Safra, 1984, pp. 194.
[433] BRANCANTE, Maria Helena – *Os ourives: na história de São Paulo*. São Paulo: Árvore da Terra, 1999, pp. 163.

Fundada em 1853, a alemã WMF (fig. 63) conta com mais de 160 anos de tradição na confecção do melhor para a cozinha, mesa e bar, sendo ainda hoje uma das poucas marcas que mantêm grande parte da sua produção na Alemanha. Da primeira loja, em 1868, até hoje, a marca vem investindo em inovação e tecnologia, o que culminou, em 1930, na descoberta e utilização do seu principal composto, o Cromargan, um aço 18/10 patenteado de maior resistência, durabilidade e brilho, garantindo produtos únicos no mercado.[434]



Figura 63. **Vaso da marca alemã WMF**, c. 1906. Base em metal e vidro cristal.[435] [Acervo Fernanda e Alfredo Gallas]

Vários exemplares de porcelana que se encontram no Museu Paulista USP, pertenceram a condes e barões do café e foram produzidos na França, em Limoges. Tinham todo um requinte com frisos dourados e monogramas da família acompanhados de brasão ou coroa que indicava seu grau de nobreza (fig. 64 a 67).

[434] WMF – *Württembergische Metallwarenfabrik*. Disponível em: http://www.spicy.com.br/wmf. Acesso em: 02/10/2017.
[435] GALLAS, Alfredo O. G.; GALLAS, Fernanda Disperati – *Art Déco: Europa, Estados Unidos, Brasil*. São Paulo: Ed. do Autor, 2013, pp. 11.



Figura 64. **Serviço de porcelana francesa** – pasta dura; sem marca; século XIX. Na extremidade da borda uma faixa de cor vinho, entre frisos dourados. A faixa é salpicada com grãos de café, em branco e dourado, em relevo. Na borda as iniciais "CP" entrelaçadas em dourado, encimadas por uma coroa de Conde. Pertenceu a Antônio Carlos de Arruda Botelho (1827-1901), Conde do Pinhal (07/05/1887), coronel da Guarda Nacional, deputado-geral por São Paulo e fazendeiro de café na Província de São Paulo. [Acervo Museu Paulista. PAIVA, Orlando Marques de (ed.) – *O Museu Paulista da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Banco Safra, 1984, pp. 188]



Figura 65**. Sopeira em porcelana francesa** – pasta dura; sem marca; século XIX. Medidas: 13 x 24 x 21 cm. As bordas cor creme têm nas extremidades um friso dourado, circundam a decoração volutas cinza e ocre. Monograma assimétrico "ASQ", entrelaçado em cinza e ocre. Pertenceu a Francisco Antônio de Souza Queirós (1806-1891), Barão de Sousa Queirós (14/10/1874), tenente da Guarda Nacional, deputado, senador, vice-presidente e presidente da Província de São Paulo e fazendeiro de café. [Acervo Museu Paulista. IDEM, *ibidem*. 1984, pp. 190]

66   67

Figura 66**. Legumeira em Porcelana de Limoges** da Manufatura da Avenue Garibaldi – pasta dura; marca 27; século XIX; 25 x 14 cm. Borda com decoração em ondas em relevo azulmarinho. Ramos de flores em policromia espalhados pelo prato e monograma "SH" entrelaçado em marrom e azul, encimado por uma coroa de barão. Pertenceu a José Joaquim Monteiro da Silva (1827-1897), Barão de Santa Helena (13-12-1876), coronel da Guarda Nacional, senhor e vice-presidente da Província de Minas Gerais, negociante e agricultor. [Acervo Museu Paulista. PAIVA, Orlando Marques de (ed.) – *O Museu Paulista da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Banco Safra, 1984, pp. 191]

Figura 67**. Travessa em Porcelana de Limoges**, da Manufatura de Martial Redon – pasta dura; século XIX; 37 x 28,5 cm). Paragens em verde-da-Prússia, marrom e dourado, dispostas assimetricamente. Monograma "BA" entrelaçado e dourado, encimado por uma coroa de Barão. Pertenceu a Estanislau José de Oliveira (1829-1902), Barão de Araraquara (28/2/1885), coronel da guarda Nacional e fazendeiro de café na Província de São Paulo. [Acervo Museu Paulista. IDEM, *ibidem*, 1984, pp. 193]

O criador do Museu do Relógio, Prof. Dimas de Melo Pimenta (1918-1996), nasceu no Luso, Portugal, e ainda criança imigrou com a família para o Brasil, radicando-se em São Paulo. Aos 18 anos começou a trabalhar na empresa Stal Teles & Cia Ltda como auxiliar no departamento de Relógios e Telefones, onde passou por vários setores e começou a se interessar pelos marcadores de tempo que vinham da Alemanha e passavam por suas mãos. Começou a se aprofundar no estudo da relojoaria e a projetar os seus próprios relógios. Aos 23 anos, em 1941, fundou com seu pai, Manoel, e seu irmão, José, a empresa Produtos Elétricos Tagus Ltda, que mais tarde se tornou a DIMEP. Esta recebeu vários prêmios, como o Grande Prêmio e Medalha de Ouro na IV Feira Nacional de Indústrias de São Paulo, em 1943, por sua tecnologia avançada e outros atributos.[436]

[436] CATÁLOGO – *Museu do Relógio Prof. Dimas de Melo Pimenta*. São Paulo: C & G 12 Comunicação e Marketing Ltda. 2016, pp. 11-12.

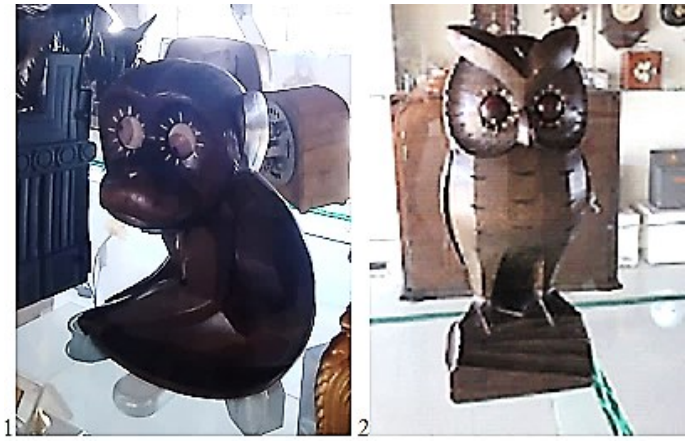


Figura 68. **(1) Relógio Macaco** e **(2) Relógio Coruja**. [Foto: Sonia Skoda. Acervo do Museu do Relógio Prof. Dimas de Melo Pimenta]



Figura 69. **Relógio despertador com cafeteira**. Origem: EUA, 1910-1920. Modelo convencional sem identificação do fabricante, possui mostrador normal com algarismos arábicos. Possui sistema de gatilho que acende o fogareiro minutos antes de despertar, aquecendo a água da chaleira que, quando ferve, coa o café e enche a xícara. Quando esta quando cheia, desce a bandeja e aciona o alarme. [Foto: Sonia Skoda. Acervo do Museu do Relógio Prof. Dimas de Melo Pimenta]

O Museu do Relógio, único do gênero na América Latina, foi fundado em 1975. Hoje possui mais de 700 itens em seu acervo com peças raras da relojoaria de grande valor técnico e histórico. Dimas iniciou sua coleção em 1950, quando comprou um relógio raro de bolso

na cidade de Aparecida do Norte (SP). Hoje o museu inclui os primeiros marcadores de ponto, carrilhões, relógios cucos, relógios de mesa e de parede, relógios de bolso e de pulso, relógios exóticos e raros. O mais antigo do museu foi fabricado em 1620, na Alemanha. Há ainda relógios curiosos como o relógio-macaco (fig. 68.1) e o relógio-coruja (fig. 68.2), ambos de mesa, com caixa de madeira de lei esculpida, de origem alemã (1920-1930), que movimentam os olhos para indicar as horas e os minutos; o relógio despertador com cafeteira (fig. 69); ou ainda o relógio que toca música (Anexo I, fig. 145). E relógios de parede que acompanharam o estilo estético da época, Clássico, *Art Nouveau* e *Art Déco* (Anexo I, fig. 146, 147 e 148).

A marca Girard Perregaux (Anexo I, fig. 149), de relógios de bolso e outros tipos, foi uma das mais afamadas de todos os tempos, fundada em 1791, em La Chaux-de-Fonds, na Suíça. Em 1854, quando Constant Girard se casou com Marie Perregaux, a empresa adquiriu o nome que mantém até hoje. Outros relógios que foram ícones na relojoaria são os da marca Roskopf (Anexo I, fig. 150 e 151), fundada por Georges Frédéric Roskopf, um alemão de Müllheim (Baden-Württemberg) que se naturalizou suíço. A empresa surgiu em 1855, na Suíça, e Georges se tornou uma lenda no setor; após sua morte os filhos deram continuidade ao nome com as marcas Louis Roskopf S.A., Petit Fils Roskopf e Roskopf Nieto. Um cronômetro (Anexo I, fig. 152) é um relógio com precisão atestada por uma autoridade relojoeira suíça, e geralmente o padrão era que não atrasasse ou adiantasse sua marcha em mais do que quatro ou seis segundos em um dia de funcionamento.[437] Relógios de lapela usados como broches eram usuais tanto para senhoras como para homens (Anexo I, fig. 153 e 154).

Uma curiosidade é que os mostradores em algarismos romanos apresentam o número "4" como "IIII", e não "IV", como aprendemos. Uma das interpretações é que, a partir de 700 A.C., a composição dos números romanos era diferente, o que se sabe é que atribuíam "1" a "I", "5 a "V" e "10" a "X"; seguia-se então um sistema aditivo (TABELA IV, neste volume, infra). No final da Idade Média o número "9" foi encontrado na forma subtrativa, "IX". Nos mostradores de relógio se passou a usar as duas formas, aditiva e subtrativa.[438]

[437] CATÁLOGO – *Museu do Relógio Prof. Dimas de Melo Pimenta*. São Paulo: C & G 12 Comunicação e Marketing Ltda. 2016, pp. 11-12, 48-49, 55.
[438] IDEM, *ibidem*. 2016, pp. 134.

TABELA II. Correspondência dos algarismos arábicos com os romanos.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
I	II	III	IIII	V	VI	VII	VIII	VIIII	X

2.4. As *Corbeilles de Mariage*



Figura 70. ***La Corbeille de Mariage*** – gravura, c. 1801-1817. [Fonte: Coleção de moda da Biblioteca de Arte. Museu Estadual de Berlim. Disponível em: http://www.smb-digital.de/eMuseumPlus?service=ExternalInterface&module=collection&objectId=875256. Acesso em: 12/08/2019].

Grandes datas marcavam as fases da vida do homem: o nascimento, o ingresso à adolescência, o final dos estudos pelo bacharelado, a entrada no mundo do trabalho, o noivado e o casamento, que iniciava a vida social e familiar. Para as jovens da sociedade burguesa, estudar significava se preparar para seu futuro papel de esposa do lar – cuidar de uma casa, dirigir os empregados, ser interlocutora do marido e a educadora dos filhos. Para tanto, a jovem precisava ter um conhecimento cultural geral de artes, música, desenho,

culinária, costura e bordados, higiene e puericultura.[439] A preparação para o casamento se iniciava nos refinamentos e nas boas maneiras da vida mundana, estava ligada "à passagem da moça donzela à esposa e anjo tutelar de nova linhagem".[440]

No final do século XIX, os casamentos na França versavam em cerimônias com muita ostentação e luxo que envolviam a igreja, na benção nupcial; a família; os parentes; e os amigos normalmente eram convidados pelos pais dos noivos, costume adotado também no Brasil, principalmente pela elite brasileira, conforme veremos. Uma tradição extremamente importante era o cerimonial de assinatura do contrato de casamento, com as condições e os dotes assumidos pelos noivos e seus progenitores, ritualizando um momento auspicioso na vida da *jeune fille* e empreendendo a noção de respeitabilidade feminina. Após esse cerimonial com a participavam os noivos, seus familiares e eventuais amigos, o noivo mimoseava sua futura esposa com uma *corbeille de mariage*. Estes consistiam em cestos de palha trançada decorados com cetim branco, em que se colocavam variados objetos de luxo que seriam imprescindíveis para a futura vida do casal.[441]

Nessas *corbeilles* podiam constar joias modernas ou de família com valor sentimental, tais como brincos, pulseiras e gargantilhas de diamantes, além de bibelôs, xales de caxemira, laços, lenços, sombrinhas, leques pintados, luvas, bolsas, rendas para decorar as roupas, bordados de todas as variedades, frascos de perfume, *bombonnières*, peles, tecidos, vestidos, objetos de decoração, entre outros. Esses itens compunham o luxo da *corbeille*, significando literal e simbolicamente a noção de tesouro muito usada para descrever o conteúdo delas e das jovens a quem se destinavam. Normalmente a corbelha valia entre cinco e dez por cento do valor do dote. A cesta poderia ser substituída por um móvel, que com o avançar dos anos veio a se tornar uma peça importante de mobiliário,

[439] PERROT, Michelle (org.) – *História da vida privada. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp. 235, 238-239.
[440] SCHAPOCHNIK, Nelson – Cartões-postais, álbuns de família e ícones de intimidade. In SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil 3: República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 475.
[441] ROQUETTE, J. I. – *Código do bom tom ou regras da civilidade e de bem viver no XIXº século*. Paris: Vª J. P. Aillaud, Guillard e Cia. 1875, pp. 27. HINER, Susan – *Accessories to Modernity: Fashion and the Feminine in Nineteenth-Century France.* Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2011, pp. 44.

adquirindo a forma de uma pequena escrivaninha ou de um baú. Posteriormente, estes foram alterados para caixinhas de joias ou embalagens dos próprios fornecedores.[442]

Esta *corbeille* poderia ser substituída por uma bolsa contendo ouro, que nas famílias brasileiras mais ricas não era menos que cinquenta mil réis. Era comum o noivo presentear os irmãos e irmãs da noiva. Os periódicos parisienses de moda descreviam o seu conteúdo e sugeriam modelos de corbelha. Num casamento de grande vulto, os presentes assumiam proporções grandiosas. Normalmente o enxoval ficava exposto no quarto da jovem e as *corbeilles de mariage* em um salão ornamentado para o evento. Para as jovens da classe alta, as cestas deveriam conter grande variedade de diamantes e joias que se adequavam a todas as ocasiões sociais a que viriam frequentar, além das peças citadas acima, todas de alta qualidade e vindas do estrangeiro.[443]

A entrega da *corbeille* poderia ser feita também na véspera do casamento e tinha um valor simbólico importante, pois ingressaria a mulher jovem na sua nova fase adulta. As jovens solteiras geralmente se vestiam de maneira recatada, com cores claras e poucos adornos, uma aparência não muito chamativa, mostrando bom senso. Isso fazia parte de seu fascínio, pois uma mulher que se vestia de maneira extravagante sinalizava um estilo de vida caro e os homens não queriam uma esposa que esbanjasse seus bens. Quando casadas as mulheres refletiam a riqueza de seus maridos e então poderiam vestir-se com um estilo mais elaborado, mostrando suas joias e de certa forma chamando a atenção das pessoas. Assim, a *corbeille,* repleta de luxuosos itens, sinalizava a transição para um novo *status*, o da respeitável mulher casada, e estabelecia uma ligação entre moralidade e luxo, entre a virtude e o estímulo, devido aos objetos e aos acessórios que nela continham.[444]

No dia do casamento, a noiva recebia prendas e *corbeilles* dos tios, padrinhos e dos convidados, e, por sua vez, presenteava o seu noivo com diamantes em um alfinete de peito ou anel. No caso de seu noivo ter uma irmã, ela também receberia uma prenda. E se o

---

[442] ROQUETTE, J. I. – *Código do bom tom ou regras da civilidade e de bem viver no XIXº século*. Paris: Vª J. P. Aillaud, Guillard e Cia. 1875, p. 30. PERROT, Michelle (org.) – *História da vida privada. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp. 242.
[443] IDEM, *Ibidem*, 1991, pp. 242. ROQUETTE, J. I. – *Código do bom tom ou regras da civilidade e de bem viver no XIXº século*. Paris: Vª J. P. Aillaud, Guillard e Cia. 1875, pp. 27, 29-30, 34. HINER, Susan – *Accessories to Modernity: Fashion and the Feminine in Nineteenth-Century France.* Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2011, pp. 45.
[444] IDEM, *ibidem*, 2011, pp. 44.

casamento fosse rompido, os presentes seriam devolvidos, podendo servir para uma futura aliança.[445]

Corbeille era também o nome de um jornal de moda feminina de luxo, fundado em 1836, na França. O periódico cobria grande parte da imprensa feminina, eventos sociais, últimas modas, ficção serializada e conselhos para mulheres, com normas de comportamentos e ideologias de valor feminino sobre o objeto.[446]

Os casamentos nas tradicionais famílias brasileiras consistiam do ato civil, do ato religioso e da recepção. O civil era comumente realizado na casa da família da noiva – como poderemos constatar no subcapítulo "O casamento que marcou o ano de 1924" –, no mesmo dia do ato religioso. Este poderia ser tanto na igreja quanto na casa onde aconteceria a recepção. O rito matrimonial era comum nas diferentes sociedades religiosas que se instalaram no Brasil, extraindo pequenos aspectos litúrgicos e linguísticos, como a composição e a ordem do cortejo, a indumentária dos noivos, os gestos do "sim", a troca de alianças e os retratos de casamento, o mais difundido. Esses retratos eram geralmente realizados nos espaços internos da residência e no jardim, com membros de duas ou três gerações das duas famílias, ficando os noivos sentados ou de pé na primeira fila, com destaque para o vestido da noiva, a cauda, o véu e as joias.[447] A recepção poderia se restringir a um *lunch*, a uma mesa de doces ou a um jantar, sempre acompanhado de champanhe, na casa de um dos nubentes, ou ainda em um *buffet* externo, como nos salões do Trianon, localizado na Avenida Paulista.

Os palacetes paulistanos serviram de residência para a elite da sociedade em plena *Belle Époque* brasileira. Essas mansões, como ficaram conhecidos posteriormente os palacetes, seguiam os padrões das casas luxuosas da burguesia francesa. Eram constituídas de um ou mais andares, além do porão, localizados no meio dos lotes cercados por jardins de todos os lados; nos fundos do terreno havia a edícula e a área de serviço. O interior da

[445] ROQUETTE, J. I. – *Código do bom tom ou regras da civilidade e de bem viver no XIXº século*. Paris: Vª J. P. Aillaud, Guillard e Cia. 1875, pp. 34.
[446] HINER, Susan – *Accessories to Modernity: Fashion and the Feminine in Nineteenth-Century France.* Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2011, pp. 45.
[447] SCHAPOCHNIK, Nelson – Cartões-postais, álbuns de família e ícones de intimidade. *In* SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil 3: República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 475.

casa era dividido em três zonas: estar, repouso e serviço, sendo que sua distribuição se dava a partir de um *hall* de entrada provido de uma escada social.[448] Esses palacetes foram palco de muitas recepções, jantares, saraus e casamentos, como poderemos ver a seguir.

A) O casamento que marcou o ano de 1924

Um palacete que se localizava na Avenida Paulista ficou conhecido como Villa Matarazzo. Pertenceu ao empresário de origem italiana, Conde Francesco Matarazzo (1854-1937). Nesse local, ocorreu no dia 21 de fevereiro de 1924, uma semana antes da cerimônia do casamento civil e religioso, dois noivados. Um deles foi o de Cláudia, filha dos Condes Matarazzo, com Alexandre Ruspoli, Príncipe de Cerveteri, Marquês di Riano, Conde de Vlguauello. Ele era filho do Príncipe Giovanni Ruspoli, neto da Princesa Egle, dos Condes Franceschi, cuja origem da família data de 1.300. O outro foi o do Conde Francisco Matarazzo Júnior com Mariângela, filha do Comendador Andréa Matarazzo e Virgínia Matarazzo. Pode-se notar a importância que a família dava à linhagem do futuro genro do Conde Matarazzo.

Os salões do palacete (Anexo I, fig. 155), os jardins e o pomar estavam revestidos de gala para recepcionar os convidados elegantemente trajados. Após a recepção – quando foram mostradas as *corbeilles de mariage* recebidas pelos dois casais aos convidados –, iniciaram-se as danças, que foram animadas por duas orquestras e se prolongaram até o amanhecer. A ceia foi servida a uma hora da madrugada, com um *menu* de iguarias, *champagne* e bebidas finas. Em pequenas mesas, estavam acomodadas as famílias dos noivos, altas personalidades italianas, a elite paulista, o Dr. Washington Luís – Presidente do Brasil –, Dr. Carlos de Campos – Secretário do Estado –, além de oficiais, políticos e financistas.[449]

Uma semana após o noivado, no dia 28 de fevereiro, realizou-se também no palacete dos Condes Matarazzo a cerimônia do casamento civil dos dois casais. Em seguida os noivos

[448] HOMEM, Maria Cecília Naclério – *O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira: 1867-1918*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, pp. 13-14.
[449] REVISTA *A vida moderna*. São Paulo, (28/02/1924). JORNAL do *Commercio*. São Paulo, (22 e 23/02/1924), pp. 3.

e familiares se dirigiram para a Abadia de São Bento, onde se realizou a cerimônia religiosa, prevista para as 10 horas. A igreja se achava bem ornamentada, no centro da nave erguiam-se vários arcos de hortênsias e cravos brancos, no altar-mor havia festões de flores, que impregnavam o templo de perfumes. A elite lotava o templo com suas elegantes *toilettes*. O Largo de São Bento estava repleto de pessoas interessadas em ver a entrada dos noivos. Havia a presença da polícia, formando dois cordões no acesso ao local.

O ritual de entrada, a Condessa Cláudia entrou primeiro, de braços com seu pai, o Conde Francesco; na sequência entrou o Príncipe, em uniforme de guarda nobre pontifício, dando o braço a Condessa Filomena Matarazzo. Em seguida o Comendador Andréa Matarazzo acompanhou sua filha Mariângela Matarazzo, e por último o Conde Francisco Matarazzo Júnior, dando o braço a sua tia Virgínia Matarazzo. Havia para cada noiva duas daminhas, que entraram segurando a cauda dos vestidos. Monsenhor Henrique Gasparri celebrou a cerimônia *pró sponso et sponsa*, que foi acompanhada de músicas gregorianas; após o evangelho se ouviu a Ave Maria de Gounod, cantada pela senhora Castellano, seguida pela Marcha Nupcial de Lohengrin, de Wagner, executada pelo violoncelista Mario Camerini.



Figura 71. **Os noivos** – Conde Francisco Matarazzo Júnior com Mariângela Matarazzo, e o príncipe Alexandre Ruspoli com a Condessa Cláudia Matarazzo (ela usa um diadema muito parecido ao do Anexo I, fig. 97). [REVISTA *A vida moderna*. São Paulo, (08/03/1924)]

Podemos observar a quantidade de joias que havia nas *corbeilles de mariage* destinadas ao Conde Francisco Matarazzo Júnior e à Mariângela Matarazzo, todas de grande valor,[450] além de objetos decorativos e utilitários. Constavam, entre outros dos seguintes itens:

- ✧ do noivo para a noiva: 1 bracelete em platina com cinco grandes diamantes lapidação brilhante, 1 anel solitário, 1 bracelete de esmeraldas, pérolas e três diamantes lapidação brilhante, 1 anel e 1 par de brincos com diamantes lapidação brilhante, 1 broche de pedra rara, montada em platina com diamantes lapidação brilhante.
- ✧ da noiva para o noivo – 1 medalhão com corrente de ouro;
- ✧ dos pais do noivo ao casal – 1 colar de pérolas com fecho trabalhado e encrustado de pedras preciosas, 1 par de pendentes em platina terminado com duas pérolas ovais, 1 *pendentif* com diamante lapidação brilhante;
- ✧ do irmão, Comendador Giuseppe Matarazzo e Anna Matarazzo – 1 serviço de *toilette* em cristal e bronze, lavrado de inestimável valor artístico e histórico, pois pertenceu aos Bourbons de Nápoles;
- ✧ do Comendador Andréa Matarazzo – 1 anel de esmeralda montado em platina;
- ✧ da avó – 1 serviço de compoteira em cristal e prata e 1 anel antigo;
- ✧ das irmãs do noivo – 1 anel com uma pérola montada em platina;
- ✧ dos irmãos da noiva – 1 barrete com três enormes diamantes lapidação brilhante, e para o noivo 1 par de abotoaduras para punho em platina com diamantes lapidação brilhante e outras pedras preciosas;
- ✧ do primo – 2 abotoaduras de platina com diamantes lapidação brilhante sobre ônix;
- ✧ de Ercole Giannini – 1 barrete com esmeraldas, safiras e diamantes lapidação brilhante sobre platina;

Nas *corbeilles* da Condessa Cláudia Matarazzo e do Príncipe Alexandre Ruspoli constavam, entre outros presentes, os seguintes:

- ✧ dos pais da noiva – 1 diadema de diamantes lapidação brilhante, 1 colar de pérolas, 1 trousse de platina, ouro e esmalte, 1 cigarreira de ágata com fecho de diamante

[450] JORNAL do *Commercio*. São Paulo, (22 e 23/02/1924), pp. 3.

lapidação brilhante, brincos antigos, leque com incrustações e 1 serviço de *toilette* para viagem em marfim e ouro;

- ✧ da noiva para o noivo – 1 alfinete de platina com pérolas;
- ✧ da avó da noiva – 1 *esplendido* anel de rubis e diamantes lapidação brilhante e brincos com esmeraldas;
- ✧ dos tios Andréa e Virgínia Matarazzo – 1 cigarreira de estilo antigo com pérolas e ônix;
- ✧ dos primos – 1 *torquette* em platina com diamantes lapidação brilhante;
- ✧ dos pais do príncipe Ruspoli – 1 serviço para toucador em ouro e prata;
- ✧ do príncipe Marcantonio Colonna – 1 relógio com corrente de ouro ornada com rubis.

Não foi divulgado o que continha na *corbeille* do Príncipe para sua noiva. A maioria das peças de joalheria era sempre oferecida pelos pais, familiares próximos ou algum amigo muito chegado à família.[451]

2.4.1. Tipologia dos presentes de casamento

Os presentes descritos nas *corbeilles de mariage* seguiam um determinado padrão, conforme foi visto anteriormente, principalmente nos casamentos de famílias da elite. Os pais, parentes mais próximos e padrinhos normalmente presenteavam os noivos com objetos mais custosos. Os noivos trocavam peças de joalheria entre si, além de outros itens devocionais ou de interesse do nubente. Os convidados, além de objetos decorativos e utilitários, tinham o costume de oferecer *corbeilles* de flores, cartões e telegramas de felicitações, que ficavam expostos no salão de exposição dos presentes.

Entre as peças de joalheria, presentes nas *corbeilles*, constavam tanto joias usadas diretamente sobre o corpo – anéis, brincos, colares, pulseiras e relógios de pulso – como as usadas sobre as vestimentas – alfinetes de gravata, abotoaduras, botões, barretes, broches e clipes. Outros objetos mais funcionais, feitos com materiais nobres como ouro e prata, tinham destaque nas corbelhas, como *nécessaires*, cigarreiras, canetas, trousse, entre outros.

[451] JORNAL *do Commercio*. São Paulo, (22e 23/02/1924), p.3.

Dentre as peças decorativas e utilitárias podem ser citados os cristais da Bohemia, Lalique e Baccarat, as porcelanas de Daum, Nancy, Limoges e Sèvres, vidros de Gallé, entre outros bens.[452]

As divulgações feitas em crônicas de jornais sobre as núpcias dos noivos e suas *corbeilles de mariage* estiveram presentes nas edições dos periódicos a partir da primeira década do século XX, precisamente até a década de 1930, quando então passou a ser menos anunciada essa prática, bem como as listas dos itens que compunham as corbelhas. Os presentes de casamento eram normalmente adquiridos nas grandes joalherias que se estabeleceram no Triângulo Central da capital paulista, como Casa Bento Loeb, Casa Castro, Casa Grumbach, Mappin e Webb e Casa Michel. Além da variedade de joias e relógios – destinados ao uso masculino, feminino e infantil – a Casa Michel também contava com secções específicas para cada tipologia de objetos decorativos e de luxo, que chamavam a atenção dos que percorriam suas vitrinas. A grande maioria das peças ali comercializadas havia sido adquirida no exterior, pelo fato de os irmãos Worms possuírem um escritório em Paris, o que facilitava fazer as compras pelos países europeus.[453] As joalherias passaram a anunciar com destaque nos jornais quais presentes de casamento poderiam ser adquiridos em suas lojas. Nessas publicidades eram apresentados os desenhos das peças, com explicações dos detalhes de cada uma, como os materiais que as compunham, a procedência e seu preço.

As *corbeilles de mariage* eram compostas em sua grande maioria por peças de joalheria; objetos decorativos, de arte e utilitários; acessórios para os trajes masculinos e femininos; componentes para cama, mesa e banho, além de objetos inusitados ou presenteados com menos constância. Como observamos ao analisar as listas das corbelhas

[452] A *corbeille de mariage* foi tema do artigo "As *corbeilles de mariage* em São Paulo, no primeiro quartel do século XX: joias e outros presentes de luxo, apresentado no *II Simpósio Internacional de Ourivesaria, Joalheria e Design*, ocorrido em junho de 2021. SKODA, Sonia M. de O. G. – As *corbeilles de mariage* em São Paulo, no primeiro quartel do século XX: joias e outros presentes de luxo. *In II Simpósio Nacional de Ourivesaria, Joalheria e Design*. Disponível em: https://www.proceedings.blucher.com.br/article-list/iisiojd-361/list#articles. Acesso em: 03/11/2021.

[453] A Casa Michel foi tema do artigo "Casa Michel – Worms Irmãos: São Paulo 1880-1940", apresentado no *I Simpósio Nacional de Ourivesaria e Design de Joias*, quando se exibiu a variedade de presentes finos comercializada na joalheria. SKODA, Sonia M. de O. G. – Casa Michel – Worms Irmãos: São Paulo 1880-1940. *In I Simpósio Nacional de Ourivesaria, Joalheria e Design*. (1.: 2017 Belo Horizonte, MG), 2017, pp.41-63.

nos periódicos, entre as peças presenteadas com menos frequência pode ser citado o piano Ibach-Son[454] que o casal Maria da Annunciação G. Piedade e Joaquim P. de Carvalho ganhou do Dr. José Piedade, vereador municipal da Capital, pai da noiva.[455] Outro exemplo de presente pouco usual, nesse caso porque partiu de um amigo próximo do casal de noivos, foi um automóvel Roadster[456] que o Dr. Monteiro de Barros e senhora deram ao casal Sylvia Botelho e Dr. Raul Vieira de Carvalho, além de um *pendentif* de diamantes lapidação brilhante e um colar de pérolas. Os presentes mais custosos demonstram que havia uma proximidade grande entre os casais.[457]

Para contextualizar melhor o teor das *corbeilles de mariage*, fez-se um quadro mais explicativo em que se encontram relacionados os materiais por grupos, conforme consta na TABELA III – Tipologias de objetos descritos em *corbeilles* de casamento em São Paulo (1916-1928), no ANEXO II – TABELAS.

B) Joias como presentes de noivado e casamento

Algumas peças pertencentes aos antepassados de certas famílias ainda podem ser encontradas em acervos particulares, como o caso da família de Danilo Lôbo Guerra, que conserva a herança deixada por seu tataravô, João Miguel da Fonseca Lôbo, filho de fazendeiro do Ceará que, em 1870, partiu para o Amazonas, onde fez fortuna com a borracha. No período da *Belle Époque* brasileira, houve o ciclo da borracha (1880-1910) na região Norte do Brasil, onde uma euforia social e cultural tomou conta dos estados do Pará e do Amazonas devido ao grande desenvolvimento na economia. Sucederam transformações no nível da reprodução do capital e da acumulação de riquezas pela burguesia. Tal fato elevou como principal porto de escoamento da produção do látex a cidade de Belém do Pará, que

[454] Ibach Son, uma antiga empresa alemã (familiar) de pianos, fundada em 1794, existiu até a década de 1950. Cf. Pianos Balleron. Disponível em: http://www.pianos.fr/en/ibach-209.html. Acesso em: 21/01/2022.
[455] JORNAL *do Commercio*. São Paulo (13/04/1917), pp. 7.
[456] Roadster era um carro esportivo conversível, de duas portas e dois assentos, mas não era de corrida. Cf. Mercedes Bens. Disponível em: https://www.arrowheadmb.com/blog/what-is-the-difference-between-a-cabriolet-and-a-roadster/. Acesso em: 27/01/2019.
[457] JORNAL *do Commercio*. São Paulo, (07/06/1917), pp.5.

se tornou a vanguarda cultural da região, o que ocasionou a edificação do seu processo de modernização.[458]

João Miguel da Fonseca Lôbo tornou-se ávido colecionador de joias e antiguidades, formando um acervo consistente que, após seu falecimento, foi dividido entre seus descendentes. Algumas peças de família foram adquiridas em momentos especiais, tendo como destaque uma que se encontra na família há 126 anos. A trisavó de João Miguel, a francesa Maria Leonie Ehret Fernandes Lôbo, chegou ao Rio de Janeiro em 1894. Era conhecida como uma exímia professora de piano, além de pintar e falar fluentemente francês, inglês e alemão. Conheceu Chiquinha Gonzaga (1847-1935), compositora e maestrina carioca, com a qual nutriu uma amizade por vários anos. Foi na capital da República que conheceu seu futuro marido, Estevão José Fernandes, engenheiro português, vindo a se casar com ele em Fortaleza em 1896, onde estabeleceram residência (o convite de casamento do casal pode ser visto no Anexo I, fig. 156). Como presente de casamento, Estevão deu-lhe uma pulseira de ouro, pérolas e ametista (fig. 72), que, segundo os familiares, era a gema preferida do casal.



Figura 72. **Pulseira de ouro, pérolas e ametista**, c. 1896. [Acervo Danilo Lôbo Guerra]

Outra joia que se destaca no acervo da família de Danilo Lôbo Guerra pertenceu à filha de Leonie, Beatriz Odete Ehret Fernandes, nascida em 1897 e bisavó do referido Danilo. Em 1914, Beatriz, então com 17 anos, casou-se com Albergio da Fonseca Lôbo. Ao nascer à primeira filha do casal, o marido a presenteou com um relógio de pulso (fig. 73) adquirido em Paris, de ouro 22k e diamantes, com as iniciais dela gravadas na parte de trás.

[458] PORTAL PARAMAZONIA – *A Belle Époque na região Amazônica*. Disponível em http://pportalparamazonia.blogspot.com.br/2016/01/a-belle-epoque-na-regiao-amazonica.html. Acesso em: 29/01/2018



Figura 73. **Relógio de pulso feminino** de ouro com diamantes, c. 1915. [Acervo Danilo Lôbo Guerra]



Figura 74. **Anel de casamento** em seu estojo de galalite, veludo carmim e cetim branco, c. 1914. [Acervo Maria Isabel Branco Ribeiro]

Também com grande valor afetivo são as duas peças herdadas por Maria Isabel Branco Ribeiro de seus avós, Carmen Branco Meireles Reis e Augusto Meireles Reis Filho. O solitário de platina e diamante (fig. 74) foi usado no dia do casamento de sua avó, em 1914, sendo presente do noivo, que havia adquirido nos Estados Unidos. O alfinete de ouro amarelo e branco com pérola (fig. 75) é datado da mesma época.



Figura 75. **Alfinete de gravata** com pérola, c. 1914. [Acervo Maria Isabel Branco Ribeiro]

76  77 

Figura 76. **Anel solitário** que pertenceu a Carmen Branco Meireles Reis. [Acervo Maria Isabel Branco Ribeiro]

Figura 77. ***Tiffany setting*.** Anel solitário com diamante. [PHILLIPS, Clare – *Jewelry from Antiquity to the Present*. London: Thames & Hudson Ltd. 1997, pp. 158].

O solitário de Carmen Branco Meireles Reis (fig. 76) seguia o mesmo sistema de fixação do modelo criado por Tiffany (fig. 77) desenvolvido em 1886, apresentando um novo *design* que ficou conhecido por *Tiffany setting*. Nesse modelo a gema é fixada acima do aro do anel por garras alongadas, permitindo mais entrada de luz de modo que o diamante brilhe com mais intensidade, ao contrário das configurações anteriores, em que a gema era parcialmente incorporada ao aro. Esta configuração continua sendo usada em grande parte dos joalheiros.[459]

Uma peça na linha de joias de afeto que permanece na família de Maria Thereza da Silva Prado Godoy é o anel de ouro amarelo e safira (fig. 78). Foi um presente de seu avô, Francisco Silva Prado, à sua esposa Adelina Silva Prado, pelo nascimento do filho do casal, Waldyr, pai de Maria Thereza, em 1916. Foi adquirido na Bento Loeb, prestigiada casa de joias que se localizava na Rua 15 de Novembro, no centro chique de São Paulo, no período da *Belle Époque*. No noivado dos pais de Maria Thereza, seu pai, Waldyr da Silva Prado, presenteou sua mãe, Olívia Camargo da Silva Prado, com um anel de água-marinha adquirido na mesma joalheria (fig. 79).

[459] PHILLIPS, Clare – *Jewelry: from antiquity to the present*. London: Thames and Hudson Ltd. 1997, pp. 158.



Figura 78. **Anel de ouro e safira confecção da Joalheria Bento Loeb**, em seu estojo em couro, veludo e cetim bege, c. 1916. [Acervo Maria Thereza da Silva Prado Godoy].



Figura 79. **Anel de platina, diamantes e água-marinha de confecção da joalheria Bento Loeb**. Foi o anel de noivado da mãe de Maria Thereza. [Coleção Maria Thereza da Silva Prado Godoy]

CAPÍTULO III: JOALHERIAS EM SÃO PAULO E CAPITAIS BRASILEIRAS

Após a chegada da família real portuguesa e a abertura dos portos, as relações comerciais se intensificaram. A vinda de profissionais especializados contribuiu para o desenvolvimento artístico, cultural e intelectual; museus, escolas e bibliotecas foram criados. O Brasil começou a receber ourives estrangeiros que formaram oficinas onde passaram a ser executadas peças com matérias-primas encontradas na América como ouro, prata e gemas. Esses ourives, oficiais e mestres, vindos de outras culturas e auxiliados por ajudantes muitas vezes escravizados, trouxeram um grande diferencial para a confecção das joias. Se instalaram na província de São Paulo e em cidades do interior paulista, alguns desses grupos de artífices eram compostos por membros de uma mesma família, o que demonstra que esse ofício era passado de pai para filho. Muitas vezes as esposas, ao ficarem viúvas, tornavam-se as proprietárias do estabelecimento, o que não queria dizer que exercessem a profissão. No século XIX, havia 88 ourives só na capital, sendo que nem todos aparecem nas listas dos almanaques da época, alguns exerciam mais de uma profissão e outros trabalhavam de forma clandestina.[460]

Na capital,

> a única mulher que realmente tem seu nome consignado nos Massos de população como ourives é Catharina Maria das Neves, que aparece em 1809 na cidade de São Paulo como vivendo do ofício de ourives, sendo viúva, branca e com 50 anos.[461]

Antes do surgimento dos almanaques paulistas os ourives ofereciam seus serviços anunciando em jornais, assim como fez Camillo da Silva Telles, ourives, cravador e esmaltador, que tendo chegado do Rio de Janeiro anunciava no jornal *O Farol Paulistano*[462] de 1829. Ele possuía uma oficina de ourivesaria em sua própria casa, onde fazia concertos de joias de ouro com diamantes. Possuía colares de coral e joias com pedras finas (para se

[460] BRANCANTE, Maria Helena – *Os ourives: na história de São Paulo*. São Paulo: Árvore da Terra, 1999, pp. 197-237
[461] IDEM, *ibidem*. 1999, pp. 162-163.
[462] Lançado em 07/02/1827, o Farol Paulistano foi o primeiro periódico da província de São Paulo. O jornal circulou entre 1827 e 1833, era semanário e depois passou a bisemanário.

referir às gemas) que havia trazido da Corte do Rio de Janeiro.[463] Assim como Camillo, outros ourives possuíam suas oficinas de ourives em casa.

Os hotéis serviram de moradia e endereços para a venda de joias de muitos joalheiros estrangeiros, estes quando chegavam a São Paulo, primeiramente se instalavam nos hotéis até terem condições de adquirir seu próprio estabelecimento. Alberto Naxara chegou a ter uma joalheria na Rua Direita, embaixo do Hotel de France (Anexo I, fig. 161), em frente à Igreja de Santo Antônio. Anos depois este quarteirão foi demolido para dar lugar à atual Praça do Patriarca.[464]

As listas nominativas indicam diversos ourives na capital, eram oito em 1804 e 15 em 1825.[465] O comércio iniciou tardiamente em São Paulo e ainda possuía traços da antiga vila colonial na década de 60 de 1800 – com trânsito de carros de bois, hospedarias servindo aos tropeiros e ferrarias. Os comerciantes, antigos abastecedores das minas e seus descendentes estabeleceram-se com loja aberta em São Paulo, impulsionando a oferta de gêneros de primeira necessidade.[466]

Predominou no século XIX início do século XX a instalação de oficinas e casas de comércio no andar térreo e no andar de cima instalavam-se residências mais ou menos aristocráticas. Como exemplo, havia o súdito inglês Henrique Fox, que possuía um sobrado da Rua 15 de Novembro n.º 7, onde residia no andar superior e, no térreo, estava estabelecida sua loja de joias, relógios e instrumentos de música.[467] Cahen & Irmão estavam estabelecidos na Rua Direita n.º 18, com joalheria e relojoaria, e em 1902 fizeram uma reforma nos fundos do imóvel para novas dependências de habitação dos proprietários.[468] No século XX, muitos comerciantes ainda tinham o costume de morar e trabalhar no mesmo endereço. Mas, posteriormente, passaram a morar em bairros residenciais mais requintados. Eles aparecem na relação de assinantes registrados nas listas telefônicas entre 1917 e 1920, como o joalheiro

[463] JORNAL *O Farol Paulistano*, 1829.
[464] BRANCANTE, Maria Helena – *Os ourives: na história de São Paulo*. São Paulo: Árvore da Terra, 1999, pp. 165.
[465] RABELLO, Elizabeth D. – A cidade e sua estrutura profissional: 1804-1825. *In* COSTA, Iraci del Nero da (org.). *Brasil: história econômica e demográfica*. São Paulo: IPE/USP, 1986, pp. 223-244.
[466] ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros – Lojas e armazéns das casas de morada paulistas. *In Revista de História* 160, 1º semestre de 2009, pp. 285-322.
[467] MARTINS, Antônio Egydio – *São Paulo antigo, 1554-1910*. São Paulo: Paz e Terra, 2003, pp. 193.
[468] BARBUY, Heloisa – *A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914.* São Paulo: EDUSP, 2006, pp. 43

Bento Loeb, morador da Avenida Paulista n.º 18, entre a Rua Minas Gerais e a Rua Augusta, e Justin Oscar Worms, na mesma avenida no n.º 131, entre a Alameda Joaquim Eugênio de Lima e a Rua Carlos Sampaio.[469]

As casas de comércio começaram a se especializar e fornecer principalmente itens de luxo vindos do estrangeiro. Produtos vindos da França começaram a ser vendidos aqui, como perfumes, sedas, leques, chapéus, espelhos, luvas. A chegada dos estrangeiros que instalaram casas comerciais na região, a política governamental de melhoria na estrutura da cidade e os problemas do escoamento da produção paulista pelo porto de Santos visaram dinamizar o comércio com outras províncias e com o exterior. Tais episódios ajudaram a originar mudanças comportamentais nas famílias e no trabalho. Este tendeu a se afastar das residências, provocando a dissociação entre vida doméstica e profissional.[470]

As joalherias vendiam colares, anéis, pulseiras, fios de ouro, pares de brincos, laços, botões, cordões, cruzes, rosários, memórias, contas, entre outras peças. Na metade do século XIX, os novos veículos de comunicação começaram a circular na capital paulista, estando cada vez mais presentes na sociedade. Foram os periódicos – revistas ilustradas e jornais –, cartazes, catálogos e panfletos que passaram a ser utilizados pelas joalherias para divulgar seus produtos em anúncios que, gradativamente, foram se tornando mais ilustrados, reflexo do sistema capitalista de produção / propaganda / consumo que se fez sentir em São Paulo na década de 1850.[471]

Nos anos 30 de 1900, circularam folhinhas de ano novo pela capital com publicidade das principais casas de comércio, mas não restou nenhum exemplar delas nos arquivos.[472] Os almanaques vieram facilitar a seleção dos produtos pelo consumidor. Analisando os da cidade de São Paulo e do Rio de Janeiro, pode-se chegar a algumas conclusões. Comparando essas duas cidades, observou-se que no ano de 1857, quando surgiu o primeiro almanaque

[469] TOLEDO, Benedito Lima de – *Álbum iconográfico da Avenida Paulista*. São Paulo: Editora *Ex Libris* Ltda, 1987, pp. 22 e 124.
[470] HOMEM, Maria Cecília Naclério – *O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira, 1867/1918.* São Paulo: Martins Fontes, 1996.
[471] BARBUY, Heloisa – *A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914.* São Paulo: EDUSP, 2006, pp. 70.
[472] CAMARGO, Ana Maria de Almeida – *Os primeiros almanaques de São Paulo*. Introdução à edição fac-similar dos almanaques de 1857 e 1858. São Paulo: Impesp/Daesp, 1983. APUD. ARAÚJO, 2009.

administrativo comercial de Marques & Irmãos[473] na capital da província paulista, havia dez estabelecimentos na lista de ourivesarias e proprietários de lojas de joias, enquanto no Rio de Janeiro do mesmo ano, na edição do *Almanach Laemmert*,[474] existiam cerca de 108 estabelecimentos na lista de ourivesaria e relojoaria. É compreensível que esse número seja bem superior, pois, como capital do Império e residência da elite imperial, era natural que o Rio de Janeiro concentrasse esses serviços.

No ano de 1897[475] a cidade paulista contava com 54 relojoarias e ourivesarias, enquanto no Rio de Janeiro[476] havia 163 joalheiros, ourives e relojoeiros. Em 1915[477] o número de joalherias e relojoarias chegava a 152 em São Paulo, enquanto na capital do Império o número girava em torno de 190.[478] O que se pode concluir desse período é que São Paulo conseguiu aumentar em torno de 90% o número de joalherias e relojoarias.

A partir de 1857, observou-se que existiam outras profissões que davam apoio às joalherias, como exemplo, no Rio de Janeiro havia cinco lapidários, entre os quais podemos citar: Augusto José de Carvalho, lapidário da Casa Imperial (lapidador de diamantes); Domingos Encrennaz (lapidador de vidros e cristais); e Domingos José d'Oliveira Mello (lapidador de diamantes). Quanto à especialidade de joias para cabelo, nas décadas de 50 e 60 de 1800, havia o profissional Júlio Eugenio Gillet, estabelecido na Rua dos Ourives.

---

[473] MARQUES & IRMÃO – *Almanak administrativo, mercantil, e industrial da província de São Paulo para o anno de 1857*. J.R. de Azevedo Marques (org.). Primeiro Anno. São Paulo: Typographia Imparcial, 1856, pp. 151-152. Este foi o primeiro almanaque da província de São Paulo, editado pelos Irmãos Marques; seguia o modelo das edições dos Irmãos Laemmert do Rio de Janeiro. LAEMMERT, Eduardo & Henrique. *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Laemmert, 1844.

[474] LAEMMERT, Eduardo von (ed.) – *Almanak administrativo mercantil e industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para o anno de 1857*. 14º Anno. Rio de Janeiro: Editores/proprietários, 1857. Analisando a primeira edição do *Almanach Laemmert* (1844) do Rio de Janeiro, se observou que havia 49 joalherias, ourivesarias e relojoarias, sendo que 32 delas localizavam-se na Rua dos Ourives, embora nesse período a fama de rua mais badalada recaísse sobre a Rua do Ouvidor. LAEMMERT, Eduardo e Henrique – *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro para o anno bissexto de 1844*. 1º Anno. Rio de Janeiro: Editores-proprietários. 1843, pp. 251-253.

[475] THORMAN, Canuto (org.) – *Almanak administrativo, commercial e profissional do Estado de São Paulo para 1897.* Incluindo Indicador da Capital. Décimo Primeiro Anno. São Paulo: Typographia Aurora, pp. 172-173.

[476] SAUER, Arthur - *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro e indicador para 1897.* 54º Anno. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brazil, 1897, pp. 521-523.

[477] FRANÇA, Antônio M. (ed.) – *Indicador comercial paulista*. Anno III. Edição 1915-1916. São Paulo: Typ. Lit. Artística 1915, pp. 281-283.

[478] ALMANAK LAEMMERT– *Anuário administrativo, agrícola, profissional, mercantil e industrial da República dos Estados Unidos do Brasil para 1915*. 71º Anno. 1º Vol. Rio de Janeiro: Typ. do Almanak Laemmert. 1915, pp. 1196-1197, 1230, 1257-1258.

Trabalhava para a Casa Imperial com grande sortimento de joias de ouro para cabelo, função que na década de 70 de 1800 passou para a Viúva Gillet. Em 1882, Domingos Farani & Irmão eram ourives joalheiros da Casa Imperial, estavam estabelecidos com duas lojas, uma na Rua do Ouvidor e a outra na Rua dos Ourives.

Novos materiais começam a surgir na década de 70 de 1800, como o celuloide,[479] que passou a ser utilizado nas novas indústrias norte-americanas para a fabricação de peitos, colarinhos e punhos de camisas da moda masculina – nesse período, os homens utilizavam esses itens de forma a não amassar as roupas; muitos deles eram vendidos separadamente. A moda feminina utilizou esse material em bijuterias, pentes, caixas de joias, entre outros ornamentos e objetos. Algumas destas peças procuravam imitar o coral e o marfim.[480]

Alguns comerciantes estrangeiros, para facilitar o contato com seus clientes, adotaram nomes similares em português, como foi o caso de Ludwig Bamberg, para Luiz Bamberg; Pierre Chiquet, para Pedro Chiquet; e Justin Worms, para Justino Worms. Os donos de joalherias procuravam ter seus nomes nas fachadas de seus estabelecimentos. Várias delas, nessa época, compravam ouro velho, prata, diamante e moedas antigas, como a *La Pendule Suisse*, de Maurice Grumbach.[481]

Em 1880, havia a preocupação quanto à higiene das casas de comércio, como aconteceu com a visita feita por um tal Dr. Cantinho às casas comerciais da então Rua da Imperatriz, como a joalheria Maurice Grumbach, a casa de joias de B. & J. Abrate e a de Zanetti & Moreira, não encontrando nada que lhes pudesse imputar alguma represália.[482]

Viu-se que em 17 de outubro de 1888, alguns negociantes de joias estabelecidos na capital paulistana, participaram de um abaixo-assinado em que decidiram por conservar os seus estabelecimentos fechados aos domingos, a pedido de seus funcionários, mas que perderia o efeito caso algum deles resolvesse abrir seu estabelecimento. Assinaram esse documento as seguintes joalherias: Silberberg, Muhlrad & Poznanski; Lucien & Comp.; Hypólito Suplicy; Maurice Grumbach; Manoel Borges de Carvalho; Luiz Bamberg; B. & J. Abrate; Albert Cahen; Pedro Chiquet; Raffaele C. Medis; Zanetti & Moreira; Oscar

[479] Celuloide – ver glossário.
[480] JORNAL *A Província de São Paulo.* (05/02/1879), pp. 2.
[481] JORNAL *Diário Popular*. São Paulo, (22/04/1885), pp. 4.
[482] JORNAL *Correio Paulistano*. (31/07/1888), pp. 2.

Machado; Henrique Deutsch & Irmão; Luiz Amoroso & Filho; Fedele Balena; Antônio, Matteo e Raffaele Casaccio; Pasquale Pastore; Jacob Levy; José de Sanna; Francisco D. T. Feo; Calabreze Antônio; Domenico Lazzaro; Raffaele Picozzi.[483]

Diversas joalherias trabalhavam com produtos que traziam a marca *Royal Metal*, como a Casa Michel, Bento Loeb, Adolpho Birle, Jacques Netter & Filhos, João Brandt, Maurice Grumbach e Paul Levy. A *Royal Metal* não era uma marca de fábrica, e sim um nome fantasia inventado por uma casa da capital paulista para designar os artigos de metal prateado fabricados pela *Wurtembergische Metalwarenfabrik*, de *Geisslingen* e de outras fábricas da Alemanha. Havia o costume das fábricas europeias aplicarem aos seus produtos uma marca fantasia, desde que lhes fosse solicitada pelos negociantes. Estes, por sua vez, utilizavam-se desse meio pensando em valorizar tais produtos, empregando títulos mais pomposos.[484]

No comércio de joias, a venda acompanhava o câmbio do dia para evitar perdas financeiras, e normalmente as joalherias procuravam avisar seus clientes nesse sentido, como ocorria com a Casa Michel[485] quando em seus anúncios destacavam os presentes próprios para casamentos para compor as *corbeille de mariage*, Natal, Ano-Novo, batizados entre outras comemorações. Também apresentava sugestões de objetos de arte e decoração, joias, acessórios finos etc. Essas casas procuravam cativar os clientes oferecendo o que havia de melhor entre os artigos europeus e norte-americanos. No período de festas atendiam seus fregueses até 21 horas.

Era costume, quando havia quermesses beneficentes, a comissão organizadora se dirigir ao comércio paulista para obter prendas, como aconteceu com a comissão incumbida de angariar donativos para a que se realizou em abril de 1903, destinada à fundação de um pavilhão para tuberculosos anexado à Santa Casa de Misericórdia na capital. Eles percorreram várias ruas do Triângulo, obtendo dentre as várias casas de comércio mimos das joalherias de Paul Levy, Maurice Grumbach, Casa Netter e Bento Loeb.[486]

---

[483] JORNAL *A Província de São Paulo*. (20/10/1888), pp. 2.
[484] JORNAL *Correio Paulistano*. (22/01/1910), pp. 6.
[485] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (03/11/1925), pp. 1. *Ibidem*. (19/11/1925), pp. 2.
[486] Ibidem. (17/03/1903), pp. 2.

Outra quermesse em benefício à Santa Casa de São Paulo ocorreu em março de 1904, quando os organizadores visitaram alguns estabelecimentos comerciais que posteriormente lhes enviaram peças, como foi o caso da Casa Michel, que doou uma bengala com castão de prata e um porta-cartão de bronze. Cahen Irmãos doou um relógio fantasia. A Casa Gerson & Cia doou um par de botões para punho, uma bolsa de prata e uma cigarreira de prata oxidada.[487]

Para termos uma noção de quantos proprietários de joalherias e relojoarias estavam ativos no período de 1880 a 1940 na cidade de São Paulo, foram criadas três tabelas com a relação dessas casas/proprietários que se encontram no ANEXO II – TABELAS. A TABELA IV contém a relação em ordem alfabética das joalherias; na TABELA V, está a lista em ordem cronológica da data (aproximada) em que foram fundadas; e na TABELA VI, a classificação por ruas dessas casas de joias e relógios.

A seguir elegemos algumas joalherias da capital paulista que tiveram certo destaque na sociedade e sobre as quais se conseguiu material. Relacionou-se o período aproximado de seu funcionamento, localizando as ruas em que se estabeleceram, elencando os artigos comercializados, além de fatos importantes ligados a elas, como as peças que foram executadas para eventos políticos, sociais, esportivos ou de filantropia.

3.1. Casas de joias na Rua Direita

ALBERTO NAXARA

TABELA III- Casa Alberto Naxara

JOALHERIA	Alberto Naxara
PROPRIETÁRIO	Alberto Naxara – ourives e joalheiro
PERÍODO DE ATIVIDADE	1873-1879
LOCALIZAÇÃO	Rua Direita, 46; Rua Direita, 31; Rua São Bento, 83.

[487] JORNAL *Correio Paulistano*. (10/03/1904), pp. 2.

COMÉRCIO	Gemas; joias de ouro 18k, prata e plaquê; *pince-nez* de ouro 18k, de prata dourada; relógios de ouro e prata; trancelins.
GEMAS	Coral; diamantes; esmeraldas; ônix; pérolas; rubis; safiras; turquesa.
JOIAS	Adereços completos e meios-adereços; alianças de casamento; anéis; anéis de profissão; anéis com monogramas e letras; bichas para senhora, jovens e crianças; brincos para senhora, jovens e crianças; botões para punhos; broches; broches para retratos; camafeus; colares; correntes; cruzes; diademas; medalhas; medalhões; medalhões para retrato; pulseiras; pulseiras marchetadas com gemas.
RELÓGIOS	Despertadores; relógios de bolso e correntes, de ouro, prata, prata dourada e plaqué, para homens e senhoras; relógios de parede; para estrada de ferro.
OBJETOS DE PRATA	Aparelhos de chá de Ruolz; bandeja; faqueiros completos *Christofle;* objetos utilitários e decorativos; paliteiros.

Fonte: JORNAL *Correio Paulistano*. (01/02/1873), pp. 4; JORNAL *A província de São Paulo*. (11/04/1875), p. 4; *Ibidem*. (24/04/1975), pp. 4; *Ibidem.* (17/06/1975), pp. 3; *Ibidem*. (12 e 13/08/1975), pp. 3; *Ibidem*. (20/01/1976), pp. 3; *Ibidem*. (09/06/1976), pp. 3; *Ibidem.* (28/09/1976), pp. 4.

Alberto Naxara, joalheiro e ourives fabricante, estava estabelecido na Rua Direita, "nos baixos do Hotel de Itália". Em 1875 o hotel mudou de nome para Hotel de France. (Anexo I, fig. 157) Naxara fabricava e consertava todos os tipos de peças concernentes à arte da joalheria, além de comprar ouro, prata e diamantes. Ele trazia suas mercadorias do Rio de Janeiro, e suas viagens até a Corte eram feitas através dos paquetes. Ao retornar, organizava uma exposição e convidava seus clientes a irem apreciá-la. Comercializava grande sortimento de joias com diamantes, sempre com lapidação brilhante de primeira água, e gemas desde ½ até 9 quilates. A casa vendia adereços e meios-adereços de diamantes indicados para compor as *corbeilles de mariage*. As peças de joalheria serviam aos homens, senhoras, jovens e crianças; nessa época os anéis eletromagnéticos estavam na moda e custavam Rs. 1$000.[488]

Trabalhavam com grande sortimento de correntes de ouro 18 k, prata e *plaqué*, relógio de bolso dos melhores fabricantes. Quanto aos serviços de mesa, eram de ruolz da

[488] JORNAL *Correio Paulistano*. (01/02/1873), pp. 4. JORNAL *A Província de São Paulo*. (11/04/1875), pp. 4.

Christofle que chegavam diretamente de Paris. A casa trabalhava com anéis para doutor em medicina (de esmeralda e diamante); para doutor em letras (de rubi e diamantes); anéis com letras de todas as formas; além de medalhas de ônix com letras. As pulseiras eram marchetadas, com diamantes lapidação brilhante e outras gemas. Alberto Naxara mandou vir de Paris um hábil artista que se encarregava de qualquer tipo de conserto de relógios em sua oficina. Os produtos vendidos e os consertos tinham garantia de 1 ano. Os relógios eram provenientes da Inglaterra, Suíça, França e América do Norte. Os relógios de dar corda custavam Rs. 25$000, relógios de ouro com corrente saíam por Rs. 80$000, sem corrente saíam a Rs. 45$000 e os despertadores saíam por Rs. 8$000, Rs. 9$000 e Rs. 10$000.[489]

Esse joalheiro possuía na cidade de Campinas, interior do estado de São Paulo, uma loja em sociedade com Emile Decourt, *E. Decourt & Naxara*, sendo que o exemplar de um rico bracelete de ouro e diamante lapidação brilhante, confeccionado na loja do interior, ficou em exposição na loja da capital. No ano de 1876, Naxara mudou seu estabelecimento para defronte do Grande Hotel de France, na Rua Direita.[490]

Peças no formato de estrela estavam na moda, podiam ser broches, enfeites de cabelos ou outro adorno em diamante lapidação brilhante. Os camafeus de ônix, meios-adereços de coral, fios de coral, anéis de diamantes com esmeraldas, rubis e turquesas também eram muito usados. Podemos ver no Anexo I, fig. 38, 42 e 43 algumas peças com turquesa e coral desse período.

Alberto Naxara, querendo promover o seu negócio de joias, anunciava aos seus amigos e fregueses que faria uma grande liquidação. Em 1879, transferiu-se para a Rua São Bento, onde pedia às pessoas devedoras da casa que fossem saldar suas contas, evitando assim que fossem entregues a seu procurador, J. Black. A armação da antiga casa de joias de Alberto Naxara havia sido vendida para João Suplicy, que alugou o imóvel para montar sua joalheria.[491]

---

[489] JORNAL *A Província de São Paulo*. (17/06/1875), pp. 3. *Ibidem*. (12 e 13/08/1875), pp. 3. *Ibidem*. (03/09/1875), pp. 3; *Ibidem*. (20/01/1876), pp. 3. *Ibidem*. (11/05/1876), pp. 3. *Ibidem*. (28/09/1876), pp. 4.
[490] *Ibidem*. (08/09/1875), pp. 2. *Ibidem*. (05/01/1876), pp. 3.
[491] *Ibidem* (09/02/1879), pp. 3. JORNAL *da Tarde*, (11/02/1879), pp. 4. *Ibidem* (02/03/1879), pp .4.

JOÃO SUPLICY

TABELA IV – Casa João Suplicy

JOALHERIA	*João Suplicy – João Suplicy & Irmão*
PROPRIETÁRIO	João Suplicy
PERÍODO DE ATIVIDADE	1879, 1882-1885, 1907-1934
LOCALIZAÇÃO	Rua Direita, 31; Rua 15 de Novembro, 22; Rua 3 de Dezembro, 5; Rua 3 de Dezembro, 33.
COMÉRCIO	Joias; relógios;
GEMAS	Coral; diamantes; esmeraldas; ônix; pérolas; rubis; safiras; turquesa.
JOIAS	Adereços e meios-adereços; anéis para senhoras e homens; bichas; brincos; broches para retratos; canetas de ouro, prata e platina; colares de coral e de ouro; cordões para *pince-nez;* correntes para senhoras; cruzes; estrelas; guarnições de coral, ouro, ônix; medalhas; medalhas com iniciais para correntes de relógios de ouro e ônix; pulseiras.
RELÓGIOS	Relógios despertadores; relógios de estrada de ferro; relógio de mesa; relógios de bolso, de ouro, prata, níquel, para colocar retratos, para homens e senhoras, esmaltados e sem esmalte; relógios de parede.
OBJETOS DE PRATA	Agulheiros; argolas para guardanapos; castiçais; charuteiras; chocalhos; cigarreiras; copos; dedal; escrivaninhas; estojos para costura; faqueiros completos; serviços completos de chá; salvas de todos os tamanhos e feitios; paliteiros; palmatórias; taças.

Fonte: JORNAL *A Província de São Paulo*. (29/03/1879), pp. 2; *Ibidem* (31/05/1879), pp. 2; *Ibidem* (02/06/1879), pp. 4; JORNAL *O Estado de São Paulo.* (20/02/1907), pp. 5.

João Suplicy veio de uma família de joalheiros com tradição. Seus antepassados fundaram a primeira Casa Suplicy em 1827,[492] não se sabe ao certo se em São Paulo ou no Rio de Janeiro, mas o mais provável é que tenha sido nesta última cidade, pois o patriarca da família, o joalheiro francês Luiz Suplicy, assim que chegou ao Brasil, se instalou na corte. Este foi casado com Thereza Gerard Suplicy, com quem teve filhos que continuaram se dedicando ao mesmo ramo da família. A ourivesaria de Luiz entrou na lista dos almanaques

[492] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (06/03/1929), pp. 3.

de Eduardo Laemmert[493] nos anos de 1847 e 1849. O subcapítulo "3.3. Casas de joias na Rua 15 de Novembro" será voltado à joalheria de Luiz, que após seu falecimento ficou para a viúva Suplicy.

O filho do casal, João Suplicy, abriu sua nova casa de joias e relojoaria na Rua Direita, em março de 1879, antiga joalheria de Alberto Naxara, de quem comprou toda a armação e móveis, além de ter alugado o prédio. João trabalhava com um sortimento completo de joias cravejadas com gemas, de origem francesa e alemã; relógios; e com objetos finos de prata. Trazia novidades da Exposição de Paris de 1878, como os relógios de ouro para algibeira em que se liam as horas no escuro. Trabalhava também com canetas de ouro, prata e platina, bem como confeccionava peças e fazia consertos de relógios e objetos de ouro e prata com garantia de um ano. A venda de qualquer peça era feita somente em dinheiro.[494]

Em sociedade com seu irmão Alfredo Suplicy, João criou a firma *João Suplicy & Irmão* em setembro de 1882. Alfredo já possuía uma casa de joias e relojoaria na Rua Imperatriz, mas ao formar essa sociedade, transferiu todo o seu estoque para a nova joalheria, ficando a nova com um estoque sem adversário para a época. Fabricavam qualquer objeto de ouro e possuíam oficina de relógios.[495] A sociedade foi desfeita em 1 de março de 1885, quando Manoel Borges de Carvalho anunciou sua joalheria, A' Pendula Paulista, antiga casa de Suplicy, sita à Rua Direita, n.º 31.[496]

Após ter vendido sua joalheria, João Suplicy se associou a Joaquim Leite Penteado, e estes foram autorizados pelo Governo do Estado de São Paulo a estabelecer uma Casa de Penhores à Rua Boa Vista n.º 28, com a razão social *Suplicy & Cia*., onde recebiam joias, diamantes de lapidação brilhante, ouro e prata.[497] Oito anos depois, João se retirou da

---

[493] LAEMMERT, Eduardo (org.) – *Almanak administrativo, mercantil e industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para 1847.* Rio de Janeiro: Casa dos Editores-proprietários Eduardo e Henrique Laemmert, 1847, pp. 399. LAEMMERT, Eduardo (org.) – *Almanak administrativo, mercantil e industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para 1848.* Rio de Janeiro: Casa dos Editores-proprietários Eduardo e Henrique Laemmert, 1848, pp. 463. LAEMMERT, Eduardo (org.) – *Almanak administrativo, mercantil e industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para 1849.* Rio de Janeiro: Casa dos Editores-proprietários Eduardo e Henrique Laemmert, 1849, pp. 359.
[494] JORNAL *A Província de São Paulo*. (29/03/1879), pp. 2. *Ibidem*. (31/05/1879), pp. 2. *Ibidem*. (08/01/1880), pp. 4.
[495] JORNAL *Correio Paulistano*. (06/09/1882), pp. 4.
[496] JORNAL *A Província de São Paulo*. (01/03/1885), pp. 2.
[497] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (22/04/1890), pp. 4.

sociedade da Casa de Penhores, que nesse ano estava localizada à Rua Caixa d'Água. Ela ficou, assim, a cargo do então sócio, Raphael C. Medis,[498] com todo o ativo e passivo da referida firma.[499]

Em 1907, Suplicy inaugurou nova joalheria, Casa Suplicy – João Suplicy & C., na Rua 15 de Novembro, com variado sortimento de joias e relógios de ouro, prata e gemas; objetos de prata e *electroplate* inalterável.[500] No ano de 1929, João anunciava que a Casa Suplicy havia sido fundada em 1827 e mantinha o mesmo tipo de comercio até então. Na década de 1930, a joalheria estava localizada na Rua 3 de Dezembro. O último anúncio da casa foi em maio de 1934, ainda afirmando que trabalhavam com joias, relógios e artigos para presente, depois disso não se têm mais notícias sobre a loja. A família foi proprietário de joalherias por 105 anos, entre pais e filhos, pois todos tiveram casas desse tipo em ruas e períodos diferentes.

A' PENDULA PAULISTA – MANOEL BORGES DE CARVALHO

TABELA V – A Pendula Paulista

JOALHERIA	*A Pendula Paulista*
PROPRIETÁRIO	Manoel Borges de Carvalho; (depois) Irmãos Barros
PERÍODO DE ATIVIDADE	1885-1897 e 1897-1972
LOCALIZAÇÃO	Rua Direita, 31; Rua Direita, 55.
COMÉRCIO	Joias e relógios
GEMAS	Coral; diamantes; esmeraldas; ônix; pérolas; rubis; safiras; turquesa.
JOIAS	Anéis; bichas; brincos; broches; canetas de ouro, prata e platina; colares; cordões para *pince-nez;* correntes para senhoras; cruzes; guarnições de coral, ouro e ônix; medalhas; pulseiras.
RELÓGIOS	Despertadores; relógios de estrada de ferro; relógio de mesa; relógios de ouro, esmaltados e sem esmalte, de prata e de corda; relógios de parede.

[498] Entre 1890 e 1897 Raphael C. Medis teve a Joalheria Pendula de Confiança.
[499] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (28/01/1898), pp. 2.
[500] *Ibidem*. (18/02/1907), pp. 4.

OBJETOS DE PRATA	Argolas para guardanapos; castiçais; chocalhos; cigarreiras; copos; dedal; estojos para costura; faqueiros completos; serviços completos de chá; salvas; paliteiros; palmatórias; taças.

Fonte: JORNAL *A Província de São Paulo*. (01/03/1885), pp. 2 e 3; *Ibidem* (04/01/1889), pp. 3. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (22/02/1897), pp. 5.

Manoel Borges de Carvalho, em 1 de março de 1885, comprou a joalheria de João Suplicy e se estabeleceu com firma individual, A Pendula Paulista, na Rua Direita nº 31 (em frente ao Hotel de França). Além dos objetos próprios de uma joalheria e relojoaria, possuía uma oficina para encomendas e consertos tanto de joias quanto de relógios e anunciava ter fábrica de joias. Caso o cliente não ficasse satisfeito com a compra, poderia reaver o dinheiro. Comprava ouro, prata, diamantes e moeda antigas.[501] (Anexo I, fig. 158)

A casa recebeu uma encomenda e a expôs em sua vitrina; era uma placa de prata preparada pela joalheria e gravada por Rozencrantz com os seguintes dizeres: "Club Tenentes de Plutão. Diploma de sócio benemérito ao sócio fundador sr. Manuel Ferreira dos Santos, pelos serviços prestados a este club – S. Paulo 19-10-89 Aureliano Duffles, presidente; J. J. B. Oliveira, secretário; M. G. da Cunha, tesoureiro".[502]

O joalheiro Manoel Borges constituiu uma sociedade mercantil, no mesmo ramo de negócios, sob a razão social de *Manoel Borges de Carvalho & Comp*., em 18 de fevereiro de 1897. Faziam parte desta, como sócio solidário e sócio de indústria, José da Cunha Barros e Joaquim da Cunha Barros, respectivamente, sendo que as dívidas ativas e passivas ficariam a cargo da antiga firma.[503]

A PENDULA PAULISTA – IRMÃO BARROS

Manoel retirou-se dessa sociedade e, conforme o distrato firmado, saiu com seu capital e lucros. A nova sociedade, sob a razão social de *Irmãos Barros*, se iniciou a partir do dia 28 de novembro de 1897 e continuou com o mesmo ramo de negócios e mesmo nome,

[501] JORNAL *A Província de São Paulo*. (01/03/1885), pp. 2-3. *Ibidem*. (04/01/1889), pp. 3.
[502] *Ibidem*. (19/10/1889), pp. 1.
[503] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (22/02/1897), pp. 5.

A' Pendula Paulista**,** assumindo o ativo e passivo da firma antecessora. Nessa época a Rua Direita havia recebido outro nome, Rua Marechal Floriano Peixoto.[504]

Em 6 de julho de 1899, os Irmão Barros extinguiram a sociedade, continuando no negócio José da Cunha Barros, que ficou com todo o ativo do estabelecimento, retirando-se o sócio Joaquim da Cunha Barros, livre de qualquer ônus. José passou a atender de forma provisória na Rua Direita, em outro número, onde recebia qualquer incumbência concernente à sua profissão de relojoeiro e ourives.[505]

Por ocasião do 4º Centenário do descobrimento do Brasil, em 22 de abril de 1900, A Pendula Paulista vendeu as medalhas comemorativos dos 400 anos.[506] Várias medalhas foram cunhadas por joalherias, em diversos municípios do Brasil, para essa comemoração.

Após passar por uma reforma completa, o Hotel de França foi reaberto em 13 de fevereiro de 1901, localizado à Rua Direita, dispondo de acomodações para famílias, bem como pessoal, apto para servir os mais exigentes fregueses. O novo estabelecimento estava sob a direção de José da Cunha Barros, sob a gerência de Álvaro Barros. Na noite da inauguração foi oferecido um farto banquete para vários convidados, entre eles a imprensa local.[507]



Figura 80. Medalha da 1ª Exposição Regional Agrícola, Industrial e Artística de Ribeirão Preto. 15 de novembro de 1901. [Coleção Campos Salles (1841-1913), terceiro presidente do Estado de São Paulo (1896-1897) e quarto presidente da República (1898-1902). Acervo Museu Paulista, USP. Foto: Hélio Nobre/José Rosael]

[504] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (02/12/1897), pp. 2.
[505] *Ibidem*. (09/07/1899), pp. 5. Ibidem. (11/07/1899), pp. 4
[506] *Ibidem*. (21/04/1900), pp. 5.
[507] *Ibidem*, (13/02/1901), pp. 3. *Ibidem* (17/02/1901), pp. 3.

A joalheria Pendula Paulista cunhou medalhas em bronze destinadas à Primeira Exposição Regional Agrícola, Industrial e Artística de Ribeirão Preto (fig. 80). No verso, em relevo, havia os emblemas do comércio, da ciência, da indústria e da agricultura, e em volta os dizeres "15 de novembro de 1901 – Ribeirão Preto". No reverso, entre folhas de fumo e de café, a seguinte inscrição "1ª Exposição Regional, Agrícola, Industrial e Artística do 3º Distrito Agronômico do Estado de São Paulo". Também foram cunhadas medalhas de prata para prêmios aos expositores.[508]

José da Cunha Barros, proprietário da casa de joias *À Pendula Paulista*, em 02 de maio de 1902, recebeu seu irmão Joaquim da Cunha Barros para assumir a gerência do estabelecimento.[509] O nome de algumas joalherias e relojoarias, que estavam presentes nos primeiros anos do século XX, ainda se encontrava na lista das joalherias e relojoarias no jornal O Estado de São Paulo em 1967, como a *Joalheria Casa Castro*, *Joalheria Worms e A Pendula Paulista*.[510] Em 1972, esta casa ainda continuava aparecendo na lista de joalherias, mas não se conseguiu saber se continuava na mesma família.[511]

CASA BIRLE

TABELA VI – Casa Birle

JOALHERIA	*Casa Birle – Adolph Birle & Comp.*
PROPRIETÁRIO	Adolph Birle e Samuel Wolff
PERÍODO DE ATIVIDADE	1890-1929
LOCALIZAÇÃO	Rua São Bento, 39; Rua Direita, 28.
COMÉRCIO	Joalheria, relojoaria, objetos de arte.
GEMAS	Diamantes; esmeraldas; pérolas; rubis; safiras; topázios.
JOIAS	Anéis para mulheres, para homens e crianças; anéis distintivos para médicos, engenheiros, professores, farmacêuticos, advogados; bichas; brincos; broches; broches para retratos;

[508] JORNAL *O Estado de São Paulo.* (12/11/1901), pp. 2.
[509] *Ibidem*. (19/05/1902), pp. 2-3.
[510] *Ibidem*. (04/06/1967), pp. 19.
[511] *Ibidem*. (16/07/1972), pp. 29.

	canetas de ouro, prata e platina; colares; cordões para *pince-nez;* correntes para senhoras; correntes para relógios; cruzes; guarnições de coral, ouro e ônix; medalhas; medalhas com iniciais para correntes de relógios de ouro e ônix; *pendentifs*; pulseiras.
RELÓGIOS	Cronômetros (*Patek Philippe*); relógios de bolso de ouro e prata; Relógios despertadores, de mesa, de parede; relógios de pulseira de ouro, prata, para homens e senhoras.
OBJETOS DE ARTE	Argolas para guardanapos; bronze; colunas de pedra com incrustações; cristais; estatuetas; faqueiros; imagens; jarras; jogos de copo; lâmpadas marfim; porcelanas; pratarias; serviços completos para toalete; serviços de chá e café; serviços de mesa; talheres de prata; vasos japoneses.

Fonte: JORNAL *Correio Paulistano*. (11/01/1917), pp. 5; JORNAL *O Estado de São Paulo*. (01/01/1908), pp. 6. *Ibidem* (03/11/1925), pp. 1. JORNAL do *Commercio.* São Paulo, (29/12/1920), pp. 10.

A Casa Birle foi inaugurada às 18 h do dia 13 de junho de 1890, na Rua São Bento n.º 39. Era uma joalheria ampla e elegante, de propriedade do alemão Adolph Birle, que tinha como sócio Samuel Wolff. Para esse evento regado a champanhe, foram convidados ilustres personagens da capital, além dos representantes da imprensa paulistana. A bem decorada loja possuía móveis do fabricante Rodolpho Scholtz, que fez as vitrinas, balcões e toda a armação de madeira. O mobiliário estava repleto de objetos de ourivesaria, joalheria, objetos finos para presente e adornos da casa, conforme a moda europeia.[512]

A joalheria frequentemente expunha em suas vitrinas algumas peças que seriam presenteadas a algum personagem ilustre, como a bengala de ébano com castão de ouro cravejada com gemas, que seria presenteada ao maestro João Gomes de Araújo por um grupo de discípulos. Também ficou lá exposto, antes da comemoração do evento ocorrido em 14 de julho, o mimo recebido pela atriz Sarah Bernhardt, homenageada pelos acadêmicos no salão da Faculdade de São Paulo.[513]

Adolph e seu filho, Adolph Birle Júnior, em 9 de janeiro de 1903, firmaram um contrato de importação de objetos de luxo e artigos de fantasia, sob a firma *A. Birle & Comp*.

[512] SOUSA, Pedro Luís Pereira de – *Casa Barão de Iguape*: recordação e revelação de São Paulo do século XIX. São Paulo: Edição do autor, 1959, pp. 35-36. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (12/06/1890), pp. 1. *Ibidem*. (14/07/1890), pp. 3.
[513] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (29/01/1891), pp. 1. *Ibidem*. (14/07/1891), pp. 1

Importavam riquíssimo sortimento através de correspondentes de Paris, Stuttgart, México e Havana. Sua numerosa freguesia, composta pela elite, dava preferência a essa joalheria para suas compras, principalmente para presentes de casamento.[514]

Para a quermesse em benefício da Santa Casa ocorrida no Jardim da Luz, os organizadores procuraram angariar prendas e donativos junto aos estabelecimentos comerciais. A Casa Birle doou 3 caixas porta-joias e 1 jardineira com missangas da marca *Godwin Sydow & Monteiro*. Outras joalherias, como a Bento Loeb, fez a doação de um serviço para fumantes de cristal e prata. Também fizeram doações pessoas da elite, como a Baronesa de Arary, que juntamente com suas filhas doou um jarro de porcelana japonesa, um par de floreiras de cristal com aplicações de bronze e um conjunto de jardineira e floreiras de cristal e prata.[515]

Em outubro de 1906, os católicos do Brasil enviaram dois presentes para sua santidade o Papa Pio X, por intermédio do Dr. Bruno Chaves, ministro brasileiro junto ao Vaticano, que ficaram expostos no palacete do Conde Cavalcanti de Albuquerque Lins, para serem apresentados ao Presidente da República e às pessoas da elite. Um livro de ouro 18 k (dimensões: 24 x 18 x 5 cm, peso: 5.700 g) cuja capa apresentava uma moldura em alto relevo envolvendo os seguintes dizeres, gravados a buril: *Instaurare omnia in Christo – Pio X. Domine fortitudo nostre – Cardeal Arcoverde*. No verso, estavam as armas da República em baixo-relevo. Dentro, em relevo cinzelado de ouro maciço, via-se uma tiara cravejada de diamantes, rubis e esmeraldas; ao centro, em baixo-relevo, um retrato de Sua Santidade, e, na parte inferior, as armas pontifícias, incrustadas de gemas.

De um lado o sol representado por enorme diamante, lançando seus fulgores sobre a fronte do Pontífice. Nessa mesma página encontrava-se a seguinte dedicatória: "Ao glorioso Pontífice – Dr. Cavalcante de Albuquerque Lins, Asdrúbal do Nascimento, Raymundo Duprat, Antônio Alvares L. Penteado e José de Freitas Guimarães". Na página seguinte, em baixo-relevo, havia um mapa do Brasil com 21 gemas representando as capitais dos estados, com um diamante simulando a União, e ao lado, em estaque, estavam as armas da República.

---

[514] JORNAL *Correio Paulistano*. (09/01/1903), pp. 3. SOUSA, Pedro Luís Pereira de – *Casa Barão de Iguape*: recordação e revelação de São Paulo do século XIX. São Paulo: Edição do autor, 1959, pp. 35-36. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (03/11/1925), pp. 1.
[515] JORNAL *Correio Paulistano*. (12/03/1904), pp. 2.

O outro presente era um álbum de pergaminho, seda e ouro que reunia 200 vistas de São Paulo, encerrado em um cofre de madeira nacional artisticamente esculpido. A execução desses mimos foi confiada à Casa *A. Birle & Comp*., que por sua orientação mandou executá-los na ourivesaria de Antônio La Motta, à Rua Líbero Badaró.[516]

Após passar por uma ampliação e reforma, a Casa Birle passou a atender nos números, 37 e 39 da Rua São Bento, em 23 de dezembro de 1909. Organizou-se uma exposição de Natal com o que havia de mais moderno adquirido na Europa e na América do Norte.[517]

A joalheria procurava agradar a sua clientela de todas as formas, inclusive devolvendo o dinheiro caso a peça vendida não fizesse jus à qualidade esperada. Os estrangeiros eram recebidos por atendentes que falavam alemão, francês, inglês e italiano. Em determinado momento de sua vida, Adolpho Birle decidiu deixar seu filho à frente de seus negócios, uma vez que estava resolvido a se mudar com a esposa para sua terra natal. Mas, em menos de dois anos já haviam retornado ao Brasil, pois não puderam mais conter a saudades das praias, do céu azul, do clima e dos pratos da cozinha brasileira.[518]

Exibidas na vitrina do jornal o *Estado de São Paulo* e executadas nas oficinas da Casa Birle, 12 medalhas de ouro 18 k foram oferecidas ao Sport-Clube Americano por uma admiradora.[519] A quermesse em benefício das obras da Matriz de Santa Cecília, organizada por senhoras e senhoritas da sociedade paulistana, foi inaugurada pelo arcebispo metropolitano Dom Duarte Leopoldo e Silva (1º Arcebispo de 1907 a 1938), em 19 de janeiro de 1913. Era composta pelo pavilhão das nações; salão de arte com apresentações musicais, cantos e danças típicas de cada nação; cinematógrafo; e sorteio de brindes. Vários comerciantes ofereceram prendas para os pavilhões, entre eles estavam joalherias como Casa Birle, Casa Bento Loeb, Casa Luiz Bamberg, Casa Grumbach e Casa Esmeralda.[520] No segundo semestre desse ano, a Casa Birle transferiu-se para um prédio de dois pavimentos

[516] JORNAL *Correio Paulistano*. (09/10/1906), pp. 3. *Ibidem*. (19/10/1906), pp. 1. *Ibidem*. (20/10/1906), pp. 3.
[517] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (23/12/1909), pp. 14.
[518] REVISTA *Gazeta Artística*. São Paulo, (out./1911). SOUSA, Pedro Luís Pereira de – *Casa Barão de Iguape: recordação e revelação de São Paulo do século XIX*. São Paulo: Edição do autor, 1959, pp. 35-36.
[519] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (25/09/1912), pp. 8.
[520] *Ibidem*. (19/01/1913), pp. 2.

com várias vitrinas na Rua Direita. Ela dispunha de uma oficina com pessoas habilitadas para a fabricação, conserto de joias e lapidação de diamantes e outras gemas.[521] (Anexo I, fig. 159)

Ficou em exposição na sua vitrina um vaso de bronze cinzelado de alto valor, de escultor francês, que seria oferecido pela redação do jornal *Correio da Semana* à carruagem que obtivesse o primeiro lugar do Concurso do Corso no domingo de Carnaval. Esse vaso tinha cerca de um metro de altura e seria oferecido com a respectiva peanha.[522] O júri era formado por uma comissão mista de sete intelectuais e artistas.[523]

Realizou-se no dia 15 de fevereiro de 1917 o enlace matrimonial de Zuleika de Almeida Nobre e Dr. Pelágio Teixeira Marques. As *corbeilles de mariage* que receberam da elite paulista eram compostas por joias em profusão, obras de arte, cristais, pratarias, bronzes, mármores, entre outros itens. As alianças foram presente da Casa Birle aos noivos.[524]

Um incêndio ocorrido na Casa Mappin Store quase atingiu a joalheria vizinha, Casa Birle. Por ocasião do sinistro, as Ruas Direita, Rua São Bento e Rua da Quitanda ficaram apinhadas de gente que se aglomerou para assistir ao incidente.[525] Durante os anos 1924 a 1928, a Escola Politécnica da Universidade de São Paulo adquiriu da Casa Birle, a cada ano, uma medalha de ouro 18 k, pesando 25 gramas, com seu estojo de veludo (as notas fiscais dessas compras podem ser vistas no Anexo I, fig. 164).

O bule inglês com o timbre da Casa Birle, de latão e sem data, segue a linguagem do *Art Déco,* como podemos observar no trabalho estampado em sua lateral (Anexo I, fig. 161). Os últimos anúncios da Casa Birle que foram encontrados nos periódicos datam de agosto de 1929, quando provavelmente encerrou suas atividades.

CAHEN IRMÃOS

[521] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (22/12/1913), pp. 12. JORNAL *Correio Paulistano*. (11/01/1917), pp. 5.
[522] Peanha – ver glossário.
[523] JORNAL *A Gazeta.* São Paulo. (18/02/1914), pp. 8.
[524] *Ibidem.* (20/02/1917), pp. 2.
[525] *Ibidem.* (21/01/1922), pp. 1.

TABELA VII – Casa Cahen Irmãos

JOALHERIA	*Casa de Joias Cahen & Irmãos*
PROPRIETÁRIOS	Alexandre e Júlio Cahen
PERÍODO DE ATIVIDADE	1897-1908
LOCALIZAÇÃO	Rua Líbero Badaró, 36; Rua Direita, 18; Rua São Bento, 72; Rua Direita, 16.
COMÉRCIO	Importação de artigos dentários; ferramentas para relógios, ourives, gravadores e mecânicos; fornituras; joias; prataria; relógios.
JOIAS	Não especificavam as peças de joalheria em seus anúncios.
RELÓGIOS	Relógios de ouro, prata, aço e níquel para homens e senhoras; pendulas.
OBJETOS DE PRATA	Artigos de prata e metais finos para presentes.

Fonte: JORNAL *O Estado de São Paulo*. (22/11/1897), pp. 3. *Ibidem*. (28/12/1899), pp. 2.

A Casa de Joias Cahen & Irmãos estava estabelecida na Rua Líbero Badaró n.º 36, canto do Viaduto. Os sócios Alexandre e Júlio, em várias ocasiões, viajavam pessoalmente para a Europa, onde compravam diretamente das fábricas joias; relógios; fornituras ferramentas para relógios, ourives e gravadores; artigos dentários; prataria; artigos de fantasia; entre outros. Compravam ouro velho e gemas, em qualquer quantidade. Alexandre viajava com frequência para Buenos Aires (Argentina) e Valparaiso (Chile), onde possuíam casa; eram cidades que mantinham um alto padrão de vida. Em Nova York, Londres e Paris mantinham casa de compras.[526]

Em 1899, a casa comercializava medalhas com o retrato do Presidente da República, Campos Sales, em esmalte engastado em aro de ouro, próprias para serem usadas em pulseira ou corrente de relógio. No período em que esteve na Europa, Alexandre Cahen se instalou à Rue Taitbout n.º 32, em Paris, para visitar as principais fábricas de joalheria, relojoaria e artigos dentários. Provavelmente, esteve na Exposição Universal de Paris de 1900, pois o período de funcionamento foi de 15 de abril a 12 de novembro desse ano. Essa exposição se

[526] Jornal *A Gazeta* – São Paulo. (20/04/1897), pp. 3. *Ibidem*. (22/11/1897), pp. 3. *Ibidem*. (06/06/1899), pp. 3. *Ibidem*. (23/04/1900), pp. 3.

distinguiu por sua abordagem mais artística com o aprimoramento da *Art Nouveau*. Paris passava por um período de expansão econômica, despreocupação e divertimento, em plena *Belle Époque*, e essa atmosfera alegre era sentida na exposição, que recebeu quase 51 milhões de pessoas.[527]

Os irmãos Cahen mudaram de endereço, saíram da Rua Líbero Badaró e da Rua General Carneiro (onde tinham outra loja, As Minas de Ouro) e foram para a Rua Direita n.º 18, em frente ao Banco Francês (Anexo I, fig. 162). Trabalhavam com o atacado e o varejo.[528]

Nesse de 1902, a joalheria estava fabricando uma pequena medalha esmaltada com o retrato de Prudente de Morais, Floriano Peixoto, Rodrigues Alves, entre outros, nos moldes da fabricada alguns anos antes. Os irmãos eram os únicos depositários da Marca *La Maisonnette*, considerada a melhor em relógios em ouro, prata e aço, para homens e senhoras. Essa marca havia sido premiada na Exposição Universal de Paris de 1900. A Casa costumava confeccionar catálogos com as peças de joalheria, relojoaria e presentes que eram enviados gratuitamente a quem os pedisse (Anexo I, fig. 163). No mês de dezembro começaram uma liquidação de joias próprias para presentear no Natal, Ano-Novo e Reis.[529]

Júlio Cahen viajou à Europa para efetuar as compras periódicas e se instalou em Paris, na Rue Taitbout n.º 32, e em Chaux-de-Fonds (Suíça), na Rue Leopold Robert n.º 57. Um ano depois os joalheiros inauguraram a nova casa de joias, na Rua São Bento n.º 72, com produtos que haviam chegado do exterior. Oito meses depois, a joalheria foi reinaugurada, em 22 de dezembro de 1904, às 19 h, agora na Rua Direita n.º 16, junto à Casa Alemã. Possuíam casa de compras em Basel (Suíça), na Rue Holbein, n.º 56. Em janeiro de 1907, ocorreu a inauguração da ligação elétrica da Rua Direita, e segundo membros da comissão encarregada de levar a efeito essa iluminação, concorreram para esse

[527] Jornal *A Gazeta* – São Paulo. (28/12/1899), pp. 2. *Ibidem*. (14/07/1900), pp. 3. *BUREAU International des Expositions – Exposição de Paris, 1900*. Disponível em: https://www.bie-paris.org/site/fr/1900-paris. Acesso em: 06/01/2020.
[528] JORNAL *O Victoria*. SP. (11/04/1901). pp. 4. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (30/09/1900), pp. 3.
[529] *Ibidem*. (06/12/1902), pp. 2 e 5. *Ibidem*. (15/12/1902), pp. 2.

melhoramento vários comerciantes dessa rua, como o Hotel de França, a Casa de Joias de Cahen Irmãos, entre outros.[530]

Em novembro de 1907, pelo fato de Júlio se encontrar na Europa tratando da saúde, Alexandre começou uma liquidação para fechamento da loja. Realizaram leilões com leiloeiro conceituado na própria loja nos meses de setembro e outubro. Vendiam tudo: joias, prata, metais, objetos de arte, armações, balcões, vitrinas, cofre de ferro a prova de fogo e móveis de uso comercial ali existentes.[531] Depois de encerrar suas atividades no Brasil, em outubro de 1908, abriram uma casa de propaganda de café na Suíça.[532]

HENRIQUE SADOCCO – O negociante Henrique Sadocco teve sua primeira loja, a *Casa Henrique*, no prédio denominado Casa Barão de Iguape, localizado na Rua São Bento, onde permaneceu até a demolição do prédio. A Casa Henrique mudou-se para um imponente arranha-céu (para a época) na Rua Direita, esquina com o Largo da Misericórdia, onde permaneceu até 1959.[533]

JOALHERIA A RENASCENTE – Inaugurada 28 de dezembro de 1922, na Rua Direita, 21, sob a firma J. Nasti & CIA. Trabalhava com joias finas, relógios, pratarias, metais e objetos de arte. Também possuíam bijuterias e artigos de fantasia com variado sortimento. Possuíam grande variedade de gemas brasileiras – topázio, safiras, águas-marinhas, turmalinas – com lapidação *Divina*.[534]

3.2. Casas de joias na Rua São Bento

CASA HANAU

[530] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (10/03/1903), pp. 3. *Ibidem*. (12/04/1904), pp. 3. *Ibidem*. (22/12/1904), pp. 4. *Ibidem*. (27/12/1904), pp. 4. *Ibidem*. (23/01/1907), pp. 3.
[531] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (28/11/1907), pp. 4. *Ibidem*. (02/09/1908), pp. 6. *Ibidem*. (18/10/1908), pp. 5.
[532] *Ibidem*. (28/10/1908), pp. 5.
[533] SOUSA, Pedro Luís Pereira de – Casa Barão de Iguape: recordação e revelação de São Paulo do século XIX. São Paulo: Edição do autor, 1959, pp. 15.
[534] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (09/12/1922), pp. 9. *Ibidem*. (28/12/1922), pp. 12.

TABELA VIII – Casa Hanau

JOALHERIA	*Casa Hanau*
PROPRIETÁRIO	Edmond Selegmann Hanau
PERÍODO DE ATIVIDADE	01/01/1862 – 31/08/1980 (SP)
LOCALIZAÇÃO	Rua São Bento, 55 (depois virou n.º 43); Rua São Bento, 355 (em 1936)
COMÉRCIO	Artigos para dentistas; fornituras para douradores, prateadores, relojoeiros, ourives e gravadores; joias; relógios.
FORNITURAS	Alumínio em chapa e em fio; escovas circulares de pelo, fibras, aço, latão e feltro; esmeril em pedra e em pó; níquel puro em chapa e em fio; platina em chapa e em fio; solda de alumínio.
GEMAS	Diamantes em lapidação moderna, esmeralda e redonda; pérolas.
JOIAS	Colares de pérolas; joias finas. Não costumavam colocar desenhos de suas joias nos anúncios nem especificar as peças.
RELÓGIOS	Despertadores; relógios de algibeira e de parede; relógio de pulso *Bachschmid Patent, Cruzeiro e Bandeira* e *Patek Philippe*; relógios para torres e edifícios públicos; relógios fiscalizadores; especialistas em reguladores.
OBJETOS DE ARTE PARA PRESENTE	Artigos de couro; bronzes; cristais; faianças; marfins; mármores; metais; porcelanas (do Japão, Satzuma); pratarias.

Fonte: LUCHIN, Atílio – *Casa Hanau, memórias*. São Paulo: Atílio Luchin, c.1980, pp. 9-15. JORNAL *do Commercio*. São Paulo (03/01/1924), pp. 1. *Ibidem*. (15/04/1924), pp. 1. JORNAL *Tribuna da Lapa*. São Paulo, (18/06/1911). REVISTA *Vida Moderna*. São Paulo, (11/08/1921). JORNAL *O Estado de São Paulo*. (19/1/1935), pp. 6. *Ibidem*. (10/10/1940), pp. 3. *Ibidem*. (18/12/1945), pp. 3.

A trajetória de Edmond Selegmann Hanau (Anexo I, fig. 164. 1), imigrante alemão de origem judaica que foi proprietário da conceituada Casa Hanau de São Paulo, começou no Rio de Janeiro, no Segundo Reinado, em 1862.[535]

Em 1875, Augusto Júlio Coulon tinha uma joalheria, a A. Júlio Coulon, na Rua da Alfândega, no Rio de Janeiro. Conforme aparece no *Almanaque Laemmert*, nesse mesmo

[535] LUCHIN, Atílio – *Casa Hanau, memórias*. São Paulo: Atílio Luchin, c.1980, pp. 5. Esse livro de memórias da Casa Hanau, uma homenagem póstuma aos seus dirigentes, foi escrito por Atílio Luchin, quando este se aposentou depois de ter se dedicado vários anos à Casa Hanau.

ano os joalheiros Edmond Selegmann Hanau e H. Hirsch & C. anunciavam de forma individual suas joalherias nesse mesmo endereço.[536] No ano de 1882, o nome dessa firma passou a ser *H. Hirsch & C*., que tinha como sócios Augusto Júlio Coulon, Edmond Selegmann Hanau e H. Hirsch, estabelecidos na mesma Rua da Alfândega e na Rua do Hospício (RJ), com filiais na Bahia, Rua Formosa e, em Paris, na Faubourg Soissonière. Entre os anos de 1886 a 1889, a razão social da firma passou a ser *Hirsch, Coulon & Hanau.*[537]

A inauguração da loja em São Paulo, na Rua São Bento, a *Coulon, Hanau & Comp*., se deu em janeiro de 1893, com escritório de importação de joias francesas e alemãs; relojoaria de vários fabricantes; prataria e fornituras para relojoeiros, ourives e gravadores. O estabelecimento recebia as mercadorias duas vezes por mês e suas vendas eram feitas somente por atacado. Os proprietários continuavam com a casa na Rua da Alfândega, no Rio de Janeiro, e em Paris, na Faubourg Soissonniére.[538] Com o término do contrato social da firma em dezembro de 1897, o sócio Edmond S. Hanau ficou encarregado de sua liquidação.[539]

Em fevereiro de 1899, Edmond deu sociedade a Rodolpho Raphael Weil[540] (Anexo I, fig. 164. 2), seu sobrinho, que havia entrado na firma em 1893, chegando a ser o gerente da loja. A nova razão social passou a ser *Edmond Hanau & Comp*.[541] No prédio, que havia sido inteiramente reformado, aumentando por consequência seu variado sortimento, passaram a vender joias italianas, além das francesas e alemãs.[542]

---

[536] LAEMMERT, Eduardo von – *Almanak administrativo, mercantil e industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro*. Para o ano de 1875. 32.º Anno. Rio de Janeiro: Editores/Proprietários Eduardo & Henrique Laemmert, 1875.
[537] SAUER, Arthur – *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro para 1889*. Capital Federal: Companhia Typographica do Brazil. 1889.
[538] MONTEIRO, Oscar – *Almanak histórico-litterario do Estado de São Paulo.* São Paulo: Oscar Monteiro, editor/proprietário, 1896/1897. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (11/12/1892), pp. 3.
[539] *Ibidem*. (06/07/1898), pp. 3.
[540] Rodolpho Raphael Weil nasceu em Saar, Alemanha, em 13 de fevereiro de 1874. Filho de Benzin Raphael Weil e sobrinho de Edmond Hanau, naturalizou-se brasileiro. Homem culto e inteligente, falava vários idiomas e foi coronel da Guarda Nacional. Faleceu em 3 de março de 1954. LUCHIN, Atílio – *Casa Hanau: memórias*. São Paulo: Atílio Luchin, c.1980, pp. 6.
[541] IDEM, *Ibidem*. c.1980, pp. 7.
[542] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (24/02/1899), pp. 4. VOTTA, Guilherme (organizador). *Almanach d'Oeste do estado de São Paulo*. 3º Anno. São Paulo: Typ. Americana de Anesio Azambuja & Cia, 1906.

Podemos observar as compras realizadas pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, através de documentos que comprovam tais despesas, sendo estes recibos, faturas e duplicatas, nas seguintes datas: 30/11/1902, 12/10/1905 e 17/10/1905. (Anexo I, fig. 165)

Um antigo funcionário viajante da Casa Edmond Hanau & Comp, Armando Polverelli, ao deixar esse trabalho entrou na sociedade da joalheria de Francisco del Frate, sendo a razão social dessa firma F. del Frate & A. Polverelli.[543] Esse fato ocorria quando um funcionário, depois de adquirir certo conhecimento, se julgava capaz de empreender em um negócio próprio ou em sociedade.

A Casa era a única importadora para todo o Brasil dos afamados relógios *Ferdinand Bachschmid Patent N.º 27553*, Cruzeiro e Bandeira – premiados em quase todas as exposições mundiais. Possuía grande sortimento de fornituras para relojoeiros, ourives e gravadores.[544]

Rodolpho Raphael Weil, em junho de 1914, como principal sócio da Casa Hanau, adquiriu o prédio por Rs. 159:500$000 (cento e cinquenta e nove contos e quinhentos mil réis), fato que recebeu várias críticas, chegando ao conhecimento da direção da Patek Phillippe, na Suíça, que passou a investigar a situação financeira de seu agente no Brasil. Como a Casa Hanau encontrava-se em excelente situação, sua fama chegou às outras fábricas da Suíça.[545] Nesse período o gerente da loja era José Levy, conhecedor do ramo, pois no ano de 1892, juntamente com Rodolpho Weil, havia trabalhado na Joalheria Parisiense, que pertencia ao tio de José, na cidade de São Carlos do Pinhal. Este proprietário orientou os jovens europeus recém-chegados nos ofícios do comércio, comprando-lhes cavalos, malas e mercadorias para que fossem vendê-las nas fazendas, vila e cidades da região. José Levy chegou a ser proprietário da Joalheria Parisiense e, em 1901, se transferiu para São Paulo, onde chegou a ser gerente na Casa Hanau.[546]

Um fato muito explorado pelos jornais e revistas da época, foi o assalto a Casa Edmond Hanau & Comp, ocorrido na madrugada do dia 10 de abril de 1915, vindo a chamar a atenção da população devido à audácia dos ladrões. Estes alugaram um quarto adjacente à

[543] JORNAL, *O Estado de São Paulo*. (18/02/1911), pp. 9.
[544] JORNAL *Tribuna da Lapa*. São Paulo, (18/06/1911).
[545] LUCHIN, Atílio – *Casa Hanau: memórias*. São Paulo: Atílio Luchin, c.1980, pp. 14.
[546] IDEM, *Ibidem.* c.1980, pp. 7.

casa de joias mediante o valor de Rs. 230$000 mensais. Na noite sinistra fizeram um buraco na parede que possuía uma espessura de 75 cm, dois tijolos e meio, para passagem de um homem, e penetraram no estabelecimento, arrombando com o auxílio de instrumentos especiais o cofre forte e subtraindo as joias, o dinheiro e documentos no valor de aproximadamente seiscentos contos. Dias depois a polícia localizou as joias em um esconderijo no bairro da Lapa, onde prendeu cinco italianos, os autores do roubo. O sucesso policial mereceu as felicitações do conselheiro Rodrigues Alves, presidente do estado de São Paulo. Para a avaliação das joias roubadas foi chamado o joalheiro Adolpho Birle, então proprietário da Casa Birle; o representante da casa roubada Hugo Hanau; e representantes da polícia (Anexo I, fig. 166).[547]

A Casa Hanau passou a ser mais visitada, devido a esse acontecimento, e como já era muito conhecida no comércio atacadista, nos anos seguintes o número de clientes particulares aumentou, se destacando também no comércio varejista. No ano de 1921 houve uma reforma na loja; em junho desse ano a casa anunciou novo e magnifico sortimento vindo especialmente para a próxima inauguração do estabelecimento (Anexo I, fig. 167).[548]



Figura 81**. Imagens de duas capas do livro de Atílio Luchin**. (1) Detalhe da primeira capa, desenho de mulher usando joias vendidas pela Casa Hanau. (2) Detalhe da quarta capa. [LUCHIN, Atílio – *Casa Hanau: memórias*. São Paulo: Atílio Luchin, c.1980, pp. 15]

[547] REVISTA *A Cigarra*. São Paulo, (21/04/1915). ALMANACH do *Jornal O Estado de São Paulo para 1916*. (04/01/1916), pp. 83. REVISTA *A Vida Moderna*. SP e RJ, (29/04/1915).
[548] LUCHIN, Atílio – *Casa Hanau: memórias*. São Paulo: Atílio Luchin, c.1980, pp. 15. Revista *A Vida Moderna*. São Paulo. (09/06/1921). *Ibidem*. (28/07/1921). JORNAL do *Commercio*. (03/01/1924), pp. 1.

Edmond S. Hanau faleceu repentinamente em Baden-Baden, Alemanha, aos 74 anos de idade, em 11 de junho de 1925. Quem o substituiu foi seu sobrinho Rodolpho Weill, como proprietário da Casa Hanau, e José Levy e Hugo Hanau, como gerentes do estabelecimento.[549] A Casa Hanau era agente exclusivo dos relógios *Patek Philippe & CO*. Em 1936, estavam estabelecidos na Rua São Bento, 355.[550] (Anexo I, fig. 168) Podemos ver as salas de exposição da joalheria, com as peças decorativas que comercializavam, nas figuras 81 a 85.

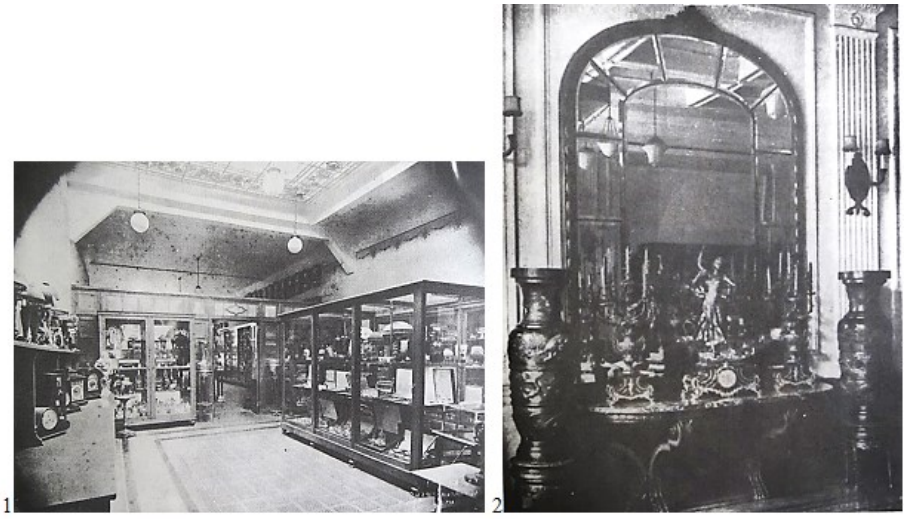


Figura 82**.** (1) **Salão de exposição e venda da Casa Hanau.** [LUCHIN, Atílio – *Casa Hanau: memórias*. São Paulo: Atílio Luchin, c.1980, pp. 10] (2) **Peças de arte comercializadas na Casa Hanau**. [LUCHIN, Atílio – *Casa Hanau: memórias*. São Paulo: Atílio Luchin, c.1980, pp. 13]

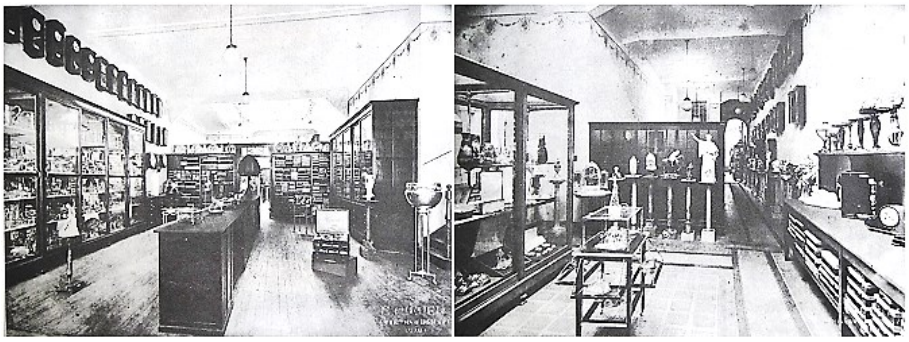


Figura 83**. Salão das pratarias da Casa Hanau** em dois ângulos diferentes. [LUCHIN, Atílio – *Casa Hanau: memórias*. São Paulo: Atílio Luchin, c.1980, pp. 9]

[549] REVISTA *A Vida Moderna*. São Paulo, (11/06/1925).
[550] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (20/12/1936), pp. 3

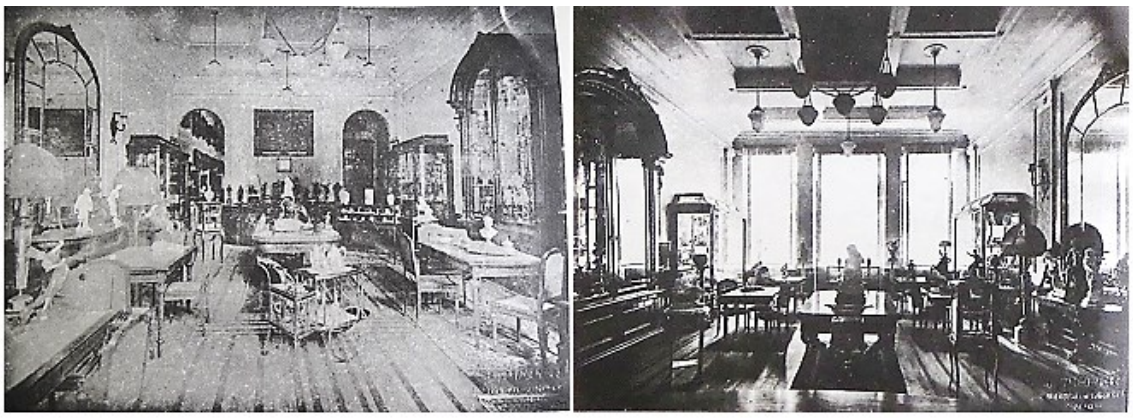


Figura 84**. Vistas do terceiro salão de exposição – Casa Hanau** em dois ângulos diferentes. [LUCHIN, Atílio – *Casa Hanau: memórias*. São Paulo: Atílio Luchin, c.1980, pp. 10 e 14]

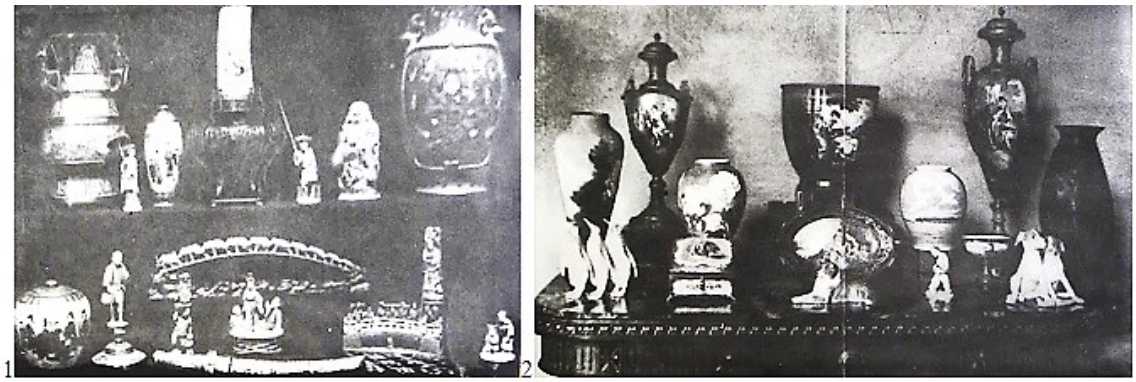


Figura 85**. Casa Hanau, peças comercializadas**. (1) Artigos do Oriente – China e Japão. (2) Porcelanas de Sèvres. [LUCHIN, Atílio – *Casa Hanau: memórias*. São Paulo: Atílio Luchin, c.1980, pp. 12]

Por coincidência do destino, no dia 3 de março de 1954, Rodolfo Raphael Weil faleceu em sua casa na Alameda Jaú, às 11h, e José Levy veio a falecer nesse mesmo dia às 23h, em sua residência na Rua 13 de Maio. Os filhos de Rodolfo, Edgard e Arnold Weil, assumiram a Casa Hanau. Edgard se tornou diretor-presidente e superintendente da casa, pois gostava do comércio de joias e gemas e era profundo conhecedor. Arnold, que também era conhecedor de gemas, foi um dos fundadores da Associação Brasileira de Gemologia, e em 1960 era seu vice-presidente – o presidente era o Prof. Rui Ribeiro Franco. Em 22 de novembro de 1952, a Casa Hanau mudou para a Rua Dom José de Barros n.º 79, em um grande salão com instalações modernas que foi vendido em 1966, quando Edgard Benzin

Weil montou um escritório de compra e venda de gemas na Alameda Santos n.º 2395, onde permaneceu até 1980, quando extinguiu a empresa.[551]

HENRIQUE DEUTSCH & IRMÃO

TABELA IX – Casa Henrique Deutsch & Irmão

JOALHERIA	*Henrique Deutsch & Irmão*
PROPRIETÁRIO	Henrique Deutsch e Mirtil Deutsch
PERÍODO DE ATIVIDADE	1883-1907
LOCALIZAÇÃO	Largo do Rosário, 15 (Campinas); Rua São Bento, 50 e 52 (SP).
COMÉRCIO	Joias de ouro e prata; relógios; presentes finos.
GEMAS	Coral; diamantes; esmeraldas; pérolas; rubis; safiras.
JOIAS	Adereços; broches; colares de pérolas e de diamantes; correntes; pulseiras.
RELÓGIOS	Relógios de ouro, prata e níquel.
OBJETOS PARA PRESENTE	Artigos de prata e outros metais finos; aparelhos para toalete; bengalas com castão de ouro; bronzes; candelabros; castiçais de prata; centros de mesa; estatuas de bronze; faqueiros completos em prata de lei; jarrões de bronze e metal; licoreiras de cristal guarnecidas de prata; serviços para chá; terracota; tinteiros de prata – Christofle; Metal-Royal.

Fonte: JORNAL *A Província de São Paulo*. (26/06/1887), pp. 3. JORNAL *Diário Popular*. São Paulo, (16/07/1887), pp. 3. JORNAL *A Província de São Paulo*. (10/03/1888), pp. 3. *Ibidem*. (21/09/1889), pp. 3.

Em 1883, Henrique Deutsch & Irmão estavam estabelecidos com joalheria na cidade de Campinas, no Largo do Rosário, e recebiam joias e relógios da Europa. Henrique e Mirtil inauguraram uma loja em São Paulo em 25 de junho de 1887, na Rua São Bento, mas continuaram com a loja matriz. Em setembro desse ano, passaram a comercializar objetos

[551] LUCHIN, Atílio – *Casa Hanau: memórias*. São Paulo: Atílio Luchin, c.1980, pp. 19-20.

de prata para presentes e vender por atacado e varejo. Recebiam mensalmente os produtos dos melhores fabricantes europeus que chegavam pelos vapores.[552]

Henrique ia todos os anos pessoalmente à Europa para fazer as compras para as duas lojas, a de São Paulo e a de Campinas (Anexo I, fig. 169). Possuía casa em Paris, na Rue Chabrol n.º 69. Ao retornar de sua viagem de compras da Europa, trouxe as novidades escolhidas nas fábricas do continente e principalmente da Exposição Universal de Paris de 1889. Esta foi inaugurada entre 5 de maio de 1889 e se encerrou em 31 de outubro de 1889; superou as anteriores por sua área de superfície e número de visitantes, e teve um lucro de 8 milhões de francos. A Casa Henrique Deutsch & Irmão promovia exposições especiais com os objetos importados, próprios para serem presenteados. Além de vender joias, passou a comercializar grande sortimento de fornituras e ferramentas para relojoeiros e ourives de qualidades superiores.[553]

Em 3 de julho de 1895, a razão social da firma mudou para *Mirtil Deutsch & Comp*. Continuava no mesmo endereço, trazendo sempre novidades de Paris, em artigos de joalheria, relógios e presentes finos – apenas pratarias. Possuía a filial em Campinas, na Rua Barão de Jaguara, e casa de compras em Paris, na Rue Faubourg Poissonnière n.º 104. A partir de 1900, a casa passou a receber objetos de bronze e outros metais próprios para presentes.[554]

Mirtil estava com loja em Paris, na Rue St. Lazare, e em Buenos Aires, na Avenida de Maio, no ano de 1905. Dois anos depois, a casa promoveu um grande leilão, com o leiloeiro Furtado de Mendonça, para fechamento da firma. Além das joias e objetos de luxo, estavam leiloando cadeiras austríacas, mesas, bancos, entre outros objetos próprios para casa

---

[552] MOURA, Francisco Ignacio Xavier de Assis – *Almanach administrativo, comercial e industrial da Província de São Paulo para o Anno bissexto de 1884*. 2.º Anno. São Paulo: Editores/Proprietários Jorge Seckler & Cia, 1883. JORNAL *A Província de São Paulo*. (23/06/1887), pp. 2. *Ibidem*, (14/09/1887), pp. 4. JORNAL *Diário Popular*. São Paulo, (16/07/1887), pp. 3. *Ibidem*, (22 e 24/12/1887), pp. 2. JORNAL *Gazeta do Povo*. São Paulo, (01/12/1889), pp. 3.

[553] SECKLER, Jorge (org.) – *Almanach do Estado de São Paulo para 1891*. 8.º Anno. Notabilidades. São Paulo: Editora Companhia Industrial de São Paulo, 1891. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (21/09/1889), pp. 3. *BUREAU International des Expositions – Exposição de Paris, 1889*. Disponível em: https://www.bie-paris.org/site/fr/1889-paris. Acesso em: 06/01/2020. JORNAL *Diário Popular.* São Paulo, (30/12/1889), pp. 4. JORNAL *Gazeta do Povo*. São Paulo, (01/12/1889), pp. 4. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (10/03/1888), pp. 3. *Ibidem*. (11/02/1890), pp. 3.

[554] *Ibidem*. (03/07/1895), pp. 3. *Ibidem*. (28/10/1895), pp. 3. JORNAL *O Comércio de São Paulo*. (24/12/1902), pp. 3.

comercial. Em setembro, Mirtil mudou-se para a Rua Xavier de Toledo, onde encerrou as vendas do restante de seu estoque a qualquer preço.[555]

3.3. Casas de joias na Rua 15 de Novembro

BENTO LOEB

TABELA X – Casa Bento Loeb

JOALHERIA	*Casa Bento Loeb*
PROPRIETÁRIO	Bento Loeb
PERÍODO DE ATIVIDADE	1891 – c.1972
LOCALIZAÇÃO	Travessa do Grande Hotel, 8; Rua 15 de Novembro, 57; Rua Direita, 27; Rua 15 de Novembro, 57. A partir de 1939: São Paulo, Rua 15 de Novembro, 49; Rio de Janeiro, Avenida Rio Branco, 111; Paris, Rue Drouot, 30. A partir de 1970: Alameda Lorena, 1661.
COMÉRCIO	Joias de ouro 18k, prata e platina; celuloide; objetos à fantasia; objetos de bronze, madrepérola, marfim, mármore, metais inalteráveis Glória Metal, ônix, tartaruga.
GEMAS	Diamantes; esmeraldas; pérolas do Oriente; rubis; safiras.
JOIAS	Anéis de diamantes; barretes; berloques; brincos; broches; clipes; colares de pérolas e de diamantes; cordões; *pendentifs*; pulseiras de platina com diamantes.
RELÓGIOS	Relógios de ouro, prata, níquel e aço; relógios *Audemars*, *Bulova*, *La Regente*, Mundial antimagnético, *Roskoff Patent*, Olma, Omega, *Piguet*, *Tissot*, *Universal*, *Watch*; relógio de corda oito dias; pendulas.
OBJETOS DE ARTE	Bengalas e guarda-chuvas com castão de ouro e prata; bolsas de ouro; colunas de ônix e mármore; cristais; estojos; estátuas de bronze e mármore; faianças; mármores; serviços de prata; prataria francesa Baccarat Gloria-Metal; cristais Daum e Gallé; porcelana Sévres.

Fonte: JORNAL *O Estado de São Paulo*. (02/12/1905), pp. 5. *Ibidem*. (28/04/1906), pp. 5. *Ibidem*. (02/09/1911), pp. 9. *Ibidem*. (25/09/1912), pp. 16. *Ibidem*. (25/10/1913), pp. 16. *Ibidem*. (30/08/1936), pp. 11. BULLETIN *Mensuel – Chambre de la Commerce Française*. São Paulo. (mar./ 1939), pp. 1493.

[555] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (23/12/1905), pp. 7. *Ibidem*. (26/08/1907), pp. 5. *Ibidem*. (04/09/1907), pp. 5.

A Casa Bento Loeb foi fundada em 1891 pelos irmãos Bento e Marx Loeb. Primeiramente se estabeleceu na capital paulista como Casa de Empréstimos sobre Penhores, na Travessa do Grande Hotel n.º 6, conforme a licença que lhe foi concedida pela Secretaria da Justiça, desde que preenchesse os requisitos e formalidades exigidas pelo decreto nº 2692 de 14/11/1860. A casa emprestava dinheiro sobre objetos de ouro, prata, gemas e outras peças de valor. Frequentemente fazia leilões das cautelas vencidas e não reformadas; estas poderiam ser reformadas ou resgatadas até a hora do leilão.[556]

Em outubro de 1904, a casa já estava instalada na Rua 15 de Novembro, em frente à Galeria de Crystal, onde vendia seus artigos de joalheria tanto no atacado quanto no varejo, e em sua oficina executava trabalhos de joalheria e consertos. Possuía filial em Paris, na Rue des Petites Ecuries, além de um representante no interior do estado, Antônio Pisani, que percorria as regiões circundantes às linhas férreas da Paulista, Mogiana e Sorocabana.[557]

A joalheria recebia joias de Vincenzo (Anexo I, fig. 170), e uma única vez fez um anúncio se intitulando A Pendula do Louvre, no qual comunicou que os preços das peças mudavam conforme o câmbio do dia. Após reforma e ampliação, com a aquisição do prédio vizinho, a joalheria foi reinaugurada. Neste evento serviram taças de *champagne* aos presentes, a elite paulistana e representantes da imprensa. A decoração interna versava de artística armação *Art Nouveau* cujo entalhador havia sido De Morzo. Em suas salas estavam expostas peças finas de decoração, joias de ouro, prata, marfim, madrepérola e coleção de gemas.[558]

Sua coleção de diamantes brasileiros procedia de Diamantina (MG). Nas viagens de recreio ou de negócios, Marx Loeb aproveitava para adquirir peças de joalheria e objetos de luxo. A casa anunciava novo sortimento de joias sempre que acabava de chegar de Paris, promovia uma exposição e sinalizava que as peças eram indicadas para se presentear.[559] (Anexo I, fig. 171-172 e 174)

---

[556] REVISTA *R & J – Relógios e Joias*. (jun./1971), pp. 6. JORNAL *O Commercio de São Paulo*. (08/10/1895), pp. 2. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (02/11/1895), pp. 4. *Ibidem*. (27/06/1898), pp. 2. *Ibidem*. (07/06/1902), pp. 3.
[557] *Ibidem*. (13/10/1904), pp. 3. *Ibidem*. (12/12/1904), pp. 2. *Ibidem*. (19/01/1905), pp. 3. *Ibidem*. (16/09/1905), pp. 3.
[558] *Ibidem*. (14/03/1905), pp. 5. REVISTA *Arara*. (15/04/1905), pp. 3. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (16/09/1905), pp. 3. *Ibidem*. (20/10/1905), pp. 2.
[559] *Ibidem*. (28/04/1906), pp. 5. *Ibidem*. (11/12/1909), pp. 9. *Ibidem*. (17/08/1910), pp. 9.

Devido a uma mudança provisória de endereço, para a demolição do prédio, promoveu uma liquidação de todo o estoque e posteriormente foi realizado um leilão na própria loja de Bento Loeb. Contrataram-se os serviços do leiloeiro Furtado de Mendonça para finalização da venda de joias finas, objetos de arte para ornamentação e de utilidade, armações, balcões, mostruários, vitrinas e outros móveis de uso comercial. Um mês depois, o estabelecimento estava instalado na Rua Direita n.º 27. Em maio de 1912, a Casa Bento Loeb mudou-se para seu antigo endereço, Rua 15 de Novembro, agora em um prédio recém-construído.[560] Na temporada lírica Italiana, a joalheria Bento Loeb promovia um abatimento nos preços das joias que poderiam ser usadas para assistir ao evento, como podemos ver na Tabela XI, infra.

TABELA XI – Preço de joias para temporada lírica

Peças	**Valor em réis**
Colares e cordões de pérolas	500$000 até 40:000$000
Colares de diamantes lapidação brilhante	1:500$000 até 10:000$000
Pendentifs	300$000 até 6:000$000
Pulseiras de platina com pérolas e diamantes	200$000 até 3:000$000
Pulseiras com relógio de ouro e platina	100$000 até 1:500$000
Barretes com rubis, diamantes e pérolas	100$000 até 1:000$000

Fonte: JORNAL *O Estado de São Paulo.* (25/07/1912), pp. 16.

Como já foi comentado, a fachada das lojas, nas primeiras décadas do século XX, faziam parte do anúncio, conforme vemos no Anexo I, fig. 173, com o anúncio bem elaborado, divulgado na revista *A Cigarra*, em que aparece o desenho da Casa Bento Loeb envolto por uma moldura e uma guirlanda de flores, salientando serem eles especialistas em artigos para presente; e em outro anúncio especificam serem estes presentes para casamentos (fig. 86).

[560] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (18/02/1911), pp. 11. *Ibidem*. (13/03/1911), pp. 9. REVISTA *A vida moderna*. São Paulo. (05/04/1911). JORNAL *O Pirralho*. São Paulo (06/04/1912), pp. 10.



Figura 86. **Presentes para casamento – Casa Bento Loeb**. [JORNAL *O Estado de São Paulo*. (07/03/1914), pp. 19]

Uma das mais belas pérolas de que se teve notícias até então foi adquirida na joalheria Bento Loeb pela quantia de Rs. 50:000$000, por um importante capitalista, colecionador e apreciador de joias raras, o que comprova que havia pessoas que colecionavam peças raras e de valor. Também se achavam expostos nas vitrinas da joalheria anéis de diamantes lapidação brilhante de Rs. 5:000$000 a Rs. 60:000$000; joias modernas, como pulseiras largas; e grandes broches com diamantes que estavam na moda e saíam entre Rs. 2:000$000 e Rs. 80:000$000.[561]

Em dezembro de 1936, a Casa Bento Loeb comemorava estar na sua terceira geração à frente da joalheria, fornecendo joias e objetos para presente às mais distintas famílias de São Paulo. Nas décadas de 1930 e 1940, o estabelecimento divulgava suas joias modernas e anéis de formatura através de desenhos (Anexo I, fig. 175-176); eram joias com diamantes na lapidação *baguettes*.[562] Outros itens, como patrocínio de saraus, envelopes de cartas e uma nota fiscal, podem ser observados no Anexo I, fig. 177-180. Neste período, um dos

[561] JORNAL *Correio Paulistano*. São Paulo, (20/12/1921), pp. 11. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (12/10/1927), pp. 1. REVISTA *Arlequim*. (21/06/1928), pp. 2. JORNAL *do Commercio.* São Paulo, (23/12/1928), pp. 3.
[562] *Ibidem*. (13/12/1936), pp. 14. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (08/12/1937), pp. 8.

sócios da joalheria, Felix Loeb, faleceu na capital paulista; ele havia sido membro ativo da Câmara de Comércio Francês em São Paulo.[563]

Em um anúncio feito em francês para o *Boletim Mensal da Câmara do Comércio de São Paulo*, a casa realçava a riqueza de suas peças, pérolas do Oriente, joalheria fina, objetos de arte para presentear, diamantes extras para casais de noivos, clipes e pulseiras modernas com diamantes. Nesse ano, além da loja em São Paulo na Rua 15 de Novembro, tinham uma filial no Rio de Janeiro, na Avenida Rio Branco n.º 111, e, em Paris, na Rue Drouot n.º 30.[564]

Depois de 70 anos de existência, a Casa Bento Loeb possuía uma clientela numerosa que incluía nomes tradicionais de São Paulo; havia mais de seis mil fregueses habituais, que faziam questão de adquirir suas joias e relógios nessa loja, como o caso dos anéis (fig. 78 e 79 do Capítulo II deste volume) que foram comprados tanto pelos avós quanto pelos pais de Maria Thereza da S. P. Godoy. Desde 1970, estava estabelecida na Alameda Lorena, esquina com a Rua Haddock Lobo, sob o comando de Gerard Loeb, filho de Marc Loeb.[565]



Figura 87. Cristais Lalique e Daum. **(1) Vaso - criação René Lalique** (1860-1945). Estilo *Art Déco*, de vidro artístico francês, formato esférico (19 x 19 cm) com gomos em relevo entre estrias verticais, acabamento acetinado fosco, com interferências de tom preto, c. 1920. [Fez parte do acervo da joalheria Bento Loeb. Acervo Particular] **(2) Placa de cristal da *Cristallerie Daum* de Nancy**. Apresentando seu nome em baixo-relevo. França. Década de 1920. Dimensões: 8 x 12 x 4 cm. [Peça que compunha o acervo da Joalheria Bento Loeb. Acervo particular]

Estojos de talheres comercializados por Bento Loeb, de prata de lei, que hoje estão em coleções particulares, eram vendidos para fazer parte das *corbeilles de mariag*, nos

[563] BULLETIN *Mensuel – Chambre de la Commerce Française* em São Paulo. (mar./1938), pp. 1089.
[564] *Ibidem*. (mar./1939), pp. 1493.
[565] Gerard Loeb foi membro da AJESP, participando do Conselho Fiscal. REVISTA *R & J – Relógios e Joias*. (jun./1971), pp. 6.

casamentos da elite (Anexo I, fig. 181-182). Duas peças de cristal que fizeram parte do acervo da joalheria Bento Loeb hoje se encontram em coleções particulares (fig. 87. 1 e 87. 2).

BERNARDINO & JUVENAL ABRATE

TABELA XII – A Pendula Internacional

RELOJOARIA	*A Pendula Internacional*
PROPRIETÁRIO	Bernardino & Juvenal Abrate
PERÍODO DE ATIVIDADE	1888-1899
LOCALIZAÇÃO	Rua Imperatriz, 48; General Carneiro, 45.
COMÉRCIO	Barômetros; binóculos para teatro; bússolas; fornituras e ferramentas para ourives e relojoeiros; joias de ouro; óculos; *pincez-nez*; relógios; termômetros.
GEMAS	Diamantes e gemas.
JOIAS	Adereços; alfinetes de gravata; anéis; bichas; botões de ouro para camisas; broches; pulseiras.
RELÓGIOS	Relógios e correntes de ouro, prata, níquel (suíços, ingleses e americanos), para homens e senhoras; relógios de parede.
OBJETOS DE PRATA	Carteiras; cigarreiras; espelhos; estátuas; fruteiras; porta-cartões; serviços de almoço para crianças; serviços de toalete; talheres; tinteiros; xícaras.

Fonte: JORNAL *A Província de São Paulo*. (03/06/1888), pp. 3. *Ibidem*. (23/12/1888), pp. 3. *Ibidem*. (23/04/1889), pp. 4. JORNAL *Lega Italiana*. São Paulo (30/11/1889 a 01/12/1889).

A Pendula Internacional*,* relojoaria e joalheria de Bernardino & Juvenal Abrate, foi inaugurada em junho de 1888, na Rua Imperatriz n.º 48. Montada com luxo e elegância, conforme relatam os cronistas da época, no dia da inauguração os proprietários ofereceram uma mesa de doces aos representantes da imprensa e convidados. Recebiam suas mercadorias periodicamente pelos paquetes. (Anexo I, fig. 183) Além de peças de joalheria, relojoaria e objetos de prata, também comercializavam vinhos italianos *Barolo*, *Barbera* e

Moscato Bianco do produtor Bartolomeo Abrate di Brà (Piemonte Italiano), premiado em diversas exposições; a casa afirmava ser a única representante e importadora. Em junho de 1889, foram vítimas de um audacioso roubo em que os ladrões levaram joias e documentos; a polícia chegou a encontrar algumas das peças de joalheria.[566] Anunciavam ser a única casa italiana a fazer importação direta de joias. Receberam a grande medalha de ouro da Exposição de Roma de 1889. Continuavam com a importação direta do legítimo vinho italiano do *Piemonte*, *Barbera*, *Barolo* e *Nebiolo*.[567]

Abrate Irmão & Baroni – agora com novo sócio – continuaram com o nome fantasia A Pendula Internacional e com um Grande Empório na Rua Boa Vista n.º 18, onde vendiam vinho italiano, conhaque francês e italiano, conservas e queijos. Diziam ter casas em Paris, no Boulevard Bonne Nouvelle n.º 19; na Itália, em Torino, na Via S. Secondo; em Brá, na Via Vittorio Emanuele; e em Napoli, na Compratore. Devido ao falecimento do sócio da joalheria, Bernardino Abrate, a Pendula Internacional, na pessoa do gerente Edmond Lepeux, promoveu uma grande liquidação de joias.[568] O último anúncio da casa se deu em 1899; nessa data estava estabelecida na Rua General Carneiro n.º 45.

A ALLIANÇA de CAEM LEVY

Em 22 de outubro de 1886 ocorreu a inauguração da joalheria de Caem Levy, *A' Alliança*, na Rua 15 de Novembro n.º 9, após este ter permanecido na Europa por alguns anos. (Anexo I, fig. 184) Caem Levy se estabeleceu novamente em São Paulo, onde outrora trabalhou nesse mesmo ramo com seu irmão, na firma Jacob Levy & Irmão, que o tornava conhecido da elite da capital e do interior da província. Adquiriu o imóvel no leilão da Viúva Suplicy e provavelmente a mobília. Trabalhava com grande depósito de joias de ouro, prata e plaqué; diamantes; pérolas; rubis e safiras entre outras gemas, por atacado e varejo. As peças eram procedentes da França, Alemanha e Suíça, os relógios eram americanos, ingleses e suíços, como o *Patek Philippe & C^{a}*., artigos indicados para presentear nas festas de

[566] JORNAL *Correio Paulistano*. (06/06/1888), p. 2. JORNAL *A Província de São Paulo*. (03/06/1888), p. 1. Ibidem, (23/12/1888), p. 3. JORNAL *Gli Italiani in San Paulo*. (03/07/1888), p. 4. JORNAL *Lega Italiana.* São Paulo, (01/12/1889), p. 4. JORNAL *A Província de São Paulo*. (01/06/1889), p. 2.
[567] JORNAL *Sentinella da Monarchia*. São Paulo, (11/07/1889), p. 3.
[568] JORNAL *Il Pensiero Italiano*. SP. (22/09/1890), pp. 3. JORNAL *Il Lavoro*. SP. (27/05/1894), pp. 3.

casamento, Natal e Ano-Novo, tais objetos de luxo eram acondicionados em caixas de veludo.[569]

Caem Levy dizia morar no mesmo imóvel da joalheria *A' Alliança.* Em novembro de 1891, Caem Levy e família se transferem para a Europa, depois de colocar todo o estoque da loja em um leilão, eram joias em ouro e prata com diamantes; adereços; relógios com chatelaines; correntes; dedais; lapiseiras; em prata havia faqueiros, castiçais, salvas entre outras peças com metal nobre.[570]

CASA CASTRO

TABELA XIII – Casa Castro

JOALHERIA	*Casa Castro*
PROPRIETÁRIO	Antônio Teixeira de Castro e Luiz Puig
PERÍODO DE ATIVIDADE	1922-2023
LOCALIZAÇÃO	Rua 15 de Novembro, 4; Praça da República (Edifício Castro); Rua Oscar Freire; Shoping Ibirapuera.
COMÉRCIO	Joias, relógios, artigos de presentes, medalhas, taças e troféus.
GEMAS	Diamantes, rubis, safiras, esmeraldas, entre outras.
JOIAS	Adereços e meios-adereços; alfinetes de gravata; anéis; bichas; botões de ouro para camisas; brincos; broches; colares; pulseiras.
RELÓGIOS	Relógios de ouro, prata, níquel e aço para homens e senhoras; relógios de parede e de mesa.
OBJETOS PARA PRESENTES	Aparelhos de chá e café; bandejas; bronzes; marfins; metais; pratarias; salvas de prata e níquel (da Inglaterra).

Fonte: JORNAL *O Estado de São Paulo*. (07/04/1922), pp. 3. JORNAL do *Commercio*. São Paulo, 18/04/1924, pp. 6. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (21/12/1939), pp. 5. *Ibidem*. (23/12/1939), pp. 5. *Ibidem*. (29/12/1939), pp. 4. REVISTA *Paulistania*. São Paulo, (abr.-jun./1942), pp. 44.

[569] JORNAL *A Província de São Paulo*. (22/10/1886), pp. 2. *Ibidem*. (28/10/1886), pp. 4. SECKLER, Jorge (org.) – *Almanach da província de São Paulo administrativo, industrial e commercial para 1887*. Quinto Anno. São Paulo: Editores-Proprietários Jorge Seckler & Comp., 1887. JORNAL *A Província de São Paulo*. (23/12/1888), pp. 3.
[570] JORNAL *Correio Paulistano*. (06/11/1891), pp. 3. *Ibidem*. (27/11/1891), pp. 3.

Antônio Teixeira de Castro (fig. 88. 1) era português de nascimento (vindo a se naturalizar brasileiro), chegou ao Brasil com a família, com a leva de imigrantes do início do século XX. Na juventude trabalhou na Casa Michel. Com 30 anos de idade, constituiu uma sociedade com a razão social Castro, Puig & Cia (Anexo I, fig. 185), em fevereiro de 1922, na efervescência da Semana da Arte Moderna no Brasil. Em 9 de março, a marca Casa Castro foi registrada para venda de joias finas, prataria, metais, bronzes, marfins e outros artigos finos para presentes, adquiridos nos principais fornecedores europeus.

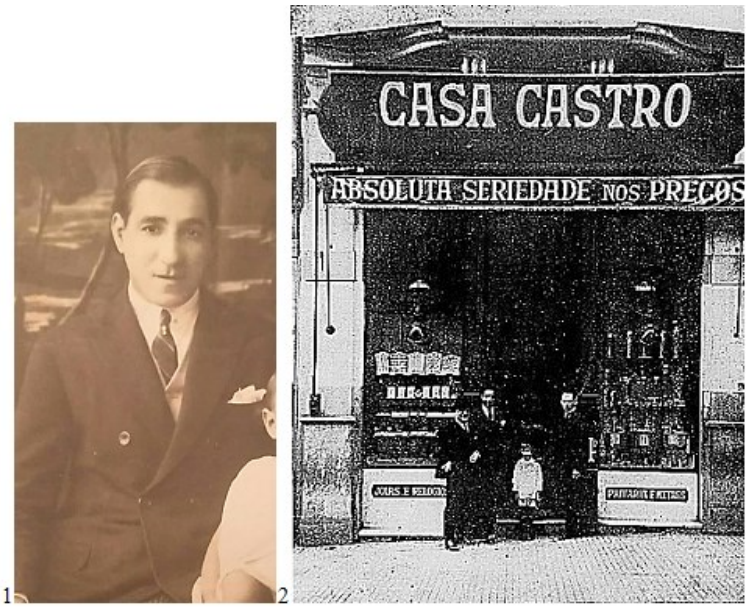


Figura 88. (1) **Foto de Antônio Teixeira de Castro** em 1922. [Acervo Julieta de Castro] (2) **Fachada da Joalheria Casa Castro**. [REVISTA *A Vida Moderna*. São Paulo (27/04/1922)].

No dia 8 de abril ocorreu a inauguração da loja, que estava luxuosamente instalada na Rua 15 de Novembro n.º 4 (fig. 88. 2), centro elegante de São Paulo. Nos oito primeiros dias após a inauguração da loja, a título de brinde, os proprietários resolveram vender todas as mercadorias pelo preço de custo. Luiz Puig também havia trabalhado na Casa Michel, e os sócios se relacionavam bem com a sociedade paulistana, eram profundos conhecedores

do ramo que exploravam.[571] Em 9 de junho de 1922, nasceu a filha de Antônio T. de Castro, casado com Julieta Salla de Castro,[572] que recebeu o nome da mãe.[573]

A fim de homenagear os heroicos aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho, e aprovado pelo Consul de Portugal em São Paulo, achavam-se à venda medalhas de ouro, prata e bronze confeccionadas em comemoração do *raid* Lisboa-Rio. Também foram encarregados, pela comissão portuguesa promotora dos festejos, de confeccionar um álbum com capa de ouro 18 k para a assinatura dos componentes da colônia. Além disso, a Casa Castro executou duas grandes medalhas de ouro 18 k (fig. 89), que a colônia portuguesa do Alto da Serra ofereceu aos homenageados por ocasião de sua passagem por aquela localidade.[574] A casa trabalhava com grande quantidade de joias finas, relógios, objetos de decoração e utilitários, e os divulgava em forma de desenhos em seus anúncios (Anexo I, fig. 186-188), assim como outros joalheiros.[575]



Figura 89**. Medalhas de ouro 18k** para homenagear os heroicos aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho [REVISTA *A Vida Moderna.* São Paulo (29/06/1922)].

Os clubes esportivos da capital e do interior do estado tinham o costume de encomendar nas joalherias os distintivos, medalhas, taças e troféus que eram ofertados aos

[571] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (09/03/1922), pp. 7. Conforme relato da neta de Antônio Teixeira de Castro, Julieta de Castro, a terceira geração de Julietas da família. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (07/04/1922), pp. 3. REVISTA *A vida moderna. São Paulo*, (27/04/1922).
[572] Julieta Salla de Castro era de família italiana, o casal teve duas filhas, Antonieta e Julieta.
[573] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (09/06/1922), p. 4.
[574] REVISTA *A Vida Moderna.* São Paulo (29/06/1922).
[575] Vistas internas à Casa Castro, com os objetos de arte, cristais, bronzes e vitrinas externas, estão no Anexo I, fig. 193-195.

grêmios esportivos. Foi o caso da Casa Castro, que, possuindo uma secção especial de distintivos de ouro e esmalte, medalhas e taças para esportes, conseguiu bater o recorde dessas vendas em apenas um mês. As peças eram a Taça Brasil, vendida para a Federação Paulista de Tênis; a Taça Studebaker, oferecida pela agência de Jahú à mesma entidade; Taça Folha da Manhã e Taça Folha da Noite, para um campeonato de pingue-pongue; Taça Olinda F. C., oferecida por Jayme Silva ao clube; Taça Club 7 de Setembro; além de outras duas que foram para a Companhia Antarctica Paulista.

A Associação Paulista de Esportes Atléticos ficou com 35 distintivos de ouro e prata para seus diretores e 3 medalhas de ouro maciço, com 45 gramas cada uma, que foram dadas ao esportista Bianco. Também a Associação dos Cronistas Esportivos adquiriu na Casa Castro rico monograma com 15 centímetros de diâmetro de ouro maciço 18 k, oferecido ao Clube Atlético Paulistano. O Clube Atlético Paulistano ofereceu ao prefeito do Distrito Federal um distintivo da cidade de São Paulo com armas e divisas de ouro e esmalte cinzelado, em agradecimento pela recepção cordial com que este clube foi recebido pelo povo carioca. Um distintivo do C. A. Paulistano de ouro e esmalte cinzelado com 12 cm de diâmetro foi oferecido em sinal de lembrança ao Fluminense F. C. do Rio de Janeiro, pela recepção feita ao alvirrubro. Foi executado nas oficinas da Casa Castro o bastão de prata e ouro 18k cinzelado, uma peça valiosa, que foi oferta da joalheria à Federação Paulista de Atletismo, ficando exposta em sua vitrina antes da entrega.[576]

A reinauguração das novas instalações da joalheria Casa Castro ocorreu às 16h do dia 6 de maio de 1930, à Rua 15 de Novembro, esquina com Rua Anchieta.[577]

Com a ampliação, a loja passou a compreender toda a esquina (fig. 90 e Anexo I, fig. 189-191). As joias eram feitas nas oficinas da Casa Castro, que contava com vários ourives, cravadores, gravadores e relojoeiros. Antônio Teixeira de Castro sempre prezou pela qualidade do serviço ao cliente, pela maestria na confecção das joias, bem como pela qualidade do material empregado (ouro, platina, pedras preciosas, pérolas) nessa confecção. As peças como cristais, porcelanas e relógios eram importadas da Europa. Antônio era profundo conhecedor dessa arte e das gemas, pesquisador incansável e apaixonado por

[576] JORNAL *Folha da Manhã*. Seção de esportes. São Paulo (08/07/1925). REVISTA *A Vida Moderna*. São Paulo (21/05/1926). JORNAL *O Estado de São Paulo* (07/08/1926), pp. 5.
[577] *Ibidem* (06/05/1930), pp. 6.

antiguidades, perfeccionista e extremamente exigente em relação à qualidade de todas as peças que ficavam expostas nas vitrinas da casa. Ele viajava muito, principalmente para a Europa, sempre com sua esposa Julieta S. de Castro, a maior incentivadora, em busca de objetos originais e raros para seus compradores.[578]

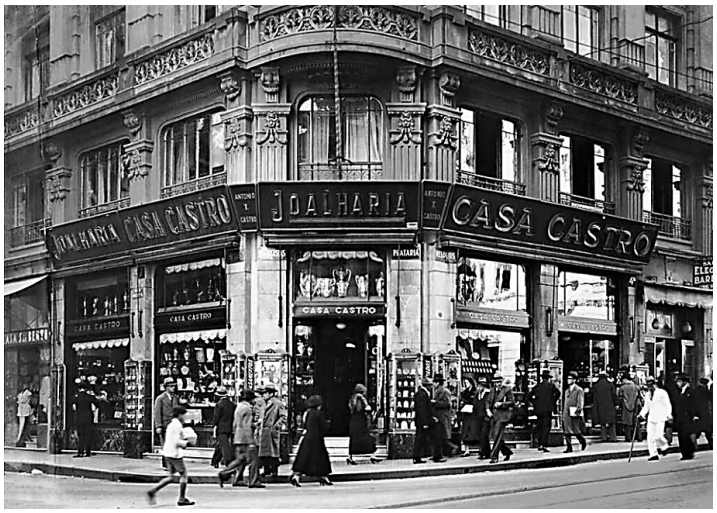


Figura 90. **Joalheria Casa Castro** [Acervo Julieta de Castro]

A joalheria Casa Castro ofertou um brinde para a vencedora do Concurso Rádio Sketches, Lila Brandão, durante o coquetel Musical PRA-5, organizado por Rodolfo Lima e maestro Brenno Rossi, acompanhados de João Ferreira Fontes, *speaker* da Rádio São Paulo, na ocasião da entrega do prêmio.[579]

Uma taça foi oferecida pela joalheria Casa Castro e pelo Jornal *O Estado de São Paulo* ao vencedor da disputa amistosa entre os times Palestra Itália e Corinthians, em benefício do Asilo Santa Therezinha. Este troféu, com desenhos cinzelados, valia Rs. 2:500$000 e ficou exposto numa das vitrinas da Casa Castro. Com cerca de um metro de altura, possuía no topo da taça uma águia com suas asas abertas, representando a vitória. Tinha os seguintes dizeres gravados: "Taça da Boa Vontade – Palestra Itália vs. Corinthians

[578] Segundo declaração de Julieta de Castro.
[579] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (21/04/1936), pp. 5.

Paulista – Em benefício do Asilo Santa Therezinha do Menino Jesus de Carapicuíba. Oferecida pela joalheria Casa Castro e o jornal O Estado de São Paulo" (Anexo I, fig. 192).[580]

Patrocinado por uma comissão de cônsules de todos os países americanos e sob a direção do Centro Acadêmico XI de Agosto, realizou-se no dia 12 de outubro de 1940 o Baile das Américas – em benefício da Casa do Estudante, que estava na fase final de sua construção. Esse baile se realizou no amplo ginásio do Estádio Municipal do Pacaembu, que recebeu ornamentação adequada, inspirada em motivos panamericanos, com três famosas orquestras da capital paulista e do Rio de Janeiro, sendo que uma delas tocou na concha acústica, onde foi armado um tablado para danças típicas americanas. A fim de cooperar com este evento social, a joalheria Casa Castro ofereceu à comissão organizadora dois valiosos prêmios, um relógio de platina com diamantes, destinado à senhorita mais elegante do baile, e um moderno relógio de bolsa, para a *patronesse* que tivesse conseguido vender mais convites. Esses brindes ficaram expostos na vitrina principal da joalheria, à Rua 15 de Novembro. A Casa divulgava que seus anéis de formatura levavam o timbre de garantia da sua qualidade e autenticidade – Casa Castro – platina – 18 k.[581]

Segue infra alguns desenhos de peças executado por desenhista da Casa Castro.



Figura 91**. Anel da Casa Castro** – feito por desenhista e ourives na década de 1940. [Acervo Julieta de Castro]

[580] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (17/10/1939), pp. 9.
[581] JORNAL *Correio Paulistano* (09/10/1940), pp. 5. JORNAL *O Estado de São Paulo* (04/12/1946), pp. 3.



Figura 92. **Broche da Casa Castro** – feito por desenhista e ourives da década de 1940. [Acervo Julieta de Castro]

Em 1957, Antônio Teixeira de Castro inaugurou o Edifício Castro na Praça da República; a joalharia Casa Castro (Anexo I, fig. 193-194), seus escritórios e oficinas tomaram o térreo e os dois primeiros andares do edifício. Decorada em estilo inglês, a loja tinha como clientes nomes de destaque da sociedade e suas oficinas podiam se vangloriar de terem feito joias especiais que consolidaram o nome tradicional da Casa Castro. Antônio T. de Castro faleceu aos 80 anos, no ano de 1972, deixando a joalheria para a 2ª e 3ª geração. Seu neto, Antônio Carlos de Castro Tinoco Cabral, ainda jovem, tomou as rédeas da joalharia logo que seu avô faleceu e seguiu à frente do negócio, inspecionando toda produção e atendimento pessoalmente. A loja matriz foi transferida para a Rua Oscar Freire em 1976, e no ano de 1980 abriu uma filial no Shopping Ibirapuera.[582]

Depois que os herdeiros da família Castro seguiram rumos próprios, Fernanda e Antônio Carlos de Castro Tinoco Cabral, juntamente com Carlos Khoury, abriram a Casa Castro Joias e Presentes na Rua da Consolação, sendo que a Joalheria Casa Castro da Rua Oscar Freire pertencia a toda família. Os herdeiros de Antônio Teixeira de Castro tiveram o privilégio de festejar os 90 anos da joalheria em 22 de janeiro de 2021, num clima de continuidade e harmonia.[583]

[582] Segundo declaração de Julieta Castro.
[583] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (26/11/1995), pp. 220. Joalheria Casa Castro. Disponível em: http://joalheriacasacastro.com.br/nossa-história/. Acesso em: 30/01/2021.

ETIENNE COLLET

Etienne Collet inaugurou sua loja em 10 de outubro de 1889, na Rua 15 de Novembro n.º 47. Era representante de diversas fábricas da Europa, dizia ter mercadoria de casas europeias que haviam entrado em falência, podendo vendê-las 35% abaixo do preço de custo. Trabalhava com diamantes de lapidação brilhante do Brasil, relógios ingleses, suíços e americanos, além de bijuterias.[584]

Em março de 1890, seu estabelecimento foi atingido pelo incêndio que se iniciou na Loja da Índia, sua vizinha, obrigando-o, em maio, a reabrir o estabelecimento em outro número da mesma rua. Em julho, sua loja havia sido adquirida por Oscar José Mayer, que permaneceu com o mesmo tipo de produtos.[585]

FREDERICO GLANZ

TABELA XIV – Frederico Glanz

RELOJOARIA	*Frederico Glanz* (relojoeiro alemão)
PROPRIETÁRIO	Frederico Glanz
PERÍODO DE ATIVIDADE	1885-1930
LOCALIZAÇÃO	Rua do Rosário, 2; Rua Direita, 42; Rua São Bento, 14; Rua José Bonifácio, 36.
COMÉRCIO	Relógios e joias
GEMAS	Pedras finas
JOIAS	Anéis; braceletes; correntes de ouro, prata e plaquê.
RELÓGIOS	Relógios de algibeira e de parede.

Fonte: JORNAL *O Estado de São Paulo*. (22/11/1891), pp. 3.

[584] JORNAL *A Província de São Paulo*. (11/10/1889), pp. 3. JORNAL *Gazeta do Povo*. São Paulo (01/12/1889), pp. 3. JORNAL *O Estado de São Paulo* (03/02/1890), pp. 3.
[585] JORNAL *Correio Paulistano*. (23/05/1890), pp. 4. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (06/07/1890), pp. 3.

Frederico Glanz, alemão relojoeiro, com 30 anos já se encontrava instalado em São Paulo. Em 1891, tinha uma relojoaria/joalheria na Rua do Rosário n.º 2, onde possuía um sortimento de relógios de algibeira, de parede, correntes de ouro, prata e plaquê, joias – anéis e braceletes com pedras finas. Ele raramente anunciava seus serviços nos periódicos. Em 9 de março de 1895, Glanz sofreu um assalto durante a madrugada, tendo os ladrões entrado pelo telhado e levado uma grande quantidade de joias; o prejuízo foi calculado em torno de Rs. 4:000$000.

Em 30 de outubro de 1930, aos 75 anos de idade, Frederico Glanz avisava que estaria encerrando as suas atividades e fechando sua joalheria e oficina, e solicitava aos clientes que fossem retirar seus objetos até o último dia desse ano em outro endereço, na Rua José Bonifácio n.º 36.[586]

Um dossiê de Glanz composto por documentos (Anexo I, fig. 195) comprova e demonstra as despesas realizadas pela Escola Politécnica de São Paulo. São impressos manuscritos, originais, em papel A4, que datam de 1906/03/05 até 1923/07/07. São faturas que apresentam carimbos, selos, marca d'água e carimbo timbrado. Nos 11 documentos que se referem ao conserto de vários tipos de relógios, pode-se observar que na época da primeira nota fiscal a casa se encontrava na Rua Direita n.º 42 (Anexo I, fig. 195, número 2, que tem data de 5 de março de 1906, até o Anexo I, fig. 195, número 10, do dia 16 de setembro de 1914). Nas duas últimas notas (Anexo I, fig. 195, números 11 e 12, de 1916 e 1923) a relojoaria estava estabelecida na Rua São Bento n.º 14, sobreloja.

Conclui-se que esta casa esteve ativa por pelo menos 45 anos, mas pouco se conseguiu saber a respeito dela, pois quase não há anúncios ou mesmo outros documentos além dos apresentados acima que mostrem a sua atuação junto à sociedade da época.

HYPÓLITO SUPLICY

TABELA XV – Ao Relógio Monstro – Hypólito Suplicy

JOALHERIA	*Ao Relógio Monstro – Hypólito Suplicy & Irmão*

[586] JORNAL *A Província de São Paulo*. (15/04/1885), pp. 1. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (22/11/1891), pp. 3. *Ibidem*. (10/03/1895), pp. 1. *Ibidem*. (26/10/1930), pp. 6.

PROPRIETÁRIO	Hypólito Suplicy
PERÍODO DE ATIVIDADE	1875-1893
LOCALIZAÇÃO	Rua Imperatriz, 46; Rua Imperatriz, 35.
COMÉRCIO	Joias de ouro, prata, platina e plaqué; joias à fantasia; relógios de bolso de ouro, prata e níquel; objetos de arte para presente.
JOIAS	Abotoaduras para peito e punhos; adereços; alfinetes para gravata; anéis; bichas; botões para peito, punho e colete; brincos; canetas; *chatelaines*; colares; colares de ouro à Imperatriz; correntes; cruzes; dedais; grampo-estrela com diamantes para a cabeça; medalhas; pulseiras com diamantes.
RELÓGIOS	Algibeira para homens e senhoras, com iniciais; despertadores; pendulas; relógios de mesa; relógios de parede com novo sistema marcando o dia do mês.
GEMAS	Coral; diamantes; esmeralda; ônix; pérolas; rubis; safiras; turquesas.
OBJETOS DE ARTE	Prataria e metais finos: aparelhos de chá; argolas para guardanapos; bacias; bandejas; cálice de missa; campainhas; candelabros; canetas (e de ouro); canivetes; castiçais; chicotes; chocalhos; cigarreiras; copos; copos para licor; dedais; espevitadeiras; esporas; estojo para costura; faca para viagem; faqueiros; farinheiras; fosforeiras; fruteiras; galheteiros; jarros; lamparinas; lapiseiras; licoreiros; paliteiros; porta-cartões; porta-charutos; porta-flores; porta-moedas; porta-retratos; saladeiras; salvas; serviços de chá; serviços de toalete; serviço para almoço; taças para chocolate; tinteiros; vasos. Outros: binóculos; caixa de música; caixas de ouro e prata próprias para cartas de formatura; estojo para escritório; trancelim para *pince-nez*.

Fonte: JORNAL *A Província de São Paulo*. (24/03/1877), pp. 3. JORNAL *Diário de Notícias* – Folha da Tarde. SP. (10/12/1889), pp. 3. SECKLER, Jorge (org.) – *Almanach do Estado de São Paulo para 1890*. Sétimo Ano. São Paulo: Jorge Seckler & Comp. Editores-proprietários, 1890, pp. 44. JORNAL *O Estado de São Paulo.* (10/01/1892), pp. 3. *Ibidem*. (08/05/1892), pp. 2.

Conforme já foi comentado no subcapítulo "3.1. Casas de joias da Rua Direita", no relato sobre o joalheiro João Suplicy, esta era uma família de joalheiros com tradição no ofício. O patriarca francês Luiz Suplicy se casara com Thereza Gerard Suplicy, e alguns de seus filhos se dedicaram ao ramo da joalheria, como o caso de Hypólito Suplicy, irmão de João Suplicy. Em 1875, os irmãos Alfredo e Hypólito Suplicy estavam estabelecidos com a Casa Suplicy na Rua Imperatriz, nº 46. Viajavam, através de vapores, para a Corte do Rio

de Janeiro com certa frequência, assim como sua mãe Thereza Suplicy, viúva, para fazer encomendas ou mesmo adquirir os produtos que eram comercializados na sua casa.[587]

Em 25 de agosto de 1876, foi inaugurada uma nova casa na mesma rua, no n.º 35, com diversificado sortimento de joias. Trabalhava com joias de ouro, platina, prata e pratarias que vinham das principais fábricas alemãs e francesas. As importações diretas de produtos estrangeiros eram cada vez mais valorizadas, e eles mantinham um fluxo contínuo das mercadorias, que chegavam todos os meses através dos vapores, e como muitos joalheiros mantinham contatos fixos de fabricantes no exterior. A Casa Suplicy fabricava e consertava qualquer peça em ouro e prata, bem como comprava diamantes, ouro, prata e moedas de ouro. Uma grande novidade da casa foram os botões para punhos e medalhas com o busto de Joaquim Saldanha Marinho.

A joalheria retornou ao prédio na Rua Imperatriz, nº 46, e a fábrica de joias e consertos de relógios ficou na Rua Imperatriz n.º 35, em 12 de março de 1878. Garantia a perfeição do trabalho e preços sem rival, para qualquer obra de joalheria, de ouro e de prata; a casa fazia douração e abria qualquer inicial.[588]

A loja chegou a ser denominada Ao Relógio Monstro. Em agosto de 1880, Hypólito Suplicy deu sociedade ao irmão João Suplicy no seu estabelecimento de joias, sob a razão social de Hypólito Suplicy & Irmão. Nos anúncios, realçava a vantagem de comprar em seu estabelecimento, de possuir uma coleção do que havia de mais apurado produzido nas fábricas europeias, e usava a expressão da moda "bem a contento da elite da sociedade paulista" para justificar a qualidade de seus produtos.[589]

Uma rica escrivaninha de prata foi ofertada ao então presidente da província, Francisco de Carvalho Soares Brandão,[590] pelos funcionários da Secretaria do Governo de São Paulo, quando foram ao Palácio do Governo cumprimentá-lo pelo seu aniversário

---

[587] JORNAL *A Província de São Paulo*. (29/05/1875), pp. 3. *Ibidem*. (13/06/1875), pp. 3.
[588] *Ibidem*. (19/12/1877), pp. 3. *Ibidem*. (12/03/1878), pp. 3. *Ibidem*. (16/04/1878), pp. 3. MARQUES, Abílio Aurélio da Silva – *Indicador de São Paulo: administrativo, judicial, industrial, profissional e comercial: para o ano de 1878*. [Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Arquivo do Estado, 1983]. São Paulo: Typ. de J. Seckler, 1878. JORNAL *da Tarde*. SP. (11/11/1878), pp. 4. JORNAL *A Província de São Paulo*. (09/04/1879), pp. 3.
[589] JORNAL *A Província de São Paulo*. (09/04/1879), pp. 3. *Ibidem*. (01/08/1880), pp. 3. *Ibidem*. (27/12/1881), pp. 3.
[590] Período da presidência de Francisco de Carvalho Soares Brandão: 31/10/1839 – 01/09/1899.

natalício. A peça trazia a seguinte inscrição: "29 e 31 de outubro de 1882", datas em que se comemorava a escolha senatorial e o seu aniversário natalício. Em uma gravura no frontispício da referida escrivaninha lia-se a seguinte dedicatória: "Ao digno presidente de São Paulo e senador por Pernambuco. Os empregados da Secretaria do Governo". Acompanhava essa artística peça uma pena de ouro cravejada de diamantes. Tais objetos ficaram expostos nas vitrinas da joalheria de Suplicy. A casa promovia grande liquidação de todos os seus produtos por motivo de reforma do imóvel; inclusive estantes envernizadas e uma vitrina de porta com todos os seus pertences eram vendidas nessa ocasião.[591]

Hypólito viajava para a Europa, onde costumava passar vários meses para realizar as compras para a joalheria, visitando fábricas da França, Alemanha e Suíça, fazendo compras em dinheiro. Ele havia se instalado em sua casa de compras em Paris, na Rue Lafayette, para facilitar as transações. Sempre chegavam novidades para as festas de Natal, Ano-Novo e dia de Reis, este último muito comemorado neste final de século.[592]

A Casa Suplicy, assim como a joalheria de Maurice Grumbach, contribuiu com prendas para um leilão beneficente em favor da Santa Casa de Misericórdia de Jundiaí. Os prêmios para os vencedores do torneio de bilhar do Club dos Girondinos ficaram expostos na vitrina da loja de Hypólito Suplicy. Em abril de 1886, a Casa Suplicy estava com filial na cidade de Santos, na Rua Santo Antônio, no térreo do Grande Hotel.[593]

A joalheria confeccionou um alfinete de gravata coroado por um barrete *phrygio*[594] em esmalte vermelho, tendo no rebordo gravadas as palavras "São Paulo"; os republicanos os compravam e usavam como distintivos. Além da França, Alemanha e Suíça, o estabelecimento começou a receber mercadorias também dos Estados Unidos. Com a Proclamação da República, passou a vender alfinetes republicanos que saíam entre 2$000 e 5$000 réis. Nesse ano de 1889, Suplicy visitou a Exposição de Paris, onde encomendou

[591] JORNAL *A Província de São Paulo.* (01/11/1882), pp. 3. *Ibidem.* (09/05/1884), pp. 3.
[592] *Ibidem.* (10/07/1884), pp. 2. *Ibidem*. (20/12/1884), pp. 3.
[593] *Ibidem.* (06/09/1885), pp. 1. *Ibidem.* (01/01/1886), pp. 2. JORNAL *Partido Liberal.* São Paulo. (08/04/1886), pp. 4.
[594] *Phrygio* – ver glossário.

elegantes cigarreiras para serem oferecidas nas festas de fim de ano aos seus clientes e amigos.[595]



Figura 93**. Grande Armazém de Joias de Hypólito Suplicy**. [SECKLER, Jorge (org.) – *Almanach do Estado de São Paulo para 1890*. Sétimo Ano. São Paulo: Jorge Seckler & Comp. Editores-proprietários, 1890, pp. 44].

A filial de Santos, em 1890, estava em novo endereço, na Rua 25 de Março n.º 7. Artigos próprios para casamento, joias cravejadas de diamantes, safiras, pérolas, rubis entre outras gemas; estatuetas, bronze, colunas e outros adornos para sala, passaram a ser comercializados.[596] Hypólito faleceu em fevereiro de 1893,[597] e seu irmão João Suplicy, deu continuidade a essa atividade, conforme foi visto no início do subcapítulo 3.1.

JACOB LEVY & IRMÃO

TABELA XVI – JACOB LEVY & IRMÃO

JOALHERIA	*Jacob Levy & Irmão* (até 1880); *Casa Jacob Levy*.

[595] JORNAL *A Província de São Paulo.* (01/12/1888), pp. 2. *Ibidem.* (02/03/1889), pp. 2. JORNAL *Diário de Notícias – Folha da Tarde*. SP. (10/12/1889), pp. 3.
[596] SECKLER, Jorge (org.) *Almanach do Estado de São Paulo para 1890.* 7.º Anno. São Paulo: J. Seckler & Comp. Editores/proprietários, 1890, pp. 44. JORNAL *O Estado de São Paulo.* (10/01/1892), pp. 3. *Ibidem*. (08/05/1892), pp. 2.
[597] JORNAL *Correio Paulistano*. (04/02/1893), pp. 1.

PROPRIETÁRIO	Jacob e Caem Levy (cidadãos franceses) e depois Armand Levy.
PERÍODO DE ATIVIDADE	1877-1898
LOCALIZAÇÃO	Rua do Comércio, 29; depois com firma individual na Rua do Comércio, 29; Rua Direita, 20; Rua Imperatriz, 27.
COMÉRCIO	Joias de ouro e prata; óculos; *pince-nez.*
GEMAS	Coral; diamantes lapidação brilhante; esmeraldas; pérolas; rubis; safiras; turquesas.
JOIAS	Adereços; alfinetes; anéis; bichas; botões para peito e punhos para homens e senhoras; brincos; colares; correntes de ouro e platina (maciças e folheadas); medalhas; pulseiras.
RELÓGIOS	Cronômetros de ouro; cronômetros de repetição; cronômetros feitio colher; cronômetros feitio Luiz XV; despertadores; relógios de ouro e prata para homens e senhoras; relógios de marinha; relógios de mesa; relógios de parede; reguladores que dão hora, meia hora, quartos e repetição; relógios especiais para torres de igrejas ou para estabelecimentos públicos ou particulares (sob encomenda)
OBJETOS DE ARTE	Aparelhos de chá e café; bacias; *bomboniere*; caixas de música; cálices para missa; canetas; castiçais; copos; escrivaninhas; estojos; faqueiros; jarras; lapiseiras; salvas; objetos de prata lavrada; penas para escrever de ouro e prata com bicos de diamante; serviço de chá e café; serviços para escritório; tinteiros de prata.

Fonte: JORNAL *A Província de São Paulo.* (27/10/1878), pp. 3. *Ibidem*. (04/02/1879), pp. 3. JORNAL *Diário de Notícias*. SP. (18/11/1889), pp. 3.

Jacob Levy e seu irmão Caem Levy estavam com loja e oficina na Rua do Comércio, n.º 29; os produtos lá comercializados vinham da França, Bélgica, Inglaterra, Alemanha, Suíça e Estados Unidos, e chegavam na alfândega do porto de Santos, onde deveriam ser retirados. Em 6 de abril de 1877, Jacob Levy & Irmão possuíam como "funcionário" um escravo chamado Bráulio, que tendo fugido, foi recolhido à cadeia por ordem do delegado.[598]

A joalheria tinha o costume de expor em sua vitrina as peças que seriam ofertadas a alguma personalidade de destaque, como a escrivaninha considerada de primoroso trabalho que havia sido ofertada ao ex-administrador do *Correio de São Paulo*, Antônio Egydio de Moraes, pelos seus empregados. Em 9 de setembro de 1880, os irmãos anunciavam a

[598] JORNAL *A Província de São Paulo*. (06/04/1877), pp. 3. *Ibidem*. (15/04/1877), pp. 3. *Ibidem*. (27/11/1977), pp. 3. *Ibidem*. (04/02/1879), pp. 3. *Ibidem*. (07/08/1878), pp. 2.

dissolução da sociedade, que girava sob a firma Jacob Levy & Irmão. Ficou a cargo de Jacob Levy a extinção da firma. Ele resolveu acabar com seu estoque promovendo uma grande liquidação, dando 50% de desconto para todos os produtos.[599]



Figura 94**. Ourivesaria e Joalheria Jacob Levy.** [SECKLER, Jorge (org.) – *Almanach do Estado de São Paulo para 1890*. Sétimo Anno. SP. São Paulo: Editor-proprietários Jorge Seckler & Comp. 1890, pp. 54]

Caem Levy partiu para França, pois pretendia ficar um tempo por lá, e colocou todos os pertences de sua residência em um leilão: móveis, relógios, louças, roupa de mesa, lavatórios, cortinas, entre outros artigos que compunham uma casa de requinte. Jacob Levy continuou com a Casa Jacob Levy, agora em novo endereço, Rua Direita n.º 20. Em suas viagens à Europa, ele passou a trazer objetos de luxo que seriam vendidos para presentear em comemorações especiais como festas de casamento. Eram produtos de aparato, desde uma pequena *bomboniere* até o mais luxuoso serviço para café. No ano de 1888, sua loja estava localizada na Rua 15 de Novembro n.º 27, tinha casa de compras em Paris, na Rue Richer n.º 34. Ele vendia por atacado e varejo. Em 30 de abril de 1898, Jacob Levy anunciou

[599] JORNAL *A Província de São Paulo*. (09/11/1877), pp. 2. *Ibidem.* (12/09/1880), pp. 3. *Ibidem*. (15/07/1881), pp. 3.

uma grande liquidação de joias, pois acabava de arrendar o prédio para instalar um negócio de modas de Senna Salgado no Rio de Janeiro.[600]

JACQUES NETTER

TABELA XVII – Jacques Netter

JOALHERIA	*Joalheria Jacques Netter*
PROPRIETÁRIO	Jacques Netter
PERÍODO DE ATIVIDADE	1872-1941
LOCALIZAÇÃO	Rua Direita, 29 (Campinas); Rua 15 de Novembro, 24 e, depois, 48 (SP); Rua São Bento, 55 (loja de bicicletas).
COMÉRCIO	Joias; relógios de ouro, prata, platina, aço e níquel; óculos e *pince-nez* de ouro, prata e metal; binóculos.
GEMAS	Diamantes; esmeraldas; pérolas; rubis; safiras.
JOIAS	Adereços; alfinetes para gravatas; anéis; barretes; berloques; bichas; botões de punho e peito; brincos; broches; colares; crucifixos; crucifixos de marfim; dedais; fivelas de ouro; medalhas de santos; medalhas com orações e sonetos; *pendentifs*; pulseiras.
RELÓGIOS	Despertadores; relógios de pulso, de parede e de mesa; relógios de repetição para homens; cronômetros, relógios de bolso; marcas *Grand Prix Election* (Berna 1914), *Humbert Ramus, Patek Philippe* e *Ômega*; relógios para senhoras com gravação de diamantes e esmaltes.
OBJETOS DE ARTE	Bandejas, bengalas e guarda-chuvas com castão de ouro, prata e metal; biscuit; candelabros; carteiras para homens e senhoras de couro com ou sem guarnições; castiçais; chapéus; cigarreiras, dedais de ouro e prata; estátuas; estojos de marfim e madrepérolas para unhas; faqueiros; fruteiras; galheteiros; garrafas; isqueiros; jardineiras em bronze dourado; lavatório; licoreiras; malas de mão para viagem com ou sem estojo que podiam ser de marfim e madrepérolas; manteigueiras; pentes para cabelo de tartaruga; serviços de prata para café, chá; serviços para batizados; serviços para escritórios; *tête-à-tête*; tinteiros; terracota; vasos de bronze; xícaras; artigos no material

[600] JORNAL *A Província de São Paulo.* (06/08/1881), p. 3. JORNAL *Diário Popular*. SP. (30/06/1885), p. 4. JORNAL *A Província de São Paulo.* (23/12/1888), p. 3. SECKLER, Jorge (Org.) – *Almanach do Estado de São Paulo para 1890*. Sétimo Anno. São Paulo. São Paulo: Editor-proprietários Jorge Seckler & Comp, 1890. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (30/04/1898), p. 5.

	Metal Gallia*;* cristais Gallé, Baccarat e Richard; porcelanas de Limoges, Daum.

Fonte: JORNAL *Correio Paulistano*. (23/05/1890), pp. 4. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (23/12/1903), pp. 5. *Ibidem*. (23/12 1909), pp. 14. *Ibidem*. (25/06/1910), pp. 11. *Ibidem*. (21/02/1920), pp. 14. *Ibidem*. (21/12/1922), pp. 1. *Ibidem*. (04/11/1925), pp. 6. *Ibidem*. (30/12/1939), pp. 8.

Jacques Netter, antes de abrir o seu estabelecimento de joias em São Paulo, tinha uma joalheria instalada na cidade de Campinas desde 1872, na Rua Direita nº 37. Nesse período, Emílio Decourt tinha sua relojoaria na mesma rua, no nº 43; posteriormente também se estabeleceu em São Paulo.[601] Outra firma que seguiu o mesmo caminho foi a joalheria Henrique Deutsch & Irmão, vizinha dos citados acima; posteriormente também inaugurou sua loja na Rua São Bento, em São Paulo.[602]

Os jornais, normalmente, apresentavam uma relação de todas as pessoas que embarcavam nos vapores para outros estados ou países. Da mesma forma, era costume apresentar a lista dos objetos e produtos importados do estrangeiro que chegavam na alfândega do porto de Santos, indicando qual o estabelecimento comercial que o havia adquirido. Assim, quando Jacques Netter e sua família embarcaram para a Europa para passar uma longa temporada, foi noticiado. Igualmente, quando ele se hospedou no Hotel de França, na capital paulista. Provavelmente já tinha intenção de abrir um ponto comercial nessa localidade. Dois anos depois, já se anunciava que brevemente iria ser inaugurado o estabelecimento de joias de Jacques Netter, na Rua 15 de Novembro nº 24.[603]

Em junho de 1890, ele inaugurou sua joalheria na capital paulista em frente ao *New London Brasilian Bank*, ao lado da Casa Nagel. Trabalhava com uma grande variedade de joias, relógios para homens e senhoras, além de diversos objetos de arte adquiridos nas principais fábricas de Paris, Alemanha e Suíça.[604]

[601] SILVA, Hypólito da (ed.) – *Almanach popular para o anno de 1878*. 1º Anno. Campinas, SP.: Typ. da Gazeta de Campinas, 1877, pp. 59.
[602] SECKLER, Jorge – *Novo almanach de São Paulo para o anno de 1883*. Guia Administrativo, Commercial e Industrial para as cidades de São Paulo, Santos, Campinas e Rio Claro, acompanhado de uma planta da cidade de São Paulo. São Paulo: Editores Proprietários Jorge Seckler & Cia., 1882.
[603] JORNAL *Correio Paulistano*. (25/05/1880), pp. 2. JORNAL *A Província de São Paulo.* (01/04/1887), pp. 3. JORNAL *Correio Paulistano*. (15/05/1890), pp. 3.
[604] *Ibidem*. (23/05/1890), pp. 4. JORNAL *A Província de São Paulo.* (11/06/1890), pp. 3.

Houve grande aceitação de seus produtos, o que motivou os empregados da Secretaria do Congresso do Estado de São Paulo a adquirirem uma pena de ouro guarnecida de diamantes, para ser oferecida e usada na assinatura da Constituição, na mesa da Assembleia do dia 14 de julho de 1891; esta peça ficou exposta na vitrina da Casa Netter. Netter também fazia parte da Associação Comercial de São Paulo.[605]

Netter entrou com o projeto de uma casa de três andares que seria construída na sua antiga loja, na Rua 15 de Novembro nº 48, para uso misto, com a joalheria no térreo e duas residências independentes nos andares superiores. Nesse final de século a rua era predominantemente comercial, mas ainda conservava o uso residencial nos andares superiores. Ele teria como vizinhos as joalherias de Maurice Grumbach, no n.º 46, e a de Bento Loeb, no n.º 57. A planta estava datada de 30 de novembro de 1895, e foi dada a entrada no requerimento em 10 de janeiro de 1896. O edifício possuía uma fachada concebida dentro do Classicismo eclético, de autoria dos empreiteiros italianos Rossi & Brenni,[606] como podemos ver em duas folhas do processo, na planta baixa dos três pavimentos e da fachada. (Anexo I, fig. 196 e 197)

Jacques Netter inaugurou a nova casa de joias (Anexo I, fig. 198) em 18 de novembro de 1896, e, na noite do evento, ofereceu aos seus amigos, clientes e aos representantes da imprensa uma taça de champanhe. A loja estava muito bem montada, tinha suas armação e vitrinas em canela preta, muito artística, feitas na capital paulista.[607]

Havia o hábito de expor em suas vitrinas as medalhas que seriam confeccionadas para campeonatos, como a grande medalha de ouro com um diamante lapidação brilhante que o *Veloce-Club* ofereceria como prêmio ao vencedor do páreo de honra, Chile-Brasil, na corrida no Velódromo. A joalheria também costumava fazer as inscrições para a lista de corridas inaugurais no Velódromo, como ocorreu com a corrida do Coliseu, quando ficaram expostos os diversos prêmios que a diretoria do evento ofereceria aos vencedores.[608]

---

[605] JORNAL *O Estado de São Paulo.* (14/07/1891), pp. 1. JORNAL *O Commercio de São Paulo*. (05/09/1893), pp. 2.
[606] CAMPOS, Eudes – *Arquivo histórico de São Paulo: história pública da cidade*. São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011, pp. 132-133.
[607] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (19/11/1896), pp. 1. JORNAL *O Commercio de São Paulo*. (19/11/1896), pp. 3.
[608] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (20/05/1897), p. 1. JORNAL *Correio Paulistano*. (26/08/1897), pp. 4.

Devido ao fato de já estar participando de alguma forma desses campeonatos, a Casa Netter passou também a vender bicicletas, instalando esse produto no mesmo endereço, da joalheria. Especializou-se em bicicletas de corrida, possuindo as de passeio para homens, senhoras e crianças; havia também grande sortimento de acessórios e oficina de conserto. A Casa Jacques Netter havia criado o Clube de Bicicletas, em que os associados pagavam um certo valor semanal e, periodicamente, havia sorteios, quando eram entregues as bicicletas aos ganhadores. Assim que o clube foi dissolvido, efetuou-se a entrega das bicicletas aos sócios não premiados, mediante a apresentação do último recibo (50ª semana).



Figura 95. **Jacques Netter, agente depositário da Wolff American High Art Cycles**. [REVISTA *A Bicicleta*. São Paulo, (06/09/1896)]

A casa trabalhava com várias marcas de bicicleta, como a *Cycles Clement*, *Wolff American – High Art Cycles*, sendo Netter seu único agente e depositário, com a qual corriam os melhores corredores da época, Otto, Swift, Fernando e Wolff. Trabalhava também com as marcas *Peugeot*, *Whitworth*, *Torre Piza*, *George H.*, além das bicicletas a petróleo da *Clement*. Jacques Netter transferiu sua loja de bicicletas para a Rua São Bento, onde estava instalado o depósito de bicicletas e acessórios. Em março de 1900, estava em formação seu

4º Club de Bicicletas *Peugeot*, *Whitworth*, *Clement* e acessórios.[609] A casa continuou a vender bicicletas por mais algum tempo.

O jornal *Diário Oficial do Estado de São Paulo* tornou público o resultado da sessão ocorrida em 25 de novembro de 1902, na Junta Comercial, quando foi feito o registro da firma Casa Jacques Netter, devido à mudança do seu ramo de negócio para o comércio exclusivo de joias, relojoaria e prataria.[610]

Jacques Netter ia pessoalmente à Europa para fazer suas compras, efetuadas através da casa de compras de Paris, na Rue du Faubourg Poissonnière n.º 30. As peças importadas seguiam o estilo *Art Nouveau,* eram joias de ouro e prata. A especialidade da joalheria eram os anéis para bacharéis – doutores, médicos, engenheiros, farmacêuticos, entre outros. Havia os objetos de arte próprios para presentear dos principais fabricantes franceses.[611]

Como acontecia com vários funcionários de joalherias, o ex-funcionário de Jacques Netter & Filhos, Emmanuel Bloch, ao sair da empresa se estabeleceu com um depósito de joias por atacado na Rua 15 de Novembro. Jacques Netter foi casado com Fanny Netter, com quem teve sete filhos, Edmond, Fernando, Georges, Lucien, Lucie, Reine e Pierre Netter; alguns deles moravam em Paris. Em fevereiro de 1904, Jacques Netter deu sociedade a seus filhos Fernando e Georges, mudando a razão social para Jacques Netter & Filhos, ficando eles com a gerência da casa situada na Rua 15 de Novembro e de todos os seus negócios.[612]

A Casa forneceu um *brassard*[613] e três artísticas medalhas como prêmios do campeonato que o Club Atlético da Pelota estava disputando. O *brassard*, que prima pela simplicidade, era de cetim branco, tendo no centro o escudo da sociedade bordado em ouro, encimado pela palavra "campeão" e circundado por dois ramos de louro. Ao lado via-se a data de 1905, sob a qual seria colocado o nome do vencedor do torneio daquele ano. As

---

[609] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (15/09/1898), pp. 5. *Ibidem*. (06/12/1898), pp. 5. *Ibidem*. (05/08/1899), pp. 6. JORNAL *A Bicicleta*. *Semanário Cyclistico Illustrado*. São Paulo, (06/09/1896), pp. 5. JORNAL *A Nação*. SP. (19/04/1898), pp. 4. *Ibidem*. (31/01/1899), pp. 3. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (15/11/1899), pp. 3. *Ibidem*. (26/03/1900), pp. 3.
[610] JORNAL *Diário Oficial do Estado de São Paulo*. (07/12/1902), pp. 2567.
[611] JORNAL *O Comércio de São Paulo*. (25/12/1903), pp. 6. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (07/02/1904), pp. 4. *Ibidem*. (30/12/1905), pp. 3. *Ibidem*. (23/12/1909), pp. 14.
[612] JORNAL *Correio Paulistano*. (14/11/1903), pp. 3. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (09/02/1904), pp. 3. *Ibidem*. (06/01/1919), pp. 3. *Ibidem*. (15/08/1968), pp. 19.
[613] *Brassard* – uma faixa usada na manga de um uniforme, normalmente com uma marca de identificação (Google tradutor e definição).

medalhas de primeiro e segundo lugares são de ouro e a terceira é de prata; todas no formato octogonal, destacando-se em um dos lados, em relevo, um pelotari vestido a caráter e de cesta em punho. Em cima estavam as três iniciais do club, CAP, em monograma e sustentando cada medalha, duas correntinhas convergindo para uma pequena argola. O trabalho do *brassard* foi executado por Luciano José Rodrigues e as medalhas foram feitas por Massariol.[614]

Assim como o clube de bicicletas, que na época deu muito certo, Jacques Netter passou a divulgar o Clube de Relógios Humbert-Ramus, onde os interessados se associavam mediante o pagamento semanal de 10 francos, podendo escolher o relógio de ouro 18 k após o pagamento de no mínimo trinta e três semanas. Eles eram os únicos agentes dessa marca de relógio Humbert-Ramus – premiado na Exposição de Paris de 1867; em Chaux de Fonds 1881; e com Medalha de Ouro na Exposição de Paris de 1889.[615]

Jacques Netter & Filhos contribuíam com várias instituições beneficentes, uma delas foi a doação de 6 broches de prata, cigarreira de celuloide, 3 lapiseiras plaqué, 2 canetas de prata e 6 alfinetes de gravata para a comissão encarregada de angariar donativos para as festas de 14 de julho. Esta recebeu muitas prendas de comerciantes de várias áreas de negócios.[616]

Após chegar da Europa, onde Fernando Netter havia ido fazer compras para a Casa Netter, convidavam todos os clientes para conhecer o novo estoque, uma das novidades era o grande sortimento de broches, anéis e alfinetes em estilo *Art Nouveau*. A especialidade da casa eram os anéis de bacharéis, doutores, médicos, engenheiros, farmacêuticos, entre outros.[617] Um presente que ficou exposto na vitrina da Casa Netter foi o mimo que os funcionários dos serviços postais resolveram dar a seu colega que estaria completando 39 anos na empresa. Era um relógio e corrente de ouro com um medalhão com seis diamantes, onde estava gravada uma expressiva dedicatória.[618]

---

[614] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (29/12/1905), pp. 3.
[615] *Ibidem.* (28/04/1906), pp. 5. REVISTA *São Paulo Magazine*. (15/06/1906).
[616] JORNAL *Commercio de São Paulo*. (20/06/1908), pp. 2.
[617] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (23/12/1909), pp. 14.
[618] *Ibidem.* (24/11/1910), pp. 7.

Devido ao sucesso dos clubes de bicicleta e de relógios, a casa lançou, uns anos depois, o clube de serviços de chá e lavatório Gallia e faqueiro Alfenide, que dizia ser o único metal comparável à prata. A casa orientava aos interessados a retirarem o regulamento e o catálogo na joalheria. O ano seguinte se iniciou também o clube de joias, podendo o associado escolher entre as peças vendidas na loja até 300$000 réis, mediante o pagamento semanal de 12$000 réis. As peças que participavam do sorteio semanal ficavam expostas nas vitrinas da Casa Netter, como a baixela de 8 peças da Metal Gallia, formada por travessas ovais e redondas, molheira, sopeira e legumeira com prato, conforme apareceu em um anúncio da casa (Anexo I, fig. 199); e o gomil e bacia no mesmo material, Metal Gallia, que era apresentado em vários modelos (Anexo I, fig. 200).[619]



Figura 96. **Casa Netter**. Neste anúncio podemos observar que os modelos dos talheres correspondem aos apresentados na foto infra. [REVISTA *A Cigarra*. (30/03/1914)].

No anúncio da Casa Netter de 1914 (fig. 96), observa-se que o modelo de talher apresentado do lado direito corresponde ao par de talheres de uma coleção particular (conforme a figura 97).

A Casa Netter manteve-se no endereço até aproximadamente 1936, quando então mudou para a esquina da Rua 15 de Novembro com a Rua 3 de Dezembro,[620] provavelmente

[619] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (07/08/1908), pp. 6. *Ibidem*. (28/07/1909), pp. 11. *Ibidem*. (12/04/1910), pp. 9. *Ibidem*. (25/06/1910), pp. 11.
[620] *Ibidem*. (20/12/1936), pp. 11. *Ibidem*. (18/12/1941), pp. 5.

no mesmo local onde no início do século estava instalada a joalheria de Maurice Grumbach. Seu último anúncio aconteceu em 18 de dezembro de 1941, no jornal *O Estado de São Paulo*.



Figura 97. **Par de antigos talheres da Casa Netter**, em de prata 90, manufatura Alfenide, colher para sopa e garfo. Medidas aproximadas colher 21 x 4, 5 cm e garfo 21 x 3 cm. [Acervo particular]

LUIZ BAMBERG

TABELA XVIII – Luiz Bamberg

JOALHERIA	*Joalheria e Relojoaria Luiz Bamberg*
PROPRIETÁRIO	Luiz Frederico Bamberg; depois de seu falecimento, Luiz Bamberg Júnior, seu filho.
PERÍODO DE ATIVIDADE	1858-1921
LOCALIZAÇÃO	Rua do Ouvidor, 17; Rua do Rosário, 55; Rua Imperatriz, 11; Praça Antônio Prado, 10; Rua 15 de Novembro, 14.
COMÉRCIO	Artigos de ótica; joias; relógios.
GEMAS	Diamantes; diamantes de primeira água; esmeraldas; pérolas; rubis do Oriente; safiras.
JOIAS	Adereços; alfinetes; anéis; anéis para bacharéis; barretes; berloques; botões de punhos e peito; brincos broches; colares; correntes de relógio de ouro e platina para homens; *pendentifs* com discos; pulseiras.
RELÓGIOS	Despertadores; relógios de mesa e de parede; relógios para senhoras com cravação de diamantes e esmalte estilo *Art Nouveau;* relógios para homens de ouro, prata, aço e níquel; relógios de repetição; cronômetros; marcas conhecidas, *Patek Philippe & C.*; *International Watch*; *Longines*; *Omega*; *Humbert Ramuz*.

OBJETOS DE ARTE	Artigos de prata e metal branco; bandejas; caixas de música; candelabros; castiçais; cigarreiras; faqueiros; fruteiras; galheteiros; garrafas; jardineiras; leques para senhoras; licoreiros; manteigueiras; pratos para parede de porcelana; serviço para batizado, escritório, lavatório, chá e café; sinetes; tinteiros; vasos; xícaras.

Fonte: JORNAL *Correio Paulistano*. (19/02/1858), pp. 4. SECKLER, Jorge (org.) – *Almanach do Estado de São Paulo para 1890*. Sétimo Anno. São Paulo: Jorge Seckler & Comp. Editores/proprietários, 1890, pp. 36. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (23/12/1909), pp. 14. *Ibidem*. (18/12/1910), pp. 9.

Alemão protestante, Luiz Bamberg foi casado com Maria Elysa Elvira Wehrsig. Chegou ao Rio de Janeiro em 1856, onde passou dois anos, antes de abrir sua loja em São Paulo; trouxe com ele algum capital, o que lhe permitiu comprar um imóvel na Rua do Rosário, onde permaneceu durante anos. Luiz Bamberg inaugurou sua relojoaria em 1858, primeiramente na Rua do Ouvidor, onde possuía uma oficina que fazia qualquer tipo de conserto. Em 1859, mudou sua loja para a Rua do Rosário. A relojoaria mudou de endereço para a Rua Imperatriz, e a residência do casal ficava no andar superior à loja (fig. 98).[621]



Figura 98. **Casa Bamberg**. Rua 15 de Novembro, esquina com Ladeira João Alfredo. Homens com chapéus, mulheres usando vestidos longos, jornaleiros e muitos grupos conversando na rua: a cena mostra o intenso trânsito de pessoas numa das esquinas do largo do tesouro, em São Paulo. Pode-se identificar nos letreiros uma loja de artigos para presentes e uma charutaria (anterior a 1909). [Foto: autor desconhecido. Acervo Departamento do Patrimônio Histórico, São Paulo]

[621] JORNAL *Correio Paulistano*. (19/02/1858), pp. 4. *Ibidem*. (24/11/1865), pp. 3 SIRIANI. Silvia Cristina Lambert – *Uma São Paulo alemã: vida cotidiana dos imigrantes germânicos na região da capital (1827-1889)*. São Paulo: IMESP, 2003, pp. 151]. JORNAL *Correio Paulistano*. (15/07/1859), pp. 4.

Inicialmente seu produto e serviço principal era a venda e manutenção de relógios; com o passar dos anos passou a vender lentes, aparelhos ópticos e joias. Juntamente com outros imigrantes alemães, Luiz requereu a concessão de um terreno, para a construção de um cemitério para os protestantes, em uma Assembleia Legislativa Provincial, na 26ª Sessão Ordinária ocorrida em 8 de julho de 1867, que acabou sendo deferida; ficou ao encargo dos requerentes as custas da preparação do cemitério.[622]

Em 1875, faleceu Maria Elysa Elvira Wehrsig, deixando órfãos os 8 filhos do casal. Com os negócios dando lucro, Luiz Bamberg enviou para estudar na Alemanha seus três filhos mais velhos. Numa secção com notícias de São Paulo, o *Jornal do Recife* do dia 10 de setembro de 1878 relatou que Luiz Bamberg Júnior, aos 16 anos, filho de relojoeiro alemão, recebeu o 1º Prêmio, conferido por seus exames quando foi aluno do 1º ano da escola da relojoaria em Genebra, na Suíça.[623]

Luiz Bamberg faleceu em 1880, e seu filho Luiz B. Júnior, na época com cerca de 20 anos, passou a administrar a loja, seguindo os passos paternos. Após a morte do patriarca, o patrimônio familiar foi avaliado em 70 contos. No seu inventário, observou-se que a família vivia de forma confortável, com mobília refinada, como móveis de jacarandá avaliados em Rs. 280$000, além de espelhos de cristal, um piano tipo armário e numerosos livros, indicando elevado padrão cultural. Apesar da sala de jantar ter uma decoração caprichada, existia em um dos cantos do cômodo uma máquina de costura, o que conferia ao espaço uma função mais doméstica e privada, em vez de um ambiente de sociabilidade pública. Nos quartos havia camas francesas, lavatórios com tampos de mármore, cômodas, espelhos e guarda-roupas; tinham mais móveis do que muitas famílias possuíam em suas casas inteiras.[624]

A Casa esteve provisoriamente na Praça Antônio Prado (Palacete Briccola), durante a reconstrução de seu prédio na Rua 15 de Novembro, pois Luiz Bamberg Júnior foi obrigado pela prefeitura a demolir a antiga edificação de taipa onde a loja estava instalada. Foi erguido

[622] JORNAL *Correio Paulistano*. (26/07/1867), pp. 3.
[623] *Ibidem*. (14/07/1875), pp. 4. JORNAL *do Recife*. (10/09/1878), pp. 1.
[624] SIRIANI, Silvia Cristina Lambert – *Uma São Paulo alemã: vida cotidiana dos imigrantes germânicos na região da capital (1827-1889)*. São Paulo: Imesp, 2003, pp.151

então o Palacete Bamberg (fig. 99), com 290 m², três andares, sótão, subsolo e elevador. O projeto do arquiteto suíço Carlos Ekman propunha o sistema de estrutura metálica e revestimento dos pilares do pavimento térreo com mármore; não seguia o estilo *Jugendstil*, do qual Ekman era adepto, mas suas linhas mais retas estavam mais próximas ao ecletismo. Nos quatro andares, além da joalheria, havia várias salas, que eram alugadas para consultórios médicos e dentários, escritórios, companhias, entre outros.[625]



Figura 99. **Palacete Bamberg.** São Paulo, Largo do Tesouro, paisagem urbana, vista parcial, diurna, edificação comercial: lotérica, bonde elétrico, transeunte, anúncio, arborização urbana. 14 cm x 8,9 cm. Edição da papelaria – Cardozo Filho & Co. Época: 22/06/1912 [Coleção: Fundo Museu Paulista – FMP. Acervo do Museu Paulista USP. Foto: Hélio Nobre/José Rosael]

Com relação à relojoaria, após a morte do pai, Luiz Bamberg Júnior pagou as dívidas deixadas abertas, pagou a herança dos irmãos e permaneceu com a loja por cerca de duas décadas. No entanto, após uma série de dificuldades financeiras, concluiu o pedido de falência em 26 de agosto de 1927 (a concordata havia sido iniciada em 1925). O último

[625] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (13/06/1909), pp. 12. *Ibidem*. (23/12/1909), pp. 14. *Ibidem*. (18/12/1910), pp. 9. *Ibidem*. (17/12/1910), pp. 9. BARBUY, Heloisa – *A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914.* São Paulo: Edusp, 2006, pp. 135-136. JORNAL *Correio Paulistano*. (05/12/1909), pp. 9. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (17/05/1911), pp. 11. *Ibidem*. (18/12/1911), pp. 8.

anúncio da casa Luiz Bamberg Júnior *& C*. – Bijuteria, Relojoaria e Ótica, Rua 15 de Novembro, 14, ocorreu em 15 de novembro de 1921.[626]

LUIZ SUPLICY

TABELA XIX – Luiz Suplicy

JOALHERIA	*Suplicy & Irmão*[627] (RJ) – *Luiz Suplicy* (SP)
PROPRIETÁRIO	Luiz Suplicy
PERÍODO DE ATIVIDADE	1847-1865
LOCALIZAÇÃO – RIO de JANEIRO	Rua de São Pedro, 104 (período do II Reinado, 1847-c. 1850).
LOCALIZAÇÃO – SÃO PAULO	Rua do Rosário, 26; Rua da Imperatriz, s/nº.
COMÉRCIO	Joias de objetos de ouro e prata.
JOIAS	Não existe referência quanto às tipologias por ele vendidas
OBJETOS DE PRATA	Não existe referência quanto aos artigos comercializados.

Fonte: JORNAL *Correio Paulistano*. (16/01/1856)

No ano de 1847, Luiz Suplicy estava estabelecido na então Corte Imperial com uma ourivesaria, a Suplicy & Irmão, localizada na Rua de São Pedro, conforme consta no *Almanaque Laemmert*,[628] na lista que relaciona as ourivesarias do Rio de Janeiro. A firma esteve presente na lista até o ano de 1849.

---

[626] JORNAL *Correio Paulistano*. (06/11/1925), pp. 9. JORNAL *Correio Paulistano*. (04/09/1927), pp. 11. REVISTA *Illustração Brasileira*. (15/11/1921).

[627] LAEMMERT, Eduardo (org.) – *Almanak administrativo, mercantil e industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para 1847.* Rio de Janeiro: Casa dos Editores-proprietários Eduardo e Henrique Laemmert, 1847, pp. 399. LAEMMERT, Eduardo (org.) – *Almanak administrativo, mercantil e industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para 1848.* Rio de Janeiro: Casa dos Editores-proprietários Eduardo e Henrique Laemmert, 1848, pp. 463. LAEMMERT, Eduardo (org.) – *Almanak administrativo, mercantil e industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para 1849.* Rio de Janeiro: Casa dos Editores-proprietários Eduardo e Henrique Laemmert, 1849, pp. 359.

[628] LAEMMERT, Eduardo (org.) – *Almanak administrativo, mercantil e industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para 1847.* Rio de Janeiro: Casa dos Editores-proprietários Eduardo e Henrique Laemmert, 1847, pp. 399. LAEMMERT, Eduardo (org.) – *Almanak administrativo, mercantil e industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para 1848.* Rio de Janeiro: Casa dos Editores-proprietários Eduardo e Henrique

Em São Paulo, Suplicy já tinha sua loja de ourives na Rua do Rosário n.º 26, em fevereiro de 1855, com um completo sortimento de objetos de ouro, prata e diamante. Nesse período, alguns especuladores mascates que vendiam objetos dessa ordem no interior da província, se aproveitando da fama da joalheria, afirmavam pertencer à Casa Suplicy, conforme era conhecida. Ao saber do fato, Luiz declarou através de jornais que o único encarregado de vender os objetos de sua loja era Augusto Biallé,[629] que após sete meses foi exonerado, não tendo mais ninguém que fizesse o serviço externo para a ourivesaria. Consta que em 1858 Luiz Suplicy foi multado por abrir sua loja aos domingos.[630]

No ano de 1864, ele comprou um sobrado na Rua Imperatriz – o que demonstra ter ele uma economia consolidada – com cinco portas no térreo e cinco janelas no primeiro andar; lá montou a loja e morou até seu falecimento, em agosto de 1865. Não há referências exatas quanto ao período em que ele esteve estabelecido em São Paulo. O que se sabe é que, após a morte de Luiz Suplicy (Louis Jean Joseph Suplicy 06/03/1803 – 18/08/1865), sua esposa, Thereza Suplicy, assumiu a joalheria. Seus filhos Hypólito e Eugênio abriram seus próprios negócios, e mais tarde foi a vez de João ter sua joalheria.[631]

MAURICE GRUMBACH

TABELA XX – *La Pendule Suisse* – Maurice Grumbach

JOALHERIA	*La Pendula Suisse* – Relojoaria e joalheria Maurice Grumbach & Comp.

Laemmert, 1848, pp. 463. LAEMMERT, Eduardo (org.) – *Almanak administrativo, mercantil e industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para 1849.* Rio de Janeiro: Casa dos Editores-proprietários Eduardo e Henrique Laemmert, 1849, pp. 359.

[629] Havia entre os imigrantes franceses o hábito de contratar compatriotas, o que provavelmente deve ter acontecido com este funcionário, que, pelo sobrenome, nos permite supor que fosse francês. BIVAR, Vanessa Santos – *Vivre à St. Paulo: os imigrantes franceses na São Paulo oitocentista. São Paulo*: [s.n.], 2008. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras, Ciências e História. Universidade de São Paulo, pp. 282.

[630]JORNAL *Correio Paulistano*. (25/01/1856), pp. 3. *Ibidem*. (16/05/1856), pp. 3. BRANCANTE, Maria Helena – *Os ourives: na história de São Paulo*. São Paulo: Árvore da Terra, 1999, pp. 165.

[631] BIVAR, Vanessa Santos – *Vivre à St. Paulo: os imigrantes franceses na São Paulo oitocentista*. São Paulo: [s.n.], 2008. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras, Ciências e História. Universidade de São Paulo, pp. 282-284. BRASIL Casamentos, 1730-1955. *In Family Search.* Disponível em: https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:XNPR-LBC. Acesso em:12/04/2016.

PROPRIETÁRIO	*La Pendule Suisse* – Maurice Grumbach – Socios: Louis Kahn, Fernand Aron, Isidore Aron e Michael Aron.
PERÍODO DE ATIVIDADE	1879 (fundação) – 1958
LOCALIZAÇÃO	Rua 15 de Novembro, 46 (até c. 1928); Rua São Bento, 59; e a partir de 1945, também na Rua Barão de Itapetininga, 267; Largo do Paissandu, 72, 3º andar, conj. 301 (c. 1958). Filial no Rio de Janeiro (Rua do Hospício, 71); Paris (Cité Trevise, 11 bis); Suíça (Chaux-de-Fonds); Nova York (Mercer Street) e Alemanha (Pforzheim)
COMÉRCIO	Importação de joias; pedras preciosas; relógios, fornituras e ferramentas para ourives e relojoeiros, barômetros; binóculos; bússolas; microscópios; monóculos; artigos de ótica: óculos; pince-*nez* de ouro, prata e metal com ou sem aros; telescópios; termômetros.
GEMAS	Diamantes e outras gemas.
JOIAS	Alfinetes de prata e ouro; anéis; berloques de ouro 18 k; broches; colares de pérolas; correntes de ouro.
RELÓGIOS	Relógios de ouro, prata e metal de algibeira para médicos, para banhos, para corridas, de parede e de mesa; relógio de bolso *Aurea*; *Patek Philippe & C.*; *Norabel*, *Oris*, *Kienzle*, *G.R. Roskopf* e *Roskopf-Patent*.
OBJETOS DE PRATA	Caixas para joias; candelabros; canetas *Parker;* cristais finos; isqueiros *Dunhill;* jarras; serviços para chá, para lavatório; porcelanas chinesas; pratas portuguesas.

Fonte: JORNAL *A Província de São Paulo*. (07/12/1884), pp. 3. JORNAL *Diário Popular*. SP. (02/01/1885), pp. 3. JORNAL *Correio Paulistano*. (17/01/1885), pp. 3. JORNAL *A Província de São Paulo*. (25/12/1888), pp. 5. SECKLER, Jorge (org.) – *Almanach do Estado de São Paulo para 1890*. Sétimo Anno. São Paulo: Editor-proprietários Jorge Seckler & Comp. 1890, pp. 59. JORNAL *O Estado de São Paulo*, (07/02/1905), pp. 3. REVISTA *R & J.* Publicação especializada em relógios, joias e bijuterias. SP. (dez./1958), pp. 11.

Maurice Grumbach fundou a sua casa de joias e relógios, *La Pendule Suisse,* em 1879, na Rua 15 de Novembro, esquina com a Rua Boa Vista,[632] com oficina de relojoeiros e ourives. As vendas eram feitas por atacado e a varejo, com liquidações anuais realizadas no mês de dezembro. No ano de 1883, já comercializava relógios impermeáveis que trabalhavam dentro d'água e relógios com movimento perpétuo e contínuo, de invenção Suíça e fabricados em Chaux-de-Fonds. Ele ia pessoalmente à Europa para compra de joias

[632] Atualmente é a Rua 3 de Dezembro.

e demais gêneros de seu negócio; eram peças francesas e alemãs, com diamantes e gemas. Também dispunha de correspondentes em pontos da Europa e da América do Norte. Fazia qualquer encomenda mediante módica comissão, garantindo a fiel execução do pedido. Na Província de São Paulo, a casa era depositária dos afamados relógios *Patek Philippe & C*.[633]

Os artigos importados e comercializados na joalheria chegavam todos os meses pelo transporte marítimo, como no caso do vapor inglês *Trent*, de Southampton (Reino Unido), que aportou no porto do Rio de Janeiro e de Santos, trazendo todos os tipos de mercadorias – caixas com relógios, caixas de ferramentas de relojoeiro, caixas de joias, entre outras – para a *Pendule Suisse* e outros joalheiros. A casa possuía uma filial no Rio de Janeiro, na Rua do Hospício, e uma casa de compras em Paris, à Cité Trevise, 11 bis.[634] Maurice fez parte da *Sociétè Française 14 Juillet – Sociétè de Bienfaisance*, fundada em 14 de julho de 1881, no exercício 1882-1883, como tesoureiro.[635]

Em dezembro de 1885, um cronista explanava sobre as festas de Natal e Ano-Novo, bem como o comércio no centro da capital paulistana, enaltecendo o luxo e a elegância de determinadas lojas localizadas no centro comercial do Triângulo, aonde a elite se dirigia para fazer suas compras. Ele mencionava a joalheria a *Pendule Suisse*, salientando que esta possuía em suas vitrinas e balcões profusos artigos, dignos de nota pela sua riqueza, gosto artístico e qualidade. Rivalizando com essa casa estava a então recém-inaugurada Pendula de Confiança, de Raphael & Meclis, que reunia peças atraentes em ourivesaria e relojoaria, chamando a atenção do público. Com um sortimento de joias principescas, capazes de satisfazer as maiores exigências, estava a Casa de Confiança, de J. Silberberg & A. Mühlrad, fornecedores de suas altezas imperiais, o Conde e a Condessa d'Eu. Outras casas se destacavam por seus artigos requintados, como serviços para chá, candelabros, jarras, caixas

---

[633] JORNAL *A Província de São Paulo*. (22/12/1880), pp. 3. SECKLER, Jorge - *Almanach da Província de São Paulo administrativo, commercial e industrial para 1888*. Sexto Anno. São Paulo: Jorge Seckler & Comp. 1887, pp. 25. JORNAL *A Província de São Paulo*. (15/11/1881), pp. 3. *Ibidem*. (29/12/1883), pp. 3 e 4. JORNAL *A Província de São Paulo*. (07/12/1884), pp. 3. JORNAL *Diário Popular*. São Paulo. (02/01/1885), pp. 3.

[634] JORNAL *A Província de São Paulo*. (23/07/1887), pp. 3. SAUER, Arthur (org.) – *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro e indicador para 1896*. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brazil. 1896.

[635] SECKLER, Jorge – *Novo almanach de São Paulo para o anno de 1883*. Guia Administrativo, Commercial e Industrial para as cidades de São Paulo, Santos, Campinas e Rio Claro, acompanhado de uma planta da cidade de São Paulo. São Paulo: Editores/Proprietários Jorge Seckler & Cia., 1882, pp. 124. JORNAL *Correio Paulistano.* (06/09/1882), pp. 3.

para joias, entre outros. Uma novidade para a época foi a pulseiras de prata *Oudja*, que segundo os egípcios era a única que trazia felicidade, saúde, fortuna e prosperidade. A casa também anunciava joias feitas em grão de café.[636]

Para o Jubileu do Papa Leão XIII, duas peças ficaram expostas na Casa Garraux e posteriormente foram enviadas pelos funcionários católicos da linha férrea inglesa para presentear o Papa. O ourives Maurice Grumbach juntamente com o gravador Rosencrantz executaram trabalhos na secretária à moda *bureau-ministre* e em uma cadeira, para torná-las mais preciosas; as peças haviam sido fabricadas por Rodolpho Scholtz, que se revelava pelo talento artístico.[637]

A casa confeccionou e expôs um cartão de prata, encomendado pela maçonaria de São Paulo para ser oferecido aos oficiais chilenos. No alto do cartão estavam entrelaçadas as bandeiras do Chile e do Brasil, sendo a chilena gravada com um rubi, um diamante e uma safira, e a brasileira trazia uma esmeralda e um topázio com a seguinte inscrição: "À confraternização Sul-Americana – A Maçonaria de S. Paulo – Gr. Or. Do Brasil.[638]



Figura 100. **Anúncio Maurice Grumbach. [**SECKLER, Jorge (org.) – *Almanach do Estado de São Paulo para 1890*. Sétimo Anno. São Paulo: Editor-proprietários Jorge Seckler & Comp. 1890, pp. 59]

[636] JORNAL *Diário Popular*. São Paulo. (24/12/1885), pp. 1 e 3. *Ibidem*. (29/03/1886), pp. 3. *Ibidem*. (11/06/1886), pp. 3.
[637] JORNAL *A Província de São Paulo*. (23/11/1887), pp. 2.
[638] *Ibidem*. (20/05/1897), pp. 1.

Na Exposição Universal de Paris em 1889, a Casa *La Pendule Suisse* recebeu Menção Honrosa. Nesse ano, Maurice tinha como sócios Louis Kahn, Fernand Aron e Isidore Aron na firma *Maurice Grumbach & Comp.* Em julho de 1890, entrou para a sociedade um antigo colaborador, Georges Goetschel. Em agosto 1896, a firma declarou ter um capital de Rs. 253:718$230, quando expandiu suas filiais no Rio de Janeiro, Rua do Hospício n.º 71; em Paris, na Cité Trevise, 11 bis; Chaux-de-Fonds (Suíça); Nova York, na Mercer Street, 153; e em Pforzheim (Alemanha).[639]

Entre 1903 e 1905, a joalheria passou por reformas, acompanhando a remodelação urbana da cidade com correção de ruas, sendo que a Casa Grumbach perdeu parte de seu imóvel.[640] (Anexo I, fig. 201 e 202)



Figura 101. **Casa Grumbach** – ao centro o prédio assobradado da ourivesaria Maurice Grumbach; à direita, vê-se a entrada do Banco Brasileiro e Alemão; à esquerda, ao lado da Casa Grumbach, na Rua 15 de Novembro, ficava a Casa Levy; ao lado desta, a casa de joias de Jacques Netter. [Foto: Aurélio Becherini, 1915. Iconografia Arquivo do Estado. Acervo Fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo]

[639] SECKLER, Jorge (org.) – *Almanach do Estado de São Paulo para 1890*. 7.º Anno. São Paulo: Editor/proprietários J. Seckler & Comp. 1889, pp. 59. JORNAL *Diário Popular*. SP. (17/12/1889), pp. 4. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (29/12/1889), pp. 4. JORNAL Correio Paulistano. (20/06/1890), pp. 4. JORNAL *O Mercantil*. SP. (22/07/1890), pp. 3. *Ibidem*. (12/08/1890), pp. 2. SAUER, Arthur (org.) – *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro e indicador para 1896. 53º Anno*. Capital Federal: Companhia Typ. do Brazil. 1896, pp. 867. THORMAN, Canuto (org.) – *Almanak administrativo, commercial e profissional no Estado de São Paulo* para 1897, incluindo Indicador da Capital, 11º Ano. São Paulo: Typ. Aurora, 1897, pp. 33.

[640] BARBUY, Heloisa – *A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914.* São Paulo: EDUSP, 2006, pp. 137.

Maurice Grumbach foi integrante de um grupo de negociantes franceses originários da Alsácia-Lorena, entre eles estava um provável parente seu, Lazare, dono da Casa L. Grumbach, que comercializava artigos de decoração, pratarias, porcelanas, estabelecido na Rua São Bento. Nesse grupo havia muitos ourives, entre os quais os Irmãos Worms, da Casa Michel, que será estudada no Capítulo IV. Esse grupo de ourives e negociantes franceses foi aos poucos desaparecendo, alguns levados pela morte, outros retornando à França, o restante se retirando do comércio pela aposentadoria. Após o falecimento de Maurice Grumbach, a firma ficou sob a direção de Michael Aron; Fernand Aron retirou-se temporariamente para a Europa, fixando-se em Paris, na Rue Laffite, 15.[641]

A Casa Grumbach de Aron Irmãos & Cia. executou um serviço para a Universidade de São Paulo (como se pode ver na fatura referente a 24 de abril de 1914, no Anexo I, fig. 203). Em março de 1917, sob a firma de Aron Irmãos & Comp, a Casa Grumbach continuava com casa em Paris, na Rue Faubourg Montmartre, 61, e em Chaux de Fonds (Suíça). Eles se diziam os únicos importadores dos afamados relógios *Aurea* e *Roskopf Patent*.[642]

A joalheria Grumbach executou e expôs em sua loja um conjunto de peças de arte para homenagear os aviadores portugueses do hidroavião *Argus*, que fizera a travessia do Oceano Atlântico. O conjunto era constituído pelos distintivos de piloto, de observador e de mecânico, que mesmo estilizados seguiam o padrão do desenho oficial português, enriquecidos de ouro patinado e esmalte, com uma inscrição de saudação aos heróis aviadores sobre pergaminho encimada pelas armas portuguesas. Nos quatro ângulos ficavam os emblemas das categorias dos dois pilotos, do observador e do mecânico do hidroavião. Na iluminura via-se o *Argus* rompendo o espaço com gaivotas em revoada, emoldurando o texto sobre a heráldica Cruz de Cristo vermelha sobre fundo de ouro. Abaixo do texto encontravam-se as assinaturas dos que os homenageavam. Abaixo, via-se o escudo da cidade de São Paulo envolto por galhos de café em frutos. O escrínio de jacarandá da Bahia, marchetado de várias madeiras nacionais, que guardava a mensagem, havia sido executado

[641] Texto do Acervo Artístico e Cultural da Prefeitura de São Paulo – Secretaria Municipal de Cultura. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (02/04/1906), pp. 3.
[642] JORNAL *do Comercio*. SP. (29/03/1917), pp. 13. REVISTA *Feminina.* SP. (out./1923).

nas oficinas do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Theodoro Braga executou os desenhos das joias e do estojo.[643]

Em julho de 1928, a Aron & Cia inaugurou sua nova loja, na Rua São Bento n.º 59, com uma recepção para a sociedade paulistana e a imprensa (fig. 102). Continuava ativa, como joalheria, relojoaria e objetos de arte, também na Rua Barão de Itapetininga. Nesse período trabalhava com joias que denominava de "modernas", berloques de ouro 18 k, relógios, pratas portuguesas, porcelanas chinesas, cristais finos, isqueiros *Dunhill*, canetas *Parker*, entre outros artigos para presente.[644]



Figura 102. **Casa Grumbach** – **dia da inauguração** em dois momentos. [REVISTA *A Cigarra*. (jul./1928)]

Aron S.A. Joias e Relógios, em 1958, estava localizada no Largo Paissandu. Trabalhava com artigos de ouro e prata; bijuteria; ótica; despertadores e relógios das marcas *Record*, *Áurea*, *Norabel*, *Oris*, *Kienzle*, *G.R. Roskopf* e *Roskopf-Patent*.[645] Depois dessa data não se teve mais notícias.

PEDRO CHIQUET

TABELA XXI – Pedro Chiquet

JOALHERIA	*Pedro Chiquet*

[643] JORNAL *A Gazeta*. SP. (02/04/1927), pp. 4.
[644] REVISTA *A Cigarra*. (jul./1928). REVISTA *Il Pasquino Coloniale*. SP. (18/12/1935), pp. 123. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (21/12/1945), pp. 6.
[645] REVISTA *R & J.* Publicação especializada em relógios, joias e bijuterias. SP. (dez./1958), pp.11.

PROPRIETÁRIO	Pierre Chiquet
PERÍODO DE ATIVIDADE	1870-1889
LOCALIZAÇÃO	Rua 15 de Novembro, 52.
COMÉRCIO	Joias em ouro, prata, plaquê e gemas.
GEMAS	Diamantes; esmeraldas; safiras; ônix; rubi; turquesa.
JOIAS	Adereços e meios-adereços para senhoras e meninas; abotoaduras de punho e de peito; alfinetes para cabelos; alfinetes para retratos; anéis (duquesa) com diamantes e outras gemas; bichas de parafuso; botões de punho e de peito; brincos; colares para jovens e senhoras; colares que poderiam servir de pulseira; correntes de ouro, prata e plaquê; diademas; medalhas; pulseiras.
RELÓGIOS	Relógios para homens e para mulheres; relógios de parede e mesa.
OBJETOS DE PRATA	Objetos de decoração e utilitários.

Fonte: JORNAL *A Província de São Paulo*. (15/11/1878), pp. 3. JORNAL *Diário Popular*. SP. (07/04/1886), pp. 3. *Ibidem.* (24/12/1887), pp. 4. *Ibidem.* (18/11/1889), pp. 3.

Pedro Chiquet, súdito francês, ourives/joalheiro, em janeiro de 1870, já se encontrava estabelecido na Rua 15 de Novembro. Recebia através dos paquetes vindos da Europa um variado sortimento de brincos, colares, pulseiras, correntes de ouro, prata e plaqué, alfinetes para retratos e botões de punho, especialmente de Paris. Sua oficina se encarregava de qualquer obra de sua arte. Comprava ouro e diamantes. Esteve exposto no mostruário da ourivesaria um resplendor de prata cravejado de gemas destinado à imagem de Nossa Senhora das Dores, de Pirapora. Esse trabalho, executado pelo artista Manoel Antônio dos Santos, foi o produto de esmolas obtidas para esse fim na Cidade de Poços de Caldas, que havia sido organizado por uma devota, Maria de Aguiar e Castro.[646]

Amélia Chiquet, esposa de Pedro Chiquet, faleceu em 10 de junho, aos 33 anos, de tuberculose. Seu filho, Pedro C. Júnior, retornou para São Paulo após três anos de estadia em Paris, onde estudou no Colégio Chaptal (Colégio de Ciências), recebendo muitos

[646] JORNAL *Correio Paulistano*. (08/01/1870), pp. 3. JORNAL *A Província de São Paulo*. (25/03/1876), pp. 3.

certificados.[647] Além de ser joalheiro, fabricante de joias, Pedro Jr. abriu uma oficina de relojoaria dirigida por Clemente Boulte, discípulo da Escola de Relojoaria de Genebra, Suíça, oficial da Casa Breguet, de Paris, de Londres e das principais cidades dos Estados Unidos da América do Norte.[648]

Em sua *Chronica Semanal* de abril de 1886, o cronista Don Gigadas el Crico registrou que a Câmara Municipal de São Paulo, na pessoa do vereador Antônio da Costa Moreira, propôs a criação de um Livro de Ouro em que seriam inseridos os nomes dos que levariam donativos para a emancipação do município – essa proposta foi aprovada por unanimidade. O trabalho artístico foi executado em prata lavrada, mostrando que o joalheiro Chiquet era um verdadeiro *ouvrier*. Suas dimensões eram de 46 cm de altura por 34 cm de largura; continha diversas folhas internas, sendo que em uma delas havia as assinaturas do chefe do Estado e de sua família.

O livro estava encadernado em veludo carmesim com fecho de prata; na frente da capa havia uma moldura em prata oxidada e ouro, sendo que, nos cantos, os ângulos abertos que continham uma grande coroa imperial eram em prata polida, encimando um escudo em prata oxidada no qual se lia, em letras góticas (abertas a buril): "Livro de Honra da capital da província de São Paulo – 1886". O escudo era bipartido na diagonal por uma faixa prata fosca, com as palavras *Ave libertos* em caracteres de ouro. Coroa e escudo estavam circundados por ramos de café e fumo feitos de prata dourada, presos inferiormente por um laço onde estava gravado o nome do ofertante. A parte posterior da capa era assentada em quatro maçanetas de prata. O cronista ainda comentou ter visto um broche representando uma folha mimosamente esculpida e trabalhada com diamantes de lapidação brilhante.[649]

Don Gigadas el Crico destacou outra peça de Chiquet, dessa vez foi um adereço de diamantes lapidação brilhante em que os brincos eram formados por duas admiráveis pérolas rodeadas de diamantes, causando um efeito que atraía todos. Ele enfatizou que tal adereço poderia ser comparado aos melhores já vistos fora do país. Chiquet produzia, em sua oficina, peças de joalheria a partir de desenhos e modelos vindos todos os meses do exterior, com as

[647] JORNAL *A Província de São Paulo*. (22/03/1877), pp. 2. *Ibidem*, (06/04/1877), pp. 3. *Ibidem*. (14/06/1878), pp. 2. *Ibidem*. (26/05/1883), pp. 2.
[648] JORNAL *Diário Popular*. SP. (28/12/1885), pp. 3.
[649] JORNAL *A Província de São Paulo*. (28/04/1886), pp. 2. *Ibidem*. (04/05/1886), pp. 1.

novidades que apareciam no mercado estrangeiro, e promovia exposição dessas joias.[650] Tal fato mostra que em 1889 já havia uma importante importação de desenhos de peças de joalheria, e não somente da produção. Pedro Chiquet faleceu no final de maio de 1902. Seu filho não continuou com o negócio, uma vez que já possuía a firma Chiquet, Mota & Comp., localizada na Rua da Quitanda n.º 2, sobrado, onde trabalhava com a importação do Carburador Universal.[651]

VIÚVA SUPLICY

TABELA XXII – Viúva Suplicy

JOALHERIA	*Viúva Suplicy*
PROPRIETÁRIA	Thereza Gerard Suplicy
PERÍODO DE ATIVIDADE	1865-1886
LOCALIZAÇÃO	Rua Imperatriz, 8; Rua Direita, 31; Rua Imperatriz, 8.
COMÉRCIO	Joias de ouro 18 k e prata; relógios; objetos para presente.
GEMAS	Coral; esmeraldas; diamantes; ônix; pérolas; rubis; safiras; turquesas.
JOIAS	Adereços e meios-adereços; abotoaduras completas; anéis para adultos e crianças; alfinetes; bichas; botões para peito e punho; brincos; broches; camafeus; *chatelaines*; colares para adultos e crianças; correntes para homens e senhoras; cruzes; estrelas para cabelo;[652] medalhas; memórias; passadores para gravatas; pulseiras cravejadas de diamantes.
RELÓGIOS	Relógios de ouro para homens e senhoras; relógios de parede e de mesa.
OBJETOS PARA PRESENTE	Agulheiros; aparelhos de chá; argolas para guardanapos; bacias e jarros para batizados; baixelas; cálices e galhetas para missa; canetas

[650] *Ibidem*. (01/02/1887), pp. 1. JORNAL *Diário Popular*. SP. (18/01/1889), pp. 3.
[651] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (02/06/1902), pp. 3. *Ibidem*. (29/08/1908), pp. 3.
[652] Estrelas para cabelo – provavelmente seguiam o modelo usado pela Imperatriz Elisabeth, esposa do Imperador da Áustria, Francisco I. Sissi (como ficou conhecida) criou estrelas de diamantes para serem colocadas em seus cabelos que viravam moda, assim como outras criações dela. As peças eram copiadas pela corte europeia e depois viravam moda internacional. WITTE, Cláudia – Sissi: tudo o que você sempre quis saber. *In* REZZUTTI, Paulo – <*www.youtube.com/watch?v=00jfJZY6M2w&list=PLABMi3IEbd01CfjBPIWgUlvDUntC_ZkbA&index=1&t=606s*> Acesso em: 23/05/2021.

	de ouro e prata dourada; castiçais; cesta para bules; charuteiras; chocalhos; cigarreiras; copos de todos os formatos para viagem; dedais; escrivaninhas; estojos para costura; estojos para escritório; estojos para talheres; faqueiros completos (do Porto); faqueiros para criança; lapiseiras; paliteiros; palmatórias de todos os tamanhos; placas; porta-buquês; porta-cartões; porta-fogo; porta-leques; salvas de todos os tamanhos e feitios; serviços completos de chá; serviços de toalete; serviço para almoço; tinteiros; trancelim para *pince-nez*; taças.

Fonte: JORNAL *A Província de São Paulo*. (17/06/1875), pp. 3. *Ibidem*. (17/06/1877), pp. 3. *Ibidem*. (22/06/1877), pp. 3. *Ibidem*. (07/12/1877), pp. 3. *Ibidem*. (29/03/1878), pp. 3. *Ibidem*. (31/12/1878), pp. 3. JORNAL *da Tarde*. São Paulo. (29/03/1879), pp. 4. JORNAL *A Província de São Paulo*. (23/07/1880), pp. 3.

Após o falecimento de seu marido Luiz Suplicy, Thereza Suplicy mudou a sua joalheria da Rua Imperatriz n.º 44 para a mesma rua no n.º 8, em 1867. A especialidade de sua loja eram as peças de joalheria e os objetos de prata, com grande variedade de cada tipologia. Ela salientava que todos os artigos vinham do estrangeiro. Encarrega-se de fazer qualquer obra de prata e de ouro com brilhantes ou sem eles, sob encomenda. Uma novidade com a qual a casa trabalhava eram os colares e anéis elétricos. Em 14 de abril de 1880, Thereza Suplicy mudou sua joalheria para a Rua Direita, antiga casa que havia pertencido a João Suplicy, seu filho. Retornando para seu antigo endereço na Rua Imperatriz em julho desse mesmo ano.[653] E João anunciava que havia feito sociedade com seu irmão Alfredo Suplicy, em setembro de 1882, mudando sua casa de Joias e Relojoaria da Rua da Imperatriz para a Rua Direita n.º 31, em frente ao Hotel de França, aumentando assim o seu estoque, conforme foi comentado, quando se tratou da sua casa de joias.[654]

Thereza, por motivos de saúde, retirou-se para a Corte do Rio de Janeiro, vindo a colocar todo o estoque de sua loja e toda a mobília de sua casa em um grande leilão ocorrido no seu estabelecimento. Este evento estava direcionado a todos os joalheiros, mascates, ourives e particulares que quisessem aproveitar a oportunidade de realizar compras com preços acessíveis. Após um mês, encontrava-se na Rua de São José onde finalizaria a venda

[653] JORNAL *Correio Paulistano*. (10/11/1867), p. 3. JORNAL *A Província de São Paulo*. (17/06/1875), p. 3. Ibidem. (17/06/1877), p. 3. Ibidem. (29/03/1878), p. 3. MARQUES, Abílio Aurélio da Silva. – *Indicador de São Paulo: Administrativo, Judicial, Industrial, Profissional e Commercial: para o Anno de 1878.* São Paulo: Typ. de Jorge Seckler. 1878, p. 189 e 192. JORNAL *A Província de São Paulo*. (16/04/1880), p. 3. Ibidem, (23/07/1880), p. 3.

[654] JORNAL *Correio Paulistano*. (06/09/1882), pp. 4.

das peças, com uma liquidação. Seu antigo endereço na Rua Imperatriz, havia sido vendido ao joalheiro Caem Levy.[655]

ZANETTI & MOREIRA

TABELA XXIII – A Pendula de Confiança

JOALHERIA	*A Pendula de Confiança*
PROPRIETÁRIO	Antônio Pio Eloy Zanetti & Francisco Alves Moreira
PERÍODO DE ATIVIDADE	1885-1889
LOCALIZAÇÃO	Rua Imperatriz, 49.
COMÉRCIO	Joias e relógios.
JOIAS	joias de ouro com e sem diamantes; correntes de ouro, prata, folheados e níquel.
RELÓGIOS	Despertadores; relógios de ouro, prata e níquel, para homens e mulheres, dos mais celebres fabricantes; relógios de parede.
OBJETOS DE PRATA	Não divulgavam a relação das peças.

Fonte: JORNAL *Diário Popular*. SP. (22/12/1885), pp. 3. *Ibidem*, (10/03/1886), pp. 3. JORNAL *A Província de São Paulo*. (13/06/1889), pp. 3.

Inaugurado em 22 de dezembro de 1885, o estabelecimento de joias e relógios A Pendula de Confiança, de Zanetti & Moreira, localizava-se na Rua da Imperatriz. Foi montado de modo a rivalizar com as lojas europeias do mesmo gênero. O sócio Antônio Pio Eloy Zanetti havia sido gerente da Casa Silberberg, assim como o funcionário de Zanetti, Oscar Machado, que anteriormente havia sido vendedor da mesma casa na cidade do Rio de Janeiro. Francisco Alves Moreira, o outro sócio, se encarregava da compra dos sortimentos oferecidos na loja, que vinham diretamente dos fabricantes da Europa, o que garantia aos fregueses algumas vantagens como preços pelo menos 20% mais baratos do que em qualquer

[655] JORNAL *A Província de São Paulo*. (24/09/1886), pp. 4. *Ibidem*, (30/10/1886), pp. 4. *Ibidem*. (21/11/1886), pp. 4.

outra casa. O estabelecimento recebia as novidades de Paris através de paquetes. As vendas eram feitas por atacado e varejo. Foram arquivados na Junta Comercial, em 2 de fevereiro de 1886, os contratos de Francisco Alves Moreira e Antônio Pio Eloy Zanetti para o comercio de joias, relógios e gemas, na cidade de São Paulo, com capital de 20:000$000 da firma de *Zanetti & Moreira*. Antônio Pio Eloy Zanetti faleceu na capital paulista em agosto de 1888. Em 30 de agosto de 1888, foi celebrada, na Igreja Santa Efigênia na capital paulista, a Missa de 7º dia pelo seu falecimento.[656]

Achava-se exposta, na A Pêndula de Confiança, uma escrivaninha de ébano que alguns moradores da cidade de Santos ofereceriam ao Dr. José Luiz Fiaquer, médico residente na cidade de São Bernardo. Essa peça continha tinteiro, cinzeiro e caneta de prata lavrada, tendo no centro o emblema do comércio e das ciências. A caixa que a guardava era de veludo grená, tendo nas extremidades incrustações de prata lavrada. Era um mimo bonito e de grande valor .[657]

Em 13 de junho de 1889 A Pêndula de Confiança anunciava uma liquidação forçada, com vendas do seu grande sortimento de joias, relógios, correntes e prataria, em virtude de entregar a casa ao novo proprietário, João de Oliveira Guimarães. Vendia tudo por menos do custo real, como se podia ver pelos preços marcados nas ricas e modernas joias expostas na vitrina. Em agosto desse ano, Zanetti & Moreira pediram que seus devedores pagassem suas dívidas até o dia 14 do corrente mês, a fim de ultimar a liquidação de seu estabelecimento e evitar que aquelas fossem entregues a seus advogados.[658]

3.4. Casas de joias localizadas em outros logradouros de São Paulo

CASA MASETTI

[656] JORNAL *Diário Popular*. SP. (22/12/1885), pp. 3. *Ibidem*, (10/03/1886), pp. 3. JORNAL *A Província de São Paulo.* (02/02/1886), pp. 1. *Ibidem*. (29/08/1888), pp. 3.
[657] *Ibidem*. (09/05/1889), pp. 2.
[658] *Ibidem*. (13/06/1889), pp. 3. *Ibidem*. (02/08/1889), pp. 3. JORNAL *Sentinella da Monarchia*. São Paulo, (02/08/1889), pp. 4

TABELA XXIV – Casa Masetti

JOALHERIA	*Casa Masetti*
PROPRIETÁRIO	Carlos Masetti
PERÍODO DE ATIVIDADE	1890 – c.1975
LOCALIZAÇÃO	Ladeira Santa Efigênia, 1 e 3, trecho da rua depois muda para Rua do Seminário, 131 e 135. Fábrica na Rua Capitão Salomão, 8.
COMÉRCIO	Ferramentas, fornituras e utensílios para relojoeiros, ourives, gravadores, mecânica fina para eletricistas, óticos, dentistas e douradores; joias de ouro 18 k; óculos; *pince-nez*; vidros para óculos e relógios; importação direta.
GEMAS	Gemas; pedras reconstituídas.
JOIAS	Alianças; anéis de formatura.
RELÓGIOS	Despertadores; relógios de bolso da marca *Zenith*; de pulso; de mesa; e de parede da marca *Junghans*.
OBJETOS DE ARTE	Cristais da Bohemia.

Fonte: JORNAL *O Estado de São Paulo*, (10/12/1913), pp. 12. *Ibidem*. (14/03/1927), pp. 6. *Ibidem*. (28/04/1928), pp. 13. *Ibidem*. (22/12/1943), pp. 10. *Ibidem*. (15/11/1947), pp. 5.

Em 1890, ano de fundação, a Casa Masetti instalou-se com modesta oficina de joias e relógios. Carlos Masetti & C., estabelecimento importador de joias e relógios, estava estabelecido na Ladeira Santa Efigênia, n.º 1, em São Paulo. Possuía uma secção especial de fornituras para relojoeiros, ourives e mecânicos. Trabalhava com óculos e *pince-nez*, oficina de ourives e relojoeiro, além de importação de bijuteria e joalharia com fábrica em Vicenza (Itália), na Via Santa Lucia, 1014.[659]

A Casa Masetti era o único concessionário da marca *Zenith*, que fabricava aquele que era considerado o melhor e o mais perfeito relógio de precisão. Adotado pelas estradas de ferro italianas e russas, havia sido premiado na Exposição Universal de Paris de 1900 com

[659] ASCOLI, José – *Guia prático da cidade de São Paulo*, IV Edição. São Paulo: Typ. de T. Stocco. 1909, pp. 11.

o Grand Prix; na Exposição de Genebra, em 1896, conquistou Medalha de Ouro; e em Milão, 1906, o *hors-concours* – membro do júri.[660]

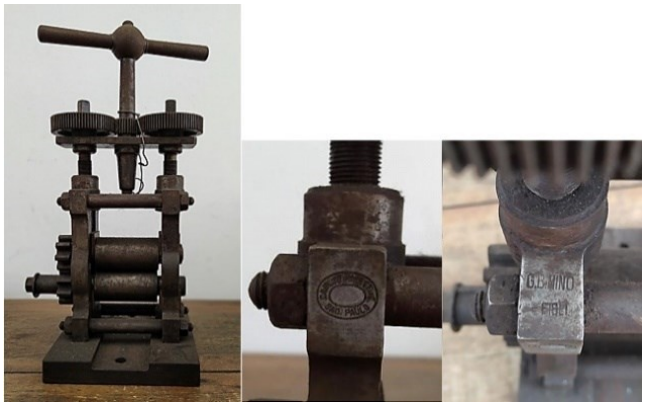


Figura 103. **Antiga laminadora da joalheria Masetti**, *G. B. Mino e Figli* – Alessandria, Itália, com a gravação "Carlos Masetti – São Paulo". Dimensões: altura 40 cm; largura 20 cm. [Acervo particular]

A casa anunciava que trabalhava com laminadores, fieiras e ferramentas da fábrica Mino.[661] (fig. 103) Comprava ouro velho, joias usadas, diamantes e outras gemas. Tinha casa de compras na Alemanha, em Pforzheim.[662] Em fevereiro de 1917, a Casa Masetti, assim como outras joalherias, como Jacques Netter, e outras casas de comércio, contribuiu com um valor em dinheiro para a causa dos soldados italianos mutilados na I Guerra Mundial.[663]

Uma especialidade da Casa Masetti eram os anéis de formatura (fig. 104. 1), para médicos, advogados, dentistas, farmacêuticos, engenheiros, professores e outros; de ouro 18k, com diamantes safiras e outras gemas, dependendo da profissão. Acompanhava estojo de baquelite. A casa passou a intensificar os anúncios sobre alianças de ouro 18k em estojo de veludo para os noivos, dizia-se especialista (fig. 104. 2). Fabricava, reformava e consertava joias em sua oficina localizada na Rua Capitão Salomão n.º 8.[664] Nos anúncios, reforçava a venda de produtos para dentistas, pois possuía um depósito dentário.[665] O

[660] ASCOLI, José – *Guia prático da cidade de São Paulo*, IV Edição. São Paulo: Typ. de T. Stocco. 1910, pp. 28.
[661] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (10/12/1913), pp. 12.
[662] *Ibidem*. (20/12/1915), pp. 10. ASCOLI, José (ed.) – *Guia prático da cidade de São Paulo.* 10ª. Edição. São Paulo: José Ascoli – Editor/Proprietário. 1915-1916.
[663] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (08/02/1917), pp. 6.
[664] *Ibidem*. (27/07/1926), pp. 12. *Ibidem*. (14/03/1927), pp. 6. *Ibidem*. (10/12/1937), pp. 10.
[665] *Ibidem*. (22/10/1937), pp. 13.

dentista Hubert Spoo, imigrante alemão que chegou ao Brasil no período da Primeira Guerra Mundial, costumava adquirir artigo dentários, ouro e outros utensílios de sua profissão na Casa Masetti; sua filha Elza Spoo ia pessoalmente comprar o que seu pai precisava.[666]



Figura 104. (1) Casa Masetti – **Anéis de formatura**. [JORNAL *O Estado de São Paulo*. (22/12/1943), pp. 10] (2) Casa Masetti – **Alianças e anéis de noivado**. [*Ibidem*. (15/11/1947), pp. 5]

Ao falecer, Carlos Masetti deixou esposa, Gisela Mugnai Masetti, filhos e noras: Achilles – Adalgisa Medici; João – Erina Baldini; Alfredo – Luiza Caruso; Carlos Masetti Neto – Lunella Masetti. A nova sociedade passou a ser formada por Alfredo Masetti, Mario

[666] Declaração de Elza Spoo.

Masetti, João Masetti, Achilles Masetti, Adalgisa Medici Masetti, Carlos Masetti Neto, Luiza Caruso Masetti, Erina Baldini Masetti, Antônio Luiz Felipe Masetti e Niger Ordine, conforme a Junta Comercial do Estado de São Paulo. Em novembro de 1945, faleceu João Masetti.[667]

105 

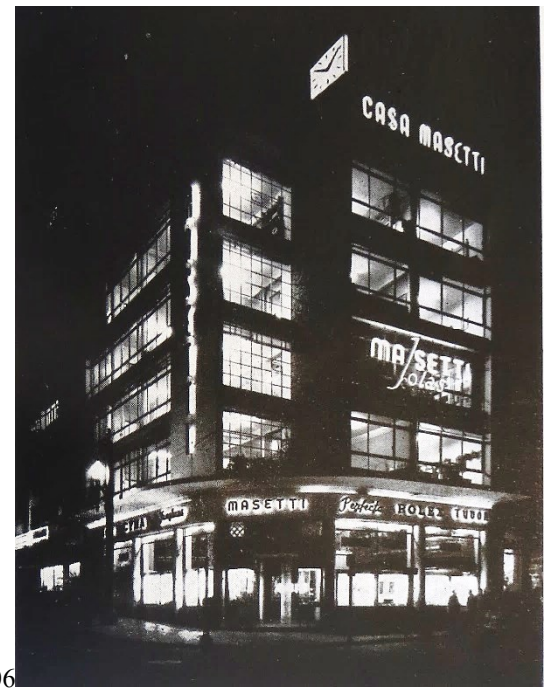
106 

Figura 105**. Casa Masetti – joias para presentear**. [JORNAL *Moscardo*. São Paulo, (20/11/1960), pp. 5]
Figura 106**. Prédio da Casa Masetti**. [REVISTA *RJ - Relógios e Joias*. São Paulo, (jul./1961)]

A casa fornecia catálogos ilustrados de alianças e anéis de noivado com calibrador de medidas para os clientes do interior que queriam comprar esses produtos.[668] Em 1961, a Casa Masetti S. A. estava estabelecida na Rua do Seminário, 131, em um edifício de quatro andares (fig. 106). Não temos a data em que a casa encerrou as suas atividades.[669]

CASA LA MOTTA – Joalheria e Relojoaria – Em 1920, localizava-se na Rua Quintino Bocaiuva, 66, trabalhava com joias com turmalinas em diversas cores e tamanhos;

[667] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (24/01/1941), pp. 12. *Ibidem*. (30/11/1945), pp. 12. JORNAL *Diário Oficial do Estado de São Paulo*. (04/05/1943), pp. 27.
[668] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (13/06/1946), pp. 2.
[669] REVISTA *RJ – Relógios e Joias*. São Paulo, (jul./1961).

relógios de bolso, de pulseira e de parede; estojos de prata e objetos de metal branco prateado inalterável.[670] Trabalhava com estátuas, taças e medalhas para todos os esportes em ouro, prata e bronze. Sua oficina executava qualquer serviço em platina, ouro e prata.[671]

A CASA DE JOIAS – Estabeleceu-se na Rua do Comércio no ano de 1877, vendia joias vindas diretamente da Europa: pulseiras, brincos, grampos, estrelas, broches, anéis e cruzes com diamantes, rubis, esmeraldas, safiras, turquesas e pérolas; correntes e relógios de ouro. Diversos sortimentos de objetos de prata para presente, como tinteiros de prata com relógios, faqueiros, salvas, castiçais, cálices para missa, entre outros. Possuía oficina para concerto de peças de ourivesaria. Vendia por atacado e varejo.[672]

A LUIZ ADRIÃO – Ourives fabricante, em 1881, mudou-se para a Rua Municipal, onde continuava a fabricar brincos americanos, bichinhas para crianças, guarnições para peito de camisas e memórias de ouro legítimo; também consertava joias. Consta que quando faleceu, em 1887, estava estabelecido na Rua Florêncio de Abreu.[673]

ACHILLE RISPOLI – Ourives e serralheiro, trabalhava em ouro, prata, coral, tartaruga, marfim, madrepérola, metal e aço. Consertava leques, óculos, e objetos de âmbar, espuma, madeira e osso. Até 1882 estava estabelecido na Rua Direita, mudando-se nesse ano para a Rua do Carmo. Em 1890, ele estava com casa na Rua João Alfredo (depois General Carneiro).[674]

RAPHAEL PICOZZI – Ourives e relojoeiro, em 1890 tinha sua joalheria na Rua Libero Badaró, onde também fazia serviços como dourar e pratear qualquer metal através de galvanoplastia. Em janeiro de 1897, quando sua relojoaria e ourivesaria estava estabelecida na Ladeira São João, foi palco de um assalto, quando os ladrões levaram grande quantidade

[670] JORNAL *Correio Paulistano*. São Paulo, (05/08/1920), pp. 12.
[671] REVISTA *São Paulo Esportivo*. (12/04/1925), pp. 4.
[672] JORNAL *A Província de São Paulo*. (20/06/1877), pp. 3.
[673] *Ibidem*. (22/09/1881), pp. 3. *Ibidem*. (24/11/1887), pp. 2.
[674] *Ibidem*. (15/04/1882), pp. 2.

de peças: joias de ouro com diamantes e pedras preciosas, relógios, diamantes soltos, 600$000 réis em espécie, além de peças que estavam na oficina para serem arrumadas. O prejuízo sofrido foi estimado em Rs.30:000$000. Em setembro desse mesmo ano, Raphael Picozzi vendeu o seu negócio de joias e oficina para Roberto Simon e se retirou para a Europa.[675]

3.5 Casas de joias localizadas em outros Estados Brasileiros

JOALHERIAS DO RIO DE JANEIRO

Apesar desta tese tratar das joalherias de São Paulo, viu-se a necessidade de colocar algumas joalherias do Rio de Janeiro que tiveram sua casa matriz sediada na Capital Federal, a fim de se fazer uma comparação em questão de produtos comercializados, de instalações, ou mesmo para saber se abriram filiais em São Paulo. Algumas delas se destacaram junto à sociedade carioca e, posteriormente, realmente chegaram a abrir filiais em São Paulo ou em outras capitais do Brasil, como veremos neste subcapítulo, em que relacionaremos e contextualizaremos algumas delas.

Com a chegada da família real portuguesa ao Brasil em 8 de março de 1808, permitindo que os portos brasileiros fossem abertos às nações amigas, negociantes ingleses começaram a se estabelecer com casas de comércio nas cidades portuárias, exportando assim suas mercadorias. Foi no Rio de Janeiro, mais especificamente na Rua do Ouvidor,[676] que surgiram os primeiros estabelecimentos de negociantes ingleses, com lojas de louça, de fazendas ou panos tecidos, e por fim, com comércio de importação e de exportação de

[675] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (02/02/1890), pp. 2. *Ibidem*. (02/01/1897), pp. 2. *Ibidem*. (30/09/1897), pp. 2.

[676] A Rua do Ouvidor foi exaltada em prosa por Joaquim Manoel de Macedo, que primeiramente publicava suas crônicas em folhetins semanais no *Jornal do Commercio*. Posteriormente estes escritos foram reunidos em um livro, *Memórias da Rua do Ouvidor*,[676] editado pela Typographia Perseverança em 1878. Sendo uma das ruas mais concorridas da cidade do Rio de Janeiro, era considerada a mais elegante e rica nos últimos anos do oitocentos.

gêneros vindos da Inglaterra.[677] Palco de festas e comemorações, a Rua do Ouvidor, que já contava com boas casas comerciais portuguesas e inglesas, passou a florescer, tornando-se uma rua francesa, principalmente depois da chegada da Missão Francesa, em 26 de março de 1816.[678]

A afamada Rua do Ouvidor teve origem em um desvio; chamava-se Desvio do Mar por volta de 1567 a 1572, e fazia ângulo com a Rua Direita, neste tempo com uma só linha de casas à beira do mar. Em torno de 1590, recebeu o nome de Rua de Aleixo Manuel; a partir de 1659, recebeu o nome de Rua do Padre Homem da Costa, mudando finalmente, em 1780, para Rua do Ouvidor.[679]

A partir de 1810 foram surgindo lojas de fazendas, perfumarias, cabeleireiros, charutarias, floristas, joalherias e as primeiras vitrinas ou vidraças – como ficaram conhecidas "as vidraças da Rua do Ouvidor". Nessa época as lojas possuíam uma única porta aberta para a entrada dos fregueses, as outras portas se achavam fechadas com vidros grossos e transparentes, conhecidas como "vidraças", onde expunham suas mercadorias de forma a serem realçadas pela luz, para chamar a atenção do público. A rua passou a ser considerada a mais bonita da cidade.[680]

Na década de 1850, os negociantes de ouro, prata, pedras preciosas, além das lojas de joias e ourives fabricantes e cravadores, já constituíam cerca de 95 estabelecimentos na cidade do Rio de Janeiro. As casas de joias já continham um sortimento de obras de diamantes de lapidação brilhante, gemas, ouro e prata de lei, sendo que grande parte delas vinham das principais casas de Paris. Outros aceitavam encomendas para a confecção das peças. Certas ourivesarias produziam ornamentos para a Igreja e objetos de prata; havia também os douradores e prateadores por meio de galvanismo. Os ourives fabricantes de comendas também eram esmaltadores. Em 1853, o joalheiro da Casa Imperial era Manoel Theodoro Xavier, que ficava na Rua dos Ourives e era avaliador da Junta do Comércio.

---

[677] MACEDO, Joaquim Manoel de – *Memórias da Rua do Ouvidor*. Capítulo IX. *In* Domínio Público. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000158.pdf. Acesso em: 16/05/2017. IDEM. *Ibidem*. Prefácio e notas de Jamil Almansur Haddad. Série Brasiliana. Vol. 275. Série 5.ª da Biblioteca Pedagógica Brasileira. São Paulo: Tipografia EDANEE Ltda. 1952, pp. 155 e 158-159.
[678] IDEM, *Ibidem*. 1952, pp. 165.
[679] IDEM, *Ibidem*. 1952, pp. 17, 37, 58, 102 e 172.
[680] MACEDO, Joaquim Manoel de – *Memórias da Rua do Ouvidor*. *In* Domínio Público. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000158.pdf. Acesso em: 16-05-2017, Capítulo X.

Na década de 1920, a Avenida Rio Branco já era a mais movimentada e larga da cidade, uma das artérias principais onde se localizavam várias casas de luxo, entres elas as joalherias. Estas, além das secções de joias e relógios, possuíam as de prataria, compostas pelo que havia de mais bem produzido na Europa; eram peças de prata maciça trabalhadas com esmalte e cinzel. Na secção de porcelana estavam as louças mais finas; na secção de arte, os bronzes, marfins e cristais de Nancy, Baccarat e Bohemia. Os bronzes reproduziam as obras-primas de famosos escultores italianos e franceses; e os elegantes e delicados marfins vinham da Índia e do Oriente.[681]

A ESMERALDA

TABELA XXV – A Esmeralda

JOALHERIA	*A Esmeralda*
PROPRIETÁRIO	C. Grassy Adriano de Britto & Cia. – Affonso de Britto Luiz Puig
PERÍODO DE ATIVIDADE	c.1907 – 1923 – 1928
LOCALIZAÇÃO	Casa Matriz: Travessa São Francisco, 8 e 10; e casa filial: Avenida Central, 124 (RJ). Rua Líbero Badaró, 34 e 36 (SP).
COMÉRCIO	Joias; relógios; objetos de arte. (fig. 107)
GEMAS	Gemas diversas
OBJETOS DE ARTE	Artigos de metal inalterável; bronzes; cristais Gallé, Bohemia; lâmpadas elétricas de Gallé; pratarias;

Fonte: REVISTA *O Malho*. Rio de Janeiro (19/02/1910). REVISTA *A Vida Moderna.* São Paulo, (31/10/1923). REVISTA *A Cigarra.* São Paulo. (01/11/1923). JORNAL *O Estado de São Paulo*. (22/12/1923), pp. 16. *Ibidem*. (11/12/1926), pp. 7.

[681] REVISTA *Illustração Brasileira*. Rio de Janeiro, (ago./1924).

A joalheria A Esmeralda, de propriedade de C. Grassy, estava presente na cidade do Rio de Janeiro desde o início do século XX, com casa matriz na Travessa de São Francisco de Paula n.º 8 e 10 (fig. 108), e filial na Avenida Central n.º 134.[682]

Na década de 1920, a casa era de propriedade de Adriano de Britto & Cia. Em São Paulo, foi inaugurada em 20 de outubro de 1923 (fig. 109). A abertura virou notícia em várias revistas e jornais, e contou com o comparecimento da imprensa e inúmeros convidados. A casa de propriedade de Adriano e Affonso de Brito, situada à Rua Libero Badaró nº 34 e 36, foi considerada uma das mais *chics* da capital, pois havia sido preparada com luxo e bom gosto. Nela, as distintas famílias paulistanas podiam encontrar um variado sortimento de joias, gemas, relógios, pratarias, bronzes, objetos de arte, artigos de metal inalterável, cristais Gallé e da Bohemia, coleção de lâmpadas elétricas de Gallé, entre outros artigos próprios para presente que estavam em exposição nas suas vitrinas. Nessa inauguração, os proprietários ofereceram aos convidados uma sortida mesa de doces finos e champanhe, mostrando-se muito obsequiosos para com seus convidados (fig. 110 e 111). A imprensa noticiava que esse estabelecimento preencheria uma lacuna no âmbito comercial de São Paulo, junto às concorrentes do mesmo gênero de negócio, pela superioridade de seus artigos com preços altamente vantajosos.[683]



Figura 107. **Anúncio A Esmeralda**, do Rio de Janeiro, com modelos de algumas peças. [REVISTA *O Malho.* (23/01/1915)]

[682] REVISTA *O Malho*. Rio de Janeiro, (13/07/1907).
[683] REVISTA *A Cigarra.* São Paulo. (01/11/1923). Revista *A Vida Moderna.* São Paulo, (31/10/1923). JORNAL *O Estado de São Paulo*. (22/12/1923), pp. 16.

108 

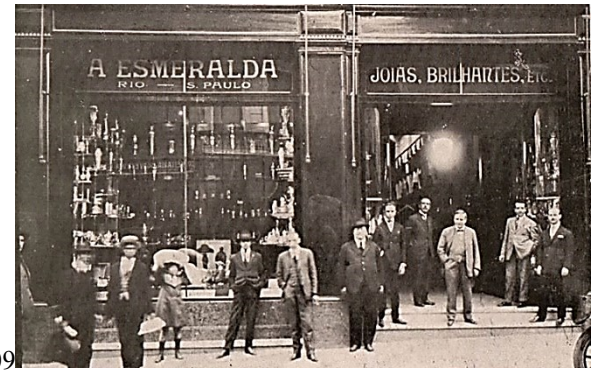
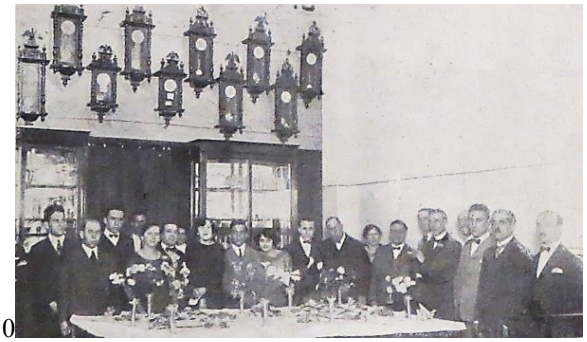
109 

Figura 108. **Fachada da Casa A Esmeralda** – na Avenida Central n.º 124. [REVISTA *O Malho*. (19/02/1910)]

Figura 109. **Casa Esmeralda – fachada**, com os proprietários Adriano de Britto & Cia e alguns dos convidados. Podem-se observar nas vitrinas as peças de decoração expostas, na Rua Líbero Badaró, em São Paulo. [REVISTA *A Vida Moderna*. (31/10/1923)]

110 

111 

Figura 110. **Coquetel de inauguração da Casa Esmeralda** – proprietários, convidados e representantes da imprensa. Na parede relógios com pêndulo e, abaixo, estantes de madeira e vidro com peças de decoração. [REVISTA *A Vida Moderna*. (31/10/1923)]

Figura 111. **Aspecto interior da Casa Esmeralda**, no dia da inauguração, com seus produtos expostos nas vitrines ao longo da loja; observa-se o pé-direito alto da loja, o que dava mais amplidão ao ambiente. [REVISTA *A Vida Moderna*. (31/10/1923)]

Três anos depois de sua inauguração, Adriano de Brito & Cia., em outubro de 1926, anunciou a venda da loja de São Paulo a Luiz Puig, ficando a cargo dos irmãos Brito todo o ativo e passivo do referido estabelecimento até a data da venda. Eles continuaram como proprietários da loja do Rio de Janeiro. Luiz Puig, então, procurou comunicar à praça e aos amigos que havia se retirado da joalheria Casa Castro, de cuja firma fizera parte desde sua fundação, e que adquirira, por compra, a joalheria A Esmeralda. Anexa a este estabelecimento, Luiz montou uma oficina para consertos e confecção de joias novas,

achando-se por isso perfeitamente habilitado a receber os pedidos de todos os seus antigos fregueses e amigos.[684]

Em 1928, quando a loja de São Paulo completava o 5º aniversário, ainda sob a gerência de Luiz Puig, foi feito um pedido de concordata da joalheria A Esmeralda do Rio de Janeiro, fato que teve grande repercussão na cidade, pois representava um prejuízo de 17 mil contos de réis. A firma propôs pagar aos seus credores apenas 21% sobre seus créditos, ou seja, o mínimo da lei, dos quais o maior era o Banco do Brasil, além de outros credores. Diante dessa notícia, se divulgou o desaparecimento de Adriano de Britto, mas este foi encontrado e preso dia 10 de novembro, em Belo Horizonte, pois pretendia refugiar-se no interior de Minas.[685]

Com a falência de Adriano de Brito & Cia., declarada em 19 de fevereiro de 1929, continuaram as impugnações de crédito. Tal fato repercutiu de forma desfavorável para a joalheria de mesmo nome em São Paulo, e em setembro desse ano, foi também decretada a falência da casa A Esmeralda de Luiz Puig.[686]

JOALHERIA ADAMO

TABELA XXVI – Joalheria Adamo

JOALHERIA	*Joalheria Adamo*
PROPRIETÁRIO	Umberto e Eugênio Adamo
PERÍODO DE ATIVIDADE	1895 (MG), 1909 (RJ), 1923 – 1974 (SP).
LOCALIZAÇÃO	Rua do Comércio, 49 (Uberaba, MG); Rua do Ouvidor, 98, e Avenida Rio Branco, 140 (RJ); Rua São Bento, 35 (SP); Rue Lafayette, 79 (Paris).
COMÉRCIO	Joias de ouro, platina e prata; relógios; objetos de arte.
GEMAS	Ágata; diamantes; esmeraldas; pérolas orientais; rubis.

[684] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (17/11/1926), pp. 10.
[685] *Ibidem*. (12/10/1928), pp. 4. *Ibidem*. (10/11/1928), pp. 6.
[686] *Ibidem*. (20/02/1929), pp. 6. *Ibidem*. (27/09/1929), pp. 3.

JOIAS	Barretes; colares; diademas; marquise; *pendentifs*; *rivières*; *santiers*; *trousse.*
RELÓGIOS	Relógios de bolso e de punho; mesa; pêndulos de parede.
OBJETOS DE ARTE	Abajur; aparelhos para lavatório; argola para guardanapo; bandejas; biscoiteiras; bolsas; bomboniere; carteiras de couro; castiçal; cigarreira; fruteiras; jarrões; jogos de toalete; licoreira; *sautoirs*; serviço para café e chá; porta-extrato; porta-joias; porta-luvas; tigelas; troféus; *trousses*; vaso. Âmbar; bronze; casco de tartaruga; cristais – Nancy, Baccarat e Bohemia –; couro; marfim; mármore; Royal Metal (inalterável).

Fonte: JORNAL *do Commercio*. (30/12/1909), pp. 4. REVISTA *FON-FON*. Rio de Janeiro, (16/04/1910). REVISTA *O Malho*. Rio de Janeiro, (02/12/1911). *Ibidem*, (26/10/1912). REVISTA *Illustração Brasileira*. Rio de Janeiro, (ago./1924). JORNAL *O Estado de São Paulo*. (12/10/1927), pp. 2. *Ibidem*. (29/04/1936), pp. 5. *Ibidem*. (25/04/1937), pp. 12. *Ibidem*. (19/04/1939), pp. 5. *Ibidem*. (10/12/1939), pp. 8. JORNAL *Correio Paulistano*. (03/10/1940), pp. 9.

Umberto e Eugênio Adamo (fig. 112), italianos, nasceram em San Giovanni in Fiore (Cosenza) e vieram para o Brasil, ainda adolescentes, com o pai, c.1885. Estabeleceram-se em Uberaba, região do Triângulo Mineiro. Em 1895, abriram uma joalheria, ourivesaria e oficina de relojoaria na Rua do Comércio nessa cidade.[687]



Figura 112. **Irmãos Umberto e Eugênio Adamo**. [REVISTA *Illustração Brasileira*. (agosto/1924)].

Os negócios prosperaram e os irmãos abriram uma loja na capital federal, registrando sua firma, a Umberto Adamo & Cia, na Junta Comercial do Rio em outubro. O lugar

[687] SANTOS, Flávio – *Joalheria Adamo: a maior da América do Sul*. Disponível em: https://revistadovilla.com.br/2021/12/16/flavio-santos-joalheria-adamo-a-maior-da-america-do-sul/. Acesso em: 18/02/2022. REVISTA *Illustração Brasileira*. Rio de Janeiro, (ago./1924).

escolhido era um dos melhores, o ponto comercial da antiga Joalheria Worms & Irmãos na Rua do Ouvidor, então a rua mais importante da cidade.[688] (fig. 113-116)

Os novos proprietários continuaram anunciando, por um tempo, que a Joalheria Umberto Adamo era a antiga Joalheria Worms, provavelmente, pelo prestígio que a Worms havia adquirido no período em que lá funcionou como Irmãos Worms.[689] (Anexo I, fig. 204-206)



113



114

Figura 113. **Fachada da Joalheria Umberto Adamo**, na Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro. [REVISTA *Careta*. Rio de Janeiro, (02/04/1910)].
Figura 114**. Interior da Joalheria Umberto Adamo** após passar por reforma. [*Ibidem*, (24/12/1910)].

A Umberto Adamo logo conquistou o público, se destacando entre os comerciantes e importadores de joias da América do Sul. Mensalmente, a casa recebia as últimas criações de Paris, Londres e Viena (Anexo I, fig. 207-209). Possuía um escritório de compras em Paris, na Rue Lafayette. Nos anos seguintes, Umberto Adamo ampliou e melhorou a sede carioca, inaugurando o relógio da fachada do prédio. A casa do Rio estava no mesmo patamar de luxo das joalherias concorrentes de São Paulo, de Buenos Aires ou da Rue de La Paix, de Paris.[690]

[688] REVISTA *Illustração Brasileira*. Rio de Janeiro, (ago./1924). (ago./1924).
[689] JORNAL *do Comércio*. (30/12/1909), pp. 4.
[690] REVISTA *Illustração Brasileira*. Rio de Janeiro, (ago./1924). REVISTA *Fon-Fon.* Rio de Janeiro, (16/04/1910). JORNAL *O Estado de São Paulo*. (16/10/1912), pp. 2. SANTOS, Flávio – *Joalheria Adamo: a maior da América do Sul*. Disponível em: https://revistadovilla.com.br/2021/12/16/flavio-santos-joalheria-adamo-a-maior-da-america-do-sul/. Acesso em: 18/02/2022.



Figura 115. **Antiga Joalheria Worms**. O novo proprietário, Umberto Adamo, no interior da loja na Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro. [REVISTA *Vida Moderna*, São Paulo, (15/02/1910)]



Figura 116. **Joalheria de Umberto Adamo**. Além de artigos para presente, grande sortimento de joias com pedras preciosas, *barretes*, *pendentifs, rivieres, trousses* e relógios. [*Ibidem*, 15/02/1910]

A inauguração da nova loja na Avenida Rio Branco ocorreu em setembro de 1924; nesse ano a joalheria comemorava 25 anos de existência. (fig. 117. 1) A equipe era composta pelos sócios Umberto e Eugênio Adamo, além dos filhos, Francisco e Adolpho, respectivamente, e o chefe das oficinas, Rafael Perrone.[691]

A Joalheria Adamo continuou crescendo e, em maio de 1927, inaugurou uma filial em São Paulo, na Rua São Bento n.º 35 (Anexo I, fig. 210), para convidados, autoridades, familiares, representantes do alto comércio e da imprensa. Nesse evento, os irmãos enfatizaram que estavam abrindo seu negócio em São Paulo, porque entendiam os

[691] REVISTA *Careta*. Rio de Janeiro, (04/09/1924).

paulistanos como um povo culto, e também por ser este estado um dos mais prósperos do Brasil. Umberto manteve a loja de Uberaba, e a filial de São Paulo ficou sob o comando de Eugênio.[692]



Figura 117**. (1) Inauguração da nova Joalheria Adamo na Avenida Rio Branco** n.º 140 (RJ). [REVISTA *Illustração Brasileira.* (ago./1924)]. **(2) Vitrinas da Joalheria Adamo** (RJ). [REVISTA *Fon Fon*. Rio de Janeiro, (23/08/1924)].



Figura 118. **Joalheria Adamo – interior do 1º andar**, vista de dois ângulos diferentes. [REVISTA *Illustração Brasileira*. Rio de Janeiro, (ago./1924).]

Foram confeccionadas pela Joalheria Adamo as medalhas oferecidas aos aviadores do Jahu pela Câmara Italiana de Comércio. Símbolos da fraternidade ítalo-brasileira, ficaram

[692] JORNAL *Correio Paulistano*. (25/05/1927), pp. 4. *Ibidem*. (26/05/1927), pp. 6.

expostas nas vitrinas da casa à Rua São Bento. Eram elas uma grande medalha de ouro de sócio honorário, além de outras, também de ouro, de benemerência da Aviação Italiana, que haviam sido oferecidas a João Ribeiro de Barros e seus companheiros da tripulação do Jahu.[693]



Figura 119**. Reabertura da Joalheria Adamo na Rua do Ouvidor**, no dia 22 de janeiro de 1930. [REVISTA *Fon Fon*. Rio de Janeiro, (01/02/1930)]

No Carnaval de 1929, a joalheria presenteou com quatro anéis de diamante a primeira colocada nos quatro grandes bailes consecutivos, realizados em um local de eventos denominado Odeon. As joias ficaram expostas na vitrina da joalheria em São Paulo.[694] A Casa Adamo também homenageou a Miss Bahia com um relógio que ficou exposto na vitrina de sua loja. Várias Misses que participaram do Miss Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, foram homenageadas por outros comerciantes.[695]

Reabriram a joalheria na Rua do Ouvidor (RJ), em 23 de janeiro de 1930, com a ajuda dos filhos Francisco e Adolpho, pois devido à crise da bolsa de valores de Nova York, em 1929, o comércio de luxo foi atingido, e os irmãos Adamo então encerraram o contrato de

[693] JORNAL *Correio Paulistano*. (31/07/1927), pp. 9.
[694] *Ibidem*. (09/02/1929), pp. 5.
[695] *Ibidem*. (14/04/1929), pp. 10.

arrendamento do imóvel da avenida Rio Branco.[696] Em São Paulo, a joalheria que continuava no mesmo endereço entrou em liquidação para uma reforma da fachada do prédio e de suas vitrinas.[697]

Na Exposição Comemorativa do Cinquentenário da Imigração Oficial, realizou-se um concurso de beleza com uma festa de coroação da jovem mais bonita. Grupos de todos os países representados desfilaram com trajes regionais; eram da Alemanha, Itália, França, Espanha, Áustria, Hungria, entre outros. Os prêmios concedidos foram uma atração à parte, a Joalheria Adamo, a Casa Michel e a Joalheria La Royale ofereceram prêmios valiosos para a rainha e as cinco primeiras colocadas.[698]

Durante a liquidação de 1938, a loja anunciava que os broches e relógios com diamantes para senhoras custavam a partir de Rs. 300$000. Nessa época, a loja possuía peças de prata em filigrana e artigos com pedras marcassite. Declarava ter um atelier para fabricação e reforma de joias,[699] bem como anunciava que seus artigos eram de procedência estrangeira, trabalhando com joias, relógios, objetos de arte, cristais, porcelanas, peças artísticas de marfim, estatuetas de mármore e bronze, estojos de toalete, bolsas, entre outros artigos de luxo (Anexo I, fig. 211-216). Intitulava-se a "a joalheria da elite".[700] Nessa década, foi vendida, mas não se têm notícias dessa transação.

Devido ao acidente ocorrido no início do mês de março, com o desabamento do prédio de mais de cem anos de construção onde a joalheria tinha sua loja no térreo, anunciou a transferência do estabelecimento para a Rua Barão de Itapetininga. Nesse momento, o proprietário do prédio e da Joalheria Adamo era Arturo Longoni. Depois dessa data, não se têm mais notícias da joalheria.[701]

JOALHERIA LA ROYALE

[696] SANTOS, Flavio – Joalheria Adamo, a maior da América do Sul. Disponível em: https://revistadovilla.com.br/2021/12/16/flavio-santos-joalheria-adamo-a-maior-da-america-do-sul/. Acesso em: 18/02/2022.
[697] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (30/08/1936), pp. 6.
[698] *Ibidem*. (28/08/1937), pp. 10.
[699] *Ibidem*. (23/10/1938), pp. 8.
[700] JORNAL *Correio Paulistano*. (03/10/1940), pp. 9.
[701] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (13/03/1974), pp. 8. *Ibidem*. 09/03/1974, pp. 20.

TABELA XXVII – Joalheria La Royale

JOALHERIA	*Joalheria La Royale*
PROPRIETÁRIO	Grassy, Santos & C. Charles Grassy, Antônio Alves dos Santos & C.
PERÍODO DE ATIVIDADE	1914-1951
LOCALIZAÇÃO	Avenida Rio Branco, 130 e 132 (RJ). Rua Barão de Itapetininga, 45; Rua 15 de Novembro, 14; Rua da Quitanda, 107 (SP).
COMÉRCIO	Acessórios; joias; relógios, objetos de arte.
GEMAS	Diamantes; pérolas orientais; rubis e outras gemas.
JOIAS	Anéis; broches; colar de pérolas; pulseiras.
RELÓGIOS	Relógios de pulso da marca Cyma.
OBJETOS DE ARTE	Cristais de Gallé, Daum, Bohemia; faianças de Copenhague; porcelanas; prataria cinzelada; serviço para jantar Limoges; tapetes orientais Boukhara, Chiraz.

Fonte: REVISTA *Illustração Brasileira*. (fev./1923). *Ibidem*. (jul./1923). JORNAL *O Estado de São Paulo*. (13/04/1925), pp. 1. *Ibidem*. (01/09/1927), pp. 20. *Ibidem*. (24/01/1935), pp. 4. *Ibidem*. (16/12/1937), pp. 8. JORNAL *Correio Paulistano*. (19/12/1937) pp. 8.

A inauguração da joalheria La Royale ocorreu em 21 de março de 1914, na Avenida Rio Branco n.º 132. Segundo a crônica da época, as instalações eram vastas e luxuosas, na frontaria o mármore com embutidos de bronze correspondia às vitrinas, e os mostruários internos eram confeccionados por artistas no gênero. O visitante tinha a impressão de estar em uma das célebres joalherias da Europa. Contava com oficina para consertos e confecção de joias.[702]

A La Royale estava com nova razão social, Emmanuel Bloch & Filhos, o que indica a mudança de proprietários. Em 2 de setembro de 1919, foi inaugurada uma filiada a essa joalheria, A Nacional, na Avenida Rio Branco n.º 126, onde podiam ser encontrados artigos de luxo e objetos artísticos para os mais exigentes compradores. Além da matriz no Rio,

[702] REVISTA *O Malho*. Rio de Janeiro, (21/03/1914).

tinha casa em Paris, na Cité Trévise n.º 9, e em Petrópolis, na Avenida 15 de Novembro n.º 754. Em São Paulo, na Rua Barão de Itapetininga, recebia as últimas novidades em bolsas francesas, apropriadas para a estação teatral, e continuava com a matriz do Rio de Janeiro. Em maio de 1927, a La Royale se encontrava em novo endereço em São Paulo, na Rua 15 de Novembro.[703]

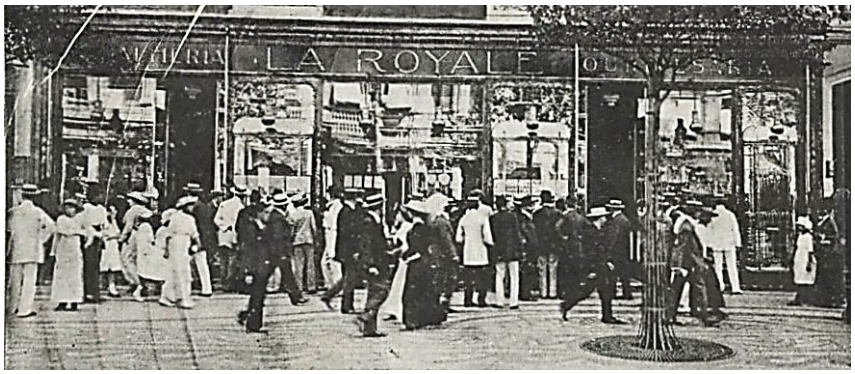


Figura 120**. Fachada da joalheria La Royale** no dia da inauguração. [REVISTA *O Malho*. Rio de Janeiro, (21/03/1914)].



Figura 121**. Interior da joalheria La Royale**, ao centro os sócios proprietários com os auxiliares. Observam-se o luxo das vitrinas e a variedade das peças comercializadas. [REVISTA *O Malho*. Rio de Janeiro, (21/03/1914)].

[703] REVISTA *O Malho*. Rio de Janeiro, (20/09/1919). REVISTA *Illustração Brasileira*. (jun./1924). JORNAL *O Estado de São Paulo*. (02/10/1925), pp. 1. JORNAL *Diário da Noite*, (17/05/1927), pp. 2.

122 

123 

Figura 122**. Diamante de extraordinária pureza** encontrado no estado de Minas Gerais, lapidado no Brasil, 5,90 cts. A fotografia permite observar a dispersão e decomposição da luz branca na sua face plana e nas facetas laterais. [Foto de Juvêncio de Souza - gentileza da Joalheria La Royale, do Rio de Janeiro. REVISTA *Brasil Constrói* (1915)]

Figura 123**. Joalheria La Royale. Fachada da loja, térreo e primeiro andar**, na Avenida Rio Branco n.º 132. [REVISTA *O Malho*. Rio de Janeiro, (20/09/1919)]



Figura 124. **Fachada da casa A Nacional** na Avenida Rio Branco n.º 126. Filial da joalheria La Royale, a poucos metros de distância uma da outra. [*Ibidem*, (20/09/1919)]

Em vários casamentos realizados tanto na capital paulista quanto em cidades do interior, os noivos recebiam ricos presentes que haviam sido adquiridos na joalheria La Royale da Rua 15 de Novembro, como pode-se observar nos enlaces de Cesar Marengo e Zilda Braga; Maria Isabel Salles e André Mareschi Masili; Elisa Tabacow e Moysés Kauffmann; Mathilde Nami Jafet e Raphael Miguel Jafet; entre outros da capital. No interior, ocorreram em Itatiba o enlace de José Mancini e Joaninha Partaro; em Araraquara, o de Rubens Duarte Pinto Ferraz (Araraquara) e Mary Monteiro de Moraes (SP); e em Rocinha,

que depois, emancipada, se tornou Vinhedo, o de Albina Von-Zubem Zumestein e Augusto Amistaldi.[704] Provavelmente, a lista de presentes foi feita nessa joalheria. Neste ano a joalheria ainda anunciava ser filial da do Rio de Janeiro. Nos anos seguintes, somente o endereço de São Paulo apareceu em seus comunicados.

Em seu novo endereço, na Rua da Quitanda, a joalheria recebia as últimas criações de Lenci e Cacciapuoti, de cerâmica italiana, e expunha em suas vitrinas.[705] Exemplares de desenhos de peças de joalheria e fotos de objetos de decoração e peças de arte eram veiculados nos anúncios de jornais e revistas (Anexo I, fig. 217-223).

A joalheria participou do chá realizado pela Casa Allemã em que foram convidadas as senhoras da sociedade, para apreciar em um ambiente refinado, o desfile dos modelos esportivos e as *toilettes* de *soirée*. As joias e adornos foram cedidos pela joalheria La Royale.[706]

Iniciaram uma liquidação para a reforma de suas instalações.[707] A joalheria La Royale propôs ao presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito São Francisco, oferecer um prêmio ao doutorando que, durante o curso, se distinguisse com as melhores notas. Consistia em um anel de grau com os respectivos emblemas de bacharel em Direito, no valor comercial de 1:000$000 réis. O prêmio intitulado Joalheria La Royale seria conferido anualmente a partir dessa data.[708]

A abertura oficial do Carnaval Paulista de 1939 ocorreu com um grande baile de gala no Teatro Municipal, organizado pela empresa N. Viggiani, concessionária da casa. Uma comissão julgou as fantasias – a mais rica, a mais original e a mais brasileira – e premiou as vencedoras com três pulseiras cravejadas de diamantes (Anexo I, fig. 220) que ficaram expostas na vitrina da joalheria La Royale na Rua da Quitanda. Fez parte da comissão Guilherme de Almeida, presidente da Associação Paulista de Imprensa; Menotti del Picchia,

[704] JORNAL *Diário da Noite.* (06/01/1928), pp. 2. *Ibidem*. (13/01/1928), pp. 2. JORNAL *Correio Paulistano*. (16/02/1928), pp. 2. *Ibidem*. (15/02/1928), pp. 2. JORNAL *Diário Nacional*. (10/01/1928), pp. 2. *Ibidem*. (13/01/1928), pp. 2. JORNAL Correio Paulistano. (11/02/1928), pp. 2.
[705] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (24/01/1935), pp. 4.
[706] JORNAL *Correio Paulistano*. (15/05/1938) pp. 13.
[707] *Ibidem*. (02/11/1938) pp. 9.
[708] JORNAL *Correio Paulistano*. (24/08/1938) pp. 2.

diretor do Departamento de Publicidade do Palácio de Governo; e Nuto Sant'Anna, do Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo.[709]

A 1ª Exposição Nacional de Orquídeas organizada pelo Círculo Paulista de Orquidófilos teve a participação de vários colecionadores de todo o Brasil, para a comemoração do centenário do naturalista brasileiro J. de Barbosa Rodrigues. O prêmio de destaque levou o nome de Taça Barbosa Rodrigues, que foi oferecida pela joalheria La Royale e destinada à melhor planta da exposição.[710]



Figura 125. **Conjunto de seis colheres para café de prata de lei**, acondicionado em estojo original com etiqueta da joalheria La Royale. Estrutura de madeira, forro interno de veludo azul e tecido acetinado branco. Dimensão do estojo 19 x 11,50 cm. [Acervo particular]

Na década de 1950 a joalheria estava instalada em dois endereços, Rua da Quitanda e Barão de Itapetininga, e anunciava joias mais aristocráticas.[711] (Anexo I, fig. 224-225) Depois desta data não se conseguiu mais informação a respeito da joalheria.

MAPPIN & WEBB BRAZIL LTD.

TABELA XXVIII – Mappin & Webb

JOALHERIA	*Mappin & Webb joalheiros – fabricantes e importadores*.

[709] JORNAL *Correio Paulistano.* (17/02/1939), pp. 4.
[710] *Ibidem*. (12/07/1942), pp. 3.
[711] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (13/12/1951), pp. 6.

PROPRIETÁRIO	Walter John Mappin, Herbert Joseph Mappin e Henry Portlock (no Brasil).
PERÍODO DE ATIVIDADE	Fundada em 1810 na Inglaterra 1911-1960 (RJ) e 1912-1936(SP)
LOCALIZAÇÃO	Rua do Ouvidor, 100 (RJ). Rua 15 de Novembro, 37; Rua 15 de Novembro, 28 (SP).
COMÉRCIO	Joias de ouro, platina e prata; relógios de pulseira; objetos de arte; prataria inglesa; cristais; porcelanas; malas de viagem; marroquinarias; cutelaria *Stainless*; taças.
GEMAS	Esmeraldas; diamantes; pérolas; safiras; rubis.
JOIAS	Anéis; brincos; broches; colares; pulseiras.
RELÓGIOS	Relógios de bolso e de pulseira, para homens e senhoras, de ouro, ouro branco, platina e prata de lei; relógios de mesa.
OBJETOS DE ARTE	Prata de lei Inglesa e Prata Princesa: caixa para cigarros; centros de mesa; cigarreiras; fruteiras; serviços para café e chá; Bibelôs; bolsa de seda; bronzes; cristais; cigarreiras de tartaruga, couro; cutelaria *stainless*; esmalte e ouro 18 k; estojo de manicure; marfins; mesas de chá; mesa pata toalete; metal; porcelana; saladeira; serviços para mesa; vasos; marroquinaria.

Fonte: JORNAL *O Estado de São Paulo*. (26/09/1912), pp. 16. REVISTA *Atualidades*. São Paulo, (28/02/1916). JORNAL *O Estado de São Paulo*. (03/05/1916), pp. 10. Ibidem. (31/12/1919), pp. 1. *Ibidem*. (28/12/1922), pp. 12. *Ibidem*. (03/11/1925), p. 1. REVISTA *Illustração Brasileira*. (nov./1923). JORNAL do *Commercio*. São Paulo, (11/04/1926), pp. 1. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (28/01/1928), pp. 2. *Ibidem*. (08/03/1928), pp. 2. REVISTA *Illustração Brasileira*. (dez./1938). REVISTA *A Cigarra magazine.* (dez./1940), pp. 59.

Em 1774,[712] Jonathan Mappin abriu uma oficina de ourivesaria no Norte da Inglaterra, em Sheffield. Em um ano, a primeira marca Mappin foi registrada no escritório de ensaios. Jonathan Mappin recebeu a *Freedom of the Cutlers Company* em 1780. A empresa passou de pai para filho e depois para o neto. Em meados do século XIX, foi incorporada como Mappin Brothers Ltd pelos quatros bisnetos, William, Edward, Joseph e John.

[712] De 1774 até 1911 – cronograma de Mappin & Webb na Inglaterra, a referência será: MAPPIN & WEBB. Disponível em: https://www.mappinandwebb.com/our-history. Acesso em: 06/06/2020. MAPPIN & WEBB. Disponível em: https://www.hancocks-london.com/maker/mappin-%26-webb/. Acesso em: 21/02/2019.

Em1849, Sir William Mappin se tornou cavaleiro, e Joseph Mappin abriu o primeiro *showroom* da sociedade em Londres. William saiu da sociedade em 1859. Edward e Joseph continuaram com a Mappin Brothers Ltd, criando um negócio muito próspero. O filho de Edward, Charles, os sucedeu e, anos depois, vendeu a empresa, que entrou em declínio e fechou.

John saiu da sociedade para fundar sua própria empresa em 1860, a *Mappin & Company*, abrindo uma loja na Oxford Street, em Londres. Dois anos depois seu cunhado George Webb entrou para o negócio. Quatro anos depois, pouco antes da morte de George, eles reformularam a empresa, que passou a ser Mappin, Webb & Co. Em 1889, a companhia foi registrada como Mappin & Webb Ltd. O negócio estava focado na fabricação e tinha sua sede em Sheffield.

Na década de 1890, começou a expansão, abriram lojas em várias cidades. Sua primeira boutique foi em Johanesburgo, logo após a descoberta de ouro na região de Witwaters Rand. Em 1897 a Mappin & Webb recebeu da rainha Vitória seu primeiro *Royal Warrant* (um mandado real como ourives da rainha), a marca atualmente possui um Mandado Real como ourives e joalheiros para Sua Majestade, a Rainha (Anexo I, fig. 226), e como ourives para Sua Alteza Real, o Príncipe de Gales.



Figura 126**. Mappin & Webb. (1) Fachada da Mappin & Webb em Londres**. [Disponível em: https://www.mappinandwebb.com/. Acesso em: 29/04/2021]. **(2) Interior da Matriz da Mappin & Webb, em Londres**. Tornaram-se fornecedores da casa real britânica. [ALVIM, Z.; PEIRÃO, S. – *Mappin: setenta anos*. São Paulo: Editora *Ex Libris* Ltda, 1985, pp. 23].

Na década de 1910, já havia lojas em outros doze locais. Foi quando passaram a atender a realeza europeia e os marajás indianos. Um ano depois iniciavam uma tradição que

se tornou duradoura, a de criar peças comemorativas de prata para ocasiões reais marcantes. No final do século XIX, os descendentes do fundador da Mappin & Webb, os irmãos Walter John Mappin e Herbert Joseph Mappin, instalaram uma filial em Buenos Aires, onde já estavam instalados outros empreendimentos britânicos, como a célebre Harrods.[713]

A firma *Mappin & Webb Brazil Ltd* registrou sua nova empresa, com capital de 15.000 libras, especialmente destinada a desenvolver negócios no Brasil, em setembro de 1911. Em solo brasileiro, abriu a primeira loja no Rio de Janeiro, na Rua do Ouvidor (fig. 127. 1), com loja de presentes finos importados da Europa. Lá, permaneceu até 1960, quando já não compensava continuar com o negócio.[714]



Figura 127. Fachadas da Casa Mappin & Webb no Rio de Janeiro e em São Paulo. **(1) Mappin & Webb do Rio de Janeiro, na Rua do Ouvidor.** Observa-se que a calçada da Rua do Ouvidor era de ladrilho hidráulico, mostrando o requinte da época. Permaneceu assim até os anos 1970, quando esse piso foi substituído por pedras portuguesas. [DECOURT, André – Chic Rua do Ouvidor, Mappin & Webb. Disponível em: http://rioquepassou.com.br/2006/06/20/chic-rua-do-ouvidor-mappin-webb/. Acesso em: 21/03/2019. **(2) Mappin & Webb em São Paulo na Rua 15 de Novembro**, ao lado do Mappin Stores, conforme a indicação da seta. [Foto: Aurélio Becherini. 1915. Disponível em: http://www.acervodacidade.prefeitura.sp.gov.br/PORTALACERVOS/ExibirItemAcervo.aspx?id=436586. Acesso em: 17/01/2019].

[713] ALVIM, Zuleika; PEIRÃO, Solange – *Mappin: setenta anos*. São Paulo: Editora *Ex Libris* Ltda, 1985, pp. 22.
[714] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (02/09/1911), p. 5. ALVIM, Zuleika; PEIRÃO, Solange – *Mappin: setenta anos*. São Paulo: Editora *Ex Libris* Ltda, 1985, pp. 20, 22.

Alguns meses depois estavam em São Paulo, na Rua São Bento, na nova casa do Barão de Iguape, que alojava no andar térreo lojas voltadas para o consumo da elite, como Mappin & Webb – com comércio de joias, pratas, cristais e presentes finos para casamentos ou ocasiões especiais – e a Casa Enxoval – com tapeçarias e móveis de luxo. Os andares superiores foram destinados ao hotel de luxo, *Grand Hôtel de La Rôtisserie Sportsman*.[715]

O Relatório da Sociedade Mappin & Webb de Londres, relativo ao ano de 1911, declarava a distribuição de um dividendo anual de 9% maior que dos anos anteriores, comprovando que os resultados satisfatórios eram devido aos negócios feitos pelas novas filiais da sociedade, a do Rio de Janeiro e de São Paulo. Era na capital paulista que a riqueza começava a circular, tornando o mercado mais promissor que em outras cidades brasileiras.[716]



Figura 128**. Vista interior da Mappin & Webb em São Paulo**. Rua 15 de Novembro, 37. [REVISTA *São Paulo Illustrado*. (28/09/1912)].

A Mappin & Webb se transferiu para a nova filial de São Paulo, na Rua 15 de Novembro n.º 37 (fig. 128), no dia 28 de junho de 1912. Nessa data, foi motivo de página inteira do jornal *O Estado de São Paulo*, na capa, que anunciava sua inauguração (Anexo I,

[715] BARBUY, Heloisa – *A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914.* São Paulo: EDUSP, 2006, pp. 108-109. SOUSA, Pedro Luís Pereira de – *Casa Barão de Iguape: recordação e revelação de São Paulo do século XIX*. São Paulo: Edição do autor, 1959, pp. 17.
[716] ALVIM, Zuleika; PEIRÃO, Solange – *Mappin: setenta anos*. São Paulo: Editora *Ex Libris* Ltda, 1985, pp. 22. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (02/04/1912), pp. 2.

fig. 227). A notícia dizia que eram fabricantes exclusivos da prata "Princesa", que substituía a prata de lei.[717] Um ano depois, no mês de novembro, ocorreu a inauguração do novo empreendimento dos irmãos Mappin e Henry Portlock com o inglês John Kitching, ex-gerente da loja Debenhams, na Inglaterra, a *Mappin Stores*, loja de departamentos, na Rua 15 de Novembro, n.º 26. Um mês depois, foi a vez da reinauguração da casa Mappin & Webb joalheiros, na mesma rua, no n.º 28, ao lado de Mappin Stores. Eram sociedades distintas que passaram a ocupar o mesmo prédio, com entradas independentes (fig. 127. 2).[718] Estava localizada em frente à Casa Michel dos Irmãos Worms.[719]



Figura 129. **Casa Mappin & Webb na Rua 15 de Novembro**, à direita na foto, ao lado do Mappin Stores, em frente à Casa Michel, à esquerda na esquina. Data: 1916. [Acervo Luiz Eduardo Cirne Correa]



Figura 130. **Centro de mesa de Prata "Princesa" – Mappin & Webb**, guarnecido por recipiente em cristal verde esmeralda. Entre 1900 e 1927. Dimensão 15 x 25 cm. (Acervo particular)

[717] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (28/06/1912), pp. 1. *Ibidem*. (23/09/1912), pp. 15.
[718] *Ibidem*. (29/11/1913), pp. 1. *Ibidem*. (15/12/1913), pp. 2.
[719] No Anexo I, fig. 226, vemos as secções de louça, cristais e objetos de arte da Casa Mappin & Webb.

A Casa Mappin & Webb era frequentada não só pelos moradores da capital, mas por fazendeiros e pessoas da elite que viviam nas cidades do interior paulista (a variedade de artigos vendidos que foram adquiridos para presentear e compor as *corbeilles de mariage* ou outros momentos especiais, como Natal e Ano-Novo, pode ser observada no Anexo I, fig. 228-233; 235-241).

Como acontecia anualmente, para as corridas realizadas no Prado da Mooca, a Taça Mappin & Webb, de prata, era oferecida pelo Jockey Club para o Turfe; no ano de 1923, o prêmio foi conquistado pelo cavalo Maglino, de propriedade do Comendador Rodolpho Crespi.[720] (Anexo I, fig. 234) Essa prática continuou pelo período em que a Casa estava com filial em São Paulo.

Além das filiais de São Paulo e do Rio de Janeiro, a casa Mappin & Webb possuía sucursais em Londres, na Queen Victoria Street, e a Casa Matriz, na Oxford Street; em Buenos Aires, na Calle Florida; em Paris, na Rue de la Paix; e em Roma, no Corso Umberto I. Também tinha estabelecimentos em Nice, Biarritz, Monte Carlo, Lausanne, Copenhagen, Johanesburgo, Bombaim, Montreal, além de agências em Shanghai, Estocolmo, Bergen, Madrid e fábricas em Sheffield e Londres. A Casa Mappin & Webb e a Mappin Store continuaram lado a lado até a ano de 1919, quando a loja de departamentos se mudou para a Praça do Patriarca. A casa Mappin & Webb de São Paulo permaneceu no mesmo endereço até 1936, quando se retirou da praça paulista, continuando com a joalheria no Rio de Janeiro até 1960.[721]

CASA OSCAR MACHADO

Uma das mais antigas e conhecidas da Capital Federal, a Joalheria Oscar Machado, antiga Casa Moreira, foi fundada em 1875, ainda durante a Corte Imperial, quando se

[720] REVISTA *A Vida Moderna*. São Paulo, (27/12/1923). Rodolfo Crespi era dono do Cotonifício que levava o seu nome, fundado em 1897. MONTE DOMECQ' & Cie. *Société de Publicité Sud-Américaine – O Estado de São Paulo.* Barcelona: Estabelecimento Graphico Thomas, 1918, pp. 350.
[721] REVISTA *Atualidades*. São Paulo, (28/02/1916). [REVISTA *Illustração Brasileira*. ()]. JORNAL O Estado de São Paulo. (19/12/1935), pp. 2. ALVIM, Zuleika; PEIRÃO, Solange – *Mappin: setenta anos*. São Paulo: Editora *Ex Libris* Ltda, 1985, pp. 23-24.

encontrava estabelecida na Rua do Ouvidor, 101 e 103. Oscar Machado era brasileiro, começou cedo no comércio, aos 16 anos, na Casa Moreira, onde passou a ser sócio por 20 anos, e em 1902 se tornou o único proprietário da joalheria. A Casa possuía um grande sortimento de joias com diamantes, pérolas, rubis e safiras, entre outras gemas, e relógios de bolso e de mesa, além de artigos finos e artísticos para presente de prata, bronze e cristais diretamente importados dos centros produtores. Tais produtos ficavam em exposição em suas vitrinas, assim como grandes diamantes avulsos talho brilhante e pérolas importadas da Índia. *Coiffeuses*, mesas para chá e costura também faziam parte de seu estoque. Os diamantes que a casa trabalhava eram adquiridos nas cidades de Diamantina (Minas Gerais) e Caravelas (Bahia), e enviados em bruto a Amsterdam para serem lapidados; havia também diamantes de procedência sul-africana. Mantinham uma oficina bem montada com 40 operários que trabalhavam exclusivamente para a casa.[722] (Anexo I, fig. 242)

Oscar Machado ia pessoalmente à Europa para comprar somente o que as melhores casas da Rue de la Paix, em Paris, estavam vendendo. As caixas contendo joias, objetos de decoração, gemas, entre outros, chegavam pelos navios e ele os retirava na Alfândega. Algumas peças de fabricação própria eram confeccionadas em sua oficina, como uma coleção de joias de turmalina e água-marinha montadas em platina e ouro. Trabalhava com relógios da marca Ômega, de ouro, folheados a ouro, prata, níquel e aço tanto para homens como para senhoras. Aos fregueses que o honravam com suas compras, dava mimos como lembranças. Para atraí-los, anunciava que estava vendendo 30 % mais barato que qualquer outra casa.[723]

Em 1920, transferiu-se para outro número da mesma rua, para efetuar uma reforma no prédio que o dotaria de modernas instalações.[724] Um ano depois, já estava de volta ao antigo endereço, com o prédio todo reformado. (Anexo I, fig. 243)

JOALHERIAS EM PARIS

[722] LLOYD, Reginald (dir.) – *Impressões do Brasil no século vinte*. Inglaterra: Lloyd's Greater Britain Publishing Company, Ltd. 1913. Disponível em: http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0300g38p.htm. Acesso em: 27/04/2021. REVISTA *O Malho*. Rio de Janeiro, (20/09/1913).
[723] *Ibidem*. (25/12/1909).
[724] JORNAL *Correio da Manhã*. (19/04/1920), pp. 5.

Em Paris, o decreto de 1806 havia aprovado a abertura da Rue de La Paix sob o nome de Rue Napoleon, especificando que deveria ser a rua mais bonita de Paris, como também deveria ser erguida, na Place Vendôme, uma coluna feita com o bronze dos canhões capturados em Austerlitz, tomando como modelo a Coluna de Trajano em Roma. Também se decidiu abrir a Rue Daunou, ficando este bairro conhecido por seu comércio de luxo. Em 1815, foi Mellerio dits Meller o primeiro a abrir sua joalheria na região da Place Vendôme, na Rue de La Paix. No ano de 1923, muitos joalheiros já estavam instalados lá. Foi neste período de 1922/1923 que a joalheria francesa começou a renascer, depois da crise surgida pela Primeira Guerra Mundial, 1914/1918. André Aucoc (ou Aucocq, como alguns escrevem) foi um dos que se instalou na Rua de La Paix. Ao lado de Mellerio estava a joalheria de Vever; também instalaram suas lojas de joias nessa rua: Mappin & Webb, Cartier, Jean Charles Chocarne, Lacloche, Janesich, Berlioz e Doucet.[725]



Figura 131. **Mellerio dits Meller ao centro, na Rue de La Paix**, e Vever à direita [A Rue de La paix, a Place Vendôme em 1923. Disponível em https://www.xn--bijouxetpierresprecieuses-rfc.com/2011/07/la-rue-de-la-paix-la-place-vendome-en.html. Acesso em: 30/07/2018]

A família Mellerio está há 15 gerações no ramo joalheiro. Considerada a mais antiga joalheria do mundo, começou suas atividades em 1613. Os fundadores deixaram um legado para as gerações seguintes, como valores do trabalho, criatividade, *savoir-faire*, honestidade e discrição. Os descendentes continuam em atividade, com sua oficina em cima da boutique histórica localizada no n.º 9 da Rue de La Paix. A família guarda todos os documentos

[725] A Rue de La paix, a Place Vendôme em 1923. Disponível em https://www.xn--bijouxetpierresprecieuses-rfc.com/2011/07/la-rue-de-la-paix-la-place-vendome-en.html. Acesso em: 30/07/2018.

relacionados à atividade desde o século XVI: os privilégios reais concedidos por Maria de Médici e todos os seus sucessores, os livros de contabilidade e milhares de desenhos de joalheria.[726]



Figura 132**. A Maison Mellerio dits Meller**. [MELLERIO. Disponível em: https://www.mellerio.fr/. Acesso em: 30/07/2018]



Figura 133**. Joalheria Vever à esquerda e ao lado outras joalherias**. [A Rue de La paix, a Place Vendôme em 1923. Disponível em https://www.xn--bijouxetpierresprecieuses-rfc.com/2011/07/la-rue-de-la-paix-la-place-vendome-en.html. Acesso em: 30/07/2018]

[726] MELLERIO. Disponível em: https://www.mellerio.fr/. Acesso em: 30/07/2018.



Figura 134**. Interior da joalheria Vever**, na Rue de La Paix, em 1923. [A Rue de La paix, a Place Vendôme em 1923. Disponível em https://www.xn--bijouxetpierresprecieuses-rfc.com/2011/07/la-rue-de-la-paix-la-place-vendome-en.html. Acesso em: 30/07/2018]

CAPÍTULO IV: A CASA MICHEL DE WORMS IRMÃOS

Com a urbanização e as novas riquezas advindas da exportação do café, os espaços de sociabilidade haviam se ampliado e a presença feminina começou a ganhar mais espaço. As senhoras dos estamentos sociais mais elevados não se restringiam somente às atividades beneméritas ou religiosas, elas passaram a frequentar os salões de chá,[727] a ir às compras e ao Prado da Mooca, onde ocorriam as corridas do *Jockey Club* paulistano. Tudo isto virou um acontecimento, uma inovação dos tempos modernos e motivo para se apresentarem com joias em grande número, entre outros acessórios. Suas casas apresentavam decoração requintada e o consumo desses produtos se fazia nas grandes joalherias, que comercializavam esses artigos vindos do exterior e procuravam acompanhar o que as Exposições Universais divulgavam.

Nessa época, São Paulo se tornava próspera, era natural que o comércio de joias se instalasse nessa capital. Várias joalherias se instalaram no Triângulo Central – Ruas 15 de Novembro, Direita e São Bento –, conforme foi visto no Capítulo III. Foi um período em que as joalherias floresceram, nelas eram vendidos artigos importados da França, Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. A joia passou a fazer parte da toalete de mulheres da elite, era objeto de desejo e símbolo de elegância e *status*. Os joalheiros, aproveitando o gosto pela moda desses acessórios, se viram incentivados a criar e a produzir novas peças. A divulgação feita pelos anúncios auxiliou na promoção do comércio de joias, outro destaque foram as xilogravuras utilizadas para a confecção de cartazes, apresentando um estilo próprio dessa época, com o retorno às curvas orgânicas. Esta nova estética ocasionou uma mudança completa no adorno feminino. A Casa Michel dos Irmãos Worms se destacou nessa atividade perante outras joalherias que foram surgindo.

4.1. Os antepassados da família Worms e sua ligação com a joalheria

[727] BESSE, Susan – *Modernizando a desigualdade; reestruturação da ideologia do gênero no Brasil: 1914-1949.* São Paulo: Edusp. 1999, pp. 19.

O século XIX presenciou, principalmente no Rio de Janeiro, um afluxo de artífices imigrantes, especialmente judeus franceses, além de suíços e alemães, que mantinham suas lojas na Rua dos Ourives e do Ouvidor, concorrendo com brasileiros e portugueses. A vinda de oficiais europeus conhecedores de técnicas ainda não divulgadas entre os brasileiros, como guilhochadores, galvanizadores, entre outros, foi favorecida pela industrialização das artes de decoração e de joalheria.[728]

Por volta de 1855, os judeus franceses chegaram ao Brasil por vapores de Bordeaux ou do Havre, depois de terem passado por Paris, e se estabeleceram com comércio na cidade paulistana e na capital federal, que nessa época era o Rio de Janeiro, sendo que alguns deles se fixaram em Buenos Aires na Argentina. Uma segunda leva de judeus franceses desembarcou em portos brasileiros, por volta de 1870, deixando para trás a Alsácia e a Lorena. Os antepassados dos Worms[729] estavam presentes entre estes imigrantes tanto no Brasil quanto na Argentina. A família já pertencia ao ramo da joalheria, e um dos questionamentos que Alain Worms Herzog se faz é saber qual a razão de seus avós se estabelecerem nesses dois países e, além disso, procurar juntar os tios e primos da geração anterior.[730]

Podemos relacionar, a seguir, os antepassados dos Worms.

A) Alphonse Worms (1)[731]

Este Alphonse Worms (1) foi conselheiro da União Israelita em 1886-87 e diretor dessa mesma instituição alguns anos antes. Ele, sua esposa Sara[732] e filhos se estabeleceram

[728] RIBEIRO, Leonidio; ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de – *As artes plásticas no Brasil*. Vol. I. Rio de Janeiro: Ouvidor, c1952, pp. 214.
[729] WORMS – Sobrenome de origem geográfica, cidade da Alemanha. Nome de origem Celta. BARATA, Carlos Eduardo de Almeida; BUENO, Antônio Henrique da Cunha – *Dicionário das famílias brasileiras.* Vol. I. São Paulo: Ibero-América, 1999, pp. 2320.
[730] Informações fornecidas por Alain Herzog, sobrinho-neto de Aphonse Worms, proprietário da Casa Michel. Ele estuda a genealogia da família Worms.
[731] Ao tratar deste Alphonse Worms, colocaremos sempre o (1), por ele ter o mesmo nome e sobrenome do futuro proprietário da Casa Michel.
[732] No dia 28 de janeiro de 1882, faleceu nesta capital Sara Worms, de nacionalidade francesa, mãe de Goschaux e de Emile Worms, este último conceituado negociante na província de São Paulo. Granjeou grande amizade dos que a conheciam, pois viveu muitos anos nesta cidade. JORNAL A Província de São Paulo. (31/01/1882), pp. 2.

no Brasil; teve como empregado Alexandre Gerson. A combinação de datas e nomes nos faz pensar que este Alphonse Worms (1) poderia ser o filho de Samuel. Alexandre Gerson deveria ser seu primo em primeiro grau, o filho mais velho de Anne e Abraham Gerson.[733]

Pode-se observar que, em uma primeira etapa da imigração francesa, estrangeiros de sobrenome Worms já estavam estabelecidos com comércio de joias, entre São Paulo e Rio de Janeiro, conforme o caso de Alphonse Worms (1) (1833-França / 1899-São Paulo), que veio da França para o Brasil aos 18 anos, em 1851. Por sua dedicação ao trabalho, adquiriu posição invejável no comércio, tornando-se conhecido em quase todo o país, pelo qual viajou a negócios, e o adotou como sua segunda pátria. Fazia frequentes visitas a São Paulo para vender as peças de joalheria e diamantes, sempre anunciando sua chegada em jornais da capital, e hospedava-se em hotéis diferentes a cada temporada, onde poderia ser encontrado.[734]

> Alphonse Worms tem a honra de participar ao respeitável público desta capital, que tendo chegado ao último vapor do Rio de Janeiro, traz um riquíssimo sortimento de finas joias, como relógios, correntes do mais moderno gosto, e outros objetos concernentes ao mesmo negócio. Encarrega-se de encomendas diretamente para o Rio de Janeiro, e mesmo para a Europa. Pode ser procurado no Largo de Palácio, Hotel do Universo. (N. B. Também troca e compra ouro velho).[735]

Até o final do século XIX, o porto de Santos operou de forma rudimentar, quando então houve a concessão deste à família Guinle. Era, então, o porto do Rio de Janeiro o local para receber os artigos vindos do estrangeiro – joias, objetos de decoração, tecidos, roupas, livros, materiais de construção, entre outros –, e de lá partiam para outras capitais, como São Paulo.

Alphonse Worms (1) exerceu vários cargos de confiança, entre os quais Árbitro do Tribunal do Comércio e Avaliador da Alfândega. A partir de 1859, sua casa de importação passou a ser registrada no *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro*. Situada na Rua do Rosário, a casa comercializava joias de ouro, prata e gemas, diamantes brutos e lapidados, bem como recebia por todos os paquetes que chegavam ao porto o que havia de atual e fino da Inglaterra, França e Alemanha. Em 1865, Alphonse mudou sua loja

[733] Declaração de Alain Herzog.
[734] JORNAL *Correio Paulistano.* (06/09/1854), pp. 4. *Ibidem*. (29/02/1856), pp. 4. *Ibidem*. (12/08/1856), pp. 4. *Ibidem*. (10/01/1857), p. 4.
[735] Anúncio feito por Alphonse Worms (1) no JORNAL *Correio Paulistano*. São Paulo, (29/02/1856), pp. 4.

para o nº 105 da mesma rua. No ano seguinte estava na Rua dos Ourives nº 83.[736] Em 1873, trabalhando com Gaston Worms,[737] o estabelecimento encontrava-se em novo endereço à Rua 1º de Março. O ano de 1875 foi o último em que apareceu o nome de ambos no referio almanaque.[738]

Uma das especialidades de venda de Alphonse Worms (1) eram os diamantes brutos e lapidados. Até 1924, os diamantes eram talhados por lapidadores que trabalhavam como artesãos, individualmente, à mão ou com ajuda de algumas máquinas. Apesar de serem primitivos os métodos empregados, produziram-se pedras que perdiam um mínimo de peso. A partir desse momento, a mecanização entrou progressivamente nessa atividade. Na década de 1950, a produção em massa estava mecanizada, embora algumas pedras, por serem especiais, fossem talhadas e polidas à mão, para evitar a perda de peso ou mesmo para lhe dar um acabamento diferenciado.[739]

O filho de Alphonse Worms, Mardochée Emile Worms (RJ, 12/03/1857 – SP, 01/12/1897),[740] era negociante de empréstimos na Casa Emílio Worms & Comp. e se estabeleceu na cidade de São Paulo. Emílio Worms, como era conhecido, e seu sócio João Menezes leiloavam as joias penhoradas cujas cautelas estivessem vencidas e não resgatadas, prevenindo os mutuários para resgatá-las ou reformá-las até a data do leilão, conforme aconteceu no ocorrido em 9 de novembro de 1885.[741]

Em 1895, existiam oficialmente cinco casas de penhores, a de Emílio Worms & Comp.; a Equitativa, propriedade de Francisco Albagis; a Casa Suplicy, propriedade de João Suplicy e Joaquim Leite Penteado; a de Luiz Netto Caldeira; e a de Henrique Merlino. Em virtude de um edital publicado pela Repartição Central de Polícia, essas casas foram

---

[736] JORNAL *Correio Paulistano.* (17/07/1900), pp. 2. LAEMMERT, Eduardo von – *Almanak administrativo mercantil e industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para o ano de 1860*. Rio de Janeiro: Casa dos Editores Proprietários Eduardo e Henrique Laemmert, 1860, pp. 31 e 728. IDEM *Ibidem*, 1865, pp. 662. IDEM *Ibidem*, 1866, pp. 637.

[737] Não se tem confirmação, mas acredita-se que Gaston A. Worms fosse irmão ou filho deste Alphonse Worms (1).

[738] LAEMMERT, Eduardo von – *Almanak administrativo mercantil e industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para o ano de 1860*. Rio de Janeiro: Casa dos Editores Proprietários Eduardo e Henrique Laemmert, 1874, pp. 59. IDEM *Ibidem*, 1875, pp. 7, 61, 243, 915, 928.

[739] REVISTA *R & J – Relógios & Joias* – (dez./1958), pp. 30.

[740] BARATA, Carlos Eduardo de Almeida; BUENO, Antônio Henrique da Cunha – *Dicionário das famílias brasileiras.* São Paulo: Ibero-América, 1999, vol. 1, pp. 2320.

[741] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (03/11/1885), pp. 3.

obrigadas a apresentar seus respectivos Títulos de Autorização. Das cinco, somente a de Henrique Merlino não o apresentou; das quatro que apresentaram, a de Emílio Worms era a única que havia prestado fiança, de acordo com o estabelecido no decreto n.º 2002, de 14 de novembro de 1850, e do aviso n.º 52, de 14 de agosto de 1852. As outras três estavam funcionando sem fiança da lei, tendo sido intimadas a regularizar a sua situação.[742]

Estabelecido na Rua 1º de Março, Emile desfez a antiga sociedade e constituiu uma nova com seu pai na Casa de Empréstimos, em fevereiro de 1896, localizando-se então na Rua Caixa D'Água. Emile Worms faleceu em 1 de dezembro de 1897, deixou esposa, Myriam Emma Worms, e um filho, o Dr. Gastão Worms. Alphonse Worms (1) então assumiu a casa com nova razão social, Casa de Penhores Alphonse Worms.[743]

Para que Alphonse Worms (1) pudesse assumir a casa na cidade de São Paulo, o Tribunal do Comércio da Capital do Império teve que expedir um documento, dando os créditos necessários, como se pode ver no trecho abaixo:

> O Tribunal do Comércio da Capital do Império faz saber, aos que a presente carta de comerciante matriculado vir, que atendendo ao que lhe representou o sr. Alphonse Worms, súdito francês, domiciliado com sua casa de comércio de importação de joias nesta praça e constando pelos documentos que apresentou a diligência a que se procedeu, que tem capacidade legal para poder comerciar, goza de crédito público, e se acha nas circunstâncias requeridas no código comercial, e decreto número setecentos e trinta e oito, de vinte e cinco de novembro de mil oitocentos e cinquenta, mandou inscrever o seu nome na matrícula dos comerciantes matriculados no mesmo Tribunal: ficando por esta forma habilitado para gozar das prerrogativas e proteção que o referido código liberaliza, em favor do comércio, aos comerciantes matriculados. Em firmeza do que se mandou passar a presente carta, assinada pelo presidente do sobredito Tribunal, que, levando o selo deste, e sendo registrada na Chancelaria-Mor do Império, terá inteiro valimento. Dada na Secretaria do Tribunal do Comércio da Capital do Império, aos vinte e três dias do mês de dezembro do ano de mil oitocentos sessenta e três.[744]

Após o falecimento de Alphonse, a viúva de Emile Worms autorizou a liquidação das peças de joalheria existentes através de um grande leilão, que ocorreu na Casa de Penhores e foi realizado pelo leiloeiro Elisiario A. Leal.[745]

B) José Worms e Alexandre Worms

[742] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (14/02/1895), pp. 2.
[743] *Ibidem*. (27/02/1896), pp. 3. *Ibidem.* (30/12/1897), pp. 2. *Ibidem.* (05/12/1897), pp. 2. JORNAL *Correio Paulistano*. (05/07/1900), pp. 1.
[744] Texto com atualização ortográfica. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (04/04/1899), pp. 2
[745] *Ibidem.* (08/08/1899), pp. 4.

Na década de 1860, os sócios Alexandre Worms e José Worms, proprietários de uma casa de joias na Rua Direita nº 37, em São Paulo, comercializavam peças importadas de vários países da Europa. No setor de joalheria, seus principais artigos eram relógios suíços e ingleses com correntes em ouro ou prata para homens e senhoras; pulseiras, broches, anéis, medalhas, brincos, memórias, alfinetes e colares de pérolas; botões para punhos e peito; *pince-nez* de ouro ou prata dourada. Possuía uma grande variedade de gemas avulsas (diamantes, coral, esmeraldas, turquesas, rubis) de vários quilates e pérolas; objetos de decoração como jarros e objetos de prata; aparelhos de chá e outras peças em *ruolz*. O *ruolz* era uma liga de cobre, níquel e prata desenvolvida pelo francês Henri de Ruolz, que lhe deu o nome. Esta liga foi usada em particular na joalharia e na fabricação de talheres no século XIX.[746]

Em seu comércio os irmãos dedicavam-se às joias e objetos de decoração, às peças de vestuário e acessórios. Havia um grande sortimento de fazendas e modas, roupa branca para senhoras e homens, gravatas, lenços, camisas, meias, chapéus de palhinha de diversas cores para homens, senhoras e crianças. Essas mercadorias chegavam pelos vapores que aportavam no Rio de Janeiro, sendo necessário que um dos sócios para lá se deslocasse a fim de pegá-las, pois nesse período o porto de Santos ainda não recebia os grandes vapores. No ano 1864, transferiram a loja para o número 19, na mesma rua. Em 1º de Maio de 1865 dissolveu-se a sociedade de forma amigável, ficando todo o ativo e passivo a cargo de José Worms, exonerando Alexandre Worms de todos os encargos e dívidas da extinta sociedade.[747]

Nesse período a casa trabalhava com um estoque variado de peças: adereços de diamantes lapidação brilhante; braceletes, *bixas*, anéis e cruzes de diamantes lapidação brilhante; colares de pérolas; pulseiras e brincos de ouro; anéis de ouro maciço; colares de contas de coral de diversas grossuras; relógios de ouro com pendulas; relógios a *remontoir*,

[746] JORNAL *Correio paulistano*. (14/03/1862), pp. 4. L'or, l'argent... et l'opéra! Hommage au comte Henri de Ruolz, pp. 34. Disponível em: https://www.forumopera.com/v1/dossiers/ruolz/ruolz_hommage.pdf. Acesso em: 22/04/2018.
[747] JORNAL *Correio paulistano*. (15/07/1863), pp. 4. *Ibidem*. (12/03/1864), pp. 3. *Ibidem*. (18/03/1864), pp. 4. *Ibidem*. (19/08/1864), pp. 3. *Ibidem*. (13/10/1864), pp. 3. *Ibidem*. (06/12/1864), pp. 3. *Ibidem*. (05/01/1865), pp. 4. *Ibidem.* (02/07/1865), pp. 3.

relógios ingleses superiores; relógios para senhoras enfeitados; correntes de relógios de vários gostos; dedais de ouro com fundo de ágata; botões de punho lavrados e esmaltados. Quanto aos objetos de prata, faziam parte os faqueiros de gosto variados, castiçais e paliteiros. No ano seguinte, a Casa de Joias de José Worms mudou-se para a Rua Direita nº 40, sendo que, no antigo endereço, continuou a loja de tecidos, fazendas e roupas feitas. Nesse tempo estava como sócio Anselmo Levy. Seu comércio se expandiu e a casa montou uma filial em Paris, à Rue Baudin. José Worms fazia viagens para a Europa com frequência, a fim de comprar artigos para suas lojas ou tratar de sua saúde. Nessas ocasiões, sua esposa gerenciava o estabelecimento. A casa de joias possuía ourives para prováveis consertos e confecção de peças.[748]

G. Worms, possível parente de José Worms, tinha em sociedade com P. Lang, a firma P. Lang & G. Worms, que trabalhava com alfaiataria, camisaria e roupa feita, com o nome fantasia L'Elégance Parisienne, na Rua Imperatriz. Ao anunciar o encerramento de suas atividades, em 31 de outubro de 1879, os sócios pediram a seus devedores para saudarem suas dívidas na Casa José Worms à Rua Direita, onde encontrariam G. Worms, encarregado da liquidação dos débitos.[749] É plausível que houvesse parentesco entre José Worms e G. Worms.

Um acontecimento pitoresco sucedeu na época em que Alexandre e José Worms eram sócios, relembrado anos depois em jornais paulistas, documentos estes que seus descendentes conservam até hoje. Tal fato ocorreu quando o poeta Fagundes Varella, muito conhecido dos brasileiros, adquiriu uma joia na Joalheria Worms, para presentear sua noiva, no valor de Rs. 120$000. Poeta da segunda geração do romantismo brasileiro, Luís Nicolau Fagundes Varella (Rio Claro RJ, 1841 – Niterói RJ, 1875) tratava de temas sociais, políticos, da natureza e dos sentimentos. Na época da compra da joia, Fagundes Varella deixou como pagamento uma carta de próprio punho, afirmando que pagaria assim que pudesse, o que

[748] JORNAL *Correio paulistano*. (18/08/1865), pp. 4. *Ibidem.* (17/03/1866), pp. 4. JORNAL *A Província de São Paulo*. (28/07/1875), pp. 3. *Ibidem*. (11/08/1876), pp. 3. *Ibidem*. (28/07/1875), pp. 3. *Ibidem*. (11/08/1876), pp. 3.

[749] JORNAL *A Província de São Paulo*. (17/05/1877), pp. 3. Após a Proclamação da República, em 15/11/1889, a Rua Imperatriz se tornou Rua 15 de Novembro, conforme vimos no Capítulo I. JORNAL *A Província de São Paulo.* (04/11/1879), pp. 2.

nunca aconteceu. Dois registros em jornais, um do ano de 1882 e outro de 1977, narram esse fato.[750]

Justin Worms – um dos sócios da Casa Michel e irmão de Alphonse Worms, descendente deste José Worms – confirmou a relação de seus antepassados com comércio de joias em um discurso proferido em 14 de julho de 1962, quando recebeu uma homenagem na Solenidade Comemorativa do vigésimo aniversário do Sindicato dos Lojistas de Comércio em São Paulo. Nesse evento, o Presidente do Sindicato, João Baptista Monteiro, homenageou Justin Worms, sócio fundador deste sindicato (conforme foi comentado no Capítulo II sobre essa homenagem). Ele representou todos os consócios que prestaram apoio nos 20 anos de sua existência. Em seu discurso comentou que, depois de se desvincular da sociedade na Casa Michel, montou sua própria loja, a Joalheria Worms, no mesmo arruamento de seu antepassado José Worms, à Rua Direita, primeiramente como firma individual e depois como sociedade anônima, cuja presidência ainda estava exercendo no dia do evento.[751]

Em seu discurso Justin Worms comenta, (Anexo I, fig. 248)

> Não é sem emoção que, já quase aos 77 anos de idade, recebo esta honrosa, porém imerecida homenagem, como expressão do comércio tradicional de nossa querida cidade. [...]
>
> Já nos remotos tempos de 1870, os Worms, meus antepassados e também joalheiros, exerciam suas atividades nessa mesma Rua Direita, conforme documentam os anúncios publicados no *Diário de São Paulo*, de 29 de junho de 1873.[752]

C) Outros Worms

Na década de 1870, houve um êxodo, especialmente de judeus franceses que abandonaram sua terra natal e se fixaram em São Paulo, Rio de Janeiro e Pelotas, onde criaram núcleos ativos de importação e comércio de produtos luxuosos provenientes da

[750] JORNAL *Correio Paulistano*. (18/10/1882), pp. 1. JORNAL *Folha da Tarde*: *Secção Panorama*. São Paulo, (01/11/1977) – Acervo de Denise Worms Kahn.
[751] Folheto da Confraternização em Homenagem aos Lojistas de São Paulo. Acervo de Denise Kahn.
[752] Palavras proferidas por Justin Worms ao ser homenageado em 14/07/1962. Folheto da Confraternização em Homenagem aos Lojistas de São Paulo. Acervo de Denise Kahn.

França. Tais dados encontram-se nos documentos administrativos sobre os judeus no Brasil, em que identificaram 21 imigrantes franceses,

> [...] dentre eles os Worms, os Baccarat, os Pioton, que aqui se fixaram, haviam procurado o doce exílio da América do Sul, por não se conformarem com a derrota da França na guerra de 1870-1871. A anexação da Alsácia-Lorena à Prússia ao Reich de Bismark afugentou os alsacianos Worms e o loreno Aléxis Noirez, [...].[753]

Outras famílias de sobrenome Worms se estabeleceram no Brasil, mas sem nenhum parentesco com a família em estudo. Fernand Samuel Worms, cirurgião-dentista de origem judaica, nasceu em Niterói e mudou-se para Curitiba, Paraná. Em 1892 casou-se em Paris, com Bertha Abraham Worms[754] (França, 1868 / SP, 1937); transferiram-se para São Paulo com seus filhos, Jorge Mardocheu Worms (1893-1970) e Gaston Worms (1905-1967), este último e sua mãe tornaram-se pintores de renome no início do século XX. As pinturas de ambos estão representadas na Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Jacob Worms, nascido em Tragni (Lorena), foi prefeito da cidade de Espirito Santo do Pinhal entre janeiro/1915 e janeiro/1920; uma rua na cidade leva o seu nome. Teve dois filhos, Jacob Worms Júnior e a Carmita Worms.[755]

4.2. História da Casa Michel

A história da Casa Michel está diretamente ligada ao crescimento do número de joalherias na cidade de São Paulo, quando o consumo de joias passou a ser mais intenso nas classes médias e altas. É um período em que a concorrência neste ramo procurou cada vez mais atrair os fregueses com estabelecimentos elegantes e produtos variados e de alta qualidade. Havia certa preocupação por uma boa localização, em pontos estratégicos, como em esquinas de ruas bem frequentadas e movimentadas, onde suas vitrinas adornadas com belas joias e artigos de luxo pudessem chamar a atenção dos pedestres, mostrando seu variado estoque, proveniente principalmente da Europa e dos Estados Unidos.

---

[753] Documento do acervo de Marie Anne Worms, neta de Alphonse Worms.
[754] Bertha Worms, conhecida artista plástica, ganhou medalha de ouro na categoria pintura na Exposição Nacional de 1908. LAEMMERT, Eduardo von – *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro para o ano de 1909*. Rio de Janeiro: Manoel José da Silva & Cia, 1909, pp. 2414. A Pinacoteca do Estado de São Paulo possui telas dela e de Gaston em seu acervo. JORNAL *Correio Paulistano*. (30/11/1906), pp. 3.
[755] Dados enviados por Alain, sobrinho-neto de Alphonse Worms.

Antes de se tornarem sócios da Casa Michel, os irmãos Worms obtiveram adequada experiência com comércio de joias, trabalhando em outros estabelecimentos do mesmo ramo. Foi o caso de Alphonse Worms, filho de Abraham e Eva, que passou um período na Argentina, onde residiu com sua irmã Alice e seu cunhado José Worms, que havia se instalado como joalheiro em Buenos Aires. As crianças de José e Alice nasceram na Argentina, em Santa Fé.[756] Posteriormente Alphonse, transferindo-se para o Rio de Janeiro, tornou-se sócio da casa de joias da família Gerson, conforme segue abaixo.

No início dos anos 1870, com a firma A. Gerson & Frère, Alexandre Gerson e seu irmão, Gerson Gerson[757] (ambos meios-irmãos do pai de Alphonse Worms), haviam se estabelecido no Rio de Janeiro, na Rua do Hospício.[758]

> No documento sobre Worms no Brasil que temos, diz que Alexander Gerson criou uma empresa com seu irmão Gerson Gerson: A. Gerson & Irmão. O túmulo de Gerson Gerson em Montparnasse nos diz que dois de seus filhos nasceram no Brasil: Suzanne Gerson (Sra. Georges Lévi), nascida em Pelotas em 25 de agosto de 1866, e Alphonse Gerson, nascido no Rio Grande do Sul em agosto de 1868.[759]

Os irmãos Gerson tiveram como sócios Emílio Levy e Luiz Oungre, em períodos diferentes. A Casa Matriz ficava em Paris, na Rue Richer, com filiais em Buenos Aires, na Calle Suipacha, e em Montevidéu, na Calle Buenos-Aires. Após o falecimento de Alexandre Gerson, seus herdeiros – Alphonse e Lucien – se associaram a Gerson na firma Gerson & C., em 1889. Esta nova sociedade comercial de importação – compra e venda por atacado de joias, diamantes, pedras preciosas, relógios, objetos de prata – abriu sua filial em São

---

[756] Este José Worms, apesar de ter o mesmo sobrenome de seu cunhado Alphonse, não tinha parentesco de sangue. Tradução livre da autora: *A noter que Alphonse Worms, fils d'Abraham et Eva avait été en Argentine avant de rejoindre le Brésil. Peut-être était-ce pour y rejoindre sa sœur et son beau-frère Alice et José Worms [...]qui était installé comme bijoutier à Buenos Aires, les enfants de Jose et Alice sont nés en Argentine à Santa Fé.* Dados fornecidos por Alain Herzog sobre a família Worms.

[757] "O túmulo de Gerson Gerson em Montparnasse nos diz que dois de seus filhos são nascidos no Brasil: Suzanne Gerson (Sra. George Levi), nascida em Pelotas, 25 de agosto de 1866, e Alphonse Gerson, nascido no Rio Grande do Sul em agosto de 1868. Assim, encontramos os filhos de Samuel, emigrantes no Brasil, com exceção dos descendentes de seu filho mais velho, Alexander Worms, algumas crianças se reunirão em Argentina, onde as crianças pequenas nasceram em Buenos Aires ou Santa Fe". Dados fornecidos por Philippe Rheims, o filho mais novo de Annette, irmã de Alphonse Worms.

[758] LAEMMERT, Eduardo von – *Almanak administrativo, mercantil e industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para o ano de 1876*. Rio de Janeiro: Casa dos Editores Proprietários Eduardo e Henrique Laemmert, 1876, pp. 970.

[759] Tradução livre da autora: *Dans le document sur les Worms du Brésil que nous avons, il est indiqué que Alexandre Gerson crée une société avec son frère Gerson Gerson: A. Gerson & Irmao. La tombe de Gerson Gerson à Montparnasse nous apprend que deux de ses enfants sont nés au Brésil: Suzanne Gerson (Mme Georges Lévi) née à Pelotas le 25 août 1866 et Alphonse Gerson, né à Rio Grande du Sud en août 1868.* Dados fornecidos por Alain Herzog sobre a família Worms.

Paulo, em 26 de abril de 1893, no mesmo endereço da anterior, no Largo do Thesouro. Para gerir essa casa foi dada procuração a Alexandre Cahen e Júlio Cahen. Posteriormente, estes irmãos Cahen abriram seu próprio negócio de joias, em torno de 1897.[760]

Em 1895 o sócio Louis Oungre retirou-se do negócio, ficando tanto a casa do Rio como a de São Paulo a cargo do sócio Gerson. Ao chegar ao Rio de Janeiro em 1897, Alphonse Worms associou-se à Gerson & C., participando dessa nova sociedade Edouard Elias e Armando Lindheimer .[761] A nova configuração trouxe estímulo à Casa Gerson & Cia., que chegou a ser homenageada com Medalha de Ouro na quarta Exposição Universal de Paris em 1889. No ano do evento seguinte, os sócios se tornaram Membros do Júri, *Hors Concours*. A especialidade da casa eram relógios da marca Gersonnette, únicos depositários dos afamados relógios da marca de fábrica Girard-Perregaux, de Chaux-de-Fonds, Suíça.[762]

Gerson & Cia, em seu anúncio de 1901, declarava que as lapidações de brilhantes eram feitas em Amsterdam e Anvers,[763] dois centros importantes com oficinas de lapidação localizadas na Holanda e na Bélgica. Em 1884, o comércio de diamantes atingia somas muito altas, em Amsterdam essa soma chegou a Rs. 18.000:000$000 (dezoito mil contos de réis), e esta indústria fornecia trabalho para dez mil pessoas. O valor de um diamante lapidado ultrapassava duas vezes e meia a própria pedra bruta, isto é, o quilate do diamante bruto era comprado a Rs. 18$000, já o quilate do diamante polido era vendido por, em média, Rs. 45$000. Essa indústria era quase que exclusivamente exercida em Amsterdam por judeus, muitos deles de origem portuguesa, pois nenhuma outra nacionalidade suportaria o esforço e firmeza de movimentos, a aplicação e a paciência indispensável para transformar a pedra bruta no estado de pedra preciosa. Para que o diamante lapidado tome na joalheria o nome de brilhante é necessário que ele apresente 66 facetas; com 24, esse diamante recebe o nome de diamante rosa.[764]

---

[760] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (20/08/1896), pp. 3. *Ibidem*. (20/04/1897), pp. 3. JORNAL *Annuncio*. São Paulo. (set./1901), pp. 2. JORNAL *Correio Paulistano*. (28/04/1893), pp. 2.
[761] JORNAL *O Commercio de São Paulo*. (20/08/1896), pp. 3. SAUER, Arthur – *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro e indicador para 1897*. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brazil, 1897, pp. 522.
[762] INDICADOR *Commercial*. São Paulo, (março/1902), pp. 2.
[763] Anvers – Antuérpia em francês. SAUER, Arthur – *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro e indicador para 1901*. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brazil, 1901, pp. 1089.
[764] JORNAL *A Província de São Paulo*. Lapidação de diamantes. (24/06/1884), pp. 2. JORNAL *O Estado de São Paulo*. A Vida Nacional. (25/08/1906), pp. 1.

Havia entre os lojistas de São Paulo certa filantropia para com as obras beneficentes. A comissão da quermesse em benefício à Santa Casa de São Paulo, por exemplo, visitou, no dia 9 de março de 1904, alguns estabelecimentos comerciais que, posteriormente, lhe enviaram prendas. A Casa Michel, através de Isidore Michel, doou uma bengala com castão de prata e um porta-cartões de bronze. Cahen Irmãos doou um relógio fantasia e a Casa Gerson & Cia doou um par de botões para punho, uma bolsa de prata e uma cigarreira de prata oxidada; outras lojas também ofertaram artigos diversos.[765]

No início do século XX, somente a família Gerson e Alphonse Worms fazia parte da firma, que entrou em liquidação em meados do ano de 1904.[766] Com o fim da Gerson & Cia., Alphonse Worms resgatou de Isaac Isidore Michel as ações que este possuía na Casa Michel em 1905, se associando ao seu irmão Armand Worms, que já possuía experiência no comércio e avaliação de joias.

TABELA XXIX – A TRAJETÓRIA DA CASA MICHEL

1887	Inauguração da Casa Michel por Isaac Isidore Michel em Poços de Caldas, Minas Gerais.
Início do século XX	A Casa Michel já possuía filial em São Paulo, à Rua de São Bento, onde comercializava objetos de arte, de decoração, joias e relógios.
1904/09/06	Isidore Michel associou-se a Armand Worms e reinaugurou a Casa Michel em novo endereço, à Rua 15 de Novembro nº 25, esquina com Rua da Quitanda.
1905	Alphonse Worms comprou a parte de Isaac Isidore Michel e tornou-se sócio de Armand na firma Worms Irmãos. Possuíam casas de compras em Buenos Aires e em Paris.
1907	Justin Worms entrou para a sociedade. Foi inaugurada uma luxuosa filial no Rio de Janeiro, a Joalheria Worms Irmãos, que no final de 1909, foi vendida para Umberto Adamo.
1913/12/15	Inauguração da nova Casa Michel depois de passar por grande ampliação e reforma. Nesse dia também foi lançado um luxuoso catálogo ilustrado.
1921/07/28	Nomeação da Casa Michel como Fornecedores da Corte Real Belga.
1922	Exposição Internacional do Centenário, promovida pela cidade do Rio de Janeiro. A Casa Michel exibiu seus produtos no Pavilhão das Pequenas Indústrias e obteve o Grande Prêmio Medalha de Ouro da Exposição do Centenário.
1924	A empresa de cristais artísticos de René Lalique aprovou os Irmãos Worms como seus representantes em São Paulo.

[765] JORNAL *Correio Paulistano*. (10/03/1904), p. 2.
[766] SAUER, Arthur – *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro e indicador para 1901*. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brazil, 1901, pp. 541. JORNAL *O Commercio de São Paulo*. (03/09/1904), pp. 4.

1931/09/17	Inauguração da filial da Casa Michel em Santos, onde eram comercializados os mesmos produtos.
1933	Anúncio do fim da sociedade, por conta de um desentendimento entre os irmãos Worms. Uma nova foi criada por Alphonse Worms com cotas de responsabilidade em 25 de outubro, com a razão social Worms e Cia Ltda., confirmada pelo *Journal La Fédération Horlogère Suisse. La Chaux-de-Fonds*.
1935/03/16	Justin Worms inaugurou sua própria joalheria após o término da antiga sociedade, a Justin Worms & Cia. Ltda, sob o nome fantasia Joalheria Worms.
1941/05	Armand Worms e seu filho Raymond inauguraram uma nova casa, a Printal Ltda.
1950/08	Casa Michel se transferiu para a Rua Dom José de Barros, esquina com Rua 24 de Maio.
1958/08/17	Alphonse Worms faleceu em Paris, deixando seus filhos Jean Worms, Georges Worms e Colette Worms Herzog como sócios da casa.
1960/02	Encerramento das atividades comerciais da Casa Michel.

Fontes: JORNAL *Annuncio*. São Paulo, (set./1901), pp. 3; JORNAL *O Estado de São Paulo*. (06/09/1904), pp. 2; JORNAL *Correio Paulistano*. (27/08/1905), pp. 4; JORNAL *Correio Paulistano*. (28/10/1907), pp. 1; *Ibidem*. (19/11/1907), pp. 7. JORNAL *O Século*. Rio de Janeiro. (05/12/1907), pp. 1. JORNAL *do Brasil*. Rio de Janeiro (05/12/1907), pp. 4; JORNAL *O Estado de São Paulo*. (15/12/1913), pp. 1 e 6; REVISTA *Vida Moderna*. São Paulo (28/07/1921); REVISTA *O Malho*. Rio de Janeiro. (20/08/1921); REVISTA *O Malho*. Rio de Janeiro, (28/07/1923), pp. 18; Jornal *O Estado de São Paulo*, (15/10/1924), pp. 4; JORNAL *O Estado de São Paulo*. (18/09/1931), pp. 4; JOURNAL *La Fédération Horlogère Suisse*. 22/11/1933 pp. 406; JORNAL *O Estado de São Paulo*. (16/03/1935), pp. 1; *Ibidem*. (11/12/1948), pp. 5; *Ibidem*. (13/08/1950), pp. 1; *Ibidem*. (19/08/1958), pp. 13; *Ibidem*. (10/12/1959), pp. 5. *Ibidem*. (06/02/1960), pp. 20.

4.2.1. Fundação da Casa Michel

A Casa Michel foi primeiramente inaugurada em Poços de Caldas,[767] no estado de Minas Gerais, em 1887,[768] por Isaac Isidore Michel.[769] A cidade se tornava um balneário concorrido nesse período, atraindo a elite paulistana e carioca. O fato de concentrar turistas com grande poder aquisitivo deve ter feito Isidore Michel optar por inaugurar sua loja na localidade.

[767] Prefeitura de Poços de Caldas. Disponível em: https://pocosdecaldas.mg.gov.br/a-cidade/historia/. Acesso em: 20/03/2018.
[768] Informação fornecida por Alain Herzog, embora tenham sido encontradas, em documentos pesquisados, datas diferentes da sua inauguração, conforme no *Impresso de Comemoração dos 25 anos da Casa Michel* (1905/1930), em que a fundação da casa de Poços de Caldas data de 1885. Em outros catálogos e anúncios, a inauguração data de 1887. Pelo fato de não se conseguir uma confirmação e a maioria dos documentos adotar esta segunda data, iremos considerar o ano de 1887.
[769] Acredita-se que Isaac Isidore Michel fosse primo dos Irmãos Worms. Conforme informação de Alain Herzog: *Colette m'a toujours dit que le 'Michel' de la Casa Michel était un cousin […]*.



Figura 135. **Antiga Casa Michel em Poços de Caldas**. Foto posterior à venda da Casa Michel para Américo Machado, provavelmente do final dos anos 1930 ou início da década de 1940. Na porta se vê, à esquerda, Jean Worms,[770] filho mais velho de Alphonse Worms, e ao seu lado o então proprietário da joalheria. [Foto do acervo de Alain Herzog, filho de Colette Worms Herzog]

Poços de Caldas se tornou conhecida depois que foram descobertas, no século XVIII, as primeiras fontes e nascentes de águas medicinais, o que trouxe à cidade um período de prosperidade. Nessa época, os antigos garimpeiros que estavam ocupando as terras mineiras passaram a se dedicar à criação de gado. Caldas da Rainha,[771] que se localiza em Portugal, havia se tornado importante por suas águas termais e era visitada para tratamentos de saúde. Em homenagem a essa cidade portuguesa, primeiramente a urbe mineira teve o nome de Caldas. Em 8 de abril 1886, foram inaugurados os primeiros banhos da fonte Pedro Botelho, com águas sulfurosas e térmicas com poder de cura. Neste mesmo ano, a 22 de outubro, chegava a Poços D. Pedro II, acompanhado da Imperatriz Tereza Cristina e de sua comitiva, para inaugurar o Hotel Empresa e o ramal ferroviário da Mogiana no trecho de Poços de Caldas. Essas inaugurações impulsionaram o progresso da cidade. Três anos depois, a região foi desmembrada em dois distritos, o de Poços de Caldas – por terem sido inicialmente estes utilizados pelos animais – e o de Caldas.[772]

[770] Jean Worms nasceu em 1913.
[771] Seu nome era devido ao fato de a família real portuguesa frequentar o local.
[772] História de Poços de Caldas – Prefeitura de Poços de Caldas. Disponível em: https://pocosdecaldas.mg.gov.br/a-cidade/historia/. Acesso em: 20/09/2019. REVISTA *Vita de Artes e Letras*. Belo Horizonte, (15/12/1913).

No centro do hotel, havia uma instalação balnear com águas termo-sulfurosas privativa, chegando essas águas a uma temperatura de até 42º. As diárias variavam entre Rs. 10$000 e Rs. 12$000, enquanto as do hotel anterior iam de Rs. 8$000 a Rs. 10$000.[773]

Poços de Caldas ficou conhecida como a Suíça brasileira, por sua localização cercada de serras e montanhas. Está situada a uma altitude que varia entre 1.186 e 1.600 metros, sobre a cratera de um vulcão extinto há séculos. Era considerada a mais alta "estância termal" do país. Com clima e temperatura moderados, a cidade passou a ter locais alegres e elegantes: havia clubes onde se disputavam torneios de vários esportes e cassinos frequentados por famílias aristocráticas do país. Os saraus dançantes com orquestra animavam as noites e, durante o dia, eram feitas excursões com charretes ou a cavalo para apreciar a paisagem da região.[774]

O austríaco José J. Piffer chegou a Poços de Caldas em 1895, atraído por suas águas. Começou a trabalhar como empreiteiro e construtor, edificando os prédios do Grande Hotel, das Termas, da Prefeitura Municipal e do Antigo Cassino, já demolido. Em 1911 construiu o Hotel Quisisana.[775] Este floresceu na época em que os cassinos eram liberados, hospedando importantes personalidades nacionais e internacionais, e presidentes da república; foi considerado o maior e mais luxuoso hotel da América do Sul. Devido à proibição dos jogos nos cassinos do Brasil, em 1946, o Quisisana funcionou como hotel por mais alguns anos. Em 1963, seus apartamentos foram vendidos para seus frequentadores e interessados, tornando-se então o Condomínio Quisisana.[776] Entende-se por que Isidore Michel inaugurou sua joalheria nessa cidade. Devido a sua infraestrutura, deveria ser muito bem frequentada pela elite em todos os meses do ano.

No início do século XX, uma filial da Casa Michel foi inaugurada em São Paulo, à Rua de São Bento. Nos anúncios, aparecia como Relojoaria e Bijouteria J. Michel; comercializava pratarias e objetos de arte e decoração, óculos e *pince-nez*, joias com

[773] JORNAL *O Pirralho*. São Paulo, (08/01/1916), pp. 2.
[774] FACIN, Paulo Celso – Poços de Caldas, as águas e as termas. *In:* Jornal *O Estado de São Paulo*. Suplemento de Turismo. (05/05/1974), pp. 4. FLORENCE, Arnaldo Machado – *Poços de Caldas: a incomparável estância brasileira balnearia. In:* JORNAL *Correio Paulistano*. (10/11/1935), pp. 18.
[775] Do italiano *Qui si sana, "*Aqui se cura".
[776] Condomínio Quisisana. Disponível em: http://www.quisisana.com.br/contato.html. Acesso em: 17/02/2020. JORNAL *Diário Nacional.* (01/07/1930), pp. 2.

diamantes e relógios, e possuía também uma oficina de consertos.[777] Em setembro de 1901, a Relojoaria e Bijouteria J. Michel de São Paulo sofreu um furto praticado por Oreste Canzi, sendo que algumas peças foram encontradas com a mulher do assaltante, Clara Caramico, que se achava a bordo do navio Centro América. Outra peça foi encontrada na Casa de José Morato, na Rua São João, em São Paulo: um par de *bixas* no valor de dois contos de réis; o ladrão havia vendido ao negociante de joias por 800 mil réis. Essas peças haviam sido avaliadas por dois peritos, Armand Worms e Belizário de Siqueira, e totalizaram 12 contos de réis;[778] elas foram logo restituídas à Casa J. Michel.

Em novembro de 1903, foram iniciados os preparativos para a mudança de endereço da Relojoaria e Bijouteria J. Michel de São Paulo, resultando em uma grande liquidação de joias, relógios e artigos para presente, a fim de renovar o estoque, pois Isaac Isidore Michel estaria adquirindo novas mercadorias dos principais fabricantes da Europa para o novo estabelecimento Casa Michel.[779]

Enquanto isso, o novo endereço estava passando por reformas de alargamento das portas. Nesse período São Paulo tinha como prefeito Antônio Prado, e o responsável pela reforma era J. J. W. Aguiar. O alvará de reforma encontra-se no Arquivo Histórico Municipal Washington Luiz. (fig. 136)

Em agosto de 1904, um pequeno comunicado informava sobre a inauguração da nova joalheria.

> Brevemente será inaugurada nessa capital, à rua Quinze de Novembro, na antiga agência da Ingleza, uma nova joalheria – a Casa Michel. A installação desta nova casa está retardada, devido ao facto de se terem quebrado na alfândega ou na estrada de ferro, os grandes crystaes destinados às vitrinas da casa. Felizmente, nesta praça, foram encontrados vidros que suprem a falta dos inutilizados.[780]

[777] JORNAL *Annuncio*. São Paulo, (set./1901), pp. 3. REVISTA *Nova Cruzada*. São Paulo, (20/03/1904).
[778] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (19/09/1901), pp. 2.
[779] JORNAL *O Commercio de São Paulo. (*22/11/1903), pp. 4.
[780] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (19/08/1904), pp. 2.



Figura 136. **Casa Michel** – **Alvará de Reforma**, n.º do Processo: 169. Interessado: J. J. W. Aguiar. Requerimento: "alargar as portas do prédio". Data do Processo: 16/05/1904. Rua 15 de Novembro, n.º 25. Escala: 1:50. OP. 394/1904 – folha 169. Departamento do Arquivo Histórico do Estado de São Paulo. [Acervo Arquivo Histórico Municipal Washington Luiz Foto: Sonia Skoda]

Isaac Isidore Michel formou uma sociedade com Armand Worms nessa nova joalheria. A inauguração aconteceu em cinco de setembro de 1904, à Rua 15 de Novembro, (fig. 137) esquina com Rua da Quitanda.[781] Muito bem aparelhada, a casa possuía vitrinas e armários produzidos por Miguel Nardelli, em artístico *étalage*,[782] onde se viam peças de joalheria, relógios e objetos artísticos vindos diretamente dos principais fabricantes da Europa. Na recepção de inauguração foi servido champanhe a todos os visitantes – antigos

[781] Documento do Acervo de Marie Anne Worms. JORNAL *O Estado de S Paulo*. (06/09/1904), pp. 2.
[782] *Étalage* – Local onde as mercadorias são exibidas, expostas.

e futuros fregueses e imprensa –, e no final todos receberam como lembrança uma lapiseira de prata fosca com o nome da casa.[783]



Figura 137. **Casa Michel na Rua 15 de Novembro**, esquina com a Rua da Quitanda, à esquerda, com suas vitrinas de relógios. Com o mesmo aspecto de quando foi inaugurada, podemos ter uma ideia de data aproximada para essa foto, entre 1904 e 1910. Nota-se grande número de pessoas observando suas vitrinas. [Acervo Iconográfico APESP - Arquivo Público do Estado de São Paulo. Foto: Guilherme Gaensly]

A clientela e a qualidade dos produtos da Casa Michel estimularam o grande protagonismo da casa, levando-a a atingir uma posição privilegiada na sociedade, se tornando conhecida no Brasil. A grande variedade de produtos vindos do exterior atraía a clientela.

Dois meses após a inauguração, tornou-se público um fato acorrido no ano anterior que envolvia o nome de Isidore Michel. Um furto de joias pertencentes à Theresina Betti, ocorrido às dez horas da manhã do dia doze de agosto de 1903, na Rua Senador Dantas, no Rio de Janeiro. Tal fato veio à tona quando Maurice Grumbach & Comp., Fernand Aron e Louis Kahn, então sócios da Casa Grumbach, foram acusados injustamente de comprar joias roubadas. A fim de se defender, eles apresentaram à imprensa paulistana trechos das declarações proferidas pelo ladrão, Ernesto Alfieri (italiano natural de Cantazaro). Numa primeira declaração de Ernesto, em 16 de março de 1904, à polícia do Rio de Janeiro, na sala

[783] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (06/09/1904), pp. 2.

de audiências da sétima delegacia urbana, ele admitiu que os objetos haviam sido vendidos na Rua 15 de Novembro, esquina com a Rua Boa Vista, na Casa Grumbach. Tal declaração foi escrita e assinada pelo oficial da segunda secção da secretaria, Antônio Vaz Júnior, em 12 de novembro de 1904.[784]

Uma segunda declaração, ocorrida no dia 17 de março de 1904, na Repartição Central da Polícia de São Paulo, em audiência com o Dr. José Roberto Leite Penteado, Ernesto Alfieri contradisse as declarações prestadas na delegacia do Rio de Janeiro. Confirmou o declarante que havia vendido a Isidore Michel, à Rua São Bento, entre os dias vinte e vinte e três de agosto 1903. As joias consistiam em uma pulseira de ouro com pequenos diamantes,[785] sete ou oito pulseiras de ouro cravejadas com gemas e pequenos diamantes, um anel com diversos diamantes, seis ou sete anéis com gemas, alguns com feitio *marquise*, um par de *bichas* de diamantes, tendo cada uma um diamante menor em cima e um maior embaixo, três *bichas* com pequenos rubis e diamantes, um broche com pérola grande e diamantes, outro broche com um pássaro cravejado de diamantes e diversos broches de ouro e gemas, um relógio de ouro para senhora cravejado de diamantes e vários cordões de ouro para pescoço.[786]

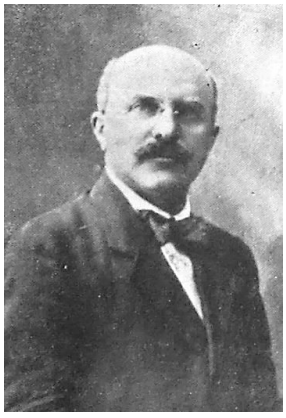


Figura 138. **Alphonse Worms** – Sócio proprietário da Casa Michel. [AMARAL, Amadeu – *A capital paulista*: *comemorando o centenário da Independência*. São Paulo: Sociedade Editora Independência, 1920, pp. 153]

[784] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (31/08/1904), p. 3. *Ibidem*. (19/11/1904), pp. 5.
[785] Observa-se que os diamantes destas peças eram todos com lapidação brilhante.
[786] JORNAL *O Estado de São Paulo.* (19/11/1904), pp. 5.

Um joalheiro que trabalhava na Casa Michel, o português natural dos Açores Américo Machado, em declaração feita em São Paulo na mesma data que Alfieri, afirmava tê-lo visto algumas vezes no ano anterior. O indivíduo que soube então tratar-se de Ernesto entrava na loja, conversava com seu patrão, mas ignorava o resultado do que havia sido discorrido.[787] O resultado desse episódio não foi divulgado na imprensa. O que se sabe é que, após o ocorrido, Isidore Michel vendeu a sua parte na sociedade para Alphonse Worms (fig. 138).

Com o encerramento da firma Gerson & Cia, Alphonse Worms comprou a parte de Isaac Isidore Michel, tornando-se sócio de Armand Worms, seu irmão, na nova firma Worms Irmãos em 1905. Este estabelecimento, um dos mais importantes da capital e conhecido em todo o Brasil, possuía filial em Buenos Aires, na Calle Suipacha, e um escritório de compras e comissões em Paris, na Rue d'Hauteville, ambos a cargo e em nome de Alphonse Worms:[788] "[...] penso que as criações em Buenos Aires e Paris são escritórios de exportação".[789]



Figura 139. **Casa Michel com seus funcionários**. Foto da primeira década de 1900, quando os irmãos Worms eram sócios. [Acervo de Marie Anne Worms]

[787] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (19/11/1904), pp. 5.
[788] JORNAL *Correio Paulistano*. (27/08/1905), pp. 4. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (23/12/1905), pp. 3.
[789] Tradução livre da autora segundo a declaração de Alain Herzog: *Je pense que les créations à Buenos Aires et Paris sont des bureaux d'exportations*.

A Casa Michel divulgava em seus anúncios alguns prêmios e títulos, como a Medalha de Ouro obtida na Exposição Universal de Paris de 1889, *Membre du Jury – Hors Concours* de Paris, na Exposição Universal de 1900, e *Président du Jury – Hors Concours* de Liège, 1905. A Medalha de Ouro e o título de Membro do Júri foram obtidos quando Alphonse Worms participava da sociedade na firma Gerson & Cia. O terceiro foi adquirido já como sócio na Casa Michel. (Anexo I, fig. 245. 1)

Eram os únicos depositários e importadores dos famosos relógios da marca Ideal, da respeitável fábrica Girard Perregaux & C., localizada em Chaux-de-Fonds, Suíça. Entre os objetos especiais para presente constavam aqueles com a marca Royal Metal,[790] metal branco prateado considerado na época o melhor do mundo; prataria fina; bronzes; cristais; porcelanas finas; terracotas; entre outros. Os objetos para presente eram escolhidos e adquiridos por Armando Worms nos grandes centros europeus; em todos os meses chegavam à loja as últimas novidades.[791]

Para aumentar sua visibilidade perante a elite, a Casa Michel esteve presente em eventos, tais como premiações, acontecimentos esportivos e beneficentes, além de participar, de várias formas, das atividades sociais paulistanas. Estas eram sempre divulgadas em jornais e revistas. Um dos casos foi a confecção de duzentas medalhas de prata dourada com a inscrição "11/08/1905, Centro Acadêmico Onze de Agosto", a fim de que fossem distribuídas às moças presentes nos festejos de inauguração dos cursos jurídicos no Brasil, ocorridos no Largo São Francisco e organizados pelos acadêmicos de Direito.[792]

Conhecida também como Casa de Confiança, em seus anúncios enfatizava o grande sortimento em colares de pérolas e de diamantes lapidação brilhante, *pendentifs*, broches, anéis, *bixas*, alfinetes de diamantes, pérolas, rubis, esmeraldas e safiras.[793]

A publicidade comercial começava a atrair a clientela pelo poder de sugestão da imagem,[794] e a Casa Michel passou a elaborar seus cartazes e anúncios conforme a estética do *Art Nouveau*, em voga nessa época. (Anexo I, fig. 245)

---

[790] Royal Metal – marca fantasia, conforme foi visto no Capítulo III.
[791] JORNAL *Correio Paulistano*. (09/05/1907), pp. 5.
[792] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (11/08/1905), pp. 2.
[793] REVISTA *Álbum Imperial*. São Paulo, (Edição de Natal, 1906).
[794] CHAMPIGNEULLE, Bernard – *A Art Nouveau*. São Paulo: Verbo Ed. da USP, 1976, pp. 11-12.

A) Genealogia da Família Worms

> [...] foi a guerra de 1870 que empurrou nossos antepassados para deixar Alsácia e Lorena, é interessante lembrar que quando nossos avós vieram para o Brasil ou Argentina, depois de terem passado em Paris, juntaram tios ou primos da geração anterior que se instalaram lá... Foi assim que descobri uma emigração de judeus franceses que pegaram os vapores em Bordeaux ou no Havre em 1855. O que eu realmente nunca descobri foi o motivo desse êxodo no momento.[795]
>
> No momento da presença do "primeiro" Alphonse Worms (filho de Samuel) no Brasil, encontramos um Jonas Worms que chegou em 1855 de Le Havre, um Joseph Alexandre Worms que chegou de Bordeaux com sua esposa e filha (informações datadas de 11 de junho de 1874) e Gaston Alexander (?) Worms, que chegou ao Rio em 1875 e emigrou para o Rio da Prata em 1880. Parece-nos que estes podem ser os filhos e netos de Samuel (mas por que razões?) no Brasil, juntamente com algumas das crianças de Anne e Abraham Gerson.[796]

Alexander Abraham Worms (ex-Vormus),[797] com 46 anos, e Eva Cahen, com 31 anos, casaram-se em segundas núpcias, em 24 de agosto de 1869, na cidade de Hellimer, França. Uma das testemunhas desse casamento foi Lazard Lévy,[798] citado como cunhado da noiva. Ele será testemunha de quase todas as certidões de nascimento dos dez filhos do casal, todas as crianças nasceram em Hellimer, França.

São elas:

1. **Alphonse Worms** (21/06/1870 – 17/08/1958). Casou-se com **Irène Cremieux Worms**, com quem teve três filhos: Jean Alexandre Worms (01/06/1913 – 14/05/1995), casado com Fanny Koucher Worms; Georges Albert Worms[799] (26/08/1914 – 07/01/2008),

---

[795] Tradução livre da autora: *[...]c'est la guerre de 70 qui a poussé nos ancêtres à quitter l'Alsace et la Lorraine, il est intéressant de rappeler que lorsque nos grands parents sont venus au Brésil (ou en Argentine) après être passés à Paris, ils ont rejoints des oncles ou cousins de la génération précédente qui s'y étaient installés… C'est ainsi que j'avais découvert une émigration de juifs français prenant le bateau à Bordeaux ou au Havre en 1855. Ce que je n'ai jamais découvert vraiment, c'est la raison de cet exode à cette période.* Observações de Alain Herzog.

[796] Tradução livre da autora: *A l'époque de la présence du "premier" Alphonse Worms (fils de Samuel) au Brésil, l'on trouve un Jonas Worms arrivé en 1855 du Havre, un Joseph Alexandre Worms arrivé de Bordeaux avec sa femme et sa fille (renseignement datant du 11 juin 1874) et un Gaston Alexandre (?) Worms arrivé à Rio en 1875 et émigré à Rio da Prata en 1880. Il nous semble qu'il peut s'agir des enfants et petits-enfants de Samuel partis (mais pour quelles raisons?) au Brésil en même temps que certains des enfants d'Anne et Abraham Gerson.* Observações de Alain Herzog.

[797] Alphonse Vormus conseguiu em 13/09/1906, através de um ato jurídico na França, transformar o sobrenome da família em Worms, conforme já era usado no Brasil, segundo declaração de Alain Herzog.

[798] Os parentes acreditam que Lazard Lévy havia se casado com uma irmã de Eva; seu túmulo foi encontrado em Hellimer. Dados fornecidos por Philippe Rheims filho de Annette.

[799] Ele teve como filhos Marie Anne Worms, Martine Worms, Bernard Worms de Brisac e Catherine Worms de Brisac. JORNAL *O Estado de São Paulo*, (08/01/2008), pp. 31.

casado com Annie Worms; e Colette Laure Worms Herzog (14/09/1919, em 2019 completou 100 anos), casada com Jacques Bernard Herzog,[800] pais de Alain Herzog.

2. **Alice Worms** (14/?/1872 – Paris, 08/06/1958). Casou-se com **José Worms**.[801]

3. **Jeanne Worms** (24/06/1873 – Colmar, 10/01/1957). Casou-se com **Achilles David** em Hellimer, em 10 de maio de 1899, e logo se divorciou.

4. **Rosa Worms** (07/01/1875 – Colmar, 15/05/1961). Antes de se juntar às suas irmãs em Colmar, em 1º de julho de 1921, ela viveu em Estrasburgo. No ano de 1937 esteve em São Paulo.

5. **Esther Worms** (17/03/1876 – ?/?/1908). Nasceu e casou-se em Hellimer, com **Sylvain Worms** (mesmo sobrenome, mas de outra família. Delme, ?/?/1862 – Nancy, 01/03/1950). Tiveram três filhos: Leon Worms,[802] casado com Carmen da Silva Worms; Robert Worms,[803] casado com Suzanne Worms – estes residentes em Paris –; e Paulette, que faleceu aos 19 anos. Esther teve um quarto filho, André, de um segundo casamento.

6. **Armand Worms** (5/10/1877 – Nice, 27/04/1963). Casado com **Jeanne Worms**, com quem teve quatro filhos: Gérard Worms, casado com Jeannine Metzger Worms;[804] Raymond Worms,[805] casado com Annete Bidon Worms; Francine Worms Weisweiller, casada com Alexandre Weisweiller; e Madeleine, casada com Pierre Fried, que foi sócio de Raymond na Casa Printal.

7. **Annchen (Annette) Worms** (03/04/1879 – Mulhouse, 13/12/1954), casada com **Léon Rheims**, com quem teve um filho, Philippe Rheims.

8. **Régine Worms** (21/05/1881 – Paris, 18/04/1972). Casou-se com **Julien Wildenstein**, com quem viveu em Colmar. Foi enterrado com ela.

9. **Arthur Worms** (26/05/1882 – Hellimer, 17/03/1883, com 10 meses).

---

[800] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (14/06/1947), pp. 6.
[801] Conforme foi dito anteriormente, este José não possuía parentesco de sangue com a família Worms.
[802] Leon Worms e Carmen da Silva Worms tiveram dois filhos, Michel da Silva Worms (falecido no dia 1 de maio de 1979, em São Paulo, aos 42 anos; casou-se com Paola Racca Worms e tive três filhos: Rodrigo, Roberto e Cláudia) e Denise Worms Kahn (casada com Pedro Kahn). JORNAL *O Estado de São Paulo*. (05/05/1979), pp. 21.
[803] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (05/03/1950), pp. 6.
[804] *Ibidem*. (09/10/1945), pp. 5.
[805] Raymond, ao falecer, foi enterrado no Túmulo dos Antigos Combatentes Franceses da II Guerra Mundial, no Cemitério da Consolação, em São Paulo. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (22/04/1969), pp. 16. Ele, Jean e Fernand foram heróis da II Guerra Mundial de 39/45.

10. **Justin Worms** (30/01/1885 – São Paulo, 17/02/1978). Casou-se com **Germaine Flessinger**, com que teve dois filhos, Yves Worms e Roland Abraham Worms.

Abraham e Eva viveram em Hellimer até 2 de janeiro de 1912, quando então se estabeleceram em Colmar, à Rue Stanislas n.º 19, com a filha Régine e o genro Julien Wildenstein. Abraham veio a falecer em 24 de maio de 1913. Seu atestado de óbito, de 26 de maio, consta o seguinte teor em alemão: "Alexander dito Abraham Worms morreu com a idade de 89 anos em 24 de maio de 1913, em seu domicílio, Rue Stanislas 19".[806]

No início da I Guerra Mundial, Eva, duas de suas filhas – Jeanne e Régine – e sua neta Paulette (filha de Esther), mudaram-se para Basileia, em 15 de setembro de 1914. É provável que tenham ficado em casa de familiares, pois há registros de que uma prima de Eva, Alice Cahen, viveu na Rue Ruchacher n.º 12, na Basileia. Paulette e talvez Régine retornaram a Colmar em 31 de dezembro de 1918, já Eva e Jeanne retornaram no dia 26 de janeiro de 1919. Paulette partiu para Paris (com seu tio Armand) em 1919, onde morreu, em 1921, aos 19 anos. Ela está enterrada no cemitério judaico em Delme, como seus pais Esther e Sylvain.[807]

Nos túmulos de Abraham e de Eva em Colmar, há as seguintes inscrições em hebraico: "aqui repousa homem correto e amado, 90 anos de idade, ABRAHAM BEN HAIM SCHMUEL WORMS (tradução: Abraham, filho de Haim Samuel Worms). Hellimer, Lorraine. Ele deixou uma boa memória para toda a família. Morreu deixando um 'bom nome' 25 de maio de 1913".[808] Sobre o túmulo de Eva estava escrito que ela era a filha de Samuel Cahen e esposa de Abraham Worms.[809]

---

[806] Tradução livre da autora, referente ao documento encaminhado por Philippe Rheims: "Alexandre dit Abraham Worms décédé à l'age de 89 ans, le 24 mai 1913, à son domicile 19 rue Stanislas".
[807] De acordo com os documentos fornecidos por Philippe Rheims.
[808] Tradução livre da autora, referente ao documento encaminhado por Philippe Rheims: *Ici repose homme droit et aimé, 90 ans, ABRAHAM BEN HAIM SCHMUEL WORMS* (traduction: Abraham, fils de Haim Samuel Worms) *de Hellimer, Lorraine. Il laissa un bon souvenir à toute la famille. Il est mort en laissant un "bon nom" le 25 mai 1913*.
[809] Conforme informações fornecidas por Philippe Rheims.

As duas filhas do primeiro casamento de Alexander Abraham Worms casaram-se com dois irmãos, Flore Worms com Caen Levy[810] e Sara Worms com Jacob Levy.[811] Estes se estabeleceram no Brasil. Na década de 1870, os irmãos Levy formaram uma sociedade na joalheria Jacob Levy & Irmão. Em 9 de setembro de 1880, foi desfeita a sociedade de forma amigável, ficando a cargo de Jacob Levy a liquidação da extinta firma.[812]

No ano seguinte Caen Levy embarcou com a família para a Europa, vendendo todos os seus móveis em leilão de Roberto Tavares. Em outubro de 1886, de volta a São Paulo, inaugurou a casa de joias A Alliança, trabalhando por atacado e a varejo. Estava localizada na Rua Imperatriz n.º 9, antiga Casa de Joias da Viúva Suplicy.[813] A "Casa d' Alliança de Caen Lévy: [...] é de Caen e Flore Lévy que os irmãos vão arrendar o terreno onde está construída a Casa Michel, um arrendamento que será alvo de um terrível processo judicial (em particular, com Flore e o seu filho Edouard Lévy, creio eu)".[814]

> Flore e Caen Lévy estão enterrados em Montparnasse. Eu estava em contato com Paris, 10 a 15 anos atrás, com Catherine Miannay, a pequena filha de Flore. Sara e Jacob Lévy no Père Lachaise: encontrei vestígios (com Stephane Schmoll) dos descendentes, que não queriam contatos particulares.[815]

4.2.2 Apogeu da Casa Michel com os Worms Irmãos

Em 1907, entrou para a sociedade o irmão caçula, Justin Worms. Nesse mesmo ano, os irmãos inauguraram uma luxuosa filial da Casa Michel na cidade do Rio de Janeiro, a

---

[810] Este Caen Lévy deve ser o marido de Flore Worms, a filha mais velha (de um primeiro casamento) de Abraham Alexandre (pai dos irmãos Worms). Tradução livre da autora sobre as declarações de Alain Herzog: *Ce Caen Lévy doit être le mari de Flore Worms la fille ainée (d'un premier mariage) de Abraham Alexandre (père des frères Worms).*

[811] Jacob Levy, irmão de Caen Levy, casou-se com Sara Worms, a irmã de Flore: os dois irmãos se casaram com as duas irmãs. Tradução livre da autora sobre as declarações de Alain Herzog: *Jacob Lévy, frère de Caen Lévy, a épousé Sara Worms la sœur de Flore: les deux frères ont épousé les deux sœurs!*

[812] JORNAL *A Província de São Paulo*. (12/09/1880), pp. 3.

[813] *Ibidem.* (06/08/1881), p. 3. *Ibidem.* (22/10/1886), pp. 2-3

[814] Tradução livre da autora sobre as observações de Alain Herzog: *La Casa de Alliança de Caen Lévy: [...] C'est à Caen et Flore Lévy que les frères loueront le terrain sur lequel est bâtie la Casa Michel, location qui fera l'objet d'un terrible procès (notamment avec Flore et son fils Edouard Lévy, je crois)*. Observação de Alain Herzog.

[815] Tradução livre da autora: *Flore et Caen Lévy sont enterrés à Montparnasse. J'ai été en contact à Paris il y a 10/15 ans avec Catherine Miannay la petite (ou arrière) fille de Flore? Sara et Jacob Lévy au Père Lachaise: j'ai retrouvé trace (avec Stephane Schmoll) des descendants qui ne souhaitaient pas de contacts particuliers.* Observações de Alain Herzog

Joalheria Worms & Irmãos, que se localizava na Rua do Ouvidor n.º 64. (Anexo I, fig. 246-247) Esta foi adaptada especialmente para instalar a loja, seu grande estoque de mercadorias era proveniente da Europa e dos Estados Unidos. No dia da inauguração, 2% do valor da venda de seus produtos foi doado ao Instituto de Assistência à Infância.[816]

A joalheria procurava atender bem aos seus clientes, procedentes de várias nacionalidades, seus balconistas teriam que falar outros idiomas além do português, como inglês, francês, alemão e espanhol. A oficina de joias, aprovisionada com equipamentos modernos, era conduzida por José Gonçalves Vianna, conhecido ourives do Rio de Janeiro, tendo capacidade para todo tipo de serviço. Havia também uma oficina de relojoaria dirigida por Joachim Barros.[817] Nessa década a joalheria possuía uma casa de compras em Paris, na Rue Lafayette n.º 79.[818]

O comércio representava uma atividade, e havia uma preocupação, por parte dos comerciantes, em crescer, desenvolver, aperfeiçoar-se e modernizar-se. Esses atributos estavam presentes nos Irmãos Worms. Quando se uniram em sociedade, já possuíam conhecimento na área de joalheria, então trouxeram também na bagagem a herança de seus antepassados nesse ramo de atividades. A tendência foi o empreendimento dar certo. A sociedade constituída pelos Irmãos Worms – Alphonse, Armand e Justin – especializou-se em diamantes, pérolas e gemas; joias de ouro, platina e prata; cristais de Baccarat, St. Louis, entre outros.

Cada um dos irmãos colocou-se numa praça. A loja de Paris ficou sob a direção de Alphonse Worms, a do Rio de Janeiro foi de responsabilidade de Justin Worms e a de São Paulo ficou a cargo de Armand Worms. Os esforços dos irmãos conquistaram a confiança de seus fregueses e fornecedores, e colocaram a Casa Michel numa posição bem relevante em relação aos seus congêneres. Pelo fato de ser um ramo em que se exige muita confiança, a Casa Michel conseguia provar sua lealdade nos negócios, nos preços dos seus artigos e na qualidade de seus produtos, possuindo um número de fregueses que crescia dia a dia.[819]

---

[816] JORNAL *Correio Paulistano*. (28/10/1907), pp. 1. *Ibidem*. (19/11/1907), pp. 7. JORNAL *O Século*. Rio de Janeiro. (05/12/1907), pp. 1. JORNAL *do Brasil*. Rio de Janeiro (05/12/1907), pp. 4.
[817] JORNAL *do Brasil*. Rio de Janeiro. (15/12/1907), pp. 12.
[818] REVISTA *O Malho*. Rio de Janeiro, (03/07/1909).
[819] REVISTA *A Vida Moderna*. São Paulo, (30/09/1908), pp. s/nº.

Ambas as casas, matriz em São Paulo e filial no Rio de Janeiro, trabalhavam com a mesma variedade e a qualidade dos produtos, que eram sempre destacadas em seus anúncios. Eram joias em ouro 18 k,[820] como pulseira com ou sem berloques; botões para punhos em ouro e prata; relógios de bolso com correntes e medalhas entre outras peças; além de artigos para presentes como cristais, porcelanas, prata, entre outros. As peças poderiam ser gravadas com as iniciais de seu comprador. Ressaltavam que todos os produtos vinham diretamente das mais importantes fábricas europeias, sem intermediários, pois tinham casa própria de compras em Paris na Rue Lafayette.[821]



Figura 140**. Panfleto da Casa Michel.** Grande liquidação anual, em 01/08/1910, com selo e rubrica da liberação de distribuição pela Prefeitura. [Acervo Marie Anne Worms]

A Casa Michel possuía uma infinidade muito grande de itens, que se encontravam divididos em setores no interior da loja, o que facilitava a dinâmica de venda. Havia certa preocupação na divulgação de seus produtos, que era feita nos principais jornais da cidade, além das revistas, catálogos próprios e panfletos (fig.140). Procuravam divulgar em seus anúncios a grande diversidade de peças que cada secção da loja possuía: setor de joias, de relógios, objetos de uso pessoal e de decoração, como cristais, porcelanas, pratas e bronzes, sempre mostrando a última moda vinda do exterior.

[820] K – Karat (quilates).
[821] REVISTA *O Malho*. Rio de Janeiro, (19/12/1908). *Ibidem*. (03/07/1909).

A distribuição desses panfletos era um dos recursos utilizados pela Casa Michel para a divulgação de suas liquidações ou de alguma venda especial para a chegada do novo estoque. Em 1907, adotaram a seguinte estratégia, saíram com o veículo da empresa acompanhando o préstito dos Democráticos e, durante o percurso, distribuíram boletins amarelos numerados que davam direito a três prêmios, os quais correriam pela Loteria de São Paulo no dia 27 de fevereiro. O primeiro prêmio consistia em um relógio de ouro 18 k; o segundo, em um relógio de prata; e o terceiro, em um relógio de aço – todos eles da marca Ideal. Os boletins deveriam ser guardados até o dia da extração, para conferir se lhes coube a sorte, e só teriam valor se trouxessem no verso os reclames dos relógios Ideal.[822]

Quando ocorria algum evento, como casamentos, festas de Natal e Ano-Novo, ou apresentação de uma ópera e peça de teatro, a empresa reforçava o fato em anúncios de periódicos, sugerindo alguns itens, que poderiam ser uma peça de decoração ou joia para fazer parte da *corbeille de mariage* de casamento, binóculos, monóculos e lunetas, por exemplo, para a concorrida segunda temporada de Eleonora Duse,[823] que se apresentaria no Teatro Santana.

Os Worms procuraram inovar sua forma de divulgar. Foram os pioneiros em colocar desenhos de seus produtos – joias e peças decorativas – nas publicações de jornais. Costumavam fazer pequenas chamadas nas primeiras folhas dos jornais, avisando que nas próximas ou na última (muito usada por eles) haveria um anúncio da Casa Michel, que normalmente ocupava meia página ou a página inteira, procurando valorizar secções específicas ou apresentando artigos de várias secções. Quando novas remessas estavam para chegar do estrangeiro, anunciavam os abatimentos especiais nas peças do estoque.[824]

As festas anuais do calendário cristão eram muito comemoradas pelas famílias brasileiras, que se reuniam para festejar o Natal, o Ano-Novo, o dia de Reis, quando também se trocavam presentes, e a Páscoa. Com o passar dos anos o sentido dessas festas foi se

---

[822] JORNAL *O Estado de São Paulo.* 12/02/1907, pp. 6.
[823] Eleonora Duse (1958/1924), atriz italiana, considerada a precursora da modernidade no teatro, era apreciada por ser uma das maiores atrizes. Neta e filha de comediantes, Eleonora representou Cosette numa versão de *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, aos 4 anos de idade. LOPES, Ângela Leite – A interpretação segundo Eleonora Duse. *In* SÜSSECKIND. Flora; DIAS, Tânia; AZEVEDO, Carlito (org.) – *Vozes Femininas: gênero, mediações e práticas da escrita*. Rio de Janeiro: 7 Letras: Fundação Casa Rui Barbosa, 2003, pp. 363-364. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (20/07/1907), pp. 2.
[824] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (08/04/1913), p. 4. *Ibidem*. (08/04/1913), pp. 16.

modificando, ocasionando um consumo maior de todos os tipos de artigos.[825] Mediante essa grande procura, o comércio buscava atrair seus clientes com ofertas generosas e diversificadas.

Os brindes oferecidos pela Casa Michel aos seus clientes costumavam ocorrer nos finais de ano, conforme o que ocorreu em 1910, quando anunciaram a distribuição de três mil presentes no valor de Rs. 15:000$000 (quinze contos de réis). Esses mimos eram constituídos por porta-relógio, porta-joias (Anexo I, fig. 248), cinzeiro, folhinha perpétua, *bomboniere*, caixinha para pó de arroz, todos estes de metal branco prateado, além de lapiseira de prata. Eles ficavam expostos nas vitrinas para serem admirados.[826] Outro tipo de brinde fornecido pela casa eram os cinzeiros de porcelana fabricados na França (Anexo I, fig. 249).

No período de festas, Natal e Ano-Novo, eram realizadas exposições de joias artísticas de alto valor, destinadas especialmente para se presentear. Eram compostas por um variado sortimento de colares de pérolas do Oriente, com os preços variando entre Rs. 300$000 e Rs. 15:000$000; pulseiras de ouro e platina cravejadas de diamantes talho brilhante, rubis e outras gemas; discos e *pendentifs* em filigranas de ouro com diamantes talho brilhante, esmeraldas e opalas, com preços variando entre Rs. 250$000 e Rs. 4:000$000; broches, cruzes e medalhas artisticamente lavrados. Havia também as porcelanas de Sèvres e Gallé, os cristais da Bohemia e Baccarat, os bronzes de artistas franceses, uma variada coleção de objetos de *toilette*, de *bibelots* de ouro, platina e prata. (Anexo I, fig. 250)

Representante das marcas Royal Metal e Imperial Metal no Brasil, a Casa Michel possuía o seu registro nas Juntas Comerciais de São Paulo e do Rio de Janeiro, o que impedia que outras casas expusessem artigos com essas denominações (Anexo I, fig. 251). No caso de isso vir a acontecer, os Irmãos Worms preveniram através de comunicado nos jornais que acionariam os seus advogados para agirem judicialmente.[827]

[825] PERROT, Michelle [org.]. *História da vida privada. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991 pp. 215-216.
[826] JORNAL *Correio Paulistano* (22/12/1910), pp. 12.
[827] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (21/01/1910), pp. 7.

No final de 1909, a Joalheria Worms & Irmãos do Rio de Janeiro foi vendida a Umberto Adamo,[828] possivelmente para que os Irmãos Worms dispusessem de meios para ampliar suas instalações na capital paulistana. Os novos proprietários continuaram anunciando, por um bom tempo, que a nova Casa Umberto Adamo era a antiga Joalheria Worms, provavelmente pelo prestígio que esta casa havia adquirido no período em que funcionou com os Irmãos Worms. Pelas propagandas divulgadas nos periódicos, presume-se que a qualidade dos produtos continuava a mesma, o que nos faz pensar que os fornecedores dos produtos também foram mantidos, tanto os das joias e relógios quanto os dos presentes finos.

A fama e a credibilidade da Casa Michel causaram aos seus proprietários alguns dissabores, como os fatos a seguir: os jornais da capital paulistana e publicações em geral apresentaram por diversas vezes cobranças pelas propagandas que haviam sido publicadas, nota-se, sem o consentimento dos irmãos Worms. Mediante tal fato, os irmãos passaram a divulgar que não pagariam nenhuma conta de anúncios sem que ela viesse acompanhada do contrato feito com as respectivas redações. Outro fato foi que os irmãos Worms, através de cartas recebidas do interior do estado de São Paulo, tiveram conhecimento de que certos indivíduos, fazendo-se passar por seus representantes, andavam a ludibriar pessoas de boa-fé, vendendo pedras falsas por finas e metais de qualidade inferior por ouro, abusando do nome e do prestígio que a casa possuía. Os Worms alertavam que seus representantes tinham que apresentar documentos que provassem a qualidade de seus produtos. E denunciaram que, se tais indivíduos voltassem a se apresentar como seus representantes, estariam sujeitos à ação penal, devendo ser punidos com o rigor da lei.[829]

Em vista do colossal movimento que a Casa Michel exibia, fosse pela excelência dos artigos que expunha à venda ou pelo bom atendimento, os proprietários, procurando aprimorar as instalações para melhor atender a sua clientela, resolveram ampliar a loja. Mas para tanto, optaram pela construção de um novo prédio no mesmo local da antiga casa de dois pavimentos na Rua 15 de Novembro.[830]

---

[828] JORNAL *do Comércio*. (30/12/1909), pp. 4.
[829] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (03/03/1906), pp. 4. *Ibidem*. (24/08/1910), pp. 10.
[830] *Ibidem*. (30/12/1912), pp. 6.

Seguindo as exigências modernas, quanto à edificação do prédio e o acabamento, a Casa Michel transferiu-se provisoriamente para o prédio vizinho, recém-construído, a fim de demolir e levantar um novo edifício no nº 25, que, com o prédio de n.º 27, formaria um grande estabelecimento de joias, comparável aos mais importantes do velho mundo (fig. 141). A construção, executada pelo engenheiro Samuel Augusto das Neves, empregou pela primeira vez estrutura metálica em um edifício comercial.[831]



Figura 141. **Casa Michel e pormenor da foto** – Com a demolição da joalheria na esquina, ela se instalou provisoriamente no prédio vizinho, que posteriormente foi incorporado ao novo estabelecimento. [Coleção de Marie Anne Worms]

O prédio vizinho, de n.º 27, pertencia a Caem Levy, casado com a meia-irmã dos irmãos Worms, e havia sido arrendado para a ampliação da Casa Michel. Em outubro de 1886, Caem Levy possuía sua joalheria, A Alliança, nesse local.

Reinaugurada em 15 de dezembro de 1913, às 16 horas, a nova Casa Michel era uma casa comercial que podia rivalizar com as melhores da Europa, por suas espaçosas e esplêndidas instalações. O prédio possuia amplas e iluminadas vitrinas, que chamavam a

[831] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (29/01/1913), pp. 16. *Ibidem*. (11/02/1913), pp. 7. SEGAWA, Hugo – *Prelúdio da metrópole: arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX*. 2004. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004, pp. 82.

atenção dos que por ali passavam. A inauguração foi motivo de página inteira do jornal *O Estado de São Paulo* (fig. 143).

142



143


O ESTADO DE S. PAULO

S. Paulo—Segunda-feira, 15 de Dezembro de 1913

HOJE ABERTURA

dos grandes e novos

ESTABELECIMENTOS de JOIAS

CASA MICHEL

Os mais IMPORTANTES, os mais MODERNOS e os mais IMPONENTES estabelecimentos de joias do MUNDO

CASA MICHEL DE WORMS IRMÃOS

Grandiosa exposição nas ONZE riquíssimas vitrines de sua explendida installação e nos innumeros mostradores do interior, de todo o colossal sortimento das ultimas novidades, chegadas especialmente para a nossa inauguração.

Figura 142. **Novo prédio da Casa Michel a partir de 1913**. Rua 15 de Novembro, 25 e 27, esquina com Rua da Quitanda. Pode-se observar que a nova construção foi incorporada ao antigo prédio, valorizando principalmente o andar térreo, onde se encontrava a loja, com suas diversas vitrinas. Dois relógios e um cronômetro faziam parte da decoração externa do prédio, o relógio maior se encontrava na esquina, na pequena torre do último andar, o outro ficava na lateral do prédio, na altura do primeiro andar, na Rua 15 de Novembro, e o cronômetro na mesma direção deste último, no térreo, entre duas vitrinas. [*Catálogo Geral Casa Michel*, pp. 1]

Figura 143. **Anúncio da inauguração da Casa Michel** – ocupou página inteira da capa do jornal *O Estado de São Paulo*. [JORNAL. *O Estado de São Paulo*. 15/12/1913, pp. 1.]

O edifício com cinco andares possui, no térreo, com pé-direito alto, um amplo e bem iluminado salão principal onde várias estantes – que serviam para a guarda e exposição das peças – dividiam o ambiente por secções e onde se localizavam os balcões de atendimento – que serviam de espaço para o exame detalhado daquilo que se pretendia comprar. As vastas vitrinas internas em madeira de lei envernizadas com vidro em todos os lados valorizavam as peças expostas de forma a cativar os clientes (fig. 144-146).



Figura 144. **Vista panorâmica do interior da Casa Michel**. Amplos salões com vitrinas específicas para cada tipo de artigo. O caixa estava centralizado em um dos salões internos. Vista interna da joalheria, primeiro plano: vitrina com peças de joalheria, nas laterais e ao fundo peças finas de decoração. Observa-se o pé-direito muito alto, dando mais amplidão ao salão. [*Catálogo Geral da Casa Michel*, encarte interno]



Figura 145. **Vista interior da secção especial de artigos finos** – vastas vitrinas internas, em madeira de lei e vidros que valorizam as peças expostas. [Fonte: *Catálogo Geral da Casa Michel* – foto do encarte central]

A vida moderna demandava novos estímulos, havia certa competição, fosse pelas aparências ou pelo poder, que alimentava o comércio, e as vitrinas foram ferramentas utilizadas nesse sentido; eram locais próprios para expor as mercadorias. Os interiores das

lojas ganharam novas conformações e outras práticas foram fazendo terreno, em sintonia com as modas europeias.



Figura 146. **Cartão-postal da Casa Michel – secção de artigos de arte francesa.** Objetos para presente e decoração. [Cartão Postal do Acervo de Marie Anne Worms, sem data]

Seguindo os padrões franceses de exibir as mercadorias em profusão, desenvolvendo um poder de sedução, a Casa Michel procurou atrair o público pelo seu ponto forte, as vitrinas externas, fazendo com que os transeuntes, ao passarem na frente da loja, parassem para dar uma olhada nas peças expostas, que reluziam e faziam brilhar os olhos dos passantes. A diversidade atraía os clientes para entrar e, provavelmente, adquirir alguma peça. A casa seguia o modelo europeu, o que dava à clientela a súbita impressão de estar em face de uma grande joalheria de Paris, de Roma ou de Bruxelas.[832]

Muito bem montadas e iluminadas, as vitrinas externas (fig. 147) eram envidraçadas em toda a sua extensão, com detalhes de acabamentos encastoados em bronze dourado e mármore. As peças de joalheria, bijuteria e relógios ficavam nas vitrinas da Rua 15 de Novembro. Observando estas vitrinas, já se poderia prever o que haveria no interior da

[832] AMARAL, Amadeu – *A capital paulista*: *comemorando o centenário da Independência*. São Paulo: Sociedade Editora Independência, 1920, pp. 153. JORNAL *O Estado de S Paulo.*(15/13/1913), pp. 6.

joalheria, elas expunham uma grande diversidade de artigos para presentes, muitos destes apresentados dentro de belos estojos, diversas tipologias de joias, relógios e produtos de ótica. Certamente, todas as peças poderiam ser encontradas em alguma secção da loja. A própria vitrina já definia a qualidade dos produtos vendidos e a que classe de pessoas se destinavam. Um grande cronômetro localizado entre duas vitrinas externas foi colocado estrategicamente, para que as pessoas pudessem acertar os seus relógios. Uma verdadeira revolução comercial estava sendo gerada pela coerência e pelo sistema de vitrinas, com luminosidade abundante e areação. Os espaços internos favoreciam a circulação dos visitantes e a visualização de seus produtos.[833] Tal fato poderia ser notado nas novas instalações da Casa Michel.

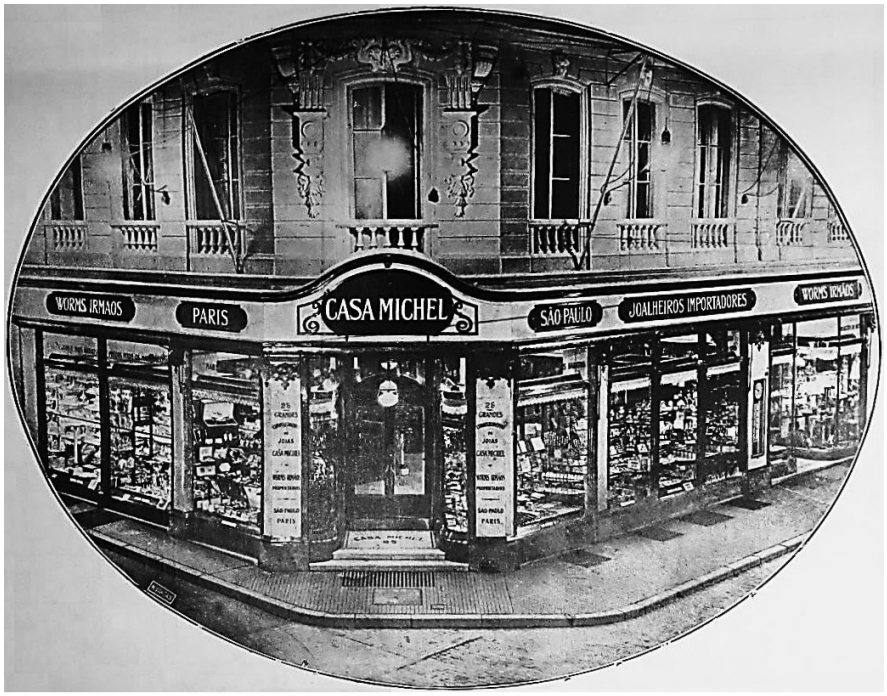


Figura 147. **Vitrinas externas da Casa Michel.** Destaque para a grande variedade de produtos. Podemos observar que um grande cronômetro estava localizado externamente, entre duas vitrinas. A partir da direita para a esquerda da foto, vemos duas vitrinas ladeando a entrada lateral, seguindo para a esquina vemos o cronômetro, e as três vitrinas seguintes expunham, na sequência, bijuterias, joias e relógios. [*Catálogo Geral da Casa Michel*, pp. 3]

[833] BARBUY, Heloisa – *A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914.* São Paulo: EDUSP, 2006, pp. 229.

O acesso ao prédio era feito por duas entradas, e dois elevadores levavam aos andares superiores. No primeiro e segundo andar do prédio ficavam expostos os objetos decorativos, de arte, artigos de couro, malas, *trousses*, bolsas e carteiras; perfumes franceses Jean Patou, Caron, Guerlain, Lanvin e D'Orsay; lustres em cristal e bronze;[834] entre outros; eram mercadorias importadas que vinham de vários países da Europa, por meio de vapores que ancoravam no porto de Santos.[835] Os Worms possuíam oficina própria para confecção e reforma de joias e relojoaria, além do apoio de quarenta funcionários.



Figura 148. **Funcionários da Casa Michel.** Sem data. [Acervo de Denise Kahn, sem data]

A entrada para os andares superiores, 3º, 4º e 5º, ficava na Rua da Quitanda n.º 18, destinando-se a consultórios, empresas, grandes escritórios e salas para cursos de línguas estrangeiras, datilografia ou outros, com área aproximada de 135 m². Aqueles que quisessem alugar alguma das salas teriam que tratar diretamente com os proprietários na Casa Michel.[836] Uma de suas salas havia sido alugada para a nova Sede da Câmara do Comércio Americano, que em seu anúncio dizia se localizar nos altos da Casa Michel. No dia 4 de

[834] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (02/03/1928), pp. 2. *Ibidem*. (28/03/1928), pp. 2
[835] AMARAL, Amadeu – *A capital paulista*: *comemorando o centenário da Independência*. São Paulo: Sociedade Editora Independência, 1920, pp. 153. Neste período o porto de Santos havia se tornado um dos mais movimentados do país.
[836] JORNAL *O Estado de S Paulo.* (16/07/1914), pp. 9. JORNAL *Correio Paulistano.* (22/01/1939), pp. 18.

fevereiro de 1920, inauguraram a sala e promoveram um jantar na afamada *Rôtisserie Sportsman*.[837]

No dia da inauguração da nova Casa Michel foi lançado um luxuoso catálogo ilustrado, a fim de ser enviado aos clientes interessados. Os preços variavam, o que atraía clientes de várias classes sociais. Para ajudar aos preços concorrenciais, a importação era feita diretamente com os fabricantes, o que permitia oferecer aos compradores as melhores vantagens.[838]

Com um diversificado sortimento, tornou-se o mais importante estabelecimento de joias do Brasil e passou a usar em anúncios a denominação Grandes Estabelecimentos de Joias, Casa Michel. Esta casa fazia suas vendas somente no varejo, tendo como objetivo agradar o cliente. Como importavam as mercadorias diretamente das fábricas, o resultado era o consumidor pagar menos. O lucro vinha da transação da compra, que era feita em grandes quantidades, a preço de atacado. Com uma grande variedade de produtos e preços ao alcance de várias camadas da sociedade, a casa era procurada quando se queria oferecer a alguém um presente de classe. A Casa Michel ficou sendo a primeira entre todas as suas congêneres na América do Sul. Ela tinha sua própria casa de compras em Paris, ao cargo do sócio Sr. Alphonse Worms.[839] Atraída pela exposição permanente de vasto sortimento de objetos artísticos em suas vitrinas – bronzes, mármores, porcelanas, cristais, relógios e joias de ouro e prata com gemas –, a clientela, constituída por membros da elite paulista, costumava comprar na Casa Michel seus presentes para as *corbeilles de mariage*.

É possível observar o peso que a Casa Michel exercia junto à comunidade francesa através de um evento da época. No dia 8 de novembro de 1917, ocorreu a *Festa Francesa* no Trianon, promovida pela Colônia Francesa da capital, em benefício das Associações de Caridade *L'Union des families françaises et alliées* e *L'oeuvre des pupiles de la nation.* Imigrantes franceses e seus descendentes, industriais, comerciantes e pessoas da alta sociedade, patrocinaram o evento com dinheiro e prendas para as premiações. Estavam

[837] JORNAL *Correio Paulistano*. (18/01/1920), pp. 3.
[838] JORNAL *O Estado de S Paulo.* (15/12/1913), pp. 6 e 16. AMARAL, Amadeu – *A capital paulista*: *comemorando o centenário da Independência*. São Paulo: Sociedade Editora Independência, 1920, pp. 153.
[839] SOCIÉTÉ de Publicité Sud-Américaine, Monte Domecq' & Cie. – *O estado de São Paulo.* Barcelona: Estabelecimento Graphico Thomas, 1918, pp. 321-322.

presentes famílias da elite paulistana, bem como os Worms, Grumbach, Metzger, Crespi, Loeb, Aaron, Klabin, Gomide, Lafer, Lefévre, Matarazzo, Netter, Chiaffarelli, entre outros.

Entre as joalherias a Casa Michel foi a que maior volume de peças doou – uma *necessaire bureau argent*, um estojo de facas de prata, um estojo de prata para unhas, 68 pares de abotoaduras, três barretes, duas pulseiras, seis dedais, uma bolsa de prata e uma *bomboniere* de prata. A Joalheria Bento Loeb ofertou uma peça em bronze; a Casa Mappin & Webb, um vaso de cristal artístico; e a Joalheria Jacques Netter & Filhos, um par de vasos.[840]

Em 1918, outro evento beneficente em favor de *Socorro ao Nacional Francês* fez com que a casa contribuísse com prendas para a tombola. Também efetuou a venda de ingressos para os *Matches* Internacionais dos jogos de futebol e forneceu prêmios aos vencedores, igualmente para provas equestres na Sociedade Hípica Paulista. Era costume que os prêmios oferecidos nas competições ficassem expostos nas vitrinas da Casa Michel, como o adquirido pelo jornal *Diário Popular* para ser oferecido ao jóquei Carlos Hasselbarth, vencedor de um páreo organizado pelo vespertino. O atleta ganhou uma artística cigarreira de prata com a inscrição "Homenagem do *Diário Popular* ao jockey Carlos Hasselbarth 03/03/1918".[841]

As temporadas líricas ocorriam com frequência em teatros paulistas, com artistas como a italiana Eleonora Duse,[842] que fez sua estreia na capital no Teatro Sant'Anna, com o drama *Hedda Gabler*, de Henrik Ibsen, ou a turnê da francesa Gabriella Réjane,[843] entre outros artistas e companhias que se apresentavam na cidade. Para essas ocasiões especiais a Casa Michel colocava à venda um grande sortimento de binóculos, joias finas em platina, pérolas e diamantes, *trousses*, bolsas em ouro 18 k.[844]

Organizado pela Federação Paulista de Xadrez, o Campeonato Municipal de Xadrez ocorreu no Derby Club de São Paulo. Os prêmios para os vencedores dos 1º e 2º lugares

[840] JORNAL *do Commercio*. São Paulo, (06/11/1917), pp. 7. *Ibidem*. (09/11/1917), pp. 8.
[841] JORNAL *O Estado de São Paulo.* (08/06/1918), pp. 6. *Ibidem.* (30/01/1918), pp. 7. JORNAL *A Gazeta. São Paulo*. (29/06/1918), pp. 2. JORNAL *O Estado de São Paulo.* (05/03/1918), pp. 6.
[842] *Ibidem*. (18/07/1907), pp. 4. *Ibidem*. (20/07/1907), pp. 2.
[843] *Ibidem*. (02/07/1909), pp. 3.
[844] *Ibidem*. (10/10/1918), pp. 2.

foram oferecidos à Federação pela Casa Michel, consistindo em duas medalhas, de ouro e de prata, confeccionadas na oficina da joalheria.[845]

Três episódios marcaram de forma positiva a imagem da Casa Michel e foram bem explorados pelos Irmãos Worms em anúncios veiculados em periódicos. O primeiro deles ocorreu em 1921, quando Worms & Irmãos foram agraciados com o título de Fornecedores da Corte Real Belga, sendo a primeira loja brasileira a receber tal distinção honorífica.

> A Casa Michel, importante estabelecimento comercial desta praça, acaba de receber da Bélgica comunicação de que foi agraciada com o título de Fornecedores da Corte Real Belga. Esta honra concedida aos srs. Worms & Irmãos, proprietários da Casa Michel, é uma distinção raramente conferida, mesmo na Europa.
>
> O título com que foi agraciada a Casa Michel constitui, ao mesmo tempo, uma honra para São Paulo, sendo talvez aquele estabelecimento o primeiro a obter em nosso país essa distinção honorífica.[846]

O fato ocorreu após a visita do casal real ao Brasil no ano anterior. Foi um evento programado com antecedências pelo Presidente da República do Brasil, Epitácio Pessoa, e pelos presidentes dos estados visitados pelos Reis dos Belgas – Alberto I e Elisabeth (Anexo I, fig. 252). O Couraçado São Paulo partiu do porto da Guanabara, Rio de Janeiro, especialmente para pegar os soberanos belgas, rei Alberto I e rainha Elisabeth, que ao chegarem ao Rio de Janeiro, no Cais Mauá, foram instalados no Palácio Guanabara em suntuosos aposentos. Após passar por Belo Horizonte, Minas Gerais, onde receberam homenagens das autoridades do estado e locais, chegaram em São Paulo, na Estação da Luz, em 5 de outubro de 1920, em um trem real organizado pela Central do Brasil. Além dos reais visitantes e sua comitiva, estavam presentes nesse comboio o Presidente da República Epitácio Pessoa e família, ministros, secretários, chefes de casa militar, além do Consul Belga Charles Le Viennois e esposa.

Ao chegarem à Estação da Luz foram recebidos ao som da Banda da Força Pública, que executou o Hino da Bélgica, *Brabançonne*, e o Hino Nacional brasileiro. Estavam presentes nessa recepção o Presidente do Estado de São Paulo, Washington Luís, o Vice-Presidente Virgílio Rodrigues Alves, secretários, oficiais de gabinete, prefeito municipal, senadores, presidente de Câmaras Municipais e Estaduais, deputados, coronéis, capitães, generais, majores, entre outros. Em seguida os convidados foram em cortejo para a Chácara

[845] JORNAL *Correio Paulistano*. (18/07/1919), pp. 8.
[846] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (20/07/1921), pp. 6.

do Carvalho (Capítulo I, fig. 6 e 7), localizada na Alameda Barão de Limeira, onde o casal real ficou hospedado. Sobre o portão de entrada da chácara havia uma faixa com os seguintes dizeres: "Glória a você Albert I. O vencedor da Batalha de Flandres, personificação da honra antes das gerações".[847]

Nos dias em que estiveram na capital paulistana, os soberanos belgas e sua comitiva assistiram ao desfile militar na Avenida Tiradentes; visitaram a Exposição Industrial, o Instituto Butantã, a Escola Normal e o Colégio Sion na Avenida Higienópolis; participaram de recepção oferecida pela colônia belga, pela colônia francesa e do banquete/recepção oferecido pelo Governo do Estado no Palácio dos Campos Elíseos, onde compareceram autoridades e a elite paulistana.[848]

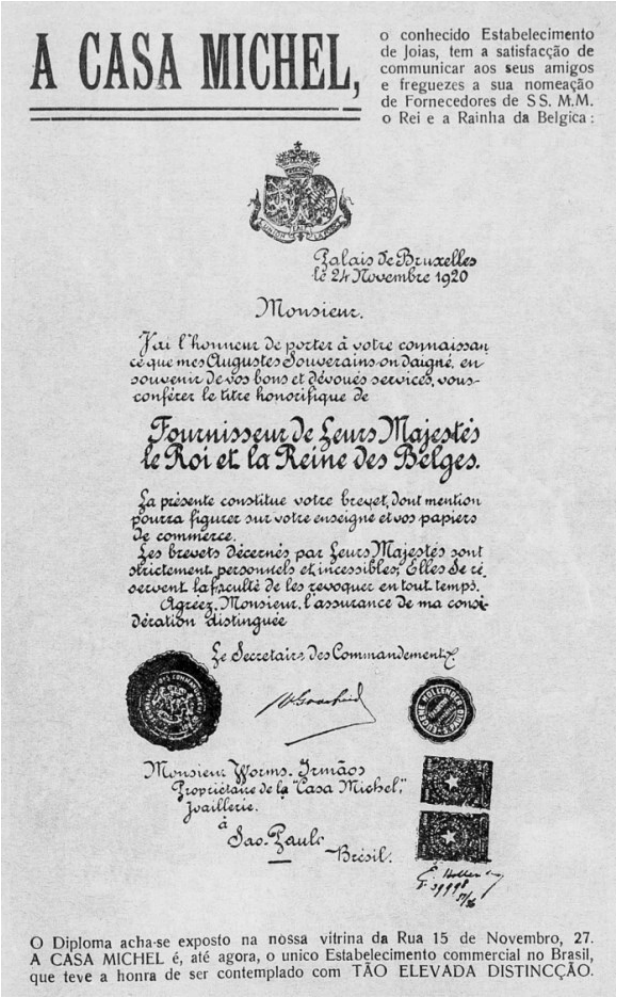


Figura 149**. Medalha com o busto do Rei Soldado em homenagem aos Reis dos Belgas** pela Casa Michel. Foi confeccionada uma artística medalha com o busto do Rei Alberto I, que a casa ofereceu gratuitamente aos seus fregueses compradores enquanto os soberanos permaneceram na cidade de São Paulo. [JORNAL do *Commercio*. São Paulo, (03/10/1920), pp. 3. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (06/10/1920), pp. 4]

Uma forma que a Casa Michel encontrou de prestigiar os reis belgas foi confeccionar uma medalha com o busto do rei soldado, Alberto I (fig. 149), e distribuí-la gratuitamente aos seus clientes durante a permanência de SS. MM. os Reis dos Belgas na cidade de São Paulo. Pelo que se pôde observar, foi a única joalheria que efetuou tal tributo. (Anexo I, fig. 253)

[847] REVISTA *A Cigarra*. São Paulo, (01/10/1920). Tradução livre da autora: *Gloire à vous Albert I. Le vainqueur de La Bataille de Flandres, personification de l'honneur devant des génération.* JORNAL *O Estado de São Paulo*. (06/10/1920), pp. 3.
[848] *Ibidem*. (06/10/1920), pp. 3.

A Casa Michel teve a honra de ser agraciada com o título honorário de Fornecedores de Suas Majestades o Rei e a Rainha dos Belgas, conforme carta encaminhada aos Worms (fig. 150) informando que, devido aos bons serviços dedicados às suas majestades belgas, tais patentes foram concedidas, sendo elas estritamente pessoais e intransferíveis, tendo os soberanos o direito de revogá-las a qualquer momento. Tal fato foi divulgado quase um ano depois.



A CASA MICHEL, o conhecido Estabelecimento de Joias, tem a satisfacção de communicar aos seus amigos e freguezes a sua nomeação de Fornecedores de S.S. M.M. o Rei e a Rainha da Belgica:

Palais de Bruxelles
le 24 Novembre 1920

Monsieur.

J'ai l'honneur de porter à votre connaissance que mes Augustes Souverains on daigné, en souvenir de vos bons et dévoués services, vous conférer le titre honorifique de

Fournisseur de Leurs Majestés le Roi et la Reine des Belges.

La présente constitue votre brevet, dont mention pourra figurer sur votre enseigne et vos papiers de commerce.
Les brevets décernés par Leurs Majestés sont strictement personnels et incessibles. Elles se réservent la faculté de les revoquer en tout temps.
Agréez, Monsieur, l'assurance de ma considération distinguée

Le Secretaire des Commandements

Monsieur Worms. Irmãos
Propriétaire de la "Casa Michel"
Joaillerie.
à
Sao Paulo - Brésil.

O Diploma acha-se exposto na nossa vitrina da Rua 15 de Novembro, 27. A CASA MICHEL é, até agora, o unico Estabelecimento commercial no Brasil, que teve a honra de ser contemplado com TÃO ELEVADA DISTINCÇÃO.

Figura 150**. Nomeação da Casa Michel como Fornecedores da Corte Real Belga**. Tal notícia foi muito divulgada na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro. [REVISTA *Vida Moderna*. São Paulo (28/07/1921). REVISTA *O Malho*. Rio de Janeiro. (20/08/1921)]

Ficou exposta em uma das vitrinas da Casa Michel uma caixinha-mostruário contendo as amostras do café em coco e os respectivos tipos depois de beneficiados; estes

haviam sido preparados pela máquina Amaral, em presença do Rei dos Belgas. Essa caixinha de madeira foi confeccionada nas oficinas de Martins Barros e oferecida por ele; o trabalho de placas e gravação foram executados pela Casa Michel.[849]

A partir desse momento, os Worms passaram a divulgar em todos os anúncios veiculados na imprensa o brasão do *Palais de Bruxelles* e o título de Fornecedores de Suas Majestades o Rei e a Rainha dos Belgas.[850] (fig. 151)



Figura 151**. Brasão do Palácio de Bruxelas em anúncio da Casa Michel**. Podem-se observar neste anúncio o brasão do *Palais de Bruxelles* e artigos de Gallé, Richard, Sévres, Limoges, Daum, além de relógios e joias em ouro, platina e pedras preciosas. [REVISTA *Moderna.* São Paulo, (28/12/1922)]

[849] JORNAL do *Commercio*. São Paulo, (12/10/1920), pp. 4
[850] REVISTA *O Malho*. Rio de Janeiro. (27/08/1921).

Um segundo fato ocorreu na Exposição Internacional do Centenário da Independência, promovida pela cidade do Rio de Janeiro em 1922. Nesse evento a Casa Michel exibiu seus produtos no Pavilhão das Pequenas Indústrias – juntamente com outras joalherias de vários estados. O conjunto de peças exposto pelos Irmãos Worms obteve o Grande Prêmio – Medalha de Ouro, que mais uma vez deu prestígio à casa e confiabilidade às suas peças.[851] (fig. 152)



152

Figura 152. **Comunicado do Grande Prêmio na Exposição Internacional do Centenário**, ocorrida no Rio de Janeiro. [REVISTA *O Malho*. Rio de Janeiro, (28/07/1923), pp. 18]

A Exposição Internacional do Rio de Janeiro (1922/1923) apresentou um sistema de luz difusa sobre as fachadas que emanava de fontes potentes que ficavam fora do alcance visual dos visitantes, não os incomodando e permitindo que se pudessem perceber os minuciosos detalhes arquitetônicos. A iluminação produzia também variedade de cor e de tonalidade. Cada pavilhão recebeu um estudo próprio de luz, em que se realçavam

[851] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (03/07/1923), pp. 1

determinadas particularidades da construção, dos jardins, ou ainda das bandeiras de cada país presente na exposição. O que chamou a atenção dos observadores foi a torre de joias cintilante do Palácio dos Estados, que mudava constantemente de cor, considerada a coroação do trabalho de iluminação da exposição.

A firma General Electric S. A. foi quem executou o projeto, que contou com a supervisão do engenheiro J. W. Shaffer e do técnico Schenectady, de New York. A cúpula tinha 40.000 peças de joalheria, cada uma fixada em sua própria cravação de forma a refletir os raios de luz que lhe eram projetados. Podia se mover ao contato da mais suave brisa ou vibração. Havia sobre ela 32 holofotes de 18 polegadas de diâmetro que lançavam a luz produzida por lâmpadas de 12 volts e 100 amperes cada. Os holofotes eram amparados por baterias de projetores menores, com lâmpadas de 500 watts cada uma, equipados para trabalhar com cinco cores diferentes, podendo combiná-las entre si, produzindo um jogo de tonalidade as mais delicadas, projetadas sobre a abóbada da cúpula.[852] (fig. 153)

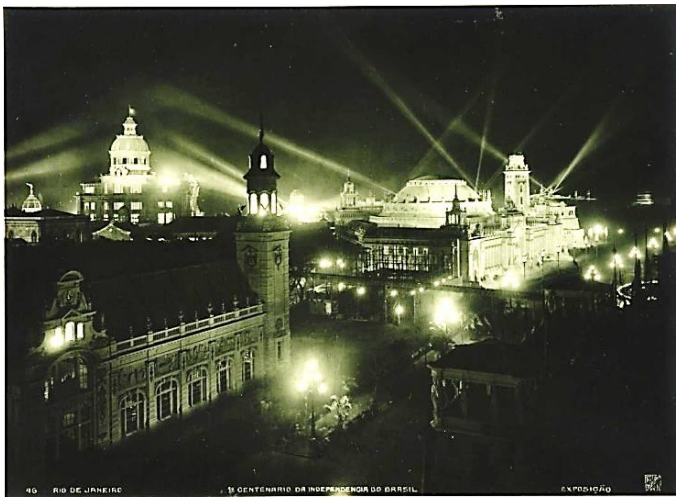
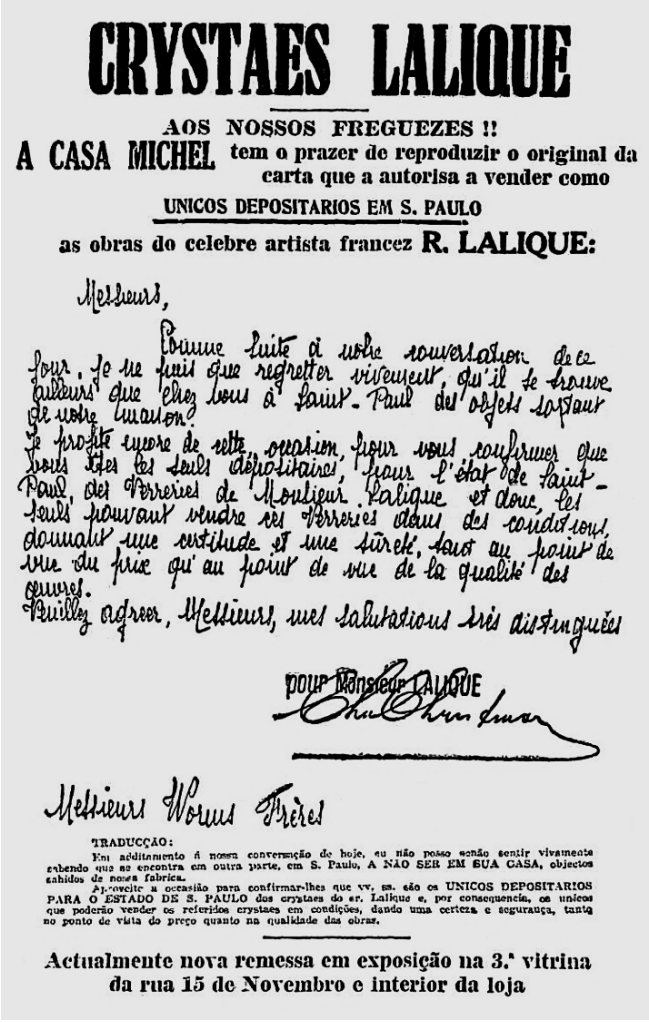


Figura 153. **Exposição Internacional do Centenário da Independência de 1922 a 1923.** À esquerda, a construção mais alta é o Palácio dos Estados com sua Torre de Joias. [*Photo Bippus*. Biblioteca Nacional (Brasil)] [853]

[852] A Exposição de 1922: Órgão da Comissão Organizadora (RJ). *In Biblioteca Nacional Digital Brasil*. Edição 06-07, pp. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800899&pesq=. Acesso em 25/09/2015.
[853] BRASILIANA *Fotográfica*. Disponível em: http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/6065. Acesso em: 13/02/2020.

O terceiro episódio que a Casa Michel procurou divulgar em seus anúncios ocorreu em 1924, quando a empresa de cristais artísticos de René Lalique deu sua aprovação para que os Irmãos Worms fossem os únicos depositários de seus produtos para o Estado de São Paulo (fig. 154). Somente eles estavam aptos a vender os referidos cristais e confirmar a qualidade das obras com a certeza de que os produtos eram originais, pois vinham diretamente da fábrica e tinham a segurança de preços justos. Este importante evento deu mais prestígio à casa.



CRYSTAES LALIQUE

AOS NOSSOS FREGUEZES !!

A CASA MICHEL tem o prazer de reproduzir o original da carta que a autorisa a vender como

UNICOS DEPOSITARIOS EM S. PAULO

as obras do celebre artista francez R. LALIQUE:

Messieurs,

Comme suite à notre conversation de ce jour, je ne puis que regretter vivement qu'il se trouve ailleurs que chez vous à Saint-Paul des objets soi-disant de notre maison.

Je profite encore de cette occasion pour vous confirmer que vous êtes les seuls dépositaires, pour l'état de Saint-Paul, des Verreries de Monsieur Lalique et donc, les seuls pouvant vendre ces Verreries dans des conditions donnant une certitude et une sûreté, tant au point de vue du prix qu'au point de vue de la qualité des œuvres.

Veuillez agréer, Messieurs, mes salutations très distinguées

pour Monsieur LALIQUE

Messieurs Worms Frères

TRADUCÇÃO:

Em additamento á nossa conversação de hoje, eu não posso senão sentir vivamente sabendo que se encontra em outra parte, em S. Paulo, A NÃO SER EM SUA CASA, objectos sahidos de nossa fabrica.

Aproveito a occasião para confirmar-lhes que vv. ss. são os UNICOS DEPOSITARIOS PARA O ESTADO DE S. PAULO dos crystaes do sr. Lalique e, por consequencia, os unicos que poderão vender os referidos crystaes em condições, dando uma certeza e segurança, tanto no ponto de vista do preço quanto na qualidade das obras.

Actualmente nova remessa em exposição na 3.ª vitrina da rua 15 de Novembro e interior da loja

Figure 154**. Reprodução do documento original de autorização de venda dos produtos de René Lalique.** [Jornal *O Estado de São Paulo*, (15/10/1924), pp. 4]

A visita às exposições internacionais era o destino de alguns joalheiros paulistas, a fim de conhecer as últimas novidades em joias e artes decorativas, e os Worms, como podemos conferir na figura 155, onde afirmam ter as últimas novidades da Exposição *des Arts Decoratifs* de Paris. Além das frequentes idas a esses eventos, procuravam conhecer as fábricas para fazer suas compras diretamente com quem produzia, através de seu escritório em Paris. Tais produtos – bronzes, marfins, cristais, objetos de prata e porcelana fina; marcas como Lalique, Gallé, Baccarat, Bohemia, St. Louis, St. Lambert, Sèvres, Copenhague, Limoges e Royal Metal – eram *le dernier cri*, pois, essa nova estética em seu *design* atraía a todos. Possuí-los se tornava essencial para confirmar o *status* social. Nos estilos *Art Nouveau* ou na *Art Déco,* considerados extravagantes, utilizavam-se materiais nobres como prata, bronze, marfim e muitas vezes gemas, o que tornava os objetos de decoração mais luxuosos e destinados a uma classe de pessoas que os pudesse comprar.



155



156

Figura 155. **Casa Michel e as novidades da *Exposition Internationale des Arts Décoratifs et Industriels Modernes*** – ocorrida em Paris em 1925. [JORNAL *O Estado de São Paulo*. (23/03/1926), pp. 2].

Figura 156. **Medalha da Casa Michel em homenagem aos heróis portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral.** Medalha uniface com olhal e argola de bronze dourado; na orla superior, a legenda "Homenagem aos Heróis Portugueses"; no campo, busto de duas figuras masculinas voltadas à direita; e na orla inferior, a legenda "Offerece Casa Michel", 1922. [Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo. Créditos fotográficos: Hélio Nobre/José Rosael].

A Casa Michel procurou homenagear um acontecimento aéreo imprimindo uma medalha[854] (fig. 156). O fato ocorreu quando dois portugueses, Gago Coutinho e Sacadura Cabral, realizaram pela primeira vez a travessia do Atlântico Sul em um hidroavião português de nome Lusitânia, modelo *Farey Co*., com motor *Rolls Royce* que custou cinco mil libras e contou com incentivo do governo português. Partiram de Lisboa em 30 de março de 1922, mas pelo fato de este avião ter autonomia para 13 horas de viagem, esta sofreu sete paradas,[855] chegando ao Rio de Janeiro no dia 17 de junho de 1922, durante o período da Exposição Universal do Centenário pela Independência do Brasil. Foram feitas homenagens aos pilotos durante o mês de julho, em São Paulo e em todas as cidades pelas quais passaram, sendo aclamados como heróis.

Para homenagear o 1º Centenário da Independência do Brasil, a Casa Michel expôs em uma de suas vitrinas um artístico vaso de porcelana de 1,40 m de altura, com pintura que reproduzia o famoso quadro *O Grito do Ipiranga,* de Pedro Américo. Obra que foi oferecida ao Governo do Estado de São Paulo pela Casa Michel.[856]

A proximidade das competições esportivas levou a casa a ter estatuetas próprias para algumas modalidades, como aviação, hipismo e automobilismo. Tais esculturas eram utilizadas em homenagens e premiações, como ocorreu em 1925, nas provas equestres da Sociedade Hípica Paulista, em que os prêmios oferecidos aos vencedores foram adquiridos e expostos na Casa Michel.[857]

Uma réplica do Monumento ao Glorioso Santos Dumont, erigido no bairro de St. Cloud, em Paris, pelo Aeroclube da França, ficou em exposição na vitrina da Casa Michel. A estátua de bronze representando o Ícaro da mitologia grega foi inaugurada em 19 de outubro de 1913, na praça redonda próxima à antiga Aeroestação de St. Cloud. Em sua base

[854] Medalhas – ver glossário.
[855] A primeira parada foi em Las Palmas, nas Ilhas Canárias; a segunda, na Ilha de São Vicente, em Cabo Verde; a terceira, em Penedos de São Pedro e São Paulo, quando os pilotos tiveram que trocar de hidroavião; a quarta ocorreu na Ilha Fernando de Noronha, quando um terceiro hidroavião teve que ser providenciado; a quinta parada foi em Recife, Pernambuco; a sexta, em Salvador, Bahia; a sétima foi em Vitória, Espírito Santo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JK9P25MoDtg. Acesso em: 20/04/2020
[856] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (05/09/1922), pp. 1.
[857] *Ibidem*. (05/05/1927), pp. 2. *Ibidem*. (10/11/1925), pp. 6.

está escrito: “Este monumento foi erigido pelo Aeroclube da França para comemorar as experiências de Santos Dumont, pioneiro da locomoção aérea”.[858] (fig.157)



Figura 157**. (1) Monumento erigido em St. Cloud em homenagem a Santos Dumont** – pelo Aeroclube da França, representando o Ícaro da mitologia grega, em homenagem a Santos Dumont. [SANTOS DUMONT, Alberto – *O que eu vi, o que nós veremos de Santos Dumont*. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000197.pdf. Acesso em: 27/12/2016]. (**2) Casa Michel homenageia Santos Dumont com *La Coquete de L'Air***. Reprodução do monumento erigido em Paris em homenagem a Santos Dumont. [JORNAL *O Estado de São Paulo*. (05/05/1927), pp. 2].

Um fato pitoresco ocorrido em 1932, relatado por Denise Worms Kahn, chamou a atenção. Trata-se da correspondência trocada entre Alphonse Worms, que se encontrava em Paris, e seus sobrinhos Léon e Robert. Nesta, depois dos cumprimentos habituais, ele comenta que a última carta recebida do Brasil chegou rapidamente pelo Zeppelin.[859] Prosseguia dizendo que os negócios estavam muito ruins no mundo todo e confirmavam o que ele havia lido nos jornais *O Estado de São Paulo* e *Diário Popular*, que no Brasil também o comércio estava parado. A filial de Santos estava sentindo mais esse problema. Também comentou que ele via boas perspectivas nos casamentos, já que no curto mês de fevereiro haviam sido vendidas 65 alianças. E acrescentou que havia constatado com prazer

[858] *Ce monument a eté éleve par L' Aero Club de France pour commemorer le experiénces de Santos-Dumont, pionnier de la locomotion aérienne*. O Aeroclube foi fundado em 1898, era presidido pelo Conde Albert de Dion e, em 1900, já contava com 400 membros, sendo que Santos Dumont foi um de seus fundadores. CULTURA Aeronáutica – St. Cloud: o primeiro hangar do mundo. Disponível em: http://culturaaeronautica.blogspot.com/2013/01/st-cloud-o-primeiro-hangar-do-mundo.html. Acesso em: 07/03/2017. SANTOS-DUMONT, Alberto – *O que eu vi, o que nós veremos de Santos Dumont*. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000197.pdf. Acesso em: 27/12/2016.
[859] Nós não sabíamos que o Zeppelin fazia correio postal, relatou Denise Worms Kahn.

que em março as vendas estavam indo bem, com destaque para as de relógios e pulseiras *joaillerie*. Nessa carta, Alphonse ainda comenta que seu filho Jean Worms estava fazendo um curso na *École d'Horlogerie de la Chaux de Fonds*.[860]

No Carnaval Paulista de 1937, a Rainha e as Princesas foram agraciadas pelos estabelecimentos comerciais e industriais de São Paulo e prêmios em apólices da Prefeitura Municipal de São Paulo. Naquela ocasião, a Casa Michel ofertou um valioso *pendentif* de platina e diamantes para a Rainha (Anexo I, fig. 254). A Casa Allemã, grande magazine de modas da Rua Direita, deu sua colaboração oferecendo os vestidos de *soirée*, que a Rainha e as princesas ostentaram na festa de coroação. A Cia. Antarctica de bebidas ofertou um cheque no valor de Rs. 4:000$000. Outras casas colaboraram ofertando para a rainha e princesas presentes como luvas, cintos, carteiras, bolsas, além de roupas, tecidos, perfumes, móveis, entre outros.[861]

Uma organização corporativa se instalou no prédio da Casa Michel, a Associação dos Proprietários de Imóveis de São Paulo. Com reuniões mensais nessa nova sede, seus associados eram convocados a discutir assuntos de interesse da classe, como propriedade urbana e encaminhamento de documentos aos poderes públicos, pela diretoria, das competentes representações.[862]

A Casa Michel festejava o seu 25º aniversário (Anexo I, fig. 255-256) na primeira quinzena de maio de 1930, pois mesmo tendo sido inaugurada em 1887, a contagem dessa data comemorativa iniciou quando a sociedade entre Armand e Alphonse foi formada, em 1905,[863] seguindo um período próspero, em que houve a inauguração de filiais e o aprimoramento no atendimento aos clientes, que se tornavam fiéis à casa. Para marcar essa comemoração, organizaram uma grande venda de aniversário – joias finas, bijuterias, relojoaria, prataria, metais, porcelanas, cristais, perfumaria, objetos de uso pessoal como bengalas e guarda-chuvas, carteiras e bolsas de couro, lustre, *abat-jour*, lâmpadas, caixas e estojos para variados fins, aparelhos de jantar, café e chá, talheres artigos de *toilette* –, tudo

[860] Relato de Denise Worms Kahn referente à correspondência trocada entre seu pai Léon Worms, seu tio Robert e seu tio-avô Alphonse Worms.
[861] JORNAL O Estado de São Paulo. (21/01/1937), pp. 9.
[862] *Ibidem*. (06/05/1939), p. 4. *Ibidem*. (10/05/1939), pp. 11.
[863] REVISTA *A Cigarra.* (1ª quinzena/maio/1930).

num preço promocional que atraía os fiéis fregueses. Dessa forma desejavam corresponder aos seus clientes a preferência dispensada à Casa Michel, pois graças a essa fidelidade conseguiram atingir o sucesso de estar comemorando uma caminhada de 25 anos, com um sistema de trabalho em que a seriedade e o compromisso com preços módicos eram a filosofia da Casa.

A Federação Paulista de Xadrez recebeu da Casa Michel a Taça Alcides Prestes, que se destinou ao vencedor do encontro intermunicipal entre as turmas de enxadristas do Sorocaba Club e do Club Venâncio Ayres, de Itapetininga. Foi entregue aos enxadristas sorocabanos vencedores do encontro durante a Festa da Primavera. e esteve exposta em uma das vitrinas da Casa Michel.[864]

Em 17 de setembro de 1931, a casa inaugurou uma nova filial, na cidade de Santos, instalada em um prédio na esquina das ruas General Câmara[865] e Frei Gaspar – uma característica dos Worms, ter suas lojas em esquinas. A instalação se deu em uma antiga joalheria e relojoaria, A Mascote de Ouro (Anexo I, fig. 257), onde se comercializavam as mesmas peças da casa matriz de São Paulo. Léon Worms (Anexo I, fig. 258) foi designado a gerenciar essa nova loja. Na comemoração de inauguração, a casa distribuiu aos clientes e amigos um quadro de Santa Theresinha.[866]

No cenário político, o período da Primeira República havia se encerrado com a queda do Presidente Washington Luiz, do Partido Republicano Paulista, em 1930, constituindo-se o Governo de Getúlio Vargas, que veio alterar a ordem vigente introduzindo a centralização absoluta do poder em suas mãos. São Paulo foi o estado mais afetado por essa mudança, uma vez que, sendo a unidade mais rica e desenvolvida da Federação, estava habituado a comandar a política nacional, eleger regularmente o Presidente da República e gozar de grande autonomia na administração do seu território. A centralização imposta pela nova

---

[864] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (13/09/1930), pp. 7.

[865] A Rua General Câmara recebeu esse nome em 1868, em homenagem ao militar brasileiro José Antônio Correia da Câmara (1824/1893), reconhecido como um dos heróis do Exército Brasileiro por seus atos de bravura na guerra contra o Paraguai. Novo Milênio. Disponível em: https://www.novomilenio.inf.br/santos/fotos161.htm. Acesso em: 18/04/2020. ARAGÃO, Mirna – *José Antônio Correa da Câmara*. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/C%C3%82MARA,%20Jos%C3%A9%20Ant%C3%B4nio%20Correia%20da.pdf. Acesso em: 18/04/2020.

[866] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (18/09/1931), pp. 4.

ordem e a leitura equivocada da realidade do estado pelo novo Governo Federal atingiram a vida dos paulistanos. E em oposição ao governo, desencadearam na noite de 9 de julho de 1932 a Revolução Constitucionalista. Em 12 de agosto de 1932 se iniciou uma campanha que ganhou apoio popular através dos meios de comunicação, uma parte da população doou suas joias de ouro, prata, platina e pedras preciosas para financiar a revolução. Esta ficou conhecida como Campanha do Ouro para o Bem de São Paulo e foi promovida pela Associação Comercial de São Paulo.

A arrecadação era feita nos bancos. Em troca, os doadores recebiam anéis de metal prateado ou medalha em bronze dourado, brincos, broches e distintivos desenhados por José Wasth Rodrigues, com os dizeres "dei ouro para o bem de São Paulo – 1932", além de um certificado[867] (fig. 158) (Anexo I, fig. 259-260). Estes foram produzidos e vendidos com o objetivo de arrecadar recursos para a revolução. Os brincos, miniaturas de capacete, eram vendidos nas grandes casas comerciais de São Paulo, como a casa São Nicolau, Mappin Stores, Casa Michel, entre outras. Custava 2$500. Porém, muitos foram confeccionados após a revolução e vendidos como objetos de recordação. A Casa Michel colocou à disposição o ajuste gratuito desses anéis aos seus clientes, esse gesto de gentileza demonstrava o quanto a casa levava em consideração a fidelidade de seus fregueses, que faziam parte dessa elite paulistana.[868]



Figura 158. (1) **Anéis de metal da campanha Dei Ouro para o Bem de São Paulo.** Data 1932. [Acervo Museu de Atibaia. Doação: Zilda Roque da Silva. Foto: Sonia Skoda]. (2) **Certificado "Ouro para o Bem de São Paulo"** – de Major Juvenal Alvim, 30 de setembro de 1932. [Acervo Museu de Atibaia. Foto: Sonia Skoda]

[867] PICCAZIO, Cláudia (Org.) – *São Paulo 110 anos de industrialização: 1880-1990*. São Paulo: Editora Três. 1992, pp. 52-66. Campanha do Ouro para o bem de São Paulo. JORNAL *O Estado de São Paulo.* (16/08/1932), pp. 2.
[868] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (11/09/1932), pp. 2.

Todos esses eventos contribuíram para elevar o nome da Casa Michel, que se tornava cada vez mais cotada por seus clientes. As liquidações com promoções e abatimentos especiais sobre seus artigos, fossem os religiosos, que ocorriam com frequência na Páscoa, ou de presentes finos para as celebrações de fim de ano, como Natal, Ano-Novo e dia de Reis. Nesses períodos, ocorria a exposição de joias artísticas e de alto valor, destinadas especialmente para os presentes natalinos; grande variedade de joias, como colares de pérolas do Oriente; pulseiras de ouro e platina cravejadas de diamantes com talho brilhante, de rubis e outras pedras preciosas; discos e *pendentifs*, em que filigranas de ouro se entrelaçavam com diamantes, esmeraldas e opalas; além de broches, cruzes e medalhas artisticamente lavradas.

Os objetos de decoração também faziam parte dessa exibição, como as porcelanas de Sèvres e Gallé, os cristais de Bohemia e Baccarat, os bronzes dos melhores artistas franceses, variada coleção de objetos de toalete, de bibelôs, de prata, com detalhes em ouro e platina. Entre os artigos religiosos havia recipientes para água benta em cristal e metal, crucifixos de mesa, rosários e caixinhas em prata de lei, colares em ouro com medalhas santas.[869] Certas promoções tinham como finalidade acabar com o estoque para a chegada de nova remessa do exterior. Para tanto se reduzia o preço de venda, fixando o câmbio em determinado valor, como aconteceu em setembro de 1920, quando o câmbio se manteve a 250 réis o franco[870] – por serem artigos importados, seu preço alterava conforme a mudança do dólar, do franco ou da libra esterlina. (Anexo I, fig. 261)

4.2.3. Ruptura da sociedade e declínio da Casa Michel

Em abril de 1933, um desentendimento entre os irmãos Worms provocou a dissolução da sociedade na joalheria Casa Michel[871]. O *Journal La Fédération Horlogère Suisse*, de *La Chaux-de-Fonds* (Anexo I, fig. 262), assegurou ter Alphonse Worms adquirido todos os ativos da empresa Irmãos Worms & Co. Em 25 de outubro do mesmo ano, Alphonse

[869] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (13/12/1910), pp. 6. *Ibidem*. (12/04/1924), pp. 1 e 16.
[870] *Ibidem.* (18/09/1920), pp. 3.
[871] Conforme declaração de Marie Anne Worms. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (05/04/1933), pp. 5.

instituiu uma nova sociedade com seu sobrinho Léon Worms, diretor da antiga firma,[872] por cotas de responsabilidade limitada; a nova razão social seria *Worms e Cia Ltda*.[873] Um ano depois, Léon Worms se casou, como podemos ver na despedida de solteiro no Anexo I, fig. 263.

Justin Worms, após a sua saída da sociedade na Casa Michel, onde trabalhou por 25 anos como sócio-gerente, inaugurou sua própria joalheria, a Justin Worms & Cia. Ltda, sob o nome fantasia Joalheria Worms, em 16 de março de 1935. A loja localizava-se na Rua Direita com o Largo da Misericórdia, com oficina na Rua da Assembleia.[874] (Anexo I, fig. 264) A abertura se deu às 14 horas, com um grande número de pessoas que se aglomerou em frente ao estabelecimento para conhecer as dependências internas e receber o brinde prometido pela casa a todos aqueles que a visitassem no dia da sua abertura. Vendo-se impossibilitado de atender a todos nesse dia, Justin resolveu estender o prazo da entrega do referido brinde por mais um mês. Antes da inauguração o prédio passou por uma reforma, de acordo com o plano do arquiteto Jacques Pilon,[875] a parte artística ficou por conta de A. Pettri.

O material utilizado era todo nacional, sendo os vidros adquiridos na Casa Conrado, conhecida na época pela qualidade dos vitrais que ornaram muitos palacetes. O chão e as laterais eram revestidos por granito de Tasso Puglisi. Um grande lustre com 150 kg, adquirido na Casa Galimberti, localizava-se no centro da sala, iluminando uma vitrina toda envidraçada. Externamente, as vitrinas possuíam vidros especiais, a da Rua Direita com quatro metros e a do Largo da Misericórdia com cinco metros. Na entrada central o destaque era para a vitrina giratória, única em São Paulo, toda envidraçada, trazendo um toque de

[872] Worms e Cia. Ltda. *In* JUCESP – Junta Comercial do Estado de São Paulo. Secretaria de Desenvolvimento Econômico. Governo do Estado de São Paulo. Serviços online. Disponível em: https://www.jucesponline.sp.gov.br/Pre_Visualiza.aspx?nire=35207050944&idproduto=. Acesso em: 19/02/2020.
[873] JORNAL *Correio de São Paulo*. (9/11/1933), pp. 6.
[874] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (16/03/1935), pp. 1.
[875] Em 1910, Jacques Émile Paul Pilon (Le Havre, França 1905 – São Paulo, Brasil, 1962) mudou-se com a família para o Brasil, pois o pai foi organizar e dirigir o porto do Rio de Janeiro. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira – *Jacques Pilon*. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa447753/jacques-pilon. Acesso em: 16/06/2020. IAB TOCANTINS – *Jacques Pilon, arquiteto empreendedor*. *In* IABTO – Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento Tocantins. Disponível em: http://iabto.blogspot.com/2015/03/jacques-pilon-arquiteto-empreendedor.html. Acesso em 22/04/2020.

modernidade, com passagens laterais para o público. (Anexo I, fig. 265) O efeito de luz, à noite, tanto na parte interna da loja quanto externamente, atraía o público, pois ainda não havia sido utilizado por outro estabelecimento. O sucesso alcançado durante a primeira semana de abertura da casa obrigou a direção a fechar as portas para poder atender sua distinta clientela com mais atenção.[876]

Mediante essa inauguração, a Casa Michel procurou avisar seus clientes por meio de anúncios que não possuía filial em São Paulo, para deixar evidente que não havia uma sociedade entre os dois irmãos na nova joalheria, e que a Casa Michel continuava no mesmo endereço há aproximadamente 30 anos.[877]

Em janeiro de 1947, um dos sócios de Justin Worms, Vitantonio D'Abril, retirou-se da sociedade de forma amigável. Em junho de 1948 foi a vez de outro sócio se afastar, Roland Abraham Worms (seu filho), ficando a Joalheria Worms sob a responsabilidade exclusiva de Justin.[878]

Depois de ter saído da sociedade da Casa Michel, Armand Worms continuou trabalhando no ramo de joias na Casa St. Honoré (Anexo I, fig. 266), localizada à Rua Barão de Itapetininga, onde trabalhou como comprador, viajando ao exterior para adquirir as mercadorias. Seu filho, Raymond Worms, abriu uma loja, a Printal Ltda (Anexo I, fig. 267), em maio de 1941, localizada na mesma Rua Barão de Itapetininga, onde viriam a se estabelecer várias joalherias nesse período, no então centro chique de São Paulo, que havia atravessado o Viaduto do Chá[879] – que ligava o Triângulo ao outro lado do Vale do Anhangabaú; nesse período a Rua São Bento estava em declínio. Na inauguração, a originalidade e amplitude das instalações do novo empreendimento foram exaltadas nos jornais, que apontavam a grande variedade de artigos especializados e a inovação com produtos inéditos nacionais, o que valorizava o parque industrial da cidade. A princípio a

[876] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (16/03/1935), pp. 1. *Ibidem*. (15/03/193v5), pp. 3. *Ibidem*. (24/03/1935), pp. 11.
[877] *Ibidem*. (27/03/1935), pp. 6.
[878] *Ibidem*. (08/01/1947), pp. 12. *Ibidem*. (24/06/1948), pp. 13.
[879] O Viaduto do Chá, projetado por Jules Victor André Martin (França, 1832/1906), foi inaugurado em 1892. Sua estrutura era toda com armação metálica, substituída posteriormente por vigas de concreto. Projetou as Galerias de Cristal no Triângulo e publicou o mapa da capital da Província de São Paulo (1877), juntamente com Francisco de Albuquerque. Elaborou a *Revista Industrial do estado de São Paulo*, para a Exposição de 1900, contendo 141 ilustrações e fotografias, além de folhinhas. PAIVA, Orlando Marques de (editor) – *O Museu Paulista da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Banco Safra, 1984, pp. 174.

casa comercializava artigos para presentes, louças, cristais, prataria e objetos diversos, importados e nacionais. Teve como sócio seu cunhado Pierre Fried, casado com sua irmã Madeleine. Posteriormente passou a vender joias, relógios, canetas, entre outros artigos de luxo, quando, em 1948, se associou ao seu primo Léon Worms, que anteriormente havia sido proprietário de uma loja de joias e presentes, a Casa Novelys (Anexo I, fig. 268), depois de haver saído da sociedade com Alphonse Worms na Casa Michel.[880]

Em 1935, a Casa Michel apresentou uma novidade para o uso pessoal de suas clientes, a *Minaudière*,[881] um toucador em miniatura, uma espécie de joia de mão em forma de minicarteira para usar em festas de gala, *cocktail parties* e *soirée* no teatro. Utilizada pelas mulheres na Europa, a *minaudière* foi criada por Charles Arpels, da Maison Van Cleef & Arpels, nos anos 1920 (fig. 159), ao observar, indignado, que sua amiga Florence Jay Gould colocava o batom, a caixa de pó de arroz, cigarros e isqueiro em uma cigarreira de ferro da *Lucky Strike*. Inspirado no *japanese inro*,[882] concebeu então um luxuoso estojo com múltiplos compartimentos para uma mulher elegante transportar seus artigos – maquiagem, pente, espelho, cartão de dança, cigarreira, tendo até um relógio em miniatura. As maletas de maquiagem eram na maior parte retangulares, oblongas ou ovais, e pendiam de um cordão de seda. Esta peça tornou-se emblemática na *Maison* e recebeu o nome de *Minaudière*® em homenagem à esposa de Alfred Van Cleef, Estelle, por seus charmosos maneirismos (*minauderies*, em francês) que chamavam a atenção de seus amigos. A *minaudière* substituiu a bolsa de noite, a *pochette* e a bolsa de dia. Cigarro, batom e estojos de cartão foram decorados com a mesma mistura de materiais, como as maletas de maquiagem. Van Cleef & Arpels e Cartier, entre outros, produziram vários acessórios requintados para a mulher desse período, influenciados pela arte chinesa, japonesa, persa e medieval, esses *objects d'art* combinavam gemas, marcassita, esmalte e laca.[883]

---

[880] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (28/05/1941), pp. 9. Declaração de Marie Anne Worms e Denise Kahn.
[881] *Ibidem*. (14/07/1935), pp. 1.
[882] *Japanese inro* – ver glossário.
[883] Van Cleef and Arpels – Disponível em: http://www.vancleefarpels.com/br/pt/la-maison/spirit-of-creation/innovation/the-minaudiere-precious-case.html?55click=Highlight. Acesso em: 17/01/2016. DUCAN, Alastair – *Art Deco*. London: Thames and Hudson, 1988, pp. 168.



Figura 159. **Estojo *Volutes Minaudière*®** – 1935, em laca preta brilhante com fecho de diamantes. [Coleção Van Cleef & Arpels – Disponível em: http://www.vancleefarpels.com/br/pt/la-maison/spirit-of-creation/innovation/the-minaudiere-precious-case.html?55click=Highlight. Acesso em: 17/01/2016].

Os membros da Câmara de Comércio Francês, proprietários de joalherias e outras casas comerciais, como Casa Michel, Casa Francesa L. Grumbach Ltda, Joalheria Bento Loeb, Casa Netter, Levy, Kahn & Cia, De Menou Etienne e Edmond Metzger, participavam de atividades ligadas ao comércio, tanto no Brasil como no exterior, e cultivavam relações de amizade mais aprofundada. Leon Worms integrou o Conselho da Câmara, juntamente com outros conselheiros, Roger Gaillard, Lucien Kahn e Jacques Pilon, representando-a na Exposição Universal de Paris em 1937, que teve Alphonse Worms como delegado permanente.[884]

Parece que havia laços estreitos entre os membros dessa Câmara. Eles participavam de atividades sociais, beneméritas, econômicas, entre outras, se apoiando e procurando o bem dessa comunidade francesa que havia escolhido o Brasil para morar. Em reunião ocorrida no mês de agosto de 1938, na Câmara, Alphonse Worms fez uma apresentação sobre as trocas franco-brasileiras, resumindo as entrevistas que teve em Paris com várias personalidades brasileiras e francesas. Suas conclusões foram otimistas quanto aos assuntos

[884] BULLETIN *Mensuel – Chambre de la Commerce Française* em São Paulo. (Edição jan./1938, Nº 91), pp. 945.

entre os dois países amigos, que se desenvolviam em ambas as direções, e acreditava que nenhuma dificuldade séria poderia paralisar as boas disposições na França e no Brasil.

Um local favorito dos membros da Câmara do Comércio Francês era o Restaurante Freddy, que em 2 de fevereiro de 1939 serviu de palco para a confraternização com almoço, oferecido por Alphonse Worms e membros do comitê, em que presidiu o então cônsul geral da França no Brasil, Emmanuel Neuville. O vice-cônsul, Marius Martin, e vários membros da Câmara participaram desta reunião amistosa durante a qual o presidente da Câmara, Henry Albaux, teve a oportunidade de renovar ao senhor Alphonse Worms o quanto todos lhe agradeciam pela preciosa assistência que ele trazia para a Câmara de Comércio Francesa de São Paulo.[885]

Alphonse Worms esteve sempre ativo, cuidando de assuntos relacionados à questão do intercâmbio entre Brasil e França, como o caso da Feira de Amostras do Rio de Janeiro de 1939. Nesta, o Conselho da Câmara propôs reunir em um ou mais estandes coletivos todos os produtos franceses importados para o Brasil, além de cuidar da decoração e organização geral do Pavilhão Francês. Por sua vez, Alphonse Worms, como delegado permanente da Casa em Paris, ficou encarregado de visitar os industriais e exportadores franceses que trabalhavam com o Brasil, a fim de pedir o máximo de assistência possível, especialmente enviando coleções, catálogos, folhetos e pôsteres para a divulgação.[886]

Na década de 1940, Alphonse tinha como sócios os três filhos, Jean e Georges, que trabalharam com ele, e Colette, que morava na França. Em junho de 1947, Colette Worms se casou com Jacques Bernard Herzog, filho do casal Roberto Herzog, em Paris. Paul Coste-Floret, Ministro da Guerra, paraninfou o ato por parte do noivo, e o Dr. Sousa Dantas, embaixador do Brasil junto ao Governo Francês, por parte da noiva.[887] Alphonse Worms e seus filhos possuíam influentes relações na França.

[885] BULLETIN *Mensuel – Chambre de la Commerce Française* em São Paulo. (Edição ago./1938, Nº 98), pp. 1259. IDEM, *Ibidem*. (Edição mar./1939, Nº 105), pp. 1510.
[886] Trecho da ata da reunião do Conselho de 9 de maio de 1939. *In* BULLETIN *Mensuel – Chambre de la Commerce Française* em São Paulo. (Edição Maio de 1939. Nº107), pp. 1555.
[887] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (14/06/1947), pp. 6

A Casa Michel costumava anunciar no *Bulletin Mensuel Chambre de la Commerce Française* em São Paulo, em francês, assim como as outras joalherias e casas comerciais cujos proprietários eram franceses ou descendentes. (Anexo I, fig. 269)

160 

161 

Figura 160. **Casa Michel, década de 1940**. [Acervo Marie Anne Worms]

Figura 161. (1) **Fachada da Casa Michel**. Fotos tiradas em 24/12/1942. [Acervo Marie Anne Worms]. (2, 3 e 4) **Interior da Casa Michel. Atendimento de seus fregueses** na Rua 15 de Novembro. [Acervo Marie Anne Worms]



Figura 162**. Família Worms.** Foto tirada no Aeroporto de Congonhas provavelmente em 1947, quando Alphonse e esposa chegaram da França. Os casais da esquerda para a direita são: Georges Albert Worms e Annie Brisac Worms, Irène Cremieux Worms e Alphonse Worms, Jean Alexandre Worms e Fanny Koucher Worms. [Acervo Marie Anne Worms]

No final do ano de 1942, apesar da dificuldade de importar mercadorias devido à situação internacional, a casa procurou manter os preços acessíveis em seus produtos: joias finas; relógios suíços; cristais de Baccarat, Lalique, Bohemia; estatuetas; artigos de bronze e mármore; porcelanas inglesas, portuguesas e francesas; prataria francesa e portuguesa;

bolsas, malas, carteiras e bilheteiras de crocodilo legítimo; entre outros itens. Conseguiu manter o movimento de vendas desse final de ano, e sua clientela fiel não deixou de adquirir seus presentes. (fig. 161) A Casa de Comissão e Exportação, fundada em 1906, de propriedade de Alphonse Worms, localizava-se na Rue Pelouze n.º 14, Paris. (Anexo I, fig. 270)

Em agosto de 1950, a Casa Michel começou uma grande liquidação para entrega do prédio na Rua 15 de Novembro, e no mês de novembro já havia sido transferida para a Rua 24 de Maio, esquina com a Rua Dom José de Barros.[888] (fig. 163-164)

163 

164 

Figura 163. **Casa Michel** – **Rua 24 de Maio** – Em uma construção mais moderna na esquina com a Rua Dom José de Barros. Jean e Georges Worms chegaram a trabalhar nessa loja. [Coleção Marie Anne Worms].

Figura 164. **Interior da loja –** Em um ambiente mais *clean*, os artigos para presentes, objetos de arte e joias estavam expostos em vitrines de metal e vidro, dando uma sensação mais moderna e de leveza ao ambiente. [Coleção Marie Anne Worms].

Uma das últimas participações em eventos beneficentes da Casa Michel, antes do falecimento de Alphonse Worms, foi o apoio dado a um grupo de senhoras de São Paulo, pertencentes ao Centro Feminino do Instituto Arnaldo Vieira de Carvalho, que estavam começando uma campanha para recebimento de donativos destinados à organização de um festival em benefício dos cancerosos pobres tratados por aquela instituição. Foram abertos livros que ficavam expostos na Casa Michel, no Instituto Arnaldo Vieira de Carvalho e no escritório do jornal *O Estado de São Paulo*. Nesses livros, os doadores colocavam seu nome e endereço, entregando à campanha a quantia proporcional ao número da casa onde

[888] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (13/08/1950), pp. 1.

moravam, e recebiam uma medalhinha. No dia do festival, que ocorreu no salão do Hotel Claridge, foi sorteada uma riquíssima joia da Casa Michel.[889]

Em 17 de agosto de 1958, Alphonse Worms veio a falecer em Paris, deixando a esposa Irene Worms, filhos, noras, genro e sete netos menores. Seus filhos Jean e Georges, nessa época, eram também sócios das firmas Amortex S.A. e Unimex S.A., respectivamente. E a filha Colette Worms Herzog, sócia da Casa Michel, residia em Paris.[890]



Figura 165. **Antigo prédio da Casa Michel – Na Rua 15 de Novembro,** esquina com a Rua da Quitanda. Este ainda conserva algumas características originais; hoje funciona nele o Serviço Central de Protesto de Títulos. O lado direito do edifício foi desmembrado e reformado, perdendo as características originais; se tornou o 3º Cartório de Notas. [Foto: Sonia Skoda, 26/11/2015]

Uma saga de joalheiros estava terminando. Após o falecimento de Alphonse, seus filhos Jean e George, não estavam mais motivados a continuar com a Casa Michel, pois tinham outras atividades. Em dezembro de 1959, a Casa Michel anunciou sua última liquidação, uma vez que estaria se transferindo para um escritório no 9º andar S/93 do mesmo prédio (Anexo I, fig. 271), onde continuaria a atender provisoriamente seus clientes e

[889] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (12/08/1958), pp. 13.
[890] Ibidem. (19/08/1958), pp. 13.

fornecedores até a liquidação total do estoque, encerrando suas atividades comerciais – fato que ocorreu em fevereiro de 1960.[891] Atualmente, o antigo prédio da Casa Michel, na Rua 15 de Novembro, (fig. 165) ainda conserva alguns traços arquitetônicos originais. O edifício que ficava à sua direita foi desmembrado, perdendo totalmente as características iniciais. Em 2015, no local da joalheria funcionava o Serviço Central de Protesto de Títulos.

A Casa Michel se tornou um importante estabelecimento de joias. Principalmente depois de ter construido o edifício que se destacava na principal rua de São Paulo. Vários paulistas que acompanharam sua ascensão, pertenciam a uma parte da elite paulista. Os Irmãos Worms, seguindo a tradição de seus antepassados, procuraram se aperfeiçoar em tudo que estava relacionado a arte da joalheria. A geração que veio após Alphonse Worms, por estar envolvida em outras atividades, não conseguiu manter essa saga, ficando na memória a lembrança da Casa Michel, que vivenciou uma época áurea, de embelezamento e progresso da cidade de São Paulo.

[891] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (10/12/1959), pp. 5. *Ibidem*. (06/02/1960), pp. 20.

CAPÍTULO V: PRODUTOS DE LUXO DA CASA MICHEL

O aparecimento do industrialismo originou um novo estilo de vida, gerando transformações econômicas, políticas, culturais e sociais. No plano econômico, racionalizou-se a produção com o uso de maquinários que produziam em série vários tipos de objetos, expandindo o mercado, o capitalismo e principalmente o crescimento das cidades. No campo cultural e artístico, as referências clássicas se depararam com o conflito entre a arte e a indústria, bem como com o surgimento de novos materiais. Os indivíduos passaram a cultuar o objeto e seu *design*, manipulando-o como símbolo de poder.[892] A partir de então, vários movimentos apareceram – Artes e Ofícios, *Art Nouveau*, *Art Déco* e Modernismo – com interação entre o passado e a nova era industrial, algumas vezes reagindo à Idade da Máquina e outras vezes rejubilando-se com ela.[893]

Os novos hábitos trouxeram inovações quanto ao uso da indumentária, à maneira de falar e ao sentir na vida pública e privada. O vestuário e seus acessórios passaram a fazer parte do sistema semiótico, impregnados de informações que revelavam o significado público do homem privado. A vida pública cotidiana se tornava mais politizada, enquanto a vida privada se voltava para o convívio e dedicação familiar.[894] Mas, tanto na vida pública quanto na vida privada o produto de luxo estava presente, munido de todos os seus significados. Como pudemos ver no capítulo I quando se tratou dos palacetes e suas funções ou ainda no capítulo II ao relacionar os itens das tipologias de objetos descritos em *corbeilles* de casamento.

---

[892] MOUTINHO, Stella Rodrigo Octavio; [*et. al.*] – *Dicionário das artes decorativas e decoração de interiores*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Tele Centro Sul Projetos Culturais, 1999, pp. 8. SOUZA, Gilda de Melo e – *O espírito das roupas: a moda no século dezenove.* São Paulo, Companhia das Letras, 2009, pp. 9-10 e 22. BAYEUX, Glória – *O móvel da casa brasileira.* São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 1997, pp. 60.
[893] O'NEILL, Amanda – *Introdução às artes decorativas: 1890 até nossos dias*. Portugal: Estampa. 1990, pp. 8.
[894] PERROT, Michelle – Outrora, em outro lugar. *In* PERROT, Michelle [org.] – *História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra.* Tradução Denise Bottmann, Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 14 e 16. HUNT, Lynn – Revolução francesa e vida privada. *In* PERROT, Michelle [org.] – *História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra.* Tradução Denise Bottmann, Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 18 e 21.

5.1. As secções de produtos comercializados na Casa Michel e os seus catálogos

Um recurso utilizado pelos joalheiros brasileiros e europeus para divulgação de seus produtos foram os catálogos. No caso de um catálogo com desenhos das joias, podemos considerá-lo como uma exposição, pois estão sendo expostos os substitutos dos objetos autênticos. A Casa Michel se utilizou dessa ferramenta desde 1906, quando anunciou aos seus clientes, através dos jornais, já se encontrar disponível para aquisição o *Catálogo Ilustrado N.º 1*.[895] Este seria remetido gratuitamente e livre de porte para quem o pedisse. Os catálogos tinham como finalidade apresentar os objetos e acessórios comercializados na loja aos clientes, principalmente aos de outras localidades. Era uma exposição de fotos e desenhos de joias, relógios, metais finos, porcelanas, cristais e numerosos outros artigos procedentes da Europa.

Dois catálogos da Casa Michel serão analisados neste subcapítulo. O primeiro, *Catálogo Geral da Casa Michel*, pertencente ao Prof. Dr. Gonçalo de Vasconcelos e Sousa,[896] e o segundo, *Catálogo da Comemoração aos 50 anos da Casa Michel, 1887-1937*, pertencente à Marie Anne Worms, neta de Alphonse Worms, que também possui um exemplar do primeiro. Estes dois catálogos encontram-se no Volume II – Anexo III – Catálogos, desta tese.

Conforme consta nas páginas iniciais do *Catálogo Geral da Casa Michel* (fig. 166), este foi o primeiro após a inauguração do novo estabelecimento, o que reforça a existência de catálogos anteriores. O mais bem elaborado até então foi lançado no dia da reinauguração da casa, em 1913, e assinado pelos sócios Worms Irmãos, que nessa época possuíam casa de compras em Paris, na Rue Lafayete. Por ser raro, esse catálogo constitui um elemento de grande importância para o estudo das tipologias de joias, que eram usadas no período em questão. Ao publicá-lo, a casa avisava a seus fregueses que todos os anteriormente

[895] JORNAL *Correio Paulistano*. (16/12/1906), pp. 8.
[896] Prof. Dr. em História da Arte, Catedrático da Escola das Artes de Universidade Católica Portuguesa, Coordenador do Doutoramento em Estudos do Patrimônio.

publicados ficariam sem efeito. Este catálogo foi divulgado por toda a América do Sul e enviado gratuitamente aos clientes, negociantes e revendedores.



1 2

Figura 166. **Capa do *Catálogo Geral da Casa Michel*.** (32×24 cm). Capa do *Catálogo Geral da Casa Michel* de 1913. **(2) Folha interna do *Catálogo Geral da Casa Michel*.** Folha interna do catálogo, com modelos de broches, n.º 11. [Coleção Prof. Dr. Gonçalo de Vasconcelos e Sousa e Coleção Marie Anne Worms]

O documento fornecia o endereço da loja, Rua 15 de Novembro, 25 e 27, esquina com a Rua Quitanda, 2 – Caixa Postal 448. Assinalava ser um grande estabelecimento de joias, considerado o maior e mais importante da América do Sul. Também informava que trabalhava com joalheria fina – joias de ouro e prata, diamantes, rubis, safiras, esmeraldas, pérolas –, relógios de várias marcas conceituadas, óculos, *pince-nez* e binóculos. A casa era especialistas em objetos para presentes – pratarias, metais, cristais, mármores, bronzes, ônix e porcelanas. Este catálogo, com suas 93 páginas, exibia alguns dos produtos que eram vendidos nas várias secções da Casa Michel, provavelmente faziam parte dos itens de maior interesse de seus clientes.

Na elaboração interna das páginas do documento, as peças em sua maioria estavam relacionadas conforme sua tipologia – ou seja, os vários tipos de anéis em uma página, os

vários modelos de relógio em outra, e assim por diante –, o que facilitava a localização para o cliente do que escolher. A maior parte dos produtos listados no catálogo foram apresentados na forma de desenhos, havendo algumas poucas fotos. Para facilitar a aquisição das peças, cada item foi identificado com um número e sua especificação, com a descrição do material e seu preço, que variava conforme os materiais utilizados.

No catálogo enfatizava ser o prédio de sua propriedade e possuir casa em Paris, na Rue Lafayete, n.º 10. Praticamente todas as mercadorias eram importadas das grandes fábricas europeias, estas chegavam no porto de Santos pelos vapores, sendo que os jornais divulgavam uma relação especificando o conteúdo das caixas que haviam sido desembarcadas e a que indivíduo ou empresa se destinava.

O cliente, para fazer o pedido, tinha de assinalar com clareza os objetos escolhidos, com seus números e preços. O produto escolhido poderia estar em falta, então o cliente escolheria um artigo semelhante e de mesmo valor, que nesse caso seria remetido de forma condicional, ou seja, seria possível devolvê-lo às custas da Casa Michel, caso o objeto não agradasse, assim lhe seria restituída a importância. Quanto ao transporte, a casa relatava que o acondicionamento e a remessa de toda encomenda de valor superior a Rs. 10$000 eram gratuitos se fosse possível remeter pela estrada de ferro ou pelo correio, com exceção dos relógios de parede, despertadores, objetos de Royal Metal e outros que exigissem um acondicionamento especial e volumoso.

Todo objeto que não fosse do agrado do comprador seria trocado por outro de mesmo ou maior valor, como também a casa aceitaria a devolução de qualquer artigo remetido cuja qualidade não correspondesse às indicações descritas. Os pedidos deveriam ser acompanhados da quantia correspondente, em carta registrada, vales postais, cheques ou ordens de pagamento para a loja de São Paulo. A casa fazia vendas por atacado, e aos negociantes e revendedores que desejassem comprar dessa forma facilitava com condições especiais, como era costume nesses casos. Relatava que, tendo o catálogo sido confeccionado antes da alteração da taxa cambial, os preços haviam sido calculados ao câmbio de $600 réis o franco ou Rs.15$000 a libra esterlina. Caso houvesse alteração do

câmbio, os preços marcados ficariam sujeitos a uma diferença, que seria indicada na ocasião do pedido ou da compra.[897]

O segundo *Catálogo da Comemoração aos 50 anos da Casa Michel, 1887-1937*[898] (fig. 167) estava assinado pela firma Worms & Comp. Ltda., já que a sociedade era, então, entre Alphonse Worms e seu sobrinho Léon Worms. Nessa data possuíam a filial de Santos e continuavam com a casa de compras em Paris. Os pedidos podiam ser feitos em ambas as lojas, de São Paulo e de Santos.[899] Esse catálogo fazia memória ao ano da fundação da casa em Poços de Caldas, quando Isaac Isidore Michel, então o único proprietário, inaugurou a joalheria.



Figura 167**. (1) Capa do *Catálogo da Comemoração aos 50 anos da Casa Michel, 1887-1937*.** (20,8×18,2 cm). **(2) Quarta capa do *Catálogo da Comemoração aos 50 anos da Casa Michel, 1887-1937*.** (20,8×18,2 cm). [Catálogo da Comemoração de 1937 – Acervo Marie Anne].

Com uma defasagem de 24 anos em relação ao *Catálogo Geral da Casa Michel* e possuindo apenas 30 páginas, o comemorativo é menos detalhado, dando apenas uma ideia das peças que compunham o grande sortimento da casa. Segundo seus proprietários, isso ocorreu devido a algumas dificuldades que surgiram para discriminar todas as mercadorias de seu vasto estoque e pela instabilidade do câmbio, que acarretava certas flutuações nos

[897] CATÁLOGO *Geral da Casa Michel*, pp. 2.
[898] 1887 – É o ano da fundação da Casa Michel, apesar de Alphonse não fazer parte da sociedade nesta data.
[899] Sabe-se que a filial de Santos foi inaugurada no dia 17 de setembro de 1931, em um prédio instalado na Rua General Câmara n.º 1, esquina com a Rua Frei Gaspar. Trabalhavam com os mesmos produtos da matriz. JORNAL *O Estado de São Paulo*. (18/09/1931), pp. 4.

preços dos artigos importados, impossibilitando fixar o preço de vários artigos. Assim, eles apresentavam algumas sugestões de presentes, para facilitar a escolha, mas nem todas as peças possuíam preços ou eram numeradas. Diferentemente do anterior, que era fartamente ilustrado, o *Catálogo da Comemoração aos 50 anos da Casa Michel* continha uma quantidade reduzida de imagens de cada tipologia. Salientava que todas as joias haviam sido confeccionadas em sua oficina especializada, onde as peças antigas também poderiam ser reformadas e modernizadas (Anexo I, fig. 272-273), fato que provavelmente acontecia com alguma frequência, principalmente quando se recebia de herança alguma peça mais antiga e se desejava modernizar.

5.1.1. Secções de joias e relógios

TABELA XXX – Secções das joias e relógios, catálogo geral de 1913

SECÇÃO	PRODUTOS
Joias de ouro – 18 k com e sem pedras finas	Alfinetes de gravata; alfinetes de segurança; alianças; anéis; anéis de formatura para bacharéis; argolas africanas; barretes; berloques; bixas; botões para punhos, peito e colarinho; brincos; broches; broches com colar; broches *pendentifs*; *chatelaines*; colares; colar com *pendentifs*; corações; cordões; correntes; correntinhas com relógio para senhora; cruzes; figas; medalhas para correntes; medalhas com santos; medalhas para retratos; medalhas diversas; *pendentifs*; pulseiras; pulseiras com medalhas; pulseiras com relógios; pulseira dezena com medalhas; pulseira dezena com medalhas para crianças.
Objetos considerados joias – de ouro 18 k	Bengalas; canetas; castões; cigarreiras; dedais; guarda-chuvas para homens; guarda-chuvas para senhoras; lapiseiras; moedeiras; rosários; termômetros para médicos.
Joias de prata e plaqué fino	Alfinetes de gravata; anéis; argolas africanas; barretes; berloques; bixas; botões para punhos; brincos; broches; broches *pendentifs*; *chatelaines*; colares; colares *pendentifs* fantasia; colares pérolas imitação; cordões; correntes; correntes para chaves; correntinhas com relógio para senhoras; cruz; medalhas para correntes; medalhas com santos; medalhas diversas; *pendentifs*; pulseiras; pulseiras com relógios; *trousses*.
Relógios de ouro 18 k diversas marcas	Cronometro Nardin; relógios de bolso Ideal; relógios Juvenia; relógios de pulso.
Relógios de prata e metal diversas marcas	Ideal; Juvenia; Nardin; F. E. Roskopf Patent; relógios de bolso e com pulseira.
Relógios diversos (que se encontravam no setor de presentes)	Relógios de parede e de cima de mesa; despertadores; relógios elétricos.

Há uma sequência nos itens apresentados no *Catálogo Geral da Casa Michel de 1913*, primeiramente são as joias, como colares com *pendentifs*, colares de pérolas (Anexo III, N. 5); pulseiras, barretes, broches (Anexo III, N. 6); pulseiras tipo bracelete (Anexo III, N. 7); pulseiras com medalhas (Anexo III, N. 8); pulseiras com medalhas de santos e berloques (Anexo III, N. 9); colar *pendentifs* e broches (Anexo III, N. 10); brincos no modelo bichas (Anexo III, N. 12); brincos de ouro e pérolas (Anexo III, N. 13); argolas africanas (Anexo III, N. 13); anéis com diamantes lapidação brilhante (Anexo III, N. 14); anéis para profissionais; anéis para homens, senhoras, jovens e crianças (Anexo III, N. 15); botões para punhos, para colarinhos, para peito e prendedor de gravata (Anexo III, N. 16); alfinetes para gravata, medalhas e bengala de madeira do Pará (Anexo III, N. 17); medalhas; medalhas de santos e cruz; berloques; *chatelaines*; passador para cordão; correntes e cordões para relógio; castão; rosário; cigarreira; alfinetes de segurança; e bolsinha porta moedas. Todos eles em ouro 18 k, diamantes e outras gemas.

Na sequência se apresentam os mesmos modelos com outros materiais, como prata, prata dourada, prata oxidada, folheado a ouro, chapeado a ouro, plaqué, pedras fantasia, pedras de imitação. Sendo estes com valores inferiores aos anteriores. Estes são conhecidos nos dias atuais como semi-joias, pelo fato de possuírem alguns materiais menos nobres em sua composição, o que não quer dizer que perderam o seu valor.

Na quarta capa são apresentadas algumas peças da secção especial de joalheria fina com valores bem superiores às do catálogo. Estes por serem de maior valor não são muito divulgados no catálogo, sendo estas peças destinadas a um outro tipo de cliente, e preferencialmente vendido pessoalmente para ele. Mais detalhes das joias serão analisados no subcapítulo 5.2.

Na "secção de relógios e cronômetros", havia muitas opções para senhoras e homens, de várias marcas, modelos e preços. Eram cordão de ouro para relógio de bolso (Anexo III, N. 20, 21 e 22); correntes de ouro para relógios de bolso (Anexo III, N. 23); os relógios de bolso e cronômetros, de várias marcas, materiais e modelos – de bolso, cronômetro, tipo civil para homem, tipo civil para senhora (Anexo III, N. 24-31), com acabamento liso e

lavrado cinzelado. As pulseiras de relógios de pulso podiam ser de couro ou metal chapeado, e as correntes para relógios de bolso com medalhas eram de ouro, plaqué[900] ou prata.

O destaque da secção de relógios eram os cronômetros de marinha e de bolso de alta precisão, da marca Ullisse Nardin, fornecedores oficiais de observatórios, marinhas e institutos científicos dos principais países do mundo e do Brasil. Receberam 316 prêmios de observatórios, quatro Grandes Prêmios e 11 Medalhas de Ouro.[901]

A Casa Michel foi depositário e representante de algumas marcas, como exemplo a Ideal, da antiga fábrica Girard Perregaux & Cia, fundada em 1791, em Chaux de Fonds, Suíça. A casa trazia seu nome impresso no mostrador do relógio-cronômetro, como se pode ver no cronômetro de bolso pertencente a Léon Worms, que trazia suas iniciais impressas na tampa (fig. 168). Outras marcas podiam ser encontradas na loja, com preços que variavam conforme o material empregado, o formato, o mecanismo ou o grau de detalhamento que cada peça possuía. Alguns exemplos das marcas são Juvenia, F. E. Roskopf-Patent, Postala-Patent, Osmond, Vacheron & Constantin, Nardin e Paulista.



Figura 168. **Relógio de bolso de ouro que pertenceu a Leon Worms**. (1) Mostrador com a inscrição "Casa Michel" comprovando a exclusividade. (B) Tampa do relógio de bolso com as iniciais de Leon Worms (LW) gravadas. [Coleção Denise Worms Kahn].

[900] Plaqué – ver glossário.
[901] CATÁLOGO *Geral da Casa Michel*, pp. 24. [Anexo III, N. 24]

Quanto aos materiais, podiam ser em ouro 18 k, prata de lei, prata oxidada, prata branca, níquel, aço, metal chapeado em ouro, metal oxidado e madrepérola. Alguns relógios chegaram a ter até três tampas, podiam ser lavradas, cinzeladas com incrustação dourada, com diversos desenhos ou diamantes incrustados. A duração da corda podia chegar a oito dias. Havia os cronômetros específicos para médico, esportes e corridas; uns com despertador, outros com repetição, tocando nas horas e nos quartos de hora. O relógio de bolso feminino normalmente era menor, mais delicado e com um acabamento mais refinado que o dos homens.[902]

As correntes desses relógios de bolso variavam tanto no modelo quanto no material empregado – ouro, platina, prata oxidada ou dourada –, com ou sem medalha, podendo ser no modelo porta-retrato, lisa, cinzelada, lavrada, chapeada, folheada ou plaqué. As *chatelaines* podiam ser de plaqué, seda preta, couro ou prata – branca ou oxidada –, destinada principalmente aos relógios femininos, com medalhas em plaqués ou iniciais cravejadas de pedras.[903]

A *Maison Cartier*, fundada em 1847, se tornou um dos maiores nomes no mercado de luxo, com um espírito inovador, foi a pioneira na relojoaria moderna. O fundador e mestre joalheiro Louis-François Cartier criou, em 1904, um relógio de pulso para seu amigo brasileiro, que vivia em Paris fazendo experiências com seu balão dirigível, "Santos Dumont n.º 8", com a pretensão de realizar a travessia entre Mônaco e a Ilha de Córsega.[904] Dumont precisava de um modelo de relógio que lhe possibilitasse ver as horas durante as manobras aéreas, quando suas mãos estivessem ocupadas.[905] Em 1911, esse relógio de pulso passou a ser comercializado, tornando-se então o mais usado, passando a ser o novo padrão estético nas primeiras décadas do século.[906]

---

[902] CATÁLOGO *Geral da Casa Michel,* pp. 24-31 [Anexo III, N. 24-31]. JORNAL *O Estado de São Paulo.* (23/12/1911), pp. 16. *Ibidem*. (27/11/1909), pp. 10. *Ibidem*. (18/11/1926), pp. 18.
[903] CATÁLOGO *Geral da Casa Michel,* pp. 32-34. [Anexo III, N. 32-34].
[904] JORNAL *O Commercio de São Paulo*. (31/01/1902), pp. 1.
[905] BRAGA, João – *Um século de moda*. São Paulo: D'livros Editora, 2013, pp. 20.
[906] GALLAS, Alfredo O. G.; GALLAS, Fernanda Disperati (2013) – *Art Déco: Europa, Estados Unidos, Brasil*. São Paulo: Ed. do Autor, pp. 36. SCHAPOCHNIK, Nelson – Cartões-postais, álbuns de família e ícones de intimidade. *In* SEVCENKO, Nicolau (org.) – *História da vida privada no Brasil 3: República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 493.

Os relógios de pulso podiam ser de ouro branco, ouro amarelo 18 k, platina, prata, níquel, plaqué, com detalhes em diamante e gemas. As pulseiras podiam ser em algum metal nobre, em couro ou seda; os modelos mais delicados eram destinados às senhoras. Seus preços eram compatíveis com o material empregado.[907]

No catálogo de 1937 podemos observar que a arte final das folhas tinha elementos *Art Déco*, mais geometrizados. Os cronômetros de bolso ainda estavam presentes, com correntes de couro, os relógios de pulso podiam ser folheados a ouro, metal cromado, aço inoxidável, metal cromado, níquel ou de ouro 18 k, com pulseira de couro, *cordonnet* ou de fita. A casa continuava como a marca Ideal, mas também com a Paulista e Osmond, Longines e Roskopf, todos relógios suíços. (Anexo III, P. 4, 6-8). Os relógios de pulso femininos, mais delicados, eram de metal cromado, de ouro 18 k ou folheados a ouro, com opções de pulseira de *cordonnet*, de fita, cromada ou de couro (Anexo III, P. 5).

5.1.2. Secção de ótica

A secção de ótica dispunha de um completo sortimento em tudo que concerne ao ramo de ótica, como óculos, *pince-nez*, binóculos, barômetros e termômetros. A Casa Michel importava todos esses artigos de fábricas mundialmente conhecidas, a *Société des Lunetiers*, de Paris; *Standart Optical Co*, de Nova York; a fábrica *Flammarion* e a *Zeiss*.

Nas primeiras décadas do século XX, o padrão estético entre os homens estava mudando, além do relógio de pulso, o *pince-nez* foi substituído pelos óculos de tartaruga. A Casa Michel estava se especializando em vidros específicos para cada problema de visão – vidros cilíndricos, esférico-cilíndricos, prismáticos, duplo-foco, lenticular, entre outros. Todas as lentes eram produzidas na sua oficina.[908]

Alguns dos artigos dessa secção eram os óculos, com ou sem aros (Anexo III, N. 89-90); *o pince-nez* (Anexo III, N. 90-91) com lente meia-lua, com ou sem aros, e para prendê-

[907] JORNAL *O Estado de São Paulo.* (18/11/1926), pp. 18. *Ibidem*. (12/07/1930), pp. 9.
[908] SCHAPOCHNIK, Nelson – Cartões-postais, álbuns de família e ícones de intimidade. *In* SEVCENKO, Nicolau (org.) – *História da vida privada no Brasil 3: República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 493. CATÁLOGO *Geral da Casa Michel,* pp. 89-91. [Anexo III, N. 89-91].

los atrás da orelha havia correntes simples e dupla, de 75 cm, de níquel, chapeado a ouro ou de ouro 18 k. As lunetas podiam ser no modelo Luiz XVI de ouro 18 k, e seu comprimento variava entre 10 e 15 cm, com cabo liso e com estojo, das marcas *Flammarion*. Os binóculos, da marca *Flammarion* e *Carl Zeiss,* eram de madrepérola, de couro e com várias gradações de aumento, com ou sem cabo –, eram utilizados nas temporadas líricas ou peças teatrais. As lentes de aumento e lentes de dobrar podiam ter seus aros redondos ou retangulares com cabo de madeira. A casa trabalhava também com barômetro holostérico com caixa dourada com diâmetro de 11 cm, além de termômetros para médico que podiam ser em ouro 18 k e para quarto de madeira, com 24 cm.[909] No catálogo de 1937, não aparece nenhuma referência aos objetos dessa secção.

5.1.3. Secções de artigos especiais para presente

O *Catálogo Geral da Casa Michel* incluía, na secção de artigos especiais para presente, objetos em prata de lei, que vão desde aparelhos de jantar, faqueiros, candelabros, canetas, lapiseiras, termômetros e canivetes até estojos para *toilette* e lavatório; produtos em Royal Metal; mármore de Carrara e Castellino; ônix; bronzes legítimos, "(...) verdadeiras obras de arte executadas e assinadas pelos mais célebres escultores, modelos jamais vistos no Brasil (...)".[910] No início do século XX, a Casa Michel conseguia importar com certa antecedência em relação às outras casas de joias, peças exclusivas, pelo fato de um dos irmãos residir na França e poder fazer as compras através da loja localizada em Paris.

A casa ainda comercializava cristais finos Gallé, Lalique, Goupy, Daum, Richard, Bohemia e Baccarat; porcelanas de Limoges, Copenhague, Karlsbad e Sèvres; marfins; artigos finos em couro; entre outros, todos com controle francês. A secção de artigos especiais para presentes da Casa Michel consistia em uma grande diversidade de produtos. Para atender o grande afluxo de clientes durante o período de festas de Natal e Ano-Novo, o estabelecimento procurava ficar aberto até 21 horas.[911]

---

[909] CATÁLOGO *Geral da Casa Michel,* pp. 91. [Anexo III, N. 91].
[910] JORNAL *O Estado de São Paulo,* 28/04/1920, pp. 1.
[911] *Ibidem.* (28/04/1920), pp. 1. *Ibidem*. (27/12/1920), pp. 6. *Ibidem*. (04/02/1922), pp. 4. *Ibidem*. (21/12/1945), pp. 6

TABELA XXXI – Secção artigos especiais para presente, catálogo geral de 1913

SECÇÃO	PRODUTOS
Prataria e artigos para presentes em prata de lei	Aparelhos de lavatório; aparelhos de jantar; argolas guardanapo; bengalas; bolsas; candelabros; canetas; canivetes; chocalhos; cigarreiras; copos; corta-papel; estojos para crianças; estojos para 6 xicaras; estojos para bolso; estojos para escritório e escrivaninha; estojos para *toilette* e lavatório; estojos para unhas e costura; faqueiros; guarda-chuvas; lapiseiras; serviços para chá e café; talheres; termômetros.
Artigos finos em couro, bronze e ônix	Carteiras; colunas; crucifixos; livros de missa; malas de mão; pastas; piteiras; estatuetas; quadros com santos.
Artigos em Royal Metal	Aparelhos para lavatório; aparelhos para café e chá; argolas para guardanapos; açucareiros; bandejas; biscoiteiras; *bombonieres*; bolsas; cafeteiras; caixas para pó de arroz; caixas para joias; castiçais; centros de mesa; cigarreiras; copos; cinzeiros; espelho *toilette*; estojos com talheres; estojos com escovas; faqueiros; fruteiras; garrafas; galheteiros; geladeiras; jardineiras; licoreiros; manteigueiras; paliteiros; porta-copos; porta-facas; porta-pão; porta-talheres; quadros com a Santa Ceia; quadros para fotografia; queijeiras; saladeiras; saleiros; serviço para água; serviço para fumantes; serviço para mesa; serviços para ponche; serviços para vinho e refrescos; serviços para sorvetes; talheres; tinteiros; vasos para flores.
Cristais finos e lapidados	Gallé, Lalique, Goupy, Daum, Richard, Bohemia e Baccarat.
Porcelanas	China, Haviland, Limoges, Copenhague, Karlsbad, Sèvres e Vista Alegre.
Outros	Marfins; mármore de Carrara e Castellino; metal Orivit; terracotas, entre outros
Perfumaria	Extratos finos; perfumes e água-de-colônia.

A diversidade de presentes que compunha as *corbeilles de mariage* podia ser muito bem observada nas joalherias, pois além da secção de joias e relógios de uso pessoal, havia a secção dos relógios de parede, de mesa e despertadores (Anexo III, N. 82-86), com variedades de modelos, formatos, marcas e acabamentos. Uns mais luxuosos, outros com menos detalhes, eram de procedência suíça, alemã, inglesa e americana. Exemplares

similares aos que se encontram no catálogo da Casa Michel podem ser encontrados no Museu do Relógio Prof. Dimas de Melo Pimenta, que possui peças de países da Europa, Estados Unidos e Brasil – a peça mais antiga do Museu foi fabricada na Alemanha, em 1620.

Na secção de pratarias havia estojos com aparelhos para lavatório compostos por 9 peças de prata de lei francesa, ricamente lavradas, num valor de Rs. 1:550$000 (Anexo III, N. 41), além de estojos para toalete de variavam em quantidade de peças e de preço (Anexo III, N. 42-44, e Anexo I, fig. 132-133). Havia maleta para viagem de couro contendo estojo completo de toalete em metal prateado, com uma pasta para escrever, além de maletas menores com menos peças cujos preços também eram inferiores (Anexo III, N. 54). Podemos observar um estojo de toalete para os cuidados com a unha, de origem francesa, revestido de cetim e veludo (no Anexo I, fig. 131), e externamente de couro. As peças que o compõe são de marfim, madeira e metal. Pertenceu a Carmencita Maio, seu avô a presenteou quando criança. Havia na Rua 15 de Novembro uma Joalheria pertencente a José de Maio. Não conseguimos identificar se Carmencita era parente de José.

Quanto aos estojos contendo jogo de talheres individuais, com argola para guardanapo e copo, variavam na quantidade de peças que os compunha. Havia também os estojos próprios para bebê com escova de cabelo, chocalho e caixa para talco (Anexo III, N. 45-46). O acervo de Ivani e Jorge Yunes possui uma coleção dessas argolas de guardanapo em prata de lei (Anexo I, fig. 128).

Os estojos para escritórios continham peças de prata de lei que variavam entre canetas, idem em formato de pena, lapiseiras e lápis, espátula para abrir cartas, sinete, tinteiros e mata-borrão, bem como canivetes. Estas peças podiam ser lisas, trabalhadas com trevos, âncoras, ferraduras, folhagens ou ramos com flores (Anexo III, N. 47-48). Canetas, lapiseiras, canivetes e termômetros, de ouro 18 k ou chapeados, lisos ou lavrados, eram vendidos avulsos ou em estojos (Anexo III, N. 49, e fig. 169-172 infra).

As canetas eram muito utilizadas como presentes e simbolizavam um momento de criatividade masculina. Foram utilizadas por relevantes personagens da política e da cultura nacional, como Prudente de Morais (1841-1902), presidente do estado de São Paulo (1889) e terceiro Presidente da República (1894). Ele possuía uma caneta no formato de pena de ouro com diamantes (fig. 169) que foi utilizada para assinar a Pacificação do Estado do Rio

Grande do Sul. Wenceslau Brás (1868-1966), formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, foi Presidente da República entre 1914 e 1918 e possuía uma caneta de ouro, brilhantes e esmeralda, em forma de pena, com a qual assinou o Ato de Guerra contra a Alemanha em 1917. Apesar de os objetos ligados à escrita feminina não terem tido o mesmo prestígio, as mulheres alfabetizadas da elite que tinham o hábito de escrever mantinham correspondências com parentes e amigos, noticiando viagens e acontecimentos familiares.[912]



Figura 169**. Estojo com caneta de ouro** no formato de pena animal, com aplique de ramo com flores cujos miolos são seis diamantes. Estojo revestido por couro cor-de-vinho. Medidas do estojo: 24,8 x 5cm. Fabricante: D. Leonardo & Co's. Origem: Birmingham/Inglaterra. Inscrições Worms Irmãos, Casa Michel. São Paulo, Rua 15 Novembro n.º 25-27. Paris, Rue Lafayette, 10. Pode-se concluir que este estojo é posterior a 1913, porque no endereço consta o número 27 (após a ampliação), e anterior a 1921, pois ainda não consta que os irmãos eram fornecedores dos reis dos belgas. [Pertenceu a Prudente de Moraes. Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo. Créditos fotográficos: Hélio Nobre/José Rosael].



Figura 170**. Estojo contendo caneta, abridor de cartas e lápis** com motivos florais, de prata de lei. Inscrição "Casa Michel dos Irmãos Worms & Cº. *Fournisseurs de L.L.M.M. e Roi et la Reine des Belges*. Rua 15 de Novembro, 25-27. São Paulo. Grande Prêmio na Exposição Internacional do Rio de Janeiro 1922". [Coleção particular]

[912] CARVALHO, Vânia Carneiro de – G*ênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material*: *São Paulo, 1870-1920.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 2008, pp. 48-52.



Figura 171**. Espátula para abrir cartas em marfim,** ponteira de prata com a inscrição de uma coroa imperial e o nome da Casa Michel Worms Irmãos & Cº na parte interna da tampa. Joalheiros *Fournisseurs de L.L.M.M. le Roi et la Reine des Belges*. Rua 15 de Novembro, 25-27, São Paulo. Grande prêmio na Exposição Internacional do Rio de Janeiro 1922. Apresenta ponteira de prata no estilo neoclássico, com 20 cm de comprimento. [Coleção particular]



Figura 172. **Estojo de escritório** – estojo de metal e tecido contendo três peças, uma caneta de prata com ornamentação em relevo e espaço para monograma, mas sem gravação com pena, metal amarelo tendo gravado o sol, com signo de constelação de leão ao centro, um sinete de prata (sem monograma) e um abridor de cartas com cabo de prata. No estojo há a inscrição "Prata Garantida – Casa Michel de Worms Irmãos – Rua 15 de novembro, 25 – São Paulo – Paris 75, Rue Lafayette". Pertenceu a Gregório da Cunha Vasconcellos, avô paterno da doadora. [Coleção Gregório da Cunha Vasconcellos. Acervo do Museu Paulista USP. Fotos: Hélio Nobre/José Rosael].

Indicados para os homens, havia os estojos completos com carteira de couro e guarnições de prata, cigarreira, acendedor automático, piteira, canivete e lapiseira, tudo em prata de lei num valor de Rs. 85$000. Essas peças poderiam compor estojos com número menor de itens ou ainda serem vendidas individualmente (Anexo III, N. 50). A cigarreira foi um objeto que muitos colecionadores se interessaram em possuir, como podemos ver no acervo de Ivani e Jorge Yunes a cigarreira de prata com aplique do final do século XIX (Anexo I, fig. 121), e a cigarreira do século XX de prata, esmalte e vermeil (Anexo I, fig. 122).

Para as senhoras, havia as bolsas de prata de lei, com fecho lavrado ou liso, em vários tamanhos; bolsa-saca; moedeiras; ou ainda bolsa de seda preta com guarnição de prata de lei (Anexo III, N. 51-52), como podemos observar, no Anexo I, figura 66, a bolsa e porta-moedas que pertenceu a Olívia Guedes Penteado.

Os castões de prata eram montados em bengalas de madeira e em guarda-chuvas tanto para homens quanto para senhoras, possuíam vários modelos, e muitos deles eram acondicionados em estojos próprios (Anexo III, N. 53). Proveniente de vários países, a coleção de bengalas da CIJY apresentava modelos fabricados em vários materiais e formatos que, segundo a equipe do acervo, esta precisava ser mais bem estudada (Anexo I, fig. 120).

Comercializado pela Casa Michel, o serviço completo para café e chá em prata de lei variava entre 650$000 réis e Rs. 1:350$000. Feitos em fina prata francesa, extra maciço e ricamente lavrado (Anexo III, N. 52), os artigos podiam ser vendidos separadamente, assim como outras peças em fino Royal Metal (Anexo III, N. 59-64). Nesse mesmo material, com peças de cristal, havia os centros de mesa com *designs* sofisticados (Anexo III, N. 65-68), presentes também na CIJY (Anexo I, fig. 113). Estes dois materiais estavam presentes nos jarros; vasos; conjuntos de licoreiros e copos; jardineiras; garrafas para vinho e água; serviço para vinho composto por jarra, cálices e bandeja; serviço para ponche; galheteiros; biscoiteiras; redoma para queijo; saladeiras com talher; porta-copos de metal com copos de cristal; serviço para água; entre outros (Anexo III, N. 69-75).

Faziam parte da secção de presentes finos colunas de mármore ou ônix verde com guarnições de bronze; estátuas de bronze, mármore e ônix que representavam o trabalho, a justiça, a ciência e a vitória; relógios de mesa em bronze dourado ou ônix verde; relógios pendentes em coluna de ônix verde, com uma águia em bronze dourado estilo *Art Nouveau* (Anexo III, N. 56); e artigos religiosos como quadros de ônix com imagens de santos, crucifixos de marfim, além de livros de missa com capa de couro e madrepérola com aplicações de prata (Anexo III, N. 56); item presente na CIJY (Anexo I, fig. 119).

Quanto aos faqueiros podiam ser de fabricação Imperial Metal, Royal Metal de fabricação francesa ou de metal branco alpaca, com variação no número de peças, acondicionados em estojos próprios (Anexo III, N. 57-58). Em Royal Metal havia artísticos tinteiros; porta-facas; serviço para sorvete ou salada de frutas; serviço para fumantes;

cinzeiro; porta-pão; porta-retratos; caixas para cigarros; açucareiros; embalagens para pó de arroz; artísticas caixas para joias e para luvas; porta-escovas; conjunto de pá e escova apanha migalhas; paliteiros; saleiros; espelhos para toalete; crucifixos; candelabros; castiçais; entre outros (Anexo III, N. 76-81).

No *Catálogo Geral da Casa Michel*, pelo fato de ainda não serem representantes de sua marca, não aparece peças de Lalique e seu variado sortimento, como lustres, lâmpadas, vasos, frascos para extratos e vaporizadores para perfumes. Esses produtos ficavam expostos nas vitrinas do primeiro andar da loja e eram anunciados em periódicos com suas ilustrações. Nesse andar também estavam expostos os bronzes alegóricos; malas e valises para viagem de couro fino, com estojos que podiam ser de metal, galalite, ébano, prata, esmalte, *ivoirine*, com preços que variavam conforme o tamanho, o material e a quantidade de peças que faziam parte do estojo. Outros fornecedores estavam em exposição nesse andar, como Gallé, Goupy, Daum, Richard, Bohemia e Baccarat (fig. 173). As porcelanas eram da China, Haviland, Limoges (fig. 174), Copenhague, Karlsbad, Sèvres e Vista Alegre.



Figura 173. **Peças de cristal Baccarat da Casa Michel**. [Acervo Marie Anne Worms]

Nas vitrinas da Rua da Quitanda ficavam expostas peças da secção de louças e cristais. Havia serviço completo para mesa, com peças de porcelana decorada em vários modelos e quantidades. O composto por 60 peças, por exemplo, custava Rs. 195$000 e contava com 24 pratos rasos, 12 pratos fundos, 12 pratos de sobremesa, 1 legumeira, 1 fruteira, 6 pratos ovais, 1 rabanateira, 1 saladeira, 1 sopeira e 1 molheira. Os preços de outros

modelos com 60 e 74 peças variavam entre 250$000 e 350$000. O serviço de chá e café com 32 e 34 peças ficava entre 125$000 e 155$000.[913]



Figure 174. **Porcelana Limoges da Casa Michel.** Aparelho de chá, café e jantar**.** [Acervo Marie Anne Worms]

Na secção de cristais para serviço de mesa havia taças para champanhe e vinho, copos para cerveja e água, cálices para licor, garrafas para vinho e jarras para água. Jogo de copos com 50 peças saía por Rs. 420$000. Os serviços completos de Baccarat, St. Louis, Bohemia, St. Lambert, em lapidações modernas, com 75 e 112 peças, variavam entre 480$000 e 2:500$000. No caso de ter que fazer a entrega do pedido, o frete e o encaixotamento ficavam por conta do comprador.[914]

Na secção de relógios de parede, de mesa e despertadores, havia uma grande variedade de modelos, formatos e fabricantes (Anexo III, N. 82-86). Os de parede normalmente tinham suas caixas em madeira de lei, seguindo o estilo vigente do período de fabricação. Havia os que tocavam hora e meia hora, bem como os que avisavam os quartos de hora com o som *Carillon Westminste*r. Os relógios de mesa e despertadores possuíam modelos tradicionais e figurativos de vários tamanhos, alguns deles com embalagens especiais para viagem. O Museu do Relógio Prof. Dimas de Melo Pimenta possui uma

[913] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (25/01/1929), pp. 2.
[914] *Ibidem*. (05/02/1929), pp. 6.

coleção desses itens, inclusive um relógio de parede com pêndulo importado pela Casa Michel, de provável fabricação inglesa (fig. 175), além de outros modelos como o relógio de mesa e despertador alemão com caixa de música e outros três relógios (Anexo I, fig. 145 ao 148). Os Irmãos Worms tinham a concessão dos relógios da marca *Electrico Brillié*, que funcionavam por meio de pilha com duração de 5 anos; eram indicados para hotéis, colégios, fábricas, torres de igrejas, entre outros locais (Anexo III, N. 87-88).



Figura 175. **Relógio de parede modelo Viena – Casa Michel**. Período 1910-1920. O relógio tem caixa em madeira de lei, fechamento em vidro, mecanismo âncora que bate hora e meia hora, dupla corda ou mola mestra em lâmina metálica, sendo a haste do pêndulo feita de madeira, com massa revestida de latão. O mostrador é em liga niquelada, e a escala horária é em algarismos romanos com ponteiros góticos. O modelo foi importado para o Brasil pela Casa Michel. Medidas da caixa: altura: 47,5 cm; largura: 30 cm; profundidade: 15,5 cm. [Acervo Museu do Relógio Prof. Dimas de Melo Pimenta. Foto: Sonia Skoda]

A Casa Michel criava e aplicava monogramas ou letras separadas nas peças que possuíam placas de prata para tal. Havia grande diversidade de tipos gráficos cujos preços variavam de acordo com o modelo (Anexo III, N. 92).

No catálogo da Casa Michel de 1887-1937, a secção de arte continuava em exposição no primeiro andar e contava com objetos de bronze, bronze artístico, cristais, mármores, porcelanas e fantasias em geral. Quanto aos cristais, o estabelecimento trabalhava com Baccarat, Bohemia, Verlys, D'Avesn, Sabino e Lalique; deste último havia um completo conjunto de vasos, jogo de pratos, travessas, saladeiras, jarros, caixas de pó e de bombom, com as últimas criações desse celebre artista francês. Todos os cristais comercializados pela casa acompanhavam a tendência vigente, podiam ter cores sortidas, opalina, azul, rosa, fumê,

amarelo-ouro, branco, podiam ser lapidados ou lisos e ter guarnições de metal cromado e espelho. (Anexo III, P. 10-11, 13-15)

Os relógios de mesa, parede e despertadores eram da afamada fábrica Junghans (Anexo III, P. 9-10). Não existe destaque para nenhum em especial, observa-se que o *design* dessas peças acompanha o estilo *Art Déco*. Um relógio nesse estilo, que pertence ao Museu do Relógio, encontra-se no Anexo I, figura 148. Os objetos destinados a escritório constavam de tinteiros, cinzeiros, pesos de papel, facas de bronze e pastas de couro, e o material podia ser bronze, bronze cromado, mármore, cristal e metal laqueado (Anexo III, P. 12). Havia estojo com carteira, porta-notas e moedeira de couro com guarnição de ouro; cigarreira de crocodilo com escudo de ouro; valise de couro com serviço de toalete de metal cromado; estojo com caneta tinteiro e lapiseira, com ou sem canivete; estojo com cigarreira e isqueiro Ronson; entre outros itens (Anexo III, P. 23 e 26).

Havia ainda lâmpadas; porta-retratos; suporte para livros; aquários; jogo de toalete; serviço para coquetel, para refresco, para vinho; fruteiras em diversos materiais como metal cromado, mármore, bronze, cristal. Nesse período a casa comercializava pequenas mesas que davam apoio a fumantes ou a bebidas. Os artigos para mesa em prata de lei eram criação da Puiforcat, reputada fabricante de Paris, sendo que, quando acompanhados por cristais, eram da marca Baccarat. Outros serviços para mesa em cristal podiam ser de outros fabricantes como Marquot e St. Lambert (Anexo III, P. 16-19). As porcelanas continuavam sendo de Limoges, de Havilland, considerada a mais fina e reputada porcelana francesa. A casa também trabalhava com porcelana inglesa e um sortimento completo em aparelhos de jantar, chá e café, com frisos e pinturas em padrões modernos (Anexo III, P. 20).

Na secção de bolsas finas havia as de crocodilo legítimo e couro fino, além da parte de perfumaria, com extratos como os de Jicky, Vol de Nuit e Sous le Vent de Guerlain, extrato Suma de Coty ou ainda estojo de Coty com loção, extrato, brilhantina, pó de arroz, batom e sabonete (Anexo III, P. 21). Quanto aos estojos para manicure, as peças eram de galalite; os estojos para costura e bordados eram de prata de lei e os serviços de escova eram de metal cromado (Anexo III, P. 24).

Nessa secção de perfumaria podiam ser encontrados também extratos finos de Worth – Sans Adieu, frascos grandes, médios e simples –, M. Guerlain, Mury, D'Orsay, Coty,

Caron, Lavin – extrato Mysis, frascos grandes, médios e pequenos –, Noubigant, bem como perfumes finos de Molyneux, A. Choquet, Patou, entre outros. Entre os perfumes, o Petales Froisses de Lavin (fig. 176) tinha seu preço variando entre Rs. 72$000 e 195$000, e o Arpège variava de Rs. 95$000 a 295$000. Além dos perfumes, havia caixas de metal com pó de arroz Coty cuja tampa era trabalhada com asas de borboleta e poderia trazer um nome, para personalizar a peça. Esses artigos ficavam em exposição nas vitrinas do primeiro andar, e o acesso era feito pela loja, através das escadas e do elevador.[915]



Figura 176**. Perfume Lavin – Petales Froisses**. O frasco era de porcelana de Sèvres. [Lavin perfumes. Disponíveis em: https://lanvinperfumes.blogspot.com/2013/05/petales-froisses-by-lanvin-c1928.html. Acesso em: 14/08/2017]

Na secção de presentes para crianças havia anjinhos para berço de bronze; chocalho de prata de lei com argola de galalite; medalhão para berço de galalite com imagem de santo de metal prateado; estojo com prato e talher; e estojo com pente e escova, todos de metal prateado. Nessa secção também estavam presentes peças de joalheria para crianças, como pulseiras e broches com chapinha para gravar o nome, medalhas santas e colares (correntes) – todas as peças eram de ouro 18k (Anexo III, P. 22). Para os presentes de primeira comunhão constavam quadro de ônix ou de galalite com imagem santa, apoiado em base de

[915] JORNAL *O Estado de São Paulo*. (09/01/1929), pp. 2. *Ibidem*. (11/01/1929), pp. 2. *Ibidem*. (17/01/1929), pp. 2. *Ibidem*. (22/01/1929), pp. 2. *Ibidem*. (12/03/1929), pp. 5. *Ibidem*. (19/03/1929), pp. 4. *Ibidem*. (01/05/1931), pp. 6.

metal cromado; livros de missa com capa de celuloide pintada; crucifixo de bronze; e estojo com livro de missa e terço de madrepérola (Anexo III, P. 25).

Na secção de metais havia centros de mesa; pratos para frios, bolo e bombons; serviços de coquetel, de chá, café e refresco; saladeiras e fruteiras que podiam estar acompanhadas de peças de cristal. Os faqueiros completos de alpaca ou prata eram da Wolff, Fracalanza, Prata Vix, Royal Metal e Christofle – estes estavam acondicionados em caixas de imbuia (Anexo III, P. 27-29).

5.2. As joias comercializadas na Casa Michel

Em seu catálogo geral de 1913, pode-se perceber a grande diversidade de joias e relógios, com diversidade de modelos e materiais com a qual a Casa Michel trabalhava. Em sua maioria, eram joias para senhoras, em menor variedade havia peças para jovens, crianças e senhores.

Faziam parte da joalheria fina, localizada na quarta capa, peças de alto valor, provavelmente devido ao material empregado, e devido a isso acredita-se que eram peças com diamante de maior quilate e metais nobres mais valiosos, como ouro e platina. Nessa página não foi especificado o material, e os itens apresentados também não têm um número/código de encomenda. Percebe-se que simplesmente foram exibidos e que provavelmente seriam vendidos somente na loja, por causa dos seus valores. É possível comparar o anel marquise da quarta capa, no valor de Rs. 2:300$000, com o da página interna (Anexo III, N. 14) do catálogo, no valor de 290$000 réis: é uma grande diferença. O anel mais caro nessa quarta capa é um solitário de grande dimensão no valor de Rs. 3:500$000. Vê-se também um colar de pérolas no valor de Rs. 45:000$000, enquanto na página interna (Anexo III, N. 5) o colar de pérolas legítimas, de origem oriental, com fecho de diamantes lapidação brilhante, variava de 250$000 a 30:000$000 (trinta contos de réis), de acordo com o tamanho das pérolas e provável quantidade. Pode-se observar no Anexo I, fig. 250 o destaque que é dado à exposição de algumas peças de joalheria como broches, colares, *pendentifs* e pulseiras de platina cravejadas com diamantes lapidação brilhante, pérolas e outras gemas.

Broches *pendentifs*, muito finos, possuíam laças, pingentes e chuveiros; eram usados tanto como broches quanto presos a correntes, como colares. Os *pendentifs* que acompanhavam correntes/colares podiam ter o formato de cruzes ou corações, cravejados com diamantes lapidação brilhante ou outras gemas como rubis, esmeraldas e pérolas. Seus preços variavam de Rs. 175$000 (o modelo mais simples de colar) até Rs. 1:650$000 (o modelo mais trabalhado e com mais gemas, conforme o n.º 2 da página 5 do catálogo geral – Anexo III, N. 5, 6 e 10).

As pulseiras chamavam a atenção pela delicadeza de detalhes, em seus modelos mais estreitos, característica desse período (Anexo I, fig. 76), possuíam pormenores centrais mais elaborados. Analisando o modelo n.º 8 da página N. 6 do catálogo (Anexo III, N. 6), percebeu-se que o exemplar com diamantes saía por Rs. 850$000, já com diamantes e rubis, safiras, turmalinas ou ainda esmeralda custava Rs. 375$000 e com pérolas e diamantes valia Rs. 680$000. O comprador podia escolher a gema que melhor lhe aprouvesse. Outras pulseiras poderiam ser lisas ou trabalhadas num formato de cobra, que trazia nos olhos duas esmeraldas. As lisas variavam de 15$000 a 48$000, enquanto a de cobra custava 165$000 (Anexo III, N. 6). Havia também pulseiras feitas de correntes trabalhadas com medalhas em vários formatos, com gravação de rostos femininos (Anexo III, N. 8) e com berloques, além de pulseiras dezenas com medalhas de santos (Anexo III, N. 9). As com correntes em tamanhos menores eram usadas por jovens e crianças.

Os barretes eram broches mais alongados (fig. 177), com detalhes centrais que poderiam ter chuveiro com gema central ladeado de diamantes (n.º 10, 11, 12 do Anexo III, N. 6). Considerados joias, os castões usados em guarda-chuvas de senhora eram peças de ouro 18 k cujos preços variavam conforme os tecidos empregados neles.

Havia grande variedade de modelos de broches, eram figurativos; com linhas em movimentos assimétricos que lembravam o *Art Nouveau*; simétricos com motivo floral e ramagem; com placa para gravar nomes. Todos eles em ouro 18 k, com diamantes, pérolas ou outras gemas (Anexo III, N. 10-11).

O broche da Casa Michel (fig. 178) foi um presente de Jovino de Sylos para Augusta, bisavó de Mariana Rudge. A peça foi herdada pela mãe de Mariana, de quem esta ganhou a estimada lembrança. O broche foi comprado em São Paulo, na primeira década do século

XX, e levado para São José do Rio Pardo, onde se encontrava Augusta, que recebeu o objeto de presente no dia do casamento.[916] Esse broche pode ser comparado aos modelos existentes no catálogo geral de 1913 (fig. 179 e Anexo III, N. 10).

a   b

Figura 177. **Barrete de ouro** de Lídia de Souza Rezende – **a)** pintura a óleo sobre tela, policromia, 43 cm x 53,3 cm (sem moldura) e 52 cm x 62 cm (com moldura). Autor: Bernardino Souza Pereira, 1933. **b**) Pormenor. [Coleção: Fundo Museu Paulista. Acervo do Museu Paulista USP].

178 

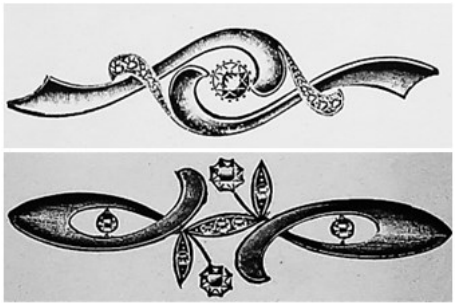
179 

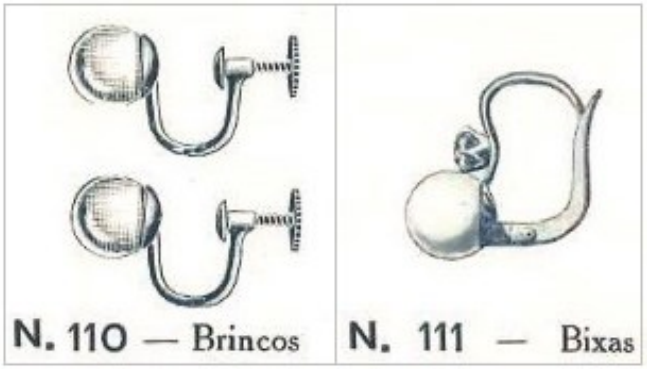
Figura 178. **Broche da Casa Michel**. Pertenceu a Augusta Sylos, presente de Jovino de Sylos. Pode-se ver o estojo no Capítulo II, fig. 57 e 58. [Coleção de Mariana Rudge].

Figura 179. **Broches –** no estilo *Art Nouveau*, em ouro com diamantes. [Anexo III, N. 10]

Quanto aos brincos, dependendo do formato, recebiam uma designação: bichas – (Anexo III, N. 12) denominação proveniente de Portugal –, brincos propriamente ditos ou

[916] Declaração de Mariana Rudge.

argolas africanas, que podiam ser lisas ou trazer pequenos pingentes internos (Anexo III, N. 13). Havia diferença entre o fecho de um brinco e o de uma bicha como mostra a figura 180. Um modelo de bicha que se encontra no Museu Paulista (Anexo I, fig. 40) apresenta pendente redondo vazado com incrustação de diamantes, podendo ser comparado ao modelo de número 86 do catálogo geral (Anexo III, N. 12, e fig. 181 infra). Outra bicha de número 75, presente nessa mesma página do catálogo (Anexo III, N. 12), pode ser comparada ao modelo que se encontra no Anexo I, fig. 80, que faz conjunto com o anel tipo chuveiro de ouro amarelo e diamantes.

180 

181 

Figura 180. **Uma das diferenças de fecho entre brinco e bicha**. [Anexo III, N. 13]

Figura 169. **Bicha com diamantes incrustados**. [Anexo III, N. 12]

Os anéis, normalmente em ouro 18 k, tinham cravação de diamantes, que podiam ser solitários, chuveiros, marquise ou em outros formatos, com dois ou mais diamantes, com diamantes e pérolas (Anexo III, N. 14 e 15) ou ainda com diamante, pérolas e gemas. O modelo que se encontra no Museu Paulista (Anexo I, fig. 35) é muito parecido com os do catálogo (Anexo III, N. 14 - n.º 129 e 130). Há ainda um anel que pertence a uma coleção particular (Anexo I, fig. 71), cujo *design* se aproxima ao modelo de número 137 da página N.º 14 do catálogo geral (Anexo III, N. 14)

Os pendentes usados em colares eram trabalhados com diferentes grafismos ou usados como broches (fig. 182), eram folheados a ouro com pedras fantasia. Na tela de A. Fernandez, pode-se observar que a personagem usa um pendente redondo preso a uma fita (fig. 183).



Figura 170. **Pendentes em colares e broches**. [Anexo III, N. 39]



a b

Figura 183. **Par de pulseiras finas e medalha presa a uma fita**. **a)** Pormenor da pintura óleo sobre tela, de Matilde Melchert de Soares, com pulseiras e anel cor de ouro, colar (fita e pingente). Dimensões: 71 cm x 108 cm (sem moldura), 76 cm x 112 cm (com moldura), pintado por A. Fernandez, 1914. b) Detalhe do pormenor, observa-se que pulseiras semelhantes eram usadas uma em cada braço. [Coleção: José Carlos de Macedo Soares. Acervo do Museu Paulista USP].

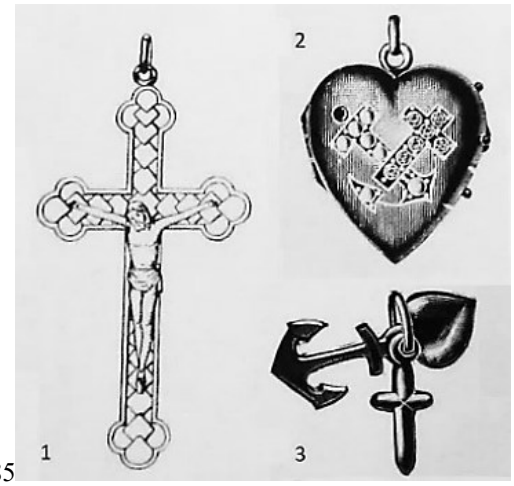
✧ Joias devocionais de cunho religioso e amuletos

Faziam parte desta secção dois repertórios. Joias devocionais de cunho religioso, que eram presenteadas em ocasiões especiais de fé, quando as crianças eram batizadas ou na sua Primeira Comunhão. Eram medalhas com santos (fig. 184); cruzes; pulseiras dezenas com medalhas (fig. 187. 2); crucifixos; rosários; relicário com os símbolos âncora e cruz (fig. 185); broches e berloques com os símbolos da fé, da esperança e da caridade – respectivamente, âncora, cruz e coração –, todas em ouro estampado (Anexo III, N. 9 e 18)

(fig. 186). Esses itens eram muito procurados no período da Páscoa, quando se presenteava também com imagens em ônix e quadros da Santa Ceia (Anexo III, N. 56). [917]



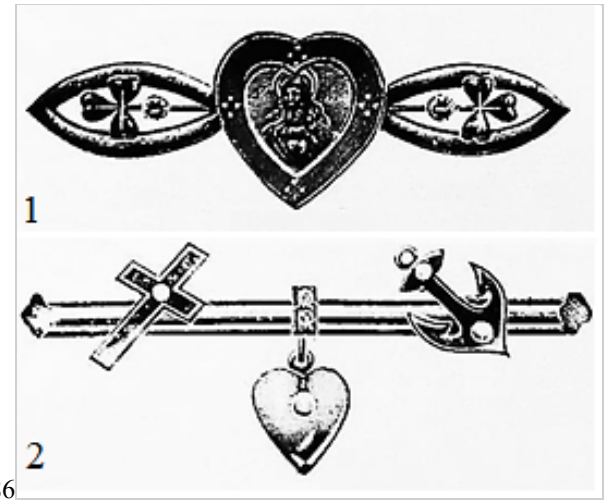
184



185

Figura 184. **Medalhas religiosas -** nº 1, 2, 4 e 5, medalhas de santos; nº 3, medalha para Primeira Comunhão – todas em ouro estampadas. **(**Anexo III, N. 18)

Figura 185. (1) **Cruz com crucifixo**, estampada e montada. (2) **Coração relicário com os símbolos âncora e cruz**. (3) **Fé, Esperança e Caridade**. [918] [Anexo III, N. 18].



186



187

Figura 186. **(1) Broches com imagem santa** no centro, estampada. **(2) Broche Fé, Esperança e Caridade** de ouro 18 k. [Anexo III, N. 11].

Figura 187. **(1) Terço –** totalmente em ouro, com as medalhas estampadas. [*Ibidem*. N. 7]. **(2) Pulseira dezena com medalhas de santos** para adultos e crianças, em ouro com medalhas estampadas. [*Ibidem*. N. 9].

[917] JORNAL *do Commercio*. São Paulo, (13/04/1924), pp. 1.
[918] Símbolos da iconografia cristã: fé = âncora, esperança = cruz, caridade = coração.



Figura 188. **Corrente com crucifixo** – Mercedes Ramos, ficou em 1º lugar no Concurso de Beleza e Elegância organizado pela Revista *A Vida Moderna* de 1910. A revista a presenteou com uma caixa de perfumaria *Oatine* de fabricação inglesa, da *The Oatine Company*. [REVISTA *A Vida Moderna*. 18/08/1910]

As mascotes e os amuletos utilizados na época podiam ser uma ferradura sozinha ou com o número 13 – esses dois elementos aparecem em várias peças para homens, senhoras, jovens e crianças –; figa sozinha ou segurando uma chave; e o peixe, que remete ao cristianismo (fig. 189). Uma mascote que ficou famosa no ano de 1918 foi a joaninha, era muito conhecida e apreciada em Portugal; segundo diziam, esse *porte-bonheur* trazia a felicidade a quem o possuísse. A Casa Michel adaptou-a para ser usada em berloques, alfinetes e anéis.[919]

O segundo catálogo aqui apresentado, da Casa Michel de 1887-1937 apresenta apenas algumas peças de joalheria, na sua maioria de platina e diamantes conforme a figura 190 (Anexo III, P. 1). Os anéis de formatura, na época tratados como anéis distintivos, agora mais elaborados, seguem o estilo *Art Déco*. Um anel nesse mesmo estilo (fig. 191. 1) e dois broches (fig. 191. 2 (1) e (2)) se encontram ainda na família Worms.

[919] JORNAL *O Estado de São Paulo*, (26/05/1918), pp. 5.

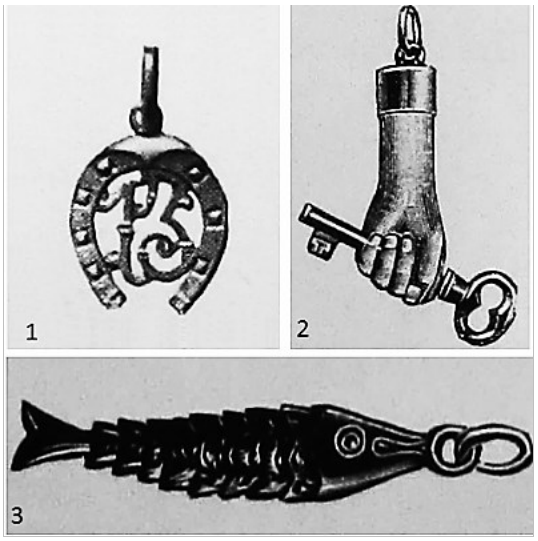


Figura 189. **Amuletos**. **(1) Ferradura com n.º 13** dentro – esses dois elementos aparecem em várias tipologias para ambos os sexos (Anexo III, N. 19). **(2) Figa de coral com chave** em prata dourada – a figa foi muito usada em vários materiais (Anexo III, N. 40). **(3) Peixe em ouro** 18 k, remete ao cristianismo. (Anexo III, N. 18).



Figura 190. **Joias finas *Art Déco***. (Anexo III, P. 1).

1





2





Figura 191. 1**. Anel *Art Déco***. Pertenceu à mãe de Marie Anne Worms, em ouro amarelo 18 k, platina e diamantes talho brilhante. [Coleção Marie Anne Worms]

Figura 191. 2. (1) **Broche de platina e diamantes**. (2) **Broche estrela** de ouro, platina, diamantes e rubi que pertenceu a Colette Worms (filha de Alphonse Worms); encontra-se com a filha de Marie Anne.

5.2.1. Trajetória estética das joias

No intervalo de tempo entre os dois catálogos, houve uma mudança no estilo das peças de joalheria e objetos de decoração. No catálogo geral de 1913, as joias e peças decorativas apresentadas acompanhavam o estilo *Art Nouveau* da chamada *Belle Époque*, movimento que surgiu na Inglaterra em torno de 1888, mas se destacou na França.

Na *Art Nouveau* a decoração estava fundamentada numa linguagem de base inspirada na natureza, nos pássaros, nos insetos, nas plantas, e também nas linhas ondulantes e assimétricas; a figura da mulher aparece com frequência em pingentes de pulseiras (Anexo III, N. 8 e 9); os répteis mais comuns eram o lagarto, o sapo e a serpente. Pode-se observar

tais representações no catálogo de 1913. Os pássaros (Capítulo II, fig. 35 e Anexo I, fig. 92) foram os modelos ideais a serem retratados, como andorinhas, pombas e águias. No catálogo de 1913 temos várias peças com figuras de aves, (fig. 192-194), lagarto (fig. 193 - N. 403) e as linhas ondulantes ou assimétricas (fig. 195).



Figura 192. **Colar *pendentif*** (n.º 1 e 2) **e broches** (n.º 3, 4 e 5). Havia no catálogo de 1913 certa quantidade de peças **com o tema de aves**, como no n.º 1, o par de **andorinhas** que segura com o bico um diamante lapidação brilhante, pendendo duas turmalinas que, com o movimento das asas e as correntes, dão movimento ao *pendentif*. Esta peça de n.º 41 do catálogo estava anunciada por Rs. 128$000 [Anexo III, N. 10]. No n.º 2, percebe-se que a andorinha leva em seu bico um diamante lapidação brilhante, tendo gemas de cor, menores nos detalhes do coração. Essa peça de n.º 46 do catálogo estava anunciada por Rs. 138$000 [Anexo III, N. 10]. Nos n.º 3, 4 e 5, as aves levam em seu bico pérolas que, segundo o catálogo, são legítimas. Seguindo a sequência, o n.º 3 corresponde ao n.º 51 do catálogo e custava Rs. 42$000; a de n.º 4 corresponde ao n.º 52 do catálogo, e valia Rs. 56$000; e a de n.º 5, correspondente ao n.º 53 do catálogo, custava Rs. 32$000 [Anexo III, N. 10]. Todas as peças eram de ouro 18 k – não constam as dimensões de cada uma.

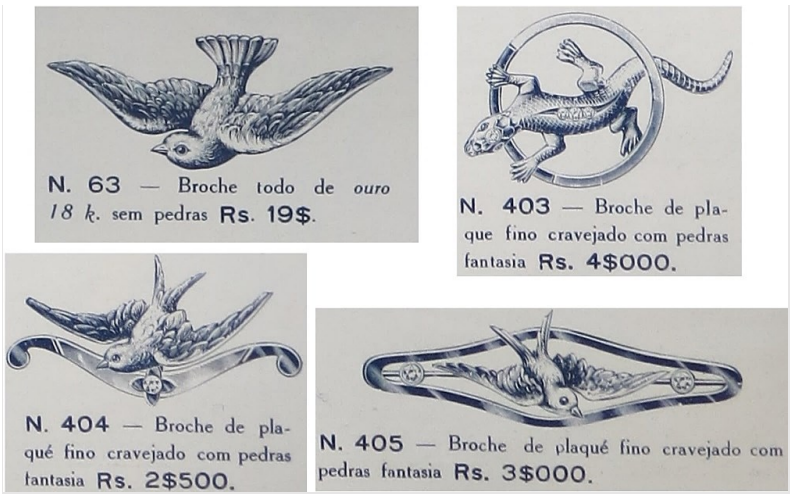
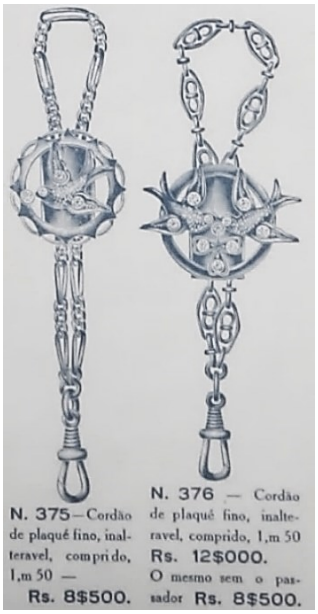


Figura 193. **Broches.** Seguindo o mesmo tema, com aves e lagartos, próprio desse período, pode-se perceber que três broches tinham seu valor reduzido, devido ao material empregado, plaqué. Nesta figura, a única peça de ouro 18 k é a de N.º 63 (do catálogo), com o valor de Rs. 19$000. A falta de diamantes e gemas contribuiu para tornar seu preço ser mais acessível. As outras três peças são de plaqué fino e cravejadas com pedras fantasia. Estas peças são consideradas semi-joias. [*Catálogo Geral da Casa Michel*, a de n.º 63 na p. 11 e as outras na p. 37 – Anexo III, N. 11 e 37].

194 

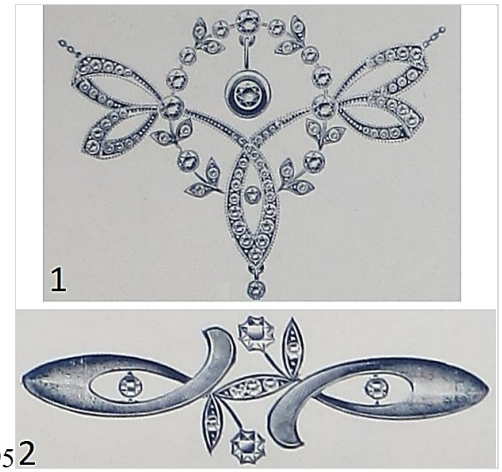
195 

Figura 194. **Dois cordões compridos com passador.** Motivos de pássaros em plaqué fino, o de n.º 375, com um passador sem muitos detalhes, custando Rs. 8$500, valor esse que, no de n.º 376, era sem o passador. [*Catálogo Geral da Casa Michel de 1913*, pp. 35 – Anexo III, N. 35].
Figura 195. **Broches.** No n.º 1, o broche vira *pendentif* de colar, e notam-se linhas retorcidas com ramagem cravejada de diamantes lapidação brilhante, uma peça muito trabalhada no valor de Rs. 285$000 (também conhecida como *guirlande* ou guirlanda). No nº 2, também lembrando ramos retorcidos, ouro 18 k com dois diamantes lapidação brilhante no valor de Rs. 80$000. [Catálogo Geral da Casa Michel de 1913. (n.º 1), pp. 6 e (n.º 2), pp. 10 – Anexo III, N. 6 e 10].



Figura 196**. *Edwardian floral Guirlande Diamond Lavaliere*.** [Disponível em: https://www.langantiques.com/university/guirlande/. Acesso em: 22/09/2020]

A guirlanda foi muito utilizada no período da Renascença e mais tarde, durante o Neoclassicismo e a Era Eduardiana, como se pode observar na figura 205, no *pendentif* decorado com guirlanda com motivos florais.

O reinado do diamante continuou prevalecendo no Brasil, sendo muito requisitado nas joalherias. Alguns materiais orgânicos ou de menor valor foram empregados, como o marfim, a madrepérola, o casco de tartaruga, entre outros. O esmalte, muito usado pelos joalheiros europeus, não estava presente no *Catálogo Geral da Casa Michel*.

No *Catálogo da Comemoração aos 50 anos da Casa Michel*, 1887-1937, o *Art Déco* estava em voga. Joias, objetos decorativos, esculturas, luminárias, móveis ganharam linhas geométricas de forte influência cubista e construtivista. As cores vibrantes – laranjas, azuis brilhantes e verdes – ganharam destaque nas joias, cuja paleta correspondente era coral, âmbar, jade, ônix, entre outras.

Os decotes mais pronunciados propiciaram o uso de longos colares, os chamados *sautoirs* de pérolas, e cordões de contas foram usados nas costas, sobre um ombro ou enrolados em um braço. Para acentuar a linha vertical do vestido tubular, esses colares suspensos com pingentes e borlas pendiam até o estômago ou muitas vezes até os joelhos. O vestido curto, tipo túnica, com um longo colar, era o *rigueur* para dançar nos loucos anos vinte. Após a Primeira Guerra Mundial, com a introdução de materiais leves como *rayon* e musselina, o *design* das joias sofreu um impacto, e desenhos mais leves, montados em platina, substituíam as joias pesadas que esses tecidos não suportavam.[920]

Para combinar com o novo visual elegante, penteados foram encurtados, inaugurando o visual *a la garçonne* introduzido por Jean Patou. Tornaram-se obsoleto, assim, os cabelos compridos ou presos em um coque. Eliminou-se a necessidade de pentes, tiaras e diademas usados na *Belle Époque*. Para realçar os cabelos curtos, grampos com pedras achatados ou *bandeau* passaram a ser utilizados (Anexo I, fig. 103), este último para ocasiões noturnas, na linha do cabelo ou recuado no topo da cabeça, como um *halo*. Esse novo corte influenciou diretamente o *design* das joias, pois as orelhas e o pescoço expostos permitiram a introdução de brincos pendentes – em 1929, estes chegavam a tocar os ombros (fig. 197-198).[921]

[920] DUCAN, Alastair – *Art Deco*. London: Thames and Hudson, 1988, pp. 163.
[921] IDEM, *Ibidem*. 1988, pp. 163.

197  198 

Figura 197**. Autorretrato I, de 1924.** Tarsila ousava em seu visual, com o cabelo puxado para trás, seu rosto oval, batom vermelho e os longos brincos, que realçam neste autorretrato com seu rosto suspenso no espaço. Óleo sobre placa de madeira aglomerada. [Acervo Artístico-Cultural dos palácios do Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: http://tarsiladoamaral.com.br/obra/pau-brasil-1924-1928/. Acesso em: 24/12/2017]

Figura 198. **Tarsila com os longos brincos que a caracterizaram**. Foto com dedicatória que Tarsila presenteou a amiga Olívia Guedes Penteado. [AMARAL, Aracy – Dona Olívia na cena modernista. *In* MATTAR, Denise [org.] – *No tempo dos modernistas; D. Olivia Penteado, a senhora das artes.* São Paulo: FAAP-Fundação Armando Alvares Penteado, 2002, pp. 113]

A artista plástica Tarsila do Amaral[922] (Capivari, SP, 01/09/1886 – São Paulo, SP, 17/01/1973) seguiu essa tendência dos longos brincos, usando-os com frequência e chegando a pintar autorretratos com eles. Tarsila fez parte do grupo modernista, juntamente com os pintores Anita Malfatti e Oswald de Andrade – que escreveu o *Manifesto da poesia Pau-Brasil* e com quem a pintora foi casada por três anos – e os escritores Mário de Andrade e Menotti Del Picchia. Tarsila participou da vida cultural e social de São Paulo e Paris, onde conheceu o poeta franco-suíço Blaise Cendrars, que lhe apresentou toda a intelectualidade da capital francesa. Ficou amiga dos brasileiros que lá se encontravam, como o compositor Villa Lobos, o pintor Di Cavalcanti e os mecenas Paulo Prado e Olívia Guedes Penteado. Com esta, Tarsila fez viagens e frequentou saraus na casa da Rua Conselheiro Nébias –

[922] Tarsila era filha do fazendeiro José Estanislau do Amaral e de Lydia Dias de Aguiar do Amaral. Passou sua infância na fazenda, posteriormente estudou no Colégio Sion, em São Paulo, e em Barcelona, na Espanha.

depois, quando o salão da casa foi desativado, as leituras passaram a acontecer na Fazenda Santo Antônio, de propriedade de Olívia.[923]

Um símbolo do período *Art Déco* que começou a ser usado no inverno de 1923 foi o chapéu *cloche*. Ele cobria toda a cabeça, das sobrancelhas à nuca, e era preso com uma fivela de broche ou um dardo de chapéu. A tendência de vestidos sem manga, os braços ficaram livres para serem decorados, fosse nos punhos ou na parte superior, com o uso de várias pulseiras (Anexo I, fig. 76) ou braceletes tipo escrava (Anexo I, fig. 47) ao mesmo tempo, com diferentes configurações, planas, flexíveis, decoradas com desenhos estilizados de flores, padrões geométricos ou motivos exóticos. No final da década de 1920, as pulseiras se tornaram mais amplas, formadas por grandes quadrados de coral, cristal de rocha, ônix, safiras, esmeraldas, rubis, *pavé* de diamantes (Anexo I, fig. 83 e 84) e outras gemas talhe cabochão. Uma variação para o uso noturno consistia em fios de pérolas unidos por um grande medalhão cravejado também com pérolas. Broches e barretes foram muito usados nesse período (Anexo I, fig. 85-86, 88-91).

Nesse período, a mania de esportes ajudou a popularizar o uso de pulseira-relógio (Anexo III, P. 4-5 e 6-7). Durante o dia se usava um modelo mais simples, com uma tira de couro ou fita, enquanto à noite o tipo usado se assemelhava a uma pulseira ricamente adornada com pérolas e diamantes, montada em ouro esmaltado ou bicolor. As luvas foram eliminadas, deixando os dedos e os pulsos livres para exibir um novo conjunto de pulseiras e anéis. Estes últimos tendiam a ser maciços (fig. 191.1), com desenhos de estilo sinete compostos de uma única pedra central delimitada por uma faixa de pequenos *pavés* de diamantes, cabochões ou gemas (Anexo I, fig. 87). Os leques, utilizados nos trajes noturnos, proporcionaram uma oportunidade adicional para mostrar as últimas novidades em anéis. Um acessório de joalharia versátil e muito comum no período *Art Déco* foi o broche ou *clip*, utilizado não só como ornamento de corpete, mas também para adornar cintos, chapéus e

[923] MATTAR, Denise [org.] – *No tempo dos modernistas; D. Olivia Penteado, a senhora das artes.* São Paulo: FAAP-Fundação Armando Alvares Penteado, 2002, pp. 36, 278-281. AMARAL, Aracy – Dona Olívia na cena modernista. *In* MATTAR, Denise [org.] – *No tempo dos modernistas; D. Olivia Penteado, a senhora das artes.* São Paulo: FAAP-Fundação Armando Alvares Penteado, 2002, pp. 78-119. Biografia de Tarsila do Amaral. Disponível em: http://tarsiladoamaral.com.br/biografia/. Acesso: 24-12-2017.

ombros (Anexo I, fig. 104). Diversos joalheiros projetaram broches com o tema do buquê de flores estilizadas, cesta de frutas e o motivo com fonte (Anexo I fig. 102).[924]

O *design Art Déco* foi aplicado também às joias masculinas, mas com menos brilho. Os relógios de bolso receberam mostradores geométricos (Anexo I fig. 152) e foram montados em platina com ônix, diamantes, pérolas, esmeraldas, rubis e topázios. As correntes de relógios consistiam em elos cilíndricos melhorados com pedras polidas ou facetadas.[925]

O *design* de joias evoluiu de criações finas e delicadas do início da década de 1920 para *designs* maiores e mais arrojados com contornos nítidos. O diamante continuou reinando supremo, com corte no estilo baguete e assentado ao lado de gemas contrastantes (Anexo I, fig. 78, 84 e 93). Com a Depressão, ocorreu um golpe fatal nos itens de luxo; após o *crash* de 1929, joias de uso múltiplo, feitas de dois ou mais componentes, que poderiam ser desmontadas e usadas separadamente, se tornaram populares. Os pingentes podiam ser usados como broches ou presos a lapelas. Um barrete duplo foi construído a partir de duas partes ligadas que poderiam ser usadas separadamente.

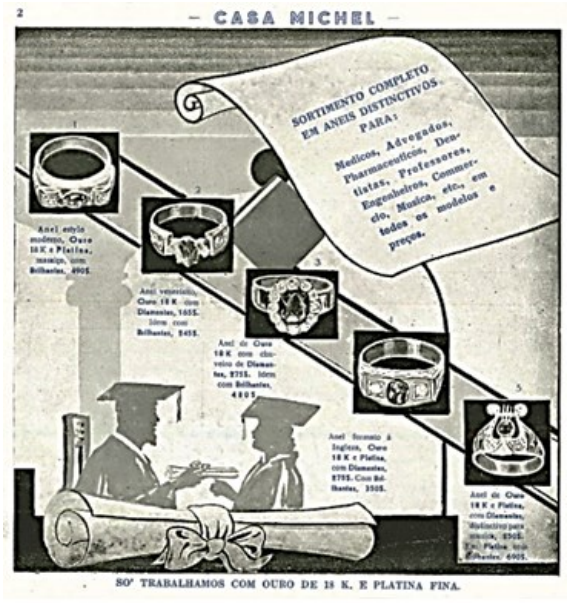


Figura 199. **Anéis distintivos**. [Anexo III, P. 2]

[924] DUCAN, Alastair – *Art Déco*. London: Thames and Hudson. 1988, pp. 165.
[925] IDEM, *Ibidem.* 1988, pp. 168.

Os anéis distintivos (fig. 199), mais conhecidos como anéis de formatura não sofreram grandes mudanças, continuaram sendo confeccionados em platina, diamantes lapidação brilhante e outras gemas conforme a profissão.

As correntes usadas na joalheria possuíam variados tipos de malha, muitas delas foram criadas ainda na época do Renascimento por ourives italianos, outras eram mais contemporâneas. A malha *groumet* (fig. 200) mais comum possuíam elos longos que podiam ser duplos e com espessura mais grossa. A Maison Cartier foi antecessora de ideias que se tornaram ícones na alta joalheria, entre elas a corrente estilo *Cartier* (fig. 201), criada por Louis Cartier, em que os elos são levemente achatados e mantêm o tamanho ao longo da corrente. Já a malha mesclada por elos redondos, posicionados de forma intercalada na vertical e na horizontal, é conhecida como "elo português" (fig. 202). Com elos interligados e unidos, entre os quais quase não sobra espaço, a malha veneziana (fig. 203) é bem delicada e reflete muito brilho. Seguindo a mesma lógica da corda real, a corrente estilo corda (fig. 204) é mais sofisticada e mais trabalhada, tem a aparência de serem vários elos unidos, formando extensões interligadas. A malha fígaro (fig. 205), também conhecida como Piastrine, tem três pequenos anéis conectados a um elo maior. Formada por um conjunto de elos interligados com elos tortos, a corrente Singapura (fig. 206) tem um resultado de torcido. A malha americana (fig. 207), muito parecida com o elo português, tem seus elos ovais e levemente retorcidos. Passando a ideia de um cordão único, o estilo rabo-de-rato (fig. 208) tem as suas várias partes interligadas formando um único fio, a flexibilidade é a sua maior vantagem.

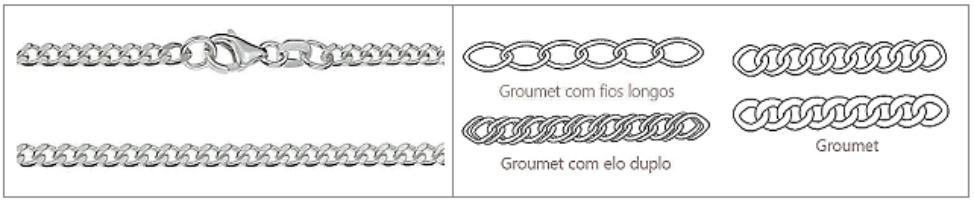


Figura 200. **Malha Groumet**. [Tipos de malhas nas correntes. Disponível em: https://www.waufen.com.br/tipos-de-corrente/. Acesso em: 07/09/2021]



Figura 201. **Elo Cartier**. [Tipos de malhas nas correntes. Disponível em: https://www.waufen.com.br/tipos-de-corrente/. Acesso em: 07/09/2021]



Figura 202**. Elo português**. [Tipos de malhas nas correntes. Disponível em: https://www.waufen.com.br/tipos-de-corrente/. Acesso em: 07/09/2021]

203 

204 

Figura 203. **Elo veneziano**. [Tipos de malhas nas correntes. Disponível em: https://www.waufen.com.br/tipos-de-corrente/. Acesso em: 07/09/2021]

Figura 204. **Elo corda ou cordão**. [Tipos de malhas nas correntes. Disponível em: https://www.waufen.com.br/tipos-de-corrente/. Acesso em: 07/09/2021]

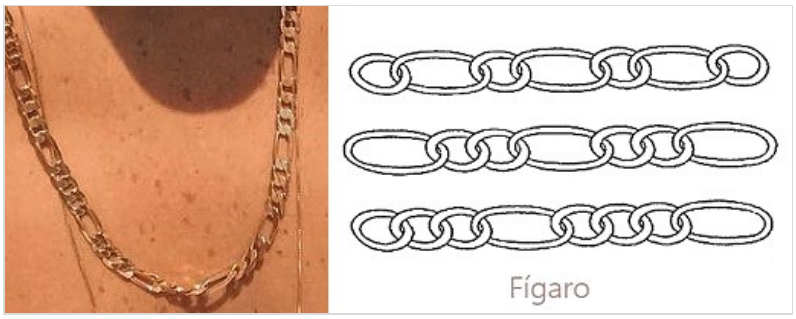


Figura 205. **Corrente Fígaro**. [Tipos de malhas nas correntes. Disponível em: https://www.waufen.com.br/tipos-de-corrente/. Acesso em: 07/09/2021]

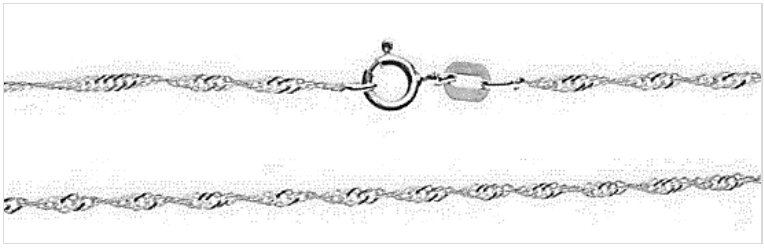


Figura 206. **Corrente Singapura**. [Tipos de malhas nas correntes. Disponível em: https://www.waufen.com.br/tipos-de-corrente/. Acesso em: 07/09/2021]

207 

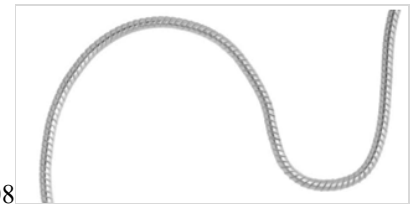
208 

Figura 207. **Malha americana**. [Tipos de malhas nas correntes. Disponível em: https://www.waufen.com.br/tipos-de-corrente/. Acesso em: 07/09/2021]

Figura 208. **Malha estilo rabo-de-rato**. [Tipos de malhas nas correntes. Disponível em: https://www.waufen.com.br/tipos-de-corrente/. Acesso em: 07/09/2021]

5.2.2. Tipologias

Os catálogos da Casa Michel constituem elementos de grande importância para o estudo das tipologias de joias usadas no período em questão, sobretudo porque esta casa possuía uma grande variedade dessas tipologias, tanto para homens como para mulheres, jovens e crianças.

TIPOLOGIA MASCULINA

- ✧ Joias aplicadas ao vestuário

Para a tipologia masculina, encontramos joias aplicadas ao vestuário, como alfinetes de gravata (fig. 209), que seguiam uma linha figurativa (serpente) ou amuleto (trevo quatro folhas, ferradura); botões para punhos, peito e colarinhos (fig. 210); *chatelaines* (fig. 211); e cordões para relógios de bolso. No final do século XIX generalizou-se o uso de joias e elementos ligados a cavalos e eventos hípicos.



Figura 171. **(1) Alfinetes de gravatas** – linha figurativa: n.º 1: formato de folha com três diamantes talho brilhante rodeados de gemas coloridas; n.º 2: serpente cinzelada com pérola; n.º 4: laço com pingente e um diamante. Linha amuleto: n.º 3: trevo de quatro folhas com quatro rubis e um diamante; n.º 5: formato de ferraduras com diamantes e rubis. [Anexo III, N. 17]. **(2) Alfinete de gravata em formato de ferradura –** de Arthur Reis Teixeira, um dos fundadores da revista *A Vida Moderna*. [REVISTA *A Vida Moderna.* São Paulo, (25/12/1907)]. (**3) Alfinetes de gravatas** – Nas formas geométricas, n.º 1, 2 e 3 com brilhante e/ou pérola do oriente; n.º 4 e 5: chuveiro de diamante talho brilhantes, ao centro uma pérola ou pedra preciosa. O n.º 5 pode ser usado como botão de peito. [Anexo III, N. 17].

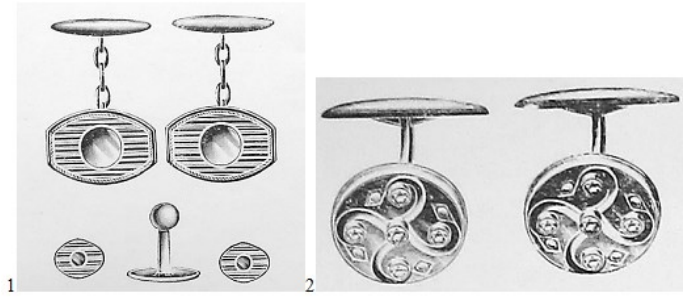


Figura 172. **(1) Guarnição completa para punho, peito e colarinho**. **(2) Botões para punho** cravejado com diamantes talho brilhante. [Anexo III, N. 16]

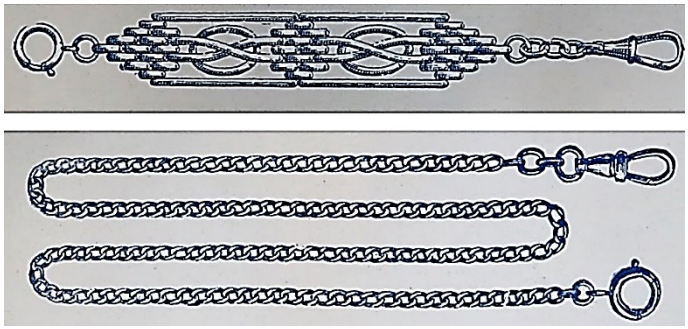


Figura 173. ***Chateleine* e corrente para relógio**. Havia vários modelos. [Anexo III, N. 23]

✧ Joias masculinas aplicadas diretamente sobre o corpo

Quanto às joias aplicadas diretamente sobre o corpo, havia correntes, relógios de pulso, cordões, cruzes, medalhas diversas e anéis para profissionais (fig. 212). Estes últimos, anéis de formatura, atualmente são formados por um chuveiro central de diamantes talho brilhante, com gemas que especificam a profissão do formando.



Figura 174. **Anéis para profissionais** – n.º: 1 anel para farmacêutico – chuveiro de diamantes talho brilhante, no centro topázio, aro delicado formado pelo corpo de duas serpentes entrelaçadas; n.º 2: anel para médicos – chuveiro de diamantes talho brilhante, no centro uma pedra esmeralda, nos desenhos laterais serpente enrolada em um cálice; n.º 3: anel para engenheiro – chuveiro de diamantes talho brilhante, no centro safira; n.º 4: anel para advogado – chuveiro de diamantes talho brilhante, no centro rubi oriente; n.º 5 anel distintivo – com dois diamantes talho brilhante e no centro pedra preciosa de cor; nº 6: anel para bacharel em ciências e letras – chuveiro de diamantes talho brilhante com uma opala no centro; nº 7: anel para professor – chuveiro de diamantes talho brilhante, no centro turmalina (detalhe na extrema-esquerda superior). [Anexo III, N. 15]. Alguns desses anéis seguiam o formato inglês, e os detalhes eram feitos com cinzel. [JORNAL *O Estado de São Paulo*, (03/12/1922), pp. 4].

O anel de formatura foi criado em 1835, por gestores do curso de formação de oficiais de *West Point* – uma Academia Militar tradicional dos Estados Unidos –, com o objetivo de demarcar a passagem dos alunos pela instituição e para que eles sempre se lembrassem dos valores e ideais ensinados na prestigiada escola de elite. A partir deste ano, a escola institucionalizou o anel de formatura, que foi adotado por outras escolas norte-americanas e de outros países.[926] O primeiro anel de formatura era similar a um anel-sinete, com símbolos e datas. Com o passar dos anos, os anéis foram ganhando gemas que representavam cada área de conhecimento profissional; eram normalmente de ouro, caracterizados por emblemas nas laterais.

[926] A história dos anéis de formatura. Disponível em: https://blog.poesie.com.br/aneis-de-formatura/historia-dos-aneis-de-formatura/#ixzz7CPLyUVQJ. Acesso em: 21/08/2020.



Figura 175**. Anel de formatura – formato de sinete**. Nesse período, os anéis de formatura levavam a insígnia da instituição de ensino em vez do símbolo do curso. Pode-se ver no seu círculo interno, rodeando uma estrela de cinco pontas, o lema da Universidade: *Pro Ecclesia, Pro Texana* (pela Igreja e pelo Texas). No círculo seguinte: *Chartered in 1845 by the Republic of Texas* (Licenciado em 1845 pela República do Texas). E no círculo externo: *Baylor University.* [Foto: San Jose Jewelers. Disponível em: https://blog.poesie.com.br/aneis-de-formatura/24-coisas-sobre-aneis-de-formatura-que-voce-nao-sabia/. Acesso em: 16/11/21].

No Brasil, o anel de formatura é normalmente dado de presente pelos pais aos formandos, em reconhecimento pelo seu esforço e conquista, e são colocados no dedo anular da mão esquerda da pessoa. Atualmente, essa tradição está em desuso, pois surgiram novos cursos que ainda não foram representados por gemas nem por símbolos. As carreiras tradicionais são as que mais se importam com o ritual de formatura, como Medicina, Odontologia ou Direito.

Para diferenciar uma profissão da outra, as gemas podem ser de várias cores, como safiras azuis, usadas pelas áreas de ciências exatas e Engenharia. A cor azul indica exatidão, a busca da verdade e da sabedoria, relacionando-se com o céu, os limites humanos e a vontade de superá-los. Nas áreas de ciências biológicas, é usado o anel com esmeralda, cuja cor verde sugere a cura e esperança, relacionando-se com a superação da vida. O anel de rubi é usado para a área de ciências humanas, sendo que a cor vermelha lembra a condição mortal do ser humano, exprime paixão e representa as humanidades, as artes e o dom da palavra escrita e falada. A ametista é usada pelos formandos de Teologia, pois a cor violeta simboliza meditação e espiritualismo. Outras gemas utilizadas são o topázio, a água-marinha, a turmalina rosa e a granada.

TABELA XXXII – Relação das gemas com as respectivas profissões

GEMAS	PROFISSÕES
Safira Azul	Administração; Artes Cênicas; Artes Plásticas; Astronomia; Biologia; Ciências Aeronáuticas; Ciências da Computação; Comércio Exterior; Educação Artística; Educação Física; Engenharia; Física; Fotografia; Matemática; Meteorologia; Psicologia; Publicidade; Química; Relações Internacionais; Sistemas de Informação.
Rubi	Direito; Jornalismo.
Esmeralda	Biomedicina; Bioquímica; Enfermagem; Fisioterapia; Fonoaudiologia; Medicina; Nutrição; Veterinária.
Turmalina Verde	Auxiliar de Enfermagem; Cabeleireiro.
Ametista	Biblioteconomia; Ciências Sociais; Design de Moda; Geografia; História; Hotelaria; Letras; Pedagogia; Sociologia; Teologia.
Turmalina Rosa	Ciências Contábeis.
Granada	Odontologia.
Água-Marinha	Economia.
Topázio	Farmácia; Filosofia.

Fonte: FENINJER *As Gemas das profissões*. Disponível em: <https://feninjer.com.br/as-gemas-das-profissoes/> Acesso em: 24/08/2020.

TIPOLOGIA FEMININA

✧ Joias aplicadas ao vestuário

Com um repertório mais variado, as joias aplicadas ao vestuário eram barretes (fig. 214); broches (fig. 215 e 216); *chatelaines*; correntes e relógios de bolso; *pendentifs*-broches. Os broches em estilo *Edwardian* apresentavam um acabamento refinado. Podemos comparar os modelos do catálogo com o modelo de broche de diamantes *Belle Époque* da figura 217, de 1910.

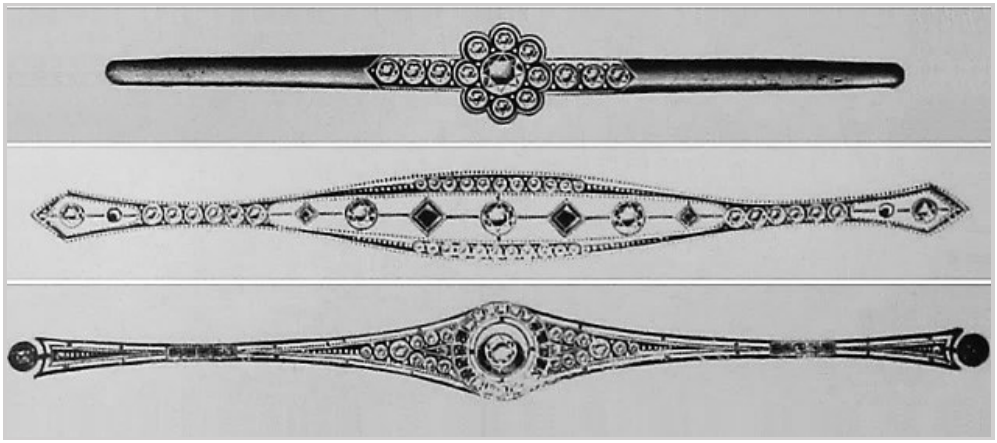


Figura 176. **Três barretes** – em ouro 18 k e brilhantes, tendo a primeira um chuveiro central, podendo ter também alguma gema a escolher. [Anexo III, N. 6]

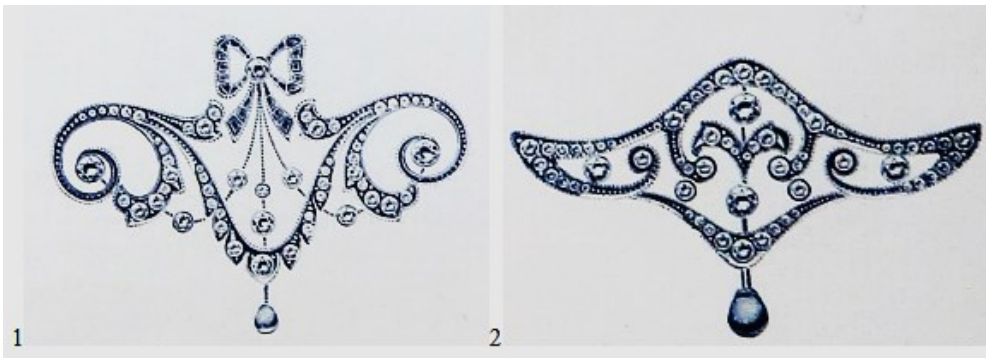


Figura 177. **Broches** [Anexo III, N. 10]

216 

217 

Figura 178. **Broches** – (1) podendo ser usado com colar, ambos cravejados de diamantes talho brilhante (podendo ter rubis) e com pingente. [Anexo III, N. 6]

Figure 179**. Broche de diamantes *Belle Époque***, c. 1910, projetado com gancho articulado e uma gota de diamante de 2,08 cts. [Disponível em: http://auctionguide.tumblr.com/post/10444054135/a-belle-epoque-diamond-brooch-circa-1910. Acesso em: 20/04/2019.]

✧ Joias aplicadas diretamente sobre o corpo

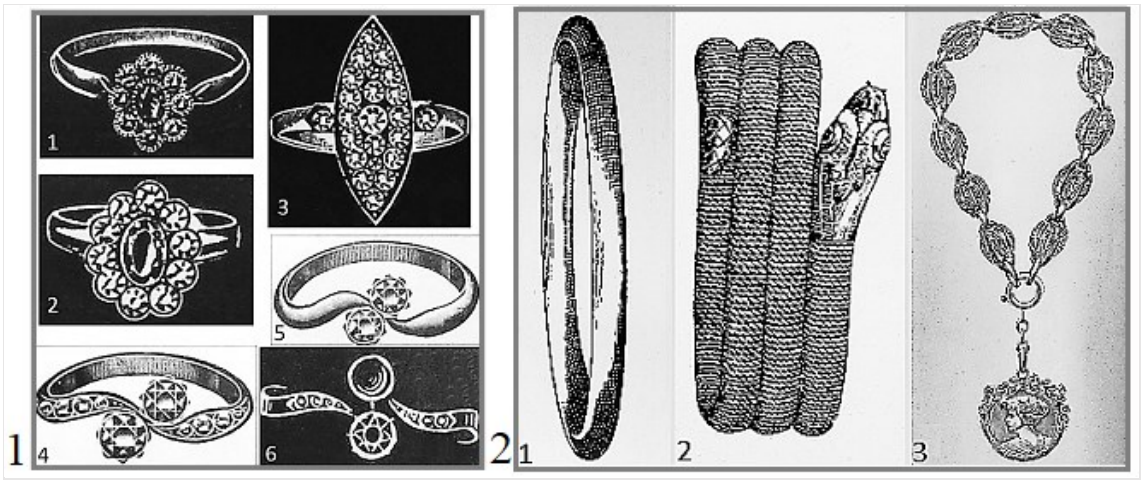


Figura 180. **(1) Anéis femininos** – n.º 1 e 2: chuveiro de brilhantes; n.º 3: marquise, n.º 4, 5 e 6: desenho mais delicado com diamantes talho brilhante, podendo ser também com um diamante talho brilhante e uma pérola, muito usados nesta época. [Anexo III, N. 14]. **(2) Pulseiras** – n.º 1: lisa; n.º 2: modelo serpente com corpo flexível, cabeça estampada e olhos com duas esmeraldas (neste período era recorrente o tema serpente); n.º 3: pulseira de ouro, corrente com gravações e medalha estampada. [Anexo III, N. 7 e 8].

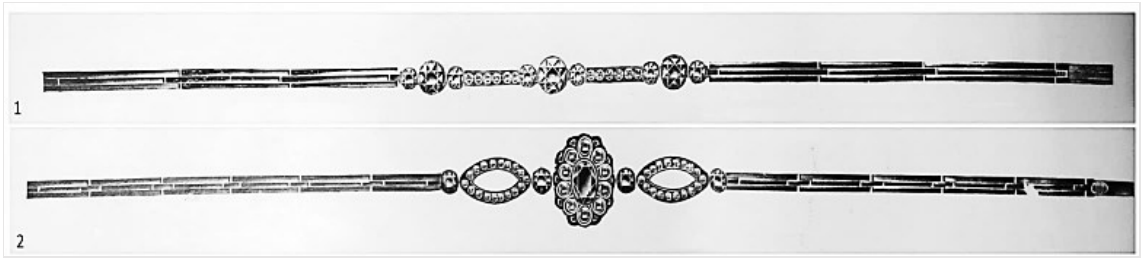


Figura 181. **Pulseiras** – com um *design* mais delicado, estas pulseiras são em ouro e platina com brilhantes e diamantes; a de n.º 2 pode ter rubis, safiras ou brilhantes. [Anexo III, N. 6]

Eram anéis (fig. 218. 1); bixas (fig. 222); argolas africanas (fig. 223); berloques; braceletes; colares de pérolas do Oriente (fig. 224); cordões; correntes com gravações e medalha estampada em alto relevo; medalhas diversas (fig. 221); pulseiras (fig. 218. 2 e 219); e pulseiras com medalha (fig. 218. 2, n.º 3). Um estojo próprio acompanhava as peças. Os broches *pendentifs* (fig. 220) podiam ser usados nos colares (correntes) ou mesmo como broches. A platina permitia uma cravação mais fina e firme dos diamantes e foi muito utilizada nesse período.



Figura 182**. (1) Broche pendentif para colar** – em ouro 18 k e platina, no seu centro um pendente em forma de chuveiro e no centro deste um rubi oriente (podendo ser safira, esmeralda ou perola oriente) cercado com brilhantes; na parte inferior, um laço com pingente cravejado de diamantes talho brilhante. **(2) Colar *pendentif* em forma de coração** – de ouro 18 k e platina cravejada de diamantes talho brilhante. **(3) Broche pendentif para colar** – em ouro 18 k e platina, cravejado de diamantes talho brilhante e pedras preciosas com detalhes em forma de laços e pingente na parte inferior. (4) **Colar *pendentif*.** [Anexo III, N. 5].

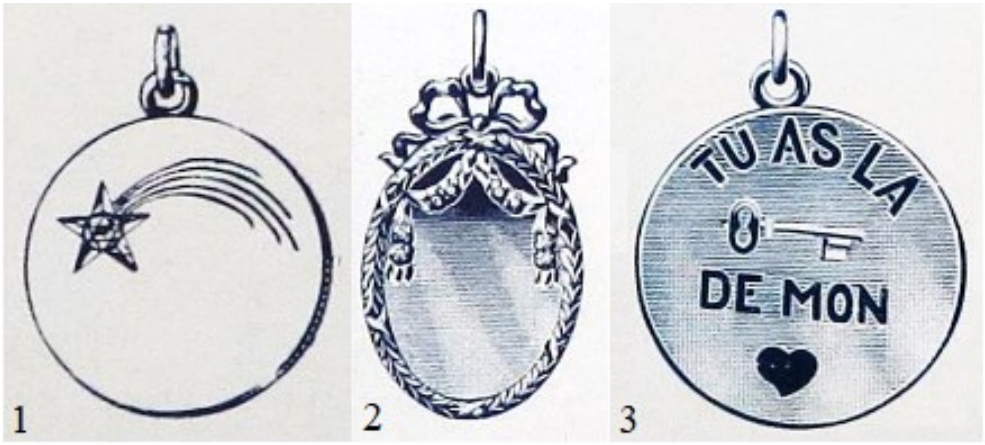


Figura 183. **(1) Medalha que representa "Deus te guie",** de ouro 18 k, gravação de uma estrela cadente com um diamante talho brilhante. **(2) Medalha para ser feita alguma inscrição**, de ouro 18 k e estampada. [Anexo III, N.º 18-19]. **(3) Medalha com inscrição –** "Tu és a chave do meu coração". Em prata dourada. [Anexo III, N. 40].



Figura 184. **Bichas** – n.º 1 e 2 com chuveiro de brilhantes, n.º 3 com brilhantes e 2 brilhantes pendentes. [Anexo III, N. 12].

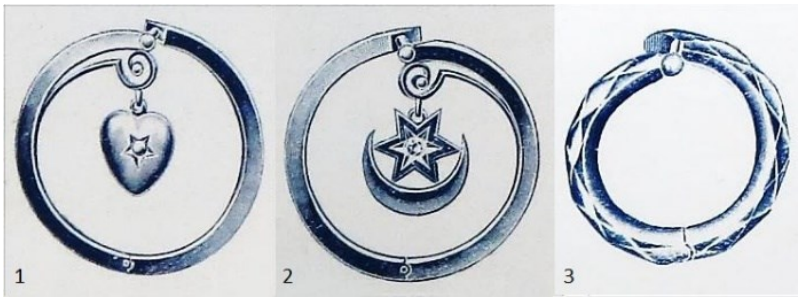


Figura 185. **Argolas africanas –** As duas primeiras com pingentes, a terceira facetada, em vários tamanhos. [Anexo III, N. 13].



Figura 186. **Colar de pérolas do oriente –** com fecho de pérola e brilhantes. [Anexo III, N. 5].

TIPOLOGIA INFANTIL

A maior parte da tipologia juvenil e infantil acompanhava o repertório dos adultos, tanto para joias aplicadas ao vestuário como para o corpo, apenas em tamanho mais reduzido, fosse em anéis, berloques, correntes, medalhas e pulseiras.

Na figura 225 vemos anéis infantis e juvenis em diferentes desenhos, com gemas no centro. As pulseiras normalmente eram formadas por corrente com pingente, por exemplo, de porquinho (infantil) (fig. 226. 1, n.º 1) ou com medalha estampada de ouro, mais indicada para moças (fig. 226. 1, n.º 2). Havia uma grande variedade de berloques infantis, geralmente eram figurativos, com animais (fig. 226. 2).

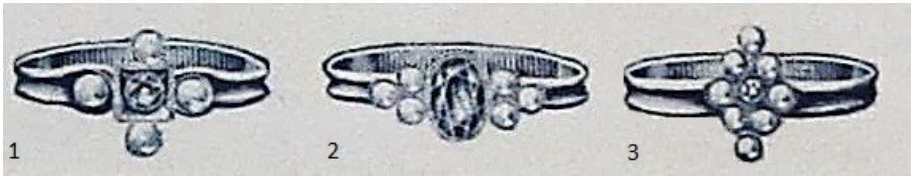


Figura 187. **Anéis para criança e moças** em ouro 18 k, em diferentes desenhos, com gemas no centro. [Anexo III, N. 15]



Figura 188. (1) **Pulseiras infantil e juvenil** – n.º 1: corrente com pingente de porquinho; e n.º 2: com medalhão em ouro – esta última, em tamanho maior, era indicada para as moças. [Anexo III, N. 9] **(2) Berloques para crianças** em ouro 18 k. [Anexo III, N. 19]

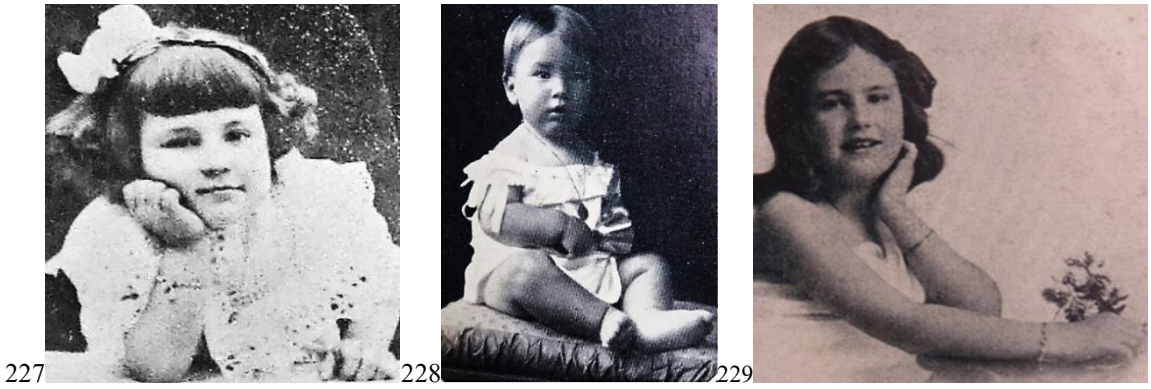


Figura 189. **Pulseira com berloque** da menina paulista Clarice Fonseca, que obteve o primeiro lugar no Concurso de Beleza Infantil organizado pela Revista *Careta*, do Rio de Janeiro. Seu pai, Amaury Fonseca, era colaborador da Revista *A Vida Moderna*. [REVISTA *A Vida Moderna*. 18/08/1910]

Figura 190. **Medalha e corrente do menino** Eduardo Martins Ferreira, com medalha. [MONTE DOMECQ' & Cie. *Société de Publicité Sud-Américaine – O Estado de São Paulo.* Barcelona: Estabelecimento Graphico Thomas, 1918, pp. 117.

Figura 191**. Pulseiras de jovem** em Neneca da Fonseca [MONTE DOMECQ' & Cie. *Société de Publicité Sud-Américaine – O Estado de São Paulo.* Barcelona: Estabelecimento Graphico Thomas,1918, pp. 123]

5.2.3. Materiais utilizados

O ouro, a prata e outros metais preciosos, além das gemas, principalmente os diamantes, sempre fascinaram o homem através da história, desde os primeiros tempos, quando, atraídos por seu brilho, as guardavam com grande zelo, por julgarem possuir poderes sobrenaturais.

Em seu estado mais puro o ouro tem 24 quilates, o que o torna muito maleável e frágil para o uso na confecção de joias. Para atingir resistência é necessário misturá-lo com certa porcentagem de outros metais – em uma joia de ouro com 18 k (ou 750), as ligas possuem 3/4 de ouro puro e 1/4 de outros metais (conforme TABELA XXXIII, infra). Esses 25% de liga são as responsáveis pela tonalidade do ouro, que, dependendo dos metais misturados, adquire cores diferentes. O ouro amarelo é resultado da mistura do ouro puro com 12,5% de prata e 12,5% de cobre, que juntos chegam ao tom do ouro em seu estado natural. O ouro rosa é criado também com prata e cobre, mas em porcentagens diferentes, e as dosagens do cobre possibilitam alterações de tonalidade, que vão do vermelho intenso ao rosa mais suave. A liga mais utilizada é 75% de ouro, 22,25% de cobre e 2,75% de prata.

O ouro branco é decorrente da combinação de ouro puro com paládio, na maioria das vezes na proporção de 75% de ouro puro e 25% de paládio. Este último também pode estar ligado a outros metais como prata, zinco e até platina, para aumentar a durabilidade da peça. O branco brilhante também está ligado ao ródio, da família da platina, no qual a joia é imersa após sua finalização, aumentando sua resistência a arranhões, proporcionando maior brilho e acentuando a cor. O uso do ródio é mais recente, não tendo sido utilizado na época em estudo. O ouro verde na tonalidade verde-amarelo é obtido pela união de ouro puro com 25% de prata, podendo entrar na composição o cobre e o zinco, gerando outras tonalidades de verde.[927] (conforme TABELA XXXIV, infra)

As joias recebiam vários tratamentos na sua superfície que criavam padrões e estilos, sendo que os vários tipos de acabamento foram criados para produzir efeitos contrastantes. Várias técnicas surgiram ao longo dos anos no universo da joalheria. Do período em estudo, podem ser citados alguns acabamentos. O polido, com grande capacidade de reflexão, muito liso e brilhante; o acetinado, em que linhas paralelas delicadas reduzem a capacidade de reflexão, dando aparência suave e lustrosa; o fosco, com brilho suave e aparência aveludada; a gravação, que são desenhos ou padrões criados manualmente, quimicamente ou são entalhados, o que dá um efeito texturizado; o acabamento escovado, cuja aparência é acetinada, produzida por escovas de metal; o florentino, que são linhas profundas paralelas,

[927] ARAF, Vanessa – *Ligas de ouro: mais cores para as joias*. Disponível em: https://feninjer.com.br/ligas-de-ouro-mais-cores-para-as-joais/. Acesso em: 13/04/2018.

cruzadas ou curvas; o martelado, que é feito com batidas leves de martelo diretamente sobre a superfície, podendo ser leve ou profundo.

TABELA XXXIII - Proporção de ouro puro e ligas

OURO 1.000 OURO 24k	ouro puro ouro puro	
OURO 750 OURO 18k	75% ouro puro 18 partes ouro puro	25% liga 06 partes liga
OURO 585 OURO 14k	58,3% ouro puro 14 partes ouro puro	41,7% liga 10 partes liga
OURO 500 OURO 12k	50% ouro puro 12 partes ouro puro	50% liga 12 partes liga
OURO 416 OURO 10k	41,6% ouro puro 10 partes ouro puro	58,4% liga 14 partes liga
OURO 375 OURO 09k	37,5% ouro puro 09 partes ouro puro	62,5% liga 15 partes liga

[Fonte: ARAF, Vanessa – *Ligas de ouro: mais cores para as joias*. Disponível em: https://feninjer.com.br/ligas-de-ouro-mais-cores-para-as-joais/. Acesso em: 13/04/2018]

TABELA XXXIV – Como as ligas afetam a cor do ouro

COR	ELEMENTO
Ouro amarelo:	Ouro, Cobre, Prata.
Ouro branco:	Ouro, Níquel ou Paládio, Zinco, Cobre.
Ouro verde:	Ouro, prata, Cobre Zinco.
Ouro vermelho:	Ouro; cobre

[Fonte: ARAF, Vanessa – *Ligas de ouro: mais cores para as joias*. Disponível em: https://feninjer.com.br/ligas-de-ouro-mais-cores-para-as-joais/. Acesso em: 13/04/2018]

Há ainda o entalhe, feito com uma ferramenta de ponta afiada; o corte com diamante, de aparência facetada, com brilho e obtido através de delicados cortes em ângulo na superfície. O acabamento diamantado é realizado com uma broca diamantada, o que confere certa irregularidade à superfície, dando um efeito cintilante, parecendo que a joia tem vários diamantes. A filigrana é realizada com fios de ouro ou prata muito finos, torcidos, achatados e curvados, formando desenhos complexos – uma técnica muito antiga, apreciada pelos joalheiros bizantinos. O granulado são pequenas esferas de ouro colocadas à mão sobre uma

superfície de ouro e unidas por um processo de aquecimento. No acabamento esmaltado, utilizam-se esmaltes de base vítrea e óxidos metálicos, que quando derretidos aderem ao metal. O acabamento craquelado é obtido quando a superfície da joia é trabalhada de forma irregular, com sobreposição de tiras de metal com espessuras diferentes. Por fim, o repuxado tem alto relevo e trabalha-se pelo verso do metal com embutidores e martelo.[928]

Analisaremos alguns termos utilizados nesse período pela Casa Michel em seus catálogos, e que atualmente estão em desuso, como "pedra preciosa", que designava o diamante, o rubi, a safira, a esmeralda e outras, consideradas mais valiosas por serem as mais usadas na produção das joias. Hoje, sabe-se que existem outros minerais, como a ametista, que dependendo da qualidade pode valer mais que uma esmeralda, ou a *kunzita spodumena* (pedra cor-de-rosa), que pode valer mais do que alguns diamantes.[929] Já as "pedras semipreciosas" eram assim consideradas por serem pedras[930] mais moles, de menor valor, opondo-se às preciosas. O comércio ainda utiliza esta designação, mas não é correta, porque muitas pedras chamadas "semipreciosas" podem ser mais valiosas que as "preciosas". Procurando resolver essa questão, passou-se a usar o termo "gema"[931] para todas as pedras lapidadas utilizadas pelos joalheiros. Já o termo "pedras coloridas" era de uso comercial para todas as gemas, com exceção do diamante (mesmo aqueles que não são incolores).[932]

Outro termo que aparece com frequência nesse catálogo é "imitação", como "pérolas imitação". Essas réplicas produzidas pelo homem são feitas para aparentar, em aspecto, cor e efeito, uma gema natural, mas sem possuir as propriedades químicas e físicas destas, também conhecidas como "artificiais". Já a gema sintética, produzida artificialmente,

---

[928] FONSECA, Letícia – Acabamento de joias. *In Joias in Vogue*. Disponível em: http://joiasinvogue.com/acabamento-de-joias-polido-fosco/. Acesso em: 28-11-2016.
[929] REVISTA – *Joias & Design* – (maio/2014). Disponível em: https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/141613/mod_resource/content/1/ebook-gemas-para-joalheria-e-dicas-de-identificacao-das-gemas-151027172848-lva1-app6892%20%281%29.pdf. Acesso em: 27-05-2018, pp. 18.
[930] "Pedras" é o nome coletivo para todos os constituintes sólidos da crosta da Terra. Para o joalheiro uma pedra é uma gema, para o arquiteto é o material usado para a construção de ruas e casas, na ciência da Terra, Gemologia, não se fala em pedras, mas em rochas e minerais. SCHUMANN, Walter – *Gemas do mundo*. Barueri, SP: Disal Editora, 2006, pp. 10.
[931] O termo "gema" geralmente se refere a uma pedra já lapidada, devido ao fato de algumas das características que valorizam as gemas só se apresentarem depois de a pedra estar lapidada. SCHUMANN, Walter – *Gemas do mundo*. Barueri, SP: Disal Editora, 2006, pp. 10.
[932] SCHUMANN, Walter – *Gemas do mundo*. Barueri, SP: Disal Editora, 2006, p. 10.

"possui composição química, estrutura cristalina e propriedades físicas idênticas ou muito próximas às da gema natural que ela representa".[933] E o termo "brilhante", muito empregado no período e nos dois catálogos estudados, não possuindo qualquer descrição adicional, devia ser aplicado somente aos diamantes redondos com lapidação brilhante,[934] porém o correto era nomeá-lo "diamante", seguido do tipo de lapidação.

Analisando o *Catálogo Geral da Casa Michel*, observou-se que os materiais utilizados na confecção das joias eram metais preciosos – ouro 18 quilates (k), platina e prata – e gemas – diamantes, safiras, rubis, esmeraldas, ametista, topázio, turmalina, ônix, coral e pérolas. Os mesmos modelos podiam ser encontrados em materiais de qualidade inferior ao ouro 18 quilates, o que tornava as peças mais baratas. Esses materiais eram: prata branca, oxidada ou dourada; chapeados e folheados a ouro; *plaqué* fino; pedras a fantasia; esmaltes aplicados. No *Catálogo da Comemoração aos 50 anos da Casa Michel*, 1887-1937, os materiais mais usados na joalheria eram ouro 18 k, platina, diamante lapidação brilhante, pérola e gemas.

[933] SCHUMANN, Walter – *Gemas do mundo*. Barueri, SP: Disal Editora. 2006, pp. 11. GAMA, Jane Leão N. da – *Manual técnico de gemas*. IBGM, DNPM. Brasília, 2005, pp. 11.
[934] IDEM, *Ibidem*. 2005, p. 12.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dinâmica pela qual a cidade de São Paulo estava passando no fim do século XIX e primeiras décadas do século XX propiciou o seu rápido desenvolvimento. A cafeicultura contribuiu para a riqueza nacional e prosperidade do estado de São Paulo, além de ter impulsionado a urbanização do interior, aumentando o número de municípios.

Transformações importantes foram adequando o centro urbano com os diversos governos que se sucederam, remodelando a cidade para, assim, torná-la mais acessível à população. Realizaram-se alinhamentos e ampliações de ruas, criação de praças e parques, entre outras edificações. A região central passou a agregar várias funções nas ruas principais do Triângulo, onde estavam instalados bancos, escritórios, consultórios, cafés, hotéis, restaurantes, comércios dos mais variados produtos, com destaque para as joalherias, que vendiam artigos de luxo.

Foi um período de efervescência cultural e social, e o centro era o local do entretenimento e dos encontros sociais, onde tudo acontecia e se desfilavam as modas estrangeiras. Aí se concentrou o comércio de luxo, mais especializado. Muitas dessas casas comerciais passaram a fazer importação direta, conseguindo, dessa forma, reduzir os custos e melhorar o valor de venda de seus objetos.

O caminho de ferro, vital para o deslocamento dos produtos e pessoas entre a capital e interior do estado, foi fundamental para transportar a produção de café, que posteriormente seria exportado, das fazendas para o porto de Santos. Ao retornar à capital e ao interior, esse mesmo caminho levava os itens importados, que consistiam desde materiais de construção, bebidas e alimentos até objetos de luxo como joias. A cultura cafeeira e sua exportação também contribuíram para impulsionar o parque industrial paulista, que se tornou pioneiro no território nacional.

Ainda na virada do século XIX para o XX, época conhecida como *Belle Époque*, São Paulo estava seguindo a matriz cultural francesa. Nesse momento, a França vivia um período de otimismo e riqueza, com inovações culturais e artísticas, prosperidade econômica, além de avanços tecnológicos e científicos. Paris ficou conhecida por sua alegria de viver e passou a ser referência cultural e exercer influência tanto na Europa quanto no Brasil. Os paulistas

se identificavam com os valores europeus e procuravam se adaptar à modernidade. A incorporação dos hábitos franceses se fazia através de manuais de boas maneiras, jornais, revistas e livros que chegavam do estrangeiro, a sociedade foi adquirindo normas de etiquetas consideradas importantes para se relacionar de maneira culta numa sociedade que estava se tornando mais exigente.

Houve um crescente aumento de joalherias a partir da segunda metade do oitocentos. Inicialmente, elas comercializavam somente joias de ouro e prata, relógios e pratarias, itens que nesse final de século já eram anunciados para se presentear. A partir da década de 1890, houve um crescimento de objetos de decoração de vários materiais e procedências, importados da Exposição de Paris de 1889; eram porcelanas e cristais das mais afamadas fábricas. Com a Exposição Universal de 1900, a diversidade de objetos decorativos para as residências, mas também de joias e acessórios pessoais, chegava em maior quantidade, apresentando uma estética nova que atraía pela beleza e pela elegância de suas formas fluidas e florais: chegava às joalherias o *Art Nouveau*.

A partir de então, as joalherias começaram a anunciar, ainda, objetos de luxo, decorativos e utilitários, próprios para presentear em festas de casamento, isto é, compor as *corbeilles de mariage* – uma relação destes objetos foi levantada nesta tese –, nas festas de Natal, Ano-Novo, Reis e Páscoa, datas em que havia o costume de se mimosear, além de batizados e primeira comunhão. Em eventos beneméritos, as casas também procuravam doar alguma peça para ser sorteada; já em eventos esportivos, as concediam como prêmio aos vencedores. As joalherias se anunciavam como locais em que esses artigos poderiam ser adquiridos. Neste estudo, procurou-se identificar as tipologias das joias comercializadas, seus materiais e técnicas empregadas, os tipos de relógio de uso pessoal, bem como o repertório dos objetos considerados de luxo, com seus materiais e estilo estético predominantes no período em questão. Notou-se que havia uma preocupação em eleger um local de compra dos presentes de casamento, uma vez que as joalherias anunciavam que determinado casal de noivos havia adquirido seus artigos nelas.

A Exposição de Artes Decorativas de 1925, em Paris, foi importante para a mudança do repertório estético: as joalherias passaram a adquirir peças que seguiam a linha do *Art Déco*, mais geometrizada. O novo estilo era valorizado nos anúncios, que procuravam

descrever as joias desse período como finas e modernas. Os joalheiros não só visitavam as Exposições Universais, como também participavam como expositores, vindo a ganhar prêmios quando se destacavam por suas joias.

Observou-se que muitas joalherias compravam ouro velho, prata, moedas e gemas, o que é um indicativo de que havia artesãos, pois esses materiais eram imprescindíveis para a confecção de joias. Alguns joalheiros iam até o Rio de Janeiro, cidade com uma concentração muito grande de joalherias que vendiam peças por atacado e varejo, para adquirir seus produtos. Outros procuravam viajar para a Europa, a fim de escolher e comprar os artigos que seriam comercializados em suas lojas. Notou-se que o número de mercadorias que chegava pelos vapores todos os meses era muito grande, não só para as joalherias, com caixas de relógios, de bijuterias, de joias, bronzes, cristais, entre outros, mas também para outros tipos de comércio.

Havia um contingente de pessoas mais exigentes e de gosto mais refinado provenientes de famílias de fazendeiros que estavam se instalando na capital da província, o que justificava a instalação das joalherias. Também profissionais liberais e comerciantes estavam se tornando potenciais consumidores de artigos de luxo importados. Essas peças de decoração passaram a vestir as residências, fosse nas áreas privadas ou públicas, trazendo-lhes *status* e reconhecimento social. Ao investigar a relação entre as residências e funções sociais que determinados indivíduos possuíam, percebeu-se a importância que os objetos decorativos e utilitários tiveram na vida pública e particular dessa sociedade, fazendo parte dos acontecimentos e das histórias da elite paulista.

Através de reformas para modernizar ou construir novas instalações, as joalherias se adequavam de modo a atrair clientes: investiam em mobiliários refinados e vitrinas que chamavam a atenção pela variedade e qualidade das mercadorias nelas expostas. Assim, essas casas podiam ser comparadas às melhores da Europa. Foi possível observar que os Irmãos Worms, proprietários da Casa Michel, se dedicavam profundamente à profissão. A tradição iniciada com seus antepassados e os trabalhos anteriores realizados em joalherias de parentes foram importantes para a manutenção e prosperidade do negócio nas gestões de Alphonse, Armand e Justin Worms.

Com o estudo dos catálogos da Casa Michel, foi possível relacionar as joias, suas tipologias, os materiais utilizados e as técnicas empregadas nesse período. Havia uma preocupação da sociedade em se adornar com joias próprias para cada ocasião. As peças noturnas, mais elaboradas e mais finas, eram também mais caras. Observou-se que a maioria das grandes joalherias comercializava o mesmo repertório de joias da Casa Michel e que anunciavam seus artigos em jornais e revistas.

Haja vista que uma grande quantidade de peças vinha da Europa, foi possível concluir que as joias, próprias para homens, mulheres, jovens ou crianças, eram utilizadas pela sociedade brasileira, mas também internacional, e que mesmo as produzidas nas oficinas nacionais seguiam os modelos estrangeiros. As joias podiam ser mais nobres, de ouro 18 k, platina, prata e gemas, ou com materiais como prata dourada, oxidada, folheada a ouro, chapeada, plaqué, pedras imitação e sintéticas, com valores inferiores aos das primeiras. Também constavam na quarta capa do *Catálogo Geral da Casa Michel de 1913* peças ainda mais valiosas, com maior quantidade de diamantes e direcionadas especialmente à elite.

Os relógios de bolso e de pulso recebiam destaque especial, com dedicatórias, monograma de seus proprietários ou ainda com local para se colocar um retrato. A variedade de relógios de mesa e de parede demostra como a indústria desse setor estava desenvolvida, com fabricantes de vários países e tecnologias que para a época eram muito modernas. Outro estudo importante foi feito sobre os objetos decorativos, de luxo e utilitários, descrevendo a diversidade de materiais e técnicas que estavam sendo criadas por novas manufaturas. Observou-se que nem todas as joalherias trabalhavam com peças de decoração e de luxo, uma vez que esses itens se encontravam somente nos grandes estabelecimentos desse tipo.

Quanto aos artigos especiais para presente encontrados nos catálogos da Casa Michel e em anúncios de periódicos, pode-se listar a grande variedade de materiais, como as pratarias, utilizadas em aparelhos de jantar, estojos para escritório, faqueiros, serviços para chá e café, entre muitos outros, mas também couro, bronze, ônix, madrepérolas, Royal Metal, cristais finos e lapidados, porcelanas, marfins, mármores e terracotas. Observaram-se também extratos, perfumes, águas-de-colônia, leques, bengalas e uma infinidade de outros artigos de luxo que faziam com que o cliente fosse motivado a adquiri-los.

Os indivíduos com maior poder aquisitivo passaram a substituir o estritamente necessário pelo consumo do desejado, o que lhes trazia certo *status* e reconhecimento perante a sociedade que frequentavam. Orientavam-se para o conforto e a comodidade, não deixando de lado a sofisticação e o luxo. Esses novos artigos finos, como objetos decorativos, adornos, joias e moda, citados acima, passaram a fazer parte da vida dos paulistas, o que sinalizava um determinado estilo de vida. O luxo passou a ser a medida de riqueza de uma classe social mais abastada, e ninguém apostaria na confecção e venda de peças de luxo se não houvesse quem as consumisse. E foi o que aconteceu principalmente com as joalherias, que passaram a comercializar tais objetos, tornando-os mais acessíveis a uma classe burguesa em ascensão.

Havia boa relação entre os joalheiros que se reuniam em torno do Sindicato dos Comerciantes de Joias e Objetos de Ourives de São Paulo para reivindicar seus direitos de desenvolver a economia do luxo. Esta procurava satisfazer às necessidades e desejos dos cidadãos incidindo no setor de joias, acessórios, moda, perfumaria e objetos decorativos que sustentavam um sofisticado estilo de vida.

No âmbito social, o relacionamento da elite se dava em eventos, recepções, jantares, teatros, quermesses beneficentes, cassinos, esportes equestres, corridas de bicicleta, turfes, saraus literários, musicais e dançantes. Todos esses acontecimentos eram motivos de encontro e momentos em que havia a preocupação em se vestir com a última moda e utilizar joias, muitas vezes em profusão, o que levou muitos cronistas a orientar seus leitores quanto à combinação e quantidade certa de adornos a serem usados ao mesmo tempo.

Espera-se que esta investigação contribuirá com informações para pesquisadores de instituições, antiquários e colecionadores particulares, que trabalham ou estudam tais objetos, a fim de que percebam que há uma realidade que contextualiza o comércio de luxo, a venda e a procura por esses objetos, no recorte de tempo desta pesquisa. Os conhecimentos produzidos no âmbito deste doutoramento têm como objetivo principal qualificar as coleções e oferecer instrumentos de identificação desses artefatos em outros assuntos sociais de interesse de pesquisadores da área. Foi necessário traçar a história da joalheria e recuperar a memória histórica relacionada à elite paulista do final do século XIX e primeira metade do século XX, porque existe um espólio em acervos, museus e mesmo em coleções particulares que precisa de enquadramento histórico e de investigação que o contextualizem. O que se

pretende com este trabalho, ainda, é construir esse conjunto de informações que permita, posteriormente, localizar e enquadrar esses objetos.

A partir desta investigação, surgiram dois artigos, o primeiro "Casa Michel - Worms Irmãos: São Paulo 1880-1940" apresentado no *I Simpósio Nacional de Ourivesaria, Joalheria e Design*. No Museu das Minas e do Metal – Belo Horizonte, MG. E o segundo "As *corbeilles de mariage* em São Paulo, no primeiro quartel do século XX: joias e outros presentes de luxo". Apresentado no II *Simpósio Internacional de Ourivesaria, Joalheria e Design,* que ocorreu no formato on-line de 7 a 10 de junho de 2021.

Há material para novos artigos relacionados com as Artes Decorativas, as peças de luxo, a joalheria e a relojoaria, que poderão ser desenvolvidos oportunamente, através da publicação de livros, artigos e participação em eventos científicos da especialidade.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES COMPUTADORIZADAS (INTERNET)

ALVES, Rogério Novakoski Ferreira; RIGHI, Roberto – O programa funcional dos palacetes paulistanos no final do século XIX. *In Revista Eletrônica de Arquitetura e Urbanismo*. Universidade São Judas Tadeu. N.º 13, 1º semestre de 2015, pp. 123-139. *In http://www.usjt.br/arq.urb/numero-13/7-rogerio-novakoski.pdf* . Acesso em: 20/04/2017.

ANDRZEJEWSKI, Luciana – A moda como história*. In Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, n.º 53, abril/2012. *In http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao53/materia06/*. Acesso em: 22/12/2016.

ARAGÃO, Solange de – A casa, o jardim e a rua no Brasil do século XIX. *In Em Tempo de Histórias* – Publicação do Programa de Pós-Graduação em História. PPG-HIS/UnB – n.º 12, pp. 151-162. Brasília, 2008. *In http://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/2599*. Acesso em: 12/01/2015.

ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros – Os interiores domésticos após a expansão da economia exportadora paulista. Artigo apresentado em 08/2004 nos Anais do Museu Paulista (v. 12. jan./dez. 2004). *In: http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v12n1/16.pdf.* Acesso em: 03/12/2014.

AZEVEDO, Esterzilda Berenstein – Patrimônio industrial no Brasil. *In Revista arq.urb* n.º 3 – Universidade São Judas Tadeu (1º semestre/2010). *In http://www.usjt.br/arq.urb/numero_03/2arqurb3-esterezilda.pdf.* Acesso em: 05/01/2016.

BAPST, Germain – Histoire des joyaux de la couronne de France d'après des documents inédits. Paris: Librairie Hachette et Cie, 1889. *ARCHIVE*. *In https://archive.org/details/histoiredesjoyau00bapsuoft/page/n8.* Acesso em: 03/11/2018.

BENUTTI, Maria Antonia; MÜLLER, Bruno – A Joalheria no acervo do Museu de Arte Sacra de São Paulo". *In http://www.academia.edu/4837107/A_joalheria_no_acervo_do_Museu_de_Arte_Sacra_de_S%C3%A3o_Paulo*. Acesso em: 19/03/2015.

BIVAR, Vanessa dos Santos Bodstein – Nas fronteiras da imigração: os franceses e suas vivências em São Paulo. *In Navegar*, vol. 1, n.º 1, (julho/2015), pp. 150-176. *In http://www.labimi.uerj.br/navegar/edicoes/01/Vanessa_dos_S_Bodstein_Bivar.pdf.* Acesso em: 02/12/2016.

BONONI, José Gustavo – A ribalta paulistana no início do século XX: indícios imagéticos de uma ruptura gradativa. *MNEME Revista de Humanidades*, Periódicos UFRN – Rio Grande do Norte, v. 13, n.º 31, (17/10/2012). *In https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/1826*. Acesso em: 21/12/2019.

BRAGHITTONI, Nelson Leopoldo – *Diálogo rua/cidade: o caso da Rua Direita em São Paulo (1765-1977*). São Paulo: [s.n.], 2015. Tese (Doutorado – Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. *In http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-08032016-154309/pt-br.php.* Acesso em: 26/04/2017.

BURKE, Peter – Cultura das aparências. JORNAL *Folha de São Paulo* – Caderno Mais, São Paulo, (16/10/2005). *In https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1610200509.htm*. Acesso em: 15/01/2018.

CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann – *Imigrantes Espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana, 1890-1922.* São Paulo: [s.n.], 2007. Tese de Doutoramento em História Social apresentada no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. *In http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-08112007-161310/pt-br.php.* Acesso em: 14/06/2016.

CASADEI, Eliza Bachega – Jornalismo de moda em revista: momentos históricos do registro editorial da moda no Brasil no período anterior aos anos 60. *HISTÓRICA* – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, N.º 53, (abr./2012). *In http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao53/materia03/texto03.pdf*. Acesso em: 02/10/2019

CHUVA, Márcia – Fundando a nação: a representação de um Brasil barroco, moderno e civilizado. *TOPOI*, Rio de Janeiro, v. 4, n.º 7, (jul./dez./2003), pp. 313-333. *In http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2003000200313*. Acesso em: 27/12/2014.

DICIONÁRIO de ruas – História das ruas da cidade de São Paulo. Prefeitura de São Paulo. *In https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/.* Acesso em: 07/07/2017.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira – Art Nouveau. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. *In http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo909/art-nouveau*. Acesso em: 20/01/2017.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira – Jacques Pilon. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. *In http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa447753/jacques-pilon*. Acesso em: 16/06/2020.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira – Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. *In http://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao17403/liceu-de-artes-e-oficios-sao-paulo-sp.* Acesso em: 16/01/2015.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira – Militão Augusto de Azevedo. São Paulo: Itaú Cultural, 2015. *In http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2001/militaoaugusto-de-azevedo.* Acesso em: 16/01/2015.

FARIA, Antônio Augusto da Costa – Iconografia paulistana do século XIX. REVISTA *de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente* – v.5, n.º 2, Resenha, (ago./2010). *In http://www.revistas.sp.senac.br/index.php/ITF/article/viewFile/73/99.* Acesso em: 12/01/2015.

FAUSTO, Boris – História das boas maneiras. *In* JORNAL *Folha de São Paulo* – Caderno Mais, (30/10/2005). Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3010200507.htm. Acesso em: 15/01/2018.

FLAUBERT, Gustave – *Dictionnaire des idées reçues.* Paris: Éditions du Boucher, 2002. *In http://www.leboucher.com/pdf/flaubert/b_fla_di.pdf*. Acesso em: 20/07/2017

FRASSON, Marcela Serro – *A experiência do consumo de luxo: um estudo sobre os sentimentos despertados nas consumidoras.* Porto Alegre: [s.n.], 2013. Dissertação (Mestrado em Administração) Escola de Administração do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *In https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/76200/000893532.pdf?sequence=1&isAllowed=y.* Acesso em: 17/05/2017.

GODOY, Arilda Schmidt – A criação e consolidação da FECAP, Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado em São Paulo, no início do século XX. Professora da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP/São Paulo) e da Universidade Estadual Paulista (UNESP – Campus de Rio Claro). *In http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/031_arilda_schidt.pdf.* Acesso em: 23/10/2018.

GOMES, Ana Carolina; PICCOLO, Priscilla; REY, Ricardo – Exposições Universais: sociedade no século XIX. *In http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/Exposicoes_Universais__Sociedade_no_seculo_XIX_0.pdf.* Acesso em: 12/01/2015.

GUERREIRO, António – Exposição Universal – PARIS 1900. Lisboa: Expo 98, 1995. *In https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=14&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjikIXYxLvUAhXCj5AKHZeYA_4QFghoMA0&url=http%3A%2F%2Fcvc.instituto-camoes.pt%2Fconhecer%2Fbiblioteca-digital-camoes%2Farquitectura-1%2F1557-*

1557%2Ffile.html&usg=AFQjCNE6xb1WTST9Zc_1B7vLwd4a7WiF0g&sig2=K07bZG7vjyUYegaGIG3kCw. Acesso em: 08/06/2017.

HOMEM, Maria Cecília Naclério – Desvendando a cidade de São Paulo, na primeira metade do século XIX. *FÊNIX* Revista de História e Estudos Culturais. (jul./ago./set./2006) Vol. 3, Ano III n.º 3. *In www.revistafenix.pro.br.* Acesso em: 19/12/2014.

IAB TOCANTINS – Jacques Pilon, arquiteto empreendedor. IABTO – Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento Tocantins. Disponível em: *http://iabto.blogspot.com/2015/03/jacques-pilon-arquiteto-empreendedor.html*. Acesso em: 22/04/2020.

JANUÁRIO, Erlaine Aparecida – Joias de adorno, como investimento e de devoção. *In http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab/h8_4.pdf.* Acesso em: 09/01/2015.

LACERDA, Carolina Camargo de (*et al*) – Relações entre Brasil e França, no período de 1822-1889. REVISTA *Unicuritiba*. Relações Internacionais no Mundo Atual. *In http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RIMA/article/view/223/196*. Acesso em: 15/02/1919, p. 124.

LOUREIRO, Edison – O começo e o fim do Teatro São José. *In https://saopaulopassado.wordpress.com/2015/08/08/o-comeco-e-o-fim-do-teatro-sao-jose/. Acesso em:* 14/08/2017.

MACEDO, Joaquim Manoel de – *Memórias da Rua do Ouvidor*. DOMÍNIO Público. *In http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000158.pdf*. Acesso em: 16/05/2017.

MÈRCHER, Leonardo – Belle Époque Francesa: a percepção do novo feminino na joalheria Art Nouveau. *VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver, Sentir, Narrar.* Universidade Federal do Piauí, UFPI, Teresina, (24-28/06/2012). *In http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Leonardo%20Mercher.pdf.* Acesso em: 27/10/2018.

MORAES, Júlio Lucchesi – A Modernidade Acadêmica: Os primeiros tempos do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. 19&20, Rio de Janeiro, v. V, n.º 4, (out./dez. 2010). *In http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/ea_liceusp.htm. Acesso em:* 16/01/2015.

MOTA, Carlos Guilherme – São Paulo no século XIX (1822-1889): esboço de interpretação. CADERNOS *de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, v. 4, n.º 1, 2004, pp. 9-16. *In http://www.mackenzie.br/dhtm/seer/index.php/cpgau/article/view/136/41. Acesso em:* 12/01/2015.

NAZZARI, Muriel – Dotes paulistas: composição e transformações (1600-1870). REVISTA *Brasileira de História*. São Paulo, v. 9, n.º 17, (set./1988 – fev./1989), pp. 87-100. *In www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3837.* Acesso em: 12/01/2015.

OLIVEIRA, Abrahão de – A escola que ensinou o comércio: a história da FECAP. *In http://www.saopauloinfoco.com.br/a-escola-que-ensinou-o-comercio-a-historia-da-fecap/.* Acesso em: 13/03/2018.

OLIVEIRA, Abrahão de – A triste destruição de um monumento – o Teatro São José. (15/01/2015). *In http://www.saopauloinfoco.com.br/teatro-sao-jose/*. Acesso em: 14/08/2016.

OLIVEIRA, Ana Maria de Biazzi Dias de – *Dinâmica da rua e comércio na cidade de São Paulo*. São Paulo: [s.n.], 2006. Dissertação (Mestrado em Engenharia) Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. *In http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/3/3146/tde-17112006-135636/pt-br.php.* Acesso em: 07/05/2017.

OLIVEIRA, Milena Fernandes de – *Consumo e cultura material, São Paulo Belle Époque (1890-1915)*. Campinas: [s.n.], 2009. Tese (Doutoramento em Desenvolvimento Econômico) Instituto de Economia, Universidade de Campinas. *In http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_4074604e432a3cbc762b797f2794a529.* Acesso em: 10/12/2014.

PAULA, Eurípedes Simões de – A segunda fundação de São Paulo: da pequena cidade à grande metrópole de hoje. *In Revista de História da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 8, n.º 17, (mar./1954), pp. 167-179. *In http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/36096/38817.* Acesso em: 02/04/2016.

PEREIRA, Luiz Carlos Soares; PIRES, Luana de Piva – São Paulo: o nascimento de uma metrópole. *In Revista Historiador*. Nº 1 Ano 1. (dez./2008), pp. 21-32. *In http://www.historialivre.com/revistahistoriador/um/luiscarlos.pdf.* Acesso em: 21/04/2016.

PINACOTECA do Estado de São Paulo – *In http://www.pinacoteca.org.br/pinacoteca-pt/.* Acesso em: 15/12/2015.

PIRES, Isabel Cristina Gomes Maia – *Marcas de Luxo: estudo sobre o comportamento do consumidor.* Fortaleza: [s.n.], 2008. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal do Ceará. *In http://www.teses.ufc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=15472*. Acesso em: 03/07/2017.

PREFEITURA Municipal – A CASA do Administrador: Parque Jardim da Luz. São Paulo: Prefeitura da cidade de São Paulo, 2008. *In http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/livro_casa_luz_1253304415.pdf*. Acesso em: 23/12/2015.

PUELLES, Alice Aparecida Labarca – *O vestuário e seus acessórios em São Paulo em meados do século XIX: uma construção de vocabulário para compreender indumentária.* São Paulo: [s.n.], 2014. Dissertação (Mestrado em Museologia) Programa de Pós-graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo. *In http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde.../AlicePuellesORIGINAL.pdf* . Acesso em: 29/05/2016.

RIBEIRO, Maria Izabel Branco – Tarsila: modernismo e moda nos anos 1920. REVISTA do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens Instituto de Artes e Design – *UFJF NAVA* – v. 1 – n.º 1 (julho/dezembro-2015), pp. 108-127. *In https://www.ufjf.br/revistanava/files/2015/11/10-ARTIGO-02.pdf*. Acesso em: 20/08/2019.

REVISTA Joias & Design – (maio/2014). *In https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/141613/mod_resource/content/1/ebook-gemas-para-joalheria-e-dicas-de-identificacao-das-gemas-151027172848-lva1-app6892%20%281%29.pdf*. Acesso em: 27/05/2018.

SANTOS, Márcia Regina dos – Educar para (com)viver: formação em manuais de etiqueta à luz do tempo presente. *Cadernos do Tempo Presente*, São Cristóvão SE, v. 08, n.º 04, (jul./dez./2017), pp. 67-78. *In* http://www.seer.ufs.br/index.php/tempo. Acesso em: 08/10/2018.

SANTOS, Paulo César dos – Um olhar sobre as Exposições Universais. XXVII Simpósio Nacional de História. Natal, RN (22-26/07/2013). *In http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1362520918_ARQUIVO_CesarANPUH1.pdf.* Acesso em: 14/11/2017.

SCHERER, Marta Eymael Garcia – Mulheres da Belle Époque em debate: questões femininas nas crônicas de Olavo Bilac. *Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. (23-26/ago./2010), pp. 1-7. *In http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277217929_ARQUIVO_martae.g.scherer-fazendogenero9.pdf*. Acesso em: 29/10/2019.

SECRETARIA Municipal do Verde e do Meio Ambiente – Jardim da Luz. Prefeitura Municipal de São Paulo. *In http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/parques/regiao_centro oeste/index.php?p=5757.* Acesso em: 22/12/2015.

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. *In http://www.portaldaindustria.com.br/senai/institucional/2015/05/1,1776/historia.htm*. Acesso em: 06/10/2015.

SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – Joias, retratos e iconografia das elites portuguesas de oitocentos. REVISTA de História da Arte n.º 5. 2008, pp. 259-271. *In https://run.unl.pt/bitstream/10362/13242/1/ART_16_Varia_3.pdf.* Acesso em: 18/03/2015.

_____ – Ourivesaria popular: arte, sociabilidade e património das gentes do Minho. REVISTA *de História da Arte*, pp. 223-237. (Este texto resulta da comunicação apresentada em 18 de janeiro de 2006, na Academia Portuguesa da História). *In http://iha.fcsh.unl.pt/uploads/RHA_3_10.pdf.* Acesso em: 12/01/2015.

VAQUINHAS, Irene Maria – [Recensão a:] Gonçalo de Vasconcelos e Sousa: tesouros privados. A joalheria na região do Porto (1865-1879). REVISTA *Portuguesa de História*. N.º 44, 2013. *In http://dx.doi.org/10.14195/0870-4147_44_20.* Acesso em: 14/01/2015.

VEVER, Henri – La bijouterie française au XIXe siècle (1800-1900). Paris: H. Fleury, M. Eugène Le Senne, 1906-1908. *In https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k63791089.* Acesso em: 03/11/2018.

VIANA, Marcele Linhares – A arte decorativa nacional nos salões de arte da ENBA e do MNBA na primeira metade do século XX. *VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver, Sentir, Narrar*. (24-28/06/2012). Teresina, PI: Universidade Federal do Piauí – UFPI. *In http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Marcele%20Linhares%20Viana.pdf*. Acesso em: 19/02/2017.

WITTE, Cláudia – Sissi: tudo o que você sempre quis saber. REZZUTTI, Paulo – *In* www.youtube.com/watch?v=00jfJZY6M2w&list=PLABMi3IEbd01CfjBPIWgUlvDUntC_ZkbA&index=1&t=606s. Acesso em: 23/05/2021.

FONTES IMPRESSAS

ASCOLI, José – *Guia prático da cidade de São Paulo*. São Paulo: José Ascoli Editor/Proprietário – Typographia F. de Fortuna & Cia, 1906.

_____ – *Guia prático da cidade de São Paulo*, IV Edição. São Paulo: Typ. de T. Stocco. 1909.

_____ – *Guia prático da cidade de São Paulo.* V Edição. São Paulo: J.P. Cardozo Editor/Proprietário. Fevereiro de 1910.

_____ – *Guia prático da cidade de São Paulo.* VI Edição. São Paulo: José Ascoli – Editor/Proprietário. Janeiro de 1912.

_____ – *Guia prático da cidade de São Paulo.* VIII Edição. São Paulo: José Ascoli – Editor/Proprietário. 2º Semestre – 1913.

_____ – *Guia prático da cidade de São Paulo.* 10ª. Edição. São Paulo: José Ascoli – Editor/Proprietário. 1915-1916.

FRANÇA, Antônio M. – *Indicador commercial paulista.* Anno III. Edição: 1915-1916. São Paulo: Typ. Literária Artística, 1915, pp. 281-283.

LAEMMERT, Eduardo von – *Almanak administrativo, mercantil e industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para 1844.* Rio de Janeiro: Editor-Proprietários Laemmert, 1844.

_____ – *Almanak administrativo, mercantil e industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para 1850.* 7º Anno. Segunda parte série II. Rio de Janeiro: Casa dos Editores-proprietários Eduardo e Henrique Laemmert, 1850.

_____ – *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro para 1891.* 48º Anno. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brazil, 1891.

LEITE, J. G. D'Arruda – *Almanach paulista illustrado para 1896*. Anno I. São Paulo: J. G. D'Arruda Leite Editor-proprietário, 1896.

LISBOA, José Maria – *Almanach litterario de São Paulo para 1878.* III Anno. São Paulo: Typographia da Província de São Paulo, 1877.

_____ – *Almanach litterario de São Paulo para o anno de 1884*. VII Anno. São Paulo: Typographia da Província de São Paulo. 1883.

LUNÉ, Antônio José Baptista de; FONSECA, Paulo Delfino da – *Almanak da Província de São Paulo* para 1873. Primeiro Anno. São Paulo: Typographia Americana, 1873. Disponível em: http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00038100. Acesso em: 09/02/2015.

_____ – *Almanak da Província de São Paulo para 1873*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Arquivo do Estado, 1985. Reprodução Fac-similar da edição publicada pela Typographia Americana, em 1873. Disponível em: http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=448370. Acesso em: 25/02/2015.

MARQUES, Abílio Aurélio da Silva – *Indicador de São Paulo: administrativo, judicial, industrial, profissional e comercial: para o Ano de 1878*. [Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Arquivo do Estado, 1983]. Reprodução fac-similar da edição Publicada em São Paulo: Typographia de Jorge Seckler, 1878.

MARQUES, Joaquim Roberto de Azevedo & Irmão (org.) – *Almanak administrativo, mercantil e industrial da Província de São Paulo para o Anno de 1857*. 1º Anno. São Paulo: Typ. Imparcial, 1856.

_____ – *Almanak administrativo, mercantil e industrial da Província de São Paulo: para o Anno de 1858*. 2º Anno. São Paulo: Typographia Imparcial, 1857. [AHESP]

MONTEIRO, Oscar – *Almanak histórico-litterario do Estado de São Paulo para o anno de 1896*. 1º Anno. São Paulo: Oscar Monteiro Editor-proprietário. 1896.

_____ – *Almanak histórico-litterario do Estado de São Paulo para o Anno de 1897*. II Anno. São Paulo: Oscar Monteiro Editor, 1897.

MOURA, Francisco Inácio Xavier de Assis (org.) – *Almanaque administrativo, comercial e industrial da Província de São Paulo para o ano bissexto de 1884*, Segundo Ano. São Paulo: Editor-Proprietários Jorge Seckler & Cia., 1883. [BMA]

RANGEL, G. – *Almanach paulista para 1882*. 1º Anno. São Paulo: Typ. Diário da Manhã, 1881.

REIS, Carlos A. – *Almanach illustrado de São Paulo para 1903.* 2º Anno. São Paulo: Typographia a vapor de Rosenhain & Meyer, 1902.

_____ – *Almanach illustrado de São Paulo para 1904.* 3º Anno. São Paulo: Typographia Andrade & Mello, 1903.

SAUER, Arthur – *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro e Indicador para 1905.* 62 Anno. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brazil, 1905.

SECKLER, Jorge (org.) – *Almanach administrativo, commercial e industrial da Província de São Paulo para o anno de 1886*. Quarto Anno. São Paulo: Jorge Seckler & Cia Editores/proprietários, 1886.

SECKLER, Jorge & Comp – *Almanach da Província de São Paulo, administrativo, industrial e commercial para 1887*. Quinto Anno. São Paulo: Editor-Proprietários Jorge Seckler & Cia Editores, 1887. [APESP e BMA]

_____ – *Almanack da Província de São Paulo, administrativo, commercial e industrial* para 1888. Sexto Anno. São Paulo: Jorge Seckler Editor-Proprietário, 1888.

_____ – *Almanach administrativo, commercial e industrial do Estado de São Paulo para o anno de 1890.* Sétimo Anno. São Paulo: Jorge Seckler & Comp. Editor-Proprietários. 1890, pp. 185 e 197.

_____ – *Almanach administrativo, commercial e industrial do Estado de São Paulo para o anno de 1891*. Oitavo Anno. São Paulo: Editora Companhia Industrial de São Paulo, 1891. [APESP]

_____ – *Indicador de São Paulo: administrativo, judicial, industrial, profissional e comercial: para o ano de 1878.* Ed. Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Arquivo do Estado, 1983. [Reprodução fac. Similar da ed. Publicada em São Paulo: Typ. De Jorge Seckler, 1878]

THORMAN, Canuto – *Completo Almanak Administrativo, Commercial e Profissional do Estado de São Paulo para o Anno de 1895*. Nono Anno. São Paulo: Companhia Industrial de São Paulo, 1895.

_____ – *Completo almanak administrativo, commercial e profissional do Estado de São Paulo para 1896*. Décimo Anno. São Paulo: Editora Industrial de São Paulo, 1896.

_____ – *Almanak administrativo, commercial e profissional do Estado de São Paulo para 1897*. Incluindo Indicador da Capital. Décimo Primeiro Anno. São Paulo: Typographia Aurora, 1897.

FONTES ICONOGRÁFICAS

Acervo Iconográfico do Museu da Cidade de São Paulo.

Acervo Iconográfico APESP – Arquivo do Estado de São Paulo.

Acervo Iconográfico particular de Denise Kahn.

Acervo Iconográfico particular de Marie Anne Worms.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Manuel Cardoso de – Divertimento admirável. *In* BRUNO, Ernani Silva (org.) – *Roteiros e notícias de São Paulo colonial: 1751-1804*. São Paulo: Governo do Estado, 1977.

AGUIAR, Karine Petry de – *Ambientes comerciais e a influência do design visual*. São Paulo: [s.n.], 2016. Dissertação (Mestrado em Design e Arquitetura) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

ALEIXO, Cynthia Augusta Poleto – *Edifícios e galerias comerciais: arquitetura e comércio na cidade de São Paulo, anos 50 e 60.* São Carlos: [s.n.], 2005. Dissertação (Mestrado) Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo.

ALGRANTI, Leila Mezan – Famílias e vida doméstica. *In* NOVAIS, Fernando A. (dir.); SOUZA, Laura de Mello e (org.) – *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa.* Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ALLÉRÈS, Danielle – *Luxo. Estratégias, marketing*. Tradução de Mauro Gama. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2006.

ALMEIDA, Guilherme de – *Cosmópolis: São Paulo 1929*. São Paulo: Editora Nacional, 2004.

ALMEIDA, Julia Lopes de – *Livro das donas e donzelas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia. 1906.

ALMEIDA, Júlia Lopes de – *O livro das noivas*. São Paulo: Castorino Mendes Editor, 1929.

ALVIM, Zuleika; PEIRÃO, Solange – *Mappin 70 anos.* São Paulo: *Ex-Libris Ltda,* 1985.

AMARAL, Amadeu – *A capital paulista*: *comemorando o Centenário da Independência*. São Paulo: Sociedade Editora Independência. 1920.

AMARAL, Antônio Barreto do – *Dicionário da história de São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

AMARAL, Aracy – Dona Olívia na Cena Modernista. *In* MATTAR, Denise (org.) – *No tempo dos modernistas; D. Olivia Penteado, a senhora das artes.* São Paulo: FAAP-Fundação Armando Alvares Penteado, 2002.

AMERICANO, Jorge – *São Paulo naquele tempo (1895-1915).* São Paulo: Carrenho, 2004.

AMERICANO, Jorge – *São Paulo naquele tempo (1915-1935).* São Paulo: Edições Melhoramentos, 1962.

ANDRADE, Carolina – *Horácio Sabino: urbanização e histórias de São Paulo*. São Paulo: A & A Comunicação, 2009.

ÂNGELO, Ivan – *85 anos de cultura: história da sociedade de cultura artística*. São Paulo: Studio Nobel. 1998.

_____ – 1880-1913 – Movido a café. *In* PICCAZIO, Cláudia (org.) – *São Paulo 110 anos de industrialização: 1880-1990*. São Paulo: Editora Três. 1992, pp. 1-24.

ARAÚJO, Emanoel (curador) – *Arte, adorno, design e tecnologia no tempo da escravidão.* São Paulo: Museu Afro Brasil, 2013.

_____ – *O café*. São Paulo: Banco Real/ABN AMRO, 2000.

ARAUJO, Marcelo Mattos – *O que é que a Bahia tem*. Ourivesaria do Museu Carlos Costa Pinto – Salvador. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2006.

ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros – Lojas e armazéns das casas de morada paulistas. *In Revista de História* 160, (1º semestre/2009), pp. 285-322.

_____ – *Os caminhos da riqueza dos paulistanos na primeira metade do oitocentos*. São Paulo: Hucitec: FAPESP, 2006.

_____ – Os interiores domésticos após a expansão da economia exportadora paulista. *In Anais do Museu Paulista*. São Paulo, Vol.12. (jan./dez./2004), pp. 129-160.

ARAÚJO, Vicente de Paula – *Salões, circos e cinema de São Paulo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

ARGAN, Giulio Carlo – *Arte moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____ – *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ARGULLOL, Rafael – *História geral da arte*. *O objeto artístico*. Madrid: Edições Del Prado, 1996.

ATTERBURY, Paul; THARP, Lars – *Enciclopédia ilustrada de antiguidades*. Lisboa: Editorial Estampa, Lda, 1996.

AVÉ-LALLEMANT, Robert (1812-1884) – *Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1980.

AZEVEDO, Aroldo de – *A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana.* Volume III: *Aspectos da metrópole paulista*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

AZEVEDO, Militão Augusto de – *São Paulo em três tempos: álbum comparativo da cidade de São Paulo (1862-1887-1914)*. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo, 1982.

BANDEIRA JÚNIOR, Antônio Francisco – *A indústria no Estado de São Paulo em 1901*. São Paulo: Typ. do Diário Official, 1901.

BARBOSA, Agenor – Onde São Paulo se diverte. *In* AMARAL, Amadeu – *A capital paulista*: *comemorando o Centenário da Independência*. São Paulo: Edição Sociedade Editora Independência, 1920, pp. 55-63.

BARBUY, Heloisa – *A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914.* São Paulo: EDUSP, 2006.

BARDI, Pietro Maria – *Mestres, artífices, oficiais e aprendizes.* São Paulo: Banco Sudameris Brasil, 1981.

_____ – *O Ouro no Brasil.* São Paulo: Raízes Artes Gráficas, 1988.

BARROS, Maria Paes de – *No tempo de dantes*. 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
_____ – No Tempo de Dantes. *In* MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.) – *Vida cotidiana em São Paulo no século XIX: memórias, depoimentos, evocações*. São Paulo: Ateliê Editorial: Fundação Editora da UNESP: Imprensa Oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura, 1998.

BARTHES, Roland – *Mitologias*. Rio de Janeiro: Difel, 2003.

_____ – *O sistema da moda*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

BASTOS, Sênia – *A cidade por seus moradores*. São Paulo: [s.n.], 2001. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica, SP.

BATTERSBY, Martin – *The Decorative Thirties*. London: Studio Vista, 1971.

BAUDOT, François – *Moda do século.* São Paulo: Cosac Naify, 2008.

BAUDRILLARD, Jean – *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 2010 ou 1981

BAYARD, Jean-Pierre – *Os talismãs: psicologia e poderes dos símbolos de proteção*. São Paulo: Pensamento, 1976.

BECKER, Vivienne – *Art Nouveau Jewelry*. New York: E.P. Dutton, 1985.

BEDEL, Jean – *Dictionnaire illustré des Antiquités & de La Brocante*. France: Larousse, 1988.

BELL, C. Jeanenne – *Answers to Questions About Old Jewelry*: *Covers 1840-1950.* Iola, Wisconsin: Krause, 2003.

BENEVOLO, Leonardo – *História da cidade.* 4ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

BESSE, Susan – *Modernizando a desigualdade; reestruturação da ideologia do gênero no Brasil: 1914-1949.* São Paulo: Edusp. 1999.

BEYER, Gustavo – Ligeiras notas de viagem do Rio de Janeiro à Capitania de São Paulo em 1813. *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, XII, 1908, pp. 286-296.

BIEDERMANN, Hans – *Dicionário ilustrado de símbolos*. São Paulo: Melhoramentos, 1994.

BILLETER, Erika – Why does man adorn himself? *In* HEINIGER, Ernest Albrecht; HEINIGER, Jean (*et al*) – *The Great book of Jewels*. Lausanne: Edita, 1974, pp. 49-86.
BIVAR, Vanessa Santos – *Vivre à St. Paul: os imigrantes franceses na São Paulo oitocentista.* São Paulo: [s.n.], 2008. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras, Ciências e História. Universidade de São Paulo.

BLACK, J. Anderson – *A History of Jewelry*. Nova York: Park Lane, 1981.

BOEHN, Max von – *Accesorios de la moda.* Barcelona: Salvat, 1950

BONADIO, Maria Claudia – *Moda e sociabilidade: mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo. 2007.

BORGES, Urquiza Maria – *Negociantes na cidade de São Paulo (1875-1880).* São Paulo [s.n.], 1979. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

BOUCHERON. Frédéric – "*Or* ou *Platine*?" *In* HUYGHE*, René – L'Amour de L'Art: parures et bijoux.* Revista Mensal, (Ano 27 - Nº 26 e 27). Paris: Éditions Paul Dupont, 1947, p. 378.

BOURDIEU, Pierre – *O poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRAGA, João – *Um século de moda*. São Paulo: D'livros Editora, 2013.

BRANCANTE, Maria Helena – *Os Ourives: na História de São Paulo*. São Paulo: Árvore da Terra, 1999.

BRANCO, Pércio de Morais – *Glossário Gemológico*. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1984.

BRUNA, Paulo Júlio Valentino – *Arquitetura, Industrialização e Desenvolvimento.* São Paulo: Editora Perspectiva e Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

BRUNET, Marcelle; PRÉAUD, Tamara – *Sèvres - Des origines à nos jours*. Fribourg, Suisse: Office du Livre, 1978.

BRUNO, Ernani Silva – *História e Tradições da Cidade de São Paulo*. Vol. II. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora. 1954.

_____ – *História e Tradições da cidade de São Paulo*. 4ª. Ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

_____ – *Memória da cidade de São Paulo: depoimentos de moradores e visitantes (1553-1958)*. São Paulo: Publicação do Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura do Município de São Paulo. 1981.

_____ – *São Paulo: terra e povo*. Porto Alegre: Ed. Globo S/A, 1967.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira – *São Paulo: um novo olhar sobre a história: a evolução do comércio de varejo e as transformações da vida urbana*. São Paulo: Via das Artes. 2012.

BURGOS, Leonardo; ALMEIDA, Marina – *Museu aberto: esculturas no espaço público do Parque da luz.* São Paulo: Pinacoteca de São Paulo. 2007

BURY, Shirley – *An introduction to Sentimental Jewellry*. London: H.M.S.O., 1985.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida – *Os primeiros almanaques de São Paulo.* Introdução à edição fac-similar dos almanaques de 1857 e 1858. São Paulo: IMPESP/DAESP, 1983.

CAMPOS, Candido Malta; (org.) (*et al*.) – *São Paulo, metrópole em trânsito: percursos urbanos e culturais*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo. 2004.

CAMPOS, Eudes (org.) – *Arquivo histórico de São Paulo, história pública da cidade.* São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011.

CANABRAVA, Alice – Apresentação. *In* MELLO, Zélia – *Metamorfoses da Riqueza: São Paulo 1845-1895*. São Paulo: Hucitec, 1985.

CARAMELLA, Elaine. *História da arte:* fundamentos semióticos. São Paulo: EDUSC, 1998.

CARBONCINI, Anna – *Perfume e maquilagem numa exposição*. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand – MASP, 1978.

CARDOSO, Ana Cláudia Dias – *A joia como complemento da moda.* Lisboa: [s.n.], 2010. Dissertação (Mestre em Design de Moda). Faculdade de Arquitetura. Universidade Técnica de Lisboa. Portugal.

CARONE, Edgard – *A evolução industrial de São Paulo (1889-1930).* São Paulo: Editora SENAC SP, 2001.

CARVALHO, Rui Galopim de – Gemas no tempo de D. João VI no Brasil. *In Catálogo de Exposição: Joias Reais – Joalheria Contemporânea Luso-Brasileira*; pp. 55-58. [(13/03 – 18/05/2008) – Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro. (16/10 – 30/11/2008) – Palácio Nacional da Ajuda em Lisboa]

CARVALHO, Vânia Carneiro de – *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920*. São Paulo: [s. l.], 2001. Tese (Doutorado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

CARVALHO, Vânia Carneiro de – *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara – *Civilização e cultura*: *pesquisas e notas de etnografia geral*. Vol. I. Rio de Janeiro: MEC; José Olympio, 1973.

CASTARÉDE, Jean – *O luxo: os segredos dos produtos mais desejados do mundo*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2005.

CASTELLANI, José – *São Paulo na década de trinta*. São Paulo: Editora Policor Ltda, 1977.

CAVALCANTI, Pedro; DELION, Luciano – *São Paulo: a juventude do Centro*. São Paulo: Grifo Projetos Históricos e Editoriais, 2004.

CELSO, Affonso – A Cidade de São Paulo. *In Álbum imperial*. São Paulo: Typ. Hennies Irmãos. (Ano II - Nº I), 1907, p. s/nº.

CHAMPIGNEULLE, Bernard – *A Art Nouveau*. São Paulo: Verbo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain – *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

CLETO, Marcelino Pereira – Dissertação sobre a Capitania de São Paulo, sua decadência e modo de restabelecê-la. (25 de outubro de 1782). *In* BRUNO, Ernani Silva (org.) – *Roteiros e notícias de São Paulo colonial: 1751-1804*. São Paulo: Governo do Estado, 1977.

CLETO, Marcelino Pereira (*et al.*) – *Roteiros e notícias de São Paulo colonial: 1751-1804*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1977.

COCKS, Anna Somers – *An Introduction to Courtly Jewellery.* London: Pitman Books Ltd, 1982.

CODINA, Carles – *A joalheria*. Barcelona: Estampa, 2000.

_____ – *A ourivesaria.* Barcelona: Estampa, 2002.

CORBETTA, Gloria – *Joalheria de arte.* Porto Alegre: AGE, 2007.
COSTA, Elizabeth Goldfarb – A cidade e o comércio ambulante*. In Anel, cordão, perfume barato: uma literatura do espaço do comércio ambulante na cidade de São Paulo.* São Paulo: Nova Stella: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

COSTA, Emília de Sousa – *Na sociedade e na família*. Lisboa: Livraria Clássica Editora. 1943.

CRAWLEY, Jane – *Sotheby's World Guide to Antiques and Their Prices:* 1986 Edition. London: Penguin Books, 1985, p. 273-294.

CRUZ, Heloisa de Faria – *São Paulo em papel e tinta. Periodismo e vida urbana (1890-1915)*. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2000.

CUNNINGHAM, Scott – *Enciclopédia de cristais, pedras preciosas e metais*. São Paulo: Gaia, 2005.

CURY, Marília Xavier – *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.

D'ALESSIO, Vito (*et al.*) – *Avenida Paulista: a síntese da metrópole.* São Paulo: Dialeto Latin American Documentary, 2002.

D'ALINCOURT, Luís – *Memória sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá.* Vol. VIII. Biblioteca Histórica Paulista. São Paulo: Livraria Martins, 1953.

D'ALLEMAGNE, Henry Rene – *Les Accessoires du Costume et du Mobilier: depuis le Treizieme jusqu'au milieu du Dixneuvieme Siecle – Tomes* I, II e III (em dois volumes). Paris: Schemit, 1928.

D'ANGELO, André Cauduro – *Precisar, não precisa: um olhar sobre o consumo de luxo no Brasil*. São Paulo: Lazuli Editora, 2006.

D'INCAO, Maria Ângela – Mulher e família burguesa. *In* PRIORE, Mary Del (org.) – *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000, pp. 223-240.

DALLARI, Heloisa – *Design e exposição: das vitrines para as novas telas*. São Paulo: [s.n.], 2008. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

DANON, Diana Dorothèa; TOLEDO, Benedito Lima de – *São Paulo: Belle Époque*. São Paulo: Editora Nacional; EDUSP, 1974.

DANTAS, Arruda – *Dona Olívia: Olívia Guedes Penteado*. São Paulo: Sociedade Impressora Pannartz, 1975.

DAVALLON, Jean – Pensar a exposição como um ritual de representação. *In: L'Exposition à l'Oeuvre.* Paris/Montreal. L Harmattan. 1999, pp. 185-193

DAVERIO, Dr. Paul-J. – *Louis Comfort Tiffany.* Lausanne: Editions Galerie des Arts Décoratifs S.A., 1974.

DAYÉ, Cláudia; (*et al.*) – *Joalheria no Brasil: história, mercado e ofício*. Barueri, SP: Disal, 2017.

DEAECTO, Marisa Midori – Entre rendas e *pince-nez*: a dinâmica do Centro de São Paulo – Comércio e vida urbana: combinação estimulante, síntese do desenvolvimento vertiginoso da capital paulista no limiar do século XX. *In* Revista *Cultura e Extensão USP*. São Paulo: [s.n.] Vol. 8, (nov./2012), pp. 17-25.

DEAECTO, Marisa Midori – *Comércio e vida urbana na cidade de São Paulo (1889-1930).* São Paulo: SENAC. 2002.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François – *Conceitos-chave de Museologia.* São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DIAS, Carlos; OHTAKE, Ricardo – *Jardim da Luz: um museu a céu aberto.* São Paulo: Editora SENAC. São Paulo: Edições SESC SP. 2011.

DIVO, Carlos – *Enciclopédia multimídia da arte universal*. São Paulo: Editora Abril, 1997.

DUCAN, Alastair – *American Art Deco*. London: Thames & Hudson, 2003.

_____ – *Art Deco*. London: Thames & Hudson, 1988.

DURAND, José Carlos – *Moda, luxo e economia*. São Paulo: Babel Cultural, 1988.

ECO, Umberto – *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

ELIADE, Mircea – *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EWALD, Ariane – Apresentação. *In* CASTARÈDE, Jean – *O luxo: os segredos dos produtos mais desejados do mundo*. [Tradução Mário Vilela]. São Paulo: Editora Barcarolla, 2005.

FAZENDA, Pedro – *A ourivesaria portuguesa contemporânea e os metais e pedras preciosas*. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1983.
FERREIRA, Maria Teresa Gomes; FALCÃO, José Antônio – *Lalique: joias*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

FERREIRA, Tito Lívio – *História de São Paulo*. Vol. 2. São Paulo: Gráfica Biblos, 1969.

FERTÉ, Etienne Coche de la – *Les Bijoux Antiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 1956.

FIGUEIREDO, Jéssica Patrícia – *Etiqueta e hospitalidade: do "bom-tom" às "boas maneiras"*. São Paulo: [s.n.], 2007. Dissertação (Mestre em Hospitalidade) Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo.

FLOWER, Margaret – *Victorian Jewellry*. Londres: Cassell, 1951.

FRANCESCHI, Humberto Moraes – *O ofício da prata no Brasil*. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1988.

FRANCO, Rui Ribeiro – *As pedras preciosas: noções fundamentais*. São Paulo: Desa, 1965.

FREHSE, Fraya – *O tempo das ruas na São Paulo de fins do Império.* São Paulo: EDUSP, 2005.

FREITAS, Affonso Antônio de – *Tradições e reminiscências paulistanas*. 3ª Ed. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1978.

_____ – *Dicionário histórico, topográfico, etnográfico ilustrado do município de São Paulo*. São Paulo: Gráfica Paulista Editora, 1930.

FREITAS, Sônia Maria de – *Presença portuguesa em São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial: Memorial do Imigrante, 2006.

FROMANGER, H. D. – *Bijoux et Pierres précieuses.* Paris: Hachette, c1970.

FUNDAÇÃO Museu Carlos Costa Pinto – *A sedução das joias – séculos XVIII e XIX: coleção particular* – São Paulo: Catálogo/Fundação Museu Carlos Costa Pinto – Salvador: FMCCP, 2005.

FURTADO, Celso – *Formação econômica do Brasil*. 32ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

GALLAS, Alfredo O. G.; GALLAS, Fernanda Disperati – *Art Déco: Europa, Estados Unidos, Brasil*. São Paulo: Ed. do Autor, 2013.

GARNER, Philippe – *Glass 1900: Gallé, Tiffany, Lalique*. London: Thames and Hudson, 1979.

GEERTZ, Clifford – *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIL, Santiago Alcolea – As artes decorativas aplicadas à indumentária e ao ornamento pessoal. *In História geral da arte.* Vol. III. Madrid: Edições Del Prado, 1996.

_____ (*et al.*) – As profundas renovações da indumentária e do adorno pessoal nos séculos XIX e XX. *In História geral da arte. Artes decorativas*. Volume III. Madrid: Edições Del Prado, 1996, pp. 52-64.

GILTAY-NIJSSEN, L. – *Jewelry.* Londres: Merlin, 1964.

GIRAUDY, Danièle – *O museu e a vida.* Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Porto Alegre: Instituto Estadual de Livro; Belo Horizonte: UFMG, 1990.

GODOY, Joaquim Floriano de – *A Província de São Paulo: trabalho estatístico, histórico e noticioso*. 2ª Ed. fac-similada/introdução e notas de Brasil Bandecchi. São Paulo: Governo do Estado, 1978.

GOLA, Eliana – *A joia, história e design.* São Paulo: SENAC – São Paulo, 2008.

GOLA, Eliana – *A joia*: *uma pesquisa histórica*. São Paulo: [s.n.], 2002. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

GOLDBERG, Nancy; HART, Harold H. – *Jewelry.* New York City: Hart Publishing Company, Inc. 1978.

GOMBRICH, Ernst Hans Josef – *Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*. 4ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

_____ – *História da arte*. Rio de Janeiro: LTC, c1999.

GOMES, Ângela de Castro – Imigrantes italianos: entre a italianità e a brasilidade. *In* BRASIL: *500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007, pp. 159-177.

GONÇALVES FILHO, Antônio – Mestres vencem as trevas do Parque da Luz. *In O Estado de São Paulo*, Caderno 2 (Visuais), (25/09/1999), p. D7.

GOULART, Paulo Cezar Alves; MENDES, Ricardo – *Noticiário geral da fotografia paulistana, 1839-1900.* São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2007: Imprensa Oficial.

GRANGEIRO, Cândido Domingues – *As artes de um negócio: a febre photographica: São Paulo, 1862-1886.* São Paulo: FAPESP, 2000.

GREGORIETTI, Guido – *Jewelry through the ages*. Londres: Hamlyn, 1973.

_____ – Precious Ornaments in Ancient Civilizations. *In* HEINIGER, Ernest Albrecht; HEINIGER, Jean (*et al*) – *The Great book of Jewels*. Lausanne: Edita, 1974, pp. 87-136.

GREGORY, Valdir – Imigração alemã: formação de uma comunidade teuto-brasileira. *In* IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informação – *BRASIL: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007, p. 141-157.

GRIMES, Mary K.; GERSELL, Georgiann – *The Impact of Art Deco: 1923-1940. Catalogue and Exhibition April* 20 *through May* 23. Indianapolis, Indiana: *The Indianapolis Museum of Art*, 1976.

GRINBERG, Keila – Nova língua interior: os judeus no Brasil. *In* IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informação – *BRASIL: 500 anos de povoamento.* Rio de Janeiro: IBGE, 2007, pp. 123-139.

GUEDES, Rui; VASSALLO e SILVA, Nuno – *Joalharia portuguesa.* Lisboa: Bertrand Editora, 1995.

GUERREIRO, António – *Exposições universais: Paris 1900*. Lisboa: Expo 98: Seleprinter, Sociedade Gráfica, Lta., 1995.

GUIA *de bens culturais da cidade de São Paulo*. Departamento do Patrimônio Histórico. São Paulo: Imprensa Oficial, 2012.

GUIMARÃES, Denise Adell de Freitas – *A decoração nas residências de elite: a produção material e simbólica dos espaços da casa*. São Paulo: [s.n.], 2010. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal; VAINFAS, Ronaldo – Sonhos galegos: os espanhóis no Brasil. *In* IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informação – *BRASIL: 500 anos de povoamento.* Rio de Janeiro: IBGE, 2007, pp. 101-121.

HACKENBROCH, Yvonne – Jewelry. *In* RAMSEY, L. G. G. – *The Concise Encyclopedia of Antiques*. Vol.2. London: RAMSEY, F.S.A. 1955.

HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

HEINIGER, Jeanne; Ernst, A. – *Le Grand Livre des Bijoux*. Suíça: Edita Lausanne, 1974.

HOBSBAWM, Eric. J. – *Da revolução industrial inglesa ao imperialismo.* [1ª ed. 1968]. Tradução de D. M. Garschagen. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978, p. 71.

HOLLOWAY, Thomas H. – *Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOMEM, Maria Cecília Naclério – *Higienópolis: grandeza de um bairro paulistano.* 2ª Ed. ampliada. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

_____ – *O palacete paulistano; o processo civilizador e a morada da elite do café (1867-1914-18).* São Paulo: [s.n.], 1992. Tese (Doutorado), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

_____ – *O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira: 1867-1918*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HUGHES, Graham – *The Art of Jewelry: a survey of craft and creation*. London: Studio Vista Publishers, 1972.

IANNI, Otavio – *Uma cidade antiga*. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: Museu Paulista da USP, 1988.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS – IBRAM. *Museus em números*. Vol. II. Ministério da Cultura. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011, p. 442-470.

JANUÁRIO, Erlaine Aparecida – Joias de adorno, como investimento e devoção. *In A sociedade das aparências: Vila Rica (1789-1807).* Monografia no curso de especialização em História. Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu*. São João Del Rei/UFSJ, 2003.

JUNIUS – Já ninguém sai à janela para ver o carro que passa. *In* BRUNO, Ernani Silva – *Memória da cidade de São Paulo: depoimentos de moradores e visitantes (1553-1958)*. São Paulo: Publicação do Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura do Município de São Paulo, 1981.

KALIL, Mariana – *O endereço do luxo.* Rio de Janeiro: Época, 2002.

KAREPOVS, Dainis – *São Paulo: a imperial cidade e a Assembleia Legislativa Provincial.* São Paulo: Assembleia Legislativa, Divisão de Acervo Histórico, 2005.

KERTESZ, Margarita Wagner de – *História Universal de las Joyas – atraves del arte y la cultura*. Buenos Aires: Ediciones Centurion, 1947.

KIDDER, Daniel P. – *Reminiscência de viagens e permanência no Brasil*. São Paulo: Livraria Martins, 1940.

KLEIN, Dan – *All Color Book of Art Deco*. London: Octopus Books Limited, 1974.

KLIAUGA, Andréia Madeira; FERRANTE, Maurizio – *Metalurgia básica para ourives e designers*: *do metal à joia*. São Paulo: Blucher, 2009.

KLINTOWITZ, Jacob – *A arte do comércio I, São Paulo 1900 – 1930*. São Paulo: SENAC, 1988.

_____ – *A Arte do comércio II, São Paulo 1930 – 1954*. São Paulo: SENAC, 1989.

_____ – *A Arte do comércio III, São Paulo 1955 – 1991*. São Paulo: Empresa das Artes, 1991.

KNAUSS. Paulo – Prefácio. *In* MALTA, Marize – *O olhar decorativo: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011, pp. 13-14.

KOHLER, Carl – *História do vestuário.* São Paulo: Martins Fontes, 1993.

KOSSOY, Boris – "Fotografia". *In* ZANINI, Walter, org. – *História geral da arte no Brasil.* São Paulo: Instituto Walther Moreira Sales. Vol. 2, 1983, pp. 869-913.

_____ – *Hercule Florence: a descoberta isolada da fotografia no Brasil.* São Paulo: EDUSP, 2006.

KUZNESOF, Elizabeth Anne – A família na sociedade brasileira: parentesco, clientelismo e estrutura social (São Paulo, 1700-1980). *In Revista Brasileira de História*. *Famílias e Grupos de Convívio*. (Organizada por Eni de Mesquita Samara). São Paulo: ANPUH/Editora Marco Zero, (Vol.9 - Nº 17), (set./1988 - fev./1989), pp. 37-63.

LAGO, Bia Corrêa do – *Os fotógrafos do Império: a fotografia brasileira do século XIX.* Rio de Janeiro: Capivara, 2005.

LAGO, Pedro Corrêa do – *Iconografia paulistana do século XIX*. Rio de Janeiro: Capivara, 2003.

LANHAS, Fernando – *Ourivesaria do Norte de Portugal.* Porto: Casa do Infante, 1984.

LAVER, James – *A roupa e a moda*, *uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LEITE, Carlos Eduardo Barros – *A evolução das Ciências Contábeis no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

LÉVI-STRAUSS, Claude – *Antropologia Estrutural Dois*. Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro, 1976.

LEXIKON, Herder – *Dicionário de símbolos.* São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix LTDA, 2013.

LIMEIRA, Tania Vidigal – Comércio: arte, paixão e legado. *In* WORCMAN, Karen; OLIVEIRA, Cláudia Leonor (org.) – *Comércio em São Paulo: imagens e histórias da cidade*. [Museu da Pessoa] São Paulo: Edições SESC SP, 2012.

LIPOVETSKY, Gilles – Luxos modernos, luxos pós-modernos. *In* LIPOVETSKY, Gilles; ROUX, Elyette – *O luxo eterno: da idade do sagrado ao tempo das marcas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, pp. 44-46.

LIPOVETSKY, Gilles; ROUX, Elyette – *O luxo eterno: da idade do sagrado ao tempo das marcas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LOPES, Fabíola Lowenthal – *Temporalidades na Avenida Paulista: narrativas em literatura e urbanismo*. Campinas: [s.n.], 2018. Dissertação (Mestre em Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Católica de Campinas.

LUCA, Tania Regina de – *São Paulo no século XX: segunda metade*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: POIESES, 2011.

LUCHIN, Atílio – *Memórias da Casa Hanau*. São Paulo: Atílio Luchin, c.1980.

MACHADO, Paulo Affonso de Carvalho – *Antiguidades do Brasil*. Rio de Janeiro: Gráfica e Editora Celsus Ltda, 1983.

MAGALHÃES, Lívia Gonçalves – *Histórias do futebol.* São Paulo: Arquivo Público do Estado. 2010.

MAGTAZ, Mariana – *Joalheria brasileira*: *do descobrimento ao século XX.* [S. l.]: [s. n.], 2008.

MALIN, Mauro – *Memórias do comércio*. São Paulo: SESC: SENAC: SEBRAE. 1995.

MALLADIEU, Huon – *História ilustrada das antiguidades.* São Paulo: Nobel, 1999.

MALRAUX, André – O museu imaginário. *In As vozes do silêncio*. Tradução de José Júlio Andrade dos Santos. Lisboa: Livros do Brasil, 195-?.

MALTA, Marize – *O olhar decorativo: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

MARCÍLIO, Maria Luiza – *A cidade de São Paulo: povoamento e população (1750-1850)*. São Paulo: Pioneira, 1974.

_____ – *Crescimento demográfico e evolução agrária paulista (1700-1836)*. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 2000.

MARINO, João – Notas sobre a prata e a mineração no Brasil. *In Coleção de arte brasileira*. São Paulo: Raízes, 1983.

MARTINS, Antônio Egydio – *São Paulo antigo, 1554-1910*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MARTINS, José de Souza – *São Paulo no século XX: primeira metade*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: POIESIS, 2011.

MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von; SPIX, Johann Baptist von – *Viagem pelo Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

MASP - Museu de Arte de São Paulo (org.) – *São Paulo: onde está a sua história*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura / Secretaria Municipal de Cultura, 1981.

MATOS, Odilon Nogueira de – São Paulo no século XIX. *In* AZEVEDO, Aroldo de (org.) – *A cidade de São Paulo – estudos de geografia urbana.* Vol. II. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958, pp. 49-100.

MATTAR, Denise (org.) – *No tempo dos modernistas; D. Olivia Penteado, a senhora das Artes.* São Paulo: FAAP-Fundação Armando Alvares Penteado, 2002.

MATTOS, Dirceu Lino de – O parque industrial paulistano. *In* AZEVEDO, Aroldo de (org.) – *A cidade de São Paulo – os estudos de geografia urbana.* Vol. III. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958, pp. 5-93.

MAWE, John – *Viagens ao interior do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Zélio Valverde, 1944.

_____ – *Viagens ao interior do Brasil*. Trad. Selena Benevides Viana. São Paulo: Edusp, 1978, p. 63-64.

McGRATH, Jinks – *Jewelry making basic techniques*. Londres: Krause Publ, 2003.

MEDEIROS, Jotabê – *Patrimônio histórico tomba toda a região da Luz*. Caderno 2, Preservação. O Estado de São Paulo, (12/08/2000), p. D20.

MELLO, Zélia Maria Cardoso de – *Metamorfose da riqueza, São Paulo, 1845-1895*. São Paulo: Hucitec, 1985.

MENDES, Ricardo – O comércio e sua iconografia: um olhar sobre a coleção de imagens. *In* OLIVEIRA, Cláudia Leonor; WORCMAN, Karen (org.) – *Memórias do comércio paulista: guia do acervo*. SESC São Paulo; Museu da Pessoa. São Paulo: Edições SESC SP, 2012, pp. 80-84.

MENDES, Valerie D; HAYE, Amy de La – *A moda do século XX*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MENDONÇA, Anna Amélia de Queiroz Carneiro de – *Joias do Brasil antigo.* São Paulo: Arquimedes, 1968.

MILLER, Judith – *Miller's Antiques Encyclopedia*. London: Reed Consumer Books Limited, 1998.

MILLS, John Robert – Esportes da Velha Albion num país tropica". *In* MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.) – *Brasil – Grã-Bretanha: uma relação de cinco séculos*. São Paulo: Museu a Céu Aberto, 2010, p. 232-255.

MINISTÉRIO DA CULTURA – *Patrimônio: práticas e reflexões*. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

MONBEIG, Pierre – *Aspectos geográficos do crescimento da cidade de São Paulo*. Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros/Seção Regional de São Paulo, n. 16, (mar./1954).

_____ – *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Editora Hucitec; Editora Polis, 1984.

MONTOUCHET, Pierre – Esboço histórico da ourivesaria e joalheria. *In Revista RJ* – Publicação mensal especializada em relógios, joias e bijuterias. (Ano II - Nº 19), (ago./1960). São Paulo: Rhader's Comercial Ltda. 1960.

MOREL, Bernard – *Les Joyaux de la Couronne de France*. França: Albin Michel, 1988.

MORSE, Richard McGee – *Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

MOTA, Carlos Guilherme – São Paulo no século XIX (1822-1889): esboço de interpretação. *In Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, (Vol. 4 - Nº 1), 2004, pp. 9-16.

MOTA, Rosa Maria dos Santos – *O uso do ouro popular no Norte de Portugal no século XX.* Porto: [s.n.], 2014. Tese (Doutorado em Estudos do Património), Faculdade de Artes, Universidade Católica Portuguesa. 2 vols.

MOTTA, Flávio Lichtenfels – Art nouveau, modernismo, ecletismo e industrialismo. *In* ZANINI, Walter (org.) – *História geral da arte no Brasil*. Vol. 1. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles. 1983, pp. 453-487.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de – *Vida cotidiana em São Paulo no século XIX: memórias, depoimentos, evocações.* São Paulo: Ateliê Editorial: Fundação Editora da Unesp: Imprensa Oficial do Estado: Secretaria do Estado da Cultura, 1998.

MOURA, Paulo Cursino de – S*ão Paulo de Outrora: evocações da metrópole.* Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.

MOUTINHO, Stella Rodrigo Octavio; (*et al.*) – *Dicionário das artes decorativas e decoração de interiores*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MÜLLER, Daniel Pedro – *Ensaio d'um quadro estatístico de São Paulo: organizado pelas leis municipais de 11 de abril de 1836 e 10 de março de 1837*. 3ª ed. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1978.

MUNN, Geoffrey C. – *The Triumph of Love, Jewelry 1530-1930.* London: Thames and Hudson, 1993.

MUSA, João Luiz; (*et al*.) – *São Paulo, anos 20: andar, vagar, perder-se*. São Paulo: Melhoramentos de São Paulo Livrarias, 2003.

MUSEU de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand – *São Paulo, onde está sua história.* São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura: Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1981.

NADUR, Ângela Vido – *A Lapidação de gemas no panorama brasileiro*. São Paulo: [s.n.], 2009. Dissertação (Mestre em Ciências). Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo.

NASCIMENTO, José Leonardo do – *São Paulo no século XIX*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: POIESIS, 2011.

NAZZARI, Muriel – Dotes paulistas: composição e transformações (1600-1870). *In Revista Brasileira de História*. São Paulo, Vol.9 - Nº 17, (set./1988 – fev./1989), pp. 87-100.

NEVES, Washington de Carvalho – Ramos de Azevedo: o inventor de paisagens. *In Correio Popular*, Campinas. (16/12/1999).

NÓBREGA, José Claudino da – *Memórias de um viajante antiquário*. São Paulo: Raízes, 1984.

NOBREGA, Mello – *História do rio Tietê.* 2ª Ed. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1978.

O'NEILL, Amanda – *Introdução às artes decorativas: 1890 até nossos dias*. Portugal: Estampa, 1990.

OLIVEIRA, Antônio Rodrigues Veloso de – *Memória sobre o melhoramento da Província de São Paulo*. 2ª Ed. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1978.

OLIVEIRA, José da Veiga – A história dos teatros paulistanos. *In O Estado de São Paulo*. Suplemento Cultural. (29/07/1979), pp. 9-10.

OLIVEIRA, José Joaquim Machado de – *Quadro histórico da Província de São Paulo*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1978.

OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de – *Entre a casa e o armazém: relações sociais e experiência da urbanização, São Paulo, 1850-1900*. São Paulo: Alameda, 2005.

PAIVA, Eduardo França – Bateias, carumbés, tabuleiros: mineração africana e mestiçagem no Novo Mundo. *In:* ARAÚJO, Emanoel (curador). *Arte, adorno, design e tecnologia no tempo da escravidão.* São Paulo: Museu Afro Brasil, 2013, p. 125.

PAIVA, Odair da Cruz – *História da (i)migração: imigração e migração em São Paulo entre o final do século XIX e início do século XXI.* São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

PAIVA, Orlando Marques de (ed.) – *O Museu Paulista da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Banco Safra, 1984.

PANOFSKY, Erwin – *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

PASSARELLI, Silvio – *O Universo de Luxo: marketing e estratégia para o mercado de bens e serviços de luxo.* Barueri: Manole, 2010.

PASTORE, Almir – *Joias*. São Paulo: Almir Pastore, 2003.

PASTRO, Cláudio – *A arte no Cristianismo: fundamentos, linguagem, espaço*. São Paulo: Paulus, 2010.

PAULA, Eurípedes Simões de – A segunda fundação de São Paulo. Da pequena cidade à grande metrópole de hoje. *In Revista de História da Universidade de São Paulo*. 1954. (Vol. 8, Nº. 17). 1954,

_____ – *Contribuição monográfica para o estudo da segunda fundação de São Paulo.* São Paulo, 1936.

PAYNE, Blanche; (*et al*.) – *The history of costume: from ancient Mesopotamia through the twentieth century*. 2ª ed. New York: Harper Collins Publishers Inc. 1992.

PEDRO, Carina Marcondes Ferreira – *Casas importadoras de Santos e seus agentes: comércio e cultura material (1870-1900).* São Paulo: [s.n.], 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

PENTEADO, José Roberto Whitaker – Todo poder aos desejos. *In* ALLÉRÈS, Danielle – *Luxo...: estratégias, marketing*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

PEREIRA, Margareth da Silva – A Exposição Nacional de 1908 ou o Brasil visto por dentro. *In* PEREIRA, Margareth da Silva (org.) – *1908, um Brasil em exposição*. Rio de Janeiro: Casa Doze, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy – *Exposições Universais: espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.

PESTANA, Paulo R. – A cidade de São Paulo. *In* AMARAL, Amadeu – *A capital paulista*: *comemorando o Centenário da Independência*. São Paulo: Sociedade Editora Independência. 1920, pp. 1-7.

PERCY, Christopher Vane – *Lalique Verrier: Guide du Collectionneur*. Lausanne (Suisse): La Société Edita S.A. / Denoël. 1977.

PERROT, Michelle (org.) – *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PETRONE, Pasquale – A cidade de São Paulo no século XX. *In* PAULA, Eurípedes Simões de – *Evolução Urbana de São Paulo*. Coleção da Revista de História V. São Paulo: [s.n.], 1955, pp. 77-121.

_____ – São Paulo no século XX. *In* AZEVEDO, Aroldo de (org.) – *A cidade de São Paulo – estudos de geografia urbana.* Volume II. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958, pp. 101-160.

PETROVÁ, Sylva (dir.); OLIVIÉ, Jean-Luc – *Verres de Bohême: 1400-1989: chefs-d'oeuvre des musées de Tchécoslovaquie.* Paris: Musée des Arts Décoratifs; Paris: Flammarion, 1989.

PEZZOLO, Dinah Bueno – *A pérola*. São Paulo: SENAC, 2004.

PHILLIPS, Clare – *Jewelry: from antiquity to the present*. London: Thames and Hudson Ltd, 1997.

_____ – *Jewels & Jewellry*. Londres: V&A Publishing, 2008.

PICCAZIO, Cláudia (org.) – *São Paulo, 110 Anos de industrialização: 1880-1990*. São Paulo: Editora Três. 1992.

PILAGALLO, Oscar; DIWAN, Pietra – *Comércio: do mascate ao mercado.* São Paulo: Folha de São Paulo, 2012.

_____ – *Imigrantes: esperança em terra nova*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2012.

PINTO, Alfredo Moreira – *A cidade de São Paulo em 1900: impressões de viagem*. 2ª. Ed. São Paulo: Governo do Estado, 1979.

_____ – *A cidade de S. Paulo em 1900: impressões de viagem*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.

PIRES, Mário Jorge – *Sobrados e barões da velha São Paulo.* Barueri, SP: Manole, 2006.

PORCHAT, Edith – *Informações históricas sobre São Paulo no século de sua fundação*. São Paulo: Iluminuras, 1993.

PORTA, Paula (org.) – *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

PORTELA, Fernando – *São Paulo 1860-1960: a paisagem humana*. São Paulo: Editora Terceiro Nome; Louveira, SP: Albatroz Editora e Produtora, 2004.

PORTO, Antônio Rodrigues – *História da cidade de São Paulo: através de suas ruas*. São Paulo: Carthago Editorial. 1996.

PRADO JÚNIOR, Caio – *A cidade de São Paulo: geografia e história*. 13ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____ – *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____ – *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1945.

PRADO, Maria Cecília Naclério Homem – *Vila Penteado*. São Paulo: Secretaria de Ciência, Cultura e Tecnologia do Estado de São Paulo/FAU-USP, 1976.

RABELLO, Elizabeth Darwiche – A cidade e sua estrutura profissional: 1804-1825. *In* COSTA, Iraci del Nero da (org.) – *Brasil: história econômica e demográfica*. São Paulo: IPE/USP, 1986.

REIS FILHO, Nestor Goulart – *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1970, p.42.

REZENDE, Marcia Mascarenhas de, (*et al*.) – *Theatro Municipal de São Paulo: 100 anos: palco e plateia da sociedade paulistana*. São Paulo: Dado Macedo Produções Artísticas, 2011.

RIBEIRO, Maria da Conceição Martins – *A vida urbana paulistana vista pela administração municipal, 1562-1822.* São Paulo: S.N., 1972.

ROCHA, Rita de Cássia Luiz da – *Manuais de civilidade e educação: a conduta da juventude feminina de Sophie Christ*. São Paulo: [s.n.], 2018. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba/UNIMEP.

ROQUETTE, José Inácio – *Código do bom-tom ou regras da civilidade e de bem viver no XIX^{o} século*. 4ª ed. Paris: Vª J. P. Aillaud, Guillard e Cia. 1875.

_____ – *Código do bom-tom ou regras da civilidade e de bem viver no século XIX*. (Lilia Moritz Schwarcz, org.) São Paulo: Companhia das Letras. 1997.

ROUVILLOIS, Frédéric – *História da polidez de 1789 aos nossos dias*. Tradução Carlos Felipe Moisés, Márcia Nogueira de Albuquerque, Raquel Wrona. São Paulo: Grua Livros, 2009.

SABINO, Marco – *História da moda*. [S. l.]: Havana. 2011.

SAINT-HILAIRE, Auguste de – *Viagem à província de São Paulo*. Trad. Regina Regis Junqueira. São Paulo: Edusp, 1976, p.128.

_____ – *Viagem a Província de São Paulo e resumos das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai.* (2ª ed. Biblioteca histórica brasileira). Tradução de Rubens Borba de Moraes. São Paulo: Martins, 1940.

SALLES, Vicente – Artesanato. *In* ZANINI, Walter (org.) – *História geral da arte no Brasil*. Vol. 2. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles. 1983, pp. 1037-1048.

SAMPAIO, Teodoro – *São Paulo no século XIX e outros ciclos históricos*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.

SANT'ANA, Affonso Romano de (*et al.*) – *Ouro: sua história, seus encantos, seu valor*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1989.

SANTOS, Délio Freire dos – Titulares do Império na Província de São Paulo. *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. LXXVI. 1980.

SANTOS, Irina Aragão dos – *Tramas de afeto e saudade: em busca de uma biografia dos objetos e práticas vitorianos no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2014. Tese (Doutorado em História Comparada). Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SANTOS, José de Almeida – *Manual do colecionador de antiguidades*. São Paulo: "Propag" Publicidade, 1975.

SCANTIMBURGO, João de – *Os paulistas: evolução social, política, econômica do povo paulista*. Coleção Paulística, vol. 21. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1983.

SCARANO, Julita – Um roteiro paulistano. *In* SERÁPHICO, Luiz (coord.) – *O livro de São Paulo*. São Paulo: RHODIA. 1979, pp. 149-170

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones de intimidade. *In* SEVCENKO, Nicolau (org.) – *História da vida privada no Brasil 3: República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 423-511.

SCHPUN, Mônica Raissa – Regionalistas e cosmopolitas: as amigas Olivia Guedes Penteado e Carlota Pereira de Queiroz. *In* MATTAR, Denise (org.) – *No tempo dos modernistas; D. Olivia Penteado, a senhora das artes.* São Paulo: FAAP-Fundação Armando Alvares Penteado, 2002, pp. 41-77.

SEGAWA, Hugo – *Prelúdio da metrópole: arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX.* 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial. 2004.

SELWYN, A. – *El Arte de la Joyería: guia del joyero detallista para el conocimiento de las joyas de sus materiales e de su comercio*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S.A. 1949.

SERÁPHICO, Luiz (coord.) – *O livro de São Paulo*. São Paulo: RHODIA. 1979.

SETUBAL, Maria Alice (coord.) – *A formação do estado de São Paulo, seus habitantes e os usos da terra.* São Paulo: CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

_____ – Famílias paulistas, famílias plurais. *In* SETUBAL, Maria Alice (coord.) – *Modos de vida dos paulistas: identidades, famílias e espaços domésticos.* São Paulo: CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004, pp. 51-87.

_____ – *Manifestações artísticas e celebrações populares no Estado de São Paulo.* São Paulo: CENPEC, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

_____ – *Modos de vida dos paulistas: famílias e espaços domésticos.* São Paulo: CENPEC, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

_____ – *Terra paulista: história, arte e costumes.* São Paulo: CENPEC, 2004: Imprensa Oficial.

SEVCENKO, Nicolau (org.) – *História da vida privada no Brasil 3: República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____ – Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. *In* SEVCENKO, Nicolau (org.) – *História da vida privada no Brasil 3: República: da Belle Époque à Era do Rádio.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 7-48.

SILVA, Fernando Fernandes da Silva – *As cidades brasileiras e o patrimônio cultural da humanidade*. São Paulo: EDUSP: Editora Petrópolis, 2003.

SILVA, Nuno Vassallo e – O longo Romantismo – século XIX e início do XX. *In* GUEDES, Rui (org.) – *Joalheria portuguesa*. Lisboa: Bertrand Editora, 1995, p. 27.

SIRIANI, Silvia Cristina Lambert – *Uma São Paulo alemã*: *vida quotidiana dos imigrantes germânicos na região da capital (1827-1889*). São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial do Estado. 2003.

SKODA, Sônia Maria de Oliveira Gonçalves – *Evolução da arte da joalheria e a tendência da joia contemporânea brasileira*. São Paulo: [s.n.], 2012. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte). Programa de Pós-graduação INTERUNIDADES em Estética e História da Arte. Universidade de São Paulo.

SOARES, Maria Regina Machado – *A narrativa das joias e o processo de sua comunicação.* Rio de Janeiro: [s.n.], 2004. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SOCIÉTÉ DE PUBLICITÉ SUD-AMÉRICAINE, Monte Domecq' & Cie. – *O estado de São Paulo*. Barcelona: Estabelecimento Graphico Thomas. 1918.

SOLODKOFF, Alexander Von – *Fabergé.* London: Pyramid, 1988.

SÔNEGO, Márcio Jesus Ferreira – A fotografia como fonte histórica. *In Publicação semestral Historiæ,* Universidade Federal do Rio Grande, 1(2), 2010, pp. 113-120.

SOTHEBY'S – *World Guide to Antiques and their Prices*. England: Peguin Books Ltd, 1986.

SOUKEF JR, Antônio – A companhia City e a urbanização de São Paulo. *In* MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.) – *Brasil – Grã-Bretanha: uma relação de cinco séculos*. São Paulo: Museu a Céu Aberto, 2010, pp. 206-231.

SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – As antecâmaras das joias: estojos em Portugal: 1750-1920. *In* SALAZAR SIMARRO, Nuria; PANIAGUA PÈREZ, Jesús; PÉREZ MORERA, Jesús – *El Jardín de las Hespérides: estudios sobre la plata en Iberoamérica. Siglos XVI al XIX*. México: INAH, Coordinación Nacional de Monumentos Históricos; León: Instituto de Humanismo y Tradición Clásica, 2020, pp. 517-534.

_____ – *A joalharia em Portugal: 1750-1825.* Porto: Livraria Civilização Editora, 1999.

_____ – *A joalheria no Porto ao tempo dos Almada.* Porto: CITAR, 2008

_____ – *Coleção de joias do Museu dos Biscainhos*. Porto: UCE / CIONP / CITAR, 2011.

_____ – José Rosas Júnior (1885-1958) e a criação da joalharia portuguesa da primeira metade do século XX. *In* SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e, coord. – *Actas do III Colóquio Português de Ourivesaria.* Porto: UCE-Porto; CIONP; CITAR, 2012, pp. 37-58.

_____ – *Percursos da joalheria em Portugal*: *séculos XVIII a XX.* Porto: Universidade Católica portuguesa/CITAR: Centro Interpretativo da Ourivesaria do Norte de Portugal, 2010.

_____ – *Tesouros Privados: a joalheria na região do Porto (1865-1879).* Vol. I. Porto: UCE/CITAR/CIONP, 2012.

SOUSA, Pedro Luís Pereira de – *Casa Barão de Iguape: recordação e revelação de São Paulo do século XIX*. São Paulo: Edição do autor, 1959.

SOUZA, Everardo Vallim Pereira de – Reminiscências acadêmicas 1887-1891. *In* MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.) – *Vida cotidiana em São Paulo no século XIX: memórias, depoimentos, evocações*. São Paulo: Ateliê/IMESP/Editora Unesp/Secretaria de Estado da Cultura, 1998, pp. 203-220.

SOUZA, Gilda de Melo e – *O espírito das roupas: a moda no século dezenove.* São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

STERNER, Gabriele – *Art Nouveau, Jugendstil, Modern style,* Arte nova. Munique: Goethe-Institut. 1989.

SWARBRICK, Janet; DARBYSHIRE, Lydia **–** *Jewelry: a visual celebration of the world's great jewelry-making traditions*. Londres: Chartwell Books, 1996.

TEIXEIRA, Madalena Braz – *O triunfo da joalharia Casal de Cambra*. Portugal: Caleidoscópio, Edições e Artes Gráficas, 2007.

TELLES JR., Goffredo da Silva – Dona Olívia Guedes Penteado, 1918-1934. *In* MATTAR, Denise (org.) – *No tempo dos modernistas; D. Olivia Penteado, a senhora das artes.* São Paulo: FAAP-Fundação Armando Alvares Penteado, 2002, pp. 243-276.

TOLEDO, Benedito Lima de – Do século XVI ao início do século XIX: Maneirismo, Barroco e Rococó. *In* ZANINI, Walter (org.) – *História geral da arte no Brasil*. Vol. 1. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles. 1983, pp. 89-296.

_____ – *São Paulo: três cidades em um século*. 3ª Ed. São Paulo: COSAC & NAIF / Livraria Duas Cidades, 2004.

TOLEDO, Roberto Pompeu de – *A capital da solidão: uma história de São Paulo das origens a 1900*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

TORRES, Lygia Lemos – *Damas Paulistas. Ex Libris* José Mindlin. [S.l] [s.n] [19--?].

TOSTES, Vera Lúcia Bottrel – *Títulos e brasões – sinais da nobreza*. Rio de Janeiro: JC Editora, 1996.

TURNER, Ralph – *Contemporary jewelry: a critical assessment 1945-1975*. New York: Van Nostrand Reinhld Company, 1976.

UGOLOTTI, B. M. – *Enciclopédia da civilização e da arte*. São Paulo: Martins, 1962.

VAINFAS, Ronaldo (dir.) – *Dicionário do Brasil imperial: 1822-1889.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

VAN CLEEF ET ARPPELS – Il est des signatures auxquelles on tient. *In* HUYGHE, René – *L'Amour de L'Art: parures et bijoux*. Revista Mensal, N.º 26 e 27 – Ano 27. Paris: Éditions Paul Dupont, 1947.

VAUTHIER, L. L. – Casas de residência no Brasil. *In Arquitetura civil I.* São Paulo: FAUUSP: MECIPHAN, 1975, p.37.

VEBLEN, Thorstein – *A Teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

VENÂNCIO, Renato Pinto – Presença portuguesa: de colonizadores a imigrantes. *In* IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informação – *BRASIL: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007, pp. 61-77.

VERONESI, Giulia – *Style 1925*: *triomphe et chute des 'Arts Déco'*. Lausanne, Switzerland: Editions Anthony Krafft, 1968.

VEVER, Henri – *La bijouterie française au XIXe siècle:1800-1900*. Vol. 3. Paris: H. Floury. 1906-1908.

VIDAL, Laurent; DE LUCA, Tânia Regina (org.) – *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. São Paulo: Editora UNESP. 2009.

VIEIRA, Syllene Castejón Guerra – *As artes*. São Paulo: Ed. Do Autor, 2006.

WAGNER, Renato – *Joia contemporânea brasileira*. São Paulo: Indústria gráfica e Editora, 1980.

WÖLFFLIN, Heinrich – *Conceitos fundamentais da história da arte.* São Paulo: Martins Fontes 1984.

YOUNG. Anastasia – *The Workbench Guide to Jewelry Techniques*. London: Thames & Hudson Ltd, 2010.

ZALUAR, Augusto Emílio – *Peregrinação pela Província de São Paulo: 1860-1861*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1975.

ZANINI, Walter (org.) – *História geral da arte no Brasil*. Vol. 2. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles. 1983.

PERIÓDICOS

JORNAL O *Commercio* de São Paulo. – Chronica da Quinzena – *Palcos e salões*. São Paulo, (31/08/1898), p. 2.

JORNAL O *Commercio* de São Paulo. 1892-1929)

JORNAL *A Província de São Paulo*. (1875-1879).

JORNAL *Annuncio*. São Paulo. (set./1901).

JORNAL *A Capital*. (15/01/1904).

JORNAL *Correio de São Paulo.* (1933).

JORNAL *Correio Paulistano*. (1856-1857, 1888, 1905-1910).

JORNAL *Diário económico*. (18/fev./2005).

JORNAL *Diário Popular.* São Paulo, (1885-1888, 1954).

JORNAL *da Tarde.* (1878-1881)

JORNAL *de Notícias*. São Paulo. (1946-1951)

JORNAL *do Aprendiz*. S. Paulo, (31/07/1911).

JORNAL *do Commercio* – (1905, 1916-1929).

JORNAL *La Fédération Horlogère Suisse:* (22/11/1933), p. 406.

JORNAL *O Commercio de São Paulo*. (1893-1916).

JORNAL *O Echo* (1906-1908).

JORNAL *O Estado de São Paulo*. (1894-1960).

JORNAL *O Alarme.* (1909). [IHGSP]

JORNAL *O Farol Paulistano*. (15/04/1830). [primeiro periódico de São Paulo]

REVISTA *A Vida Moderna* – A Moça moderna. São Paulo. (23/11/1922).

REVISTA *Actualidades*: *semanário ilustrado.* (1916). [IHGSP]

REVISTA *Álbum Ilusttrado.* (1908). [APESP]

REVISTA *Álbum Imperial.* (1906-1907). [APESP]

REVISTA *Álbum Paulista.* (1904). [APESP]

REVISTA *Alvorada*. (1904). [APESP]

REVISTA *Paulistania*: Documentário – SP. Ano II - Nº 6, (mar./abr.), 1940.

REVISTA *Paulistania*: Documentário – SP. Ano III - Nº 7, (mai./jun.), 1942.

REVISTA *Paulistania*: Documentário – SP. Ano III - Nº 11, (abr./jun.), 1942.

GLOSSÁRIO

ÁGATA – Variedade nodular de calcedónia com bandeado característico, normalmente translúcida e em várias cores: vermelho, castanho, amarelo, azulado-claro (raro), verde (muito raro) e preto, tendo cada uma delas nomes comerciais distintos. O seu tingimento com soluções químicas é conhecido desde a Antiguidade.[935]

ÁGUA – Termo de gíria, já pouco utilizado, para adjetivar a qualidade das gemas (e.g. diamante de primeira água).[936]

ALJOFRE – Termo comercial usado desde o século XVI para designar pérolas, em particular as do Golfo Pérsico. Subsiste ainda em alguns meios como sinónimo de "pérola natural pequena", porém não é reconhecido na terminologia gemológica. Pérola de pequenas dimensões. Sinônimo: "aljôfar", "semente".[937]

ALPACA – Liga de metal branco constituída por cobre, níquel e zinco.[938]

BAGUETE – Lapidação com 17 facetas, usada para pedras estreitas, retangulares e pequenas, semelhante à lapidação esmeralda, mas sem facetas nos cantos. Do fr., *baguette* "vara", "bastão").[939]

BAQUELITE – Resina artificial incolor, passível de tingimento em diversas cores, usada, às vezes, como imitação de âmbar. É uma mistura de fenol e formaldeído descoberta em 1909.[940]

BIJUTERIA – Objeto de adorno pessoal confeccionado com imitações de gemas (vidros, plásticos etc.) e/ou de metais nobres (cobre, estanho etc.).[941]

---

[935] INSTITUTO dos Museus e da Conservação – *Arte ourivesaria.* Lisboa: Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional: Ministério da Cultura: Departamento de Património Móvel. 2011, pp. 128.
[936] IDEM, *Ibidem*. 2011, pp. 128.
[937] IDEM, *Ibidem*. 2011, pp. 128. BRANCO, Pércio de Moraes – *Glossário gemológico*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1984, pp. 17.
[938] INSTITUTO dos Museus e da Conservação – *Arte ourivesaria.* Lisboa: Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional: Ministério da Cultura: Departamento de Património Móvel. 2011, pp. 128.
[939] BRANCO, Pércio de Moraes – *Glossário gemológico*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1984, pp. 28.
[940] IDEM, *Ibidem*. 1984, pp. 28.
[941] IDEM, *Ibidem*. 1984, pp. 30.

BRASSARD – Faixa usada na manga, normalmente com uma marca de identificação, acompanhado com um uniforme (*Google* tradutor e definição).

BRILHANTE – Expressão popular muito utilizada para designar o diamante, mas que, a rigor, se refere a um estilo de lapidação. Foi criado no fim do século XVII e universalmente adotado para várias gemas, principalmente o diamante. A lapidação brilhante é a que produz melhor efeito luminoso.[942]

CABUCHÃO – Estilo de lapidação que consiste numa superfície curva polida com base plana, côncava ou convexa e com contornos variados. Foi comum nas pedras de cor até o século XV.[943]

CAMAFEU – lapidação na qual se tem uma figura esculpida em alto relevo sobre um fundo de outra cor. Usada em minerais de estrutura estratificada, como ônix, ágata e outros.[944]

CELULOIDE – Material plástico obtido pela mistura de nitrato de celulose (daí o nome) e cânfora, com aquecimento a 110° C sob pressão. É produzido em várias cores, sendo usado como imitação de marfim e âmbar. Foi o primeiro plástico produzido. [Química] Substância plástica ou plástico bastante maleável sob o efeito do calor, utilizada com frequência na indústria. É obtida pela plastificação da nitrocelulose pela cânfora. Esse termo passou a ser usado a partir de 1870. Originalmente foi produzido para substituir o marfim.[945]

CORAL – Material semitransparente a opaco formado por esqueletos de pólipos calcários, calcíticos ou aragoníticos. As variações usadas como gema (coral nobre) são geralmente alaranjadas, claras a escuras, ou vermelhas e pertencem às espécies *Corallium nobile* ou *Corallium rubrum*. É empregado quase sempre em camafeus, colares, pulseiras e pequenas esculturas. Pode ser usado no estado bruto ou lapidado em cabochão.[946]

---

[942] INSTITUTO dos Museus e da Conservação – *Arte ourivesaria.* Lisboa: Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional: Ministério da Cultura: Departamento de Património Móvel. 2011, pp. 130. BRANCO, Pércio de Moraes – *Glossário gemológico*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1984, pp. 33.

[943] INSTITUTO dos Museus e da Conservação – *Arte ourivesaria.* Lisboa: Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional: Ministério da Cultura: Departamento de Património Móvel. 2011, pp. 131.

[944] BRANCO, Pércio de Moraes – *Glossário gemológico*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1984, pp. 39.

[945] IDEM, *Ibidem*. 1984, pp. 41. DICIONÁRIO - Disponível em: https://www.dicio.com.br/celuloide/. Acesso em: 17/05/2019

[946] BRANCO, Pércio de Moraes – *Glossário gemológico*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1984, pp. 46.

CRAVAÇÃO – Forma como os materiais gemológicos estão cravados, engastados ou encastoados no metal das joias. Sinônimo de "engaste".[947]

CRISELEFANTINA – A expressão "criselefantina" definiu, ao longo do século XIX, a técnica que combina ouro e marfim em uma obra de arte. No final deste século, o conceito foi estendido para definir qualquer objeto escultórico em que o marfim fosse usado junto com outros materiais, como madeira, mármore ou bronze.[948]

CROQUET – s. m. Jogo de origem inglesa que consiste em fazer passar uma bola de pau, impelida por um malho, por baixo de pequenos arcos de ferro fincados no terreno [corresponde a, em português, "toque-emboque"]: "O campo, disse então D. Diogo... tem certa vantagem para a sociedade, para se fazer... uma burricada, uma partida de *croqué*"[949]. F. ingl., *Croquet.*[950]

CUNHAGEM – Método de produção de uma liga metálica – medalha ou moeda –, colocando o objeto metálico aquecido entre dois cunhos gravados, com relevo negativo, comprimindo-os.[951]

DIAMANTE – Mineral constituído por carbono com propriedades físicas excepcionais, tais como a elevada dureza, inércia química e térmica, brilho e dispersão de luz. O diamante é conhecido desde o século IV a.C., na Índia, e do século VII d.C., no Bornéu (Indonésia), tendo utilização na ourivesaria europeia apenas no final do século XIV, quando se começou a desenvolver a sua lapidação. No século XVI, na sequência da abertura de rotas marítimas com o Oriente, o seu impacto nas artes decorativas foi muito significativo. A descoberta dos ricos jazigos diamantíferos do Brasil na década de 1720 provocou uma revolução no conceito de joia e impulsionou o desenvolvimento do talhe brilhante, popular a partir da segunda metade da centúria. Coincidindo com a quase exaustão dos depósitos do Brasil, foram localizados os jazigos Sul-Africanos em 1866, seguindo-se lhes, em particular no século XX, todos os restantes pelo mundo afora (e.g. Botswana, Angola, Canadá, Rússia e Austrália).[952]

---

[947] INSTITUTO dos Museus e da Conservação – *Arte ourivesaria.* Lisboa: Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional: Ministério da Cultura: Departamento de Património Móvel. 2011, pp. 134.
[948][948] MUSEU CASA LIS – Art Nouveau e Art Déco – Criselefantinas. Disponível em: http://www.museocasalis.org/nuevaweb/en/coleccion/criselefantinas-bronces. Acesso em: 25/01/2022.
[949] Eça, Maias, II, c. 3, p. 147, 3ª ed.
[950] DICIONÁRIO *Caldas Aulete digital. Disponível em:* https://aulete.com.br/croqué. Acesso em: 14/01/2021.
[951] INSTITUTO dos Museus e da Conservação – *Arte ourivesaria.* Lisboa: Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional: Ministério da Cultura: Departamento de Património Móvel. 2011, pp. 135.
[952] IDEM, *Ibidem*. 2011, pp. 135.

ENTALHE – Lapidação na qual a mesa mostra uma figura esculpida em baixo-relevo.[953]

GEMA – Termo de origem latina, *gemma*, utilizado pela primeira vez em português por Luís de Camões, no século XVI, e definido como material natural cuja beleza, raridade e durabilidade o tornam aplicável em joalharia ou apto para uso de ornamentação. Para todos os efeitos, é sinónimo de "pedra preciosa".[954] Substância gemológica que sofreu lapidação para uso como adorno pessoal. São características das gemas: beleza, durabilidade e raridade. Na sua grande maioria, são minerais; há, porém, gemas de origem orgânica (coral, marfim, pérola, âmbar etc.), gemas artificiais (zircônia cúbica, fabulita, yag, GGG) e sintéticas (rubi sintético, titânia, safira sintética etc.).[955]

GEMA ARTIFICIAL – Gema produzida em laboratório e sem equivalente natural. Ex.: zircônia cúbica, fabulita, yag, GGG. Não confundir com gema sintética.[956]

GEMA RECONSTITUÍDA – Gema obtida pela fusão de pequenos pedaços de uma substância gemológica natural ou pela prensagem destes a uma determinada temperatura, inferior ao ponto de fusão.[957]

GEMA SINTÉTICA – Gema obtida a partir de um material produzido em laboratório, mas com um correspondente natural. As gemas sintéticas possuem estrutura cristalina e composição química quase sempre idênticas às das equivalentes naturais.[958]

JAPANESE INRO – Pequeno estojo dividido em vários compartimentos.[959]

LAPIDAÇÃO – Tratamento a que são submetidas substâncias gemológicas, a fim de obter a forma que mais ressalte a sua beleza, bem como o máximo de brilho. Compreende várias fases: corte, formação, facetamento e polimento. Há dois tipos básicos de lapidação de gemas: cabochão e lapidação facetada. Existe uma variedade grande de tipos de lapidação facetada.[960]

---

[953] BRANCO, Pércio de Moraes – *Glossário gemológico*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1984, pp. 65.
[954] INSTITUTO dos Museus e da Conservação – *Arte ourivesaria.* Lisboa: Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional: Ministério da Cultura: Departamento de Património Móvel. 2011, pp. 144.
[955] BRANCO, Pércio de Moraes – *Glossário gemológico*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1984, pp. 83-84.
[956] IDEM, *Ibidem*. 1984, pp. 84.
[957] IDEM, *Ibidem*. 1984, pp. 84.
[958] IDEM, *Ibidem*. 1984, pp. 84.
[959] DUCAN, Alastair – *Art Déco*. London: Thames and Hudson, 1988, pp. 168.
[960] BRANCO, Pércio de Moraes – *Glossário gemológico*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1984, pp. 105.

LAPIDAÇÃO MARQUESA – Modificação da lapidação brilhante em forma de barco ou oval. Em gemas pequenas, recebe o nome de "navete".[961]

LUXO [do latim, *luxu*] – Modo de vida caracterizado por grandes despesas supérfluas e pelo gosto por ostentação, magnificência. Caráter do que é custoso e suntuoso. Bem ou prazer custoso e supérfluo; superfluidade; luxuria. Viço, vigor, esplendor.[962]

MADREPÉROLA – Camada de nácar que constitui o revestimento interno da concha de vários moluscos. É usada em brincos, botões, colares, broches e vários outros objetos de adorno pessoal. Do lat., *madre* (mãe) e "pérola".[963]

MARFIM – Substância de origem animal branco-leitosa, translúcida a opaca, mais compacta que o osso e que forma a parte central dos dentes do elefante, do hipopótamo e do narval; encontrada também fossilizada. É empregado em broches, objetos religiosos, dominós, bolas de bilhar, dados, teclados de piano e radar.[964]

MASCATE – O nome "mascate" tem origem na cidade de Mascate, localizada na Arábia, às margens do mar de Omã, no Golfo Pérsico, que desde o século XVI se encontrava sob o domínio português. De lá vieram os primeiros vendedores ambulantes que dariam nome à atividade.[965]

MEDALHAS – As medalhas são peças de metal geralmente redondas, fundidas ou cunhadas para rememorar determinado acontecimento.[966]

NICKEL SILVER – Liga de metal branco constituída por cobre, níquel e zinco. As ligas Alpaca, *German Silver e Maillechort* têm a mesma composição.[967]

OURO – Metal nobre de cor amarela e brilhante, extremamente maleável e dúctil, inoxidável e inatacável pelos ácidos (quimicamente inerte), empregue, por exemplo, em ourivesaria e moedagem. Trata-se de um mineral, elemento nativo, com símbolo Au, ponto de fusão a

---

[961] IDEM, *Ibidem*. 1984, pp. 107.
[962] NOVO DICIONÁRIO *Aurélio da Língua Portuguesa*. 2ª Edição revista e ampliada. Editora Nova Fronteira, 1986, pp. 1054.
[963] BRANCO, Pércio de Moraes – *Glossário gemológico*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1984, pp. 116.
[964] IDEM, *Ibidem*, 1984, pp. 117.
[965] PILAGALLO, Oscar; DIWAN, Pietra – *Imigrantes: esperança em terra nova.* São Paulo: Folha de São Paulo, 2012, pp. 8.
[966] PAIVA, Orlando Marques de (editor) – *O Museu Paulista da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Banco Safra, 1984, pp. 228.
[967] INSTITUTO dos Museus e da Conservação – *Arte ourivesaria.* Lisboa: Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional: Ministério da Cultura: Departamento de Património Móvel. 2011, pp.149.

cerca de 1063ºC e dureza de 21/2 na escala de Mohs. Pode ser ligado, em diversas proporções, à prata, cobre, zinco ou paládio, para obtenção de ligas de cores e propriedades diferentes.[968]

OURO AMARELO – Ouro dezoito quilates com 12% de cobre e 13% de prata.[969]

OURO AZUL – Ouro dezoito quilates azulado com 25% de ferro ou aço.[970]

OURO BRANCO – Ouro dezoito quilates contendo 17% de níquel, 2,5% de cobre e 5,5% de zinco; usado em joias.[971]

OURO CINZA – Ouro dezoito quilates com 8% de cobre e 17% de ferro branco puro.[972]

OURO DEZOITO QUILATES – Denominação comum a todas as ligas com 75% de ouro.[973]

OURO ROSA – Ouro dezoito quilates com 3% de prata e 22% de cobre.[974]

OURO VERDE – Ouro dezoito quilates com 22,5% de prata, 1% de cobre e 1,5% de níquel.[975]

PEANHA – Pequeno pedestal onde se colocam imagem, estátua, cruz, busto etc.[976]

PALACETE – Nome que designou durante muito tempo a casa mais abastada da cidade de São Paulo, correspondendo, na atualidade, ao termo "mansão". Serviu primeiramente de residência da elite do café, que viveu a chamada *Belle Époque* paulista na virada do século.[977]

---

968 968 INSTITUTO dos Museus e da Conservação – *Arte ourivesaria.* Lisboa: Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional: Ministério da Cultura: Departamento de Património Móvel. 2011, pp. 150.
969 BRANCO, Pércio de Moraes – *Glossário gemológico*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1984, pp. 133.
970 IDEM, *Ibidem*. 1984, pp. 133.
971 IDEM, *Ibidem*. 1984, pp. 133.
972 IDEM, *Ibidem*. 1984, pp. 133.
973 IDEM, *Ibidem*. 1984, pp. 133.
974 IDEM, *Ibidem*. 1984, pp. 133.
975 BRANCO, Pércio de Moraes – *Glossário gemológico*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1984, pp. 133.
976 DICIONÁRIO *Oxford Languages*.
977 HOMEM, Maria Cecília Naclério – *O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira: 1867-1918*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, orelha da capa e pp. 15.

PAYSAGER – O estilo *paysager* ou *gardenesque* exacerba a imitação da natureza, introduzindo elementos pitorescos nos jardins, como grutas e balaustradas onde as pedras e os troncos eram produzidos em cimento.[978]

PEDRA DE COR – Expressão genérica que abarca todas as gemas, exceto os diamantes, e as substâncias orgânicas.[979]

PEDRA PRECIOSA – Designação comum às substâncias gemológicas usadas para adorno pessoal, excluídos os metais nobres. Para alguns, pedras preciosas são apenas o diamante, a esmeralda, o rubi e a safira, já outros assim classificam também a pérola, a opala nobre e o crisoberilo. Limitando a categoria de preciosas a apenas essas substâncias, automaticamente as demais substâncias gemológicas usadas para adorno pessoal estariam incluídas na categoria "semipreciosa". Como a separação é confusa e, sobretudo, artificial, deve-se evitar a denominação "semipreciosa".[980]

PEDRA SEMIPRECIOSA – Termo enganador, atualmente banido da nomenclatura gemológica.[981]

PÉROLA – Substância gemológica produzida por moluscos marinhos e de água doce. São geralmente esféricas e de cor branca. Pode ter formato irregular ("pérola barroca") e cores cinza, preta, avermelhada, amarelada, azulada ou esverdeada.[982]

PHRYGIO – Barrete encarnado, semelhante aos que usavam os frígios, e que, no tempo da Primeira República francesa, se tornou símbolo da liberdade e da própria República.[983]

PLAQUÉ – Metal compósito constituído por uma fina folha de prata, ouro ou platina, soldada sobre um metal não precioso, geralmente cobre ou latão. Esse agregado bimetálico é posteriormente laminado e convertido em folha de maior ou menor espessura susceptível

[978] KLIASS, Rosa Grena – *Parques urbanos de São Paulo e sua evolução na cidade*. São Paulo: Pini. 1993, pp. 73.
[979] INSTITUTO dos Museus e da Conservação – *Arte ourivesaria.* Lisboa: Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional: Ministério da Cultura: Departamento de Património Móvel. 2011, pp. 151.
[980] BRANCO, Pércio de Moraes – *Glossário gemológico*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1984, pp. 139.
[981] INSTITUTO dos Museus e da Conservação – *Arte ourivesaria.* Lisboa: Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional: Ministério da Cultura: Departamento de Património Móvel. 2011, pp. 152.
[982] BRANCO, Pércio de Moraes – *Glossário gemológico*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1984, pp. 140.
[983] DICIONÁRIO *Michaelis on-line*. Disponível em: www.michaelis.uol.com.br. Acesso em: 24/01/2021.

de ser trabalhada. O plaqué simples apresenta apenas uma única face dourada ou prateada; o plaqué duplo é revestido de metal precioso em ambas as faces.[984]

PLATINA – Mineral do grupo dos metais nobres, é usado na joalheria (com 35% de paládio e 5% de outros metais).[985]

POLYTHEAMA – A palavra "polytheama" vem do latim, *poly* (muito), e do grego, *theama* (espetáculo). Significa "lugar de muitos espetáculos". Com programação erudita e construção em forma de ferradura, o polytheama destinava-se a atividades diversificadas e frequentado por várias camadas sociais. Um teatro polytheama tanto podia apresentar operetas e atrações mais elegantes como espetáculos de circo, dança, mágicos e até números com cavalos. Brasil possuía diversos polytheamas, no centro de São Paulo, na Rua São João, existiu um teatro desse tipo entre 1892 e 1914.[986]

PORCELANA – Cerâmica fina, dura, branca e translúcida, produzida com caulim e usada, às vezes, para imitar certas substâncias gemológicas, como a turquesa.[987]

PRATA – Metal nobre muito dúctil e maleável. Devido a sua baixa dureza, a prata é empregada em joias e objetos ornamentais na forma de ligas com 90% de prata e 10% de cobre (prata 90).[988] É ótimo condutor da corrente eléctrica e do calor, muito usado em ligas de moedas, em ourivesaria e na indústria, como na fotografia sobre película. Trata-se de um mineral, elemento nativo, com o símbolo Ag, ponto de fusão a cerca de 906ºC e dureza de 21/2 na escala de Mohs. Pode ser ligado ao cobre para obtenção de ligas trabalháveis nas artes decorativas.[989]

PRATA DE LEI – Sinônimo de "prata noventa".[990]

PRATA DOURADA – Prata coberta, total ou parcialmente, por uma fina camada de ouro. Esse revestimento pode ser feito com um intuito meramente decorativo ou por razões

[984] INSTITUTO dos Museus e da Conservação – *Arte ourivesaria.* Lisboa: Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional: Ministério da Cultura: Departamento de Património Móvel. 2011, pp. 153.
[985] BRANCO, Pércio de Moraes – *Glossário gemológico*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1984, pp. 147.
[986] SALLUM, Erika – *Saiba o que é polytheama*. JORNAL *Folha de São Paulo* – Caderno Ilustrado, (16/11/1996).
[987] BRANCO, Pércio de Moraes – *Glossário gemológico*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1984, pp. 149.
[988] IDEM, *Ibidem*. 1984, pp. 150.
[989] INSTITUTO dos Museus e da Conservação – *Arte ourivesaria.* Lisboa: Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional: Ministério da Cultura: Departamento de Património Móvel. 2011, pp. 153.
[990] BRANCO, Pércio de Moraes – *Glossário gemológico*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1984, pp. 150.

utilitárias. A ação oxidante, e por vezes corrosiva, de alguns condimentos e alimentos, como o sal, a mostarda ou os frutos, faz com que as almas de saleiros, de mostardeiras ou de porta-especiarias sejam executadas em prata dourada, o que também acontece com os pratos e talheres de sobremesa. No que concerne à ourivesaria religiosa, são em prata dourada as alfaias de maior dignidade e esplendor, bem como aquelas que estão em contato com a hóstia ou o vinho consagrado, como é o caso dos cálices, das custódias e das píxides. Ver "Douragem"; "Douragem a mercúrio"; "Douragem por electrólise".[991]

PRATA NOVENTA – Nome comercial de uma liga com 90% de prata e 10% de cobre. É a liga geralmente usada em joias e objetos ornamentais. Sinônimo: "prata de lei", "prata novecentos".

PROCESSO *VERNEUIL* – Método utilizado para obtenção de grandes cristais de coríndon ou espinélio sintéticos e que consiste basicamente na fusão de alumina em pó na chama de um maçarico. Assim chamado por ter sido descoberto por Auguste V. L. Verneuil.[992]

QUILATE – 1. Unidade de medida de massa usada para gemas. Equivale a 200 miligramas ou 100 pontos. Palavra derivada do nome da semente de uma planta africana que era, antigamente, usada para pesar gemas. Símbolo: *ct* (do ingl., *carat*). 2. A unidade de medida da porcentagem de ouro nas ligas. O ouro puro (100% Au) contém 24 quilates. Portanto, um quilate corresponde a 4,17% Au, aproximadamente. Símbolo: K.[993]

STRASS – Vidro com alto teor de chumbo (com alguma alumina e arsénico), muito brilhante, dispersão elevada e baixa dureza. Assim designado em homenagem ao joalheiro francês Georges-Frédéric Strass (1701-1773), que inventou esse material.[994]

SAUTOIR – Colar de pérolas de duas voltas.[995]

TALHE – Sinônimo de "lapidação".[996]

---

[991] INSTITUTO dos Museus e da Conservação – *Arte ourivesaria.* Lisboa: Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional: Ministério da Cultura: Departamento de Património Móvel. 2011, pp. 153.
[992] BRANCO, Pércio de Moraes – *Glossário gemológico*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1984, pp. 151.
[993] IDEM, *Ibidem*. 1984, pp. 156.
[994] INSTITUTO dos Museus e da Conservação – *Arte ourivesaria.* Lisboa: Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional: Ministério da Cultura: Departamento de Património Móvel. 2011, pp. 157.
[995] BRANCO, Pércio de Moraes – *Glossário gemológico*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1984, pp. 168.
[996] INSTITUTO dos Museus e da Conservação – *Arte ourivesaria.* Lisboa: Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional: Ministério da Cultura: Departamento de Património Móvel. 2011, pp. 157.

TALHE BRILHANTE – Estilo de lapidação desenvolvido para otimizar as propriedades ópticas do diamante (brilho, fogo e cintilação), tendo 57 a 58 facetas, com 33 na coroa e 24 a 25 no pavilhão (dependendo da existência ou não de culatra), e contorno geralmente redondo (outras formas incluem o oval, pera, naveta – também designada "marquise", *navette* e coração). Surge como expressão a partir de meados do século XVIII, ainda com proporções rudimentares. O talhe brilhante moderno surge no primeiro quartel do século XX.[997]

TALHE OITO POR OITO (8/8) – Lapidação muito simples que tem 8 facetas no pavilhão e 8 na coroa com mais uma, a mesa, perfazendo 17 facetas. Na gíria, chama-se *huit-huit*.[998]

TALHE ROSA – Lapidação que surgiu no século XV, com grande aplicação no diamante, em especial, a partir do século XVI. Tem normalmente 24 facetas triangulares (pode ter apenas 3), sendo como que um cabochão de topo facetado, com contornos variados.[999]

VERMEIL – Termo francês que designa a prata dourada. Ver "Prata dourada".

VIDRO – Material amorfo produzido há milénios em múltiplas cores e graus de transparência, tendo composições químicas variadas. A presença de chumbo ou outros metais pesados condiciona o seu brilho, dando origem aos chamados "cristais". Também há vidros naturais (e.g. obsidiana, moldavite), mas não são comuns na produção nacional.[1000]

NOTA: Para identificar a referência infra, a abreviaremos assim:

De: INSTITUTO dos Museus e da Conservação – *Arte ourivesaria: normas de inventário.* Lisboa: União Europeia – Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional: Ministério da Cultura: Departamento de Património Móvel. 1ª edição, 2011. Disponível em: http://www.matriznet.dgpc.pt/matriznet/Download/Normas/NI_Arte_Ourivesaria.pdf. Acesso em: 10/02/2016.
Para: INSTITUTO dos Museus e da Conservação – *Arte ourivesaria.* Lisboa: Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional: Ministério da Cultura: Departamento de Património Móvel. 2011.

[997] INSTITUTO dos Museus e da Conservação – *Arte ourivesaria.* Lisboa: Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional: Ministério da Cultura: Departamento de Património Móvel. 2011, pp. 158.
[998] IDEM, *Ibidem.* 2011, pp. 159.
[999] IDEM, *Ibidem*. 2011, pp. 159.
[1000] IDEM, *Ibidem.* 2011, p. 161.

ÍNDICE DE IMAGENS DO VOLUME I

1. Maurice Grumbach & Co.....47
2. Rua 15 de Novembro.....48
3. Fazenda Montevideo.....62
4. O Clã Matarazzo.....66
5. Família Guedes de Souza.....70
6. Chácara do Carvalho.....106
7. Salões da Chácara Carvalho.....106
8. Vila Penteado do Conde Álvares Penteado.....108
9. Salão Maria Antonieta.....108
10. Salão Louis XV.....108
11. Vila Penteado. Família com o motorista a caráter.....110
12. Palacete de Olivia Guedes e Ignácio Penteado.....112
13. Sala de visitas do apartamento em Paris de Olívia Guedes Penteado.....113
14. Pormenor do Retrato de Olívia Guedes Penteado.....115
15. Olívia Guedes Penteado com seus colares de pérolas.....116
16. Pavilhão de São Paulo na Exposição Nacional de 1908.....127
17. Homenagem a Justin Worms.....130
18. Joalheria *La Royale*.....140
19. Joalheria *La Royale*.....140
20. Anel Episcopal.....144
21. O ladrão profissional Gino Meneghetti.....144
22. 1. Colares de Sra. Jay Gould.....147
22. 2. Colar *résille* de Cartier.....147
23. Ornamento de cabelo atribuído a Oscar Massin.....148
24. Esmalte suíço antigo *demi-parure*.....151
25. Broche em forma de pavão.....151
26. Colar desenhado por Charles Robert Ashbee.....151
27. Ornamento de mão em estilo *Art Nouveau*.....153
28. Pente *Fleur e feuille de Aubépine* de Lucien Gaillard.....154

29. Corrente de ouro com pingente *Art Nouveau* de Lucien Gautriat.....154
30. Ornamento de cabelo de Philippe Wolfers.....155
31. Colar de Lalique.....157
32. Pormenor do colar de Lalique.....157
33. 1. Perfumeiros Coleção Lalique.....158
33. 2. Perfumeiro com tampa – flor de maçã.....158
34. Conjunto de joias masculinas de Boucheron.....159
35. Broche de gaivota e Clipe de andorinha de Van Cleef & Arpels.....159
36. Colar Van Cleef & Arpels.....160
37. Pulseira de esmeraldas colombianas e diamantes *Art Déco* de Cartier.....160
38. Anel *Art Déco* de Chaumet.....162
39. Anel de Mauboussin.....162
40. Pulseira de Jacques Lacloche.....162
41. Broche *Art Déco* de Raymond Templier.....163
42. Pulseira *Art Déco* de Jean Fouquet.....164
43. Anéis *Art Déco* de Jean Fouquet.....164
44. Pulseira de ouro.....165
45. Broche de ouro.....166
46. Broche que pertenceu à Princesa Isabel.....166
47. Conjunto de anel, par de brincos e broche de joalheria Mappin & Webb.....166
48. Estojo para quatro perfumes e funil, manufatura francesa.....168
49. Porta-perfumes, cristal e prata, Inglaterra.....168
50. Gallé, queimador e atomizador.....168
51. Queimadores de perfumes.....168
52. Senhoras e jovens da elite paulistana.....169
53. Estojo Lacloche Frères com broche de platina e diamantes.....171
54. Estojo e Broche Cartier.....172
55. Par de Abotoaduras.....173
56. Estojo e par de brincos.....173
57. Estojo e Broche.....174
58. Estojo para Broche.....174
59. Palacete da CIJY na Avenida Europa.....175

60. Escultura de Demétre Chiparus.....178
61. Vaso de cristal Lalique.....180
62. Arte em vidro da Indústria Moderna.....180
63. Vaso da marca alemã WMF.....182
64. Serviço de porcelana francesa.....183
65. Sopeira em porcelana francesa.....183
66. Legumeira em Porcelana de Limoges.....184
67. Travessa em porcelana de Limoges.....184
68. 1. Relógio Macaco.....185
68. 2. Relógio Coruja.....185
69. Relógio despertador com cafeteira.....185
70. *La Corbeille de Mariage*.....187
71. Os noivos.....192
72. Pulseira de ouro, pérolas e ametista.....197
73. Relógio de pulso feminino de ouro com diamantes.....198
74. Anel de casamento.....198
75. Alfinete de gravata.....198
76. Anel solitário.....199
77. *Tiffany setting*.....199
78. Anel de ouro e safira confecção da Joalheria Bento Loeb.....200
79. Anel de platina, diamantes e água-marinha de confecção da Joalheria Bento Loeb.....200
80. Medalha da 1ª Exposição Regional Agrícola, Industrial e Artística de Ribeirão Preto.....214
81. Imagens de duas capas do livro de Atílio Luchin.....226
82. 1. Salão de exposição e venda da Casa Hanau..... 227
82. 2. Peças de arte comercializadas na Casa Hanau 227
83. Salão das pratarias da Casa Hanau.....227
84. Vistas do terceiro salão de exposição – Casa Hanau.....228
85. 1. Casa Hanau, peças comercializadas – Artigos do Oriente.....228
85. 2. Casa Hanau, peças comercializadas – Porcelanas de Sèvres.....228
86. Presentes para casamento – Casa Bento Loeb.....234
87. 1. Vaso criação René Lalique.....235

87. 2. Placa de cristal da *Cristallerie Daum* de Nancy..... 235
88. 1. Foto de Antônio Teixeira de Castro.....239
88. 2. Fachada da Joalheria Casa Castro.....239
89. Medalhas de ouro 18 k.....240
90. Joalheria Casa Castro.....242
91. Anel da Casa Castro.....243
92. Broche da Casa Castro.....244
93. Grande Armazém de Joias de Hypólito Suplicy.....250
94. Ourivesaria e Joalheria Jacob Levy.....252
95. Jacques Netter, agente depositário da *Wolff American High Art Cycles*.....256
96. Casa Netter.....259
97. Par de antigos talheres da Casa Netter.....260
98. Casa Bamberg.....261
99. Palacete Bamberg.....263
100. Anúncio Maurice Grumbach.....268
101. Casa Grumbach.....269
102. Casa Grumbach – dia da inauguração.....271
103. Antiga laminadora da joalheria Masetti.....279
104. 1. Casa Masetti – Anéis de formatura.....280
104. 2. Casa Masetti – Alianças e anéis de noivado.....280
105. Casa Masetti – Joias para presentear.....281
106. Prédio da Casa Masetti.....281
107. Anúncio A Esmeralda.....286
108. Fachada da Casa A Esmeralda.....287
109. Casa Esmeralda – fachada.....287
110. Coquetel de inauguração da Casa Esmeralda.....287
111. Aspecto interior da Casa Esmeralda 287
112. Irmãos Umberto e Eugênio Adamo.....289
113. Fachada da Joalheria Umberto Adamo.....290
114. Interior da Joalheria Umberto Adamo após reforma.....290
115. Antiga Joalheria Worms.....291
116. Joalheria de Umberto Adamo.....291

117. 1. Inauguração da nova Joalheria Adamo na Avenida Rio Branco.....292
117. 2. Vitrinas da Joalheria Adamo.....292
118. Joalheria Adamo – interior do 1º andar.....292
119. Reabertura da Joalheria Adamo na Rua do Ouvidor.....293
120. Fachada da Joalheria La Royale no dia da inauguração.....296
121. Interior da Joalheria La Royale.....296
122. Diamante de extraordinária pureza.....297
123. Joalheria La Royale. Fachada da loja, térreo e primeiro andar.....297
124. Fachada da Casa A Nacional na Avenida Rio Branco.....297
125. Conjunto de seis colheres para café de prata de lei.....299
126. 1. Fachada da Mappin & Webb em Londres.....301
126. 2. Interior da Matriz da Mappin & Webb em Londres.....301
127. 1. Mappin & Webb do Rio de Janeiro, na Rua do Ouvidor.....302
127. 2. Mappin & Webb em São Paulo, na Rua 15 de Novembro.....302
128. Vista interior da Mappin & Webb em São Paulo.....303
129. Casa Mappin & Webb na Rua 15 de Novembro.....304
130. Centro de mesa com Prata Princesa – Mappin & Webb.....304
131. Mellerio dits Meller ao centro, na Rue de La Paix.....307
132. A Maison Mellerio dits Meller.....308
133. Joalheria Vever à esquerda e ao lado outras joalherias.....308
134. Interior da joalheria Vever, na Rue de La Paix.....309
135. Antiga Casa Michel em Poços de Caldas.....323
136. Casa Michel – Alvará de Reforma.....326
137. Casa Michel na Rua 15 de Novembro.....327
138. Alphonse Worms.....328
139. Casa Michel com seus funcionários.....329
140. Panfleto da Casa Michel.....336
141. Casa Michel e Pormenor da foto.....340
142. Novo prédio da Casa Michel a partir de 1913.....341
143. Anúncio da inauguração da Casa Michel.....341
144. Vista panorâmica do interior da Casa Michel.....342
145. Vista interior da Secção Especial de Artigos finos.....342

146. Cartão Postal da Casa Michel – Secção de Artigos de Arte francesa.....343
147. Vitrinas externas da Casa Michel.....344
148. Funcionários da Casa Michel.....345
149. Medalha com o busto do Rei Soldado em homenagem aos Reis dos Belgas pela Casa Michel.....349
150. Nomeação da Casa Michel como Fornecedores da Corte Real Belga.....350
151. Brasão do Palácio de Bruxelas em anúncio da Casa Michel.....351
152. Comunicado do Grande Prêmio na Exposição Internacional do Centenário.....352
153. Exposição Internacional do Centenário da Independência de 1922 a 1923.....353
154. Reprodução do documento original de autorização de venda dos produtos de René Lalique.....354
155. Casa Michel e as novidades da *Exposition Internationale des Arts Décoratifs et Industriels Modernes*.....355
156. Medalha da Casa Michel em homenagem aos heróis portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral.....355
157. 1. Monumento erigido em St. Cloud em homenagem a Santos Dumont.....357
157. 2. Casa Michel homenageia Santos Dumont com *La Coquete de L'Air*..... 357
158. 1. Anéis de metal da campanha Dei Ouro para o Bem de São Paulo.....360
158. 2. Certificado "Ouro para o Bem de São Paulo" 360
159. Estojo *Volutes Minaudière*.....365
160. Casa Michel. Década de 1940.....367
161. 1. Fachada da Casa Michel.....367
161. 2-4. Interior da Casa Michel. Atendimento de seus fregueses.....367
162. Família Worms.....367
163. Casa Michel – Rua 24 de Maio.....368
164. Interior da loja.....368
165. Antigo prédio da Casa Michel – Rua 15 de Novembro.....369
166. Capa do Catálogo Geral e Folha interna.....373
167. 1. Capa do Catálogo da Comemoração 50 anos da Casa Michel, 1887-1937.....375
167. 2. Quarta capa do Catálogo da Comemoração 50 anos da Casa Michel.....375
168. Relógio de bolso de ouro que pertenceu a Leon Worms.....378
169. Estojo com caneta de ouro.....384
170. Estojo contendo caneta, abridor de cartas e lápis.....384

171. Espátula para abrir cartas em marfim....385
172. Estojo de Escritório....385
173. Peças de cristal Baccarat da Casa Michel....387
174. Porcelana Limoges da Casa Michel....388
175. Relógio de parede modelo Viena – Casa Michel....389
176. Perfume Lavin – Petales Froisses....391
177. Barrete de ouro....394
178. Broche da Casa Michel....394
179. Broches....394
180. Diferença de fecho entre brinco e bicha....395
181. Bicha com diamantes incrustado....395
182. Pendentes em colares e broches....396
183. Par de pulseiras finas e medalha presa a uma fita....396
184. Medalhas religiosas....397
185. 1. Cruz com crucifixo....397
185. 2. Coração relicário com os símbolos âncora e cruz....397
185. 3. Fé, Esperança e Caridade....397
186. 1. Broches com imagem santa....397
186. 2. Broche Fé, Esperança e Caridade....397
187. 1. Terço....397
187. 2. Pulseira dezena com medalhas de santos....397
188. Corrente com crucifixo....398
189. 1. Ferradura com n.º 13....399
189. 2. Figa de coral com chave....399
189. 3. Peixe em ouro....399
190. Joias finas....399
191. 1. Anel *Art Déco*....400
191. 1. (1). Broche de platina e diamantes....400
191. 1. (2). Broche estrela....400
192. Colar *pendentif* e broches....401
193. Broches....401
194. Dois cordões compridos com passador....402

195. Broches.....402
196. *Lavaliere floral Edwardian Guirlande Diamond*.....402
197. Autorretrato I, de 1924.....404
198. Tarsila com os longos brincos que a caracterizaram.....404
199. Anéis distintivos.....406
200. Malha Groumet.....407
201. Elo Cartier.....408
202. Elo português.....408
203. Elo veneziano.....408
204. Elo corda ou cordão.....408
205. Corrente Fígaro.....408
206. Corrente Singapura 409
207. Malha americana.....409
208. Malha estilo rabo-de-rato.....409
209. 1. Alfinetes de gravatas.....410
209. 2. Alfinete de gravata em formato de ferradura.....410
209. 3. Alfinetes de gravatas.....410
210. 1. Guarnição completa para punho, peito e colarinho.....410
210. 2. Botões para punho.....410
211. *Chateleine* e corrente para relógio.....410
212. Anéis para profissionais.....411
213. Anel de formatura – formato de sinete.....412
214. Três barretes.....414
215. Broches.....414
216. Broches.....414
217. Broche de diamantes *Belle Époque*.....414
218. 1. Anéis femininos.....415
218. 2. Pulseiras.....415
219. Pulseiras.....415
220. 1. Broche *pendentif* para colar.....416
220. 2. Colar *pendentif* em forma de coração.....416
220. 3. Broche *pendentif* para colar.....416

220. 4. Colar *pendentif*.....416
221. 1. Medalha que representa “Deus te guie” 416
221. 2. Medalha para ser feita alguma inscrição.....416
221. 3. Medalha com inscrição.....416
222. Bichas..... 416
223. Argolas africanas..... 417
224. Colar de pérolas do oriente..... 417
225. Anéis para criança e moças..... 417
226. 1. Pulseiras infantil e juvenil..... 418
226. 2. Berloques para crianças..... 418
227. Pulseira com berloque..... 418
228. Medalha e corrente do menino..... 418
229. Pulseiras de jovem..... 418

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela I. Crescimento populacional de 1900 a 1919.....42
Tabela II. Correspondência dos algarismos arábicos com os romanos.....187
Tabela III. Casa Alberto Naxara.....207
Tabela IV. Casa João Suplicy.....210
Tabela V. A Pendula Paulista.....212
Tabela VI. Casa Birle.....215
Tabela VII. Casa Cahen Irmãos.....220
Tabela VIII. Casa Hanau.....223
Tabela IX. Casa Henrique Deutsch & Irmão.....229
Tabela X. Casa Bento Loeb.....231
Tabela XI. Preço de joias para temporada lírica.....233
Tabela XII. A Pendula Internacional.....236
Tabela XIII. Casa Castro.....238
Tabela XIV. Frederico Glanz.....245
Tabela XV. Ao Relógio Monstro – Hypólito Suplicy.....246
Tabela XVI. Jacob Levy & Irmão.....250
Tabela XVII. Jacques Netter.....253
Tabela XVIII. Luiz Bamberg.....260
Tabela XIX. Luiz Suplicy.....264
Tabela XX. *La Pendule Suisse* – Maurice Grumbach.....265
Tabela XXI. Pedro Chiquet.....271
Tabela XXII. Viúva Suplicy.....274
Tabela XXIII. A Pendula de Confiança.....276
Tabela XXIV. Casa Masetti.....278
Tabela XXV. A Esmeralda.....285
Tabela XXVI. Joalheria Adamo.....288
Tabela XXVII. Joalheria La Royale.....295
Tabela XXVIII. Mappin & Webb.....299
Tabela XXIX. A trajetória da Casa Michel.....321

Tabela XXX. Secções de joias e relógios, Catálogo Geral – 1913.....376
Tabela XXXI. Secção artigos especiais para presente, Catálogo Geral – 1913.....382
Tabela XXXII. Relação das gemas com as respectivas profissões.....413
Tabela XXXIII. Proporção de ouro puro e ligas.....420
Tabela XXXIV. Como as ligas afetam a cor do ouro.....420